

Res.  
416 ✓

Microfilmado

III

23/7/93

Rui Lourenço



















207-543

# DECADA QVINTA DA ASIA.

1141  
476

DOS FEITOS QVE OS PORTVGVESES FIZERAÕ NO descobrimento dos mares, & conquista das terras do Oriente: em quanto gouernaraõ a India Nuno da Cunha, dom Garcia de Noronha, dom Esteuaõ da Gama, & Martim Afonso de Soufa.

COMPOSTA POR MANDADO DOS muito Catholicos & inuenciueis Monarchas d'Esanha, & Reys de Portugal, dom Felipe de gloriosa memoria, o primeiro deste nome: & de seu filho dom Felipe nosso senhor, o segundo do mesmo nome.

POR DIOGO DO COVTO CHRONISTA E guarda mór da torre do Tombo do estado da India.



Com licença do supremo conselho da santa & geral Inquisição,  
& do Ordinario, & Paço..

Em Lisboa, impresso por Pedro Crasbeeck. Anno 1612.

Com prinilegio real.

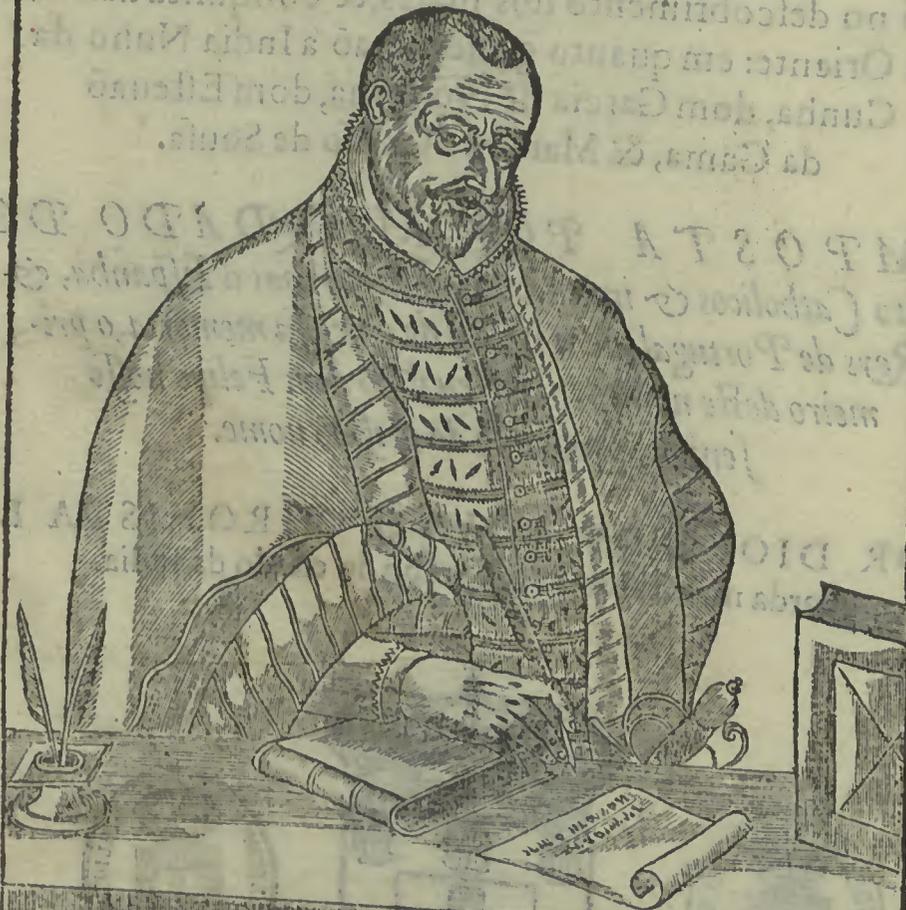
Estã taxadoa coatrocentos reis em papel.

mcb 655694

F. 6779

RES.  
416V

Effigies Jacobi do Couto Regy apud Indos historiographi.



Exprimit effigies, quod solum in Casareuisum est  
Historiam calamo tractat. et arma manu

*Al demobra*

In Lisbon, impresso per Pedro ... Anno 1613.

Com ...

*Approuação do Reuedor.*

**P**OR mandado dos senhores do supremo Conselho geral da santa Inquisição vi a quinta Decada da historia da India, composta por Diogo do Couto, chronista & guarda mór daquelle estado, & não tem cousa que impida poderse imprimir, antes muy grandes & valerosos feitos dos Portugueses que deuem ser imitados: & o autor os trata com muita ordem, erudição, & prudencia: pelloque he obra dina de todos a lerem: porque se não perca com o esquecimento a memoria do primor, honra, & esforço com que os Portugueses antigos defendião nossa santa Fê, & seruião a seu Rey nas partes da India Oriental. Em Lisboa & na casa de saó Roque da Companhia de Iesu a 26. de Abril de 1602.

*Francisco de Gounea.*

*Licença do supremo conselho da santa & geral Inquisição.*

**V**ista a informação pode se imprimir esta quinta Decada: & depois de impressa torne a este conselho pera se conferir com o original, & se dar licença pera correr, & sem ella não correr. Em Lisboa 30. de Abril de 602.

*Marcos Teixeira.*

*Ruy Pirez da Veiga.*

*Memoir Licença do Ordinario.*

**V**ista a informação offerecida, pode se imprimir esta quinta Decada. Em Lisboa 6. de Mayo 1602.

*Simaõ Borges.*

**Q**ue se possa imprimir estes liuros das Decadas quinta & sexta da historia da India, & se possaõ vender em papel cada hũa a Cruzado, vistas as licenças do santo Officio & do Ordinario, & as cartas de sua Magestade. A 14. de Agosto de 612.

*F. de Magalhães. Machado. F.V. Pinto. S. Barbosa. Ruy Pirez da Veiga.*

# CARTA DEL REY NOSSO

SENHOR DOM FELIPE O PRIMEIRO DE-

ste nome, pera Diogo do Couto Chronista & guarda mór  
da torre do Tombo do estado da India.



**D**IOGO do Couto, eu Elrey vos inuio muito saudar. Vi vossa carta de Goa de quinze de Nouembro. de nouenta & tres, & tiue contentamento de me dizerdes que vos dispunheis a escrever os feitos que nessas partes se fizeram desde dia que tomei posse destes meus Reinos em diante: & que tinheis acabada a historia desde entã ate o tempo do Governador Manoel de Sousa. E vos encomendo me inuieis este volume pera o mandar ver & imprimir: & que vos animeis pera continuardes esta obra dos feitos dessas partes, desde dia que os acabou d escrever Ioão de Barros: pera que assi possaõ vir a luz os seruiços que os meus vassallos Portugueses tem feitos aos Reys meus predecessores, & a mim. E pera o melhor poderdes fazer, mandei passar a prouisão que me pedis: em que mando que vos sejam dadas as prouisoões, cartas, & mais papeis que vos forem necessarios: & de vos encarregar de guarda mór da casa do Tombo, que mando ordenar em Goa, pera nella se recolherem todos os contratos, prouisoens, registos da Chancelaria, & todos os mais papeis de importancia, que estiuereis em poder do secretario dessas partes, & d'outras pessoas, como sabeis do Visorrey Mathias d'Albuquerque. E vos encomendo muito que nisto me siruais como de vos confio. Escrita em Lisboa a vinte & oito de Feuereiro de 595.

REY.

CAR-

# CARTA DEL REY NOSSO

SENHOR DOM FELIPE O SEGVNDO DE-

ste nome, pera o mesmo Diogo do Couto, Chronista &  
guarda mór da torre do Tombo do  
estado da India.



**D**IOGO do Couto, eu Elrey vos inuio muito saudar. Vi vossa carta, & apontamento, que com ella me inuiastes, & as cousas de que me dais conta tocantes à casa do Tombo, que ei por meu seruiço que aja nesse estado, que todas me parecerão bem. E conforme ao que se contem em vossos apontamentos, mandei passar prouisoens, que irão nestas vias que mando ao Visorrey Aires de Saldanha, que faça cumprir inteiramente. E vos encomendo muito que de vossa parte procureis a execução dellas, & me auiseis de todas as mais cousas que vos parecer que deuo ter informação, pera nellas mandar prouer como ouuer por bem.

Vi as Decadas da historia da India que me mandastes, em que me ei por muito bem seruido de vos, & do bom modo em que nisto procedeis, que vos encomendo vades continuando, & inuiandome tudo que fordes fazendo, pera o mandar imprimir: porque de vossos seruiços terei lembrança pera vos fazer a merce que ouuer por bem. Escrita em Lisboa a dez de Feuereiro de 602.

REY.

PRE-

*Priuilegio d'Elrey nosso senhor.*



V Elrey faço saber aos que este Aluara virem, que auen do respeito ao que na petição atrás escrita diz Diogo do Couto morador em Goa, chronista & guarda mór da torre do Tombo do estado da India, & visto as causas que alega: ei por bem & me praz, que por tempo de vinte annos imprimidor, nem outro liureiro algum, & pessoa de qualquer calidade que seja, não possa imprimir, nem vender em todos estes Reinos & senhorios, nem trazer de fora delles o liuro em que se contaõ os feitos que meus vassallos Portuguezes fizeraõ nas partes do Oriente, de que na dita petição faz menção: Saluo aquelles liureiros, & pessoas que pera isto tiuerem seu poder & licença. E qualquer imprimidor, liureiro, ou pessoa que (durando o dito tempo de vinte annos, que começaraõ de correr do tempo em diante em que se começar cada liuro da dita historia a imprimir, sendo primeiro visto pellos Inquisidores, & Ordinario) vender, ou imprimir os ditos liuros nos ditos meus Reinos & senhorios, ou trouxer de fora delles, perderã pera elle dito Diogo do Couto todos os volumes que assi imprimir, vender, ou trouxer de fora. E alem disto encorrera em pena de cem cruzados: a metade pera o dito Diogo do Couto, & a outra a metade pera quem o accusar. E mando as justiças, officiaes, & pessoas a que o conhecimento disto pertencer, cumprãõ, & guardem este aluarã como se nelle contem. O coal, serã tresladado no principio de cada liuro. E este quero que valha tenha força, & vigor: posto que o effeito delle aja de durar mais de um anno. Sem embargo da ordenação do segundo liuro, titulo vinte que, dispoem o contrario. Francisco Ferreira o fez em Lisboa a 22. de Março de 1602. Pero da Costa o fez escrever.

R. E. Y.

# TABOADA DA QVINTA

## DECADA DA HISTORIA DA INDIA.

LIVRO PRIMEIRO DA  
Taboada da quinta Decada.

**C**apitulo primeiro. Dos grãdes odios & guerras q̄ ouue entre os Reys de Calcut & Cochim. E de como faleceo o Camorim: & das reuoltas q̄ ouue em Cochim sobre o que succedeo se querer ir coroar a Repelim. E de como Martim Afonso de Sousa acodio a isso. fol. 1.

Capitulo. 2. Que trata da viagem que Diogo Botelho Pereira fez pera Portugal em hũa fusta. E da fala que mñstre Theo filo Napolitano eremita, da ordem de santo Agostinho, fez ao Papa Paulo terceiro, & ao sagrado Collegio dos Cardeaes em louuor dos feitos que se fizeram na India em tempo d'Elrey dõ Ioão o terceiro, pelas nouas que lhe mandou da fortaleza que o Governador Nuno da Cunha fez em Diu. fol. 2.

Capitulo. 3. Da alteração que Manoel de Sousa Capitão de Diu sintio na gente da terra. E de como o Governador Nuno

da Cunha acodio a isso: & despedio Martim Afonso de Sousa pera a costa do Malauar. fol. 8.

Capitulo. 4. Que trata da viagem q̄ Martim Afonso de Sousa Capitão môr do mar fez quando o Governador Nuno da Cunha o mandou à costa do Malauar. E de como destruiu & desbaratou os principes Malaures na ilha de Repelim indo em sua ajuda lorge Cabral Capitão môr das naos do Reyno, com os Capitaes das naos de sua conserua, que estauão em Cochim pera tomar a carga da Pimenta. fol. 9.

Capitulo. 5. Da antiguidade da pouoação da Ilha de Ceilão: do principio & origem dos seus Reys, & de todos os que teue até Bonoega Bao Pandar, q̄ neste anno de trinta & sete reinou. fol. 11.

Capitulo. 6. De como o Madune Rey de Ceitauaca tratou de tomar o reyno ao irmão mais velho com o fauor do Camorim, que pera isso lhe mandou hũa grossa armada. E de como Mar-

- Martim Afonso de Sousa te-  
ue auiso della, & a foi buscar,  
& a destruiu de todo, & pas-  
sou a Ceilaõ. fol. 15.
- Capitolo. 7. Das varias opini-  
ões que ouue entre os Geogra-  
phos sobre qual seja a Tapo-  
brana de Phtolomeo: & das  
rezoës que damos pera ser esta  
ilha de Ceilaõ, & dos nomes  
que sua Canella tem antre to-  
das as nações. fol. 16.
- Capitolo. 8. Do que passõu  
Diogo de Mesquita na corte  
de Cambaya: & de como Sol-  
taõ Badur foi a Diu, &  
tratou de tomar aquella for-  
teza por engano. E do es-  
pantoso caso que aqui acon-  
teceo a Manoel de Sousa  
capitão da fortaleza. fol. 20.
- Capitolo. 9. De como o Gover-  
nador Nuno da Cunha par-  
tio pera Diu, & no caminho  
encontrou Diogo de Mesqui-  
ta. E de como Elrey Soltaõ  
Badur foi visitar o Governador  
ao Galeaõ, & de outras  
cousas. fol. 22.
- Capitolo. 10. Da desastrada mor-  
te de Manoel de Sousa capi-  
tão de Diu. E de como os nos-  
sos mataraõ Elrey. E da varie-
- dade que ouue sobre o modo de  
sua morte: E da vida de Ioão  
de Santiago, & da cruel mor-  
te que aquirecebeo. fol. 24.
- Capitolo. 11. De como foi trazi-  
do Cogecofar ao Governador  
Nuno da Cunha: & da liber-  
dade que lhe deu. E de como se  
leuantou por Rey em Cambà-  
ya um Cunhado do Rey dos  
Magores: & da embaixada  
q̃ mandou ao Governador. fo. 27
- Capitolo. 12. Que contem os con-  
tratos que o Governador Nu-  
no da Cunha fez com Mir  
Mahamed Haman: & de co-  
mo o Secretario os foi ver ju-  
rar por elle. E de como por mor-  
te de Manuel de Sousa deixou  
a Antonio da Sylueira por ca-  
pitão da fortaleza de Diu. E  
de um homem que trouxeraõ  
ao Governador de trezentos,  
trinta, & cinco annos: & de  
outras cousas. fol. 29.
- Capitolo. 13. Que dá cõta de quẽ  
era o Mir Mahamed Haman,  
q̃ se apelidaua Rey de Cãbaya.  
E de quem sãõ os Vsbeques. E  
de como se fizerãõ senhores do  
estado de Camarcant: & dos  
nomes que esta Prouincia te-  
ue. fol. 33.

LIVRO SEGUNDO

da quinta Decada.

Capitulo primeiro. De como os grandes de Cambaya aleuãtaraõ por Rey Soltaõ Mahmud: & do exercito que mandou cõtra Mir Mahamed Haman, que se apelidaua Rey de Cambaya, & do recontro que tiueraõ com os Magores, em q̃ ficaraõ desbaratados. fol. 33

Capitulo 2. Das cousas que este anno aconteceraõ em Maluco & da chegada de Antonio Galuaõ àquella fortaleza: & de como foy buscar os Reys da liga a ilha de Tidore, onde lhes deu batalha em que os disbaratou. fol. 35

Capitulo 3. Da armada que este anno de trinta & sete partio do reino, de q̃ era capitaõ mõr Iorge de Lima. E de como Martim Afõso de Sousa foi ao Maluar, & o Governador Nuno da Cunha partio para Diu. fol. 38

Capitulo 4. Das guerras que em Ceilaõ ouue entre aquelles dous Reys irmaõs: & do socorro que o çamorim mandou ao Madune. E de como Martim Afonso de Sousa desbaratou a

armada do çamorim em Beadala. fol. 40

Capitulo 5. Das cousas que mais aconteceraõ a Martim Afonso de Sousa em todo o resto do veraõ. E de como passou a Ceilaõ: & das pazes que aquelles Reys fizeraõ. fol. 43

Capitulo 6. De como o Governador Nuno da Cunha por culpas que teue de dom Pedro de Castello branco capitaõ de Ormuz, o mandou desapossar da fortaleza: & de como dom Fernãdo de Lima foi com hũa armada ao estreito, & das mais cousas que o Governador passou em Diu ate se recolher. fol. 44

Capitulo 7. Do que aconteceu a çafarcan, que Soltaõ Badur tinha mandado nos galeoens a Meca: & de como foi leuado ao Turco com todos os thesouros que leuaua. E da armada que elle mãdou negociar pera mandar a India contra os Portugueses. E do auiso que Elrey teue della. & do socorro que mandou fol. 45

Capitulo 8. De como o doutor, Pero Fernandez chegou a Ormuz desapossou & dom Pedro

de Castello branco da fortaleza. E do que aconteceu a dom Fernando de Lima na jornada do estreito, ate ir a Ormuz: E do que aconteceu às Naos do reino na viagem fol. 47

Capitolo 9. Das cousas que acontecerão em Diu, depois do Governador Nuno da Cunha se partir pera Goa. E de como Cogeoçar se foi secretamente da cidade, e se passou a Cambaya, e persuadio àquelle Rey a fazer guerra aos Portugueses. fol. 49

Capitolo 10. Das cousas que acontecerão em Ceilaõ. E de como o Madune por morte do irmão Reigaõ Pandar se apoderou do seu reino. E de como Elrey da Cota casou sua filha com um principe da casta do Sol, e que casta he esta, e porque se chama assi. fol. 51

### LIVRO TERCEIRO da quinta Decada.

Capitolo primeiro. De um maravilhoso prodigio que aconteceu em Diu, das grandes vitorias que os Portugueses ou

uerão dos Turcos. E de como os capitaens d'Elrey de Cambaya chegarão àquella ilha com seus exerciios. E do desastre por que se ateou o fogo na fortaleza. fol. 52

Capitolo 2. De como Cogeoçar cometeo o baluarte da villa dos Rumes, e da grãde resistencia que achou nos Portugueses, e de como se recolheo ferido, e desbaratado. E das cousas em que Antonio da Sylueira proueo. fol. 54

Capitolo 3. Dos combates que os Mouros deraõ aos passos da ilha: e de como Antenlo da Sylueira lhe pareceo bem largos: e de como os inimigos entraraõ a ilha, e tomaraõ os nauios dos passos. fol. 56

Capitolo 4. De como os Mouros entraraõ a ilha, e Antonio da Sylueira largou a cidade: e de como os capitaens prantaraõ suas estancias sobre a nosa fortaleza: e de alguns recontros que os Portugueses tiueraõ com elles, de que sempre leuaraõ a milhor. fol. 58

Capitolo 5. Da armada que o graõ Turco mandou pera lançar fora da India os Portugueses  
se

ses: & da derrota que leuou por todo o estreito, & dos portos, ilhas, & sorgidouros que tomou ate chegar a Adem. E de como o Baxã ouue aquelle Rey as mãos, & o mandou enforçar. fol. 60

Capitolo 6. Do que o Baxã fez em Adem, & do que lhe aconteceu ate chegar a Diu: & de como um Galeão seu foi ter desgarrado à costa do Malabar, & foi tomado por Antonio de Soto mayor: & de como por elle soube o Governador Nuno da Cunha as nouas da armada do Turco: & dos socorros que de Goa partirão pera Diu. fol. 63

Capitolo 7. De como os Iançeros desembarcarão em terra, & saquearão a cidade: & da visã que deraõ a nossa fortaleza. E de um espantoso cometa que se vio no ceo: & de como a armada estene perdida naquelle pouso, & se passou a Madrefaual. fol. 65

Capitolo 8. De como Elrey dom loã tratou de mandar à India o Iffante dom Luis seu irmão, pellas nouas que teue de Constantinopla da armada q̄

o Turco mandaua. E das reuoltas que ouue no reino, sobre Elrey querer obrigar os morgados ao acompanharem. E de como o Iffante desistio da jornada, & foy eleito dom Garcia de Noronha por Visorrey: & da armada que leuou no anno de 1538. E de como Elrey ouue bullas do Papa pera fazer bispado a igreja de Santa Caterina de Goa: & do primeiro bispo que se sagrou fol. 66

Capitolo 9. Do que aconteceu na jornada a esta armada ate chegar a Moçambique: & se perdeu o Galeão de Bernaldim da Sylueira o drago. E de como dali despedio o Visorrey Henrique de Sousa Chichorro com cartas a Elrey. E de como o Visorrey chegou a Goa: & das cousas em que logo proueo. fol. 69

Capitolo 10. De como os Turcos assentaraõ suas estancias sobre o castello da villa dos Rumes: & da grande & espantosa machina que ordenaraõ pera o cometerem pella banda do mar: & de como Antonio da Sylueira lha mandou

dou queimar. E dos nossos nauios que chegeraõ àquella fortaleza. fol. 71

LIVRO COARTO DA  
quinta Decada.

**C**apitulo primero. De como os Turcos começaraõ a bater o baluarte de Gogala: & de como Lopo de Sousa Coutinho foi saber o estado em que estaua. E da vista que a armada imigadeu à nossa fortaleza: & do desastre que aconteceu nos baluartes. E da constancia, & grande fortaleza d'animo que teue hũa pobre molher na morte de dous filhos que ali lhe mataraõ. fol. 73

**C**apitulo 2. Do grande assalto que os Turcos deraõ ao baluarte de Francisco Pacheco: & do valor com que dous homens sos o defenderaõ. E de como um soldado chamado Antonio Falleiro foi à fortaleza com hũa carta de Francisco Pacheco: & das roins sospeitas que deste homem se conceberaõ. fol. 76

**C**apitulo 3. De como os do baluarte da villa dos Rumes se entregaraõ a partido aos Turcos. E de como Joaõ Pirez com cinco companheiros foraõ mortos em defenjaõ da bandeira de Christo, & lançados no mar: & de como seus corpos milagrosamente joraõ aportar à fortaleza. fol. 78

**C**apitulo 4. Que contem o teor de hũa carta que o Baxa escreueo a Antonio da Sylueira em nome de Francisco Pacheco: & do que passou na falla que teue com Antonio Falleiro, & da resposta que lhe deu. E de como os Turcos assentaraõ suas estancias, & começaraõ a bater a fortaleza. fol. 80

**C**apitulo 5. Do primeiro assalto que os Turcos deraõ ao baluarte de Gaspar de Sousa: & do que nelle passou. fol. 83

**C**apitulo 6. Do grande medo que deu no Baxa tanto que joube que o Visorrey ficaua pera o ir buscar. E da contagiosa infirmitade que deu em todos os da fortaleza: & do valor com que as molheres a

codiraõ aos trabalhos da fortificação. fol. 85

Capitolo 7. De como os Turcos millhoraraõ suas estancias ate as porem à borda da caua. fol. 86.

Capitolo 8. Do grande, & geral assalto que os Turcos deraõ à fortaleza: & dos espantosos casos que nella acontecerã. fol. 88

Capitolo 9. De algũas cousas notaucis que acontecerã aos que vigiauaõ a caua. E de alguns assaltos que os Mouros deraõ à fortaleza: & de como minaraõ o baluarte de Gaspar de Sousa. fol. 89

Capitolo 10. De como Gaspar de Sousa cometeo os inimigos: & os nossos reconhecerã a mina. E do desastre porque Gaspar de Sousa foi morto: & de como um soldado morreo de puro medo. E dos assaltos que os Turcos deraõ à fortaleza. E de outras cousas. fol. 91

Capitolo 11. De um nouo, admirauel, & nunca visto artil de fogo que os nossos inuentaraõ pera se defenderem. E dos assaltos que ouue. E do socorro que chegou de Goa.

fol. 93

Capitolo 12. De como dom Duarte de Lima chegou com as nouas de Diu ao Visorrey dom Garcia de Noronha. E das armadas que despedio em seu socorro. E do grande assalto que os Turcos deraõ ao baluarte do mar. fol. 96

Capitolo 13. Do grande & perigoso assalto que os Turcos deraõ ao baluarte do fogo. E de um honroso & espantoso feito que fez Fernão Penteado. E de outro muito notauel, & gracioso que fez hũa d'aquellas molheres. E da morte que os moços da fortaleza deraõ a um escravo por hũa palaura que disse em fauor dos Mouros. fol. 98

## LIVRO QUINTO DA quinta Decada.

Capitolo primeiro. Do artil de que os Turcos uzaraõ pera verem se podiaõ tomar os da fortaleza descuidados. E do grande & geral assalto que lhe deraõ. E dos raros & espantosos casos que nelle acontecerã. fol. 100

Capitolo 2. De como as outras  
duas batalhas cometerão o ba-  
luarte. E dos casos que aconte-  
cerão a alguns dos nossos. E  
de como os inimigos se retirarão  
desbaratados. fol. 103

Capitolo 3. De como o Baxa  
mandou recolher os seus, & se  
embarcarão. E dos apercebi-  
mentos que Antonio de Syluei-  
ra fez pera se defender, cuidan-  
do ser ardil como da outra vez.  
E de como Francisco de Si-  
queira o Malauar tornou com  
recado de Antonio da Sylua. E  
da desastrada morte de Anto-  
nio da Veiga. fol. 105

Capitolo 4. De como Antonio  
da Sylua chegou à vista da ar-  
mada do Turco: & de como  
o Baxã cuidando ser a arma-  
da do Visorrey lhe foy fogin-  
do. E de como a nossa arma-  
da entrou em Diu. E do que  
acõteceo ao Baxa na jornada.  
fol. 107

Capitolo 5. Do que fez o Visor-  
rey tanto que lhe derão novas  
da fogida dos Turcos. E de co-  
mo Martin Afonso de Sousa  
se embarcou pera o reino. E do  
que socedeo na jornada a Nu-  
no da Cunha, & faleceo no ca-

minho. E de como Elrey o man-  
daua levar das ilhas preso em  
ferros. fol. 110

Capitolo 6. Das cousas que neste  
tempo soccederão em Ceilaõ. E  
de como o Madune tornou a  
fazer guerra a seu irmão Rey  
da Cota. E da armada que o  
Visorrey dom Garcia de No-  
ronha lhe mãdou de soccorro:  
& elle partio pera Diu. f. 111

Capitolo 7. Das cousas em que  
o Visorrey dom Garcia de No-  
ronha proueo em Diu. E de co-  
mo se trataraõ pazes antre elle  
& Elrey de Cambaya, & dos  
capitulos com que se concluirão  
fol. 113

Capitolo 8. Do que aconteceu a  
& Miguel Ferreira na jorna-  
da de Ceilaõ. E de como tomou  
toda a armada do çamorim. E  
dos tratos que teve com o Ma-  
dune ate matar Pachi Mar-  
ca. E do que aconteceu a Ma-  
noel de Vasconcellos na viagẽ  
do estreito. fol. 115

Capitolo 9. Do que aconteceu  
a Fernão de Moraes em Pe-  
gu. E de como o Bramã entrou  
cõquistando aquelle reino. E de  
como Fernão de Moraes, por  
fauorecer aquelle Rey, foi mar-

to em hũa batalha. E do principio & origem destes Reys de Pegu: & descripção daquellas prouincias. fol. 117

LIVRO SEXTO DA  
quinta Decada.

**C**apitulo primeiro. Dos reinos que o Bramã possuiue: & dos ritos, & costumes de todos estes gentios. fol. 119

Capitulo 2. Do Pico que chamaõ de Adaõ na ilha de Ceilaõ: & das varias opinioens que sobre elle ouue: & do que os naturaes tem. fol. 121

Capitulo 3. Das opinioens, ritos, & cerimoniaes de todos os Gentios que jazem antre o Indo & Gange. E do que contẽ o original de suas escrituras, q̃ os seus Theologos insinaõ em suas escolas. fol. 124

Capitulo 4. Das outras tres partes de seus originaes: & de todos os mais ritos, & costumes destes Gentios, & dos seus tres regentes. E do engano que alguns tiueraõ, em auerem que tiueraõ conbecimẽto da Sanctissima Trindade. E das differenças das castas dos Gentios todos. fol. 127

Capitulo 5. De um nauio de Castelhanos que foi ter as ilhas de Maluco que se perdeu. E das cousas que acontecerão a Antonio Galuaõ capitaõ de Ternate. fol. 131

Capitulo 6. Da armada que este anno de trinta & noue partiõ do reino, de q̃ era capitaõ mor Diogo Lopez de Sousa. E de como o çamorim mandou pedir pazes ao Visorrey dom Garcia de Noronha: & dos capitulos com que lhas concedeo. fo. 132

Capitulo 7. De como o Visorrey dõ Garcia de Noronha adoeceo, & mandou seu filho dom Aluãro a jurar as pazes com o çamorim. E de como Antonio de Sylueira se embarcou pera o reino: & de como la foi recebido. fol. 134

Capitulo 8. De como o Visorrey dom Garcia de Noronha faleceo: & das partes, & calidades de sua pessoa. fol. 136

LIVRO SETIMO DA  
quinta Decada.

**C**apitulo primeiro. De como por morte do Visorrey dom Garcia de Noronha socedeo na governança da India dom

Esteuaõ da Gama. E das cou-  
sas em que logo começou a en-  
tender. fol. 137

Capitolo 2. Do que este anno  
de 1540. aconteceu em Malu-  
co. E de como se descobriraõ as  
ilhas dos Celleses, Macaçã,  
Bogis, e outras: e dos Reys  
e senhores dellas que se fize-  
raõ Christaõs. E de como Fran-  
cisco de Crasto descobrio as i-  
ilhas de Mindanao. fo. 139

Capitolo 3. De como o senhor  
de Damaõ foi correr as terras  
de Baçaim: e de como Ruy  
Lourenço de Tauora o foi bus-  
car, e do recontro que com el-  
le teue em que o disbaratou,  
e lhe tomou o Galeaõ Zam-  
buco. fol. 141

Capitolo 4. Da armada que es-  
te anno de corenta partio do  
reino pera a India, de que era  
capitaõ mor Francisco de Sou-  
za Tavares. E das pazes que  
o Governador dom Esteuaõ da  
Gama fez com Elrey de Cam-  
baya. E dos apercebimêtos que  
fez pera ir buscar as Gales. E  
de um honrado desafio que ti-  
ueraõ Rui Lourenço de Tauo-  
ra, e dom Francisco de Me-  
neses. E dos embaixadõres que

Elrey da Cota mandou ao rei-  
no. fol. 143

Capitolo 5. Da grande armada  
com que o Governador dom  
Esteuaõ da Gama partio pe-  
ra o estreito do mar roxo: e do  
que lhe aconteceu ate chegar a  
Maçua. fol. 146

Capitolo 6. De como o Gover-  
nador dom Esteuaõ da Gama  
destruio a ilha de çuaquem: e  
de como partio pera Sues, e  
dos grandes contrastes q̄ achou  
fol. 148

Capitolo 7. Das differenças que  
o Governador teue com algũs  
fidalgos: e de muitos agrava-  
dos que ouue por não serem e-  
lentos pera aquella jornada. E  
do que a armada passou ate a  
cidade de Alcocer. fol. 149

Capitolo 8. De como o Gover-  
nador dom Esteuaõ da Gama  
destruio a cidade de Alcocer,  
e desembarcou em Tõr. E de  
como deixou de destruir aquel-  
la cidade a rogo dos frades de  
santa Caterina de Monte Sy-  
nay: e dos caualeiros que ali  
armou. E da regra que estes fra-  
des seguem. fol. 151

Capitolo 9. De como o Gover-  
nador dom Esteuaõ da Gama  
che-

chegou a Suès. E da descripção de todo aquelle estreito: & do sitio deste lugar. E de como que rendo desembarcar lhe sayo muita gente que estaua de guar nição. E o Governador se recolheo sem fazer cousa algũa fol. 153

Capitolo 10. De todos os Empe radores Christaõs da Ethiopia, que reinaraõ depois que se des- cobrio a India: E das guerras que lhe fez Elrey de Adel, to- mandolhe a mor parte de seu reino. E de como a Raynha, mãy d'Elrey, sabendo estar o Governador em Maçuã, o mã dou visitar, & pedirlhe soccor ro. fol. 155

Capitolo 11. De como se assen- tou que se desse soccorro à Ray nha. E de como o Governador dom Esteuaõ da Gama elegeo pera aquella jornada seu ir- maõ dõ Chrystouaõ da Gama: & do que lhe aconteceu ate se ver com a Raynha. fol. 157

## LIVRO OITAVO DA quinta Decada.

**C**apitolo primeiro. De como Martim Afonso de Sousa foi eleito no anno de 1541. pe

ra Governador da India. E de como Elrey mãdou pedir a Ro ma padres da Companhia: & quaes foraõ os primeiros que entraraõ em Portugal, & pas- saraõ à India. E do que aconte- ceo na jornada a Martim A- fonso de Sousa ate Moçambi- que aonde inuernou. fol. 160

Capitolo 2. De como o Governador dom Esteuaõ da Gama par tio pera a India, & do que lhe aconteceu na jornada ate che- gar a Goa. E de como partio pera Cochim: & das naos que negociou pera mandar ao rei- no, por faltarem todas as de via gem. fol. 161

Capit. 3. De como o Nizamoxã tomou as fortalezas de Sãgaçã & Carnalã, que eraõ do estado de Cambaya: & de como dom Francisco de Meneses, capitãõ de Baçaim, foi soccorrer os se- nhores dellas, & astornou a ga nhar. E da doaçaõ q̃ dellas fize raõ a Elrey de Portugal fo. 163

Capitolo 4. De como Jorge de Lima capitãõ de Chaul auisou dom Francisco de Meneses da gente do Nizamoxã: & da grãde batalha q̃ deu aos inimigos em que os disbaratou. fol. 165

Capit-

Capitolo 5. Do que fez o Governador dom Esteuaõ da Gama depois que deu auimento às naos do reino, & de como partio pera o Norte: & do socorro que mandou a Sangaçã, & Carnalã. E dos tratos que Nizamoxã teue com elle, sobre lhe largar aquellas fortalezas. E das pareas a que se obri gou por ellas. fol. 167

Capitolo 6. De como o Governador dom Esteuaõ da Gama escreueo a dom Francisco de Meneses, largasse aqllas duas fortalezas ao Nizamoxã: & dos incõuenientes que teue: & de como em fim lhas largou. E de outras cousas em que o Governador proueo. E de todos os Reys Mouros que ouue naquelle reino de Madanager, ou de Chaul. fol. 168

Capitolo 7. Das cousas que aconteceo a dom Christouaõ da Gama na Abassia. E de alguns recontros que teue com os Mouros, em que os desbaratou. fol. 170

Capitolo 8. Do que mais aconteceo a dom Christouaõ da Gama. E de como o Rey de Zeilã o foi cometer em os vallos:

& da aspera batalha que tiveraõ, em que Elrey foi ferido & desbaratado, & escapou fogindo. fol. 173

Capitolo 9. Do que aconteceo ao Governador Martim Afonso de Sousa em Moçambique ate partir pera a India. E de como a sua nao se foi perder em Baçaim, & elle chegou a Goa: & de como dom Esteuaõ da Gama lhe entregou a India. fol. 175

Capitolo 10. Da armada que este anno de corenta & dous partio da noua Espanha pera as ilhas de Maluco, de que era capitaõ Ruy Lopez de Villalobos: & do que lhe aconteceo na jornada ate a ilha de Saragaõ. E do auiso que dom Iorge de Crasto, capitaõ de Maluco teue desta armada. E de um protesto que mandou fazer ao capitaõ Ruy Lopez de Villalobos. fol. 177

Capitolo 11. Do que acõteceo a Hamã Paxã Rey dos Magores, na corte de Xã Ismael: & da ajuda q̃ lhe deu pera tornar a cõquistar seus reinos: & de como foi contra o reino dos Patanes: & de sua descripçaõ. E de como

como o Hamau foi desbarata-  
do: & lhe naceo seu filho her-  
deiro. fol. 180

Capitolo 12. De como se desco-  
briraõ as ilhas de Lapaõ: & de  
hũa breue relaçaõ do principio  
& origem de seus pouoadores.  
& de alguns ritos, & costumes  
daquellas gentes, & das pro-  
uincias que tem. fol. 183

Capitolo 13. De como Elrey de  
Zeilã foi soccorrido dos Tur-  
cos. E da Serra do Iudeo, que  
dom Christouaõ da Gama to-  
mou. E de como os inimigos o fo-  
raõ buscar: & do conselho que  
tomou. fol. 186

Capitolo 14. De como os Mou-  
ros cometeraõ dom Christouaõ  
da Gama, & da grande bata-  
lha que tiueraõ. E de como os  
nosos foraõ desbaratados, &  
dom Christouaõ da Gama ca-  
tuo: & do cruel martyrio que  
recebeo. fol. 187

## LIVRO NONO DA quinta Decada.

Capitolo primeiro. De algũas  
cozas em q̃ o Governador  
Martim Afonso de Sousa pro-  
ueo. E da armada q̃ este anno  
de corenta & dous partio do

reino sem leuar capitaõ mor. E  
de como o Governador se em-  
barcou pera Cochim. fol. 191

Capitolo 2. Do sitio da cidade  
de Batecalã: & de como o Go-  
uernador Martim Afonso de  
Souza desembarcou nella, &  
a destruiu. E de como dom Es-  
teuaõ da Gama se embar-  
cou pera o reino: & das partes  
& calidades de sua pessoa. fo-  
lhas. 193

Capitolo 3. Do que fez o Gover-  
nador Martim Afonso de Sou-  
za depois que despedio as naos  
do reino. E de hũa breue rela-  
çaõ de todas as cousas d'Elrey  
de Maluco, q̃ estaua em Goa:  
& de como foi despachado pe-  
ra ir entrar no seu reino. E das  
cozas a q̃ o Governador man-  
dou Simaõ Botelho a Malaca.  
fol. 195

Capitolo 4. Das cousas que a-  
cõtecerã na Abassia. E como  
o Emperador com o fauor dos  
Portugueses deu batalha a El  
rey de Zeilã em que o desbara-  
tou de todo. fol. 197

Capitolo 5. Do que aconteceo  
ao secretario Antonio Cardoso  
em Ormuz. E de como aquelle  
Rey concedeo a Alfandega da  
quella

quella ilha. E de outras cou-  
sas. fol. 199

Capitolo 6. Do que mais aconte-  
teceo a Ruy Lopez de Villa-  
lobos, depois que partio do por-  
to de Camariaõ ate chegar ao  
Moro. E da armada que dom  
Iorge de Crasto mandou em  
busca da dos Castelhanos. E do  
que lhe aconteceo pella ilha do  
Moro. fol. 200

Capitolo 7. Da grande armada  
com que o Governador Mar-  
tim Afonso de Sousa partio pe-  
ra o pagode de Tremel: & da  
tormenta que lhe deu com que  
naõ pode passar. E de como  
desembarcou em Callecoulaõ,  
aonde esteue desbaratado pel-  
la gente da terra. fol. 203

Capitolo 8. De como o Acce-  
decan se leuanto contra o I-  
dalxa: & dos tratos que teue  
com dom Garcia de Crasto  
capitaõ de Goa sobre fazer  
Mealecan Rey de Visapor.  
fol. 205

Capitolo 9. Do que fez o Go-  
uernador Martim Afonso  
de Sousa tanto que teue reca-  
do de dom Garcia de Crasto.  
E da armada que este anno  
de corenta & coatro partio

do reino, de que era capitaõ  
mor Diogo da Sylueira. E  
de como o Governador partio  
pera Goa. fol. 206

Capitolo 10. Da rezaõ porque  
o Governador Martim Afon-  
so de Sousa deixou de passar  
Mealecan à outra banda. E  
da batalha que teue o Idalcan  
com os conjurados, em que os  
desbaratou. fol. 208

Capitolo 11. Dos tratos que ou-  
ue antre o Idalcan, & o Go-  
uernador Martim Afonso de  
Sousa sobre lhe entregar Mea-  
lecan. E de como Cogecemaça-  
dim foi a Goa ver-se com o Go-  
uernador, & lhe deu oitocen-  
tos mil cruzados pera Elrey de  
Portugal. E de outras muitas  
cousas. fol. 210

## LIVRO DECIMO DA quinta Decada.

Capitolo primeiro. Do prin-  
cipio do reino de Ormuz,  
& Reys que ate oje teue. E de  
como Elrey Xarxa faleceo: &  
o Governador Martim Afonso  
de Sousa aleuanto por Rey a  
Toruxa q̄ estaua em Goa. E de  
como foi pera seu reino eiregue  
a Luis

Luis Falcaõ, que ya entrar na  
quella fortaleza. E de como o  
Gouernador se foi ver cõ Co  
gecemaçadin a Cananor. fol. 211  
Capitolo 2. Dos recados que ou  
ue antre o Idalcan, & o Go  
uernador Martim Afon  
so de Sousa sobre Mealecan.  
E de como o Gouernador o  
mandou pera Cananor: & de  
outras cousas. fol. 214  
Capitolo 3. Das cousas que a  
conteceraõ em Ormuz ate che  
gar Elrey Iorixã. & da guer  
ra que o Rey de Xiraz fez à  
quelle reyno. E de alguns re  
contros que tueraõ com os Por  
tugueses. E que cousas são Mo  
carrarias. fol. 215  
Capitolo 4. Do que aconteceo  
aos Portugueses na Abassia.  
E das cousas que Diogo de  
Reinoso fez por aquelle estrei  
to. fol. 217  
Capitolo 5. Das cousas que mais  
socederaõ em Maluco. E de  
como Ruy Lopez de Villalo  
bos se foi a Tidore: & dos re  
cados que se passaraõ antre el  
le, & dom Forge. E de como  
chegou Iurdaõ de Freitas à  
quella fortaleza: & das cou  
sas que aconteceraõ com sua

chegada. E de como prendeo  
Elrey de Ternate, & o man  
dou pera Goa fol. 218  
Capitolo 6. Da armada q̃ este  
anno de corenta & coatro par  
tio do reino, de que era capitaõ  
môr Fernão Perez a Anara  
de. E de como o Gouernador  
Martim Afonso de Sousa tra  
tou de auer as mãos Cogeema  
çadin. E de como madou reu  
nar Mealecan pera Goa fo. 220  
Capitolo 7. De como o Gouer  
nador Martim Afonso de Sou  
sa ordenou um Galeaõ pera  
mandar ao reino por faltaren  
naos. E de como se embarcou  
pera Cananor sem dar conta a  
pessoa algũa, & foi ter a Ba  
çaim. E das differenças q̃ teue  
com dom Manoel de Lima ca  
pitaõ da fortaleza. fol. 222  
Capitolo 8. Do que fez o Gouer  
nador Martim Afonso de Sou  
sa em Baçaim: & de como vol  
tou pera Cananor, & se vio  
em segredo com o capitaõ. E de  
como Anrique de Sousa matou  
o Ade Raiãõ de Cananor, &  
seu irmão. fol. 224  
Capitolo 9. De como Manoel  
de Sousa de Sepulueda, capi  
taõ de Diu, desmãchou as pare  
des

des que Elrey de Cambaya mandaua fazer antre a fortaleza & a cidade. E da fala que Cogeoçar sobre isso fez a Elrey, em que o persuadio a fazer guerra contra os Portugueses fol. 225

Capitolo 10. De como Fernão de Sousa chegou a Malaca. E de como faleceo naquella fortaleza Elrey dō Manoel, Rey de Maluco. E de como deixou

Elrey de Portugal por erdeiro de seus remos. E da posse que Iurdaõ de Fretes tomou delles por Elrey dom Joaõ. fol. 225

Capitolo 11. Dos requerimentos que o Idalcan mandou fazer ao Governador Martim Afonso de Sousa sobre Mealecan: & do que sobre isso passaraõ. Edas partes & qualidades de ste governador. fol. 229

Fim da Taboada da quinta Decada.

*[Faint bleed-through text from the reverse side of the page, including fragments of chapter titles and page numbers.]*

*[Faint bleed-through text from the reverse side of the page, including fragments of chapter titles and page numbers.]*

## LIVRO PRIMEIRO

## DA QVINTA DECADE

## DA HISTORIA DA INDIA.

## CAPITVLO I.

*Dos grandes odios & guerras que ouue entre os Reys de Calecut & Cochim. E de como falece o Camorim: & das reuoltas que ouue em Cochim sobre o que socedeo se querer ir coroar a Repe'im. E de como Martin Afonso de Sousa acodio a isso.*



A primeira decada de Ioão de Barros se cõta largamente, como magoado o Camorim d'Elrey de Cochim se cõfederar com Pedraluarez Cabral, quando cõ elle fez aquelles contratos de pazes, obrigãdose a lhe dar carga de pimenta pera as naos do reino, dando-lhe logo em terra feitoria, onde deixou por feitor Gonçalo Gil Barbosa: & cõ elle Lourenço Moreno, & Bastiaõ Alvarez por escriuaes, com outros tres homens pera o seruiço da feitoria, & memento da pimenta: deixandolhes fazendas & dinheiro pera comprar toda aque ouuesse naquelle reino. O que sabido pello Camorim

depois da armada partida pera o reino, dãdolhe os çiumes d'aquelle negocio, mandou dizer a Elrey de Cochim que lhe mandasse entregar os Portugueses que ali ficaraõ com toda sua fazenda. Elrey de Cochim pella palaura & se q delles deu a Pedraluarez Cabral, zombou dislo. Do que tomado o Camorim, foy com grande poder sobre aquelle Rey, destroindoo, & tomandolhe o reyno, matando-lhe o principe Naramohim, que era herdeiro do reyno, com outros dous sobrinhos por traiçoẽs de seus Naires, que os desempararaõ, peitados do Camorim: ficando Elrey de Cochim perdido & desbaratado: recolhido cõ os Portugueses na ilha de Vaipim, que só lhe ficou, assi por ser mais defensauel, como por auer entre elles vm costume que ha entre os Christaõs: que he auerem por religiaõ serem os lugares sagrados valha couto dos que se acolhem a elles: & assi ficarem seguros dos males que lhe podẽ acontecer, colhendos fora delles. Assi aly ficou este Rey ate ser restituído a seu reino, pellos dous parentes, Francisco, & Affonso d'Albuquerque. Daqui ficaraõ estes dous Reys em

A tamanho

tamanho odio, que nunca mais o perderão, nem o perderão, trauidose antre elles taõ asperas & crueis guerras, como nas decadas de Ioaõ de Barros se conta: em q̄ socederaõ aquellas grandes façanhas, que fez Duarte Pacheco Pereira no paço de Cambalaõ.

Por estes odios se diuidio todo gentio do Malauar em dous Bandos, lançandose todos os Reys & senhores á parte a que mais obrigação tinhaõ: tomando apelidos pera serem conhecidos, & differencados vns dos outros, chamandose os da parte do çamorim paydaricuros: & os da d'Elrey de Cochim Logiricuros, como ja em Italia vimos aquelles dous taõ periudiciaes bandos dos Golphos, & Elgibelinos. Os herdeiros destes dous Reys Gentios ficaraõ herdando com os estados este odio entranhauel, continuando sempre em guerras, com bem de dano de ambos. Socedeo este anno em que andamos, falecer o Çamorim, & herdar aquelle reino vm dos sobrinhos filhos de hũa de suas irmans, que se achou presente á sua morte. Porque estes Reys (como ja muitas vezes dissemos) naõ os herdaõ os filhos, pellos auerem por suspeitosos pella generalidade das molheres: mas herdaõ os sobrinhos filhos de suas irmans: por que estes (sejaõ seus pays quaes forem) sempre ficaõ sendo do sangue real

pella parte das mays. E destes aidda naõ herda o mais velho, nem o filho das irmãs mais velhas, sennaõ aquelle que for taõ ditoso, que ao tempo do falecimento do Çamorim se achar com elle. Somente os Reys de Cananor ficaõ fora desta ley, pellas rezoens que em outra parte diremos. Este costume naõ só se guarda entre os Gentios do Malauar, mas ainda antre os Mouros: aquẽ tambem naõ herdaõ sennaõ os sobrinhos.

E tornando ao fio da historia. Este sobrinho do Çamorim que socedeo no reino, este inuerno em que andamos, era obrigado irse coroar sobre aquella pedra que estaua em Repelim, de que Ioaõ de Barros trata que os Chins deixaraõ em Cochim: que segundo algũas escrituras muito antigas dos Malauares, foraõ ja senhores de toda aquella fralda do Malauar, por onde fundaraõ cidades, & pouoçoens, de que ainda oje ha algũa memoria, como em Callectur vm lugar chamado Chinacota, que quer dizer, fortaleza de Chins, & em outras muitas partes. Estes como acharaõ aquellas gentes barbaras, sem Rey, ordem, ley, nem policia algũa, ordenaraõ he leis, fazendo em todo Malauar duas cabeças: hũa com todo o poder sobre o temporal, com este titulo de Çamorim, q̄ quer dizer imperar sobre todos: & outro com toda

toda a jurdição spiritual, com titulo de Bramene mor, aquem assentará sua cadeira na cidade de Cochim, deixando por ley: Que todos os Emperadores que socedeffem no Malauar, fossen tomar a inuestidura do imperio da mão do Bramene mór, que estaua em Cochim. Assim como oje vsão os Emperadores de Alemanha em a tomar da mão do Summo Pontifice, que preside na igreja de Deos. E pera isto deixará os Chins hũa pedra em Cochim, sobre quem aquelles Emperadores eraõ obrigados a se coroarem.

A rezaõ desta pedra não achamos escrito em algum autor, nem os Chins a sabem: mas quanto a nos, deuia aquillo de ser costume vsado entre os antigos Reys da China. E aquella pedra deuia de ser algũa cousa antre elles de grande religião, porque a trouxeraõ consigo. Em fim como quer que fosse, esta ley se foi guardando até o çamorim Perimal, q̄ recebeo a ley de Mafamede, & querendo ir acabar em religião na casa de Meca, repartio seus reinos, como oje estaõ, deixando ao que deu a cidade de Calecut o dominio sobre todos. E assim como seus herdeiros socediaõ no reino, yaõ coroar-se a Cochim sem impedimento algum: ate que o çamorim, de que a tras falamos, destruiu & tomou aquelle reino, & leuou a pedra a Repelim, a onde este que

agora socedeo se quis ir coroar, confederandose primeiro com o principe de Repelim, que era logiricuro do bando d'Elrey de Cochim: porque não podia passar áquella ilha sem seu consentimento: & ajuntou pera isso todo o poder de seu reino. Disto foi logo auisado Elrey de Cochim, & vendo que aquellas lianças & amizades do çamorim com o principe de Repelim podiaõ ser destruição sua, deu conta ao doutor Pero Vaz d'Amaral, capitão & yeador da fazenda de Cochim, pedindolhe ajuda pera defender os passos: pera o que lhe elle deu alguns nauios de remo, q̄ se foraõ por naquelles rios pera defender a passagem ao çamorim. Elrey de Cochim tambem ajuntou todo o seu poder pera acodir áquelle negocio em pessoa, conuocando os do seu bando, que eraõ os Reys da pimenta de Porcá, de Diamper, de Palurte, os Mangates Caimal, & o de carta da Lua, & outros Mangates & Areis. O doutor Pero Vaz d'Amaral despedio logo recado mūy apressado ao Governador Nuno da Cunha com cartas suas & d'Elrey, em q̄ lhe pediaõ acodisse áquelle negocio. Vendo o Governador quãto elle importaua despedio logo Martim Afonso de Sousa capitão mór do mar cõ tres Galés, & trinta nauios de remo cõ que estaua prestes pera ir pera a costa do Malauar. Os capitaens

que o acompanharaõ foraõ os seguintes. Antonio da Sylua de cãpo Mayor, Manoel de Sousa de Sepulueda q̄ yaõ nas Galés, Martim Correa da Sylua, Francisco de Sá o dos oculos, Francisco de Mello Pereira, Ioão de Sousa Rates, dom Diogo d'Almeida Freire, a que chamauaõ o Malauar, por ser muito cursado naquella costa, (que era irmaõ de dom Ioão de Sande vm dos grandes ginetairos que naceraõ em Portugal: & elle o naõ era menos que seu irmaõ) & outros fidalgos & caualeiros q̄ foraõ nesta jornada a que naõ achamos os nomes. Dada esta armada á uela foraõ seu caminho, em que os deixaremos por continuarmos com outras cousas que neste tempo socederaõ.

CAPITOLO II.

*Que trata da viagem que Diogo Botelho Pereira fez pera Portugal em hũa fusta. E da fala que mestre Theofilo Napolitano eremita, da ordem de Santo Agostinho, fez ao Papa Paulo terceiro, & ao sagrado collegio dos Cardeaes em louuor dos feitos que se fizeraõ na India em tempo d'Elrey dom Ioão o terceiro, pellas nouas que lhe*

*mandou da fortaleza que o Governador Nuno da Cunha fez em Diu.*



VIA vm fidalgo na India que se chamaua Diogo Botelho Pereira, filho bastardo de Antonio Real que fora capitaõ de Cochim, sendo Visorrey da India dom Francisco d'Almeida, & de hũa molher que trouxera do reino, que se chamaua Iria Pereira, que ficando rica foi criando o filho em muita vaidade. E como elle era muito habil, & tinha grande inclinaçaõ á Mathematica, deuse a sabella & a arte de nauegar, & a Esphera, em que foi douto, & aproueitou muito nella, & fazia mūy bem cartas de marear. Crecendo na idade, foraõ tambem crecendo nelle os spiritos & pensamentos de maneira, que sendo mancebo foi leuado a Portugal, onde Elrey folgaua de falar com elle polo achar taõ habil & esperto, & taõ corioso naquellas cousas em q̄ praticaua cõ elle. Confiado elle nas partes q̄ tinha, & nos faoures q̄ lhe Elrey fazia quando lhe falaua, pediolhe vm dia que lhe fizesse merce da capitania da fortaleza de Chaul: Ao que lhe Elrey respondeo torrindoie, Que os pilotos naõ eraõ capitaes de fortalezas. Enfadado Diogo Botelho Pereira

Pereira da reposta que lhe Elrey deu, sayose pera fora pera a ante camara onde estaua dō Antonio de Noronha filho segūdo do Marquez de Villa real, escriuaō da puridade, que ja o tinha sido de Elrey dom Manoel, que perguntandolhe se o despachara Elrey bem? Respondeo Diogo Botelho Pereira, Senhor o bom despacho eu o buscarei onde mo daiaō a meu gofsto. Tanto que chegou á noticia d'Elrey a reposta que Diogo Botelho deu a dom Antonio de Noronha, mandouo Elrey prender no castello de Lisboa, & que o tiuessen a bom recado: porque arreceou que se fosse pera Castella, & la desse de si outro Magalhães. Ali esteue preso ate ir por Visorrey da India dom Vasco da Gama Conde Almirante, que o pediu a Elrey pera o levar consigo, por lho rogarem alguns fidalgos seus amigos. Concedeolho Elrey com condiçaō que naō tornasse Diogo Botelho Pereira a Portugal sem seu expresso mandado.

Com este desgosto andou este fidalgo sempre na India, vendo se se lhe offerecia algũa occasiaō honrosa de poder tornar a Portugal. Aconteceo neste tempo dar Soltaō Badur Rey de Cambaya licença ao Governador Nuno da Cunha pera fazer fortaleza em Diu, cousa que tanto se desejava, & por tantas vias se pretendia pera maior segurança do estado da In-

dia. Vendo Diogo Botelho Pereira taō boa occasiaō pera poder ir a Portugal, como era leuar nouas a Elrey d'hũa cousa que elle tanto desejava, & por tal auia de festejar muito, & fazer grandes merces a quem lhas desse (como vemos que fez a vm Iudeu que o Governador Nuno da Cunha mandou por terra com cartas em que lhe daua nouas que o auiaō d'alegrar muito por lhe dizer que tinha fortaleza na ilha de Diu) determinou fazer este caminho nũa embarcaçaō taō pequena, & taō desacostumada em Portugal, que causasse grandissimo espanto ao mundo ver que se atreuera vm homem a cometer hũa viagem taō longa, & de taō grande perigo nũa embarcaçaō taō pequena, que por tal auia de causar grande admiraçaō.

E así sem dar conta a pessoa algũa de sua determinaçaō, gastou o inuerno em negociar a fusta de todas as cousas necessarias, fazenlhe hũa cuberta de popa a proa, & dous lemes, velas, traquetes dobrados, fateixas, & amarras de sobre-selente, & coatro fermosos tāques pera agoa: em fim tudo fez quanto lhe pareceo necessario pera poder passar a jornada que determinaua fazer.

E como entrou o veraō embarcouse com alguns homens de sua obrigaçaō, lançando fama, que auia de ir a Melinde, pera onde comprou algũas roupas & contas

*Quinta Decada. Da historia da India.*

& foise a Baticala onde fez hũa matalotagem muito á sua vontade com esta voz de ir a Melinde: aque acodiraõ alguns mercadores Gentios que meteraõ na fusta algũas fazendas: o que elle dissimulou por amor dos marinheiros, q̄ realmente cuidauaõ que yaõ pera Melinde. E na entrada de Outubro se fez á vela com os Leuan-tes, & foi seguindo sua viagem ate Melinde, onde se desembarcaraõ os mercadores que leuaua: & elle fez logo agoa, lenha, & tomou algum refresco, tornandose a sair com dizer aos marinheiros que ya a Quiloa. Tanto que se afastou da terra, ferrolhou todos os marinheiros com cadeas que pera isso leuaua, animandoos & prometendolhes muito dinheiro, sem toda via lhes dizer que ya pera o reino: Somente lhes metia em cabeça q̄ ya a çofala, & por aquelles rios de sua costa a resgatar ouro, & assi foi passando por todos, tomãdo agoa, & lenha, & fazendo mantimentos de carneiros, galinhas, capados, arros, milho, manteiga, q̄ tudo achou bem barato.

De çofala foi seguindo sua jornada de lógo da costa ate passar o cabo das Correntes & de lógo da costa se se nũca alargar, nẽ apartar della, foi tomãdo todos os rios ate passar o Cabo de boa esperãça neste laneiro q̄ vem de trinta & sete: Dali se foi engolfando com vêtos bonanças, & foi demandar a ilha

de santa Elena, onde varou a fusta pera a alimpar & concertar como fez, dando alguns dias de folga aos marinheiros, de que ja leuaua alguns menos, que lhe morreraõ na terra fria: posto que elle leuaua vestidos feitos de pano pera todos elles ja pera isso.

Partido daqui atraueffou aquelle grande golfo do mar, & tomou a derrota da ilha de Saõ Thome, onde se refez d'agoa, lenha, & mantimentos: & dali foi tomar a barra de Lisboa em Mayo estando Elrey em Almeirim: & entrou por aquelle grande & fermoso rio da cidade de Lisboa dentro a remo: & embandeirado foi surgir na ponta da Goiua, antes de Saluaterra por naõ poder a fusta passar mais acima. Causou esta nouidade em toda a cidade grande aluoroco, acodindo a ver a fusta tanta gente, que o Tejo era cheo de barcos. Diogo Botelho Pereira desembarcou em vm batel, & foise a Almeirim, & entrou com Elrey, aquem deu conta de sua jornada, pedindolhe aluiçarás: que ja tinha hũa fermosa fortaleza feita na ilha de Diu. Posto que estimou Elrey muito as boas nouas que lhe leuaua da India, vendo que lhe naõ leuaua cartas do Governador, naõ lhe fez gasalhados, antes se carregou & pesou muito: & embarcandose em vm bargantim, foi ver a fusta em que entrou & notou de uagar, folgãdo de ver aquella fei-  
çãõ

ção de nauio, mandando dar de vestir & dinheiro aos marinheiros. E não deixou de ter a Diogo Botelho por homem de grande animo & coração, & pera se lhe entregar & encarregar qualquer grande feito que se offeresse. E mandou que se varasse o nauio em Sacauem, onde esteue muitos annos ate que acabou, indoo ver a mayor parte da Europa por estpanto. Dizem que depois delle chegou Isac do Cairo Iudeu com as cartas do Governador Nuno da Cunha, que elle despido de Diu pera Elrey, que elle festejou muito, & deu ao Iudeo cento & corenta mil reis de tença em sua vida, & outras merces na mão. E Diogo Botelho Pereira esteue muitos annos sem lhe responder, & depois lhe deu a capitania de São Thome em Portugal, polo ter fora do reino. E depois o despachou pera a India com a de Cananor, como em seu lugar diremos.

Tanto que Elrey teue as nouas mandou logo fazer grandes & solennes procissoens, & deuotos officios em louuor de Deos nosso Senhor pella merce que lhe fizera. E despido cartas ao Summo Pontifice de Roma, que era Paulo terceiro, em que lhe fazia a saber de como ficaua tẽdo na ilha de Diu hũa fermosa fortaleza, com que esperaua de enfrear, & quebrar a soberba do Turco, por ser aquella a chaue de toda a India, & sobre q̃

o Turco tinha metido tanto cabedal, com o que ficaua aquella fortaleza de Diu fazendo seguro o estado da India: & esperaua em Deos nosso Senhor de trazer á obediencia da igreja Romana todo aquelle Pagaismo: mandandolhe hũa muito larga relação de todas as cousas socedidas, depois que intentou tomar aquella fortaleza de Diu ate que se lhe entregou.

Chegadas as cartas ao Summo Pontifice, vendo nellas taõ boas, taõ felices, & alegres nouas pera toda a Christandade, mandou ordenar hũa muito solenne procissão em que se elle achou com todo o sagrado collegio dos Cardeaes, & disse Missa em Põtifical, & no cabo della fez mestre Theofilo Eremita Napolitano da ordẽ de santo Agostinho hũa muito elegante fala em latim encomendandolha o Summo Pontifice por ser homem doutissimo. E porque nella se trata hũa breue relação de todas as cousas que temos contado neste negocio de Diu, & muitos lououres d'Elrey dom Ioaõ o terceiro, & da nação Portugueza, nos pareceo bem pormola aqui toda de verbo ad verbum: assi pera autorizar com ella nossa verdade, como por mostrarmos que os lououres ditos por boca dos estranhos, ficão menos sospeitosos. Pera q̃ veja o mũdo (como algũas vezes diffemos) que nos mesmos somos os q̃ menos caso fazemos de nos-

fas cousas, que os estranhos.

*Fala que mestre Theosilo Napolitano eremita fez ao Papa, & ao collegio sagrado dos Cardeaes.*



**D**A D R E santissimo, Cardeaes principes da terra: Se em algum tempo julgastes deuerse a alguns dos mortaes estas solennes festas, santissimas cerimoniaes, & muy claros pregoens, com muita verdade & rezaõ se deue julgar deuerense principalmete ao muito vitorioso Rey de Portugal dõ Ioão o terceiro: que com taõ singulares nouas, & prosperas victorias dos inimigos de Christo, & de nossa santa fe cada dia acrecenta, & emnobresse a Republica Christã, & sempre nella poem & intisoura noua gloria, como poucos dias ha que trouxe & sojeitou ao seu senhorio a fortissima cidade de Diu, vnica defenõ contra o furor dos soberbos & arrogantes Turcos, & ao mesmo senhor da dita cidade, que he o muito grande & poderoso Rey de Cambaya: & desta maneira adquirio a si facil & commodissima entrada pera fogigar a Christo o muito grande senhorio de toda a India. Obras são estas a que se deuem estas grandes honras pera que os autores dellas pera mayores cousas cada

dia mais se animem. E posto que por este respeito as naõ fazem, entendem daqui que quando as executaraõ foraõ suas obras acertadas. Mas primeiro que tudo confessemos recebermos estes taõ singulares beneficios da poderosa & liberalissima maõ do Senhor Deos, & tambem se deue confessar que os recebemos pella felicidade & santa religiaõ de Paulo terceiro presidente da Republica Christã: porque nunca Deos tem tanta ira contra nos, nem está taõ commouido contra nossos peccados, que se esqueça de sua bondade & clemencia. Nem ja mais esta taõ aparelhado pera vingança, quando o offendemos, que naõ esteja mais pronto pera perdoar quando conhecermos nossa culpa.

Isto confessãõ todos aquelles que pella inclinaçaõ que tem de peccar, mediraõ a facilidade do Senhor pera perdoar: & muito mais o deuemos confessar os que viuemos ate este tempo em que como que estiuessẽ taõ prouocado a ira por nossa maldade, que parecia tirar sua maõ de nos: & como por isso eramos auexados com tantos males, & postos no fundo com tantas perdas, que naõ auia ja lugar pera onde se podesse fogir, nem modo pera poder escapar. Entaõ mouido esse mesmo Senhor pellos rogos & lagrimas dos humildes, aplacou sua ira, & soccor-

soccorreo nossas misérias, pois deu  
 por guia & regedor da Republica  
 Christã ao religiosissimo & san-  
 tissimo Papa Paulo terceiro: por  
 cujos merecimentos nos quis an-  
 tes perdoar, que castigar por nos-  
 sas culpas. Por que tanto que foi  
 criado por nosso pastor, logo nas  
 cousas resplandeceo noua figura  
 como que as da fortuna & natu-  
 reza se mudassem, & todas come-  
 çaraõ soceder prosperamente. An-  
 tes disto o crudelissimo Rey dos  
 Turcos mouia atrocissimas guer-  
 ras contra Christaõs, fazia muitos  
 estragos, combatia & tomava mui-  
 tas cidades, & reinos: & por derr-  
 deiro o seu Barba roxa, ousado ca-  
 pitaõ imigo de Christo com hũa  
 grande frota ameaçando, rodeou  
 nossos côfins, & occupou em Afri-  
 ca vm reino, & ordenou ahi assen-  
 to contra Italia, principalmente  
 contra esta nossa cidade de Ro-  
 ma, & ahi se fez forte & acrecen-  
 tou seus exercitos & forças pera q̃  
 com mais facilidade nos cometes-  
 se. Mas tanto que começou a go-  
 uernar a igreja o Papa Paulo ter-  
 ceiro este imigo inchado com tã-  
 tas vitorias tornou a tras: & aleuã-  
 tado com tantos triumphos, voltou  
 as costas: & soberbo com tantos  
 esbulhos, aprendeo a auer medo.  
 Digo que começando a reinar  
 Paulo terceiro, os imigos de Chri-  
 sto muiy poderosos foraõ afugen-  
 tados, & derramados, & suas cida-  
 des & moniçoens tomadas, & suas

forças abatidas. E das primeiras  
 vitorias que delles se ouueraõ, he  
 sem nenhũa differença aquella q̃  
 se ganhou na India por Elrey de  
 Portugal dom Ioaõ o terceiro.

Mas pera que hũa taõ insigne  
 vitoria se estime como ella mere-  
 ce ser estimada de todos os Chri-  
 staõs: peço que me oucais, & que  
 com todo vosso animo atenteis,  
 porque ey de dizer cousas não só  
 dinas de serem ouuidas, mas me-  
 recedoras que de necessidade se  
 saibaõ: ainda que a grandeza de  
 este negocio me pedia mais tempo  
 do que me he dado, & pella bre-  
 uidade delle recusara com rezaõ  
 este trabalho de dizer se me fora  
 dado, não obedecer a quem mo  
 manda. E se me não parecera ser  
 mais feyo a vm homem religioso  
 calar em vm triumpho & prazer de  
 Christaõs taõ commum, que falar  
 o que podesse, ainda que falar não  
 soubesse.

O grande Rey dom Manoel  
 pay deste vitorioso Rey dô Ioaõ  
 o terceiro fez muitas guerras, &  
 ainda que deixo de falar nos ou-  
 tros Reys de Portugal atras, claros  
 & não de menos virtudes por fa-  
 ma: por quem toda a Lusitania  
 foi tirada do poder dos Arabios,  
 & ganhado o reino pera seus soc-  
 cessores, & os muitos templos &  
 casas sagradas que edificaraõ, po-  
 dem dar testemunho de seu Ca-  
 tholico animo pera com Deos.  
 Mas este grãde Rey dom Manoel  
 conqui-

conquistou por armas a Etiopia, Arabia, Persia, & a India citerior, & nauegaraõ os seus aquelle grande espaço de mar Oceano, que nenhum dos mortaes antes delles ousaraõ nauegar passando de todo pello mar Roxo. E nas ditas partes teue muitas guerras, & deu muitas batalhas, occupou muitas & diuersas regioens: Sojeitando muitos reinos, & senhorios a seu poder. E o que foi muito mayor do que he todo o louuor, leuou o nome & fe de Christo aos mais remotos fins da redondeza da terra. E em taõ claros feitos & vitorias, ficaua na India inteiro, & sem ser tentado dos Portugueses o reino de Cambaya: principalmente aquella muito fortificada cidade & fortaleza celebrada no dito reino jardim de todo o Oriente a que chamaõ Diu, que está posta na entrada do mar Indico, & no extremo promontorio da enceeda Cãtincolpus, cidade muito conueniente pera os Portugueses della resistirem ao poder & furor dos Turcos. Que com grande frota junta no mar da Arabia ameaçauaõ auerem de ir a dita cidade polas fozes do mar Roxo & tomarem por força tudo o que os Christaõs tinhaõ occupado, & q̄ assi seriaõ senhores de todo o imperio do mar Indico.

Era esta cidade, assi pella condiçaõ & natureza do lugar, como por artificio humano inexpugna-

uel: porque estaua edificada sobre hũa rocha, cercada de muros, & de muitas torres, & valada toda em roda com um aparato de machinas de arame, que parecia ser mais propria pera ser guarda de molheres, que pera se nella exercitarem homens. Esta posto que muitas vezes os Portugueses a cometessem com todas suas forças, & nenhũa cousa aproueitasse, com tudo Elrey dom Manoel, que todas as mais cousas acabara com facilidade, pera que não fosse visto com algũa quebra, desistio desta impresa, onde fizera tantos gastos, com perda de homens & naos, & nenhũa cousa mais desejava & menos esperaua: por que em pouco estimaua o nome & senhorio que ganhara na India, pois não tomara este lugar. E como não visse modo pera pôr por obra seu desejo, & desconfiasse poder alcançala por faber humano, determinou de a deixar, & dilatar esta impresa pera outro tempo que lhe socedesse melhor, & se offerecesse occasiaõ de mais prospero & felice successo.

O Rey vitorioso, pera isto vos chama vossa boa fortuna, & esta vitoria se guarda pera vossa dita & grande felicidade. Ora armaruos pera obra que he de tanto trabalho. Que cousa auera que vos possa mouer disto? Por ventura a difficuldade do lugar? Como, a prudencia não vence tudo? Não he ella mais poderosa que a fortaleza?

leza? Onde o liaõ não chëga traga a pelle da raposa. Pola ventura o poder & grande numero dos imigos poem esse medo? Parece que não, porque lemos serẽm muitos quasi sem numero vencidos & desbaratados de poucos, porque não he a multidaõ a que vence, se não o valor & a prudencia. Detemos pella ventura as grandes fortalezas, & grandeza dos trabalhos, & exercitos de socorro? Todas estas & outras maiores difficuldades, vence a industria & saber da guerra. Aja vontade de cometer a obra, que não faltará poder pera a acabar. Se cõsideraes a difficuldade presente, ponde os olhos na gloria que se espera alcançar, & seruos a tudo facil: por que mais he o que se espera de premio, do que he o que se representa de trabalho: porque o perigo de pouco tempo, se restaura & satisfaz com se alcançar hũa gloria perpetua & fama que sempre dura. E alem disso tanto mais doce & gostosa soe ser a vitoria, quanto com mor risco & perigo se alcançou.

Cuidando comsigo Elrey dom Ioaõ estas cousas, ouçaõme o modo que teue de alcançar a vitoria. Este valeroso Rey verdadeiro imitador da gloria de seu pay, parendolhe que não ficara tanto herdeiro do reino, quanto da virtude: & como tiue pera si que não bastaua pera seu estado defen-

der samente o que lhe ficou de seu pay, Rey taõ vitorioso, se elle não fizesse outras cousas algũas dignas de immortal memoria, & merecedoras de seus soccessores as imitarem. (Porque os Reys não se aõ de entregar ao ocio & deleitaçoẽs, mas aõ sempre de trabalhar por cousas que dem aos que depois vierem testemunho de como viueraõ, & foraõ merecedores do reino, & de como fizeraõ feitos, que os outros podessem escrever, & imitar.) Manda a seus capitaẽs que tinha na India que não cessẽ do negocio da guerra, nem menos trabalhem, em quanto elle reinar, por fazerem cousas nouas, & ganharem nouos reinos, do que trabalharaõ em tempo de seu pay: mas antes com mais prontos animos, & esforçados coraçõens insistaõ na gloria da guerra, & que cometessem ontra vez a cidade de Diu, impresa que seu pay ja deixara, & em que elle não desfaleceria, em taõ honrados comẽços: E que pera tomarem aquella fortaleza não perdoassem a trabalhos, nem a despezas, porque naquelle negocio consistia toda a summa & perfeiçaõ das vitorias: & com aquelle feito acabado se ficaua aprouando sua fe & constancia.

Os seus capitaens por obedecerem mais á vontade & mandamento do seu Rey, que por terem confiança de aproueitarem algũa cousa

cousa no que lhe mandaua, come-  
 çaraõ logo a renouar a guerra, poẽ  
 sua frota de frente da cidade, lan-  
 çação gente fora, & com diligencia  
 atentaõ todos os lugares donde se  
 possa cometer, insistem na obra  
 cometendoa muitas vezes com  
 grande impeto & furor, as vezes  
 simulauão & fingiaõ retrairse pe-  
 ra tomarem algũas guardas des-  
 cuidadas, naõ deixando cousa que  
 naõ tentassem, cometessem, & ex-  
 perimentassem: & por derradeiro  
 escreuem a Elrey naõ terem espe-  
 rança de algum bom effeito sem  
 o socorro diuino: & que se insisti-  
 sem em cometerem a fortaleza,  
 affirmauão que seria com grande  
 dano dos seus, & perda da frota.  
 Ouindo isto Elrey, toma milhor  
 conselho, por naõ pór os seus a  
 tanto perigo: & ordena leuar-se a-  
 quelle negocio por outra via, fa-  
 zendo guerra continua áquelle  
 Rey, & ao reino saqueandolhe ci-  
 dades, destruindolhe os campos,  
 & impedindolhe por mar & por  
 terra os mantimentos, ate que can-  
 sado, & forçado da necessidade  
 viesse a concerto, & offerecesse  
 fortaleza na ilha de Diu, onde tã-  
 to auia que se desejava: & o caso  
 socedeo cõforme aos desejos d'El-  
 rey. Por que Soltaõ Badur Rey  
 de Cambaya perseguido com tã-  
 tas perdas & danos do reino, que  
 lhe naõ dauaõ lugar pera poder  
 respirar, espantado do grande es-  
 forço dos Portugueses, pera que

merecesse sua graça & amizade  
 entrega a Nuno da Cunha Go-  
 uernador da India em nome d'El-  
 rey de Portugal, a cidade de Ba-  
 çaim com todos os seus termos &  
 rendas:

Está esta cidade junto do mar,  
 assentada pera a parte do Oriete,  
 muiy rica de campos, lugares, al-  
 deas, & ilhas que daõ a Elrey cada  
 anno de pẽsaõ cem mil cruzados.  
 E pella grande fertilidade da ter-  
 ra he muito populosa, & abundã-  
 te de todas as cousas, principalmẽ-  
 te de matos, que em muita abun-  
 dancia daõ madeira pera edifica-  
 ção de todas as naos & armadas.  
 E naõ dahi a muito tempo, pera q̃  
 o Badur confirmasse a paz & ami-  
 zade com os Portugueses, fez a sa-  
 ber a Nuno da Cunha que deter-  
 minaua entregar-se a si, & a cidade  
 de Diu com alguns honestos par-  
 tidos, & que pera isso fosse logo  
 ver-se com elle pera que fizesse hũa  
 fortaleza no lugar que quizesse.  
 Aluoroçado Nuno da Cunha cõ  
 nouas de tanto gosto & contenta-  
 mẽto, partio pera a cidade de Diu  
 com sua frota bem armada, que  
 com muita diligencia ordenou  
 edificar hũa fortaleza na milhor  
 parte da cidade sobre o porto, cõ  
 baluartes & muros sobre o mar,  
 & fez pacto com Elrey de Cam-  
 baya que naõ consentisse entrarẽ  
 os Turcos pellos termos de seus  
 reinos, nem os ajudasse com soc-  
 orro, nem mantimentos: & assi  
 fez

fez outros concertos de muita honra aos Portugueses, sobre o q̄ Nuno da Cunha escreueo cartas a seu Rey muito mais discretas & copiosas, do que eu poderei em breue dizer com palauras.

Mas estãdo as cousas neste estado, socedeo vm caso muito opportuno pera boa felicidade & dita d'Elrey de Portugal: este foi, que Hamau Paxa Rey de Carmania veyo cõtra o Badur Rey de Cambaya (naõ sei por q̄ causa) com setenta mil frecheiros de caualo, segũdo os costumes dos Parthos, & cõ elles duzentos mil de pé: & Elrey de Cambaya bẽ podera encõtralo no caminho, naõ cõ menos exercito que o seu, mas vsando de maos conselheiros pera q̄ naõ passassem seus soldados o perigo a arbitrio da fortuna, q̄ principalmente tem dominio nas guerras retraindo-se de pelear, & se recolheo a parte segura. Mas Elrey de Carmania lhe tomou todos os mantimentos por ser mais esforçado cõ gente de caualo. Vêdo Soltaõ Badur perecer a sua gente á fome pera que elle com os seus juntamete naõ fosse catiuo do imigo, tomou conselho sobre a fogida que tão que se publicou, naõ se pode crer quaõ derribados & postos por terra ficaraõ os coraçõens & animos dos soldados, & tanto enfraqueceraõ cortados do medo & temor; que como os imigos os comete-raõ, facilissimamente se lhe rediaõ

& entregauão cruzando as maõs, sem esperarẽ golpe d'espada. Pel-lo q̄ saindo-se Badur secretamete do arrayal com sua familia & riquezas, & cõ todo o mouel de sua casa real se foi acolher a cidade de Diu, fortaleza muito segura mais pera ser vista de longe, que pera se combater de perto, pera q̄ nella os Portugueses fossẽm a sua total defenõã.

Esta fortaleza se entregou com todas as suas cousas a Nuno da Cunha Governador da India em nome d'Elrey de Portugal. Desta maneira socedeo q̄ os Portugueses naõ somente tiuessem a cidade de Diu, por tanto tempo desejada, mas ainda a de Baçaim cidade insignificante, cheia de muitas riquezas, cõ o seu proprio Rey, & todo o reino que era terror da India. Este victoriosissimo Rey dom Ioaõ fez vaõs os votos de Alexandre, quando sacrificou aos seus deoses no mar Indico, & depois de feitos seus sacrificios lhe rogou naõ permitissem a algum dos mortaes passar alem d'aquelles termos que elle passara: mas Elrey dõ Ioaõ o terceiro fez pór mais largos termos muito certo caminho aos seus. Alexandre Magno alem do rio Gange caminhou por terra pera a India por caminhos sabidos & trilhadõs: mas Elrey dom Ioaõ, q̄ abrio caminhos aos mortaes por onde antes naõ era caminho, por que se naõ chamará magno? Entrou pelo mar

lo mar Oceano a te chegar as regioens & lugares mūy desconhecidos aos homēs, onde nunca se chegou por nauegação, & entrou pelos fins da redondeza da terra. Alexandre temse por magno, porq̃ por onde passaua trazia, & sojeitava a seu jugo Reys & seus reinos: pois por que por isso mesmo não se terá assi por magno Elrey dom Ioaõ o terceiro, que todas as partes que conquistou, trouxe a seu poder & senhorio.

Dizem de Alexandre magno, que alem de outros feitos illustres com que grandemente floreceo, foi edificar a cidade de Diu nas partes da India, q̃ cõ nenhūas forças se podesse vécer pelejando, & q̃ fosse senhora da terra & do mar: por q̃ não se terá por mayor q̃ elle Elrey dõ Ioaõ, que por sua industria tomou & senhoreou a mesma cidade, ainda q̃ fosse inexpugnauel, ficando senhor do mar & da terra? Por q̃ se affirma com rezaõ que Alexãdre fundou esta cidade, & lhe chamou de seu nome Diu: por q̃ elle dos aduladores & ligonheiros se chamaua Diuus filho de Iupiter Amon: este vocabulo Grego, Diuo, em lingua Latina, quer dizer, diuino: E tambem edificou outra na Assiria do mesmo nome.

Elrey Badur não recusou pelejar cõ Hamaú por amoestação humana, mas o conselho diuino, que tudo dispoem suauemente, o deuteu, pera que não experimentasse

suas forças, nem ouzasse cometer as dos imigos: por que Elrey de Carmania, ainda que potētissimo, não era tão poderoso, que pozesse em fogida a Elrey de Cambaia: o poder de Deos o compeliu & o fez fogir, & não o impeto & forças de Hamaú, mas o poder da diuina vontade o constrangeo vir fogindo a te a cidade de Diu, pera q̃ o somettesse ao arbitrio & poder dos Christaõs. E isto se deue ter por muito certo argumēto da diuina prouidēcia, sem o q̃ deuem todos ter pera si que nenhūa cousa acontece, nenhūa se faz nas cousas humanas, que Deos o não prouēja, determine, & declare.

O Rey inuenciuel, não vedes quãto Deos estima vossa religião, quanto fauorece vossa virtude, quãto presente está a vossos intentos & desejos: mais tendes do que desejaestes, mais alcançastes do que esperaueis, & mais do que se pode crer. O verdadeiro Rey dom Ioaõ o Magno que pera si ganhou grande nome antre naçoens tão estranhas, estranhas mostrastes vossas forças a pouos indomitos, ferocissimos, & pertinazes desistimadores da vossa & nossa santissima fé. Enxiristis a religião Christã nos lugares & coraçõens das gentes remotissimas & ferozes: ganhastes tão grãde numero d'almas a Deos nosso Senhor. Com verdade bem auenturado, que cõ a prospera felicidade de Paulo terceiro

ceiro vencestes a difficuldade da natureza & grandeza das forças humanas: & o que vossos antepassados não poderaõ, vos só o acabastes. Com que louvores vos louuarei, que tão longe estêdestes & tanto dilatastes o imperio de Christo? Que graças, que louvores vos podemos dar por cerrar des o impeto feroz dos Turcos, pera não poderem ter entrada nas terras dos Christaõs? Que insignias, q̄ estatuas vos levantaremos por destruides tãtos exercitos de Mouros, & vencerdes tantos & tão poderosos Reys? Que triũfos vos ordenaremos por tantas victorias quantas alcançastes dos inimigos de Christo? Que titulo vos daremos, por ganhardes tantos reinos.

Publio Cornelio Scipião porq̄ venceo em Africa Anibal, se chamou Africano, Leucer seu irmão por vécer em Asia Elrey Anthio-co, Asiatico. Publio Cornelio Scipião Emiliano porque destruyo a Numancia, Numantino. E outros muitos mereceraõ nomes por gentes que venceraõ: mas Elrey dom Ioaõ que com soccorros muito fortes, & gastos immensos sustenta noue cidades fortissimas em Africa, & com fortaleza & constancia as defende dos encontros & cõbates dos inimigos de cada dia, & ainda de cada hora, & segura não somete a Lusitania de que he Rey, & muitos reinos fez seus,

& sempre com felicidade pelejou tendo a Deos por sua guia, não se chamara certo Elrey dom Ioaõ Africano, não Ethiopico, não Perfico, não Arabico, não Indico, mas domador de todas estes gentes & senhorios: mas perseguidor dos Mouros, & defensor da religião Christã. Padre beatissimo cõ rezaõ vos deueis de alegrar muito, q̄ sendo Governador da barca de Christo, este Rey tão vitorioso aja passado tão sem medo tantos mares, & trazido á verdadeira fe as mais apartadas & remotas partes da redõdeza da terra. Porq̄ as vossas oraçoões, & as nossas juntamete sendo vos o autor, offerecidas diante de Deos, não foraõ em vão, né o Senhor Deos de todo desistimou vossas né nossas lagrimas & suspiros. E posto q̄ Reys Christianissimos, & religiosissimos contendaõ antre si cõ odios, & perturbé a paz & sossego dos Christaõs, & leuante muito grãdes ondas na vossa barca, não falece com tudo em outra parte Rey potetissimo, Rey poderosissimo, Rey religiosissimo, que não peleja contra Christaõs, mas contra os inimigos de Christo: não faz entradas por terras de Catholicos, mas de Mouros. Não toma cidades d'aquelles que estão conjuntos com a fe, mas dos infieis que são contra ella. Não persegue aos principes pios, mas aos impijsimos. Não derrama sangue de fieis, mas de infieis.

Esta só empresa tomou á sua conta de destruir o poder dos Mouros, & tirarlhes de todo o senhoria. Este so caminho ordenou pera adquirir louvor: debilitarlhes as forças, por que nenhũa cousa lhe parece melhor que mostrar-se delles temido: nenhũa julga por mais honesta, que serlhes contrario: nenhũa por mayor, que constituir-se por senhor delles. Prouesse a Deos que os outros Principes Christãos fizessem isto, & os odios que se tem vns contra os outros, cõuertessem contra os imigos de Christo. Senhor se vos aprouesse que estes trabalhassem por este genero de gloria, & que as forças q̄ cõtra si experimentaõ, se empregassem todas nos Turcos, & que de tais feitos como estes se ouessem inueja vns aos outros.

Padre santissimo se não trabalhaes com vossa prudencia, saber, & autoridade de concordar as differenças dos principes Christãos, & cortar toda a occasiã de guerra (como na verdade fazeis) lê os não exhortaes, a que não somente deixem as armas, que tomaraõ pera se destruir, mas ainda conformes nas vontades, as tomem pera apagarẽ os imigos de Christo, & do seu santissimo & gloriosissimo nome: & se os não amoestaes, q̄ não somente tornem em graça & firme amizade, mas q̄ se vnaõ pera destruiçã dos Turcos: se algum tempo não prouerdes a nossas cousas que assi

estão affligidas, miseros de nos cõ que trabalhos não seremos auexados? Que inuençã de males & defaueuras não experimentaremos? Por isso Sãtissimo padre não desistaes de com continuas oraçoens, & piadosos votos pedir a Deos que ajunte & vna em amor os coraçõs & vótades destes principes, & os incite & inflame pera oprinirem o furor dos Turcos: E com esta tal obra nos restituaõ paz & spirito, & elles fiquem mais gratos a Deos, & dos homẽs mais encomẽdados, & por taes merecimentos na Republica de Christo, não hũa vez, mas muitas sejaõ celebrados, como he agora o mũy claro Rey de Portugal dom loãõ terceiro, com os mesmos sacrificios, & solennes cerimoniaes, & iguaes pregoens de loutores.

### CAPITULO III.

*Da alteraçã que Manoel de Sousa capitaõ de Diu sentio na gente da terra. E de como o Governador Nuno da Cunha acodio a isso. E despedio Martim Afonso de Sousa pera a costa do Malauar.*



**D**ESPEDIDO Martim Afonso de Sousa pera Cochim, recebeu o Governador logo cartas de Manoel

noel de Sousa capitão de Diu, em que lhe pedia com muita instancia fosse acodir as cousas d'aquella fortaleza, porque auia grandes mouimentos & alteraçõens nos naturaes: & q̄ tinha por mui certo que Soltaõ Badur descarregaria sobre ella toda sua potencia, como de feito elle se preparaua pera isso: por que des que teue recado de serem os Magores saídos de seus reinos, começou a resfolegar, & a tomar alento. E assi logo lhe começaram a acodir alguns Rayas, Resbutos seus vassallos que se fortificaraõ em serras & passos difficultosos a onde escaparaõ da furia dos Magores. E recrecendo muita gente a ver o seu Rey, tornou a fazer vm potente exercito, com que foi visitar seus reinos, tornandoos a soffegar & quietar, no q̄ gastou o inuerno: & na entrada do veraõ tornou-se pera a cidade de Amadaba.

Vedosse este barbaro outra vez em sua potencia, cuidando nos successos passados, & de como por sua fraqueza estiura arriscado a perder vm tamanho imperio, & q̄ ella fora causa de elle conceder fortaleza em Diu aos Portugueses (cousa que mais sentia que todas, de que andaua taõ triste & malenconizado que não admitia conselho de ninguem: porque via que suas naos, que d'aquella ilha partiaõ pera Meca, não podiaõ ja navegar com aquella liberdade que

dantes, & que forçado auiaõ de tomar saluo conduto dos Governadores da India, do que se auia por muito afrontado: porque lhe ficauaõ tendo os Portugueses com aquella fortaleza vm pe no pescocõ, como em ontro tempo a cidade de Argos em Corintho em poder de estrangeiros a toda Grecia, que pello muito que sojugauaõ a quella imperio lhe chamauaõ grihoens de Grecia. Assi na verdade esta fortaleza de Diu o ficaua sendo a todo o reino de Cambaya. Do que o Badur andaua taõ apaixonado, que não auia poderemno consolar, com lhe affirmarem os grandes, que todas as vezes que quizesse isentaria a sua ilha: o que podia fazer pola fraqueza d'aquella fortaleza, & da falta da agoa, & lenha, & de todas as mais cousas de que se prouia da ilha: que como se lhe defendessem, sem golpe de espada lha tornariaõ os Portugueses a entregar. Com isto se moderaua elle algũa cousa em sua paixãõ: mas não pera deixarem de lha entender todos, tratando de por logo as maõs áquelle negocio.

E como todos entendiaõ a vôtade de seu Rey, começaram os nossos em Diu a sentir algũa alteraçãõ na gente da cidade, onde yaõ comprar as cousas necessarias, por que lhes faziaõ os Mouros algũas sobrançarias, que muitos soffriaõ taõ mal, que lançauaõ maõ

as espadas pera logo se satisfazerẽ: & assi se altercauaõ algũas brigas em que ouue dano de parte a parte. O que Manoel de Sousa capitãõ da fortaleza sentia muito, mas dissimulaua por lhe ser assi necessario, por que não tinha outra agoa, senãõ a que lhe leuauaõ da ilha. De todas estas cousas auisou logo ao Governador, & lhe pedio que acodisse com muita pressa a ellas. Vendo Nuno da Cunha tantos mares aleuantados pola proa, encomendou tudo a Deos. E pondo em conselho aquelle negocio, assentouse ser necessario largar tudo, & acodir a Diu que era o mais importante da India. Com esta resolução despedio logo Diogo de Mesquita em Catur muito ligeiro pera ir a Cambaya visitar Soltaõ Badur como de si, porque era muito seu amigo do tempo q̃ la esteue cariuo: porque como sabia muito bem a lingoa Guzara, & era fidalgo de muito bom entendimento, podia notar tudo, & saber por suas intelligencias a determinação de Soltaõ Badur. Encomendãdolhe muito aquelle negocio, & que o fosse esperar a Madre Faual, pera que quando elle atraueessasse a Diu, o achasse ja ali pera o auisar do que la ya.

Partido Diogo de Mesquita, despachou o Governador as naos do reino, de que era capitãõ mór Iorge Cabral, pera irem tomar a carga a Cochim, escreuendo a El-

rey o estado em que a India ficaua. E desembaraçandose de todos os negocios, embarcouse pera Diu no primeiro de Ianeiro de 1531. com so coatro Galeoens, & doze nauios de remo, & foi tomar Chaul, onde o deixaremos: porque he rezaõ que continuemos cõ Martim Afonso de Sousa, que deixamos despedido do Governador Nuno da Cunha pera se partir pera Cochim.

### CAPITULO III.

*Que trata da viagem que Martim Afonso de Sousa capitãõ mór do mar fez quando o Governador Nuno da Cunha mandou à costa do Malauar. E de como destruiu & desbaratou os Principes Malauares na ilha de Repelim, indo em sua ajuda Iorge Cabral capitãõ mór das naos do reino, com os capitaens das naos de sua conserua, que estauaõ em Cochim, pera tomar a carga da pimenta.*



OMO ventauaõ os Leuantes q̃ eraõ prosperos pera a jornada que Martim Afonso de Sousa auia de fazer pera a costa do Malauar, em poucos dias a foi tomar, por

por onde foi dando, destruindo, & assolando todos os lugares maritimos do reino do Camorim, q̄ estaua ja com todos os Principes do seu bando na ilha de Repelim: posto que sua pessoa não tinha ainda passado a ella, por lho defenderem os nossos nauios, que ja la andauão nos passos: & os Principes da sua liga primeiro que elle chegasse se tinha ja metido dentro com corenta mil homens: & o Camorim estaua da outra banda com outra mayor copia. Elrey de Cochim, & o doutor Pero Vaz d'Amaral veador da fazenda, & capitão de Cochim estauão tambem com todo o poder nos Passos, por que o Camorim não passasse á ilha, tendo com a sua gente muitas escaramuças, em que os Portugueses, que eraõ seis cétos, tinhaõ sempre o melhor quinhaõ, porque sobre elles descarregaua Elrey aquelle negocio. Depois que Martim Afonso de Sousa deu aquelle grande & soberbo castigo pella costa do Malanar deixandoa quasi toda metida a ferro & fogo, foi passando a Cochim onde chegou, & soube estar Elrey de Cochim com o capitão sobre os passos de Repelim, & ajuntandose com Iorge Cabral capitão mór das naos, & com os capitaens dellas, & da armada, pôs em conselho o que faria naquelle negocio: & assentouse que era necessario meterse todo o resto, & trabalharse por deitarẽ fora

10  
aquelles Principes: porque se se dissimulasse com elles, podia ser destruição do reino de Cochim, & de toda a India. Pera o que Iorge Cabral se offereceo com toda a gente de suas naos.

Assentado isto, negoceouse o capitão mór, & Iorge Cabral, com todos os capitaens das suas naos nos seus bateis, em que mandou meter falcoens, & berços, & a mór parte da gente das naos, & prestes tudo foraõse pellos rios dentro, & chegaraõ aos passos em que Elrey de Cochim, com o capitão estauaõ, de quem foi muito festejado. E praticando sobre aquelle negocio, ordenaraõ de passarem logo a ilha de Repelim, & não confundirem o tempo em saltos & escaramuças. Martim Afonso de Sousa fez alardo de todos os Portugueses, & achou mil & duzentos de que fez duas batalhas: elle, que auia de leuar a dianteira, hũa de toda a soldadesca, & o doutor Pero Vaz d'Amaral capitão com toda a gente das naos & a de Cochim a outra, que auia de acompanhar Elrey de Cochim, que tinha com os do seu bando perto de quinze mil homens, querendo Iorge Cabral com os seus capitaens acharse na dianteira com Martim Afonso de Sousa.

Negociados todos vm dia de madrugada saltaraõ em terra, onde acharaõ os Principes com grosso poder, que acodiraõ a lhes de-

fender a desembarcação, trauandosse entre todos hũa muito aspera & cruel batalha, em que começou a uer muito dano d'ambas as partes. Das particularidades desta batalha não trataremos, por que não achamos ja homens dos que nella se acharão, nem lembranças algũas: somente sabemos que estiueraõ os nossos de todo perdidos: tanto, que lhes foi necessario a todos pelear em polas vidas, que todos tiueraõ bem arriscadas. E foi a couza de feição, que começou a uer desmando nos nossos em algũas partes. Elrey de Cochim, & o doutor Pero Vaz d'Amaral tam bem estiueraõ em grande perigo: mas Martim Afonso de Sousa foi o que esteue de todo desbaratado por carregar sobre elle todo o poder. Aqui fizeraõ elle, Iorge Cabral, Antonio da Sylua, & outros capitaens & caualeiros couzas muito notaueis, sustentando elles o pezo dos inimigos, que como desesperados remetiaõ com os nossos metendosse por suas armas sem receyo nem temor da morte. E assi apertaraõ tanto com os nossos, q se vio Martim Afonso de Sousa perdido, & recolheremse os seus como desbaratados:

E vendosse naquelle trance o lhou pera Antonio da Sylua, que estaua mais perto delle, & perguntoulhe o que fariaõ? Ao que lhe elle respondeo, que ja não auia outro conselho mais que encomê-

dar a Deos, & ao valor do braço.

E acodindolhe á memoria um remedio mũy apressado (que foi a total saluação de todos) mandou o pór por obra. Que foi mandar a um d'aquelles capitaens: que se embarcasse em alguns nauios, & fosse dar por outra parte da ilha pera diuertir os inimigos, o que elle logo fez, (& quem foi não achamos em lembrança, somente sabemos que se embarcou) & com alguns nauios cheos de moços, & muitos com muitas lanças, tocado trombetas & tambores, foi demãdar outro passo, fazendo tamanho estrondo com os gritos, vozarias, & bombardadas, que sendo ouuidas dos inimigos, que andauaõ ja como victoriosos, embarcados com aquelle negocio pararaõ, leuando ja Martim Afonso de Sousa de arrancada. E elle como bom canaleiro que era, & de grande accordo, entendeu aquelle termo que os inimigos fizeraõ, & ouuindo lá os estrondos dos nauios, apelidando rijamente Santiago, foi carregando sobre elles, acompanhado de Iorge Cabral, de Antonio da Sylua, & dos mais fidalgos & capitaens, leuando com aquelle impetu os inimigos de arrancada. os começou a pór em disbarato.

Assi lemos que acóteceo a Mirnucio Rufo naquella grande batalha que teue com os Scordifes & Decios: mas este, primeiro que desse a batalha, tinha mandado a seu

seu irmão que com os escrauos & outra gēte inutil, arrebentasse por outra parte como que ya de refresco: com o que disbaratou os inimigos. Mas Martim Afonso de Sousa não tinha dado ordem a este negocio: antes ali se lhe offerceo de repente, & foi de tanto proueito, que logo os inimigos se poseraõ em fogida. Vista aquella supita mudança pellos nossos, tornaõ a voltar, bradando vitoria, vitoria. Elrey de Cochim, & o doutor Pero Vaz d'Amaral capitão de Cochim, que tambem estiue- raõ em grande balanço, ouuindo a voz, arrebentaraõ sobre os inimigos em quẽ foraõ matando cruelmente. O principe de Repelim vê- dosse perdido, & a destruiçaõ que os nossos yaõ fazendo nos seus, tratou de salvar sua pessoa, & logo se passou á outra banda por outro paço, por onde se passaraõ a mór parte dos seus. Martim Afonso de Sousa foi seguindo os inimigos a te- os enfacar & ficar senhor de toda a ilha, que foi saqueada & roubada: & ali a entregou a Elrey de Cochim, que a mandou fortificar muito bem pellos paços.

E por que ja ali não auia que fazer, por ser o Camorim recolhido: deu o capitão mór ordem á guarda dos rios com nauios & Má- chuas, que pera isso deixou orde- nados. Elrey recolheo aquella pe- dra em que os Camorins se costumauaõ a coroar, que elle estimou

sobre todos os tisouros da vida, & com isso se foraõ pera Cochim, deixando Elrey alguns Caimais seus na ilha com gente de guar- niçaõ.

Jorge Cabral tratou logo da carga das naos, pera o que come- cou a correr a Pimenta muito bê, por ordem d'aquelles Principes & Caimais do bando d'Elrey de Co- chim. E pello seruiço que nisto fi- zeraõ a Elrey de Portugal, lhes or- denou o veador da fazenda de Cochim, com parecer do capitão mór setenta mil reis de tença ca- da anno a cada hum, pagos na fei- toria de Cochim. Estas tenças se lhe pagaraõ sempre muy bem, a te o mesmo Martim Afonso de Sousa tornar por Governador da India, que lhas mandou tirar por poupar a fazenda d'Elrey: o que se logo começou a sentir na falta que começou auer de pimeta pe- ra as naos, sobre o que se gastou de pois infinito dinheiro em armadas por aquelles rios, como em seu lu- gar mais largamente diremos.

Isto foi sempre muito ordina- rio, pouparem (como diz o adão velho) os favelos, & derramarem a farinha: por que estas cousas, nẽ outras desta sorte, não empobres- sem o Rey, antes o enriqueessem mais. E sempre foi muito antigo enganarem se os Reys com lhe es- creuerem que lhe acrescentaõ a fa- zenda, encobrindo lhe as perdas & danos que por essa causa & por outras

outras lhe daõ . E deixando esta materia, primeiro que tratemos das cousas de Diu, nos pareceo bẽ darmos relaçaõ das de Ceilaõ, por naõ largarmos das maõs Mar tim Afonso de Sousa: & ja que está vitorioso, sigamos sua fortuna a te o cabo, & depois tornaremos as cousas que trataremos de por si pollas naõ misturarmos.

CAPITULO V.

*Da antiguidade da pouoação da ilha de Ceilaõ: do principio & origem dos seus Reys, & de todos os que teue a te Bonoega Bao pandar, que neste anno de trinta & sete reinaua.*



A que nos cabe aqui entrar com as guerras de Ceilaõ (que des que descobrimos aquella ilha foi sempre ao estado da India outro Carthago a Roma: por que pouco & pouco a foi consumindo em despezas, gente, & artelharia. Tanto, que ella só tem gastado com suas guerras mais que todas as outras conquistas deste Oriete) sera bem darmos rezaõ do principio de sua pouoação, & da origem dos seus Reys, coisa de que a te gora ninguem escreueo senaõ nos, o que nos custou muito aueriguar

por suas proprias escrituras, que chamamos em maõs d'alguns Principes d'aquella ilha que vieraõ a esta cidade de Goa.

Pello que se a de saber que perto de quinhentos annos antes da vinda de Christo, reinando no reino de Ajota (a que oje chamamos Tanaçarim) vm Rey gentio, que entaõ possuy a mayor imperio do Oriente: por que tinha debaixo do seu cetro tudo o que jaz da ribeira do Gange a te Cochim, China, & pello ferto a te qual corenta graos do Norte. Este Rey tinha vm filho chamado Vigia Raya herdeiro do reino, taõ auesso, & de taõ estragada natureza, que em todos os senhorios do pay lhe naõ escapaua molher casada, ou donzella que desejasse, que lhe naõ fosse logo trazida, afrontandoas, & deshonorandoas: matando & espedaçando a todos os que lho queriaõ defender: vsando outras deshumanidades brutaes: com o que escandalizou tanto a todos, que de ja o naõ poderem soffrer, se ajuntaraõ os pouos & foraõ clamar ao pay, & a pedirhe justiça de tantas afrontas & cruezas. E como elle estaua escandalizado do filho, por lhe naõ ver emmenda, nem sentir inclinação pera o bem, tendo ja muitas vezes amoestado: mãdou em segredo negociar muitas embarcaçoens, & meterlhes dentro mantimentos & cousas necessarias, & tendo tudo prestes, tomou o

filho

filho de sobre salto, & o embarcou com sete centos mancebos de sua idade, & de sua criação, que nas suas torpezas todos lhe foraõ sempre companheiros: porque era costume naquelle reino o dia que nacia o filho herdeiro, mandar Elrey por todos os reinos que tinha escreuer & matricular todos os filhos machos, que no mesmo dia naceraõ, que traziaõ á cortê de sete annos por diante pera serem criados em companhia do Principe: & o dia em que este naceo, se achou hũa grãde soma delles, de q̄ setecentos eraõ ainda viuos.

Depois de Elrey embarcar o filho, lhe disse: que se fosse pello mundo buscar terras que pouoasse, & que não tornasse a seu reino, por que o auia de matar a elle & a todos os mais. Partido este Principe, deu á vela, & foi á vontade dos ventos sem saber por onde ya, & em poucos dias foi auer vista de hũa ilha deserta, que he esta de Ceilaõ, que tomou pella banda de dentro, em vm porto que se chama Preaturè, que está entre Triquillimalé, & a ponta de Iafanapataõ: & desembarcando em terra ficaraõ muito satisfeitos da suavidade de seus cheiros, da brandura de seus ares, da fresquidaõ de suas ribeiras, & da fermosura de seus aruoredos, pello que determinaraõ de se deixar ali ficar, & começaraõ a fazer suas pouoaçoes. A primeira cidade que fũdaraõ foi naquella

parte da Mantota, defronte a Manar. Aqui se ficaraõ sustentando alguns tempos do muito pescando do mar, & dos rios, & das muitas & muito excelentes frutas dos matos, que todos eraõ de laranjas, limas, & limoens, & de outras differêtes sortes, mũy suaves ao cheiro, & mũy saborosas ao gosto. E pella grande fertilidade que acharaõ de tudo, poseraõ nome áquella ilha Lancao, que he vocabulo que vem a responder ao paraíso terreal. Este foi o primeiro nome que teue, & o seu verdadeiro que ainda conserua.

Auendo alguns meses que estes estrangeiros ali estauaõ, foraõ ter áquella ilha hũas embarcaçoes da outra costa á pescaria dos aljofres (de que ali ha grande quantidade) & vindo á falla com os que nellas yaõ, souberaõ serem de vm reino, que ficaua da outra banda da terra firme, vm dia de caminho, em que reinaua vm senhor chamado Cholca Raya, & tomãdo a informação do seu estado & poder, tratou o Principe de se apartar com elle. Pello que despedio nas mesmas embarcaçoes alguns embaixadores, por que lhe mandou pedir que pois ficauaõ taõ vezinhos, ouuesse por bem que se cõmunicassem, & se ajuntassem em parentesco, dandolhe hũa filha em casamento, & algũas outras de pessoas nobres de seus reinos, pera molheres d'aquelles homens, que trazia

trazia em sua companhia. Estes embaixadores chegaram á outra costa, & foraõ leuados a Elrey, que os recebeu bem: & sabendo do Principe, & cujo filho era (por ser o pay muito conhecido por todo o Oriente) ouuesse por ditoso em se querer aparentar cõ elle, respõdendolhe a proposito, & mandandolhe fazer muitos comprimentos. E depois de passarem visitas de parte a parte, lhe mandou hũa filha pera elle, muito bem acompanhada de donas & donzellas, & hũa soma de outras filhas de homens nobres pera os da sua companhia celebrandosse as vodas entre todos com grandes solennidades, dali por diante continuaraõ, & communicaraõ d'hũa parte a outra: passandosse muitas pessoas a viuer áquella ilha, principalmẽte os officiaes de toda a Mecanica, & agricultores cõ seus arados, sementes, gados, & todas as mais cousas necessarias pera a vida humana. Cõ isto se começou aquella ilha a engrandecer, & a pouoar pello fertoã de manẽra, que fizeram grãdes & fermosas cidades, & pouoaçoens.

E por que aquellas gentes ali foraõ degradadas, lhes chamaraõ os da outra costa, Gallas, que he o mesmo que desterradas. Vendo aquelle Principe como as cousas d'aquella ilha creciaõ tanto, se intitidou por Emperador da ilha Lancao: posto que tambem os

estranhos lhe chamaraõ Illenãre, que em lingoa Malauar quer dizer, o reino da ilha que he o segũdo nome que teue. E como estes desterrados falauaõ a lingoa Tanaçarim, que era sua propria, depois que se ajuntaraõ por casamẽtos com as molheres da outra costa, que falauaõ Malauar (que he a mais vsada que ha naquella costa do Canará) misturandosse estas lingoa ambas, vieraõ a formar a que oje vsaõ, posto que os mais falaõ Malauar estreme. Viueo este Rey vinte & cinco annos, & por naõ ter filhos deixou o reino a vnu seu irmaõ, que em sua vida mandou pedir ao pay: porque logo, tãto que assentou viuenda naquella terra, se communicaraõ & comerciaraõ vns cos outros.

Este irmaõ, que lhe socedeo: viuie muitos filhos, em cujos descendentes andou aquelle reino nouecentos annos sem sair da linha. Passados elles, foi ter a poder d'vnu chamado Dambadine pandar pra cura mabago, ou bao, de quem logo trataremos. Daqui por diante começou esta ilha a ser famosa no mundo, pella muita & muito fina canella que seus matos daõ.

E como os Chins foraõ os primeiros que nauegaraõ pello Oriente, tendo noticia da canella, acodiaraõ muitos luncos áquella ilha a carregar della, & dali a leuaraõ aos portos de Persia, & da Arabia donde passou a Europa, como adiante milhor

milhor diremos. Assim ficou esta ilha tão continuada dos Iuncos Chins, que todos os annos yão a ella grãde copia delles, de q̃ se deixaraõ ficar muitos Chins na terra, & se misturaraõ por casamentos com os naturaes: d'antre quem nace-raõ vns mestiços, que se ficaraõ chamando Cim Gallás, ajuntando o nome dos naturaes, q̃ eraõ Gal-las, aos dos Chins, cujo proprio no-me he, Cim, & formaraõ aquelle q̃ oje corruptamente chamamos Chingallas: q̃ vieraõ por tempos a ser tão famosos, que deraõ o seu nome a todos os da ilha.

E assim como procedê dos Chins, que saõ os mais falsos Gentios do Oriente, & dos degradados q̃ fo-raõ lançados de suas proprias ter-ras, por maos & crueis: assim saõ to-dos os desta ilha os mais fracos, falsos, & enganosos que ha em to-da a India. Por que nunca a te oje em Chingalla se achou fe, né ver-dade. E como os Chins ficaraõ continuado o comercio desta ilha, & saõ maos (como dissemos) foi ali ter hũa armada sua sendo Rey Dambadine pandar, que acima nomeamos, & não se receãdo del-las os da terra, o dia que se quise-raõ embarcar, catiuraraõ o Rey, & saquearaõ lhe a cidade, & leuan-do della muito grossos tisouros se foraõ pera a China, & apresen-taraõ o Rey catiuo ao seu. Isto sintio elle muito pella traição que seus vassallos fizeraõ a um Rey

que os agazalhaua na sua terra: & logo lhes mandou que sob pe-na de morte o tornassem a por em seu reino, pera o que mandou ordenar hũa armada em que o embarcou muito honradamente. E deixaloemos por hora a te tor-nar a elle.

Tinha este Rey catiuo hũa filha viuua, que com dous filhos mini-nos que tinha, quis sua ventura q̃ escapasse aos Chins o dia do sacó, & com elles se foi recolhendo pera esse fertoão. Embarcados os Chins como não ficou filho ao Rey, lan-çou mão do reino um Gentio cha-mado Alagexere, a quem o mes-mo Rey tinha dado o governo do reino. Este vendosse naquelle estado, fazendo a cobiça de reinar seu officio, trabalhou muito por auer a Princesa com os Principes as maõs pera os matar, & ficar se-guro no reino. Esta senhora foi auisada deste negocio, & queren-do segurar os filhos, passouse com elles as partes de Ceitauaca em trajos mudados, & em tanto segre-do, que se não fiou de pessoa al-gũa. Ali se deixou estar sustentan-do os filhos pobremente. O trai-dor auendo os moços por mortos, coroouse por Emperador de toda a ilha. E auendo pouco mais de dous annos q̃ governaua, chegou a armada da China q̃ trazia o seu Rey, & foi tomar o porto de Colú-bo: O tyrãno o foi receber cõ mo-  
C a cida-

a cidade aquella noite o matou, ficando elle Rey, em que viuêo dez annos. Deste tyrão não ficaram filhos, & ficou o governo do reino a um Chagatar, homem sabio, & moralmente virtuoso. Este a primeira cousa que fez foi, mandar buscar os Principes que andauão desterrados ja sem mãy: & sendo trazidos diante d'elle os recebeu como senhores, jurando logo por Emperador o mais velho que se chamaua Maha Pracura Mabago, que ja seria de dezaseis annos, & o casou com hũa filha do senhor de Candia seu vassallo & parente: & ao outro irmão, que se chamaua Madune Pracura Mabago, deu Elrey o estado das quatro Corlas. Este Maha Pracura mudou sua corte para a cidade da Cota, que fundou de nouo pella mesma maneira & occasião que os Reys do Decan tão depois fundarão a cidade de Xarbedar, como diffemos no coarto capitolo do liuro decimo da coarta de cada, do tempo em que os Mouros conquistaram o Decan: & ordenou que todos os seus herdeiros se coroassem nella pella engrãdecer. Este Rey não teve filho macho, mas teve hũa filha que foi casada com Cholca Raya da geração dos antigos Reys, de que teve um filho que o auô jurou por herdeiro do reino. No tempo deste foi ter á cidade da Cota um Panical da outra costa, da casta daquelles Reys, homem de grande esforço & conselho, que Elrey aga-

salhou, & o casou com hũa mulher principal, de que ouue dous filhos & hũa filha: estes moços se foram criar do em companhia do Principe, com quem tambem andaua um primo com irmão destes moços, filho de hũa irmã de sua mãy. Estes tres moços vieram a crescer & a ter tanta posse no reino, que sentio Elrey nelles hũa alteração de animo, de quem receou que por sua morte lhe matassem o neto. E dissimulando com isto, tratou de os diuidir como fez: mandando aos dous irmãos que lhe fossem sojeitar o reino de Iafanapatao, que lhe estava rebellado, dando ao mais velho, que se chamaua Quêba Permal, titulo de Rey d'aquelle estado, com obrigação de vassalagem. Este homem, que era muito grande cavaleiro, & do mor corpo & forças que auia naquella seu tempo, em poucos dias se senhoreou d'aquelle estado.

O Emperador Maha Pracura Mabago Pandar socedendo no estado auêdo anno & meyo que este reinou, faleceu o tio senhor das Corlas: Elrey deu aqulle estado ao irmão do Rey de Iafanapatao. Este Emperador Iaurá casou com hũa princesa das sete Corlas, que era do sangue real ja viuua, de quem ouue um filho que nasceu doudo, & hũa filha de que as suas chronicas não falam, por que deuia de falcer minina. Este Rey viuêo poucos annos, & hũa sua irmã chamada

mada Manica pandar, tomando o sobrinho doudo nos braços, o fez jurar por Rey, & a ella por titora & governadora do reino, que era muito prudente & varonil. A uendo dous annos que esta senhora governaua o reino vêdo q̄ era necessario Rey varaõ, por que auia ja algũas alteraçõs, & o sobrinho era incapaz do reinõ, mandou com muita pressa chamar Quebá Permal Rey de Iafanapataõ pera lhe dar o reino, por ser o mais valeroso de todos os Principes da ilha. Isto foi ter as orelhas do irmão Rey das Corlas, que acodio logo a este negocio pretendendo o reino pera si. Mas como o irmão chegou, posto q̄ tiueraõ muitas diferenças, ficou Quebá permal Rey, & mudando o nome se chamou dali por diãte Boenegabao pandar, q̄ quer dizer Rey por força de braço. Este casou cõ hũa molher fidalga, que lhe Elrey de Cãdia deu por molher, dizêdo q̄ era sua filha, não no sendo: mas nomeauaa por essa pella criar de minina. Desta ouue vm filho chamado Caipura pandar, que por morte do pay ficou herdando o Reino. Este não foi coroado mais de coatro vezes (porq̄ costumauã aquelles Reys coroar-se cada anno hũa vez no proprio dia em q̄ a primeira foraõ coroados: & por aqui se contaõ os annos do seu gouerno, pellas vezes que foraõ coroados.) Assim este sendo ja coroado coatro vezes, o

matou o Rey das Corlas, & se levantou por força por Emperador, & mudou o nome chamandosse Iauira pracura Mabagó pandar. Este tinha ja coatro filhos, & não foi coroado mais que tres vezes. Por sua morte socedeo no Imperio o filho mais velho, chamado, Drama pracura Mabagó, que casou com hũa senhora da casta dos antigos Reys, de quem ouue tres filhos.

Neste tempo faleceo vm dos irmãos d'Elrey a que ficaraõ coatro filhos, & duas filhas, & a mãy se casou com outro irmão do marido, chamado Boenegabo pãdar, que era senhor de Reigaõ. Este Rey depois de ser coroado oito vezes, faleceo deixando tres filhos mininos, de que o tio lançou mão, & em segredo os matou, ficãdolhe a elle so o direito do reino, coroadosse logo por Emperador, criãdo em sua casa os tres enteados que dissemos, que tambem eraõ seus sobrinhos filhos de seu irmão, que se chamauã Boenegabo pandar, que era o mais velho, & o segundo Reigaõ pandar, & o terceiro Madune pandar.

Em tempo deste Rey Boenegabo pandar, foi dom Lourço d'Almeida, filho do Visorrey dõ Francisco d'Almeida nos annos do Senhor de mil quinhentos & cinco, ter áquella ilha, & mãdãdo a terra fazer agoa & lenha, lha quiseraõ defender: pello q̄ mandou a tirar

dos Galeoens algúas bombardadas como q̄ os espantou de maneira, que se meteraõ pello sertão por não serem aquelles naturaes costumados a ouuir aquelle nouo estrôdo pera elles. Por q̄ neste tempo nem hũa só espingarda auia em toda a ilha: & depois que nos entramos nella, com o contino vso da guerra q̄ lhe fizemos, se fizeraõ taõ destros como oje estaõ, & a fũdirem a melhor & mais fermosa artelharia do mũdo: & a fazerem as mais fermosas espingardas & milhores que as nossas, de que oje ha na ilha de ventagem de vinte mil. Esta era a rezaõ por que Scipiaõ era de parecer que se não fizesse sempre guerra a hũa mesma naçaõ, por que se não fizessent destros, como o nos temos feito aos Chingalas & Malauares, q̄ pello contino vso, o estaõ oje mais que todas as naçoens do Oriente: & assi nos tem dado mais trabalho ao estado que todas.

E tornando a nossa ordem, tanto que este Rey soube da armada Portuguesa que estava em seu porto, foi o seu medo tamanho, que mandou cometer pazes a dom Lourenço, & a offerecer vassalagẽ que se lhe aceitou com coãtrocẽtos bares de canella, que sãõ mil & duzentos quintaes de pareas cada anno. Foraõ estes tres iffantes sobrinhos & enteados deste Rey crescendo & fazendosse homens, começandosse o tio & padraõto a

pejar tanto com elles, que tratou de os matar, como ja fizera a outros tres sobrinhos primos comirmaõs destes: mas não faltou quem auisasse os moços, pello q̄ fogiraõ á ira do tio pera o reino de Candia. Dali có o fauor d'aquelle Rey, & de outros senhores sairaõ com grandes exercitos, & deraõ na Cota, matando o tio & tomandolhe o reino. E como nestes ainda a inueja & cobiça não tinha lugar por ser ainda aquelle negocio em fresco, repartiraõ entre si o Imperio, ficando ao mais velho, que se chamaua Boenegabágo pandar, o reino da Cota que era a cabeça: & ao do meyo, que se chamaua Reigaõ pandar, lhe coube o reino de Reigaõ com aquella cidade onde primeiro foi cabeça do Imperio. Ao mais moço chamado Madune pandar lhe ficou a cidade de Ceitauaca com seus termos, iurandosse todos tres por Reys d'aquillo que lhes coube. O da Cota casou com hũa bisnetta d'Elrey Iaurá pracura Mabaço. Depois que socdeo a repartição destes reinos, foi ter a esta ilha o Governador Lopo Soarez nos annos do Senhor de mil, quinhẽtos, & de setete, & fez a fortaleza de Colũbo, ficando aquelle Rey da Cota renouado a vassalagem com obrigaçãõ de trezentos bares de canella, & doze aneis de Rubis & Safiras, & seis Alifantes pera o seruiço da ribeira de Cochim.

Estas pareas se pagaraõ alguns annos, a te de todo se perderem, como em seu lugar mais largamente diremos.

## CAPITVLO VI.

*De como o Madune Rey de Ceitauaca tratou de tomar o reino ao irmão mais velho com o fauor do Camorim, que pera isso lhe mandou hũa grossa armada. E de como Martin Afonso de Sousa teue auiso della, e afoi buscar, e a destruiu de todo, e passou a Ceilaõ.*



**F**ICARAM estes tres irmãos em seus estados alguns annos, mas o Madune mais moço assi como foi crescendo em idade, assi o foi fazendo em cobiça, desejando summamente de sobir á monarchia d'aquella ilha, intétando modos, & ardis pera isso. E o melhor que lhe pareceo foi, pretender matar o irmão mais velho, por que cõ o outro tinha pouco que fazer. Andando com estas imaginações socedco irem este Agosto passado vns sete paraos de Malauares a tempo que Nuno Freire d'Andrade, Alcaide mór & feitor d'aquelle porto estaua na Cota com Elrey,

tendo em sua companhia sete ou oito Portugueses, que Elrey tinha muito mimosos, por que era muito amigo de todos. Os Mouros dos Paraos, como eraõ soberbos, mandaraõ pedir a Elrey que logo lhes mandasse todos aquelles Portugueses. Tomado Elrey disto, disse que si: & dando conta do negocio a Nuno Freire d'Andrade lhe disse, que elle queria mandar alguns capitaes a que elles chamaõ Modeliares, a dar nos Malauares, & castigalos por aquelle atreuimento. Nuno Freire lhe pedio de merce aquella jornada, pello que tambem lhe tocua a elle: Elle lha deu, dandolhe Sam lupur Arache com seis centos homés: Nuno Freire com esses poucos Portugueses q̃ tinha partio no coarto d'aluia, & foi amanhecer sobre Columbo, tomando os Malauares em terra descuidados, & dando nelles fez hũa grande matança, & os que poderaõ escapar vns se lançaraõ ao mar & se recolheraõ aos nauios, outros se meteraõ por esse sertão & foraõ parar em Ceitauaca. Os do mar se recolheraõ a tres dos nauios & se foraõ: ficando os quatro em poder dos nossos com todo o seu recheyo. Deste caso se escandalizou tão o Madune Rey de Ceitauaca contra o irmão, que depois de recolher os Malauares, dando-lhe conta de como determinaua de fazer guerra ao irmão Rey da Cota, lhe differaõ elles que mandasse

dasse pedir socorro ao Camorim, & que como elle lho mandasse, aueria pouco que fazer naquelle negocio, offerendosse-lhes elles pera lhe encaminharem seus embaixadores. O Madune com isto os despedio logo com pessoas principaes, que pera isso escolheo: por quem mandou peças ricas ao Camorim, & pera os seus regedores, pedindolhe hũa boa armada, pera o que pagaria os gastos muito a seu gosto.

Estes embaixadores recebeo o Camorim bem, & persuadido dos Mouros, & vencido do interesse, mandou recolher os nauios que andauão fora, & armar outros cõ muita pressa, & per fez o numero de corenta & cinco, em que mandou embarcar dous mil homens: & fez capitaõ desta armada a Ali Abrahem Marcá, Mouro grande coffairo & muito caualeiro. Esta armada chegou a Columbo na entrada de Outubro passado: & como o Madune estaua ja prestes cõ grandes exercitos, ajuntandose os Mouros com elle, abalaraõ contra a cidade da Cota pondolhe cerco a roda.

*Descripção da cidade da Cota.*

Esta cidade está situada em meyo d'hũa fermosa alagoa, & tem vm só passo estreito por onde se serue: que por ordem de Nuno Freire tinha fortificado com vm Baluarte, & tranqueiras, em que se

pós a artelharia que tomaraõ dos Paros: & por derredor da cidade ordenaraõ muitas embarcaçoens pera defenderem os imigos, se quisessem passar a ella ou em outras, ou em jangadas. E a primeira couza que Elrey fez, foi despedir recado mûy apressado ao Governador, em que lhe daua conta do risco & perigo em que ficaua, pedindolhe o mandasse socorrer, pois era vassallo d'Elrey de Portugal: & outro pera Martim Afonso de Sousa, q̃ sabia estaua em Cochim, em que lhe pedia pois estaua com a armada á maõ, o fosse liurar do poder d'aquelles imigos. O Madune continuou o cerco dando grandissimos assaltos, & cometêdo os passos muitas vezes, que lhe foraõ valerosamête defendidos, sendo os poucos Portugueses que auia os que se apresentaraõ a todos os perigos, onde fizeraõ espantosas caualarias, sendo todos feridos muitas vezes, a que Elrey logo acodia, & mandaua curar como sua propria pessoa, por ter nelles o principal remedio de sua defensão: E assi se foi o cerco dilatando por espaço de tres meses, em que ouue casos dinos de memoria.

O inuiado d'Elrey, que ya com o recado ao Governador, chegou a Cochim, onde achou o capitaõ mór do mar Martim Afonso de Sousa, a quem deu as cartas d'Elrey, & de Nuno Freire, presentandolhe o aperto em que Elrey ficaua.

caua. Vendo o capitaõ mór que era obrigação forçada soccorrer áquelle Rey, & mais estando co a mão folgada da grande vitoria de Repelim, negociouse com muita pressa: & deixando as Galés na costa do Malauar, com as Fustas se fez na volta do cabo de Comorim ja em Feuereiro. Dali foi correndo a costa a te os baixos de Manar (que tambem se chamaõ de Chilao) & atraueffou a outra bãda: & tomando a costa de Ceilaõ na mão foi demandar Columbo. Os Malauares tanto que a nossa armada partio de Cochim, logo foraõ auisados, & receandosse perderem os nauios, despediraõse do Madune: & embarcandosse nelles, atraueffaraõ logo a outra costa. O Madune aleuantou tambẽ o cerco, & mandou reconciliarse com o irmão primeiro que a armada chegasse. Quando Martim Afonso de Sousa chegou a Colúbo, auia quasi dez dias que os Malauares eraõ partidos, & ali soube estarem ja os irmãos concertados & amigos: & ja que estaua ali quis verse com Elrey, & partio pera a Cota onde elle o recebeu mūy bê, & Martim Afonso o animou, & esforçou contra o irmão dizendo-lhe, que a todo o tempo que lhe fosse necessario, teria o soccorro dos Portugueses mūy certo. Elrey estimou muito ver áquelle amor & diligencia com que os Portugueses acodiaõ a suas cousas, tẽdo

com o capitaõ mór grandes palauras & comprimentos, dandolhe peças & brincos, assi a elle como a os capitaens da sua companhia. Martim Afonso de Sousa vendo que naõ tinha ali mais que fazer, se despedio d'Elrey, & passouse á outra costa, & em breues dias chegou ao Malauar, onde teue por nouas que naõ eraõ os Paraos ainda recolhidos, pello que os andou esperando ao recolher, lançandolhes suas espias.

Poucos dias depois de sua chegada, socedeo andarem apartadas duas fustas de sua companhia, de que eraõ capitaens Francisco de Mello Pereira, & Ioaõ de Sousa Rates, irmão de Thomé de Sousa veador que foi d'Elrey dõ Ioaõ. Estes tanto auante como Monte Deli, ouueraõ vista de vm Parao de Malauares, & correndoo o alcançaraõ & tomaraõ: & dos Mouros delle souberaõ, que a armada de Ali Abraham Marca estaua em Mangalor, & cõ aquellas nouas foraõ buscar o capitaõ mór & lhas deraõ. Tanto que Martim Afonso de Sousa o soube, ajūtou logo sua armada & voltou em busca do imigo. Indo com ella vm pouco afastado da terra, tanto auante como Coulete, ouueraõ vista da armada do imigo, que vinha á vela com o Noroeste despregada, & tomando as armas fazendo sua armada em dous batalhoens os foi demandar. Os imi-

gos tanto que conheceraõ a nossa armada Portugueza, voltaraõ pera a terra com tençaõ de se salvarem nella: mas os nossos nauios ligeiros apertando o remo os atalharaõ, & ferrando com alguns os embaraçaraõ a te chegar toda a armada, que desparou nos inimigos sua moniçaõ, metendolhes logo alguns no fundo, & desaparelhando outros: baralhandosse todos os mais, trauandosse hũa ferosa batalha que durou pouco: porque logo todos se desbarataraõ, rendendo vns, & varando os outros em terra, perdendosse mais de mil & duzentos Mouros, com muito pouca perda da nossa parte, com que a vitoria ficou sendo mais ferosa. O Camorim ficou co a perda desta armada mûy desbaratado & quebratado: & os Mouros de Calecut mûy pobres, por que elles forãõ os armadores dos mais dos nauios. Todo o mais resto do veraõ andou Martim Afonso de Sousa na costa a te ser tempo de se recolher. E por aqui cõcluimos com as cousas deste veraõ, que nos pareceo melhor contar as do Malauar juntas, por nos ficar todo o mais tempo pera as de Camarud baya, pellas não miõq uir sturarmos.

CAPITULO VII.

*Das varias opinioens que ouue entre os Geographos sobre*

*qual seja a Tapobrana de Phtolomeo: & das rezoens que damos pera ser esta ilha de Ceilaõ: & dos nomes que sua canella tem antre todas as naçoens.*



**P**RIMEIRO que entremos em outras materias, ja que estamos com as mãos nas cousas de Ceilaõ,

& mostramos o principio de sua pouoçaõ, & origem de seus Reys, & nomes que os naturacs lhe deraõ, sera rezaõ que digamos tambem os que teue antre os estrãgeiros, & que mostremos como he esta a verdadeira Tapobrana de Phtolomeo: sobre o que ouue tanta confusaõ antre os Geographos, & as rezoens por que todos cuidaraõ ser esta a ilha de Camatra. Plinio falando da Tapobrana diz que he de seis mil estadios de comprido, & cinco mil de largo, & que quasi era tida por vno nouo mundo: & que em tempo do Emperador Claudio se descobrira, & que vno Rey d'aquella ilha lhe mandara embaixadores, & que as naos que a yaõ demandar, não se regiaõ nem gouernauãõ por Estrella, por que não viaõ os Polos.

Estribaõ falando da Tapobrana, a faz do tamanho que a faz Plinio. Onesicrito capitaõ de Alexandre

dre Magno, que nauegou esta costa da India, diz que a Tapobrana he de cinco mil estadios, sem dizer se he de largura, se de comprimento, & que estaua apartada dos pouos Prasis sobre o Ganges, nauegação de vinte jornadas: & que antre a India & ella auia outras muitas ilhas, mas que esta mais q̄ todas estaua pera o meyo dia.

Arriano autor Grego no tratando que fez da nauegação da India, diz que quem partir da costa de Comora & Poduca, iria ter a hũa ilha que estaua ao Ponente chamada Pallefimonda, & dos antigos, Tapobrana, que todos tinhaõ por vm nouo mundo, & em seu tempo fora muito conhecida, & que nella se criauão os mayores & milhores Alifantes de todos os da India.

Erastróthenes autor Grego, diz q̄ a ilha Tapobrana está no mar de Eoo antre o Oriete & occidete, ao encôtro da India por vinte jornadas de nauegação da Persia. Ptholomeo nas suas tauoas mete a ilha Tapobrana na costa da India defronte ao Comori promontorio, que situa em treze graos & meyo do Norte. E Plinio lhe chama Colaicum Promontorium, & que antes delle se chamaua, Simóda: mas que no seu tempo se nomeaua por Salica, & seus naturaes por Salim, & que tinha de comprimento noucentas & trinta milhas, que são duzentas & dez legoas das nossas:

& que nella nacia muito arroz, mel, gengiure, berillo, jacintho, & outras muitas sortes de pedras & metaes, que so ha na ilha de Ceilaõ.

Vamos aos Geografos que fazem esta Tapobrana a ilha de Camatra. Micer Pogio Florentino Secretario do Papa, homem douto que escreueo por mandado do santo Pontifice a viagem que Nicolao de Conti Venezeano fez por terra por toda a India ate o Cathayo, diz nella, que fora ter este Venezeano a Camatra antigamente Tapobrana.

Maximiliano Transsiluano, varão tambem douto & Secretario d'vm Emperador, em hũa carta q̄ escreueo ao Cardeal Sauleburgense, em que lhe daua conta das primeiras vjagens que os Portugueses fizeraõ á India, diz que foraõ ter as prayas de Calecut, & dali a Camatra, que antigamente se chamaua Tapobrana.

Benedeto Bordone no seu Insulario diz, que a ilha de Madagáscar (que he a de São Lourenço) estaua ao Ponente de Ceilaõ mil & trezentas milhas: & ao Sul da Tapobrana mil & oirenta. E outros muitos Geografos, que tem o mesmo, que deixamos por escusar prolixidades.

So o nosso grande Ioão de Barros homem doutissimo na Geografia falando nas suas decadas na ilha de Ceilaõ, diz que he a Tapobrana

pobrana de Ptholomeo, como mais largaméte prouaua nas suas tauoas da Geografia, q̄ depois de sua morte desapareceraõ, que foi perda muito notauel. E posto que bastaua esta sua autoridade pera proua bastante de ser Ceilaõ Tapobrana, & metella Ptholomeo do Gange pera dentro na costa da India (o que se não pode entender de Camatra, que está do Gange tanto pera fora: todauia examinaremos os Geografos antigos que nomeamos & mostraremos como todos falaõ de Ceilaõ, & não de Camatra.

Plinio diz, que a Tapobrana he de seis mil estadios de comprido, que são duzentas & dez legoas, & que no tépo do Emperador Claudio fora descuberta por vñ liberto de Anio Poclano, que andando ao longo de Arabia em vñ nauio, fora arrebatado dos Ponentes & em quinze dias passara alem da Carmania, & chegara a Tapobrana, & que aquelle Rey o agasalhara mñy bem, & elle lhe dera algũas moedas que leuaua, das que em Roma corriaõ, que tinhaõ a imagem do Emperador esculpida: & que Elrey mandara cõ elle seus embaixadores a visitar aquelle Emperador.

Por todas estas cousas auemos de prouar ser esta a ilha de Ceilaõ. Quanto á grandeza da ilha he a mesma q̄ Ptholomeo lhe dá, por que em suas tauoas lança a te pas-

far a Equinocial dous graos da banda do Sul: por que parece que em seu tempo teue a mesma grandura. E os naturaes affirmaõ, & té por muito aueriguado por suas escrituras, que ja esta ilha fora tamanha, que pegara co as ilhas de Maldiuua, & que por tempos a gastara o mar por aquella parte cobrindoa da maneira que se oje ve: & que as partes mais altas ficaraõ separadas em muitas ilhas, como oje estaõ lançadas todas em hñ corda pello rumo, a que os mareantes chamaõ, Noroeste, Sueste, em que affirma auer mais de treze mil ilhas. E ja em tempo do mesmo Ptholomeo, que concorre nos annos do Senhor, cento corenta & tres, parece que o mar começaua a fazer este estrago: por que diz que derredor da Tapobrana auia mil, trezentas, setenta & oito ilhas. E ser leuado o Liberto de Anio dos ventos des da Arabia em quinze dias a te Tapobrana, mñy claramente se ve falar de Ceilaõ, que está quinhentas legoas da costa de Arabia, que he o mais que em quinze dias podiaõ nauegar: E esta ilha está na costa da India alem da Carmania, & Camatra esta fora de toda a India, & além do Gange muitas legoas. E so pera ir de Ceilaõ a Camatra, ha mister outros quinze dias de ventos em popa. E sobre todas estas rezoes, achamos oje em Ceilaõ sinais de edificios Romanos, que parece

parece que ja tiueraõ communi-  
cação naquella ilha. E ainda dize-  
mos mais, que se acharaõ nella as  
mesmas moedas q̄ este Liberto  
leuou: sêdo capitaõ de Manar em  
Ceilaõ Ioaõ de Mello de Saõ Pa-  
yo nos annos do Senhor de seten-  
ta & coatro, ou setenta & cinco, a-  
brindosse hũs edificios que estaõ  
da outra banda, nas terras que cha-  
maõ Matota, a onde ainda oje a-  
parecem muito grandes ruinas a  
partes de obra Romana de cantaria:  
& andando hũs trabalhadores  
tirando pedra, deraõ em o fundo  
de vm pedaço de alicesse, & reuol-  
uendo, acharaõ hũa cadea de fer-  
ro de taõ estranha feiçãõ: que naõ  
ouue em toda a India official, que  
se atreuesse a fazer outra como el-  
la. E assi acharaõ duas moedas de  
cobre, hũa toda gastada, & outra  
de ouro baixo, tambem gastada de  
hũa banda, & da outra se enxerga-  
ua ainda vm vulto de vm homẽ,  
dos peitos pera cima, com vm pe-  
daço de letreiro á roda, gastado  
em algũas partes, mas ainda se en-  
xergaua claramente no começo  
esta letra C. E as continêtes gasta-  
das, & voltaua á roda o letreiro em  
que se viaõ estoutras letras R. M.  
N. R̄. Esta cadea, & medalhas fo-  
raõ leuadas a Ioaõ de Mello, que  
as estimou muito, & as leuaua pera  
o reino, pera as dar a Elrey, & per-  
deosse no mar o anno de no-  
uenta que ya na nao Saõ Bernar-  
do, em companhia de Manoel

de Sousa Coutinho, q̄ acabara de  
ser Governador da India, q̄ ya na  
nao bom Iesus. E cousa he possi-  
uel, que fossem estas moedas das  
que ali leuou o Liberto de Anio,  
& que nos seis meses que esteue  
naquella ilha, daria ordẽm áquel-  
les edificios ao vso Romano, & q̄  
lançaria nos fundamentos aquel-  
las moedas (cousa mũy ordinaria  
em toda a Europa.) E considerã-  
do nós as letras da moeda, & tẽdo  
lido muitos letreiros antigos, nos  
parecẽ que esta letra C. he a pri-  
meira do nome de Claudio, & q̄  
nas continentes & q̄ estauaõ ja ga-  
stadas auia de dizer, Imperator,  
porque as outras R. M. N. R̄. cla-  
ramente se vé dizer, Romanorũ.

Outra moeda se achou como  
esta, nas Indias de Castella, que  
descobrio Pedro Colon, (segun-  
do refere Lucio Marino Ciculo,  
no liuro das cousas memorauais  
de Espanha, na vida dos Reys Ca-  
tholicos) andandosse abrindo ou-  
tros alicesses como estes, que tinha  
a imagem de Cesar Augusto: Esta  
moeda ouue dom Ioaõ Rufo, Ar-  
çebispo de Cuenca, & a mandou  
ao Summo Pontifice: Do que Lu-  
cio Marino infirio, q̄ os Romanos  
nauegaraõ ja pera aquellas partes.

E tornando a nossa ordẽm, se  
he verdade o que diz Hector de  
Laguna; que em tempo do Papa  
Paulo, fora achado vm pao de ca-  
nella (que estaua em Roma guar-  
dado como cousa preciosa) o que  
por

por um letrado que tinha, se via que ficara do tempo do Emperador Arcadio, filho de Theodosio, que succedeo no Imperio os annos do Senhor, de trezentos, nouenta & sete: que foi, cento & vinte & seis annos depois de Claudio, que imperou nos de duzentos setenta & um. Bem podia ser fosse leuada de presente por aquelles embaixadores que foraõ com o Liberto.

E deixando Plinio vamos ao Nisecrito. Diz este, que a Tapobrana era de cinco mil estadios, & que estaua apartada Brasís sobre o Gange, por nauegação de vinte jornadas: & que antre a India, & elle, auia muitas ilhas, mas que estaua esta mais que todas pera o meyo dia. Quanto ao tamanho, conforma com Ptholomeo, a ser apartada do Gange, por espaço de vinte jornadas, & a auer antre ella, & a India, muitas ilhas, claramente mostra falar de Ceilaõ, porque está do Gange as mesmas jornadas, & está ao Sul de toda a costa da India, & as muitas ilhas que diz, são as de Mamale, & outras todas, de que Ptholomeo faz menção, & Camatra está ao Levante da India, muito afastada della.

Ariano autor Grego, em dizer que quem partir da costa de Comara & Poduca ao ponente, iria tomar Tapobrana, bem claro se vê falar de Ceilaõ: porque Comara & Poduca mere Ptholomeo nas suas tauoas, em quatorze graos

& meyo, na contra costa da India do promontorio Comori pera dentro, que parece ser São Thome, ou Nega pataõ. Por que que partir d'aquella costa pera ir buscar Ceilaõ, á de nauegar ao ponente, & pera Camatra ao Levante, & a ilha de Ceilaõ sabido he que cria os mayores, & milhores Alifantes de todos os da India, como o mesmo Ariano diz. E tanto he assi, que todos os outros lhe conhecem tanta superioridade, que vendo qualquer delles um de Ceilaõ, assi lhe vay fogindo como doudo, o que cada dia experimentamos nesta cidade de Goa, nos que Elrey traz na sua ribeira de diferentes terras.

Erastróthenes autor Grego, diz que a Tapobrana está no mar de Eoo, antre o Oriente, & occidente, apartada por vinte jornadas de nauegação da Persia, ao encontro da India. Este ainda fala mais claro de Ceilaõ, que está em oito graos do Norte, antre Levante & ponente. E por muito vento que hũa nao leue, não fará mais, partindo da boca do estreito Persico, que chegar nos vinte dias a Ceilaõ, que são quinhentas legoas: & Camatra não está no mar Eoo, senão debaixo da Equinocial; & por aqui temos prouado Ceilaõ ser a Tapobrana.

Vamos agora aos Geographos modernos que a fazem Camatra. Estes todos buscando esta ilha Tapo-

Tapobrana, debaixo da Equinocial onde Ptholomeo a poe (porq̄ em seu tempo, como dissemos, lançaua dous graos da banda do Sul,) & discorrendo por toda a costa da India a te alem do Gange, não achando outra senão Camatra, sem outra consideração, a fizeram Tapobrana, como tambem sem ella lançaraõ o rio Indo na enxada de Cambaya: que he erro q̄ adiante com o fauor diuino mostraremos donde naceo. E assi considerando Benedeto Bordone, aquelle lugar de Plinio, falando da Tapobrana, onde diz (Septentrion non cernitur) na annotação q̄ sobre isso faz, reprende Plinio por dizer q̄ nella se não via a estrella do Polo Arctico. Por que diz, que os que viuem na Tapobrana pera a parte do promotorio Colaicu, vem este Polo aleuantado por treze graos, & q̄ assi conforme as alturas, em q̄ os d'aquella ilha viuem, assi veraõ sua eleuação: mas que os q̄ viuião debaixo da Equinocial, nem vm polo nem outro podiaõ ver, no q̄ se encontra por que faz Camatra a Tapobrana: E esta ilha de Camatra corta a Equinocial pello meyo, & não lança de hũa parte & da outra, pera os Polos mais de cinco graos: porque os que viuem na pòta de Daya, que he a mais Septentrional, não vê aquella estrella aleuantada mais que por cinco graos, & pella mesma maneira, os q̄ viuem na outra pera a banda do

Arctico, escaçamente a enxergaõ, o que he ao contrario em Ceilaõ, por que os que viue na ponta de Iafanapataõ vem o Polo Arctico leuantado por oito graos & meyo, & os que habitaõ a ponta de Gale (que he a mais Meridional) a vem aleuantada por cinco: por onde claramente se vê ser esta a Tapobrana, que naquelle tempo se estendia a te dois graos do Sul. E que o Colaicu promontorio de Plinio, & o Comorim de Ptholomeo chegue ao cabo Comorim, por sem duuida o auemos, porque naquelle tẽpo, & muitos annos depois, o reino de Coulaõ foi o mayor de todo o Malauar, & se estedia a te quasi os baixos de Chilaõ, & como aq̄lle cabo Comorim fica ua d'aq̄lle reino, & he vm dos famosos do mundo, foi nomeado de Plinio por Colaicũ promontoriũ, como dizer, o promotorio de Coulaõ, ou do reino de Coulaõ. E chamarlhe Ptholomeo Cori promotorio, pode bẽ ser seja pello lugar de Titi Cori, que está adiante del- le, que naquelle tempo seria cou- sa grande, & continuada dos estrã- geiros, pello que lhe daria Ptho- lomeo áquelle cabo o seu nome. E por esta rezaõ & por outras que deixamos, nos parece que tambẽ esta ilha de Ceilaõ he aquella de Iambolo, de q̄ Diodoro Cicolo faz menção no fim do segundo liuro da breuição de sua historia, que Baptista Ramnufio, & outros fa-  
 D zem

zem Camatra. E não nos té dado pouco trabalho, queremos saber este nome de Tapobrana, donde teue principio, & origem, sobre o que temos dado bem de voltas: porque em toda a ilha de Ceilaó não ha porto, baya, cidade, villa, promontorio, fonte, nem rio, que tenha algũa semelhança com este nome, nem em suas Chronicas, nem nas dos Canarás, nem em lingua algũa da India tem significação algũa, nem se conhece, por onde nos parece que he nome Grego imposto por Ptholomeo, que quererá significar algũa grandeza, ou propriedade d'aquella ilha: porque tambem o nome de Ceilaó foi imposto d'aquelles baixos em que os Chins se perderão junto d'aquella ilha, que ficarão tão famosos de então pera ca, que ja se não conhecia a ilha por seu nome proprio, senão pello dos baixos: porque como os Persas, & Arabios nauegauão pera aquella ilha, & yaõ temerosos dos baixos, sempre os traziaõ na imaginação, dizendo que yaõ para Cinlaó, ou que vinhaõ de Cinlaó, que quer dizer q̄ yaõ ou vinhaõ dos baixos dos Chins: & assi mudádosse por tépos as letras se ficou chamando aquella ilha Ceilaó.

E porque cada vez que se nos offerecer pretendemos mostrar a grande corrupção que o tempo tem feito em todos os nomes proprios de cidades, reinos, rios, mon-

tes, simples, drogas, & mais cousas d'estas partes, queremos logo comecar por aqui, ja q̄ estamos nesta ilha, & dizermos todos os nomes de sua canela, assi os que lheraõ os Gregos, Latinos, Parsecos, & Arabios, como os que tem entre todas as nações do Oriente, & mostraremos a corrupção que o tempo nelles fez, do que naceo auer antre todos os Medicos grande confusão.

A canela nesta ilha onde nace a melhor de todo o oriente se chama Corundo potra, que quer dizer, aruore de casca. Os Malauares, a onde se cria a mais roim, & mais grossa lhe chamaõ Caroa potu, que he o mesmo que aruore de casca: porq̄ a casca a que os Chingallas chamaõ Corundo, dizem os Malauares Caróa. Os Arabios lhe chamaõ Carfa. Este nome anda corrupto antre os nossos Medicos, porque vns lhe chamaõ Quirse, outros Quirfa. Os Parsecos a nomeaõ por Darcin, que quer dizer pao da China: porque como os Chins foraõ os primeiros que leuaraõ ao estreito da Persia as drogas, roupás, & louçainhas do Oriente, & dali por maõs dos Persas passou tudo a Europa com os nomes que lhes elles deraõ, por onde estas cousas eraõ conhecidas, & não pellos seus proprios que em suas terras tinhaõ. Sarapio, interpreta este Darcin, & diz que quer dizer, aruore da China, porque cuidou auellas

auellas naquella prouincia, por se achar a canela em maõs dos Chins, como dissemos. Da mesma maneira se enganou Ariano, em dizer que a Casia, & Zinguir, que eraõ certas sortes de canela, que naciaõ em algũs lugares da Troglodita, & que d'ali as leuauã os mercadores a Grecia.

No mesmo erro cayo Plinio, q̄ diz que o Cinamomo, nacia na Ethiopia vizinha a Troglodita, & que aquella parte por que corria a Equinocial, era chamada dos autores antigos, Cinamomi fera: que quer dizer, terra que produz o Cinamomo, o que auia de nacer, de esta canela lhe ir ter as maõs, por via do mar roxo, pella dos mercadores Arabios que viuiaõ n'aquella parte da Troglodita, & naõ perguntando na Grecia, onde nacia esta droga, auia que se daua na terra dos Arabios, que lha leuauã: como tambem algũs escritores antigos, porque viaõ ir a canella por via de Alepo, lhe chamaraõ Cinamomo Alipitino: & por esta confusão naõ sabemos oje, que sortes de especiarias & cheiros saõ, duaca, mocroto, magla, & asiplij, de q̄ Ariano faz mēçaõ, que diz nacerem em Arabia, & em Ethiopia, nem o nicato, gabalio, & tarro, que Plinio nomea por cheiros de Arabia, onde nunca soubemos mais que encenso, estoraque, & myrrha: q̄ possiuel he se saõ estas de Plinio, nem em todas as Ethiopias ouue nũca

outra droga senaõ gengiure, & este bem roim, & só no reino de Damute.

E tornando aos nomes da canella, os Malayos lhe chamaõ, cacio manis, que em sua lingua quer dizer, pao doce: que he o caisman, ou caesmanis dos Gregos: porque parece que tambem foi ter a elles com este nome malayo, & lho corromperaõ chamandolhe tambem os Gregos, casia lignea, nome que em nenhũa naçaõ destas do Oriente achamos, inquirendo nos bem por todos os medicos. E lançando nosso juizo, nos parece que a de dizer cais lignea, que he o mesmo que pao de cais, porque antigamente, antes do reino de Ormuz se passar pera a ilha Gerum, onde oje está, era cabeça & emporium de todo aq̄lle estreito a ilha de Cais, que está adiante de Ormuz pello estreito dentro. E como naquelle tempo continuauã os mercadores da Europa naquella ilha, como oje fazem na de Ormuz, leuando d'ali a canella que os Chins lhe traziaõ, parece que em Grecia diziaõ, q̄ a leuauã da ilha de Cais, & que por isso lhe chamariaõ, cais lignea. Isto tudo dizemos debaixo da correição dos Doutores da medicina, por tocarmos em cousa de sua profissãõ, porque nossa tençaõ, naõ foi mais que moltrar a corrupçaõ que o tempo fez nos nomes da canella.

CAPITULO VIII.

*Do que passou Diogo de Mesquita na corte de Cambaya, & de como Soltaõ Badur foi a Diu, & tratou de tomar aquella fortaleza por engano. E do espantoso caso que aqui aconteceu a Manoel de Sousa, capitão da fortaleza.*



O fim da coarta decada, capitulo nono, liuro decimo demos cõta, de como o Governador Nuno da Cunha se partio pera Diu, por ser auisado q̃ Soltaõ Badur andaua com roim animo contra aquella fortaleza: & como despидira Diogo de Mesquita pera ir á corte de Cambaya visitar aquelle Rey, pera dissimuladamẽte lançar o olho ás cousas, & ver se podia alcançar sua determinação. Agora continuaremos com elle, & com as cousas de Cambaya, que guardamos pera este tempo.

Partido Diogo de Mesquita, em breues dias foi em Cãbaya, & chegou á corte onde Elrey o recebeu bem, por ser muito seu amigo. Elle o visitou da parte do Governador, dizêdolhe como ficaua em Baçaim fazêdo algũs negocios, pera dahi passar a Diu, & q̃ a primeira cousa q̃ fizera fora despedilo pe-

ra o ir visitar, & saber de sua saude, pella obrigação q̃ tinha de o fazer assi, a um Rey taõ grande amigo dos Portugueses, & de quẽ elle era tamanho seruidor. O Badur mostrou folgar muito de o ver, & da lêbrança do Governador, tendo cõ elle palauras muito hõradas. Diogo de Mesquita, deixouffe ficar algũs dias na corte, & como tinha muitos amigos, & sabia muito bẽ a lingua, em praticas q̃ teue assi cõ Elrey, como cõ seus priuados entẽdeu seu mao coração, & o pejo q̃ tinha com aquella fortaleza: q̃ era tamanho, q̃ o alcançou Diogo de Mesquita claramẽte em palauras. E ainda se affirma que Xacoes (que da jornada q̃ fez por Embaixador a Goa duas vezes, ficou muito afeiçoado aos Portugueses) lhe descobrio o odio cõ q̃ Elrey andaua: & q̃ nenhũa cousa trataua em seu animo, senão de como poderia tornar a tomar aquella fortaleza.

Depois de ter alcançado tudo o que pretendia, querendosse partir, o deteu Elrey: porque o quis leuar comsigo a te Diu, pera onde logo partio afforrado: & entrou naquella ilha, & se aposentou nos seus paços. Manoel de Sousa capitão da fortaleza, sabêdo q̃ era chegado, o foi logo visitar: porque posto que estaua ja auisado da inclinação com que ya, eralhe necessario dissimular pella necessidade em que estaua. Elrey o recebeu bẽ, & depois de passarem as palauras de

de visitaçãõ, se despedio delle, & se tornou pera a fortaleza. O Badur como esperaua cada dia pollo Governador, querendo ver se podia primeiro que elle chegasse tomar a fortaleza; pos em parecer dos seus capitães, o modo que se nifoteria: & todos assentaraõ que vissem se auia algum descuido na fortaleza, & que dandolhe o tẽpo algũa occasiãõ a naõ perdessem, & que trabalhassẽ polla entrar. Mas o capitãõ Manoel de Sousa, andaua taõ recatado, & com tanta vigilancia, que em todo aquelle tempo naõ deixou ir Portuguez algum á cidade; dando a entender que o fazia, por ciuitar defauenças antre elles, & os d'Elrey, mandando somente os seruidores, que caretauaõ a agoa & lenha, a que daua pressãõ por lhe naõ faltarem estas cousas, se socedesse algũa novidade.

Vendo o Badur o grande resguardo que auia na fortaleza, & q̃ o tempo lhe naõ daua lugar pera esperar tanto: mandou chamar os capitães, & lhes disse, que estiuessẽ prestes, porque ao outro dia auia de mandar chamar o capitãõ Portuguez, & o auia de matar, & logo auia de cometer a fortaleza: & mandou fazer prestes as cousas necessarias pera isso. Manoel de Sousa estaua bem descuidoado de tamanha traiçãõ, de q̃ elle se naõ podia liurar, se Deos naõ acodira. E sendo o coarto da Modorra rẽ-

dido, chegou hũa pessoa muito encuberta, & da ponte chamou pellos da vigia, que logo acodiraõ: & lhes disse, que chamassẽ o capitãõ á varanda de seus aposentos, porque era cousa que lhe importaua muito. Assomãdo o capitãõ a ella, lhe disse esta pessoa. Naõ estejas capitãõ descuidoado, vigiate muito bem: & sabe que pella me nhã serás chamado d'Elrey pera te matar: dissimula, & fazete mal desposto porque te releuiããõ assi. E porque te naõ pareça que te digo isto por te lisonjar, ou por querer de ti algũa cousa, naõ saberás que sou, porque me naõ moueo a isto, senãõ vm naõ sey que, que te naõ sey declarar. E pera certeza de ser isto que te digo verdade, em amanhecendo terás logo recado d'Elrey, & ficate embora. E voltando as costas se foi de longo da praya, sem ninguẽ saber delle mais. Naõ deixou o capitãõ de sospeitar q̃ este era Medinarraõ, capitãõ, & Governador da cidade, por que ja o tinha auisado da tençãõ & odio do Badur, por que sempre foi muito seu affeioado, & corriaõ em muita amizade: Mas quanto a nos, naõ foi senãõ Xacoës, q̃ sempre foi muito amigo dos Portugueses: & elle tambem foi o que auisou o Governador, que o Badur o queria matar, como logo diremos.

Manoel de Sousa passou toda aquella noite em discursos sobre

aquelle negocio: hũa vez lhe parecia que poderia ser mentira, outras tambem que poderia ser verdade, vendosse na mór confusão que se podia imaginar: por q̄ aquelle negocio não consistia, nẽ em prudencias, nem em cautelas de capitaõ: porque se o Badur o mandasse chamar, & não fosse, seria declarar-se, & dar-lhe a entẽder que fora auisado, pera o que estava desapercebido, se lenha, agoa, nem mantimentos, de que se prouia da cidade, que se lhe logo auia de tolher, & não auia outro remedio mais que entregar-se: por que contra fome, & sede, não auia forças, nem armas que bastassem. Por outra parte via que se fosse a seu chamado, o auia de matar. Sobre estas consideraçõs se determinou em ir se o chamassem, por que antes queria arriscar a vida que a honra: por que depois d'elle morto, tomandosse, ou entregandosse a fortaleza, não seria a afronta sua, senão do Alcaide mór aquem auia de ficar entregue.

Com esta resolução esperou a menhá, em que chegou o recado do Badur, que o mãdaua chamar, mandandolhe dizer, que tinha algũas cousas que tratar com elle. Manoel de Sousa muito seguro, & sem alteraçãõ algũa, vendo que o auisõ começaua a ter mostras da verdade, respondeo, que logo iria. E encomendandosse a Deos em seu coraçãõ, pedindolhe que o

guiasse, & encaminhasse naquelle negocio: supitamente lhe vevo hũa noua consideraçãõ (parece q̄ inspirado delle.) E foi esta. Que sendo costumado cada vez que ya a Elrey, ser por terra, & á caualo, com sessenta espingardeiros de sua guarda, com pifaro, tambor, & outras insignias de capitaõ: agora determinou de ir por mar cõ vm só page, porque na segurança com que se apresentasse ao Badur, lhe desse a entender, que estava innocente de suas malicias: & que poderia ser, que vendo sua confiãça, mudaria á vontade, ou lha moueria Deos, aquem deixou todo aquelle negocio. E entregando a fortaleza ao Alcaide mór, lhe disse, que por nenhum caso se mouesse a nada, posto que ouuisse dizer que o mataraõ, & que trabalhasse por defender a fortaleza a te chegar o Governador, que não podia tardar muito. E embarcandosse muito seguro, & com mostras de alegria, foi desembarcar á porta d'Elrey, & sobio por suas escadas acima só com vm page, & entrou na camara d'Elrey acompanhado ja de muitos que o esperauaõ; & fez suas cortezias com tanta confiança, que pasmou Elrey, & vèdo a segurança com que ya a seu chamado, supitamente lhe tirou Deos do coraçãõ a tençãõ com q̄ estava, & o agazalhou muito bem com o rosto rizonho, dizendolhe que o mandara chamar pera saber delle, se o

se o Governador seria cedo naquella ilha, porque ja desejava de o ver, pera o agasalhar & festejar. Manoel de Sousa lhe respondeo, q̄ ficava em Baçaim fazendo algũs negocios, & que lhe parecia q̄ não tardaria muitos dias. E praticado em outras cousas bem diferentes de suas tençoẽs, o despedio graciosamente. Manoel de Sousa se tornou pera a fortaleza, dando muitas graças a Deos, por elle ser o autor d'aquellas cousas, & o livrar das maõs d'aquelle barbaro.

Se Valerio Maximo, Tito Livio, & todos os mais escritores, louvaõ, & engrandessẽ aquelles Deos Romanos, que se lâçaraõ em meyo das hostes dos imigos por saluarem sua patria: que menos fama merece este valeroso capitão? ou que menos fez que elles? Porque se se lançaõ em meyo dos imigos, este tambem se entregou a um o mais cruel, & tyranno, que se sabia no mundo: saluando com isso a vida de muitos, & a fortaleza do seu Rey. E não faltou a este, (& a outros muitos Portuguezes, pera auantajarem em tudo aos Romanos,) mais que outro Tito Livio, que lhe engrandecera seus feitos: posto que são elles taes, q̄ nem por meu fraco estilo, nem pelos descuidos que ha nesta nossa nação, de procurarem gloria, & fama por escritura deixaraõ os famosos de conseguila: porque bem se sabe, que nenhũa virtu-

de merece tantos louvores, como a fortaleza.

CAPITULO IX.

*De como o Governador Nuno da Cunha partio pera Diu, & no caminho encontrou cõ Diogo de Mesquita. E de como Elrey Soltaõ Badur foi visitar o Governador ao Galeão, & de outras cousas.*



ESTEVE o Governador Nuno da Cunha todo o mez de Janeiro em Baçaim esperando por Diogo de Mesquita, pera d'elle saber a certeza do que o Badur determinava. E vendo que ya tardando deu a vela pera Diu, leuando consigo Antonio da Sylueira seu cunhado, capitão de Baçaim: & atravesando o golfo encontrou Diogo de Mesquita, que Elrey despedio da cidade de Goga, de quem soube o maõ animo com que Elrey Soltaõ Badur andava, & que ja ficava na ilha de Diu: & que sem duuida trabalharia todo o possiuel por tornar a auer aquella fortaleza as maõs, por todo o engano & treição que podesse. O Governador sentio muito aquillo, pello desaperecimento com que a fortaleza estava, principalmente de agoa, por não ter ainda cister-

na. E bem entendeo que Deos o leuaua lá pera cuitar algum dano. E apressandosse o mais que pode, foi auer vista da terra a Madrefaual, cinco legoas de Diu, dõde despedio vm catur ligeiro a Manoel de Sousa, pera que se fosse ver cõ elle: & elle se deixou ir de longo da terra, a te anoitecer, que sorgio hũa legoa de Diu. Aqui foi ter cõ elle Manoel de Sousa capitão da fortaleza, & recolhidos na sua camara lhe deu conta de todas as cousas que lhe tinhaõ socedido cõ o Badur, así como ja as temos cõtado. Bem entendeo o Governador que se lhe offerenciaõ trabalhos, & que lhe era necessario declarar-se com o Badur: porq̃ todas as dissimulaçoens que naquelle nehocio tiuesse, lhe poderiaõ ser muito perigosas. E depois de passarem a mór parte da noite em praticas sobre esta materia, despedio o Governador ao capitão Manoel de Sousa, que se tornou pera a fortaleza. Ao outro dia, tanto q̃ ventou a viração, deu a armada á vela, com vento prospero & galerno, & foisse de longo da terra pera demandar o porto. Andaua neste tempo o Badur da outra banda da terra firme á cassa das gazellas: & tanto que vio a armada foisse chegando á praya, & de longo della foi vendo a fermosura d'aquella frota, que foi a mais fermosa q̃ nunca vira, que era de mais de 400. velas de toda sorte. s. cinco

Iuncos grandes de Malaca carregados de mantimentos: oito naos do reino: catorze Galeoës: duas Galeaçãs: doze Galés reaes: dezaseis Galeotas: & as mais eraõ fustas, carures, bargantins, que passauão de duzentas & vinte & tantas velas. Yaõ mais a fora estas, naos, zambucos, & cotias de tauerneiros da gente da terra que faziaõ hũa muito grande pouoação. E á vista della foi sempre, a te sorgir na baya de fora, junto ao baluarte do mar: & por ser ja tarde se recolheo Elrey a seus paços.

Aquella noite chamou todos os seus grandes a conselho, & com elles tratou o modo de como poderia matar o Governador, pera lhe ficar mais facil o poder tomar a fortaleza: & antre todos se assentou, que corresse com elle com grandes comprimentos, & dissimulaçoës, fingindosse lhe grande amigo, & que o mandasse couidar pera lhe dar vm banquete em terra, em hũa quinta q̃ tinha na ilha, ao longo de vm fermoso tanque, & que ali o matariaõ a elle & a todos os que com elle fossem. Cõ esta resolução se recolheraõ. Ao outro dia tanto que amanheceo, (que era vespora d'entrudo,) chegou a bordo do Galeaõ do Governador, vm nauio com vm criado d'Elrey, que o mandaua visitar com vm presente. (O Governador dizem que aquella noite fora auisado da parte de Xacoes, que

que em nenhum caso fosse a terra, se Elrey mandasse conuidar.) Pello que tanto que soube estar ali recado d'Elrey, lançousse em cama, fingindosse doente. O criado do Badur foi leuado ao Governador, que estava acompanhado de muitos fidalgos, & capitaes: & elle lhe deu os parabes de sua vinda, da parte d'Elrey, dizendolhe, que estava muy aluoroçado pera o ver, pella grande obrigação que lhe tinha: que ao outro dia q̄ era do Entrudo, que sabia que os Portugueses festejauão, o auia por conuidado cõ todos os seus capitaes, pera lhe dar um banquete em hũa quinta sua: & que entre tanto partia com elle da caça que aquelle dia fizera da outra banda, (que logo foi trazida á tolda,) que era hũa quantidade de gazellas mortas com suas pelles, mas todas cõ algũa parte menos, pé, perna, ou ca-beça: & outra soma de galinhas, todas com as cabeças cortadas. O Governador muito seguro respõdeu á visita, dandolhe os agardimentos d'aquella merce: & que quanto a ser seu hospede ao outro dia não podia ser, de que ficaua muito pezaroso, por q̄ estava em cama de hũas febres, & posto em dieta, que tanto que melhorasse lhe iria bejar as mãos, & aceitar aquellas merces & honras, & com isto despedio o criado.

O Governador aleuantouffe da cama, & sayo á tolda a ver o pre-

sente das gazellas & galinhas, & considerando em todas as partes que lhes faltauão, bem entendeu o animo d'Elrey, por que todos os Mouros saõ muy dados a parabolhas, & figuras: assi elle desejava despedaçar os Portugueses, da maneira que as gazellas & galinhas yaõ: & parece que as partes que lhes faltauão, as tinha mandado sacrificar ao Diabo, pera que elle o favorecesse naquillo: ou també lhas tiraria pera fazer seus feitiços, por que era grande feiticeiro, & dado a agouros. Ioão Rodriguez fisico mór da India, que estava presente, notando aquellas partes cortadas, disse ao Governador, q̄ tudo aquillo ya empeçonhento, pello que mandou logo meter tudo em um nauio, pera que se fosse lançar no mar largo com a vazante da maré. Elrey soube do seu criado, como achara o Governador em cama, & que por causa de sua infirmitade, deixara de aceitar o seu conuite, & determinou pera mayor dissimulação illo visitar ao Galeão, pera cõ isso o obligar a lho aceitar, quando perá elle o conuidasse.

E ao outro dia, que foi coartaria de cinza, mandou recado a Manoel de Sousa, que sobre a tarde se fosse pera elle, pera o acompanhar, porque queria ir visitar o Governador. Manoel de Sousa o mandou logo auisar, o que o pôs em confusão: por q̄ por hũa parte via

via que lhe era necessario prèder, ou matar Elrey, pois o elle pretendia fazer a elle: & por outra, que seria cousa muito fora de toda a lealdade Portugueza, matar homẽ inda que imigo, que com cõr de amisade, & confiado nella, ya seguramente meterse em seu poder. E cuidando no que faria, assentou de o mandar prender, tanto q̃ saísse do Galeaõ, & metello na fortaleza. E preparandosse pera o receber, mandou negociar o Galeaõ, & armar muito ricamente, cobrindo a tolda toda, camara, & varãda de panos d'ouro, & de alcatifas ricas: & deu recado a todos os capitaes, & fidalgos, da armada, que aquelle tempo se fossem pera elle, o mais custosamente vestidos que podessem, & que toda a armada se embandeirasse, & preparasse a artelharia pera salvar Elrey: mandando & encomendando, que se lhe fizessem todas as mostras de alegria que podessem.

O Badur, tanto que Manoel de Sousa se foi pera elle, que seria a horas de vespõra, logo se embarcou com elle no seu nauio que leuou, muito ricamente toldado, & alcatifado: leuando consigo treze capitaes dos seus principaes, de q̃ não achamos os nomes, mais que a cinco. Langarcã, homem mancebo, de nação Gusarate, senhor de grande estado: Aminacem, tambẽ Gusarate, & homem de muito preço & grande estado: Cogeçofar,

Italiano arrenegado a quem Elrey se mostrava affeição, por amor de vñ seu filho moço de muitas partes, & lhe tinha dado a villa de Currate com todas suas rendas, & mando absoluto: Carafen, & Asetcan gẽro de Cogeçofar, a que chamauã o Tygre do mundo, por ser vñ lanissaro muito grande de corpo, homem muito esforçado, q̃ foi o que naõ quis sair ao desafio a Manoel de Macedo, como na coarta Decada, capitulo oitauo, liuro oitauo dissemos. Yaõ mais cõ Elrey dous pagẽs seus mimosos, vñ com vñ arco & coldre muito rico, outro com vñ terçado d'ouro, & cõ vñ cofo: ya vestido em trajos do monte, de pano de Portugal verde fino, por que faziaõ terrenhos frios, na cabeça touca de muitas voltas negra, & vñ punhal d'ouro metido em vñ rico camarabando, com que ya cingido. E como ya com roim tenção (q̃ era matar o Governador, se visse tempo pera isso,) deixou negociados alguns nauios com gente, & recado a seus capitaes, pera que estiuessẽ a ponto, & que vẽdo despedir hũa frecha pera o ar acodissem com muita pressa, por que era final de guerra.

Partido Elrey do cais foi de mandar a armada, & ao entrar por antre ella, começaraõ a salualo cõ toda a artelharia, & depois com muitos instrumentos de charame-las, trombetas, folias, & outras mui-

tas mostras de alegria. Os nauios de remo que eraõ muitos abrião-se pello meyo pera elle passar, fazendo-lhe todos suas fainas, & o forão acompanhando a te o Galeaõ. Ya Elrey praticando com Manoel de Soufa mūy rizonho, & alegre, & chegando ao Galeaõ sobio por elle acima mūy desembaraçadamente, indo sempre pegado com elle Manoel de Soufa, & Ioaõ de Sanctiago lingoa, que ja era mais Mouro que elle. Sobido Elrey no Galeaõ, foi pondo os olhos por todo elle, que estaua cheyo de todos aquelles fidalgos, & capitaes, postos em fileiras pellos bordos, & entrando na tolda, achou outros serenta dos mais vellios, mūy bem concertados, & ricamete vestidos, & com armas secretas por baixo. Dali foi leuado á camara, onde entrou com vm page, & com tres dos seus capitaes, Langarcan, Amnadem, & o Tygre do mundo. O Governador estaua deitado em hũa camilha muito rica, armado por baixo, & com hũa espada por dentro de longo de si. Tinha consigo Antonio da Sylueira, Gonçalo Vaz Coutinho, Antonio De São Rume, Ioaõ Iuzarte tiçãõ, & dõ Manoel de Lima.

Tanto que Elrey entrou dentro elle se suspendeo na cama, fingindo-se muito fraco. Elrey se assentou em hũa rica cadeira de brocado, que pera elle estaua posta, sobre ricas alcatifas: & depois de as-

sentado pos os olhos no Governador, & esteue vm pequeno espaço, em que polla ventura passaria pela memoria o erro que tinha feito, em se meter em poder de homẽs a que elle queria tamanho mal. Passado aquelle pequeno termo lhe mandou perguntar por Ioaõ de Sanctiago como estaua, dizendo-lhe que lhe pezaua muito de sua infirmitade. O Governador lhe respondeo, que agora que via S. A. esperaua de sarar cedo, que estaua fraco, mas que ja se ya achãdo melhor das febres. Elrey tinha os olhos na porta da varanda, que estaua emparada com vm pano d'ouro, porque sospeitaua, q̃ estaua dentro gente escondida: & dizem, que pello Parseo differa a Ioaõ de Sanctiago, que dissimuladamente fosse ver o que estaua dentro. Mas vm page do Governador (que estaua na camara auanando, q̃ nesta era de nouenta & seis ainda viue, & se chama Vicente Paes) nos disse, que o mesmo Rey, como homẽ deseioso de ver tudo o do Galeaõ, se aleuantara & entrara na varanda, & que naõ vendo gente ficara algum tanto defaliuado, mas naõ pouco arrependido do que tinha feito, & despedindosse do Governador se foi embarcar.

O Governador mandou meter na maõ a Manoel de Soufa vm escrito, em que lhe mandaua, que tanto que Elrey se fuisse do Galeaõ o prendesse & leuasse á fortaleza.

Elrey

Elrey como ya apressado, lançou-se em um dos seus navios, & foy logo afastando. Manoel de Sousa deteu-se com o escrito, & quando chegou a bordo ja Elrey se afastava, pello que se embarcou no seu navio, & com elle Diogo de Mesquita, Pedralvarez d'Almeida, Antonio Correa, & algũs da obrigação destes homẽs, & foi seguindo Elrey. O Governador tanto que se elle sayo do Galeão, logo se levantou, & disse áquelles fidalgos que estauão na tolda, que se embarcassem muito depressa, & fossem fauorecer Manoel de Sousa em um negocio a que ya: o q̃ elles fizeraõ, lançandosse aos navios q̃ poderaõ alcançar.

Nesta visitaçãõ d'Elrey, achamos algũa differença nos que escreueraõ estas cousas, do que geralmente se conta antre os Mouros, & Gentios antigos de Diu, & ao que em suas cantigas cantaõ: por que todo este socesso poseraõ em verso, & o cantaõ o dia d'oje, por todo o reino de Cambaya. Dizem algũs dos nossos, que Elrey entrara no Galeão, & que o Governador o fora receber a bordo, no que se encontraõ com a dissimulaçãõ que teue de se fazer enfermo por não ir ao banquete. E dizem mais, que o Badur depois de entrar na camara do Governador, cõ o desatino que tinha feito naquella visitaçãõ, & o Governador com o ter diante de si: vendo

que lhe era necessario prèdelo, ou matalo, que com estas consideraçoẽs ficaraõ ambos como mudos, com os olhos um no outro mais de meya hora, sem auer antre elles copia de palauras: & que o Badur se levantara & se fora sem dizer cousa algũa. Tudo isto he contra a obrigaçãõ de um Rey taõ poderoso, & de um capitaõ taõ valeroso como Nuno da Cunha, que taõ trabalhauãõ por se fingirem um ao outro, o que não podia ser sem auer palauras, como na verdade ouue, da maneira que temos dito.

CAPITULO X.

*Da desestrada morte de Manoel de Sousa, capitaõ de Diu. E de como os nossos mataraõ Elrey. E da variedade que ouue sobre o modo de sua morte. E da vida de Ioãõ de Sanctiago, & da cruel morte que aqui recebeu.*



**E**M BARCADO Manoel de Sousa no navio como dissemos, foi seguindo Elrey que se ya um pouco alongando, auendo que escapara de hũa & boa, em que se metera sem cõsideraçãõ: mas não se ouue ainda de todo por seguro a te chegar a terra, pera onde mandou remar com muita pressa, levando

uando Manoel de Sousa a mesma por chegar a elle. Ioaõ de Sancti-ago vendo a que leuauão aquelles nauios a pos Elrey, lhe disse, que lhe não parecia aquillo bem. Elrey embaraçado com o negocio, tomou o arco, & despidio hũa frecha pera o ár, (que era o final que tinha dado a seus capitaes, pera q̄ lhe acodissem) mandádo aos marinheiros que remassem muito ri-jo, prometendolhes grandes merces. Manoel de Sousa chegando perto do nauio d'Elrey, chamou por Ioaõ de Sanctiago, dizendo-lhe, que dissesse a Elrey que se detiuesse, por que lhe queria dar um recado do Governador, q̄ importaua muito. Ioaõ de Sanctiago bẽentendeo que aquillo não era pera bem: & assi o disse a Elrey, que se leuantou em pé, & mandou remar depressa. O nauio de Manoel de Sousa como era muito ligeiro alcançou o d'Elrey, & lhe pos a proa, com o q̄ se embaraçaraõ os remos, ficando os nauios abordados. Manoel de Sousa saltou logo dentro, & cõ elle os companheiros, & chegando a Elrey liouffe cõ elle pera o prẽder. Os seus tanto que aquillo viraõ remeteraõ com Manoel de Sousa pera o matarem, dandolhe algũas cotiladas, q̄ lhe não fizeraõ dano por ir armado secretamẽte. Elrey que era homem forçoso, tambem se liou com Manoel de Sousa taõ rijamente, que o teue suspendido. Diogo de Mesquita

que estaua mais perto delle, deu hũa cotilada a Elrey por cima da touca, que lhe cortou todas as voltas, & o ferio na cabeça; ficando a cousa baralhada antre todos ás cotiladas, os nossos coatro, (que não achamos mais, ao menos de nome) com os quatorze d'Elrey, fazendo todos marauilhas nas armas. Elrey & o capitaõ andauão liados, bracejando, & lutando, & de volta em volta se foraõ encostando sobre a percha do nauio, & por cima della foraõ ambos ao már. E como Elrey era leue, & ya desfarmado desapegouffe logo: mas Manoel de Sousa cõ o pezo das armas se foi ao fundo sem nunca mais aparecer. E aqui acabou um fidalgo de grande valor, & esforço, & dos mais primorosos pensamentos d'aquelles tempos. Era filho de Gonçalo de Sousa, o Laurador d'alcunha, era primo com irmaõ do primeiro Conde da Castanheira, filhos de dous irmaõs. conuem a saber, Gonçalo de Sousa, & dona Violante de Tauora. Elrey como se vio livre, não se quis recolher á fusta, por que ouue por milhõr partido nadar pera a terra que foi demandar, trabalhando tudo o que podia por chegar a ella: mas quis sua ventura que começasse a descabeçar a maré para baixo, que o foi leuando pera o már, ja taõ cansado que se ouue por perdido. E porque áquelle tẽpo che-

*more de l...  
set. 10. 12*

gava perto delle vm nauio, de que era capitaõ Tristaõ de Paiua, oue por menos mal entregar-se, que morrer afogádo, & assi lhe capeou, & bradou, nomeandosse Badur, Badur. Tristaõ de Paiua em ouuindo apelidar, acodio pera o salvar, dizendolhe que não temesse, por que nenhum mal receberia. Elrey ja muito cansado ferrou dos remos de proa, onde estava vm homem de baixa sorte, & alguns dizem que alabardeiro do Governador, que vendo chegar aquelle Mouro, sem saber quem era, embebeo hũa chuça ferrugenta, & lhe deu duas chuçadas, de que o matou, sem lhe poder valer Tristaõ de Paiua, que ya saltando os bancos da fusta pera o salvar.

Os nossos que ficaraõ na fusta pelejãdo cõ os d'Elrey, receberaõ todos muito grandes feridas, porq̃ tinhaõ muito asperos & duros inimigos, tendo ja delles mortos sete, sendo o ja Pedralvarez d'Abreu, de muitas & grandes feridas. Os nauios que yaõ em fauor de Manoel de Sousa apertaraõ o remo pera chegarem, mas o page do Soltaõ Badur, que estava na proa do seu com o arco, despedio nelles tantas frechas, que ferindolhes muitos marinheiros os fez deter por algũas vezes, a te que chegou vm nauio, vns dizem que de Gonçalo Vaz Coutinho, outros que de vm captureiro, que se

chamaua o Pantafasul, que lhe pos a proa, & saltando dentro, acabou-se de aueriguar aquelle negocio, cõ morte de todos os Mouros. Caracen, Cogeçofar, & Ioaõ de Sanctiago semente, que se tinhaõ lâçados ao mar a pos Elrey, yaõ buscando sua vêtura. Os nossos ficaraõ todos atassalhados, saluo Antonio Correa, que leuou mais de vinte feridas, & algũas pellas pernas, de que depois viveo aleijado muitos annos. Caracen, Cogeçofar, & Ioaõ de Sanctiago, indo nadando a pos Elrey, deulhes tambem a vazante que os foi leuando pera fora, semente Caracen ferrou a terra ja taõ cansado que não podia comsigo. Cogeçofar foi dar com vm nauio em que yaõ Antonio de Soto Mayor, & Diogo de Reinoso seu irmaõ, & indo ja tal que não podia remar, o foi demandar, pedindo q̃ o recolheffem. Antonio de Soto Mayor & seu irmaõ, acodiraõ pera o salvar das maõs dos soldados, q̃ fizeraõ muito pello matar, & com grande trabalho o recolheraõ, cõ algũas cotiladas grandes pella cabeça, apiadandosse de sua miseria & desauentura: porque os animos grandes & valerosos, a te da de seus inimigos se compadecem. Na mesma conjũçaõ chegaraõ algũs nauios, que yaõ em fauor d'Elrey, & os tres delles socedeo chegarem aquella hora de Mangalorcheyos de muita & lustrosa gente: &

te: E como os nossos nauios andauão ja todos baralhados, ferrando nos dos inimigos, em breue espaço os axoraraõ a todos, custando esta trisca a vida de oito dos nossos, & muito sangue a mais de corenta, ficando este negocio de todo concludido ja sol posto. Em todo aquelle tempo estiueraõ do Galeaõ do Governador vendo a reuolta, sem saber o que era passado, do q̄ elle estaua bem enfadado.

Ioão de Sanctiago, com quem ainda não temos continuado, foi o a maré lançando pera fora, sem poder ferrar terra, se não ao pé do baluarte que está sobre o cais, que se chama oje de S. Martinho: E como era ja escuro bradou aos de cima, que o mandassem tomar, nomeandosse, (porque era mūy conhecido de todos, & auido por muito mau homem.) Os da vigia tanto q̄ o ouuiraõ, sabēdo ser elle, ajuntaraõse todos, & lançaraõ sobre elle tantas pedras, paos, & outras cousas que acharaõ á mão, que o matareaõ, sem se elle poder afastar, de fraco & cansado: & assi onde cuidou que achasse o remedio da vida, achou & padeceo o mais cruel genero de morte que podia ser. A vida deste homem foi monstruosa, & muito pera notar nella a variedade, & inconstancia da fortuna. Era natural de Africa, em moço foi catiuo dos Portugueses em hũa caualgada: Em Lisboa o fizeraõ Christaõ, & foi ven-

dido a um calafate que lhe ensinou o seu officio, que aprendeo mūy bem, em que o seruiu algūs annos, ajudando a sustentar o amo: Era de taõ agudo & sutil engenho que pasmauaõ todos. Embarcouse algūas vezes com seu senhor pera a India, que foi por calafate d'aquellas primeiras naos, que a ella passaraõ, ou naquelles primeiros annos: & falecendo em Goa o amo, o deixou forro, tēdo elle ja adquirido algũa sustancia, & vedosse liure ajūtou tudo o q̄ pode, & passouse ao reino do Canará a comprar pedraria, pera tornar a vender as naos (porque naquelle tempo, có pouco enriquecia um homem depressa.) Ali se deixou andar, & em breues dias aprendeo a lingua Canará: & como era homem de engenho, soubese entremer de maneira, que pella grāde prudencia que nelle entendeo El-rey, (algūas vezes que com elle praticou) o recolheo á si, & o teue em seu seruiço, em que o satisfez tanto, assi por sua habilidade, como pella veneraçāo com que adoraua seus idolos, quando ya com elle a seus pagodes: que o veyo a gouernar todo absolutamēte, do que os grandes do reino andauaõ mūy afrontados. E fazendo a inueja seu officio, la lhe ordiraõ cousas que não só o fizeraõ descair da graça, mas julgalo á morte, sendo leuado do mayor & mais alto lugar do reino, pera o mais vil, infame, & baixo

d'elle, que era a força, donde foi liure pellos mesmos que o chegarão aquelle estado, que o pedirão de merce a Elrey: & ordenou o Deos assi, porq̃ não tinha ainda ali seu termo limitado. Vendosse este homẽ liure, & q̃ escapara de hũa morte tão infame, não parou ali mais, & voltou pera Goa mûy apressado, dõde se passou a Ormuz, & se pos no seruiço d'aquelle Rey, & nelle o agradou tanto, q̃ o fez dos principaes diante d'elle, dandolhe rendas, dinheiro, & casa. E como era homem mûy cobiçoso, & vio a posse que no reino tinha, assi tyrânizou os estrangeiros mercadores, que por amor d'elle deixauão ja de vir á aquella cidade: o que sabido por Elrey o quisera mandar matar, se o capitaõ d'aquella fortaleza, que era Diogo de Mello, lho não pedira por ser Christão, tendo elle todo o tempo que seruiuo áquelle Rey dado mostras de vm fino Mouro, visitando as mesquitas, & fazendo todas as cerimoniaes Mahometicas.

Liure deste perigo tornou-se pera Goa a onde residio a te que o Governador Nuno da Cunha mandou o Secretario Simão Ferreira jurar as pazes cõ Soltaõ Badur, quando deu Baçaim, q̃ o leuou por lingua, por ser tão perito em todas as do Oriete, como se se criara em cada hũa dellas. Neste negocio de Simão Ferreira, as vezes que tratou com o Badur, o achou tão ex-

perto, & de tanta viueza, que o pediu a Simão Ferreira que lho deixasse, como deixou quando se tornou pera Goa, ficando tão mimoso, & valido d'Elrey, q̃ lhe veyo a dar, perto de vinte mil cruzados de réda cada anno em aldeas: pello q̃ teue grãde casa, & riqueza, sendo elle vm dos q̃ governauão, o q̃ lhe durou tão pouco como se vio, porq̃ em menos de tres annos, veyo acabar de hũa morte tão miseravel. Era homẽ muito pequeno de corpo, & com sinaes de mal de São Lazaro, que o faziaõ nogeto.

E tornando a nossa historia. Algũes escritores cõtaõ esta morte d'Elrey, & de Manoel de Sousa, por differente maneira, por q̃ dizẽ, q̃ Manoel de Sousa indo a pos Elrey, chegãdo a sua fusta, dera hũa na outra tamanha pãcada, q̃ caira da percha ao már, indo encima della em pé, & q̃ em caindo lhe acodira Elrey, & o recolhera na fusta, onde o Tygre do mũdo lhe dera hũa estocada pellos peitos de q̃ o matara: no q̃ se encõtraõ bẽ claro cõ o q̃ passou. Porq̃ como Ioaõ de Sãtiago tinha auisado Elrey, q̃ lhe parecia mal a pressa cõ q̃ Manoel de Sousa ya a pos elle, parece q̃ se não auia de deter pera o tomar, antes auia de folgar cõ aquelle estoruo, pera lhe ficar mais tempo de se salvar. E quãto á morte de Manoel de Sousa ser de estocada, não ouue tal: porque ya armado, & as espadas dos Mouros saõ largas, & sem

& sem ponta, & não lhe podiaõ passar as armas: & se tal fora seu corpo ficara na fusta, & ali se achara, mas elle desapareceo no mar, porque o pezo das armas quando cayo, o leuou logo ao fundo. E assi o contauaõ os Mouros d'aquelle tempo a quem o nos ouuimos.

CAPITVLO XI.

*De como foi trazido Cogeçofar ao Governador Nuno da Cunha: & da liberdade que lhe deu: & de como se leuãtou por Rey em Cambaya um cunhado do Rey dos Magores: & da embaixada que mandou ao Governador.*



**O**NCLVIDO o negocio, ou de hũa maneira, ou da outra, recolheraõse os nossos ao Galeaõ

do Governador, que em estremo finto a morte de Manoel de Sousa, & tambem a d'Elrey, porque desejava de o auer ás mãos viuo, porque montara muito ao estado da India, & mandou com muita pressa buscar estes corpos que se não acharaõ, & o de Manoel de Sousa não era d'espantar, porque o pezo das armas o auia de leuar ao fundo: mas Soltaõ Badur sem ellas, não appareceo mais, nem no mar, nem na terra, onde he natu-

ral irem ter os corpos mortos, pellos o mar lançar de si. E como Elrey era grande feiticeiro & Magico, (pellos muitos annos que antes de ser Rey tinha andado pello mundo em trajos de Iogue fugido ao pay) tem os Guzarates pera si ainda oje que não podia morrer, & que está viuo, & que anda em figura de peixe naquelle rio, que ainda por tempos á de tornar a reinar: qual outro Artur em Inglaterra em figura de coruo. Antonio de Soto Mayor, & Diogo de Reinoso, entregaraõ ao Governador Cogeçofar, que elle recebeu humanamente, mandandoo leuar á fortaleza, & encarregalo ao Alcaide mór, pera que o curasse com grande resguardo, & o mesmo a Pedralvarez d'Almada, Diogo de Mesquita, & Antonio Correa.

Ao outro dia pella menhá foi o Governador auisado, que a gente da cidade amedrontada com a morte d'Elrey, se passaua á outra banda, & querendo prouer nisso, mandou leuar Cogeçofar diante de si: & lhe disse, que compria a seruiço d'Elrey de Portugal, ir quietar aquella gente, porque elle determinaua de fauorecer a todos, & sustentalos em pax, & justiça, & que por aquelle seruiço prometia de lhe fazer honras & merces, & de lhe dar liberdade. E que entre tanto mandasse leuar á fortaleza seu filho, que se chamaua Marran, a onde estaria honradamente em-

refens, a te ver como elle naquelle negocio seruia Elrey de Portugal, & que entao lhes daria liberdade a ambos. Cogeçofar se lhe lançou aos pés, agardecendolhe a merce que lhe fazia, prometendo-lhe de o servir muito bem naquelle negocio, & em todos: & logo mandou leuar seu filho á fortaleza, que se entregou ao Alcaide mór, que lhe deu casas pera elle, & pera algũs criados que leuou. E elle se foi á cidade, leuando seguro geral que lhe o Governador passou, pera todos os moradores della viuerem na liberdade em que estauão, & que se lhes não faria agrauo algum, se não muitos faoures. Isto he o que achamos por mais aueriguado, que aquillo que algũs escreuem, que o Governador soltara Cogeçofar, tomandolhe a menagem de se não sair da cidade sem sua licença: porque parece q se não auia o Governador de fiar tanto d'aquelle homem, que cuidasse que lhe auia de guardar palaura: por que bem sabia a pouca fè de todos os Mouros: mas tomoulhe os refens que diffemos, pera que com mais vigilancia, & cuidado, tratasse de ter mão na gente da cidade, por que se não despouasse de todo, & pera outras muitas cousas de que tinha necessidade pera a fortificação da fortaleza, & de hũa cisterna que determinou logo fazer, que pretendia de auer per ordem & industria

de Cogeçofar, que com o interesse da liberdade do filho, se auia de desuelar no seruiço d'Elrey de Portugal.

Partido Cogeçofar pera a cidade, como tinha muita posse, & antre todos os naturaes grande authoridade, & era naturalmente sagas, & prudente, tal ordem teue naquelle negocio, que não só quietou a todos os que achou ainda na cidade, mas fez tornar a ella, os q ja eraõ passados a outra banda: tornando a ficar a cidade, em sua antiga prosperidade. O Governador desembarcou aquelle dia a tarde, & se agasalhou na fortaleza, mandando Antonio da Sylueira, Fernão de Sousa de Tauora, & o Secretario, com cada vm leuar sua companhia de soldados, pera se meterem nos paços d'Elrey, como fizeraõ, sem auer contradicção algũa, & poseraõ em arrecadação tudo o que se achou de ouro, prata, pedraria, arreos, caualos, coufas de recamara do Badur, cuja quantidade não achamos em lembrança: mas deuia de ser coufa pouca, porque Elrey tinha mandado todos os seus thesouros pera Meca: E antre elles foi o que tinha tomado a Madre Maluco que mandou á Serra onde tinha suas molheres, & as dos seus capitaes pollos ter a elles mais seguros, & não se lançarem co Magor, & mandou os por seu sobrinho o Miraõ, que por ser homẽ de valor faria aquelle ne-

le negocio bem. O tisouro que Soltaõ Badur tomou a Madre Maluco, eraõ cento & vinte cofres q̄ cada vm tinha trezentos mil pagodes d'ouro: & duzentos & coreta cheyos de moedas de prata, de que quasi naõ fazia caso. Ya mais ym cofre que pesaua coatro quintraes, que nenhũa outra cousa leuaua mais que perolas, & aljofar. Ya outro cofre que leuaua mil adagas d'ouro & de pedraria. E afirmaraõnos por cousa muito certa ser este o somenos tisouro dos que tinhaõ os antigos Reys de Cambaya, que os tinhaõ taõ soterrados & incubertos, que so a pessoa do Rey, & o Regedor do reino sabiaõ delle.

Deste barbaro soube hũa couisa que mostra bem claro quaõ grandes eraõ os tisouros que tinha. Depois de se ver desbaratado do Magor, & estar em Diu fortaleza inexpunhavel, naõ se auendo nella por seguro por quaõ senhoreado & apoderado estaua o medo do seu coraçãõ, mandou ym recado ao graõ Turco, em que lhe pedia pera segurança de sua pessoa, dous mil Rumes que queria trazer a soldo em sua companhia. E pera que o Turco lhe concedesse o que lhe pedia com facilidade, ya o recado acompanhado d'ym muito rico presente, pedindolhe muitos perdoens de lhe mandar aquella pouquidade. Sendo o presente tal, que a valia delle podera fazer ri-

co a qualquer Rey, a que se dera. Por que era hũa cabaya de fio d'ouro de martello, laurada toda de perolas de muito preço, & os botoens q̄ a abotoauaõ, eraõ todos de diamãtes engastados em ouro, muito juntos, & de grãde valia, tamanhos como grandes tremoços. Mãdualhe mais hũa cinta d'ouro, & pedraria muito rica, com ym terçado & adaga do mesmo feitio & riqueza, pera naõ desdizer da obra da cabaya. Mãdualhe mais hũa coroa serrada, como coroa de Emperador, d'ouro & muito rica pedraria. E diziaõ alguns mercadores que a viraõ, que so ella valia mais de dous contos d'ouro. E a cabaya era de muito mór preço, pella muita cantidade de perolas que leuaua, de muito preço, de q̄ a somenos dellas, valia quinhentos pardaos d'ouro & a mór parte do que Elrey trazia pera seu seruiço, se passou aquella noite pera a outra banda com suas molheres. Nos almazens acharaõ hũa grande copia d'artelharia, & armas de todas as sortes, poluora, pilouros, & muitos materiaes pera ella, & na ribeira muita madeira, & nauios de toda a sorte, & tantos mantimentos, assi na ilha, como na villa dos Rumes, que depois de se encherem os almazẽs da fortaleza, & se prouer toda a armada muito bastantemente, se vedaõ hũa grande copia, por se naõ auer mister.

Feitas estas cousas, entendeu o Governador no gouerno da cidade, pondo nella os officiaes á vontade do pouo. E proueo os officios da Alfandega, Iuiz, Feitor, & Thesoureiro a Antonio da Veiga, & na de Gogalá pos Francisco Pacheco com seus escriuaes, & contadores, mandando que vsassem nellas do costume antigo, não querêdo innouar cousa algũa, por não escandalizar o pouo: o que tudo fez com conselho & parecer de Cogeçofar: que por se mostrar agardecido as honras & merces do Governador, o seruia em tudo mūy promptamente, do que elle estava taõ satisfeito, que lhe deu o gouerno da cidade, porque Medinarrão ja se tinha ido della, mostrando o Cofar sua prudencia, na quietação & sossego, com que viuião todos os moradores, correndo sempre em grande amisade cõ Antonio de Soto Mayor, & Diogo de Reinoso, que o liuraraõ da morte, pello que lhes ficou taõ afeiçoado, que em quanto viueo, os nomeou por filhos, prouendoos sempre de dinheiro & peças, muito abastadamente. E chegou a taõ esta obrigação, que cometeo a Antonio de Soto Mayor, pera casar com sua filha, que viuvara do Tygre do mundo: que depois casou com vñ Esclauones arrenegado, que tambem veyo em companhia do mesmo Cogeçofar, chamado Zinguircan, por outro no-

me Caracen, que he o que se saluou da fusta d'Elrey a nado. Este veyo depois a ter tanta authoridade no reino de Cambaya, que lhe deu Soltaõ Mahamud, o titulo de Caracen, que he como Condestabre do reino.

Era este homem muito graue, honrado, mūy grande amigo de Portugueses: quem nos o anno de sessenta & tres, que fomos á cidade de Baroche, cõmunicamos, estando elle ali por capitaõ, & liamos Ariosto, Petrarcha, Dante, Pietro Bembo, & outros poetas Italianos, aque elle era muito afeiçoado, & gostaua muito de o nos entendermos. Este nos cõtou algũas vezes, muito particularmente da jornada de Rax Soleimaõ, em que se elle achou: & desta do Governador, & morte do Soltaõ Badur, estando nos ainda bem fora de imaginar que a auiamos de escrever, porque entãõ não tratauamos liuros, senãõ a espingarda.

E tornando a nossa ordẽ. Estaua na quinta do Melique vñ Principe chamado Mirmahamede Zaman, cunhado d'Elrey dos Magores, irmão de sua molher: q̃ como dissemos, sempre andou esperando algũa occasiãõ pera ver, se podia meter pé em algum d'aquelles reinos, tecẽdo antre aquelles dous barbaros os odios passados, cuidãdo que delles lhe resultasse o que pretendia, que era ver, se desbaratado algum delles, lhe ficaua a fortuna

fortuna abrindo caminho pera ser Rey, o que entaõ não ouue efeito. E vendo agora que com a morte de Soltaõ Badur, lhe offerencia o tempo tamanha occasiã pera ser Rey d'aquelle reino, por não ficarem filhos ao Rey morto, ajuntando dous mil Magores que comfigo trazia, meteo-se na cidade de Nouanager, duas legoas de Diu, & começou a apelar Rey do Guzarate. E vendo que pera seguramente se poder sustentar naquelle estado, lhe era necessario fauor do Governador da India: Despedio logo vinctos principaes de sua companhia chamado Coge Afizamo por embaixador ao Governador, com apontamentos das cousas que auia de tratar com elle. Este homem chegou á villa dos Rumes com grande acompanhamento, onde o Governador o mandou buscar pelas fustas da armada muito embandeiradas, & o recebeu em sala acompanhado de todos os capitães. O Embaixador, depois de passadas as palauras formaes, propoz sua embaixada na forma seguinte.

Que Elrey Mahamede Zamman seu senhor, lhe fazia a saber, que ao tempo da morte de Soltaõ Badur, se achara no reino de Cambaya, & que por não auer herdado aque por direito aquelle reino viesse, vendo que lhe cabia a elle melhor, que a nenhum outro ca-

pitaõ delle, se apelidara por Rey, & que folgaua de estar taõ perto delle, pera tratar sobre suas cousas, & fazer nouos contratos de pazes & amizades. Que lhe pedia, que pois não auia Principe que herdasse aquelle reino, que lhe parecesse bem que o fosse elle, por filho d'Elrey dos Corações, & do antigo sangue do graõ Tamorlaõ: & que lhe desse toda ajuda, & fauor, que lhe fosse pera isso necessario, por que tambem elle estaua prestes, pera conceder todos os partidos, que fossem justos & honestos. O Governador muito graciosamente lhe respondeo, que lhe parecia muito justo o que determinaua, por que por todas as vias o reino lhe estaua mûy bem: que elle estaua prestes, pera o fauorecer em tudo como pedia. E que quanto aos apontamentos, & contratos das pazes, elle Embaixador com os officiaes d'Elrey de Portugal, os determinassem: Entregandoo logo ao Secretario, Veador da fazenda, & ouuidor geral que o agasalharaõ em calas na fortaleza, que pera isso se despejaraõ, onde se lhe deu todo o necessario em abundança.

CAPITULO XII.

*Que contem os contratos que o Governador Nuno da Cunha fez com Mir Mahamede Zaman: & de como o Secretario os foi ver jurar por elle. E de como por morte de Manoel de Sousa deixou a Antonio da Sylveira por capitaõ da fortaleza de Diu. E de um homem que trouxeraõ ao Governador, de trezentos, trinta & cinco annos, & de outras cousas.*



O outro dia ajuntandosse os officiaes d'Elrey com o Embaixador pera as sentarem os contratos das pazes, dandosse hũs aos outros seus apontamentos, que se examinaraõ de parte a parte, & por fim se vieraõ a concluir, pella maneira seguinte.

Que tanto que elle Mir Mahamede Zaman, fosse pacificamẽte Rey de Cambaya, daria a Elrey de Portugal pera todo sempre, o porto, & cidade de Mágalar, com todos os direitos, rendas, & jurdiçaõ, com dous coces & meyo (que he hũa legoa & um coarto) de hũa & da outra banda, com todos os portos & lugares do mar: com outros dous coces & meyo pera o

fertaõ, com todas as aldeas, villas, & lugares que naquella distancia ouesse, assi & da maneira q̃ Soltaõ Badur o possuva.

Que outro si lhe daria a cidade de Damaõ, com todas as suas Tanadarias, & aldeas que tiuesse a te as terras de Bacaim, assi como d'antes eraõ do estado de Cambaya.

Que todos os nauios de guerra, & naos, que foraõ de Soltaõ Badur, com todas as fazendas q̃ nellas viessem de fora, tomar os portos de Cambaya, seria obrigado a mã dar entregar em Diu.

Que em nenhũs de seus portos poderia elle Mir Mahamede Zaman mandar fazer, nem consentir fazeremse nauios de guerra: & q̃ fomite poderiaõ fazer naos de carga, pera mercadores.

Que os caualos que fossem ter a Diu, pagassem os direitos a Elrey de Portugal, assi como se pagauaõ em Goa. Estes saõ os apontamentos que o Embaixador concedeo. Os que lhe concederaõ a elle, saõ os seguintes.

Que as moedas todas que corresssem nas cidades que foraõ do reino de Cambaya, que fosse da jurdiçaõ d'Elrey de Portugal: & na ilha de Diu fossem cunhadas com os cunhos & marca d'elle Mir Mahamede Zaman.

Que nas suas mesquitas, & alcoerões de todas as ditas cidades, & lugares, fosse elle Mir Mahamede Zaman

Zaman aclamado por Rey do Guzarate, como o era Soltaõ Badur.

Que os contratos que estauão feitos antre elle Governador, & Soltaõ Badur, sobre as naos & caualos irem áquella ilha de Diu, ficassem correndo, & nelles se não innouasse cousa algũa: samente q̄ as armas que viessem nas naos, lhas não tomassem, por virem pera aquelle reino.

Que a toda a gente de guerra de Soltaõ Badur, que estiuesse em qualquer porto de Cambaya, que se quisesse ir pera elle Mir Mahamede: o podesse fazer liuremete, sem ningem lho impedir: com outros apontamentos que não são effencias. Concluidos estes capitulos se passaraõ dous estrometos em Parseo, & Portugues, vm pera darem ao Embaixador, & outro pera ficar no estado. E logo o Governador presente o Embaixador, & Antonio da Sylueira, Vasco Pirez de Sampayo, Ruy Diaz Pereira, Gaspar de Sousa, Garcia de Sá, & outros fidalgos, & capitaes, jurou nos sanctos Euangelhos, de os cumprir & guardar em nome d'El rey de Portugal seu senhor, muito inteiramente, & de lhe serẽ guardados por todos os Governadores da India. Deste juramento se fizeram outros dous autos em Parseo, & Portugues, pera se darem ao Embaixador, em q̄ o Governador se asinou, com todos os que presen-

tes estauão. Acabado isto, fez o Embaixador logo ali o mesmo juramento, que lhe foi dado no seu moço pello lingoa, obrigandose a fazer com Elrey, a jurar os mesmos contratos presentes as pessoas que o Governador a isso mandasse. O que tudo se fez cõ a mayor solennidade que podia ser, desparandosse toda a artelharia, asy da armada como da fortaleza, em sinal de festa, & alegria. Estas pazes, & contratos se apregoaraõ logo pella cidade, ao som de muitas çamelas, & trombetas.

O Governador mandou logo fazer prestes o Secretario, para ir em companhia do Embaixador á cidade de Nouanager, a ver jurar os contratos ao Mir Mahamede: & ao outro dia o despedio, indo o Embaixador muito satisfeito, das honras & merces que lhe o Governador fez, leuando o Secretario por lingoa Marcos Fernandez, & perto de vinte pessoas de caualo pera seu acompanhamento, leuando peças, & brincos curiosos pera dar ao nouo Rey. O Mir Mahamede Zaman, teue auiso da sua ida, & o foi esperar á quinta do Melique, mandandoo buscar ao caminho pellas pessoas principaes de sua casa, por quem foi leuado ao nouo Rey, que o recebeu muito bem. E depois de saber da saudade do Governador, o mandou agasalhar & banquetear muy bem. Ao outro dia jurou as pazes publicamente

licamente em seu moçofo, nas mãos de Cadiçahat justiça da cidade de Diu, que o Governador pera isso mandou, o que se fez cõ grandes solennidades, & festas, ao seu modo, mandandoas logo apregoar por todo o exercito, & na cidade de Nouanager. Disto tudo se passaraõ instrumentos em lingua Persa, asinados por Mir Mahamede, & pello Cadi, lingua, & mais pessoas principaes.

Acabado este negocio em que se gastaraõ cinco dias, despediose o Secretario d'Elrey, que lhe deu muitas peças, assi pera o Governador como pera elle, & o mandou acompanhar a te a villa dos Rumes. Dali se passou á outra bãda, & deu conta ao Governador do q̃ ficaua feito, o que elle estimou muito: porque se aquelle homem se soubesse cõseruar naquelle reino, ficaua o estado da India, muito prospero & poderoso, em terras & rendas. O Governador foi dãdo pressa as cousas de Diu, porque se ya gastando o veraõ, mandando reformar a fortaleza, & prouer os passos da ilha, pera que não podessem entrar nella, deixando no rio muitos nauios, dando regimẽtos as Alfandegas.

E porque a capitania d'aquella fortaleza, vagara por morte de Manoel de Sousa, a deu a Antonio da Sylueira seu cunhado, que era irmão do Cõde de Sortelha dom Luis da Sylueira, Guarda mór d'El

rey dom Ioaõ: a quem deu oito centos homẽs pera com elle ficarem, ordenandolhe capitaes pera lhes darem mesas, deixandolhe dinheiro pera pagas, & muitos mantimentos, & moniçoes. Na villa dos Rumes pos Ioaõ de Mendocça com cincoenta soldados. Esta villa, seu proprio nome he Gogalã: mas depois que a armada de Mirocen, que o Visorey dõ Francisco d'Almeida desbaratou n'aquelle porto, foi ter áquella ilha, por que a gente della que era a mór parte Rumes, se agasalhou da outra banda, se ficou chamando do seu nome a villa dos Rumes. E por que não he rezaõ, que passamos por hũa monstruosidade de natureza, a contaremos breuemente.

Andando o Governador ja pera se embarcar, lhe trouxeraõ da outra banda vm homem que se affirmaua ser de trezentos, trinta, & cinco annos, que era de meã estatura, as pernas muito arcadas, bem assombrado, de casta Bengala, Gentio de naçaõ, mas seguia a feita de Mafamede: tinha n'aquella idade hũa simplicidade espartosa, & cõ ella daua rezaõ de muitas antiguidades, & alcançou ainda aquelle reino em poder de Gẽtios, pella conta que daua dos Reys Mouros, que todos nomeaua com os annos que cada vm reinou. Tinha dous filhos, vm de nouẽta annos, & outro de doze: & teria outros

tros muitos q̄ lhe morreriaõ. Affirmaua que cinco vezes mudara os dentes velhos, & lhe naceraõ nouos: & que outras tantas lhe encanecera a barba, & se lhe tornara a fazer preta. Esta renouação da natureza naõ lemos em escritura algũa que ella fizesse em algũ outro homem: por que Adão q̄ viveo nouecentos & trinta annos, & seu filho Set, nouecentos & doze, Caõ, nouecentos & dez: Noe, & outros Patriarchas, setecentos, seiscentos, mais, & menos, como temos na escritura Diuina, naõ achamos que viuessem se naõ via ordinaria da natureza, sem aquella renouação & reformação.

O Governador folgou muito de ver aquelle homem, & lhe perguntou por muitas cousas de que lhe elle deu rezaõ: & antre ellas lhe disse, que todos os Reys antigos q̄ alcançara, lhe dauaõ cada mes um cruzado & meyo de tença, que lhe pedia que pois aquella ilha viera a seu poder, onde elle tinha quebrada a pobre comedia, lhe fizesse merce de lha conceder, porque sua idade ja naõ era pera buscar o necessario pera a vida. O Governador lho outorgou de muito boa vontade, mandandolhe assentar aquelle cruzado & meyo por mes, por ordinaria, no regimento d'aquella fortaleza, com o que o velho ficou muito centente: por que naquelle tẽpo pella barateza das cousas, montaua aquelle cruzado

& meyo mais de oito d'oje: por q̄ o arroz valia a medida a dous bazarucos & meyo, & a tres quando caro: o arratel da vaca a coatro: o paõ de coatro bazarucos era muito mayor que o de dez d'oje: & assi todas as mais cousas. Viueo este homem a te o anno de corenta & sete, por que ainda em tempo do Governador dom Ioaõ de Castro depois do cerco de Diu, de seu tẽpo, o viraõ traquelle ilha, & naõ foubemos de sua morte, nem podemos achar pelfoas que nos dissesem della. O Governador Nuno da Cunha despachou as cousas de Diu com muita pressa, & em Março se embarcou, & foi tomar Baçaim, a onde deixou Garcia de Sá por capitaõ, que o acabara de fer de Malaca, por vir della muito pobre. E prouendo Baçaim, & Chaul de moniçoës & mantimentos, deu á vela pera Goa, a onde depois q̄ chegou, despedio os prouimentos ordinarios pera Malaca, & Maluco: & cõ isto se cerrou o inuerno.

### CAPITULO XIII.

*Que dà cõta de quem era o Mir Mahamede Haman, que se apelidaua Rey de Cambaya. E de quem são os Vsbeques: E de como se fizeram senhores do estado de Camarcant: E dos nomes que esta provincia teue.*

F Quando



**Q**VANDO tratamos da origem, & principio dos Magosres, demos larga cõta d'aquelle grande Chinguiscan, que conquistou as prouincias Sogdiana, Bactriana, Parthea, Persia, & outras que repartio com seus filhos: dando a de Camarcant a vm chamado Chacató: & parte da prouincia Turchestan a outro chamado Vsbeque, com quem cõtinuaremos. Este Principe teue alguns filhos cõ q̃ por sua morte repartio seus estados, & os soccessores pello tempo em diãte os diuidiraõ ainda mais, partindo com filhos & netos: & de vm só reino q̃ era cõstituirãõ muitos, como o de Hircan, Badaxan, Taxcan, Condux, & outros, prezãdosse todos os descendentes a te oje, deste apelido Vsbeque. Estes estados conquistou depois o Graõ Tamorlaõ, & por sua morte os herdeiros dos Reys a que os tomou, lançaraõ maõ do que cada vm lhe pertencia: ficando tudo o mais q̃ possuyra repartido cõ dous filhos, & vm neto, por esta maneira. O Imperio de Camarcant cõ tudo o q̃ ha dêtro dos famosos rios Oxo, & Iazartes, ficou a seu filho mais velho chamado Mirmiruxa. A prouincia Coraçone ao filho segundo chamado Miraxaroc, q̃ seu irmaõ mais velho depois prẽdeo, & o soltou dandolhe o mesmo estado. O reino de Balc, & Bochará, ficou

a seu neto, filho de Ianguir seu filho mais velho chamado Pirmahomad, como muito bem o declara Ruy Gonçaluez de Clauijo, no seu Itinerario. Agora continuemos com estes tres soccessores do Tamorlaõ.

Na prouincia Coraçone soccedeo vm filho de Mirunxá, por cuja morte em defeito de filhos, soccedeo n'aquelle estado Badur Paxá, por parente mais chegado, que era pay de Hamau Paxa, de que agora tratamos, que contendeo com Cambaya. Este reinou ali poucos annos, porque leuantandosselhe os Patanes com os estados que tinha derredor do Indo, & Hidaspes, que seus auós tinhaõ ganhado, como temos dito, acodindo lá deixou em Camarcant vm parente seu, que era seu Veador da fazenda, & Cancahaná de seus reinos, (que he vm titulo supremo, como Cõdestabre) que se lhe aleuantou com aquelle estado, que nunca mais o Badur Paxa pode cobrar. E por morte do aleuantado, soccedeo vm filho seu chamado Babu Soltan: & por morte deste herdou aquelle reino vm filho que tinha chamado por sobrenome Bósá Corná, que quer dizer, Bebedor de cerueja, (por que parece que era amigo de vinho) em cujo poder se acabou este estado, como logo diremos: porque he necessario continuar com os outros principados. Por morte de

te de Pirmahomad neto de Tamur Langar socedeo no reino de Balc, Xaroc, seu tio, & não sabemos se em defeito de filhos, se por lho tomar. E por morte de Xaroc ficou o estado do Coraçone a seu filho mais velho chamado Soltan Hocé: & no de Balc, vm filho segundo por nome Xabeq can, a quem os escritores erradamente chamaõ XabaScan. Este foi taõ valeroso & esforçado caualeiro, que determinou de conquistar todos os estados que foraõ do Tamur Langar seu bisauõ: & ajuntando vm grande exercito, entrou pella provincia Côraçone, em que reinaua lá Bedeat Hocen, filho de Soltaõ Hocen, de q̄ acima falamos: & como este Bedeat não era menos valeroso que o Xabeq. Sabendo que lhe entraua por seu reino, o foi esperar, & lhe apresentou batalha, em que o Bedeat foi morto com tres irmaõs seus: & o Xabeq se apoderou do reino. Foi este pertodos annos do Senhor de mil quinhētos & dez, & a molher do Rey morto fogio com vm filho, & hũa filha (que ambos eraõ mininos) & se passou a Camarcant, onde ainda reinaua Badur Paxa, que tambem era neto de Tamur Langar. Que o recebeo mūy bem, & criou os filhos como se foraõ seus, & a filha como teue idade a casou com seu filho Hamau Paxa, & o moço q̄ era este Mir Mahamede Zamã foisse fazēdo homem, & de muito

grãdes pēsamētos, & bõ caualeiro.

Morrēdo o Badur, socedeo nos reinos do pay, seu filho Hamau, q̄ não fez conta do cunhado. E vendosse elle desfauorecido d'elle, passouse a Cambaya a Soltaõ Badur, onde lhe socedeo o q̄ temos contado. Daqui começou Hamau a ter odio a Soltaõ Badur, por q̄ lhe recolheo o cunhado, & lho não mandou, mandãdolho elle pedir. E tornãdo ao Xebeq. Depois q̄ se vio senhor do Coraçone, sabēdo q̄ na Persia era nouamēte aleuātado Xá Ismael, lhe inuiu Embaixadores a pedirlhe, que lhe largasse aquelle reino, q̄ fora de seus auós. Xá Ismael como andaua fauorecido da fortuna, mandoulhe dizer, que elle lhe leuaria a reposta. E ajuntando logo vm poderoso exercito, foi buscar o Xabeq, assi por lhe quebrar sua soberba, como por vingar a morte d'Elrey Bedeat, pellas obrigaçoens q̄ tinha a seu pay Soltaõ Hocen, que sempre o amou como filho, & lhe deu muito grande ajuda pera sobir á Monarchia da Persia. O Xabeq sabendo de sua ida o foi esperar, & encontrandosse nos campos de Maron, vindo a batalha, que foi asperissima, por fim della ficou o Xabeq morto, & o seu exercito disbaratado. E o Xá Ismael (segundo alguns escritores) mandou fazer do casco da cabeça de Xabeq vm vaso guarnecido de ouro, por onde bebia, como ja os Boyos fizeraõ

Quinta Decada. Da historia da India.

fizerao da cabeça do Consul Posthumio, quando o desbaratao em Triana de Franca. Desta vez ficou o Xá Ismael, senhor da prouincia Coraçone, que de entao pera cá se ajuntou à da Persia.

Foi esta batalha segundo a cõta de Ioão Maria Angelo (que naquelle tempo viuia, & escreueo as cousas da Persia) junto dos annos do Senhor, de mil quinhentos & onze. Mas pella do nosso Ioão de Barros, na de mil quinhentos & treze. Micer Catherino Zeno, q̄ concorreo no mesmo tempo, & escreueo esta batalha, diz que o Xabeq. não morreo, mas que se recolhera pera seus reinos. As chronicas Persias todas affirmao que morreo: mas ou fosse agora ou depois, por sua morte socedeo naquelle estado Escander Can, que as escrituras não declarao se era filho, se tio, se irmao. Este homem foi muito valeroso, & ganhou os estados de Hiarcã, Badaxan, Taxcan, Condux, & outros pera a parte do Turchestan, & começou a conquistar o de Camarcant, a onde reinaua Bosá Corná: & andãdo nesta impresa, faleceo na entrada deste anno de trinta & sete, em que andamos. Socedeolhe seu filho chamado Abdula-can, que acabou aquella impreza, & se senhoreou de todo o estado de Camarcant, & de outros muitos que ha derredor do Oxo, & Iafartes: com o que ficou vm dos mores

senhores do mundo.

E como era ambicioso de honra, & fama, mudou o nome áquella prouincia (que a te entao se chamaua Zagatay,) em Vsbequia, & mandou que todos os seus naturaes se chamassem Vsbeques: por este nome saõ oje tao conhecidos, & temidos, em todo o Oriente, que a te os Magores que saõ os mais soberbos homens d'elle, lle reconhecem superioridade. Com isto fica bem conhecida a prouincia Vsbequia, & confundido o erro dos que fizerao o Xabeq. tartaro, sendo na verdade Chaquatay.

Esta prouincia Coraçone, de que falamos, affirmasse que foi a antiga Parthia, & seus naturaes os famosos Parthos, tao nomeados de Plutarco, Apiano Alexandrino, & de todos os escritores Romanos. Estes foraõ os que desbaratao o grãde exercito de Marco Crasso, matãdo a elle, & a dez mil Romanos, & catiuãdolhe outros tantos, cuja morte exclama aquelle grãde Poeta Mena, dizendo:

*E vimos a Crasso sangrienta la  
espada,  
De las batallas que hizo en  
Oriente,  
Aquel de quien vido la Roma-  
na gente,  
Su muerte plañida, mas nunca  
vengada.*

Tomou esta prouincia o nome de Horacanja, que he o seu verdadeiro (& não Coraçone como vulgarmente se chama) de Horacan Soltaõ, neto de Mafamede, que os Persas affirmão estar enterrado na cidade de Maxet, principal d'aquelle reino.

São os Vsbeques homens robustos, espadaudos, rostos largos barbaçudos, olhos fogosos, encarniçados, & taõ destros archeiros, que indo correndo a caualo, assi peras como pera diante vão derribando as aues nos ares: quãdo caminhaõ não leuaõ mais que suas armas, & ceuadeiras com farinha de trigo, & onde chegaõ mataõ vacas, bufaras, & outras alimarias que comem taõ mal assadas, que o sangue lhes corre pellas ilhargas das bocas, & das farinhas fazem seus bollos. E se não achaõ gado, sangraõ os caualos, & o sangue misturado com a farinha, fazem hũas papas cozidas com q̃ se sustentãõ, & cõ que engordaõ. Pello que parece serem estes os antigos Malagettas, de quem Lucano no terceiro da Pharsalia, diz: (Os Ma-

sagettas que de sua longa abstinência na guerra mataõ a fome com o sangue de seus caualos.) E por q̃ estes homẽs não vsãõ outro mantimento: pode aquelle Rey cada vez que quer, caminhar com cem mil caualos, por que estes se sustentãõ das eruas dos campos, & das agoas dos rios, com q̃ andaõ gordos: & sãõ taõ aturadores do trabalho, que antre dia & noite andaõ vinte, & mais legoas. Seguem estes homens os Arabios em sua feita, sobre o que tem com os Persas grandes contendas, & sãõ inimigos mortaes, por auerem vns aos outros por hereges, & tem tomado diuisas de suas opinioẽs. Os Persas turbãtes vermelhos, a que os Turcos chamaõ, quizilbax, que quer dizer, os das cabeças vermelhas: & os Vsbeques toucas verdes, a que chamaõ, ifilbax, a que o douto varaõ Paulo Iouio chama caselbas, & caselbas: por que lhe não fouberaõ dizer a verdadeira ethimologia destes nomes, ou apelidos: que he o em que consiste o verdadeiro intendimento das coufas, & no saber inquirilas, vai tudo.

*Fim do Primeiro Liuro.*

F 3 LIVRO



# LIVRO SEGUNDO

## DA QUINTA DECADA

DA HISTORIA DA INDIA.

### CAPITULO I.

*De como os grandes de Cambaya alevantarão por Rey Soltaõ Mamud, & do exercito que mandou contra Mirmamede Haman, que se apellidaua Rey de Cambaya, & do recontro que tiveram com os Magores, em que ficaram desbaratados.*



ABIDAS as novas da morte de Soltaõ Badur por todo o reino, & depois da morte do Miraõ seu sobrinho que logo lhe succedeo no reino, em que não viveo um anno: & que o Mirmamede Haman se apellidaua Rey, & estava em Nouanager com um exercito de Magores, a que em Cambaya tinhaõ odio mortalissimo: ajuntandosse todos os grandes a conselho, assentaraõ que era necessario atalhar-se áquelle negocio logo em fresco, primeiro que o nouo Rey alevantado viesse a cobrar maior poder: por que não viessem todos a ficar debaixo de

jugo alheyo. E passandosse á cidade de Amadabá, onde estava Soltaõ Mamud, sobrinho de Soltaõ Badur, filho de um seu irmão, que era moço de quinze annos, & pôdo na cadeira real o juraraõ por Rey com grande solennidade. Feito isto elegeraõ logo tres titores pera lhe ajudarem a gouernar o reino: estes foraõ Madre Maluco, genro de Cogeçofar, Driarkan, & Alucan: todos homens estrangeiros, Turcos, & Rumes, que entrãõ eraõ as mayores pessoas do reino. A primeira cousa que estes fizeraõ, foi, quietarem alguns tumultos que auia, & castigarem alguns alevantados que não quizerãõ acodir ao seu Rey, deixando as cousas de Mirmamede pera depois que o Governador Nuno da Cunha se partisse de Diu (por que isto foi pouco depois da morte de Soltaõ Badur) por que soberaõ elles os contratos que elle tinha feito com o Governador, que se não podia deter muito, por causa do inuerno que se vinha chegando. Estas novas teue logo o Mirmamede Haman, que as inuiu ao Governador, mandandolhe pedir conselho sobre o que faria naquelle

quelle negocio. O Governador Nuno da Cunha lhe mandou dizer, q̄ lhe conuinha com essa pouca gente que tinha acodir logo á cidade de Amadabá, & saltar o nouo Rey primeiro que lhe acodisse o poder: por que elle sabia de certo, que auia diuisoens, & muitos descontentes da eleição dos Turcos, que começauão a castigar alguns que auiaõ por culpados, que estaua certo acodirem-lhe, & ajuntarem-se com elle. E q̄ sempre nos reinos auia homẽs amigos de nouidades, que auiaõ de folgar de o seguirem, com quem lhe era necessario mostrar-se no principio liberal, por que nisto estaua virem-se todos pera elle: & que se não descuidasse naquelle negocio, por que depois que os titores ajuntassem poder, não lhe sintia remedio.

Este conselho pareceo m̄y bẽ ao Mirmamede Haman: & sem duuida que se o tomara ficara Rey de Cambaya, por que a gente que tinha bastaua pera saltar o nouo Rey, & apoderar-se da cidade de Amadaba: mas elle descuidou-se, & deixou-se estar em Nouanager em passatempos, como outro Anibal em Capua, pello que deixou de ser senhor de Roma, como este do Imperio do Guzarate. Ostitores, & Governadores do reino, depois que deraõ ordem a muitas cousas d'elle, & de saberem ser o Governador partido pera Goa, &

que não auia de tornar por entãõ a ajudar com gente Portuguesa a Mirmamede Haman, com quem se tinha concertado quando se aleuantou por Rey de Cambaya, ajuntãdo dez mil caualos, & quinze mil de pé, os dous Regedores Madre Maluco, & Alucan, se partirãõ com elles m̄y apressadamẽte em busca do Mirmamede Haman, & em poucos dias chegarãõ aos campos de Nouanager, de que logo teue auiso o Magor, & ouue-se por perdido, conhecendo entãõ o grande erro que tinha feito em não seguir o conselho que lhe dera o Governador Nuno da Cunha. E preparãdo sua gente assentou de esperar os capitaens em campo, por que na cidade facilmente se podia perder, por ser toda aberta, & não ter comodo pera se defender nella. E querendo sair-se, acharaõ-se ali ja cercados dos inimigos. Mirmamede Haman, q̄ era homem muito animoso, disse aos seus, que não auia ja que fazer, se não cometerem os inimigos, & trabalharem por d'aquellẽ primeiro encontro os romper, & que os que escapassem se fossem recolhendo pera a bãda do Cinde, pera aquellẽ Rey, que tambem era Magor, & muito seu parente, & que dali fariaõ o que a fortuna lhes ordenasse.

Com esta resoluçãõ se poseraõ a cauallo, & de dous mil que eraõ fez Mirmamede Haman duas ba-

talhas, húa que elle tomou que era de mil & duzentos, & a outra de oito centos deu a outro capitão. E faindo ao campo leuando Mirmamede Haman a dianteira, remeteo com os imigos como vmliaõ brauo, & pondolhes as lâças com grandes gritas & alaridos foi rompendo por elles, partindoos pello meyo, derribandolhes d'aquelle encontro mais de duzétos, faindosse ao campo largo com perda de só tres homés, & asfi como foraõ varando foraõ caminhando adiante. O segundo escoadraõ vêdo Mirmamede Haman misturado com os imigos, que asfi como se abrião se tornaraõ logo a fechar, auendoos a todos por perdidos, porque os naõ viraõ arrebeitar fora ao campo, & tomando outro conselho, voltaraõ & foraõ fugindo pera a banda de Diu. Os imigos os foraõ seguindo, matando, & derribando nelles sem piedade, acrescentandolhes o esforço, o medo que viaõ levar a homés, a que todos os de Cambaya tiueraõ tamanho medo. O Mirmamede Haman tanto que se vio em saluo, & alongado dos imigos, parou por esperar pello segundo escoadraõ, o que fez muitas horas sem chegar, pello que o ouue por perdido, & de magoa parecia querer arrebeitar: & ajuntádo os seus, asfi lhes disse.

Naõ me consinte o animo & amor que a todos os meus natu-

raes tenho, valerosos & esforçados companheiros meus, que os veja a elles em perigo, ficando eu fora delle: antes desejo ser o primeiro em todos os trabalhos & riscos. Pello que he necessario que torne-mos a voltar em busca do outro escoadraõ, que pois tarda deue de estar em perigo. Vamos & corramos cõ elles a mesma fortuna, & naõ vos assombre a multidaõ dos imigos, que estes saõ os mesmos, q̃ muitas vezes fugiraõ só de nos ouuir nomear, & ninguem os pode oje fazer esforçados, se naõ nossa couardia: & eu confio que em nos vendo outra vez com elles, percaõ o furor se o tiuerem, por que bem aõ de entender de nossa volta, que he pera liurarmos os nossos, á custa de nossas vidas, que a elles aõ de ser bem caras: & naõ os tenho por taes que queiraõ esperar esta determinação. A nenhum dos seus pareceo bem aquilo, dando-lhe rezoens taes, & taõ frias, que entendeo de seu temor, que naõ fariaõ cousa algũa, & asfi triste & malenconizado foi seguindo seu caminho pera o Cinde, lembrandolhe nouamente pera mór magoa sua que deixara de ser senhor de vml tamanho Imperio por seu proprio descuido & negligencia. Estes deixalosemos, porque naõ sabemos mais que irem ao Cinde.

Os do outro escoadraõ que yaõ pera Diu, foraõ sempre fugindo sem fazerem volta, perdendosse

na jornada perto de coatro cétos. Os outros que escaparaõ chegaraõ a villa dos Rumes, onde estava por capitaõ Ioaõ de Mendocça, que acodio com muita pressa as portas da villa, & vendo aquella reuolta, & os Magores ao longo dos muros pedindolhe fauor, & ajuda (por que ja vinha entrando com elles a gente de Cambaya, q̄ começaua a encher os campos) mandou desparar nelles algúas peças d'artelharia com que os deteuue. Os Magores estauaõ recolhidos ao longo dos muros, & ferrados as portas, pedindo que os recolhessem, o que os porteiros fizeram a alguns, por vm muito pequeno postigo, por que lhes encherãõ as mãos de dinheiro.

Aqui aconteeo vm raro exemplo de amor, que por tal o contaremos, & foi, que trazendo vm destes Magores sua molher nas ancas do caualo, moça, & fermosa, vëdo que por dinheiro recolhiaõ alguns dentro na fortaleza, cheggou ao porteiro & lhe disse, que tudo o que trazia comsigo lhe daria, & que lhe recolhesse dentro sua molher, por que como a vísse liure, naõ lhe daria cousa algúa do perigo que elle corresse: o q̄ disse com mostras de tanto amor, que venceo aos da porta a querela recolher: & entregandolha elle, & apartandosse della com palauras de muitas laudades, sintio ella isto tanto, que indo ja entrando, tor-

nou a voltar pera fora dizendo: Nunca Deos queira que te deixe de acompanhar na morte, assi como o fiz sepre na vida, o mesmo risco q̄ tu correres, quero eu correr, por que em quanto te vir, todos auerei por pequenos, & sem ti naõ quero vida nem liberdade, & assi se deixou ficar de fora. sem se querer recolher, por muito que lho elle rogou.

Ioaõ de Mendocça tinha mandado recado a Antonio da Sylueira capitaõ da fortaleza sobre aquelle negocio: elle lhe mandou dizer que recolhesse na villa todos os Magores, & que naõ deixasse chegar ao campo a gente de Cambaya. Elle o fez assi, abrindo as portas a todos. E na entrada ouue tamanha reuolta com o medo que leuauaõ, que vns por cima dos outros se arremessauaõ taõ defatinadamente, como se os inimigos fossem alcançandoos, estando elles bé apartados, por que a nossa artelharia os fez afugentar: mas o medo da morte lhes fazia parecer q̄ lhes yaõ elles dando nas costas. Ioaõ de Mendocça os recolheo, & agasalhou com muita humanidade, mandando curar a muitos que yaõ feridos.

Elles mandaraõ pedir a Antonio da Sylueira embarcaçoens pera se passarem a Dabul, que lhes elle logo deu, & foraõ se muito satisfeitos do gosalhado & fauor que acharãõ em os Portugueses.

Madre

Madre Maluco, & Alucan, vendo os Magores recolhidos, contentando-se com os danos que lhes tinhaõ feito, tornaraõ-se pera Amadaba, a onde Elrey estaua, & com elle andaraõ todo este inuerno visitando seus reinos, amostrando-se a seus vassallos, que todos lhe acodiraõ.

Antonio da Sylueira vendo o negocio baralhado, lançou mão da Alfandega de Diu, & de todas as rendas da ilha, que começou a arrecadar pera Elrey sem achar inconueniente algum: porque Elrey Soltaõ Mamude andaua occupado em outras cousas que lhe mais importauaõ, que era quietar seus reinos, castigar, & reduzir a obediencia alguns vassallos rebeldes, que nas guerras dos Magores não acodiraõ a Elrey Soltaõ Badur seu tio. Antonio da Sylueira auisou logo ao Governador do que passaua, o que ja não pode fazer se não por terra, por ser o inuerno de todo entrado: pelo que deixaremos agora estas cousas, por continuarmos com as de Maluco, por guardarmos em tudo a ordem da historia.

CAPITULO II.

*Das cousas que este anno acontecerã em Maluco: & da chegada de Antonio Galuaõ àquella fortaleza: & de co-*

*mo foi buscar os Reys da Liga à ilha de Tidore a onde lhes deu batalha, em que os disbaratou.*



STANDO as cousas da fortaleza de Ternate, no pior estado q se podiaõ imaginar, pello grãde aperto em que os Reys conjurados tinhaõ posto os nossos, defendendosselhes por todas as partes os prouimentos, de que totalmente estauaõ muito faltos, & sem duuida se perderaõ, se Deos naquelle derradeiro extremo não trouxera Antonio Galuaõ, q sempre teue muito boa viagem, a te lançar ferro diante d'aquella fortaleza, que pera todos os que nella estauaõ foi vm nouo resuscitar, por que realmente se auiaõ por acabados. Antonio Galuaõ tomou posse da fortaleza, onde foi recebido com cruz alçada: & tomando informação do miseravel estado em que aquellas cousas estauaõ, & de como todos os Reys da liga estauaõ na ilha de Tidore, com raõ grande poder, que se affirmaua terem perto de vinte mil homens, & que estauaõ cõjurados pera cometerem, & escalamem a fortaleza, pera o que tinhaõ ja prestes muitas embarcaõens pera passarem a Ternate, com muito aluoroço de todos: que dos bens dos nossos

noſſos tinhaõ ja feito grandes repartiçoẽs . Informado Antonio Galuaõ de tudo, como era fidalgo virtuoso, & em extremo deuoto de noſſa Senhora , encomendoulhe muito todas aquellas couſas com mūy deuoto coração. E tomando conſelho ſobre o que faria , foraõ todos de parecer, que tentassem os imigos com pazes, cometendolhes algum modo de ſatisfaçaõ, & que quãdo elles a naõ quiſeſſem aceitar, era neceſſario arrisgarſe tudo, por que com guerra lenta, naõ ſe podiaõ desfazer aquelles imigos, & que quando elles naõ ouſaſſem a vir cercar a fortaleza, por ſer chegado ſocorro da India, com ſõ ſe eſpalharem por antre aquellas ilhas, & lhes impedirem os mantimentos, era a mayor guerra que ſe podia recear. Antonio Galuaõ deſpedio logo vm Embaixador a Elrey de Tidore, que o ouiuo diante de todos os Reys da liga : & elle lhe diſſe: que Antonio Galuaõ era chegado áquella fortaleza por mandado d'Elrey de Portugal, & que deſejaua muito de correr com todos os ſenhores d'aquelle Archy pelago em paz & amiſade, por que aſſi o trazia muito encomendado por regimẽto do ſeu Rey: que lhe pedia por merce, que deixados os agrauos a parte ( que elle eſtaua preſtes pera ſatisfazer & emendar) tornaſſem a antiga paz & amiſade: por que ſe naõ perdeſſe aquelle taõ antigo comercio, de que a

todos tinha resultado taõ grandes proueitos . Os imigos como eſtauaõ ſoberbos, & confiados no grãde poder que tinhaõ, reſponderaõ diſpropoſitos, zombando, eſcarnecendo, & dizendo grandes opprobrios, & afrontas contra o nome Portugues, taõ auorrecido a todos. O Embaixador ſe recolheo ſem conluſaõ algũa, & quaſi que eſteue arrisgado.

Sabido por Antonio Galuaõ o que paſſaua, reſolueoſſe em por todo o remedio nas armas, encomendãdo aquellas couſas a Deos, com verdadeiro coração, ordenãdo logo todas as couſas que pera iſſo lhe eraõ neceſſarias: por que aſſentou de ir buscar os imigos, & darlhes batalha . E as primeiras achegas que ajuntou, foraõ procifſoens, oraçoens, eſmolas, & outras obras pias, tudo á cuſta de ſua fazenda ( que eſtas eraõ as mercadorias que eſte fidalgo foi fazer á ſua fortaleza, de que os de oje bẽ ſe riraõ.) E pondo toda a armada no már, embarcando as moniçoẽs que auia, vltimamente ſe embarcou: entregãdo a fortaleza a Triſtaõ de Tayde, & fezſe á vela . A armada que leuaua, eraõ coatro Galeoens, que eſtauaõ no porto, & algũas Corocoras, neſtas vaſilhaſ yaõ embarcados, cento & ſetenta Portugueſes, & duzentos & trinta da terra, em que entrauaõ alguns eſcrauos dos caſados . Com toda eſta frota foi ſorgir deſfrente da Ci-  
dad'e

dade de Tidore, saluandoa com sua artelharia, que não deixou de por espanto nos imigos, cuja multidão acodio á praya a dar vista a os nossos, com tamanhos alaridos, q̄ poderaõ por medo a qualquer outro capitaõ, que não fora taõ confiado no fauor diuino. Surta a armada, meteoſſe Antonio Galuaõ em hũa Corocora ligeira, & foisse chegando á terra pera reconhecer a cidade, que estaua estendida de longo da praya, cercada por detras de muros, & com hũa caua á roda. Na face da praya tinha alguns baluartes muito fortes, & mūy bem guarnecidos de gente & artelharia. Da banda do fertoã vm pouco afastado da cidade, tinha vm monte, que lhe ficaua como padraſto, em cima de quem estaua vm castelo roqueiro, arrezoado. Antonio Galuaõ foi notando a cidade muito deuagar, & rodeãdo a ilha por toda aquella parte, por ver onde acharia millhor disposiçaõ pera desembarcar com menos risco, & notou vm lugar comodo pera isso, vm pouco afastado da cidade. E tomando parecer com os que leuaua comſigo, sobre o modo de como se cometeria a cidade: assentouſſe que se desembarcasse naquella parte de madrugada, & que foſſem por detras ganhar o castello, & que de pois se cometesse a cidade, por que ja entã estariaõ os imigos amedrotados cõ a perda do castello.

Assentado isto preparouſſe Antonio Galuaõ pera o outro dia, q̄ era do Apostolo Saõ Thome, padroeiro da India, em cujo dia por seus merecimentos fez Deos nosso Senhor muitas merces aos Portugueses (como pello discurso da historia apontaremos.) Tanto que o coarto dante alua se rendeo, embarcouſſe Antonio Galuaõ nas Corocoras, com ceto & vinte Portugueses, & cento & oitenta Christaõs da terra, deixando a mais gēte na armada pera guarda della, que ficou encarregada a hũa pessoa de confiança, com ordem do que auia de fazer, & elle em muito silencio foi desembarcar no lugar determinado, leuando muito boas guias pera o encaminharem ao castello. Ao mesmo tēpo se leuou toda armada, & com os traquetes se foi chegando á cidade, fazendo mostras de quererem desembarcar em os bateis, disparãdo toda sua artelharia. Os imigos tanto que aquillo viraõ, acudiraõ todos á praya pera defenderem a desembarcaçaõ, descuidandosse de todas as mais partes, de feiçaõ, que teue Antonio Galuaõ tempo de chegar acima ao castello, sem serem sintidos. Era isto ja a tēpo que a menhá começaua a descobrir.

Os nossos tanto que chegaraõ acima cometeraõ o castello com muito animo, trabalhando pello entrar, os de dentro em sintindo que

que eraõ Portugueses fizeraõ final pera que na cidade se soubesse, & elles se poseraõ á defensão mūy determinadamente. Elrey Ayalo de Ternate, que lá andaua fogido, ouuindo o final, ajuntou vm corpo de gente, & acodio acima a ver o que era, porque não sabiaõ do que era passado, & chegãdo ao monte deu de rosto com os nossos que estauaõ mūy acesos na briga, & algũs tratauaõ de quebrar as portas, com quẽ remeteo Ayalo com grande furor, mas Antonio Galuaõ acodio ali, pondosse diante dos seus, & como vm leaõ pelejaua por hũa parte, & como prudente capitaõ trazia os olhos nos seus animandoos, & esforçandoos, por que não tiuesses tempo algũs de se escoarem, por q̃a todos via & notaua. Elrey Ayalo andaua diãte dos seus armado em hũa faya de malha, & vm capacete, & com hũa espada de ambas as mãos pelejaua valerosamente. Antonio Galuaõ em o vendo remeteo a elle com hũa espada & rodella, começando a ferir denodadamente. Os de Ayalo acodiraõ ali pera o ajudarem. Os Portugueses tambem o fizeraõ ao seu capitaõ, trazendoõse antre todos hũa muito aspera batalha, & muito arriscada da parte de Antonio Galuaõ, por que os imigos eraõ muitos: mas quis Deos, que dessem hũa espingardada em Elrey, de que cayõ, estando ja ferido das mãos

de Antonio Galuaõ, & com a raiua da morte se tornou aleuantar logo: mas como a ferida era mortal, tornou a cair, bradando pellos seus, que o recolhessem primeiro que os caens (que assi chamaua aos Portugueses) espedaçassem seu corpo como desejavaõ. Os seus vendoo d'aquella maneira o tomaraõ nos braços em que lhes logo morreo, & recolheraõse. Os seus em o sabendo se começaraõ a desbaratar, & largando as armas foraõ fogindo pera a cidade, a onde ja se sentia o rebolisso, & vinha outro corpo de gente em seu socorro: & encontrãdoõse cõ elles que yaõ desbaratados, & os Portugueses matando, & ferindo nelles, voltaraõ todos, sem verem quaõ poucos os nossos eraõ. Antonio Galuaõ vendo a vitoria por si, a foi seguindo com grande estrago dos imigos. E alguns delles que não poderaõ fogir pera baixo, foraõse recolhendo pera o castello, indo apertados de algũs dos nossos. Os de dẽtro acodiraõ aos recolher, abrindolhes as portas: mas foi tamanho o medo, & embaraço, q̃ entraraõ os Portugueses de enuolta com elles, matando, & derribãdo muitos. Os imigos largando as portas, & vendosse perdidos, lançaraõse dos muros abaixo, espedaçandoõse vns, & outros caindo nas mãos dos nossos, que não passauaõ melhor: por que lhes abriaõ as entranhas de feiçaõ, que

G

poucos

poucos escaparaõ . Antonio Galuaõ acodio áquella parte, & védo ramanha merce de Deos, tomou logo hũa muito prudente resoluçãõ, que foi mandar dar fogo ao castello, por que os seus não tiuessem esperanças de se salvar nelle. E ajuntando todos lhes disse.

Ora sus meus caualeiros de Christo, pois nos elle faz tãtas merces, não arrefessamos, saibamonos aproveitar do tẽpo, & vamos comer em fresco a cidade, por que os inimigos estaõ com o medo nas entranhas: & agora vendo este incẽdio aõ de acabar de descoraçoar, & não aõ de esperar nossa furia, por isso seguime, q̃ Deos he conosco. E tomando a bandeira de Christo a par de si, arremessouffo pello monte abaixo como vm toruaõ, & foi demandar a cidade ao som de muitas caixas & tróbetas, com grãdes gritas de todos os nossos, q̃ com vm nouo animo yaõ seguindo seu capitaõ. E entrãdo por hũa parte foi tamanho o medo dos inimigos, q̃ largaraõ a cidade, recolhendoffe pera o sertãõ, ficando ella com todo o seu recheo em maõs dos nossos. Antonio Galuaõ como teue auiso q̃ tudo era despejado, receãdoffe d'algũas desordẽs dos seus soldados, mãdoulhe secretamẽte dar fogo, & como toda era de madeira & palha, começou a arder com grande estrondo, queimandoffe dentro nas casas muitas molheres & mininos q̃ não pode-

raõ fugir. E por que foi auifado de vns almazens de mantimentos & moniçoës, mãdou ter nelles grãde resguardo, pella necessidade q̃ de tudo isto tinha.

Os bateis & bantins acodiraõ logo a praya, onde o capitaõ mãdou recolher tudo, o que se fez có muita pressa, por auer muitos marinheiros & seruidores. Recolhido tudo, & a cidade feita em cinza, se começou a embarcar, não deixãdo de auer antre os soldados alguns desmandos, por que muitos se espalharaõ pella cidade a roubar, catiuando muitas pessoas, que pellas casas estauaõ escondidas. Embarcado Antonio Galuaõ, mãdou por o fogo a algũas Corocoras que estauaõ varadas, & a outras embarcaçoës, & a vm luncõ que estaua na baya, mandando recolher algũas: o que tudo fez muito á sua vontade, sem ter sobressalto dos inimigos. Assi se recolheo, com hũa taõ grande victoria, qual nunca lemos, nem ouuimos, desbaratando com cento & vinte Portugueses, coatro Reys, có vinte mil homens, & em sua propria terra: por onde podemos dizer, que Deos foi o que pelejou em fauor deste capitaõ, q̃ por sua virtude mereceo alcançar delle tamanha merce. Chegou Antonio Galuaõ a Ternate, onde foi recebido com procissãõ solenne. Os Reys inimigos ficaraõ taõ desbaratados, perdidos, & amedrãdos,

dos, q̄ em nenhũa parte se tinhaõ por seguros: tratãdo os da liga de se irẽ pera seus reinos, o q̄ naõ poderã fazer, por que Antonio Galuã mandou logo hũa armada de Corocoras q̄ rodearaõ aq̄lla ilha, por se elles naõ fairesm della: por q̄ determinaua de consumir a todos dentro, mandando ter grande resguardo, & vigia nos mantimẽtos, pera que lhes naõ fossẽm. E assi os pòs em tanta necessidade, q̄ metidos nos matos, comiaõ todas as eruas, & ceuandilhas da terra. Mas todauia como a necessidade era grande, la tiueraõ maneira com q̄ se arriscaraõ aquelles Reys a embarcarem em embarcaões pequenas, por que os nossos naõ poderã ter tanto resguardo, q̄ se lhes naõ fairsẽm da ilha muitos: ficando Elrey de Tidore só, & assombrado, desejando occasiaõ pera cometer pazes, por se naõ acabar de perder de todo. Neste estado ficaõ as cousas de Maluco, a te tornarmos a ellas.

CAPITVLO III.

*Da armada que este anno de trinta e sete partio do reino, de que era capitaõ mor Jorge de Lima: e de como Martim Afonso de Sousa foi ao Malauar, e o Governador Nuno da Cunha partio pera Diu.*

Anno 1537.



ELLOS correos (que na India chamaõ Patamares) que Antonio da Sylueira mandou ao Governador, soube elle o socesso das cousas d'aquella fortaleza de Diu: & de como Soltaõ Mamude estaua pacificamente obedecido por Rey em Cambaya. E entendendo bem que naõ auia de querer perder hũa tamanha cousa, taõ rica, & taõ importante, como era a ilha de Diu: & que estaua muito certo querer se senhorear della: ouue que lhe era necessario acodir lá, & prouer em muitas cousas de que tinha necessidade: por que por descuido naõ viesse a acontecer algum defastre. Pello que mandou dar logo pressa a toda a armada, pera tanto que as naos do reino chegassẽ, se embarcar. Estas naõ tardaraõ muito, que na entrada de Setembro naõ forgissẽm na barra de Goa tres, de cinco que de Portugal tinhaõ partido: de que era capitaõ mór Jorge de Lima, & os outros eraõ dom Fernando de Lima, & Lopo Vaz Vogado. Das outras duas, que eraõ a Raynha, era capitaõ dom Pedro da Sylua da Gama, filho do Conde Almirante. E da Galega, Martim de Freitas: q̄ ambos partiraõ de Portugal, com regimẽto q̄ fossẽm demãdar a ilha de Diu, & lançassẽm gente, & monçoens na  
G 2 quella

*Quinta Decada. Da historia da India.*

quella fortaleza , por que tanto q̄ Elrey soube , afsi por Diogo Botelho (que foi na fusta como ja dissemos no segúdo capitolo do primeiro liuro ) como pellas cartas que Isaac do Cairo leuou , que ficaua ja ali feita , a mandou proouer mūy bem de gente,artelharia, moniçoens,& armas,de que nestas duas naos, mandou hũa grande quantidade : & ambas quasi em vm mesmo tempo foraõ tomar aquella fortaleza, & deitando nella tudo o que leuauaõ , se fizeraõ na volta de Goa,a onde chegou dom Pedro da Sylua da Gama por fim de Setembro.

Depois de Martim de Freitas dar a vela em Diu,foi demandar a costa de Damaõ , a cuja vista sorégio,& se embarcou no batel , com hũa soma de veludos & damascos que leuaua, pera os ir vèder a Surrate,por ser hũa muito grande escalla. Este homem desapareceo neste caminho , sem se saber delle cousa algũa. Muitas pessoas quise-raõ dizer que em Surrate o mata-raõ , pello roubar : mas se afsi fora,forçado se ouuera de saber. Os da nao esperaraõ todo o mes de Setembro, & vèdo que não vinha, nem recado seu , elegeraõ Bernaldim de Sousa , irmaõ de Diogo Lopez de Sousa,o Diabo , que ali ya embarcado por passageiro . E dando á vela chegaraõ á barra de Goa, estãdo ja o Governador Nuno da Cunha prestes pera se em-

barcar. Estas naos tiueraõ muito boa viagem , & chegaraõ com toda sua gente sã , o que o Governador estimou muito , por que a auia mister . E por que estaua ja ordenado ir Martim Afonso de Sousa a Cochim,a fauorecer aquelle Rey , por q̄ lhe fazia o Camorim guerra , & pera fazer correr a pimenta pera a carga das naos , o despedio logo, com coatro Galés, & vinte nauios : & não achamos de toda esta armada os nomes mais que dos capitaes das Galés,q̄ a fora Martim Afonso , eraõ Manoel de Sousa de Sepulueda , Fernaõ de Sousa de Tauora, & Martim Correa da Sylua.

Esta armada se fez á vela de vinte de Outubro por diãte. No mesmo tempo despachou tambem o Governador as naos do reino,pe-ta irem tomar a carga a Cochim. E por que a Galega , de que era capitaõ Martim de Freitas estaua vaga , deu o Governador a caip-tania della a Ruy Diaz Pereira , que aquelles dous inuernos passados tinha andado por capitaõ,nos rios de Goa , fazendo guerra ao Accedecan . Nestas naos mandou Elrey vns apontamentos ao Governador, em que lhe mandaua,que nellas lhe inuiasse Garcia de Sá prezo em ferros , & lhe socrestasse sua fazêda, por que sendo capitaõ de Malaca, batêra moeda sua sem licêça,em perjuizo do pouo, cousa tanto contra seu seruiço:  
& ain-

& ainda diziaõ que em Portugal o mandara riscar dos seus liuros. O Governador vendo a aspereza dos apontamentos, entendendo que foraõ más informaçoens que mandaraõ a Elrey: & como era grande amigo d'aquelle fidalgo, quis remedialo por q̄ se não perdesse, por estar pobre & cõ filhas, & era velho, & de muitos merecímegos. E por q̄ Elrey lhe mandaua tirar noua deuassa sobre o caso, a encomendou ao Doutor Pero Fernandez Ouuidor geral da India. Que atirou por homens que em Goa auia de Malaca, do seu tempo: em que todos testemunharaõ, que sendo Garcia de Sá capitão de Malaca, não mandara bater mais que hũa moeda miuda, pera o meneo da praça, a requerímego do mesmo pouo, por que não auia naquella cidade se não cruzados com que se não podiaõ remediar nas cousas miudas, pello q̄ viuiãõ com oppressãõ.

Esta deuassa folgou muito de ver o Governador, & despedio o Ouuidor geral diante, pera q̄ fosse a Baçaim suspender Garcia de Sá da fortaleza, & escreuerlhe a fazenda como Elrey mandaua, & depositala em mãos de pessoas abonadas, & que a elle o emprazasse pera Goa. Despedido o Ouuidor geral, logo o Governador se desembaraçou de todos os negocios, & se embarcou pera acodir as cousas de Diu, leuando oiten-

ta nauios antre grandes & pequenos, & não se deteu em couza alguma, atrauessando logo a Diu, porque d'aquella fortaleza determinaua escreuer a Elrey, & despedir as vias pera Cochim. Chegando o Governador a Diu, começou a entender nas cousas que cõpriaõ á defençaõ d'aquella fortaleza: & a primeira & principal foi, mandar fazer hũa fermosa cisterna pera recolher agoa, por que nenhũa auia dentro na fortaleza. Esta cisterna se começou a fazer de tres naues de esteos fermosissimos, a mayor, & mais fermosa que oje se sabe no mundo. He de vinte & cinco palmos d'alto, & cada palmo recolhe mil pipas d'agoa.

Poucos dias depois do Governador chegou a Diu o Doutor Pero Fernandez com a diligencia de Garcia de Sá feita: por que logo em chegando a Baçaim o suspendeo da fortaleza, & o mandou prezo pera Goa, fazendo inuentairo de sua fazenda, & nenhũa outra couza lhe achou, se não hũa soma de caldeiroens, tachos, gamellas, facas, garfos, escudelas, toalhas, & em fim toda a couza desta sorte do meneo dos Galeoens, em que sempre andara no seruiço d'Elrey, & das mesas em que em terra daua de comer aos soldados: & com isto lhe achou mais suas armas, & cama, & coatro escrauos de seu seruiço, sem outra fazenda de que

de que se podesse lançar mão, do que confuso o Ouvidor geral, lhe tornou a entregar tudo.

O Governador vendo o inventario ficou embaraçado, & atonito da pobreza d'aquelle fidalgo, & mandádo o tresladar por tres vias, & assi mesmo a deuassa que se delle tirou, inuiou tudo a Elrey, escreuendolhe muito particularmente sobre este negocio, mostrádo-lhe como fora mal informado das cousas de Garcia de Sá, & que pello inuétairo veria seu cabedal, que não era outro, mais que petrechos de cozinha, & do seruiço de muitos soldados a que sempre daua de comer: & que o suspendera da fortaleza por S. A. o mandar, mas que o deixara ficar na India, por que entendia que compria assi a seu seruiço. Por que aquelle fidalgo era velho, de grandes merecimentos & conselho: & q̄ era necessario andar sempre junto dos Governadores da India, pera acertarem no governo della: & q̄ entendia, que não só não era dino de culpa, mas de muita merce. Esta carta & os treslados que mandou foraõ dados a Elrey, que estimou muito o que o Governador fizera naquelle negocio: escreuendolhe em resposta disso, que se ouuera por muito bem seruido delle, & lhe agardecia o que tinha feito naquelle particular: & a Garcia de Sá escreueo cartas honradas, & teue dali por diante tanto mais cõta

com elle, que o meteo logo na terceira soçessão da governança da India, como a diante se verá.

E certo q̄ escreuendo nos estas cousas, & vendo a mudança que o tempo depois fez nos fidalgos & capitaens, pasmamos, & nos parece que está o mundo em artigo de morte, pello recolher da roupa que todos fazem, porque não vemos soldados agasalhados se não pellos alpendres dos mosteiros, comendo da pobre ração dos frades, q̄ quasi o não tẽ pera si. E as casas dos capitaens que eraõ suas antigas moradas, & enfermarias, & em que costumaua a auer os petrechos de seu seruiço (como se acharaõ a este fidalgo) são ja agora tornadas casas de contratações, onde tudo são fardos, caixas, comprar, vender, & tyrannizar em suas fortalezas aos pobres dos Portugueses casados nellas, como se o mundo se fizera só pera elles. Pois em alguns Governadores, & Viso-reys não acharaõ os pobres soldados depois melhor emparo, como se não foraõ naturaes & proximos, & não custaraõ a Elrey muito de sua fazenda em os por na India, onde os mais delles acabaõ á mingoa, pedindo esmolas pellas portas. Desejo de bradar nesta materia, & de gritar aos pés do Rey, q̄ ou remedee isto, ou não mande seus vassallos que lhe tanto custaaõ a morrerem a mingoa, á vista dos Mouros & Gentios, que ja se com-  
padessem

padessem delles mais q nos . Aqui nos cabe muito a proposito (vendo o estado em que oje a India esta.) Aquella exclamação de Lucano no primeiro da Pharsalia, onde diz. Mas a causa de estarem em nosso tempo pellas cidades de Italia as casas meyo derribadas & vazias, & as pedras dos muros caidas & espalhadas, & muitas casas sem moradores, muitas & muy populosas cidades quasi desertas, Italia toda montuosa, & tantos annos por lurrar, dando vozes os campos sem auer quem os cultiue: não es tu Pirro ferós? nem he Africano Anibal, autores de tantas perdas & danos, que nenhum de vós outros teue poder pera suas armas atalharem a tanto: antes a maõ cidadã he a que vos deu taõ penetrante ferida, & a que foi a causa de tantos males.

Assi o estado a que oje a India tem chegado, não foi causa delle, poder de algum imigo, por que a te oje nenhum permaneceo cõtra elle. Cobiça, & tyrannia foraõ as que lhe deraõ taõ penetrantes feridas: por que tambem isto foi o que destruyo o Imperio Romano (como diz o mesmo Lucano) que depois que conquistou o mundo todo, começando a gostar das riquezas, & acquirilas, logo as boas fortunas deixaraõ seu lugar as prosperidades. E ja se não conheciaõ aquellas herdades, que foraõ lurradas com a rexa do forte Ca-

milo, & que foraõ abertas com os arados d'aquelles antigos Curios. Assi tudo isto he ja esquecido na India, & aquellas artes com que se ella descobrio, & ganhou, que foraõ verdade, & liberalidade, tudo he ja mudado ao contrario: tanto, que a te as naos que naquella tempo vinhaõ á India, carregadas de soldados, & armas, agora vem cheas de mercadores, & respondentes: que trouxeraõ a ella delicias, logros, vsuras, de que toda a terra está mais cheia que de armas. Deixemos esta materia que magoa, & tornemos a nosso fio.

O Governador foi continuado com as obras da fortaleza, com muita pressa: mandando fazer da outra banda da villa dos Rumes, vm fermoso baluarte á borda da agoa, pera recolhimento dos officiaes d'aquella alfandega: & húa casa muy grande & fermosa, que entestaua no baluarte, pera o despacho das fazendas, correndo Coçoçar com tudo muy pontualmente. E porque he necessario continuarmos com outras cousas deixaremos estas por vm pouco.

### CAPITULO III.

*Das guerras que em Ceilaõ ouue, antre aquelles dous Reys Irmaõs: & do socorro que o Camorim mandou ao Madune: & de como Martim*

*Afonso de Sousa desbaratou a armada do Camorim em Beadalã.*



**E**R A tamanha a ambição do Madunepandar, Rey de Ceitauaca, & assi lhe era maõ de sofrer ver seu Irmaõ, ainda que mais velho, igual com elle em estado, que não se quietaua em cuidar, & tratar modos, de como lhe daria a morte, & lhe tomaria o reino: pera ficar com a Monarchia de toda aquella illa. E assi tratou por muitas vezes darlhe peçonha, que não veyo a effeito, por que tomaraõ com ella alguns que pera isso peitou grandemente, que no tormento confessaraõ a verdade: pello q̄ dali por diante trouxe Elrey da Cotta grande resguardo em si, não comendo se não cousas guisadas por sua maõ. Vendo o Madunepandar descobertas suas traças, determinou de lhe tomar o reino por guerra, & valerse outra vez do Camorim, despedindo em Agosto passado Embaixadores com hũa soma de dinheiro, & muitas joyas de presente pera o Camorim, mandandolhe pedir hũa grossa armada, pera o que mandaua as despezas, pera o ajudar naquella empreza, offerecendolhe alguns portos de már naquella ilha. O Camorim recebeo bem estes embaixadores, & mandou logo por

todos os portos do seu reino negociar todos os nauios, que ouuelle: & elegeo pera esta jornada tres Mouros principaes, chamados, Paichimarca, a que alguns chamaõ erradamente, Patemarca. E seu irmaõ Cunhale marca, ambos naturaes de Cochim, nacidos & criados antre os Portugueses. E o outro era Aly Abraham. O Camorim mandou pagar gente pello reino, & fez oito mil homens, pera irem nesta jornada: dando ordem que todos os nauios se fossent ajuntar em Panane, onde viuia o Paichi marca. A armada foisse fazendo prestes pellos rios: & assi como os nauios estauaõ pera partir se yaõ pera Panane. O Aly Abraham, que viuia no rio de Pudepataõ, sayo delle com dez nauios na entrada de Nouembro, & sendo tanto auante como Panane, ouue vista da nao Galega que ya pera Cochim, & querendo prouar a maõ a foi demandar muito crespo, & com todos os nauios postos em armas, rodeandoa por todas as partes, começandoa a bater rijamente. Ruy dias Pereira que era capitão, negoceou a sua nao mûy bem, defendendosse delles com muito valor, & assi os escandalizaraõ com sua artelharia, que os fizeraõ afastar com alguns desapparelhados: o que não foi sem dano, por que de hũa pilourada q̄ deraõ pello peçoço a Ruy Diaz Pereira, o matareaõ, (ainda que alguns

guns dizem que hũa racha de hũa tauoa que o pilouro leuou, lhe deu pellas guellas que o degolou.) Afastados os Parós, a nao foi seu caminho pera Cochim, leuando algũs feridos. A capitania desta nao deu o Governador a Iurdaõ de Freitas. Recolhido o Aly Abraham em Panane, ficaraõ esperando pellos mais nauios que se yaõ ajuntando.

Poucos dias depois deste negocio da nao, indo outros noue Parós de vm desses rios pera Panane, deraõ com hũa fusta que ya de Cananor pera Cochim, & cometendo a abordaraõ, & axoraraõ, matando quantos nella yaõ, somente vm moço de idade de dez annos (que nella ya com seu pay) chamado Marcos, ficou catiuo. Lũta toda a armada em Panane: tanto que passou a lũa de Nouẽbro (em que elles fazem suas grandes festas) sairaõ d'aquelle rio. Eraõ os nauios por todos cincoenta & vm, em que entravaõ cinco galeotas latinas de coxia, que jugavaõ por proa meas esperas. Ya toda esta armada chea de muita gente, espingardas, arcos, lanças, & com mais de coatrocentas peças de artelharia, & a mor parte della de bronzo. E alem da gente de armas que eraõ oito mil, todos os remeiros leuavaõ arcos & frechas debaixo dos bancos em que yaõ, pera pelejarem quando fosse necessario.

Esta armada toda foi passando de longo das naos do reino, que estauaõ na barra de Cochim á carga, & foi vista da cidade que se meteo em aluoroço, cuidádo que quisesse pelejar com ellas, mas foi passando adiante. E chegando á barra de Coulaõ, acharaõ nella hũa nao á carga, que tinha saido de Cochim, onde se fez aquelle anno, pera ir pera o reino, & chamaua-se Saõ Pedro, que foi a mais bem escansada nao que ouue na carreira da India, & durou vinte & dous annos nella: por que no de cincoenta & noue que nos partimos do reino, tinha ella ido da India, & ficaua no rio de Lixboa seruindo de cabrea, pera emmaftear as outras. Paichi Marca, vendo a nao só a foi cometer, auendo que nella tinha pouco que fazer, & rodeando a começou a bater. Nicolao Iuzarte que era capitãõ della, se pos á defenõ, tendo a nao mũy bem negociada, defendendosse com muito valor: & de tal maneira tratou os imigos (por ter muita & grossa artelharia) que lhes desaparelhou muitos dos nauios, matandolhes dentro muita gente. Vendo Paichi Marca o dano que recebia, & que a nao era muito forte, afastou-se della, dandolhe a derradeira salua: & quis a fortuna, que hũa racha de vm pao que leuou vm pilouro, tomou-se o capitaõ pella tola de vm pé, (que tinha aleuantado, & posto no pé

*Quinta Decada. Da historia da India.*

pé do carneiro, na tolda onde estava assentado em hũa cadeira, mal desposto, donde mandaua, & gouernaua tudo) & abrindolho todo o derribou mortal.

Apartada a armada, foi Nicolao Iuzarte a Cochim, leuado dos seus, pera o curarem, mas durou poucos dias. O Doutor Pero Vaz d'Amaral capitão, & veador da fazenda de Cochim: tanto que a armada passou pellas naos, despedio logo recado a Martim Afonso de Sousa, que sabia que era partido de Goa, pera que se apressasse. Este recado o tomou em Chale: & dandosse pressa chegou a Cochim a onde desembarcou pera negociar algũas cousas pera passar a Ceilaõ em busca dos inimigos, que ja tinha auiso da derrota que leuauaõ. E indo pella rua direita em hũa faca, lhe sayo de hũa casa hũa mulher viuua Portugueza carregada de dó, (que era mãy d'aquelle moço Marcos, que pouco atras dissemos que os Maluares leuauaõ catiuo, que o tinha ella sabido por alguns marinheiros, que se saluaraõ d'aquelle nauio a nado.) E chegandosse a Martim Afonso, lhe lançou as mãos as redeas do coartao, taõ desconfolada, & com taõ viuas & acesas lagrimas, & sospiros, que parecia que tinha perdido o fiso: & clamando alto lhe disse: Senhor valeime, que me matareaõ os Maluares meu marido, & me leuaõ meu filho

Marcos catiuo: & pois ides apos os inimigos, peçouos pellas chagas do filho de Deos que mo liureis, & tragais. Martim Afonso a consolou, dizendolhe, que rogasse ella a nosso Senhor, q̃ lhe desse victoria delles. Ella lhe respondeo: a victoria senhor, Deos vola dará: mas vos me auéis de prometer de me trazer meu filho, por que vos não ei de largar, ate me dardes diffiso vossa palaura, pera eu ficar algũa cousa consolada.

Vendo Martim Afonso a confiança que aquella mulher tinha, de lhe elle trazer seu filho, ouueo por muito bom pronostico: & disse-lhe, que se consolasse, que elle lhe prometia de trabalhar todo o possivel por lhe trazer seu filho: que rogasse ella a Deos que o encaminhasse, & lhe desse victoria dos inimigos: ella entaõ o largou com grandes bençoens, & com muitas lagrimas. Martim Afonso se embarcou logo, & foi a pos a armada do Camorim: & chegando a Coulaõ, achou a nao São Pedro desparelhada de algũas cousas, da batalha passada, & dos da nao soube o que lhe tinha acontecido, & apressandosse chegou ao cabo do Comori, a onde teue fala de algũas embarcaçoens que achou, & loubre que os inimigos faziaõ seu caminho por dentro, pera passarem os baixos de Manar. Martim Afonso de Sousa por que leuaua Galés & nauios muito peçados, que eraõ perigosos

perigosos pera os baixos, com conselho de todos tornou a voltar pera Cochim, pera se negociar em nauios pequenos: & esta volta lhe deu a vitoria: por que como Pai-chi Marca tinha ja auiso da armada Portuguesa, & trazia espias sobre ella, chegando a Beadala, foi auisado que se tornara do cabo do Comori: & parendolhe que fora cõ receo delle, desembarcou ali, & varou os nauios pera os concertar & alimpar, deixádosse estar deuagar.

Martim Afonso de Sousa chegou a Cochim, & deixando ali as Galés, tomou alguns nauios de remo que achou, & com os que leuaua perfes vinte & dous, pera onde se mudaraõ, os capitaens das Galés, & toda a gente da armada, que por toda seriaõ coatrocentos & cincoenta homens. Os capitaes & acompanharaõ, (aos que achamos os nomes,) são os seguintes.

Fernaõ de Sousa de Tauora, Manoel de Sousa de Sepulueda, Martim Correa da Sylua, dõ Diogo d'Almeida Freire, irmaõ de dõ Ioaõ de Sande, (a quem na India chamauaõ o Malauar, por saber muito bem aquella costa, & falar a lingoa) Miguel d' Ayala, Ioaõ de Sousa Rates, Francisco de Mello Pereira, Francisco Fernandez o Moricale, & o Siqueira, ambos Malauares, naturaes de Cochim, grandes cofiairos, & valentes ho-

mens, & outros.

Partido Martim Afonso de Sousa com esta armada ligeira, passou o cabo do Comori, & foi tomãdo fala dos imigos, que soube estarẽ em Beadala com os Parõs varados, & tendas postas em terra: pello que se apressou, & foi hũa tarde aparecer sobre a barra de Beadala, onde surgio. Os capitaes Mouros vendo a armada, & notandõ a pouquidade della, mandaraõ lançar ao mar trinta nauios, pera a irem cometer, deixando os outros varados, começandosse a embarcar a gente, & como isto era tarde anoiteceo logo. Martim Afonso de Sousa teue àquella noite conselho com os capitaens, & assentaraõ que cometessem os imigos por mar & por terra: por que assi alcançariaõ delles mais depressa vitoria, pello descuido cõ q̃ auiaõ de estar em terra. E assi ordenou Martim Afonso de Sousa, ficarem na armada cento & cincoenta homens com vñ d'aquelles fidalgos, (& segundo nos parece foi Fernaõ de Sousa de Tauora) a quem deu por regimento, que tanto que ouuisse desparar hũa camara de falcaõ, que pera isso leuaua, cometesse a barra, & pelejasse com os nauios que estauaõ no már: & elle foi desembarcar em hũa ponta, abaixo de Beadala, pera os baixos, espaço de mea legoa, onde se pos em terra com trezentos homens no coarto d'alua, começando logo a mar-

*Quinta Decada. Da historia da Jndia.*

a marchar pera a pouoação, em muito boa ordem. A armada tanto que o lançou em terra, tornou-se a pôr sobre a barra, a onde se deixou estar esperão pello final. E entolhandosse que lho fizeraõ, mandou o capitaõ mór della levar ancora, & postos em armas cometeraõ a barra ao som de muitos instrumentos & bombardadas. E endireitando com os Parós que estauaõ no már com algũa gente, os inuestiraõ, lançandolhes dentro muitas panellas de poluora com q̃ os abrazaraõ. Os capitaens Mouros que estauaõ em terra, ouuindo a reuolta acodiraõ á praya, a mandar gente aos nauios, pera elles os focorrerem.

Estádo assi nesta pressa chegou Martim Afonso de Sousa ao lugar, & com grandes estrondos, gritas, & alaridos cometeo os inimigos, dandolhes a primeira surriada de arcabuzaria, com que lhes derribaraõ muitos, inuestindo logo cõ elles as cutiladas, ficando todos baralhados, & como os tomaraõ de supito, fizeraõ nelles grande destruição. Os capitaens Mouros védo aquillo, cuidando que era outro poder, & outra armada, começaram a desemparrar tudo. O Siqueira pedio licença a Martim Afonso de Sousa pera ir fogo aos Parós, que estauaõ varados, (porque em quanto não ardessem, os Mouros os não auiaõ de desemparrar, & auiaõ de trabalhar pellos defen-

der.) E dandolha Martim Afonso de Sousa lhes foi pôr fogo por algũas partes, que começou a atear nelles com grande braueza. Neste tempo andaua a batalha, assi no már como na terra muy acela. E vendo os Mouros arder os nauios, logo desacoroçoaraõ, & se começaram a retirar.

Estaua na tenda de Paichi Marca (que elle mãdou armar em vm palmar afastado da praya) o moço Marcos, & ouuindo a reuolta, & entendêdo que eraõ Portugueses, posse na porta a esperar o fim da contenda: por que ainda era escuro, & não se ousaua de sair, & ir pera os Portugueses, por que receaua que o mataassem, cuidando q̃ era Mouro: por que tudo quanto via & ouuia era fogo, espingardadas, & gritas muito pera recear vm homem muito animoso, quanto mais vm minino.

Os Mouros começaramse a desbaratar & a fugir, & alguns chegaram á tenda onde o moço estaua, & perguntaraõ por Paichi Marca, & sabendo não estar ali foraõ passando. Alguns Mouros moços que seruiaõ o Paichi Marca, q̃ estauaõ na tenda, vendo o disbarato, ferraraõ do moço Marcos, pera o leuarem comsigo, por que ja se queriaõ tambem pôr em saluo: mas elle lhe escapulio das mãos, & por se temer que alguns Mouros o quisessem levar, determinou se arriscar a hũa espingardada, deitando

tando a correr pera onde os Portugueses andauão, por que ja começaua a esclarecer, & foi gritado que era Portugues: & assi foi dar com vns poucos de soldados, que encararaõ pera o matarem, mas como elle ya bradado Portugues, Portugues, quis Deos mouido das orações da triste mãy, que o ouuifse vm, que foi a mãõ aos de mais, dizendolhes q̄ aquelle era o moço, que o capitaõ mor encomẽdara a todos: por que teue elle tanta lembrança das lagrimas da mãy, que antes de entrar a pouoação disse a todos, que lhes encomẽdaua muito o filho da viuua de Cochim. E lêbrandolhes a estes soldados o tomaraõ nos braços, & o leuaraõ a Martim Afonso de Sousa, que em o vendo foi sua alegria tamanha, que ouue que por elle lhe dera Deos aquella vitoria, q̄ se acabou de arrematar manhã clara, assi no már, como na terra, ficando todos os nauios em poder dos nossos.

Paichi Marca, & seu irmaõ, & Aly Abraham, vendo tudo perdido se recolheraõ a dous nauios ligeiros em que se acolheraõ. Os nossos andauão em terra seguindo a vitoria, & depois dos da armada renderem a dos inimigos desembarcaraõ, & todos em vm corpo ja depois da menhã clara deraõ na cidade, pondolhe o fogo por muitas partes, em que se consumio toda: fazẽdo todo o mais dano que po-

deraõ, pello fauor & ajuda que deraõ aos Mouros. Auida esta vitoria, que foi hũa das famosas da India, mandou Martim Afonso de Sousa xaquear as estancias dos inimigos, onde acharaõ grandes despojos, principalmente de armas: por que tomaraõ trezentas espingardas, & mais de duzentas peças d'artelharia, muitas moniçoens, & outras cousas. E antre isto se tomou vm sôbreiro que o Camorim mãdaua ao Madune: & de todos os cincoenta & vm nauios, só os dous se saluaraõ, em que foraõ Paichi Marca & seu irmaõ: & os mais delles foraõ queimados, & os outros recolheo Martim Afonso de Sousa, & os leuou comsigo ajuntandoos á sua armada.

## CAPITVLO V.

*Das cousas que mais aconteceraõ a Martim Afonso de Sousa em todo o resto do verraõ. E de como passou a Ceilaõ, & das pazes que aquelles Reys fizeraõ.*



**P**ORQUE temos muitas cousas que tratar primeiro que se nos acabe o verraõ, pareceonos bem concluirmos com as de Martim Afonso de Sousa pollas contarmos juntas, ja que estamos

H com

*Quinta Decada. Da historia da India.*

cõ as mãos nellas. Auida tamanha vitoria, armou ali muitos caualeiros, & antre elles foi vñ Simão Rangel de Castello branco, irmaõ do Doutor Fernão Rodriguez de Castello branco, homem fidalgo, cujo aluara de caualeiro ( que lhe ali passou) está em nosso poder o proprio, de quem nos tiramos as forças principaes deste soccesso. E parecendo a Martim Afonso de Sousa que era obrigação, auisar ao Governador desta vitoria, despedio Miguel d' Ayala, capitão de vñ catur, por quem escreueo ao Governador, & ao capitão de Cochim, a merce que lhe Deos fizera: & a Elrey de Cochim mandou o sombreiro, que o Camorim mandaua ao Madune. Neste catur mandou embarcar o moço Marcos, entregue a Miguel d' Ayala, a quem encomendou muito o entregasse da sua parte a sua mãy. E nesta era de noueta & seis, em que escreuemos isto, viue este homem ainda, & chamasse Marcos Rodriguez, & he casado em Baçaim com hũa molher fidalga, do apelido dos Mirandas, de que tem filhas que viuem oje casadas com fidalgos muito honrados, & bem despachados.

Despedido este catur, logo Martim Afonso de Sousa se negociou, & embarcou pera ir a Ceilaõ verse com aquelle Rey, leuando dos nauios dos imigos os milhores, com que reformou a sua armada,

& os mais mandou pera Cochim, & assi foi demandar os baixos ja em fim de Feuereiro, que passou muito bem a te Manar: & dali de longo da costa foi demandar Columbo. E deixaloemos vñ pouco, por que he necessario cõtinuarmos com Miguel d' Ayala, que ya com o recado pera Goa.

Este homem chegou a Cochim, & deu ao capitão as cartas, & a Elrey o sombreiro, que o estimou muito: & assi leuou o moço Marcos, & o entregou a sua mãy da parte do capitão mór, dizendolhe que ali lhe mandaua seu filho, & que ficaua desobrigado da promessa que lhe fizera. A triste viuua foi o seu aluoroço tamanho, que não cria o que via, abraçandosse com o filho, tornãdo com elle a renouar a dor da morte do pay.

As nouas de tamanha vitoria se festejaraõ em Cochim o melhor que pode ser, que logo se espalharaõ por todo o Malauar, onde ouue vñ geral pranto, por que morreraõ na batalha mais de tres mil Mouros, dos principaes: ficando assi o Camorim, como os armadores muy quebrados, por q̄ naquella armada meteraõ todo o cabedal. O Miguel d' Ayala tanto q̄ deu as nouas em Cochim, tomando cartas do capitão, & d' Elrey pera o Governador, partioffe com muita pressa, por que o auia de ir tomar em Diu.

Diu. E sendo tanto auante como Chale, encôtraraõ hũa galeota de Malauares mûy fermosa, & chea de muita & boa gente, & pondo a proa no catur do Miguel d'Ayala o inuestio, lançandolhe logo gente dentro. O Miguel d'Ayala não leuaua mais de quinze soldados, que yaõ com animo mûy alegre da vitoria de Beadala. E vendosse entrados dos Mouros, se poseraõ com elles as cutiladas, com tanto valor & esforço, que lhes mostraraõ logo por obra, que naquelles quinze homens estauaõ muitos: por que começaraõ a atafalhar nos Mouros brauissimamente, tendo ja o catur coalhado de corpos mortos. Mas como os Mouros eraõ mais de duzentos, vns de dentro, & outros de fora, perseguiaõ os nossos com todos os tiros que podiaõ, de que derribaõ alguns mortos. Em fim por não recitarmos golpes, a briga durou todo o dia, que ouue tamanho estrago de ambas as partes, q̄ não ficou nos nauios quem os podesse mandar, por todos estarem estirados, ou mortos, ou feridos. Os marinheiros vendoos d'aquella maneira, ventando o vento bem pera Goa deraõ á vela, & tomaraõ Cananor, onde desembarcaraõ ao outro dia, os mortos pera lhe darem sepultura, & os viuos que não eraõ mais de cinco (em que entrava o Miguel d'Ayala) pera os curarem: & quis nosso Senhor q̄ não

perigasse o Ayala, que não pode passar dali, & o capitaõ de Cananor despedio o catur com as cartas ao Governador, escreuendo-lhe aquelle socesso. Este catur chegou a Diu, & deu as cartas ao Governador Nuno da Cunha que mandou festejar as nouas da vitoria com toda a artelharia, & o tornou a despedir cõ cartas pera Martim Afonso de Sousa, & pera os fidalgos de sua companhia de lououros d'aquelle negocio.

E tornando a Martim Afonso de Sousa que ya sua jornada pera Ceilaõ, em poucos dias chegou ao porto de Columbo, com toda sua armada, & ali desembarcou, & com toda a gente posta em ordem marchou pera a Cota, pera se ver com aquelle Rey, que o recebeu muito honradamente, achando ja desapressado, & em pazes com o irmaõ: por que tanto que soube do disbarato de Paichi Marca, & da chegada da nossa armada a Columbo, mandou pedir pazes ao irmaõ, que lhas concedeo, por que naturalmente era bom homẽ. Pello que Elrey da Cota, deu os agardcimẽtos a Martim Afonso de Sousa, estimando muito a cõta que com elle tinhaõ os Portugueses, & de como acodiaõ a seus trabalhos. Martim Afonso de Sousa vendo que não auia ali que fazer, tratou com Elrey de sua ida, & lhe pedio algum emprestimo pera as despezas da armada, &

paga de soldados, (por que tinha elle mandado offerecer tudo isto.) Elrey lho concedeo com muito gosto, mandandelhe dar corenta & cinco mil cruzados, que se carregaraõ por emprestimo sobre o feitor de Columbo, em cuja receita fomos ver este dinheiro: & assi este, como outro muito que depois emprestou, lhe foi muito mal pago, & ainda oje se lhe deve a mór parte delle (encomendando Elrey de Portugal muito a seus Governadores que lhe fizessem muito bõ pagamêto.) Martim Afõso de Sousa se despedio d'Elrey, que lhe deu peças & brincos, assi a elle, como a todos os capitaens, & fazendosse á vela se tornou pera Cochim, a onde achou as Galés: & com toda a sua armada formada andou o resto do veraõ na costa do Malauar, fazendo toda a guerra que pode ao Camorim, tomando ainda outros muitos Paços, com que acabou de destruir os armadores. E como foi tempo se recolheo a inuernar a Goa.

### CAPITVLO VI.

*De como o Governador Nuno da Cunha por culpas que teve de dom Pedro de Castello branco capitão de Ormuz, o mandou desapoßar da fortaleza. E de como dom Fernando de Lima foi com hũa*

*armada ao estreito: & das mais cousas que o Governador passou em Diu, ate se recolher.*



**R**ELLAS naos que vieraõ em Novembro de Ormuz a Diu, teve o Governador Nuno da Cunha muitos capitulos de grandes culpas & queixas, contra dom Pedro de Castello branco, que eraõ de qualidade, que lhe pareceo necessario, pera quietação da terra (por não auer outro aleuamento como em tempo de Diogo de Mello) mandalo tirar da fortaleza: por que naturalmente era um fidalgo muito forte de condição, & taõ vingatiuo, que não perdoava cousa algũa. E assi estava toda a terra taõ escandalizada delle, que foi necessario ao Governador acudir áquelle negocio, & determinou de mandar lá o Doutor Pero Fernandez Ouuidor geral pera o suspender do cargo de capitão da fortaleza, & mandalo prezo á India.

E porque por entãõ não auia nenhum prouido d'aquella fortaleza, & o Governador estava muito afeiçoado ao auiso, arte, & primor de dom Fernando de Lima, que nas naos passadas tinha vindo do reino por capitão de hũa dellas

dellas, como dissemos no capitulo 3. do 2. liuro despachado cõ Goa, determinou de lhe dar aquella fortaleza, de que poderia tirar aquelle anno coufa com que se podesse ir pera o reino. Era este fidalgo da criaçãõ d'Elrey dom loão, sendo Principe, & foi sempre tão limpo, tão graue, & tão cortezaõ, q̃ era vm dos fidalgos em que naquelle tempo se trazia o olho. Casou por amores com hũa dama do paço, que se chamaua dona Francisca de Vilhena: filha do grande Ruy Barreto, Fronteiro mor do Algarue, & de dona Branca de Vilhena, irmã de Francisco Barreto, que foi Governador da India, q̃ era pobre, & tinha pouco dote: & como Elrey lhe era afeiçoado, despachou o anno passado pera a India com a capitania de Goa, por ser coufa que lhe entraua logo, & com a capitania de hũa nao. Chegou á India com grande casa & seruiço de sua pessoa, por que era muito concertado no tratamẽto della. Embarcouffe logo com o Governador pera Diu, & conuersandoo na jornada, vendo sua arte, auiso, & mais partes: assi se lhe afeiçoou, que o governaua todo. (E costumaua a dizer em sua auilencia nas conuersaçõens dos fidalgos, que se não cõuersara dom Fernando de Lima que fora ao inferno.)

E vendo que se abria caminho pera mostrar quaõ grãde seu ami-

go era, quis lhe dar a vagante desta fortaleza de Ormuz: porque ainda que não acabasse tres annos, sempre auia de tirar mais que de Goa, por que desejava de o ver tornar pera o reino remedeado: E estando com elle em conuersaçãõ lhe disse, que viera enganado de Portugal, por que a capitania de Goa não era coufa pera elle; assi por que daua de si pouco, como por estar nella sempre o Governador da India, & o capitãõ ficar com elle muito acanhado, que desejava de o milhorar, pera que se podesse tornar pera o reino mais cedo, & com mais remedio. Que elle mandaua desapossar dom Pedro de Castello branco da fortaleza de Ormuz: & que não auia nenhum prouido, que elle em nome d'Elrey lhe fazia merce della, & q̃ poderia ser ficasse seruindo tres annos por em cheo. Dom Fernando de Lima lhe teue em merce áquella vontade, dizendolle que a não aceitaua, por que não lhe cõuinha ir desapossar de sua fortaleza vm fidalgo tão honrado. O Governador parecendolhe muito bẽ áquelle primor lhe disse, que elle daria a isso vm talho muito bom: este era, que iria ao estreito em hũa armada, por que auia nouas de Galés, & que entre tanto iria o Ouvidor geral fazer aquella execuçãõ em dom Pedro, & o mandaria pera Goa. E que como fosse tẽpo de se elle recolher do estreito, fosse

*Quinta Decada. Da historia da India.*

to, fosse inuernar a Ormuz, a onde acharia prouisaõ pera tomar posse d'aquella fortaleza. Dom Fernando lhe disse, que por aquelle modo aceitaua. O Governador Nuno da Cunha mandou logo preparar dous Galeoens, & algũas fustas com que dom Fernando de Lima se fez a vela entrada de Fereiro: & de sua jornada adiante daremos rezaõ.

O Governador ficou em Diu, dando muita pressa ás obras da cisterna, & renouando muitas coufas da fortaleza, & mandou correr com as obras do baluarte da villa dos Rumes, dando Cogeçofar auimento pera tudo, no que correo taõ põtual, que disse o Governador a Antonio da Sylueira, que a seu filho (que estaua na fortaleza reteudo) de quando em quando lhe desse licença pera ir á cidade visitar sua mãy, com alguns homens de sua guarda. E porque entrava ja o mes de Março, tempo de se recolher pera Goa, pera prouer nas coufas de Malaca & Maluco: proueo nas da fortaleza, dando a capitania do baluarte da villa dos Rumes, a Francisco Pacheco, com o cargo de Iuiz d'Alfandega, prouendo todos os officiaes della. E o baluarte do mar proueo de artelharia, & moniçoens, cuja capitania deu a Antonio de Sousa Coutinho, (vm fidalgo de Lamego) dandolhe trinta soldados. E assignou pera ficarem na fortaleza

grande, seiscentos homens, com capitaens, pera lhes darem mefas: que foraõ, Lopo de Sousa Coutinho, de Sanctarem, Gonçalo Falcaõ, Luis Rodriguez de Carualho, Gaspar de Sousa, Manoel de Vasconcellos, Rodrigo de Proença, da obrigação do Governador. E a capitania da armada que deixaua no rio, deu a Francisco de Gouea: & a Alcaldaria mór da fortaleza a Payo Rodriguez d'Araujo, & a feitoria a Antonio da Veiga. Prouido tudo muito bem, despedio si o Governador de todos, & foisse pera Goa, a onde proueo nas coufas de Malaca & Maluco, & em todas as mais: & com isto se ferrou o inuerno.

CAPITULO VII.

*Do que aconteceu a Casarcanã Soltaõ Badur tinba mandado nos Galeoens a Meca: & de como foi leuado com todos os thifouros que leuaua ao Turco. E da armada que elle mandou negociar pera mardar a India contra os Portugueses. E do auiso que El-rey teue della: & do socorro que mandou.*



O capitulo serinio do liuro nono da quarta decada temos dada larga conta de como

como Soltaõ Badur mandou pera Meca sua molher, & seus thifouros, entregues a Cafarcan, por que não tinha ainda de todo perdido o medo aos Magores. Agora he necessario continuarmos com Cafarcan, por que conuem así ao fio de nossa historia. Partido este Mouro com suas naos, foi seguindo sua viagẽ ate a cidade de Meca: onde desembarcou tudo o que leuaua, & o Xarife dali os recebeu bem, dando aposentos á Raynha muito á sua vontade. Ali se deixaraõ ficar sem receberem agrauo, nem escandalo de pessoa algũa, esperando por recado d'Elrey Soltaõ Badur, a te este Abril passado, que chegaraõ as naos de Surrate, por quem tiueraõ nouas da morte de Soltaõ Badur, escreuêdo Cogefofar a Nacodá Amet, Rey de Zebit, com quem tinha muita rezaõ de amizade & criaçaõ, pedindo-lhe encarecidamente, que persuadisse aos Baxás do conselho do Turco, que mandasse suas armadas á India contra os Portugueses, & que fossem demandar aquella ilha de Diu, a onde lhe seria muito facil tomar aquella fortaleza, & onde elle esperaria com muita gente, mantimêtos, & todos os mais petrechos de guerra, pera os ajudar: & que d'ali ficauaõ abalrauento de toda a India, pera onde a todo o tempo que quisesse poderiaõ partir, & fazer guerra as mais fortalezas dos Portugueses, q

lhes não auiaõ de poder resistir, & así os lançariaõ fora da India, & ficaria outra vez o comercio antigo em sua liberdade como dantes, & a romagem da casa de Mafamede desempedida aos romeiros della, cuja deuaçaõ estaua perdida, pella potencia das armadas Portuguesas, que tanto em offensa de sua religiaõ tinhaõ tapadas as bocas d'aquelle estreito. Por estas cartas se espalhou logo a noua da morte do Badur, taõ nomeado por todo o Oriente, a te chegar ao Cairo a onde estaua por Governador Soleimaõ Baxá Eunuco, homem muito velho, que muitos annos seruiu ao graõ Turco Soleimaõ, de sua camara pera dentro. E quando deu a governança do Cairo ao outro Soleimaõ Baxá general da armada que mataraõ, que era guarda da sua porta da camara, lhe deu a este o mesmo officio, & por morte do outro tambem o passou á governança do Cairo.

Este Eunuco tanto que lhe chegaraõ as nouas da morte do Badur, despedio logo recado ao Xarife da casa de Meca, que lhe mandasse a molher, & thifouros d'aquelle Rey, que estauaõ naquella cidade, por que era así seruiço do Turco: o que tudo lhe foi leuado, indo Cafarcan acompanhando á Raynha. Outros dizem q o mesmo Cafarcan em sabendo da morte do senhor tomara tudo consigo, & se fora ao Cairo, & dahi á

corte do Turco . Ou fosse de hũa maneira,ou da outra , tudo foi leuado ao Turco, que ja era Celim, por auer pouco que seu pay era morto. Vendo este barbaro tanta pedraria & ouro, marauilhouffe : & ouue que reino dôde vni Rey só de sua recamara tirara aquelles tisouros pera mandar a Meca, auia de ser riquissimo d'aquellas coufas: com o que lhe creceo a cobiça de o conquistar, acrecentando-lha mais o Eunuco com as coufas que lhe disse , & com a carta de Cogeoçar que lhe mostrou : que Elrey de Zebit mandou, dizendo-lhe, que não só seria facil mandando suas armadas, fazerse senhor de vni Imperio taõ rico como aquelle: mas ainda lançar fora da India os Portugueses, & tornar a casa de Meca a sua antiga deuacaõ.

E como o Eunuco tratou esta materia com tamanha cobiça como o Turco , & desejava de se achar naquella jornada, tratou aquelles negocios com a mãy do Turco , que elle em moço seruiu, metêdo a por terceira pera lha dar, dizendo que não queria pera ella mais que as vasilhas, artelharia, & gente: & que todas as mais despesas elle as faria á sua custa. Isto solicitou com tanta instancia, q̄ lhe concedeo o Turco a jornada, despachando logo pera ir a Sues fazer prestes a armada que auia de leuar, dandolhe mil & quinhentos Ianiçaros de sua guarda , & a arte-

lharia que lhe pareceo necessaria. O Baxá se foi ao Cairo, onde mandou ajuntar muita madeira, & cordoalha: & dali em camellos se passou tudo a Sués . O Turco mandou com elle pera seu conselheiro o Cafarcan, por homem pratico nas coufas de Cambaya. E por que eraõ necessarios muitos officiaes pera concerto das Galés, & gente pera sua chusma, socedendo no mesmo tempo quebraremse as tregoaes que estauaõ feitas antre o Turco & a Senhoria de Veneza, que se tinhaõ celebrado com Bajazeto os annos de mil & quinhentos , de que foi autor Andre Gritti prouedor dos Venezeanos. E esta quebra das pazes foi este Setembro passado, estando ja o Baxá no Cairo , fazendo prestes as coufas pera a jornada: & chegandolhe as nouas a tempo, que estauaõ algũas Galés de Veneza em Alexandria, de que era capitão Misser Antonio Barbarigo . Mandou o Baxá logo a Chiquierqui Baxá daquella cidade, que lançasse mão de toda a coufa de Veneza que ali estivesse: o que elle fez , lançando mão do Consul dos Venezeanos que ali assistia, que era Misser Alinaro barbaro, & de todas as Galés, & gente dellas , & todos mandou meter na torre das lanças, donde poucos & poucos mandou leuar a Sués todos os que eraõ officiaes, indo em sua guarda Icus Amede , capitão mór do mar de Alexandria, que o auia

auia de acompanhar naquella jornada. Antre esta gente se acharão muitos carpinteiros, calafates, & comitres, que foi todo o aparelho pera aquella jornada: por que sem elles mal se podera negociar tamanha armada. Vm comitre destes Venezeanos fez vm roteiro de toda esta viagem, dia por dia, a quem nos em muitas cousas seguimos, por que escreueo como testemunha de vista.

Destas cousas que passaraõ na corte do Turco, teue logo Elrey dom Ioão auiso, pellas muitas intelligencias que nella trazia: pello que assentou em seu conselho, mãdar em Outubro algũas naos á India, com auiso as fortalezas de Ormuz & Diu, & com gente, & prouimentos pera ellas. E cõ muita breuidade mãdou negociar cinco naos, que nos primeiros dias de Outubro fez a vela, de que eraõ capitaens Diogo Lopes de Sousa, o traquinás de Sanctarem, que ya prouido da capitania de Diu, & leuaua por regimento que fosse tomar Goa. E Fernão de Castro pera ir a Ormuz, & Fernão de Moraes pera Diu, pera todos deitarem naquellas fortalezas, gente, moniçoens, & artelharia. Das outras duas naos eraõ capitaes, Aleixos de Sousa, & Anrique de Sousa Chichorro, filhos de Garcia de Sousa: que foi muitos annos prouedor do hospital de Lixboa, & por sua vagante se deu aos padres

Loyos, em cujo poder andou muitos annos. Estes dous capitaes yaõ pera Moçambique, de cuja capitania ya prouido Aleixos de Sousa que era mais velho: porque se receou Elrey que fossem ter a ella algũas Galés, & quis ter prouido a tudo. E cõ serem os Reys de Portugal pobres, prouiaõ a India, com taõ grossas & amudadas armadas, como se vé pello discursõ de nossa historia: por que traziaõ no coração (primeiro que o interesse) o zelo do seruiço de Deos, & da propagação de sua santa fé, elle lhes daua forças, poder, & cabedal pera tudo.

## CAPITULO VIII.

*De como o Doutor Pero Fernandez chegou a Ormuz, & desavõssou dom Pedro de Castello branco da fortaleza: & do que aconteceu a dom Fernando de Lima na jornada do estreito, a te ir á Ormuz: & do que aconteceu as naos do reino na viagem.*



**P**ARTIDO o doutor Pero Fernandez de Goa, foi seguindo sua jornada a te chegar a Ormuz, & desembarcando em terra o recebeu dô Pedro de Castello branco muy bem, fazendolhe muitos gasalhadors.

*Quinta Decada. Da historia da India.*

dos. O Doutor lhe disse: não me façaes senhor tanta festa, por que não venho aqui a coufas de vosso gosto. O Governador por culpas q̄ de vos tem, vos manda desapostrar desta fortaleza como vereis, por estas prouisoens que aqui estaõ: por cuja virtude vos notifico da parte d'Elrey nosso Senhor, q̄ dentro em vinte & coatro horas vos fayaes desta fortaleza, & vos embarqueis em hũa nao que ali está no porto de verga d'alto, pera se partir pera Goa. Dom Pedro ficou sobressaltado com diligencia taõ apressada: mas todavia disse q̄ estaua prestes pera obedecer ás prouisoens do Governador. O ouuidor geral mandou fazer vm auto da notificação dellas, em que dom Pedro se assinou com elle. Feito isto mandou dom Pedro logo tirar o seu fato, & embarcalo na nao, & elle no mesmo dia o fez tambem, ficando a fortaleza entregue ao Ouuidor geral, que ficou deuaassando & tirando sua residécia, com que como foi tempo se embarcou pera a India, deixando na fortaleza o Alcaide mór, com regimento pera a entregar a dõ Fernando de Lima, com quem he necessario que continuemos.

Partido este fidalgo pera o estreito pera onde o Governador Nuno da Cunha o mandou com hũa armada, foi seguindo sua derrota a te auer vista de monte de felix, na costa da Arabia, a onde se

deixou andar esperando as naos de Cambaya, & Achem: mandando vm nauio de remo a te as portas do estreito, a tomar fala da terra, & a saber das Galés. Este nauio tomou hũas Geluas, em que catiuou algũas pessoas, de quem souberaõ que em Sués se faziaõ prestes Galés, pera em Setembro passarem á India. Com estas nouas despedio dom Fernando de Lima vm nauio ligeiro ao Governador, que chegou a Goa ja em Mayo, causando com ellas grande aluoroço na terra. O Governador mandou com muita pressa negociar a armada grossa, pera que tanto q̄ dellas tiuesse recado as ir buscar. Dom Fernando de Lima andou por aquella paragem a te meado Abril, lē lhe ir cair nada nas maõs: & sendo ja tempo se fez na volta de Ormuz. E passando por Xael, sorgio sobre aquella barra, & mandou tratar com aquelle Rey, sobre o resgate de trinta Portugueses, q̄ ali estauaõ catiuos, de hũa embarcação que deu á costa, que lhe Elrey deu a troco de roupas, & fazendas, que ja pera isso leuaua. E dando dali á vela chegou a Ormuz em fim de Mayo, & tomou posse d'aquella fortaleza, pellas prouisoens que achou. Quasi no mesmo tempo chegou a nao do reino, de que era capitaõ Fernão de Crasto, que dom Fernando de Lima recebeu bem, desembarcando os prouimentos, moniçoens, & ar-

telharia

telharia que leuaua : & aos soldados se ordenaraõ mesas , & pagaraõ seus quartéis. Dom Fernando de Lima sabendo da certeza das Galés , afsi pello recado do reino, como do auiso que teue pella fusta que mandou ao estreito: mandou recolher todos os mantimentos, agoa, & lenha que pode , renouando, & fortificando a fortaleza com muita pressa , achando por todos os Portugueses que podiaõ pelear seiscentos : que recolheo detro na fortaleza, despedindo nauios ligeiros cõ recado aos Xeques de Mascate, Calayate, Curiate, & por toda aquella costa ate o cabo de Rosalgate, pera que estiuessẽ sobre auiso, se as Galés fossem pera aquella fortaleza , dando por regimento aos capitaens dos nauios, que se deixassem andar naquelle cabo ate todo o mes de Agosto esperando: pera que se entrassem naquelle estreito , lhe leuarem diãte auiso, ficando mûy aluoroçado esperando por ellas, auêdo que seria grande boa vêtura a sua, se em seu tempo fossem ter áquella fortaleza. Mas a morte inuejosa de todos os pensamentos honrosos, lhe atalhou os seus : por que naõ auendo tres meses que estaiã naquella fortaleza , veyo a falecer de hũas febres, com grande dor & sintimêto de todos, pellas boas partes & qualidades de sua pessoa, pollo que era muito amado, & respeitado. Seu corpo foi enterrado antre as por-

tas da fortaleza : & seus ossos depois foraõ postos na parede antre as melmas portas , onde oje estaõ com hũas grades de ferro. Ficaraõ a este fidalgo vm filho & duas filhas. O filho se chamou dô Diogo Lopez de Lima Pereira, que foi veador d'Elrey dom Sebastiaõ: & as filhas, hũa se chamaua dona Isabel de Vilhena, que casou com Jorge de Lima: & a outra dona Maria Manoel, que foi casada cõ Manoel de Sousa , aposentador mór d'Elrey . Socedeo por sua morte na fortaleza Fernaõ d'Alvarez Sarnache, q̃ andaua por capitaõ mór n'aquelle estreito, por ter hũa prouisaõ do Governador Nuno da Cunha pera isso . Fernaõ de Craſto capitaõ da nao do reino , ficou ali inuernando, & em Outubro se partio pera Goa . As outras naos do reino tiueraõ todas muito boa viagem. Fernaõ de Moraes foi tomar Diu conforme a seu regimêto em Abril: & dando as cartas a Antonio da Sylueira , & deitando a gente & prouimentos que leuaua em terra, voltou para Goa , onde chegou ja em Mayo , com Diogo Lopez de Sousa o traquinas : que o Governador recebeu muito bê.

Nestas naos diziaõ , que tiuera o Governador cartas d'alguns amigos do conselho , que sem duuida no Setembro seguinte, lhe mandaria Elrey sôcessor, o que elle sintio tanto , que logo se mostrou triste, & malenconizado, auendoſse por muito

*Quinta Decada. Da historia da India.*

muito offendido, & agrauado d'El rey, & dos do seu conselho: tendo elle seruido quasi dez annos, com tanta satisfacção, & com tamanhas vitorias alcançadas, & agora auêdo certeza de Galés, quererem lhe tirar das mãos tamanha honra, & hũa occasião que elle estimaua sobre todas as da vida, era lhe cousa muito pesada, & má de sofrer. E todauia com seu descontentamento começou a prouer os almazens de tudo mûy bastantemente: mandando fazer muitas monçoens, & preparar a armada, repartindo o trabalho destas cousas pellos fidalgos, & capitaens, entregandolhes as naos, & Galeoens, de que auiaõ de ser capitaens, pera correrem cõ seu concerto: mandando que nos almazens, ferrarias, cordoarias, se desse tudo o que por seus assina-dos se pedisse, pera correr tudo cõ mais pressa: visitando elle em pessoa todos os dias as ribeiras, & almazens: & despedio cartas por terra ao capitaõ & veador da fazêda de Cochim, pera que lá lhe negociasse com a mór breuidade q̄ fosse possiuel toda a armada, & naos que ouesse, pera que a te vinte de Setembro fossem ter com elle, por que esperaua de ir buscar os Rumes, & pelejar com elles. As outras duas naos de que eraõ capitaens Aleixos de Sousa Chichorro, & Anrique de Sousa Chichorro seu irmão foraõ tomar Moçambique, entregando Vicente Pega-

do aquella fortaleza a Aleixos de Sousa, por hũa prouisaõ d'Elrey q̄ leuaua, que mandou logo reedificar a fortaleza, & recolher nella mantimentos, & lenha. E por que chegou com muitos doentes, lhes mandou fazer hospitaes, que os naõ auia, onde os recolheo, curandoos, & prouendoos muito bê, & exercitando o officio da caridade em todos os annos: que naquella fortaleza esteue: de feição q̄ quando sayo della, foi em estado que estaua pera se recolher no hospital por pobre, por que tudo gastou naquellas obras de caridade & hospitalidades. Estas eraõ as veniagas, & mercadorias dos fidalgos d'aquelle tempo, de que os deste se rim bem: mas nos naõ lhe vemos morgados, nem contos de juro de tantos milhoens de cruzados como tiraõ de suas fortalezas, nem sabemos por onde se lhe consumem todos: por que elles naõ se lograõ, & muitos na mór cobiça, & sede de ajuntar na sua fazêda, vem hũa dor de cabeça, & leuaos primeiro que acabem seu tempo. Por isso veja cada um o como se negocia, que Deos naõ dorme, & os brados dos pobres que naõ deixaõ viuêr em suas fortalezas, chegaõ aos ceos. Mas deixemos esta materia, pois he pregar no deserto, & continuemos com as cousas de Diu.

## CAPITULO I.

*Das cousas que aconteceraõ em Diu, depois do Governador Nuno da Cunha partido pera Goa: & de como Cogeoçar se foi secretamente da cidade, & se passou a Cambaya, & persuadio àquelle Rey a fazer guerra aos Portugueses.*

**E**M quanto o Governador Nuno da Cunha esteue em Diu: com tanta prudência, arte, & manha se ou-  
 ue Cogeoçar em todas as cousas que se lhe encomendaraõ (de que o Governador ficou taõ satisfeito) que lhe deixou licença pera mandar hũa nao sua pera Meca, pagãdo naquella alfandega os direitos, & com obrigação, que tornasse áquella fortaleza. Esta nao pos elle logo á carga. O filho de Cogeoçar sempre esteue na fortaleza em refens, & algũas vezes ya á cidade visitar sua mãy, como o Governador tinha dado licença a Antonio da Sylueira. Poucos dias depois delle partido pera Goa, pedio licença pera a ir ver, & lhe trouxeraõ de sua casa vm fermosissimo cavallo, q̄ deuia de ter experimentado naõlle negocio pera q̄ o queria: indo cõ elle algũs homens da guarda. E chegando ao cais d'alfandega,

pondosse á borda da agoa, como q̄ estaua vendo as embarçaõens, apertou as pernas ao cavallo, dãdo-lhe cõ o chabuco (q̄ he vm açoute q̄ todos trazẽ na maõ, cõ q̄ os açoutaõ rijamente) cõ o q̄ arrancou o cavallo como vm trouaõ, & arremessandosse ao már, em breue espaço passou aõlle tránsito a te Gogalá. E como se vio da outra bãda foisse pera Nouanager, & dahi se passou a Cábaya, & foi muito bem recebido d'Elrey, q̄ lhe deu o titulo de Rumecan, q̄ he o mayor do reino. Antonio da Sylueira foi logo auisado de sua fogida, & mãdou por hũa cõpanhia de soldados levar diãte de si Cogeoçar, que foi muito cõfiado, & lhe deu suas rezoẽs, dizẽdo, q̄ se elle fora em consentimẽto da fogida de seu filho, naõ auia de ficar na cidade cõ sua mulher & fazẽda, q̄ era muita, nem auia de por sua nao á carga cõ tamanha segurança: q̄ seu filho era homẽ, & naõ lhe daua cousa algũa de o deixar a elle em trabalhos q̄ ali o tinha, & podia fazer d'elle tudo o que quisesse. Vendo Antonio da Sylueira sua segurãça, & parecendolhe, pellas rezoẽs que lhe deu, que estaua sem culpa, o deixou, pedindolhe q̄ corresse cõ o seruiço d'Elrey de Portugal como tinha por obrigação. Isto fez tambem Antonio da Sylueira por naõ causar algũa alteraçãõ na cidade que estaua quieta, por que se o prẽdera estaua certo tornar se logo

a despouoar. Cogeçofar era taó fagas, & assi se soube fingir, que andando negociando fugir d'aquella ilha, ya todos os dias à fortaleza, apresentar-se ao capitão, & ya carregando a nao de toda sua fazenda pouco & pouco, sem fiar sua determinação mais que de si proprio: pello que nunca o capitão lhe pode alcançar cousa algũa de seus desenhos, por muitas intelligencias que sobre elle trazia. Cogeçofar foi corrédo cõ a carga da nao: & o dia em q̄ tinha determinado sua fogida, embarcou suas molheres com tanto segredo, & resguardo, que nunca se soube.

E o dia que se auia de fazer á vela pedio licença ao capitão, pera ir com o Alcaide do már de Samarrala, que lhe elle deu. De madrugada se embarcou no nauio do guarda, & Alcaide do már; & entrando na nao recolheosse com elle pera a camara, onde o fechou: & largando a amarra por mão difirio a vela com vento prospero, & em pouco espaço se alongou da terra. O nauio do Alcaide do már (a que os Mouros chamaõ miraba) quis chegar a bordo, mas não o deixaraõ, pello q̄ voltou apressadamente pera a terra, & deu rebate ao capitão, que em estremo sintio aquelle negocio, & logo com muita breuidade mandou dar nas cascas de Cogeçofar, a onde não acharão se não cousas que elle não quis leuar. O capitão mádou tirar grã-

des deuassias, pera saber se ficara na cidade fazêda sua, mas não achou rasto de cousa algũa, de que ficou magoado: & bem entendeo que auia aquelle homem de dar ainda grande trabalho áquella fortaleza, por sua grande industria, saber, & artificio, como se vio nesta sua fogida: que vendo que se não podia sair da ilha, nem passar a outra banda, pellas grandes vigias que nos paços auia, ordenou de se ir por már, pera o que pôs aquella nao á carga pera Meca, pagando direitos das fazendas que nella embarcaua, pera mayor dissimulação.

E tornando a Cogeçofar: tanto que deu á vela foi demandar Surrate, a onde desembarcou sua casa, & despedio a nao pera Meca. E como foi em terra largou o Alcaide do már com que teue satisfaçoës, & lhe deu peças d'ouro, & brincos, & embarcação pera se tornar pera Diu, como fez: & deu ao capitão conta de tudo o que passaua. O capitão despedio logo um nauio ligeiro cõ cartas ao Governador Nuna da Cunha de tudo o q̄ era socedido, afirmádolhe q̄ Cogeçofar auia de persuadir a Elrey a fazer guerra a aquella fortaleza, & q̄ sem duuida aquelle inuerno a teria. E assi foi, por q̄ Cogeçofar se passou logo á cidade de Amadaba, & lançouse aos pés d'Elrey q̄ o recebeo bê, & o estimou muito. Cogeçofar depois de se agasalhar pedio

pedio a Elrey que o ouuisse vm dia perante os do seu côselho, porque tinha algũas cousas de seu seruiço que lhe dizer: o que Elrey fez tendo comsigo todos os seus capitaens. E Cogeoçar leuantandosse em pé, & tomado suas saluas fez a Elrey esta pratica.

*Fala que Cogeoçar fez a Soltaõ Mamude Rey de Cambaya, em que o persuadia a que mandasse por cerco à fortaleza de Diu, ajudandosse d'hũa grossa armada que lhe o Turco mandou em seu fauor.*

**A**Ntre as partes que o bom vassallo á de ter, muito poderoso senhor, a principal á de ser lealdade, & fidelidade a seu Rey: & como nelle ouuer esta virtude, logo se seguem a ella, amor, zelo de seu seruiço, esforço, prudencia, segurança, & todas as mais cousas semelhantes a estas: o que tudo fallece ao que falta hũa virtude taõ principal, por que logo tem odio & auorecimento ao seruiço do seu Rey, logo fica timido & acouardado, pouco seguro, malenconizado, & sobre tudo imprudente. E como eu pellas muitas & grandes merces que tenho recebidas d'Elrey vosso tio (cujo sangue está diante de Mafamede pedindo vingança dos Portugueses, que debaixo de se & amisade o mataraõ) dese-

jo de se me naõ enxergar ingrati- daõ a ellas, & naõ ser tachado de desleal, como pretendo mostrar nos grandes seruiços que espero fazer a V. A. a te sacrificar esta vida, & a de minha molher & filhos, sendo necessario, com muito gosto: por que com o direito do reino ficastes herdando as mesmas obrigaçoens que lhe todos tinhamos, principalmente eu, que me recolheo, honrou, & fez rico. Pello que se a te gora me naõ vim apresentar ante vossos pés, naõ foi por auer em mim algũa duuida em vosso seruiço, se naõ por desejar de me desarreigar de todos Portugueses, por que pellos penhores q̃na ilha de Diu tinha, me era necessario dissimular, & fingirme a te buscar modo, como fiz, pera me sair della com minha molher, filhos, & fazenda, pera mais desembaraçado, & com mais cabedal seruir vossa Alteza, pera o que estou prestes com tudo o que tenho, por que pera isso trabalhei de o saluar. E pois ja estou em vosso poder, pello muito que vos deuo como a meu Rey, & senhor, vos lembro as rezoens que tēdes, pera vingardes a morte d'Elrey vosso tio, & de tornardes a cobrar a ilha de Diu, que he a melhor peça de vosso reino, & as portas & chaues delle: que em quanto estiuer em poder dos Portugueses, vos aõ de ter vm pé no peçoço, & aueis de perder o trato

& comercio do estreito de Meca, com o que vossas rendas aó de vir tanto a menos, que do mais rico Rey do Oriéte, fiqueis o mais pobre & fraco delle. E sobre tudo a-frontada nossa religião, & impedida a romagem da casa de nosso Profeta, por q̄ não tinheis em vosso reino outro porto milhor, nem mais continuado, que aquelle de Diu. E se aueis de acodir a estas cousas, não sey tempo mais acomodado & acezonado q̄ este, que a fortuna vos offerece tamanha occasião, como he a pouca gente que naquella fortaleza fica, a fraqueza della, & de seus baluartes, & sobre tudo nenhũa agoa: porque a cisterna que o Governador Nuno da Cunha mandou fazer está ainda imperfeita: & os Portugueses não tẽ donde beber se não dos poços da ilha, q̄ tão que lhos tomarem, não tẽ outro remedio se não entregarẽse vos: & o inuerno he entrado, & não podẽ ser soccorridos de nenhũa parte: & pois tudo está tanta da vossa, não dilateis este negocio, por q̄ sem duuida vos será muito facil tornardes uos a senhorrear d'aquella ilha, & lançardes della tamanhos imigos. E pera mais vos assegurardes neste negocio vos affirmo, q̄ na entrada de Setebro tereis em vosso fauor hũa grossa armada de Turcos, por que tenho cartas d'Elrey de Zibit, q̄ se preparando em Sues com muita pressa. E espero em Mafamede, q̄

desta vez auemos de lançar estes homens fora da India, pera que a nauegação della fique liure & desembaraçada como dantes. E porque V. A. veja que lhe não aconselho cousa em que eu aja de ficar de fora, me offereço pera esta jornada com mil de caualo, & tres mil de pé pagos á minha custa. E sobre isto todo o mais dinheiro q̄ for necessario, por que tenho muito, & todo auerey por bem empregado no seruiço de V. A.

Elrey o ouuiu com muita atenção, & lhe agardeceo cõ palauras honradas aquellas lêbranças & offerecimẽtos. E por parecer bem a todos os do conselho, assentou se fazer se logo aquella jornada, elegendo pera ella Alucan, um dos titores d'Elrey, & cõ elle Cogeoçar, com igual mando, que Elrey logo fez do seu cõselho, & lhe fez merce da cidade de Surrate, pera elle & seus filhos, (que Soltaõ Badur tinha dado a Mostafa Baxá, o que se passou pera os Magores, como ja dissemos no capitulo 5. do 9. liuro da 4. decada.

Este Mostafa Baxá chamausse tãbem Rumecan, & era general do exercito de Soltaõ Badur, q̄ tinha começado nella hũa muito forte fortaleza pello rio acima mais de tres legoas, assentada sobre o rio, que defendia a passagem pera a cidade. Esta fortaleza mandou logo Cogeoçar acabar cõ muita breuidade. E começousse logo a fazer

a fazer ajuntamento de capitaens, & gente, a que se deu pressa, pera partirem na lúia noua de lunho. Agora os deixaremos por vm pouco, por que he necessario continuarmos cõ as cousas de Ceilaõ.

CAPITULO X.

*Das cousas que acontecerão em Ceilaõ. E de como o Madune por morte do irmão Reigaõ Pandar se apoderou de seu reino: & de como Elrey da Cota casou sua filha com um Principe da casta do sol: & que casta he esta: & porque se chama assi.*

**M**VY magoado ficou o Madune do disbarato de Paichi Marca, & da grande amisade & fauor que seu irmão Elrey da Cota tinha com os Portugueses: o que lhe era tão mau de sofrer, que morria de puro pezar. E em nenhũa outra cousa trazia o pensamento se naõ em buscar modos pera matar o irmão, a te peitar os de dentro da sua camara para lhe darem peçonha, o que tentaraõ algũas vezes, mas foraõ achados & justicados. Estando as cousas neste estado, & o Rey da Cota affombrado do irmão, faleceo o outro irmão Reigaõ Pandar, sem lhe fi-

carem filhos: & por que aquelle reino vinha de direito ao Rey da Cota, acodio muito depressa o Madune, & entrou na cidade de Reigaõ Corlé, que era a cabeça do reino, & se apoderou della, & dos thifouros do irmão, ficando com isto mais poderoso q̃ o Rey da Cota. E como o desejo de se ver senhor de toda aquella ilha, era o que o inquietaua, tentou logo de meter contra o irmão todo o cabedal como entrasse o veraõ, & aueriguar logo aquelle negocio, primeiro que tiuesse outro socorro dos Portugueses. E querendosse ainda valer do Camorim, lhe inuiou outros embaixadores, por quem lhe mandou pedir outra armada, mandandolhe muito dinheiro pera suas despezas. Esta armada lhe pedia mandasse na entrada de Setembro, por que ja o acharia sobre a Cota. Distõ foi logo auisado este Rey, & vendo os riscos em que andaua, & que estaua sem filho herdeiro: determinou de casar hũa filha que tinha, pera que os filhos que della procedessem fossem herdeiros d'aquelle reino: & assi elegeo pera gero um Principe que viuia nas sete Corlas chamado Treaua Pandar, que he ao que as historias da India corruptamente chamaõ Tribuli Pandar. Que assi por pay, como por mãy procedia d'aquelle Real geração da casta do Sol: por que naõ podiaõ herdar o Imperio de Ceilaõ,

laõ, se não os q̄ diretamente viessem desta casta: que os Chingalás tem por diuina, como logo diremos: & assi não farão suas sumbayas, nem obedecerão a Rey de outra casta, ainda que os matem.

*Donde vem os Reys da casta do Sol, & a rezaõ porque se chamaõ assi.*

**E** Por que nos não fique por darmos rezaõ desta casta do Sol, diremos o que elles disto fabulaõ, por daré vm honroso principio a seus Reys. Dizé suas Chronicas ( & nos o ouuimos cantar a vm Principe de Ceilaõ em versos a seu modo, que vm interprete nos ya declarando, por que todas suas antiguidades andaõ postas em verso, & se cantaõ em suas festas) que viuendo os Gentios todos d'aquella parte do Gange pera fora, em tudo o que oje comprende os reinos de Pegú, Tanaçarim, Siaõ, Cãboja, & em todos os mais d'aquelle sertão, sem Rey, sem leis, nem policia algũa que os differençaſse dos brutos animais, agasalhandosse por lapas, & couas, comendo euas, & raizes: sem terem conhecimento de agricultura, nem gregaria dos campos. E que estando aquelles naturaes de Tanaçarim vm dia pella menhã ao nascer do Sol, vendo sua fermosura, & ferindo os seus primeiros rayos na terra, de improuiso a viraõ abrir, &

fair de dentro della vm fermosissimo homem, graue na pessoa, de presença venerauel, & em todas as mais feiçoens differente de todos os homens: a quem acodiraõ todos os que o viraõ, admirados d'aquella marauilha, & com grande humildade lhe perguntaraõ, que homem era, & o que queria? Ao que respondeo na lingoa Tanaçarim, que era filho do Sol, & da terra, & que Deos o mandaua a aquelles reinos pera os reger & gouernar. O que ouuido por todos se lançaraõ pello chaõ, & o adoraraõ, dizendolhe: que estauaõ prestes pera o receberem, seguiré, & aceitarem suas leis & costumes. Dali foi leuado & posto em vm lugar supremo, & lhe deraõ obediencia como a Rey, & elle os comecou a mandar & gouernar.

A primeira cousa que fez foi tiralos dos matos, & ajuntalos em ciuijs conuersaçoens, ordenandolhes pouoaçoens, dandolhes modo & ordem pera fabricarem casas, & laurarem os campos: & depois a lhes darem leys suaves & brandas, com o que se foraõ achando bem, & a viuerem differentemente do que a te entaõ. Reinou este Rey muitos annos, & deixou muitos filhos com que repartio seus reinos, em cujos descendétes andaraõ mais de dous mil annos, & a todos os herdeiros que socediaõ lhe chamauaõ, Surianas, que quer dizer, da casta do Sol. Destes vinha diretamente

reitamente Vigia Raya, que foi (como ja dissemos no cap.5. do 1. liuro) degradado pouoar aquella ilha de Ceilaõ, em cujos herdeiros o Imperio della andou direitamente, & anda a te oje : Porque Elrey dom Ioaõ que está antenos, & he o verdadeiro herdeiro de toda a ilha, procede desta casta, & só nesta ilha de Ceilaõ se cõseruou por linha direita de herdeiro em herdeiro : o que naõ foi nos outros reinos onde ella começou, por que todos por tépos foraõ ter a maõs de tyrannos, & totalmente he extinguida & apagada : & só em este Rey dom Ioaõ se conserua oje, & nelle se acabará, por que naõ tem filhos, nem netos, como na verdade se acabou. E assi se jaçtauaõ todos estes Reys de Ceilaõ de procederem do Oriente . E assi elles todos lhe conhecem hũa certa superioridade, & lhe mandaõ pedir suas filhas pera se casarem cõ ellas.

Desta casta vinha diretamente este Principe que o Rey da Cota casou com sua filha, posto que era desherdado & pobre . Celebradas as vodas, ficou aquelle Rey tendo com o genro mais algum aliuiio. E sendo auisados da determinação do Maduné, fortificaraõ a cidade da Cota muito bem, recolhendo dentro mantimentos & armas . A isto acodio Nuno Freire Alcaide mór de Columbo, com algũs Portugueses que tinha a se lhes offerrecer : animando Elrey, & fauorecendo : certeficandolhe que o estado da India todo se auia de arriscar pello socorrerem & ajudarem, pello que naõ tiuesse receo de cousa algũa: ficando seruido na fortificação da cidade cõ muita diligencia, pello que Elrey lhe estava muito obrigado. E neste estado ficaõ estas cousas a te tornarmos a ellas.

*Fim do Liuro Segundo.*



# LIVRO TERCEIRO

## DA QUINTA DECADA

### DA HISTORIA DA INDIA.

#### CAPITULO I.

*De um marauilhoſo prodigio, das grandes vitorias que os Portugueſes ouueraõ dos Turcos, que acõteceo em Diu: & de como os capitaens d'Elrey de Cambaya chegarã àquella ilha com ſeus exercitos: & do deſaſtre por que ſe ateou o fogo na fortaleza.*

**P**ORQUE d'aqui por diante começamos com o fauor diuino a entrar nas grandes guerras que Elrey de Cambaya Soltaõ Mamude ſobrinho de Soltaõ Badur (que ſocedeo ao Miraõ ſobrinho do meſmo Soltaõ Badur filho de hũa ſua irmã que deſbaratou o Magor Mirmamede Haman, que ſe tinha aleuantado com o reino tyrannicamente, & apelidaua Rey de Cambaya) com o fauor das armadas do graõ Turco fez á noſſa fortaleza de Diu, nos pareceo bê, não paſſar por um eſpantoso caſo, que aconteceo antre os noſſos, que parece que foi prodigio das gran-

des vitorias que os Portugueſes ouueraõ de todas eſtas gentes, que foi deſta maneira. Hũa das oitauas da Paſcoa da Reſurreiçaõ todos os moços Portugueſes da fortaleza, que não eraõ de idade para tomarem armas, deſafiaraõ os moços da terra, aſſi catiuos como forros, que tambem não eraõ de maior idade, pera ſe darem hũa batalha (couſa muito vſada antre os moços de Portugal, os de hũa eſcola deſafiaremſe contra os da outra pera o campo, onde às pedradas, ou às pãcadas ſe trauaõ de tal feiçaõ, que ſaem muitos bem eſcalaurados.) Aſſi eſtes deſafiados pera a batalha, ordenaraõ vns & outros antre ſi ſeus capitaens, com ſeus guioens & bandeiras, leuando os moços Portugueſes na ſua, a diuiſa da cruz de Chriſto. E juntos todos no terreiro da fortaleza, poſtos em dous eſquadroẽs, fazendo ſeus ſinaes, remeteraõ vns aos outros. E trauados em batalha, aſſi as pedradas, como as pancadas, cõtamanho furia & odio, como ſe foraõ imigos de muitos dias, eſcalaurandõſſe, & ferindõſſe vns aos outros. Mas os moços Portugueſes (poſto que muito menos que os outros)

outros,) vendosse feridos, ferraraõ com elles, & muito mal tratados os arrancaraõ do campo, & os forraõ seguindo, bradando, vitoria, vitoria. D'aqui ficou antre estes o odio taõ ateadado, que onde quer que se encõtrauaõ, ou fossem dous & dous, ou menos, ou mais, trauaõ brigas, de que sempre auia sangue, & os da terra leuauaõ a pior. E assi auendosse por afrontados tornaraõ a desafiar os moços Portugueses pera vim domingo, que no terreiro da fortaleza ordenaraõ suas tranqueiras mūy bem feitas, em que se meteraõ, pondo por ellas muitas bandeiras, & metendo dentro paos, pedras, & algūas armas, & panellas de poluora. Os moços da terra tambem negociãdo algūas armas escõdidamēte, & algūas bombas de fogo, & cõ suas bandeiras aruoradas arrebetaraõ pello terreiro cõ grandes gritas, & remeteraõ com as tranqueiras cercandoas em roda, começandosse a trauar a batalha, de pedradas, pãcadas, & com algūas panellas de poluora, com tamanha braueza & estrondo, que parecia ja batalha mais que de moços. Mas como os de fora eraõ muitos mais, trataraõ taõ mal aos da fortaleza, & assi apertaraõ com elles, que os tiueraõ entrados. Os moços Portugueses crecendolhes a furia arrebetaraõ pellas tranqueiras fora, & dando nos da terra os arrancaraõ do campo muito mal tratados, ficando el-

les com a vitoria. O capitaõ que esteue vendo a batalha das suas janellas, folgou de ver a colora, paixãõ, & furor dos moços Portugueses, que dali por diãte ficaraõ sempre sopeando os outros onde quer que os achauaõ, trauandosse em brigas, sem auer quem os podesse apaziguar. Durou isto a te o mes de Junho, que os capitaens d'Elrey de Cambaya chegaraõ áquella ilha com seus exercitos.

Atras os deixamos no fim do cap.9. do 2. liuro fazendo seus ajuntamentos de gentes, & petrechos, pera virem cercar aquella fortaleza: & tendo tudo preparado partiraõ de Amadaba na entrada de Junho. Alucan leuaua debaixo de sua bandeira, cinco mil de caualo, & dez mil de pé: & Cogçofar mil de caualo, & tres mil de pé, em que entravaõ muitos Rumes & Turcos: gente que elle toda fez, & pagou á sua custa. Desta expedição teue logo Antonio da Sylueira auiso, pello que mandou ordenar as cousas q̄ lhe eraõ necessarias pera a defensão da ilha, encomendando ao capitaõ mór da armada a guarda do rio com nauios, & manchuas: & prouendo na fortificação da fortaleza, reformãdo os baluartes, & fortificandoos muito bem.

Andando nesta occupaõ, succedeo vim desastre na fortaleza q̄ esteue a risco de se perder com todos os que nella estauaõ, que foi, húa

*Quinta Decada. Da historia da India.*

hũa noite tomar fogo a pouoação com tanta braueza, que parecia que ardia o mundo. Antonio da Sylueira com os fidalgos & caualeiros que acodiraõ, foi logo prouer nos almazês das moniçoës, com muita gente, & muita agoa, pera a defensão do fogo se lhe chegasse. E deixando tudo prouido muito bem, & encarregado áquelle negocio a pessoa de muita confiança: foisse com toda a mais gente acodir ao fogo que cada vez crecia mais: por serem as casas ainda entaõ cubertas de palha, & o vento ser muito grande, que foi o que deu o trabalho todo. Os Mouros da cidade vendo aquellas chamas, cuidaraõ que a fortaleza toda era consumida nellas, & acodiraõ com grande aluoroço por fora a vér se os nossos fogiaõ do fogo, pera darem nelles. Antonio da Sylueira com toda a soldadesca trabalharaõ tanto aquella noite, lançandosse em meyo das chamas, em que se muitos queimaraõ por muitas partes, que a força de braço, depois de durar muitas horas, o apagaraõ de todo: & não com taõ pequeno dano que se não queimassem sessenta moradas de casas, o que causou em todos muito grande tristeza, & em seus donos dór & magoa da perda que receberaõ: por que se lho consumio todo o seu mouel, sem se salvar cousa algũa. Antonio da Sylueira como fidalgo de bom co-

ração, & muito liberal, suprio ali com seu dinheiro, dando a todos pera tornarem a reedificar. & renouar suas casas.

Affirmasse que começou este fogo em casa de hũa mulher solteira, estando em roim acto: no q̄ parece que quis Deos mostrar sua justiça em castigar áquelle offensa, que se lhe fazia em tempo que elle determinaua de fazer a todos os d'aquella fortaleza tantas merces, & darlhes tantas vitorias, como lhes depois deu. Os Mouros da cidade despediraõ recado aos Regedores, de como os Portugueses ficauaõ sem terem defensão algũa, por lhes arderem todas suas moniçoens.

Esta noua se deu no exercito, q̄ se recebeo com grande aluoroço, auendo que tinhaõ pouco que fazer, em tomarem a fortaleza. Antonio da Sylueira não se descuidaua de sua obrigação, assi na da fortificação, como das espias, que todos os dias mandaua saber dos inimigos, que gente traziaõ, & a onde estauaõ. Mas sempre achou em todas variedade: por que como eraõ Mouros, nunca lhe falauaõ verdade. Antre todas as cousas a que daua pressa, na cisterna a punha muito mayor, por que lhe era necessario recolher agoa pera o inuerno. No baluarte da outra bãda de Gogalá, mandou dobrar os officiaes, por que com muita breuidade se acabasse, & assi em poucos

cos dias sobio em altura de vinte palmos, & a sala que fechaua nel-  
le, na de oito.

CAPITULO II.

*De como Cogeoçar cometeo o baluarte da villa dos Rumes, & da grande resistencia que achou nos Portugueses: & de como se recolheo ferido, & desbaratado: & das cousas em que Antonio da Sylueira proueo.*



**P**ARTIDOS os capitaens d'Elrey de Cambaya, de Amadabá, chegaraõ a Nouanager, duas legoas de Diu ja de noite, sem os nossos terem nenhum auiso delles. Cogeoçar como desejava de se acreditar com Elrey, & de toda a honra d'aquella jornada ser sua, imaginando (pellas nouas que lhe deraõ das nossas monicoes serem queimadas) que os Portugueses estariaõ descuidados, & sem terem com que se defender: determinou de ir ganhar o baluarte da villa dos Rumes, primeiro q̄ tiueſsem auiso: & sem dar conta a Alucan d'aquella jornada, a 26. de Junho, tanto que entrou o coarto d'alua caminhando com sua gente, que eraõ mil de caualo, & tres mil de pé taõ apressado, que antes que

rompesse a manhã chegou a villa dos Rumes, & entrando por ella foi logo demandar o baluarte. E posto que os Portugueses estauaõ descuidados, naõ deixaraõ de ser sintidos de vm que vigiaua, que bradou alto, Mouros, Mouros. A estes brados, os officiaes da Alfan-dega, & os outros Portugueses, q̄ por todos seriaõ vinte & coatro, q̄ viuiaõ fora do baluarte, por naõ estar ainda acabado por dentro, leuaraõ as maõs as armas, tomãdo as que poderaõ, & foraõse recolhendo pera o baluarte, ja baralhados com os inimigos. E como o baluarte estaua imperfeito, & naõ tinha seruintia, mais que por andai-mos, por onde corriaõ os materiaes pera a obra, arremeteraõ por elles acima, & alguns pellos dentes das paredes do baluarte onde a falla auia de ir fechar, & com muito trabalho & risco de todos se poseraõ em cima, perdendo coatro companheiros, que lhe mata-raõ as espingardadas. Os mais como se viraõ em cima poseraõse em defensão, resistindo aos inimigos valerosamente, que por todas as partes trabalhauaõ pellos entrar, custando esta sua determinação a vida a muitos: por que alguns dos nossos leuaraõ espingardas que nelles fizeraõ grande dano. A manhã começou a aparecer, & da fortaleza grande se ver claramente a reuolta, (posto que ja tinhaõ auiso por alguns escrauos que se lança-raõ

raõ a nado.) E ouuindo as espingardadas que laborauão de parte a parte. Antonio da Sylueira mãdou logo preparar embarçaõens pera lhes soccorrer, & embarcou-se com quasi duzentos homens, deixando a fortaleza entregue a Payo Rodriguez d'Araujo, Alcaide inór. E por que podia ser que aquelle rebate fosse pera na cidade se dar outro algum que podesse fazer mór dano (ainda que pera passarem a ilha em alguns passos della estiuessẽ guardas, por serem muitos os lugares por onde se podia passar) mandou a Lopo de Sousa Coutinho com a sua gente aos muros da cidade d'aquella parte que olha pera o campo, que se fez na dita ilha. Cogeçofar bẽ via a pressa que na fortaleza ya pera irem soccorrer o baluarte, por que claramente se via embarcar a gente, pello que determinou de aueriguar aquelle negocio, primeiro que o socorro chegasse.

E tomando os Turcos & Rumes comsigo, cometeo a subida do baluarte mũy determinada, os decima que seriaõ perto de 20. homens lhes defenderaõ o passo com grande valor & esforço: por que com verem que o capitaõ se apressaua pera os vir soccorrer, se lhes dobraua o animo, & as forças, pelejando como lions, fazendo tal estrago nos Mouros, q̃ os fizeraõ retirar. Cogeçofar vêdo que fogiaõ, acodio aos afron-

tar de palauras fazendoos voltar, o que elles fizeraõ, tornando acometer a sobida com a furia q̃ lhe fazia levar o desejo de se desafrota-rem. Mas nem desta vez acharaõ nos decima menos resistencia, antes receberaõ delles muito mayor dano: por que como os Mouros eraõ muitos, & estauaõ amontoados, & como brutos queraõ sobir pellos andaimos, fizeraõ os de cima nelles mũy grandes estragos: por que com vigas, pedras, & outros instrumentos os lançauaõ delles abaixo feitos pedaços. Cogeçofar que andaua por baixo, animandoos, & fazendoos sobir, não ficou sem seu quinhaõ, por que vm pilouro perdido de hũa espingarda lhe deu em hũa maõ que lha cortou toda: & retraindo-se quasi mortal em braços de homẽs, cuidando todos os seus que era morto, largaraõ tudo, & foraõ pera onde elle estaua.

A este tempo chegou Antonio da Sylueira ao baluarte, & saltando em terra com toda a sua gente, meteo-se no baluarte aruorando logo em cima a bandeira de Christo, que logo foi vista de todos. E deixando o combate se foraõ recolhendo pera Nouanager, pera onde leuaraõ Cogeçofar, ficando-lhe muitos mortos no campo, & leuando muitos feridos, de que depois morreo a mór parte. Antonio da Sylueira vendo afastados os inimigos, & o grande dano que os do

os do baluarte lhes tinhaõ feito, achando a todos muito animosos, & banhados em seu proprio sangue, pellas muitas feridas q̄ tinhaõ, os abraçou, & o mesmo fizeraõ todos os da sua companhia, naõ sem inueja de os verem taõ gentis homens. O capitaõ mandou os feridos pera a fortaleza pera serẽ curados, & deitou espias pera saber dos inimigos, que lhe differaõ como se recolheraõ a Nouanager, & que Cogefosfar estava muito mal da ferida. Com isto tratou de prouer naquellas cousas com mais cuidado, por q̄ aquella leue afronta & sobre salto o espertou muito.

E logo mandou dar pressa ao baluarte & sala, q̄ em breues dias pòs em altura de corêta palmos, & como foi capaz de artelharia, lha pòs: & proueo de moniçoës & mantimentos, & de muitas pipas & jarras de agoa: & confirmou a capitania d'elle ao mesmo Frácisco Pacheco, & lhe deu setenta homens, em que entraraõ todos os que cõ elle se acharaõ no feito passado, q̄ como sãraraõ se foraõ pera elle. A estes deseamos de saber os nomes pera lhes darmos nesta escriptura os lououres que merecẽ: mas seja a culpa do pouco caso que a te gora fizeraõ destas cousas na India, & dos pouco curiosos q̄ nella ouue.

E tornando ao capitaõ: depois de ter prouido em tudo o do baluarte, o fez tambem na fortaleza,

mandando recolher todos os mantimẽtos & lenha q̄ pode. E por ser auisado por espias q̄ na cidade trazia, q̄ nos Mouros da cidade auia algũa alteraçãõ, & q̄ o dia do fogo ouuera antre elles mûy grande reboliço, & o mesmo quando se cõbateo o baluarte: receando que aquelle negocio chegasse a mais, de terminou de lhes dar vm grande castigo. E sem dar a ningem conta de cousa algũa, pellos naõ auisarẽ, fayo da fortaleza com trezentos homens, repartidos por tres bandeiras, & deu busca na cidade a todas as casas, & as armas que por ellas achou mandou recolher, que foraõ muitas, & prendeo algũs por se ver serem causa de ajuntamẽtos & tumultos. E como em os da cidade pòs freyo, em aquelle mesmo dia proueo os lugares q̄ o rio, que diuide a ilha da terra firme, tẽ fracos & possiueis a serem vadeados, o q̄ tudo se fez sem alteraçãõ algũa, por que tinha assentado de a sustentar por causa da agoa, por que a naõ tinha na fortaleza, & dos poços de fora se sustentaua. E nos dous baluartes que ficaraõ feitos do tempo de Soltaõ Badur nos passos mais sospeitosos, por serem mais secos (que elle mãdou ali fazer quãdo se recolheo aquella ilha fogido dos Magores) em vm d'elles pòs Gonçalo Falcaõ, & no outro Luis Rodriguez de Carualho, fidalgos honrados, & de muita cõfiança, por seu esforço & saber: a

*Quinta Decada. Da historia da India.*

quem deu gente, artilharia, & moniçoens, que lhe pareceraõ necessarias. E em outro passo que era mais estreito, que se chamaua Palerim, mas de canal alto, pòs Lopo de Sousa Coutinho de Santarem, fidalgo bem conhecido por seu esforço & valor: & que neste cerco todo dos Rumes pelejou valerosamente, & depois fez os Comértarios d'elle, em estilo excellente & graue, & foi o melhor de todos, por q̄ escreueo como testemunha de vista. A este fidalgo deu duas Fustas, hũa Galeota, & hũa Barcaça. Pellos mais passos espalhou Francisco de Gouuea, capitão mór do már de Diu, & Antonio da Veiga, feitor d'Elrey.

Prouidos os passos, pòs o capitão as mãos na obra da cisterna pera recolher agoa: em que se correo com tanta pressa, que nem de dia, nem de noite largauão a obra, sendo os fidalgos, & todos os mais Portugueses os acarretadores dos materiaes: & acabandoa por baixo, estando ainda aberta por cima, mandou o capitão começar a deitarlhe agoa, pella pressa & necessidade que se esperaua, que se acarretaua dos poços da ilha com todos os bois que se poderaõ ajutar, com seus odres, a que chamaõ paicais, & em breues dias recolheraõ dentro perto de tres mil pipas d'agoa. E posto q̄ era perjudicial á saude dos homẽs recolherse por entaõ, por estarẽ os betumes & arga-

maças da cisterna frescas, naõ podia ser menos, por naõ auer outro remedio. E ainda quis Deos q̄ socedesse aquelle desfastre a Cogeço far, por q̄ o tẽpo que gastou em se curar, esse tiueraõ os nossos pera se aperceberem de tudo: que d'outra maneira estaua certa a perdição d'aquella fortaleza: por que tanto que os inimigos entrassem a ilha, naõ tinhaõ os nossos dõde se prouerem d'agoa.

E posto q̄ por entaõ parecia temeridade, querer defender hũa ilha taõ grande cõ taõ pouca gente, depois mostrou a experiencia, q̄ aquella determinação foi inspirada por Deos, por que em quanto se defendeo, se proueraõ da cidade de agoa, & lenha. E quanto ao baluarte da villa dos Rumes, que alguns tacharaõ a Antonio da Sylueira querelo defender: essa foi a saluação da fortaleza: por que sabido está quebrarem os inimigos nelle a furia todos aquelles dias, posto que depois se largasse ou perdesse, por que se logo lho largaraõ, & os inimigos todo aquelle tẽpo bateraõ a fortaleza, sem duvida se perdera: por q̄ com virem da villa dos Rumes com a soberba perdida, nesses poucos dias q̄ a bateraõ, esteue perdida, como se verá pello discurso da historia.

E tornando a Cogeço far, esteue em se curar todo o mes de Julho, & sendo ja saõ, posto q̄ aleijado, tratou de se satisfazer: & leuando

tando seu campo elle & Alucan, foraõ marchando pera Diu. E passando pella villa dos Rumes, sem oufarem acometer o nosso bualarte, pello verem diferente, & em melhor estado que da outra vez, assentaraõ de o deixar, & passarem a ilha: & assi foraõ cometer os passos, assentando Cogeço-far o seu arrayal de frente do que guardaua Lopo de Sousa Coutinho, & nelle assentou tres canhoens. Alucan foi adiante com quinze mil homens, & repartio sua gente em algũas partes: hũa dellas pós fronteira ao passo de Gonçalo Falcaõ, & a outra onde Antonio da Veiga, & Francisco de Gouuea tinhaõ os nauios, & outra no de Luis Rodriguez de Carvalho: & algũa gente pós em outros passos, em que fizeraõ seus valos, & trincheiras, & fortificandosse á sua vontade, como quem estaua na sua terra.

### CAPITVLO III.

*Dos combates que os Mouros deraõ aos passos da ilha: & de como Antonio da Sylueira lhe pareceo bem largalos: & de como os inimigos entraraõ a ilha, & tomaraõ os nauios dos passos.*



DEPOIS dos Mouros terem prantado suas estancias, & assentado sua artelharia, começaraõ a bater os passos, com grande furia & terror, fazendo grande dano em todos; principalmente no de Lopo de Sousa Coutinho, por que era mais estreito, & as suas fustas ficauaõ mais em barreira á sua artelharia: mas como era caualeiro & animoso, não largou vim palmo de seu lugar, antes delle se pós à bataria com os imigos, matandolhe algũs, assi de pé, como de caualo: & o mesmo fizeraõ pellos outros passos em roda, cõ raõ grande terremoto, q̃ só o terror & estródo da artelharia metia medo & espãto aos seus, que estauaõ pellas aldeas apartadas: mas nenhum nos nossos, posto que dauaõ em meyo delles aquella multidaõ de pilouros enuoltos em fogo & fumo, a que estauaõ costumados.

Esta bataria se foi continuando alguns dias, & cada vez com maior furia: & o em q̃ os imigos mais tiueraõ o tento, foi em impedir o soccorro que da fortaleza ya todos os dias aos nossos: por q̃ Antonio da Sylueira, não se descuidado de sua obrigação, os mãdaua muito amiude visitar & prouer de poluora, moniçoës, & mâtímétos: por embarcaçoens pequenas, de que algũas foraõ metidas no fundo: & totalmente impediraõ aquelles

soccorros, que pera os que estauão nos paços foi de grande sintimento, por q̄ receuaõ virlhes a faltar tudo: & todauia por terra eraõ prouidos o melhor q̄ podia ser. Os Mouros trabalharaõ por entulhar algũ dos passos, pera por elle passarẽ à ilha: pera o q̄ mandaraõ trazer das aldeas vizinhas muitos seruidores pera a obra do entulho, em que começaraõ a trabalhar de dia & de noite ao som das bõbardadas, que de ambas as partes naõ cessauão, leuando diante de si mōtes de terra a te a borda da agoa, a onde melhoraraõ suas estancias. Lopo de Sousa Coutinho, Francisco de Gouuea, & Antonio da Veiga acodiraõ cõ os seus nauios a impedir a obra, sobre o que se trauaraõ algũas escaramuças com muito dano & mortes de ambas as partes, naõ deixando porem os Mouros de irem melhorando, & estreitãdo os passos, a te porem os nossos em desconfiança.

Antonio da Sylueira, que cada hora tinha auiso do que lá passaua, entendendo mūy bem o risco em que todos estauão, & q̄ os inimigos naõ poderiaõ deixar de ganhar os passos, & q̄ naõ auia mais proueito de os querer defender, q̄ perda de homẽs & moniçoẽs, de q̄ depois auia de ter necessidade: & q̄ a principal cousa por q̄ tratãra de defender a ilha, fora por se proouer d'agoa & lenha, de q̄ ja tinha recolhido hũa grãde copia: assen-

tou por conselho de todos os fidalgos & capitaẽs, de largar a ilha, & q̄ a artelharia dos passos se passasse á cidade, & q̄ trabalhassẽ pella defender, por q̄ naõ chegassẽ os inimigos aos incurralar na fortaleza.

Disto se fez vm termo assinado por todos, que Antonio da Sylueira guardou pera sua satisfaçãõ. E logo mandou Payo Rodriguez d'Araujo com alguns nauios, pera recolher a gente, & a artelharia, leuãdo hũa prouisaõ do capitaõ, em q̄ mandaua a todos aquelles capitaẽs, que logo tanto q̄ aquella vissem largassem os passos, & se recolhessẽ á cidade: & que elle Payo Rodriguez d'Araujo tomasse hũa das fustas de Lopo de Sousa Coutinho & a barcaça, & as entregasse a Gonçalo Falcaõ, & a Luis Rodriguez de Carualho, pera nellas recolherem toda a artelharia & moniçoẽs dos seus baluartes.

Com este recado partio Payo Rodriguez d'Araujo aos noue de Agosto, que tanto auia que os Mouros eraõ chegados aos passos, Payo Rodriguez d'Araujo chegou a elles, & mostrou aos capitaens a prouisaõ, & naõ podendo fazer outra cousa trataraõ de se recolher. Antonio da Veiga q̄ andaua por capitaõ mór de duas Galeotas, & de tres nauios mais: em vêdo o recado saltou em terra, & deixou os nauios encomẽdados aos capitaẽs com todos os soldados, pera q̄ se fossẽ pera a fortaleza: & elle por

por terra se foi, tẽdosselhe a mal deixar os seus nauios: mas deuia de ser inaduertidamente, por que este homeni em todas as cousas da guerra em que se achou deu sempre muito boa conta de si. Os capitães dos seus nauios vendo o partido, quiseraõse logo recolher, sendo ainda de noite: & tomando o remo na mão foraõ com a enchete da maré entrando pera dentro. O vento era mूंy grande, & o rio andaua mूंy alterado, & passando pella estancia de Cogeçofar, que estaua quasi sobre o canal, q̄ não se podia ja passar se não pellas bocas das bõbardas, em os sintindo descarregaraõ suas cargas nelles, de q̄ lhe mataraõ & feriraõ alguns marinheiros: os mais descoraçados não atinãdo o canal deraõ com as Galeotas em seco. E como as bombardadas não cessauaõ, os soldados atemorizados sem fazerem diligencia algũa, lançaraõse ao már, não os podendo os capitães ter por muitas cousas que lhes differaõ, ora pondolhe diante a obrigação da hõra Portuguesa, ora ameaçandoos que auiaõ de ser castigados como homens que fogiaõ da guerra: & não lhe deixando o medo ver a infamia que corriaõ, se forão a nado pera a outra banda da ilha que era perto: & por terra se recolheraõ á fortaleza. Os capitães que ficauaõ sós nos nauios, não lhes podendo dar remedio, vendo q̄ os inimigos se metiaõ pella agoa

pera os irem demandar, ajuntãdo a lenha que poderaõ, pondo a poluora no meyo dos nauios, & a lenha por derredor lhe deraõ fogo, por que não fossem a poder dos inimigos, por que se não lograssem da artelharia: & como o fogo ateou lançaraõse ao már, & passaraõ a outra banda, comprindo a teo cabo com sua obrigação muito bê, & certo que folgaramos de lhe achar os nomes, pera o terem nesta escriptura, porque o mereciaõ bem. Os inimigos que yaõ pella agoa demandar os nauios chegaraõ á tempo que o fogo andaua mूंy brauo, & como eraõ muitos os rodearaõ por estarem ja em seco: & lançaraõlhes ás mãos tanta agoa, que o apagaraõ, sendo ja a mór parte dos nauios queimados, mas ainda lhes tomaraõ os falcoes & berços.

Deste desastre socedeo outro mayor, & foi, que andando Gonçalo Falcão recolhendo as cousas do seu baluarte na barcaça, faltandolhe por meter nella tres ou quatro barris de poluora, os soldados que andauaõ ao trabalho, em vido o fogo nos nauios, foi tamanho o seu medo, que desempararaõ tudo, & trataraõ de se recolherem por terra. Gonçalo Falcão vendo aquelle desatino, & que ficando só poderia ser causa de sua perdição, deixando as cousas da barcaça acodio a terra, & pedio a todos que o não quisessem desemparar, que vissem que aquillo que queraõ.

cometer era hũa coufa taõ afrontosa, pera homens que tinhaõ ganhado tanta honra, assi naquelle negocio, como em todo o outro em que se acharaõ, que bastaria pera ficarem afrontados pera toda a vida: que vißsem bem quanto mais honroso seria morrerem em companhia do seu capitaõ, que salvar as vidas com tamanho vituperio. E que lhes affirmava, que passado aqõlle termo de temor auiaõ de desejar antes de ter perdido mil vidas, que viuerem com tanta vergonha.

Tantas coufas destas lhes disse, que os tirou de seu proposito, & os fez embarcar: & todavia naõ quiferaõ recolher os caixoẽs da poluora por muito que Gonçalo Falcaõ nisso trabalhou, de que enfadado, vendo que era forçado ficarem mandoulhes dar fogo, & forãõ as labaredas tamanhas, que os Mouros da outra banda, que era perto, viraõ mûy bem a barcaça, & que estaua muito carregada, & mal aparelhada, a que deraõ todos grandes gritas, a fim de amedrontarem os nossos: o que lhes naõ sayo em vaõ, por que os soldados como se embarcaraõ amedrontados, tornou a dar nelles o temor, & como o vento naõ cessaua, antes cada vez parecia crescer mais, quis a desauentura, que assi com os mares, como com o medo dos remeiros que yaõ desatinados dessem em seco, mas em parte q̃

facilmente se podera tirar, seõ me do nelles naõ fora tamanho, que em ella tocando, & em se elles lançando ao mar vergonhosamente, tudo foi vm: sem lhes dar pellas obrigaçoẽs que Gonçalo Falcaõ lhes pôs diante, deixando só n'aquelle cõflicto, de que se naõ pode valer, por que de todas as partes se vio cercado de ameaços da morte: de hũa o vento que esbrauejava, da outra os mares que lhe entrauaõ, d'outra muitas & grossas bombardadas que sobre a barcaça chouia. E vendo que se naõ podia salvar aquelle nauio, cõtra sua vontade (por naõ ir contra a obrigação de Christaõ) se lançou a agoa, & se passou a outra banda, triste & desconsolado, por lhe acõtecer aquelle desfastre pella falta & couardia dos seus soldados. Neste nauio se perderaõ bem dez peças d'artelharia grossa & miuda, & armas, & outras coufas necessarias.

Ainda aqui naõ cessou o mal, por que parece que estaua tudo conjurado neste dia contra os nossos: & foi que a mesma desauentura acõteceo a Luis Rodriguez de Carualho. Este fidalgo depois de Payo Rodriguez d'Araujo lhe dar recado que se recolheße, lhe entregou pera isso hũa Galeota, recolheo nella todo o fato do baluarte, & foi remando pera passar pera a fortaleza, mas foi varar em hũa restinga, onde tambem o deixaraõ os seus soldados: & depois que

que trabalhou quanto foi possiuel, por ver se podia remediar aquelle dano, vendo ser tudo em vaõ por ser só, & os imigos virem ja comendo a fusta, auendo que era temeridade querer só defendella, lançou ao már, & passouffe á outra banda.

Lopo de Sousa Coutinho, tambem se foi recolhendo, & não cessando ainda o vento & os mares foi trabalhado a te a marè lhe dar de rosto, & começar a vazar, com o que as agoas o forão encostando a outra banda das estancias dos Mouros, a te o encalharem em seco, sem lhe valer a força do remonem do braço, em que todos trabalharaõ bem. E por que receaua deixaremno os soldados, teue nelles grande tento, fazendolhes hũa honrada fala, que toda redundaua em as obrigaçoens de suas pessoas, & nação: & achou a todos mui animosos, & esforçados, & assi se deixou ficar a te que amanheceo, & que foi visto dos Mouros: que como andauão contentes das prezas passadas, entraraõ pella agoa em grande numero delles, & cercaraõ a Galeota em roda, trabalhando pella entrarem: mas Lopo de Sousa com os companheiros lhe defenderaõ valerosamente, fazendo nos imigos grande estrago, ficando elles sem dano seu nem dos seus. E vendo que não auia outro remedio mais que o valor dos braços, trabalharaõ com elles

como liuens, sustentando aquella furia a te a marè tornar a encher, que o nauio começou a nadar, & por lhe o vento seruir deraõ algus marinheiros espertos á vela, & foraõ se saindo do perigo, deixando feito nos Mouros um grãde estrago: que seus capitaens sintiraõ mais, do que foi o gosto das outras vitorias, por auerem por afronta escaparem lhe taõ poucos homẽs das mãos.

### CAPITULO III.

*De como os Mouros entraraõ a ilha, & Antonio da Sylueira largou a cidade: & de como os capitaens prantaraõ suas estancias sobre a nossa fortaleza: & de alguns recontros que os Portugueses tiueraõ com elles, de que sempre leuaraõ a milhor.*



A mesma noite que os soldados da companhia de Gonçalo Falcaõ, & de Luis Rodriguez de Carvalho, desepararaõ os nauios, & seus capitaens, chegaraõ a fortaleza, & delles soube Antonio da Sylueira do desastre acontecido, & perda dos nauios, o que fintio em estremo, assi por lhe acontecer aquillo em principio do cerco que esperaua, (por que receou ame-

drontarem (elhe os homens) como pella perda da artelharia, que nos nauios tomaraõ, que eraõ dez ou doze peças com que determinaua defender a cidade. Receando tambem Lopo de Sousa Coutinho, q̄ sabia estaua em trabalho, & não tinha nauios com que lhe soccorrer. E estando nesta grande agonia chegou elle, o que estimou muito, assi por não ir o dano a te o cabo, como pello preço da pefsoa d'aquelle fidalgo, que auia de auer muito mister pera os trabalhos que esperaua. E sabendo delle seu successo, & que os imigos começaraõ a passar a ilha, chamou em segredo os fidalgos, & capitães principaes, & lhes disse que bem sabiaõ, como estaua assentado em conselho, defenderse a cidade, & q̄ a gēte & artelharia que estaua nos paços da ilha, se passasse a ella, o q̄ ja agora não podia ser pello desastre acontecido, & que pera tirar a artelharia da fortaleza pera isso, lhe não parecia licito pella pouca que auia, que lhes pedia lhe aconselhassem naquelle negocio o que fosse mais seruiço de Deos & d'Elrey. Todos votaraõ que se largasse a cidade, pello inconuenientes que elle mesmo apontaua, & por outros muitos que auia: por que pera defenderem bem a fortaleza, lhes faltaua ainda muitas cousas.

Estando concluindo isto tiue-  
raõ rebate, que os imigos eraõ che-  
gados ao campo: porque logo pas-

saraõ a ilha, & Cogeçofar foi dar vista á cidade com tres mil de caualo, & sete ou oito mil de pé. Os Mouros della, que cõ os desastres passados se tinhaõ alterado, tanto que viraõ a gente no campo, & conheceraõ as insignias de Cogeçofar, aruoraraõ muitas bādeiras de suas diuifas por cima do muro, pera lhes darem a entender, que a cidade estaua despejada dos nossos. Antonio da Sylueira largando o conselho, acodio com muita pressa á cidade, & mandou queimar as Galés que estauaõ varadas na ribeira junto da Alfandega por alguns homens, por se não aprouentarem os imigos dellas: posto que eraõ suas, & as tinhaõ ali por estado. E assi mandou por outros alguns homens dar fogo a vns almagens que estauaõ checos de enxofre & salitre, q̄ se não pode recolher, por não ficar aos Mouros: & como na cidade andaua ja grande aluoroço, & alguns dos moradores tomauaõ armas, foi tamanho o medo dos que yaõ áquellas cousas, q̄ pondolhe o fogo sem o deixarem atear, se foraõ recolhendo vergonhosamente, sem deixarem feita cousa aigũa, por que o fogo foi logo apagado, & aquelles materiaes ficaraõ aos imigos: q̄ depois lhes seruireã contra nos.

Vendo Antonio da Sylueira q̄ a cidade andaua toda leuantada, escolheo cem homens, & elle com elles em pefsoa, & entrou por ella dentro,

dentro, & todos os que encontrou com armas meteo á espada: & mādou enforçar pellas ruas a muitos pera espanto. E correndo a fama do estrago que os nossos yaõ fazendo pella cidade, foraõse todos os moradores pera Cogeçofar, q̄ os recebeo bem, & delles soube o q̄ o capitaõ andaua fazendo. Antonio da Sylueira, como naõ teue em quem executar sua furia, mandou prender coatro Gentios mercadores dos mais ricos & principaes da cidade, & os leuou comfigo: por q̄ pella ventura socederiaõ depois cousas que fosse necessario aproveitarẽ delles, por serem ricos & aparentados, que foraõ sempre mūy bem tratados, & depois de se acabar o cerco foraõ postos em sua liberdade. E por que ja Cogeçofar vinha entrando a cidade, se foraõ os nossos recolhendo pera a fortaleza. Cogeçofar como se vio senhor da cidade, mandou recado a Alucan, que ao outro dia entrou, & começaraõ logo a assentar suas estancias por esta maneira.

Cogeçofar se alojou no Mandouim, que he vm lugar como terreiro, que ferue de recolher os mantimentos: & em vm cais que lança sobre o már, mandou prantartoda a artelharia que se tomou nos nossos nauios, pera dali baterẽ o baluarte do már, & os nauios q̄ estauaõ ao cais, em que estaua Lopo de Sousa Coutinho.

Alucan se alojou nas casas da Raynhã mãy d'Elrey Badur, que estauaõ no lugar mais alto da cidade. E no mesmo dia começou Cogeçofar a bater os nauios com muitas & amiudadas bombardadas, com que logo meteo duas fustas no fundo, matando alguns soldados que nellas estauaõ, & na Galeota de Lopo de Sousa deraõ alguns pilouros, sem fazerem dano. Durou este combate a te o meyo dia, que cessou, dando os imigos no arrayal grandes gritas de aluoroço, quando meteraõ as fustas no fundo. Antonio da Sylueira determinou de ver, se no que faltaua do dia, se podia satisfazer nos imigos, por que de todo se naõ ficasse louuando.

E por que alguns Portugueses que poufauaõ fora da fortaleza, se recolheraõ á chegada dos imigos com tanta pressa, que deixaraõ em suas casas a mór parte de suas fazendas: quis o capitaõ mandar recolher tudo: & encarregou á Gaspar de Sousa, que com cincoenta homens fosse dar fauor aos donos, pera irem buscar sua pobreza. Gaspar de Sousa com os companheiros foraõ caminhando, a te as casas em q̄ ja andauaõ muitos Mouros espalhados por dentro a roubar, bem descuidados de tal sobresalto: & dando os nossos nelles mataraõ muitos: & os donos das casas com os moços & seruidores que para isso leuauaõ, carregandosse

dosse de tudo o que poderaõ, se fo-  
raõ recolhendo, por que ja recre-  
ciaõ os imigos. Naõ custou esta  
caualgada mais que vm soldado,  
posto que tambem foraõ alguns  
feridos, nisto se passou este dia.

Ao outro tratou Antonio da  
Sylueira de prouer na defenõaõ  
da fortaleza, & os baluartes de ca-  
pitaens: & no de Saõ Thome pos  
Gonçalo Falcaõ com cincoenta  
soldados: & no que fica sobre as  
casas do capitaõ na entrada da ca-  
ua pös Gaspar de Sousa com ou-  
tros tantos: sobre a porra pös Pa-  
yo Rodriguez d'Araujo que era  
Alcaide mör. Os mais baluartes  
por ficarem sobre o mör, & naõ  
terem necessidade de capitaens dei-  
xou com alguns poucos soldados.  
A Lopo de Sousa Coutinho deu  
sessenta soldados para ir todas as  
manhãs dar guarda a muitos es-  
crauos, & seruidores, que yaõ a  
carretar agoa de vns poços que es-  
tauaõ perto da cidade, & a desfa-  
zer as casas dos Portugueses que  
estauaõ fora, & recolher a lenha  
dellas, & pera ficar mayor terrei-  
ro á fortaleza. Lopo de Sousa con-  
tinuou esta guarda alguns dias, tẽ-  
do em todos elles alguns encon-  
tros com os imigos, de que sempre  
os deixou escalaurados. A cator-  
ze de Agosto, vespora da gloriosa  
Assumpõaõ de nossa Senhora, dia  
em que quis dar a Lopo de Sousa  
hũa muiy honrosa vitoria: & foi  
desta maneira.

Saindo este capitaõ esta madru-  
gada, deste taõ ditoso dia pera  
nos, a dar guarda aos acarretado-  
res, deixando corenta soldados cõ  
elles, apartouffe com catorze, &  
meteosse por hũas ruas em que a-  
chou alguns Mouros desmanda-  
dos, & remetendo com elles supi-  
tamente, matou alguns, & os mais  
com muitas feridas os pös em dil-  
barato. Taõ cortados foraõ estes  
de medo dos nossos, que naõ pa-  
raraõ se naõ dentro na estancia de  
Cogeçofar: & sabendo delles o q̃  
passaua, despedio coatro cẽtos ho-  
mẽs pera irem vingar aquella a-  
fronta. Estes foraõ dar cõ os nos-  
sos, que estauaõ em hũa rua estre-  
ta, que ya fair a vm lugar largo,  
por onde os imigos vinhaõ com  
grandes estrondos, & algazaras.  
Lopo de Sousa quisera fair ao lar-  
go a pelear com elles, mas vm Si-  
maõ Furtado homem sesudo, &  
muiy bom caualeiro lho atalhou,  
dizendolhe, que aquillo era teme-  
ridade, que deixassem entrar os  
imigos pella rua em que estauaõ,  
& elles se deixassem estar no cabo  
da mesma rua, por que estaua cer-  
to apinhoarem se de feiçaõ, que se  
naõ auiaõ de poder menear, pella  
multidaõ delles, por ser a rua estre-  
ta, & que entaõ esses poucos que  
eraõ se poderiaõ melhor ajudar  
contra elles como senhores da rua,  
& que mais desembaraçadamẽte  
podiaõ menear as armas. Lopo de  
Sousa lhe agradeceo o conselho, &  
reco-

recolheosse pera o cabo da rua, em que os imigos começaraõ a entrar taõ sofregos & apinhoados, que vns sobre os outros chegaraõ aos nossos, cuidando leuarem nos nas vnhas,

Lopo de Sousa vendo aquella occasiaõ, apellidando Sanctiago, deu nos imigos com tanto esforço, que foi fazendo nelles vm muito grande estrago: por que como tinhaõ lanças compridas os nossos, & estauaõ senhores da rua, mecauaõse nella muy bem, & naõ faziaõ se naõ enfopar á suas vontades as armas, & muitas vezes varauaõ de dous em dous, naõ fazendo mais que tirar & embeber as lanças nelles. E assi os apertaraõ taõ rija & cruelmente, que os diãteiros por fugirem á morte, romperaõ pera tras com tanto impeto & força, que cairaõ vns sobre os outros, fazendo os nossos nelles muito grande matança. Os que escaparaõ sairaõ ao campo largo, & foraõ fogindo com tamanho medo, que naõ pararaõ se naõ nas estancias, como se foraõ a pos elles quatorze mil homẽs: & assi desatinados & sem ordem, vns feridos, & outros sem armas, chegaraõ a Cogeçofar taõ cortados de temor, que naõ sabiaõ dar rezaõ do que viraõ, o que embarçou a Cogeçofar, por que cuidou que todo o poder dos Portugueses ya sobre elles. E depois que soube a verdade do que passara, afrontou, & in-

jurion a todos de palauras & maõs. Lopo de Sousa ficou na rua, naõ lhe parecendo rezaõ sair della, & ir a pos os imigos, de cujos corpos ella estaua entulhada, sem dos nossos perigar algum, só ficaraõ algũs feridos, em que entrou Lopo de Sousa pella perna esquerda, & vm page seu com vm olho perdido, & outro homem com hũa estocada por hũa perna. Com esta tamanha vitoria se recolheraõ os nossos, dina por certo de ser muito celebrada, por tamanha desigualdade, como a de catorze, pera coatrocentos escolhidos, em que entravaõ Rumes, Turcos, & outras naçoens brancas, & belicofas.

Antonio da Sylueira recebeu os nossos á porta da fortaleza, com grandes festas, & alegrias, dando a todos grandes & publicos lououres. Lopo de Sousa Coutinho ficou algũs dias impedido por causa da ferida, em que encomendou o capitaõ a guarda a Gonçalo Falcaõ, & Gaspar de Sousa, pera cada vm seu dia continuarem nella: & assi mandaua todos os dias buscar agoa & lenha, que naõ queria bollar nada da fortaleza, por que naõ sabia os trabalhos que socederiaõ. E por que o tempo ja daua jazigo, despidio hũa embarcaçaõ com cartas ao Governador, em que lhe daua conta do estado em que aquella fortaleza estaua, & das coufas que a te entaõ eraõ acontecidas.

Os dous capitaens a quem era encomendado a guarda dos caretadores, continuaraõ os seus dias ordinarios nellas, tendo em todos elles encontros com os imigos. E vm que era o de Gaspar de Sousa, em hũa reuolta destas ouue ás mãos vm Mouro homem de bom intendimento, que Antonio da Sylueira estimou muito: & delle soube que Alucan & Cogeçofar tinhaõ dezanoue mil homês dentro na ilha, & que esperauaõ cada dia por hũa grande armada de Turcos: por que com essa confiança vieraõ sobre aquella fortaleza: & que andaua ja no exercito hũa voz surda, que auia tres dias que chegara a Mangalor hũa nao de Meca, que daua nouas ficar ja em Adem. Não pôs isto espanto em Antonio da Sylueira, que logo despedio recado ao Governador, & mandou negociar vm catur ligeiro, em que mãdou vm Miguel Vaz bom caualeiro, pera que fosse a te Mangalor a tomar fala por aquella costa das Galés: & com isto se deu mais pressa a agoa & lenha, em cuja guarda tornou a cõtinar Lopo de Sousa, por estar ja saõ. Os imigos foraõ batendo o baluarte do már, & o de Gogalá, de que tambem foraõ mūy bem hospedados, matãdolhes, & ferindolhes muita gente nas estancias. E posto que os nossos não receberaõ dano, ficaraõ pior do partido, pella muita poluora que despenderaõ,

que depois lhes veyo a faltar. Os capitaens Mouros vendo quanta gēte perdiaõ na defensaõ da agoa, mandaraõ lançar nos poços onde a yaõ buscar, grande quantidade de peçonha, de q̄ logo quis Deos os nossos fossẽ auisados, primeiro que della bebessem.

CAPITULO V.

*Da armada que o Graõ Turco mandou pera lançar os Portugueses fora da Índia: & da derrota que leuou por todo o estreito: & dos portos, ilhas, & sorgidouros que tomou a te chegar a Adem: & de como o Baxã ouue aquelle Rey as mãos, & o mandou enforcar.*



**S**OLEIMÃO Baxã tanto que despedio do Cairo pera Sués os officiaes, & cousas necessarias pe

ra a armada que auia de leuar, ficou no Cairo recolhendo a gente que tinha mandado fazer pellas prouincias de Asia, & Ethiopia, ajuntando hũa grande soma de ouro & moeda, pera as despezas da jornada; tudo tyrannizado por aquellas pouos, que deixou bem escandalizados. E na entrada de Junho, se pôs em caminho pera Sués, mandado que se ajuntasse ali toda a gente

a gente meado Junho . Chegado áquelle porto deu pressa a armada, de que ja achou a mór parte no mar, & a primeira cousa que fez foi despedir nauios ligeiros pera todos os portos d'aquelle estreito, de hũa & da outra banda, a impedir com grandes penas, que nenhum nauio partisse pera a India, nem saísse das bocas do estreito pera fora, por que não fossem as nouas da armada as orelhas dos Portugueses . E assi escreveu ao Xarife de Meca, que as naos em que Cafarcan fora de Cambaya, que estivesse negociadas & prestes pera quando elle chegasse as levar comsigo . E tambem escreveu ao Governador de Iuda, q̄ tres naos que naquelle porto estauão de Amenzoy Mouro, grãde senhor no Cairo as tiuesse prestes, & que elle tambem o ajudasse com algũas naos suas . Com este recado mandaraõ todos fazer prestes as naos que lhe pedia, que se auiaõ de ir ajuntar com elle na ilha de Camaraõ por todo Julho: ficando o Baxá dando ordem a muitas cousas: & ao tempo limitado chegou a gente que esperaua, que era a seguinte.

Mil & quinhentos Ianiçaros da guarda do Turco: dous mil Turcos, que mandou fazer pella Tracia: tres mil homens outros dos portos da Natolia, de Damiata, de Alexandria, & de outros, de maneira que iriaõ por todos sete mil

homens. E tanto que chegaraõ fez pagas a todos, & repartio pella armada a gente Venezeana, que seriaõ quatrocentos homẽs, bombardeiros, comitres, calafates, carpinteiros: & aos vinte & dous de Junho se embarcou, & se afastou do porto, & foi sorgir no porto de Farraõ em coatro braças de fundo, lugar apartado de Suês hũa legoa & meya . Ali fez de nouo alardo da gente, & armada. As pessoas principaes que nesta jornada yaõ, são as seguintes.

Ifuf Amede, capitãõ mór do mar de Alexandria, que leuaua o governo de toda a armada, por ser o Baxá velho, & não poder correr com as cousas della . Chiclierchi Baxá de Alexandria . Beram Baxá, Mir Mostafa, ambos capitães dos Ianiçaros. Mostafa Naxar. Outro Beram Baxá Ianiçaro: a fora muitos Sangiacos, & patroens das Galés, homẽs escolhidos antre todos os Ianiçaros do Turco: Ya também Cafarcan em hũa Galé, pera conselheiro do Baxá, por ser muito pratico nas cousas de Cambaya. Dali se fez o Baxá á vela, & seguiremos nesta jornada o roteiro de um Venezeano (dos que foraõ tomados em Alexandria) que ya por comitre de hũa destas Galés, que anda impresso em Italiano, & juto as varias viagens, que recopilou Ioaõ Baptista Rannusio, que por ser corioso, & nomear muitos portos & lugares, q̄ não andaõ nas nos

fas cartas de marear, nos pareceo bem seguirmolo aqui: & assi o faremos em algũas cousas do cerco, que elle conta, como testemunha de vista.

Saida a armada da ponta de Farão, foi surgir em vm lugar que chamaõ, os doze poços de Moyses, tres legoas & meya adiante. Dali foraõ tomar Corondollo, quatorze legoas de jornada, onde forgiraõ em doze braças, (neste lugar ferio Moyses com a vara, & abrio o már, pera passar a outra banda.) D'aqui atrauessaraõ a costa da Arabia, & foraõ surgir no lugar de Toor, a onde ha muitos Christaõs dos que chamaõ de cintura, hũa jornada & meya do mosteiro de Sancta Caterina de monte Sinay: este dia andaraõ vinte & oito legoas, & nelle estiue-raõ cinco dias. Aos tres de Julho deraõ á vela, & foraõ a te vm lugar chamado Charas, treze legoas de Toor, & ali forgiraõ em doze braças. Ao outro dia foraõ caminhando, & passaraõ de longo de hũa ilha chamada Soridaõ, que está afastada da terra firme doze legoas: & por ser por ali tudo limpo, & o vento brando andaraõ toda a noite. Ao outro dia amanheceraõ de frente de hũa grande serra, que está da banda do Abexim, chamada Marzoan, que está afastada do lugar de Charas, cincoenta & cinco legoas, que tantas andaraõ em duas noites & vm dia. Dali foraõ

nauegando á vista da terra do Abexim, & este dia, que foraõ seis do mês, andaraõ vinte & oito legoas: & aos sete do mês vinte & cinco: & aos oito vinte & oito. Esta noite toda nauegaraõ, & andaraõ outras vinte & oito legoas. Aos noue dias se lhe mudou o vento, & acharaõ hũa baixia afastada da terra firme oito legoas, & este dia & noite andaraõ duas & meya. Aos dez dias foraõ tomar vm porto chamado Cór, muito deserto, a onde forgiraõ em fundo de oito braças: aquelle dia andaraõ vinte & tres legoas. Aos onze de Julho ao meyo dia, tendo andado sete legoas, chegaraõ a cidade de Ziden, mûy celebre em todo aquelle estreito, hũa jornada & meya antes da casa de Meca. Té esta cidade vm muito bom porto, de grãde escala, mas naõ tem agoas le-naõ as da chuua, q̄ recolhem em cisternas. Vm pouco pella terra dentro está hũa muito celebrada mesquita, em que os Mouros affirmãõ estar enterrada nossa mãy Eua. Os moradores daqui, & de toda aquella costa saõ Ethyopios, comem peixe torrado ao Sol, & saõ todos homês magros, & fuscos, & andaõ quasi nus: aqui chegou a armada, com menos cinco nauios, que se perderaõ por esses baixos. Deteueffe neste porto o Baxá coatro dias, em fazer agoa & refresco. Aos dezaseis de Julho se fez a armada á vela, & andou de noite & de

& de dia, a te entrar por antre hũas ilhas despouoadas, chamadas Atfas, que estaõ cento & cincoenta legoas de Zidem: & por antre ellas andaraõ tres dias & tres noites. (Aqui vem os pescadores da terra firme, & das outras ilhas pescar perolas, que achãõ em coatro braças.) Aos vinte & dous do mes foraõ tomar a ilha de Camaraõ, a onde a mór parte dos nauios de alto bordo estauaõ ja esperãdo. Aqui desembarcou o Baxá, & mandou dar querena ás Galés, & despedio duas fustas ligeiras, hũa a Elrey de Zebit, & outra ao de Adem, pera que lhe tiuessem prestes refresco, & agoa pera toda a armada: & ao Rey de Zibit que o esperasse no porto, & que lhe trouxesse os tributos que diuia, & lhe viesse dar a obediencia, como vassalo do Graõ senhor. Aqui fez o Baxá alardo da armada, & achou setenta & seis velas, por esta maneira.

Seis Galeças, a que os Turcos chamaõ Maonas, dezasete Galés bastardas, vinte & sete Sotijs, noue fustas, dous Galeoens, seis Naos, & outras noue embarçaõens grãdes carregadas de salitre, poluora, biscouto, farinha, pilouros, artelharria, & todas as mais cousas necessarias pera tamanha armada. Aqui em Camaraõ esteue o Baxá dez dias, & aos trinta do mês se fez á vela, & ao derradeiro tendo andado vinte & oito legoas chegaraõ a hũa ilha chamado Tuicce,

a onde acharaõ a Fusta que foi com o recadõ a Elrey de Zebit, q̄ mandaua vm presente ao Baxá, de espadas, & punhais laurados d'ouro & prata, com alguns rubijs, turquescos, & perolas, algũas rodellas, & cofos, mũy ricos, & outras peças curiosas. E lhe mandou dizer que fosse fazer a jornada contra os Portugueses, & que da volta o esperaria pera tudo o que lhe mandaua. Disto ficou o Baxá muito enfadado, mas guardou o pera seu tempo. A armada foi seu caminho, & ao primeiro de Agosto foraõ forjir em duas braças junto da ilha Bebelmandel, que está na garganta do estreito, a que os Mouros chamaõ dos Robõis, que quer dizer dos Pilotos, por que ali os vaõ tomar os nauios que querẽ entrar pello estreito dentro.

A esta ilha chegou Afonso d'Albuquerque quando entrou aquelle estreito, & mandou nella aruorar hũa cruz mũy fermosa, & lhe pós nome a ilha da vera Cruz: onde com taõ diuino marco tomaraõ os Reys de Portugal ha tantos annos a posse da garganta do mar roxo: permitira o Senhor, que o Principe dom Felipe (depois de muitos & largos annos da vida d'Elrey seu pay do mesmo nome,) quãdo vier herdar os reinos de Portugal, mande & ordene, q̄ este diuino marco passe a diante, & que seja elle o que execute

aquella tenção, que o felicissimo Emperador Carlos V. seu auó pós ao redor de sua diuísã das columnas, Plus Ultra, & que fosse aquillo profecia do que em seus dias lhe aja de acontecer, passando nelles aquella columna de nossa redenção, a te se plantar nos môtes de Sués, & Synai, & que faça leuãtar sumptuosissimos templos na casa de abominação de Mafamede, pera que no lugar de tanta torpeza, se offereça ao altissimo Deos muitos sacrificios de louuor.

E tornando a nossa ordem. Ao outro dia que foraõ dous de Agosto, se fizeraõ á vela, & ao terceiro foraõ sorgir em Adem, que está da boca do estreito pera fora corenta legoas. Elrey tanto que a armada sorgio, mandou visitar o Baxá com muito refresco, & peças de presente. Estes inuiados recebeo o Baxá mûy bem, & lhes deu cabayas de veludo alto, & baixo, & os despedio com vm saluo conduto do Turco, pera que Elrey fosse seguramente verse com elle. Disto le mandou elle escusar, offerecendolhe tudo o de que tiuesse necessidade: do que o Baxá ficou muito agastado: & mandou logo destoldar as Galés, & pôr toda a gente em armas, & fazer prestes os Ianiçaros pera desembarcarem em terra, mandando ádiante o Chachaya, a persuadir a Elrey que fosse seguramente vello. O Chachaya

se foi ver com Elrey, & depois de muitas praticas que com elle teue, o tomou sobre sua fé & palavra, com o que o segurou, & foi á Galé acompanhado de alguns dos seus principaes. O Baxá o recebeo com muitas honras, & apartandosse com elle, com grande fingimento. E depois de praticarẽ algũas cousas, o despedio, dandolhe duas cabayas mûy ricas, lauradas d'ouro, & a todos os seus cada vm sua de veludo. E chegando á proa da Galé pera se embarcar, foi leuado nos ares pellos Ianiçaros, & enforcado no penaõ da verga, & jũto d'elle coatro dos seus os principaes. E logo mandou o Baxá vm Sanguaco, com quinhentos Ianiçaros pera ficarem em guarda d'aquella cidade.

Alguns escritores contaõ isto d'outra maneira: & dizem que de Zebit mandara o Baxá algũas fustas carregadas de Ianiçaros fingidos doentes, & que mandara pedir a Elrey de Adem que lhes agasalhasse & mandasse curar, & que nas padiolas que pera isso mandou fazer, em que os desembarcraõ, leuaraõ secretamente armas, & que depois do Baxá chegado, vendo que Elrey o naõ queria ir visitar, mandara desembarcar a gente em terra, & fazer final aos doentes que estauaõ dentro, que ja yaõ ensayados do que auiaõ de fazer, & que em os de fora cometendo a cidade, se leuantaraõ elles

elles cõ suas armas, & fizeraõ grã-  
de destruiçãõ, & que tomaraõ El-  
rey, ou se lhes entregara, & o leua-  
raõ ao Baxá, que o mandou enfor-  
car. O Venezeano que escreueo  
esta jornada, a conta da maneira q̃  
o nos temos dito: & isso mesmo  
os Mouros, que desta armada fica-  
raõ em Cambaya, com quem nós  
comunicamos estas cousas, & di-  
zem que não ouue taes enfermos.

## CAPITULO VI.

*Do que o Baxá fez em Adem,  
& do que lhe aconteceu a te  
chegar a Diu: & de como  
um Galeão seu foi ter desgarrado  
à costa do Malauar,  
& foi tomado por Antonio  
de Soto Mayor: & de como  
por elle soube o Governador  
Nuno da Cunha as nouas  
da armada do Turco: & dos  
soccorros que de Goa parti-  
raõ pera Diu.*

**E**NFORCADO o Rey de Adem,  
mandou o Baxá a  
Beran Baxá cõ qui-  
nhentos Iançaros, q̃  
se fosse meter na cidade, o que elle  
fez sem contradicãõ algũa: & co-  
mo estes homens são crueis & so-  
berbos, logo começaraõ a pôr os  
moradores a faco, vsãdo deshuma-

nidades espantosas. Os Turcos da  
armada ouuindo a reuolta na ci-  
dade, acodiraõ lá, & ajudaraõ a af-  
solar, & roubar tudo, enchendosse  
todos de riquezas, por que estaua  
aquella cidade recheada de mui-  
tas fazendas ricas, por ser aquelle  
porto muiy continuado de todos  
os mercadores do Oriente. Solei-  
maõ Baxá general da armada co-  
mo era cheyo de cobiça, & com  
ser de oitenta annos, & Eunuco:  
sem ter ninguem pera que o auer-  
mister, não auia cousa que o farta-  
se. E sabendo das grandes rique-  
zas da cidade, não lhe soffrendo sua  
ambicãõ, que outrem as lograsse  
se não elle, desembarcou em terra  
com os da sua guarda, & foisse pôr  
á porta da cidade que saya pera a  
banda do mar, & a todos os que  
sayaõ por ella pera se recolherem  
as Galés com suas prezas os bus-  
caua: & todo o ouro, prata, pero-  
las, pedraria, & dinheiro lhes to-  
mou. E assi lhes foi ter as mãos to-  
da a riqueza da cidade, ficando o-  
diado com todos os da armada.  
Depois de farto se recolheo, dei-  
xando a cidade muiy bem provida  
de tudo. E querendosse partir mã-  
dou tomar tres naos de Calecut, q̃  
ali estauaõ com suas fazendas, a  
quem elle tinha dado seguro qua-  
ndo logo chegou: & meteo nellas  
gente, & moniçoens, mantimẽtos,  
& outras cousas que na cidade a-  
chou. E a os dezanoue de Agosto  
se fez á vela, & foi seguindo sua  
derrota

derrota com tempo muito fresco, & com algúas trouoadas, que lhe desaparelharaõ algús nauios, & se apartaraõ seis, correndo por onde cada vm pode. Húa Galé quasi destroçada foi tomar a enxada de laquete, na costa dos Sanganes; a onde surgio, & mandaraõ a bateira a terra a búscar alguns mantimentos, por que todos os q̄ leuaõ se lançaraõ ao már.

Os naturaes dali, que são mūy grandes ladroës, tomaraõ a bateira, & matareaõ todos os que nella yaõ: & em algúas cotias foraõ cometer a Galé, rodeando por todas as partes, atirandolhe muitos tiros & pedradas (em que são tão destros, como os das ilhas de Melhorca) com que lhes matareaõ sessenta pessoas. E effes poucos que ficaraõ védosse perdidos largaraõ a amarra, & deraõ á vela: & por teré vento por si se foraõ saindo.

Das outras velas que se apartarrõ, foi vm Galeaõ, correndo tormenta quasi perdido, & ferrou os Ilheos de Sancta Maria, na costa de Canará, antre Baçanor, & Mangalor, a onde auia dous ou tres dias que era chegado Antonio de Soto Mayor, por capitaõ mór de alguns nauios, que tinha saido de Cananor, a onde estaua por capitaõ Fernande Anes de Soto Mayor seu pay. E ás oito horas de pella manhã ouue vista d'aquella vela que foi demandar, & conheceo ser de Rumes, & tomando as

armas a cometeo com grande aluoroço de todos os seus, pera o q̄ não ouue mister persuadilos, por q̄ o desejo da honra foi o que os animou. E cercandoo á roda o bateiraõ fortemente, dandolhe grandes furriadas de arcabuzaria, de q̄ lhe matareaõ muita gente: & não lhe sofrendo o coração aquelle vagar, pozeraõlhe as proas abordandoa por todas as partes, começandosse húa muito aspera & rija batalha, mūy bem pelejada d'ambas as partes: & foi o negocio de feiçaõ que assi aferrados lhes anoiteceo, determinando os nossos de a não largarem, a te a renderem, ou morrerem: & assi o fizeraõ, por que com morte da mór parte dos Turcos, entraraõ o Galeaõ ja muito tarde: & de alguns que acharaõ ainda viuos soube Antonio de Soto Mayor serem da companhia de Soleimaõ Baxá, que ja deuia de estar em Diu. E informandosse da armada, gente, & mais cousas, os mandou logo ao Governador, em vm catur muito ligeiro, pera delles saber a verdade de tudo. Este nauio chegou em poucos dias a Goa, & com as nouas que leuou pós toda a cidade em reuolta.

O Governador depois de informado de tudo, foisse por na ribeira, & mandou negociar a armada, por que logo determinou de ir pelear com os Rumes. Alguns fidalgos & caualeiros tomaraõ o mesmo dia que a noua chegou caturos ligeiros

ligeiros, & conuocando soldados de sua obrigação fairo pella barra fora, & tomaraõ o caminho pera Diu: & estes foraõ tres. Fernaõ de Moraes, Simaõ Rangel de Castello branco, & Antonio d'Araujo, & Gaspar d'Araujo, ambos irmãos de Payo Rodriguez d'Araujo, que yaõ juntos em vm catur. Cada nauio destes leuaua vinte soldados: & os caualeiros principaes que antre elles yaõ, a que soubermos os nomes foraõ: Lançarote Pereira, Rodrigo Homem, Antonio Manhóz, Tristaõ da Sylua, & Fernaõ Correa. Destes capitaes, só Fernaõ de Moraes se despedio do Governador, que escreueo por elle a Antonio da Sylueira, q̄ estivesse de bom animo, por que elle se ficaua preparádo pera o soccorrer. E assi logo despedio recado a Martim Afonso de Sousa, que inuernou em Cochim, pera que se apressasse com toda sua armada, por que ficaua esperando por elle, pera ir buscar os Rumes. E escreueo á cidade as nouas que tinha, pedindolhe o ajudassem com toda a gente, & nauios que podessẽ: representandolhe a necessidade em que a fortaleza de Diu estaua.

E tornando a continuar com Soleimaõ Baxá, foi seguindo sua derrota, corrédo o mesmo tempo com bem de trabalho: & a cabo de muitos dias foi auer vista da terra, na paragem de Mangalor, na costa de Diu. E correndo de

longo della aos tres de Setembro, foi vista a armada de Miguel Vaz, que a andaua por ali vigiando: & tanto que a vio notou muito de uagar o numero, & depois de se certificar deu á vela pera Diu: da nossa fortaleza foi visto, & logo entéderaõ que vira a armada dos Rumes, que os Mouros da cidade começaraõ a enxergar de cima das mesquitas, & os nossos viraõ acudir pera fora toda a gente da cidade, pera a verem. Miguel Vaz chegou á fortaleza, & deu ao capitão as nouas da armada, & não fazêdo aquillo abalo algum em seu animo, logo ali escreueo ao Governador hũa breue carta, em que se reportaua a Miguel Vaz, & o despedio com ella, encomendandolhe que com a mór breuidade q̄ podesse, leuasse aquellas nouas ao Governador. Miguel Vaz se sayo logo pella barra fora, & como era homem animoso, quisse segurar de nouo na copia dos nauios pera falar pontual, pois o capitão se reportaua na carta a elle. E tomádo o remo na mão foisse pór ao már por descobrir a armada, que ya de longo da terra á vela bulcando o pouso pera surgir, & esteue muito á sua vontade notandoa, & contádo as velas. Os Turcos enxergaraõ aquelle nauio ao már delles, & faindolhe doze Galés ligeiras o foraõ demandar. Miguel Vaz deu á vela por ser o vento bom, & foisse engolfando: as Galés meteraõ o bafardo,

stardo, & tomaraõ o remo, indoo  
seguindo muito apressadamente,  
& entrandoo muito. Isto tudo se  
via mûy bem da fortaleza, & ou-  
ueraõ que o nauio naõ poderia es-  
capar, o que em extremo sentiaõ,  
tendoo por perda notauel se tal  
fosse, & por roim pronostico em  
principio do cerco que esperauaõ.  
Miguel Vaz, que era homem mui-  
to esperto, & bom caualeiro, foi  
com grande segurança, animando  
os marinheiros, & lançandolhes  
dinheiro a todos, pera trabalharẽ  
com mais vontade, & elles asy o  
fizeraõ de feiçaõ, que se desfaziaõ.

E como Deos nosso Senhor ti-  
nha os olhos naquella fortaleza,  
& naõ a queria desemparrar: per-  
mitio, que depois de muitas horas  
que o seguiaõ, no tempo em que  
ja cuidauaõ q̃ o tinhaõ nas maõs,  
nesse lhe encalmasse o vento, com  
o que o nauio que era pequeno te-  
ue tempo, & mais occasiaõ pera v-  
sar do remo, muito mais desemba-  
raçadamente: & asy se foi saindo  
das Galés muito á sua vontade. Os  
Turcos magoados de asy lhe es-  
capar das maõs, lhe atiraraõ com  
algũas esperas, cujos pilouros de-  
raõ por derredor da Fusta, que se  
ya escoando com vento galerno,  
& com o remo muito bem. Os  
Turcos tornaraõse pera a armada  
que ja estaua surta defronte das  
mesquitas grandes. Miguel Vaz  
vendosse ja desapressado, deu fol-  
ga aos marinheiros, animandoos,

& louuandoos, & dandolhes do  
seu dinheiro, & asy o deixaremos  
ir seu caminho, pera cõtinuarmos  
com as cousas de Diu.

Alucan, & Cogeçofar, tanto q̃  
viraõ a armada surta, embarca-  
raõse cada ym em seu nauio, & fo-  
raõ por fora da ilha da banda do  
ponente a visitar o Baxa, que os  
recebeo com muitas hõras, & del-  
les soube o estado em que a nossa  
fortaleza estaua, facilitandolhe sua  
tomada, pedindolhe artelharia, &  
moniçoes: & que se deixasse estar,  
& descansasse, que elles lha entre-  
gariaõ. O Baxá festejou muito a  
quellas esperanças, dandolhes os  
agardcimentos da vontade & de-  
sejo que mostrauaõ ao seruiço do  
Graõ Senhor.

## CAPITULO VII.

*De como os Faniçaros desem-  
barcaraõ em terra, & sa-  
quearaõ a cidade: & da vista  
que deraõ à nossa fortaleza:  
& de vm espantoso cometa q̃  
se vio no ceo: & de como a ar-  
mada esteue perdida naquel-  
le pouso, & se passou a Ma-  
drefanal.*



M quanto os capi-  
taens d'Elrey de Câ-  
baya se detiueraõ  
na Galé, falandosse  
os laniçaros vns cõ  
os

os outros, tomaraõ as bateiras, & outras embarcaçoens, & desembarcaraõ em terra por vezes, setecentos delles, & foraõ á cidade, & com a defordem & braueza com que costumaõ fazer suas coufas, a entraraõ & meteraõ a saca, roubando, & escalando o melhor della: & tomando as molheres & filhas aos naturaes, deshonorandoas, & tratandoas mal, naõ lhes escapando os aposentos do Alucan, q̄ tambem foraõ estragados, leuandolhe toda sua recamara, de ouro, prata, arreos, & tudo o mais de valia, que mandaraõ pera as Galés. E por que vinhaõ taõ arrogantes, q̄ cuidaõ que elles s̄os bastauaõ, pera tomarem a nossa fortaleza, a foraõ cometer, pondosse derredor dos muros ás espingardadas, & ás frechadas: & cometêdo as portas, cuidaraõ q̄ as leuassẽ nas maõs: mas em breue espaço foraõ desenganados, por que os nossos das primeiras furriadas lhe derribaraõ cincoenta logo mortos, & lhes feriraõ mais de cento, do que ficaraõ taõ escandalizados, & amedrontados, que com a soberba perdida se foraõ recolhendo, custando porê esta breue vista as vidas de seis dos nossos, & vinte feridos. O Baxá, sem saber o que ya na cidade despedio Alucan, & Cogeçofar.

Estes chegaraõ á cidade, que a acharaõ posta em pranto, & entaõ suberaraõ o destroço que os Ianigaros andaraõ por ella fazendo, a

te chegarem a suas casas, onde acharaõ tudo escalado, & roubado. Alucan entendendo que pior auiaõ elles de ficar da vinda dos Rumes, que os Portugueses (por q̄ bem sabia delles, quaõ bem costumauaõ a defender suas coufas: & que por fim do negocio auia o Baxá de se querer satisfazer nelles) naõ querendo aguardar ali mais, passouse á outra banda, & tomou logo o caminho de Amadaba, leuando a mór parte da sua gente, indo taõ escandalizado, q̄ por toda a parte por onde passaua ya metendo em odio com os Turcos: & o mesmo fez com Elrey, a quẽ deu conta do que passaua: affirmãdolhe que os Portugueses d'aquella feita lhe auiaõ de defender seu reyno: por que se elles naõ estiuerãõ n'aquella ilha, sem duuida se auiaõ de fazer senhores della, & dali pouco & pouco de todo o reino do Guzarate. Mas que elle sabia mūy bem, que assi auiaõ de ficar escandalizados das maõs dos Portugueses, que quando bem escapassẽ, seria destrozados, afrouitados, & com a soberba perdida.

O mesmo dia que o Baxá sorrgio, chegou a elle hũa fusta, que Elrey de Cambaya lhe mandou chea de refresco: por que em tendo as primeiras nouas, a despedio pera o ir tomar, a onde quer que o achasse, tudo isto passou este dia.

E tanto que anoiteceo as dez horas

horas, viraõ todos ir corrédo pelo ár vm cometa á maneira de traue de fogo : que foi da banda da cidade a te parar sobre a armada dos Turcos, a onde se esteue desfazendo em labaredas. Foi isto visto de todos com geral espanto, mas com diferente agouro: por q os nossos o tiueraõ por sinal de lhes Deos fazer muitas merces, & os Rumes a notaraõ a muito roim prodigio: & o Baxá que de sua natureza era acouardado, ficou com receos, & desconfianças. A esta sorte de cometas (segundo Plinio, & outros autores) chamaõ os Gregos Docci, que quer dizer, traue, pello parecer que com ella tem. Outra semelhante a esta se vio tambem desfazer sobre a armada dos Lacedemonios, quando foraõ vñcidos no már, & perderaõ o Impeno de Grecia.

E tornãdo a nossa historia : taõ escandalizados ficaraõ os Gentios da cidade das cruezas, & deshumnidades dos Turcos, q muitos delles se passaraõ á outra banda, & outros se recolheraõ debaixo dos muros da nossa fortaleza. Disto foi auisado o Baxá, & despidio ao outro dia vm capitãõ cõ o seu Chachaya, com dous mil homens, pera quietarem aquella gente, por q de todo se naõ despejasse a cidade, no que se fez pouco, por que ficaraõ todos taõ amedrontados, q se naõ quiserãõ mais fiar dos Turcos : & poucos & poucos se passa-

raõ á outra banda, ficando a cidade quasi deserta.

Antonio da Sylueira naõ estaua descuidado na fortaleza, antes de dia & de noite sem tomar repouso trataua de se fortificar, & reparar o melhor que podia : mandando prouer o baluarte da outra banda de todas as monicoens, & cousas que lhe pareceraõ necessarias, por que receou que depois q os Turcos desembarcassẽ, o naõ podesse fazer. E mandou aleuantar a ponte que ficaua sobre a caua, & tapar as portas de pedra & cal. O mesmo mandou fazer no baluarte de Gogalá, por que tiuessem menos cousas que guardar. E mandou reformar o baluarte do már de que era capitãõ Antonio de Sousa Coutinho, a quem deu corenta soldados : & de sorte proueo tudo, & em tudo, que quando os Turcos desembarcaraõ ja naõ auia que fazer.

O Baxá esteue furto de fronte da mesquita a te os sete dias do mês, em que lhe deu hũa tormẽta do Sul taõ braua, que esteue a armada de todo perdida. Os nossos que da fortaleza viaõ a braueza do már, & o trabalho em q estauaõ, pediaõ a Deos com grandes oraçoens, que crecesse a tormenta, & que os Turcos perecessẽ nella : & ouue pessoas que fizeraõ grandes votos pera isso. Os bateis dos Galeoens que yaõ da terra carregados de gente foraõ comidos

dos das ondas, sem escapar hũa só pessoa. E em toda a armada crecia o trabalho, por que tambem o tempo era cada vez mayor. As Galés defenimastearão, & recolherão dentro a apellação, tendo ja todas as posticas quebradas, & a mór parte dellas os esporoens, & estauão em estado, que não apparecia dellas mais que os cascós. Os Galeoens perderão algũas ancoras, & alijarão a mór parte do que traziaõ: durou a tormenta vinte & coatro horas. E tanto que o vento acalmou, receandosse o Baxá de outro perigo (por que naquelle se vio de todo perdido) leuouffe com toda a armada, & foisse pera Madrefauual, que he pouco mais de cinco legoas de Diu, pera dentro da encuada, pera ali espalmar, & concertar as Galés, que ficaraõ de todo destroçadas, & á vela foi passando á vista da fortaleza, mas afastado por se recear da artelharia, & a foi saluando por ordem. Antonio da Sylueira lhes mandou responder, deitandolhes dentro nas Galés alguns pilouros grossos, pera que vissem o com que os auiaõ de hospedar. Chegados a Madrefauual, ao entrar do porto se lhe perderão coatro naos de vitualhas. O Baxá desembarcou em terra, & mādou armar tendas, & despejar as Galés, pera se concertarem.

Ali foi ter com elle Cogeçofar, & trataraõ ambos o modo que se auia de ter no situar da nossa for-

taleza, & assentaraõ, que, por que a armada não podia entrar em Diu, pello risco que corria da artelharia da fortaleza, & baluarte do már, que mandassem cercar o castello de Gogalá, & que depois de tomado se passasse por ali toda a gente, artelharia, & petrechos necessarios pera o cerco. Com esta resolução mandou o Baxá desembarcar a artelharia que estaua nas coatro Maonas, (a que nos chamamos Galeças) que eraõ tres basaliscos, seis esperas, que encarregou a Beran Baxá Ianiçaro, com mil & quinhentos Turcos, pera ir em companhia de Cogeçofar, a cercar, & bater o castello de Gogalá, em quanto elle mandaua reformar a armada. Este mesmo dia chegaraõ ali, hũa nao, & hũa Galé das q̄ desapareceraõ no caminho, & ao entrar da barra deraõ no banco, em que se perdeo a nao, que ya carregada de poluora, moniçoens, & outras vitualhas: & a Galé se tirou & concertou.

### CAPITULO VIII.

*De como Elrey dom João tratou de madar à Índia o ffante dom Luis, seu irmão, pellas nouas que teue de Constantinopla, da armada que o Turco mandaua: & das reuoltas que ouue no reino, sobre*

Quinta Decada. Da historia da Índia.

bre Elrey querer obrigar os morgados ao acompanharem. E de como o Iffante desistio da jornada, & foi eleito dom Garcia de Noronha por Visorey. E da armada que leuou no anno de 1538. E de como Elrey ouue bullas do Papa, pera fazer Bispado a igreja de sancta Caterina de Goa. E do primeiro Bispo q se sagrou.

Anno 1538.



**D**E POIS de Elrey dom Ioaõ despindir em Outubro a armada que dissemos, por ter nouas de Galés, lhe chegou recado certo da copia da armada que o Turco mandaua preparar em Sués, & dos grandes apercebimentos que em Constantinopla se faziaõ pera aquella jornada. Isto meteo grande aluoroço em todo o reino, & algum temor em Elrey, que neste tempo estaua em Euora, onde auia cinco ou seis annos que residia, por estar afeiçoado a terra, & se achar nella bẽ, pello que se não sabia sair della, de que todo o reino estaua escandalizado, pellos muitos gastos que os fidalgos faziaõ em seguirem a corte. As nouas das Galés, q correrãõ por todo o reino, acodiraõ muitos fidalgos a se offerecerem pera á-

quella jornada, a que Elrey determinaua de acodir com mūy grosso poder, por que naquelle negocio estaua perderse ou ganharle a India. E pondo estas cousas em cõselho, ouue alguns de parecer, que mandasse o Iffante dom Luis seu irmaõ, por que tãto que os homẽs o vissem embarcar, todos auiaõ de folgar de o acompanhar. Outros dizem que o mesmo Iffante se offereceu. Como quer que fosse Elrey o declarou pera a India com corenta naos, & oito mil homens. Com isto todos os fidalgos de sua casa que tinhaõ posse, mandaraõ com muita pressa tomar naos por Villa de Conde, pello Porto, por Aueiro, & por outros lugares, começandosse a fazer prestes, com o que se meteo todo o reino em reuolta. Elrey mãdou chamar muitos fidalgos velhos & ricos, pera irem com o Iffante seu irmaõ, & quis obrigar os morgados ao acompanharem, como costumaua a fazer aos soccorros de Africa. A isto acodiraõ os pays agrauandosse d'Elrey. Dos primeiros chamados foi dom Pedro Deça, de Sanctos: que se escusou com dizer que elle não possuya cousa algũa da coroa, & se algũa cousa tinha, que bem lha podiaõ tirar. Elrey escandalizado o mandou riscar dos seus liuros. Pella mesma maneira se escusaraõ outros, ainda que mais suauemente. E todauia insistiaõ Elrey em mandar os morgados agruar

agruaraõ seus pays pera a meſa da conciencia, a onde allegaraõ de ſua juſtiça. Era presidente della o Biſpo de Coimbra dom frey Ioaõ Soarez, religioso da ordem de ſanto Agoſtinho, que fora meſtre do principe ſeu filho, q̄ com os deputados pronunciou, que Elrey naõ podia obrigar os morgados a ir á India: por que como aquella terra fora descuberta pera commercio & trato, naõ tinhaõ os morgados obrigação de acodir a ella: & que ſõ aos lugares de Africa por ſerem fronteiros os poderia obrigar. Vendo Elrey aquillo deſiſtio da ida do Iſſante (poſto que diziaõ os pragueiros, que a Raynha dona Caterina, & o Conde da Caſtanheira foraõ a causa principal de ſua ficada, allegando inconuenientes de grandes gastos, & deſpezas, q̄ o reino naõ podia ſoprir, & do titulo que ſe auia de dar ao Iſſante: & q̄ aquillo era quaſi ſeparar a India da jurdição do reino: com outros que nos ſendo moço ouuimos na guarda roupa do Iſſante, a onde nos criamos de idade de dez annos a te elle falecer.

Em fim deſiſtindo Elrey deſte negocio, tratou em ſeu conſelho o que faria no ſocorro & prouimentos das couſas da India, & que armada mandaria: & aſſentouſſe que foſſem coatro mil homens em doze naos: & que prouieſſe a India de vm fidalgo velho com titulo de Viſorrey, por que fol-

gaſſem muitos fidalgos que deſejauaõ de ſe achar no negocio das Galés, de o acompanhar: o que pella ventura naõ quereriaõ fazer a nenhum capitaõ mór. E que com os Turcos ouuirem, que era chegada á India hũa armada groſſa, com vm homem intitulado por Viſorrey, cauſaria nelles o eſpanto, que ſoya cauſar aos imigos do pouo Romano, quando ſe elegia Dictador. E que bem podia ſer que ſõ eſta fama os fizeſſe alcuantar do cerco que tiueſſem poſto, em qualquer das fortalezas da India. Iſto pareceo bem a Elrey, & lançando os olhos a todos os fidalgos do reino, ſatisfeſſe muito de dom Garcia de Noronha (aſi pellas partes & qualidades de ſua peſſoa, & pellas moſtras que tinha dado de ſeu ſaber, & eſforço, em todas as couſas em que ſe na India achou em companhia de Afõſo d'Albuquerque ſeu tio, como pella grande peſſoa que tinha) por que era vm dos maiores homens do reino, & por ſer muito cheyo de cans, que ſempre ſaõ muito respeitadas: por q̄ naquelle tempo era homem perto de ſetenta annos, que ſõ eſta era a tachã que todos lhe punhaõ, o que a Elrey pareceo nuilhor que tudo: por que ſõ pretendeo buscar homem que ſoubefſe mandar, & a que todos folgafſem de obedecer: por que pera pelejar, todos os Portugueſes o faziaõ muito bem.

Tristaõ da Cunha pay do Governador Nuno da Cunha, q̃ ainda viuia, vendo que Elrey disistia da ida do Iffante, & que elegia outro homem por Visorrey da India o sintio muito, & agrauouffe a Elrey, de satisfazer a seu filho taõ mal tantos seruiços como lhe tinha feito, em perto de dez annos que na India o siruia, & que quem lhe tinha dado as fortalezas de Diu, & Baçaim, tambem lhe dera as Gales dos Rumes se passassem á India: por que elle confiava de seu filho, que estaria ja no már com vm muito grosso poder pera os ir buscar. E que naõ parecia justiça, que a armada que elle com tanto suor auia de ter negociada, fosse outrem a tomarlha, & roubarlhe com ella a honra, que esperaua da vitoria dos Turcos, & mais quando seu filho o naõ tinha deseruido em cousa algũa. Elrey diziaõ que desejava bem de satisfazer aos agrauos de Tristaõ da Cunha: mas ja que naõ podia, consou o, & quietou o, com palauras satisfatorias á honra de seu filho, como principe muito Christaõ, & que desejava de naõ agrauar seus vassallos. E assi foi dando grande pressa à armada, com que correo o Conde de Castanheira, que era Veador da fazenda.

Vendo Elrey que ja tinha prouido a India de nouo capitaõ no temporal, o quis tambem fazer

de outro no espiritual, pella necessidade que na India auia delle: pello muito que creciaõ as coufas de nossa Religiaõ Christam: por que o Bispo dom Fernando Vaqueiro, da ordem de Saõ Francisco, que Elrey mandara a India o anno de trinta & dous, na armada do Doutor Pero Vaz d'Amaral (como na coarta Decada ficado no liuro oitauo, capitolo segundo) falecera o anno de trinta & coatro, estando em Ormuz, a onde jaz enterrado na igreja da fortaleza, na parede da capella mór, a onde tem hũa pedra com duas vaccas, q̃eraõ suas armas. E por q̃ a India estaua em necessidade de prelado, quis prouer nisso, & suplicou ja o anno passado ao Summo Pontifice Paulo III. que lhe concedesse fazer Arcebisnado a Sé do Funchal, & Bisnados as igrejas, Saõ Saluador do Cabo verde. Sanctiago da ilha de Saõ Thome. E sançta Caterina de Goa, mandandolhe consentimento pera que lhes podesse aplicar de suas rendas quinhentos cruzados a cada Bispo, pera as suas mezas, & pera as ordinarias das dignidades da igreja de Goa, com que só continuaremos.

Cem cruzados ao Adayaõ, coarenta ao Arcediago, & outros tantos ao Chantre, Thisoureiro, Mestre Scola, & trinta cruzados a cada conego, que auiaõ de ser

fer doze: o que tudo lhe concedo o Summo Pontifice, per suas bullas Apostolicas, com priuilegio pera os Reys de Portugal, poderem apresentar os Arcebispos, Bispos, & todas as mais dignidades, Vigairarias, beneficios, como Mestre que era da ordem da cavallaria de nosso Senhor IESV Christo. E que os limites da dioçesi de Goa, começassem, & se acabassem, & fossem instituidos & julgados, des do cabo de boa Esperança, a te a India inclusiuè: & da India a te a China, com todos os lugares assentados, asy nas terras firmes, como nas ilhas, achadas, & por achar: em que os Reys de Portugal tiuesse fortalezas, & morassem Portugueses & Christãos, anexando asy este Bispado, como os de São Thome, Cabo verde, ao direito da Metropolitana do Funchal, como se vé mais largamente nas Bullas que andaõ no tombo da Sé de Goa, a onde nos vimos isto.

Elrey com estas bullas nomeou pera Bispo de Goa, um dom Frãcisco de Mello homem fidalgo, que foi sagrado em Lixboa com grandes cerimonia. E por falecer este veraõ em que andamos, supplicou Elrey novos breues, por cuja virtude nomeou pera Bispo de Goa, um frade da Ordem do glorioso Padre saõ Francisco, chamado dom Ioaõ d'Albuquerque, Castelhana, varaõ Apostoli-

co, & virtuoso, da prouincia da piedade, em Portugal: a que por virtude de outro breue, lhe deu Elrey por coadiutor, & futuro soçessor, outro religioso da mesma ordem, chamado frey Vicente, homè virtuoso, & muito bõ letrado. A que mandou fazer prestes, & lhes deu despezas, & todas as cousas necessarias pera sua embarcaõ.

E por que pera a copia da gente que Elrey queria mandar, ya faltando muita, passou hũa prouisaõ, & perdaõ geral, em que auia por perdoados todos os casos, (tirando o da fé, & lefa majestade,) & todos os degredos, ou por tempo limitado, ou pera sempre, a todo o homem, com tanto que se embarcasse n'aquella armada pera a India. Esta prouisaõ se publicou por todo o reino, a que acodiraõ muitos homens a se registarem: & por que ainda com isto não enchia a copia, mandou Elrey por todas as cadeas & prisoes do reino, que todos os homens que estiuessem presos, degradados, & ainda sentenciados á morte, se leuassem ás prisoes de Lixboa, pera dali se embarcarem pera a India: comutando aos sentenciados á morte, em pena de degredo perpetuo pera aquellas partes, & aos de degredos perpetuos, em tres annos: & aos de tres, & coatro, que lhos perdoaua embarcandosse pera a India.

Antre muitos que acodiraõ a este

*Quinta Decada. Da historia da India.*

este edicto geral, foi um fidalgo chamado Manoel de Mendocça, que estava degradado por nove annos para os lugares de Africa, por matar um homem, de que Elrey estava muy escandalizado. Este acodio á corte com dous irmãos seus, Ioaõ de Mendocça, & Diogo de Mendocça, offerencendo a Elrey para aquella jornada, o que elle estimou muito. E pedindolhe o Manoel de Mendocça perdaõ do seu degredo: não quis Elrey, mas disselle, que pois todos tres yaõ á India, que se reparasse por elles o tempo do degredo: & que andando todos tres na India tres annos, lhe auia por supridos os nove, & que lhes faria merces, pello q̄ lhe bejaraõ a mão, & se fizeraõ prestes.

O Conde da Castanheira deu tal pressa á armada, que meado Março a fez á vela, & Elrey a foi lançar fora. Era esta armada de onze naos, em q̄ yaõ de ventagem de quatro mil homens, muito dinheiro, armas, monçoens, artelheria, & todas as mais cousas necessarias, & muitos & muito honrados fidalgos contentes, & satisfeitos, por q̄ a todos fez Elrey merces de dinheiro, fortalezas, cargos, ordenados, & outros despachos, por q̄ entendia bem quaõ necessario era homés contentes para a guerra.

Os capitaens que nesta jornada yaõ nas naos eraõ Bernaldim da Sylueira o Drago, q̄ ya despacha-

do com a fortaleza de Diu (com quem se embarcaraõ todos os homiziados, & degradados: & todos os mais condenados á morte, que se tiraraõ das cadeas do reino) Ioaõ de Sepulueda, filho de Diogo de Sepulueda fidalgo Castelhano: que em Portugal casou com hũa mulher fidalga, do apelido dos Souzas, da casa do Prado. Este Diogo de Sepulueda auia ja sido capitão de Cofala, & da mesma fortaleza tãbem o filho ya provido. Dõ Ioaõ de Castro, filho de dõ Aluaro de Castro, governador da casa do ciuel, a quem Elrey daua a fortaleza de Ormuz, que elle não quis accitar, dizendo q̄ lha não tinha merecido, q̄ como lha merecesse entãõ lhe faria merce della, o q̄ Elrey estimou muito: & lhe fez merce de quatro cẽtos mil reis de tẽça em cada um anno, em quaõ andasse na India. Dõ Francisco de Meneses, filho de dom Anrique de Meneses, irmão do Marquez de villa Real. Este dom Francisco era um dos milhores, & mais bem acondicionados fidalgos, & das milhores partes que auia em seu tempo, ou ao menos, nenhum lhe precedia em cousa algũa: ya despachado com a fortaleza de Baçaim. Dõ Christouaõ da Gama, que ya provido da fortaleza de Malaca, era filho de dom Vasco da Gama, o primeiro Conde Almirante. Dom Garcia de Craсто que leuaua a de Goa. Luis Falcaõ a de Baçaim.

Ruy Lourenço de Tauora a mesma fortaleza. Dom Ioaõ Deça a de Goa. Francisco Pereira de Berredo, que ja tinha sido capitão de Chaul.

Os fidalgos aventureiros que se embarcarão nesta armada, os de que podemos saber os nomes são os seguintes. Dom Aluaro, & dom Bernardo de Noronha, filhos do Visorrey dõ Garcia de Noronha. Dom Martinho de Sousa, filho de dom Iorge de Soula. Dom Ioaõ Manoel, d'alcunha o Alabastro, por ser muito gentil homem, filho de dom Nuno Manoel, & irmão de dom Fadrique Manoel. Este dom Ioaõ tinha mais de um conto de renda, & por um desgosto que teve se embarcou contra vontade dos irmãos & parentes. Dom Luis de Tayde, que depois foi Conde d'Atougia. Dom Antonio de Noronha Catarras. Fernão da Sylua, commendador & alcaide mór de de Alpalhaõ. Dom Diogo d'Almeida, filho do Contador mór, a que depois na India chamaraõ o alfenim, por ser muito mimoso & limpo de sua pessoa, & foi sempre tamanho na India, & lhe tiueraõ todos tanto respeito, que em sua ausencia o nomeaõ todos os fidalgos, pello senhor dom Diogo. Dom Ioaõ Mascarenhas. Francisco Lopez, & Pero Lopez de Sousa, ambos irmãos. Dom Ioaõ Anriquez. Dõ Duarte Deça. Os tres irmãos Manoel, Ioaõ, & Diogo de

Mendoça. Dom Iorge de Menezes, que depois se chamou, Baroché. E outros fidalgos & caualeiros. E por Veador da fazenda geral da India, o Doutor Fernão Rodriguez de Castello branco: que lá tinha ja sido Prouedor mór dos defunctos, & Ouvidor geral: que fez depois em Lisboa hũas casas junto de nossa Senhora da Graça, q' agora são do Comendador mór dom Dinis d'Alencastro.

CAPITULO IX.

*Do que aconteceu na jornada a esta armada, a te chegar a Moçambique, & se perdeu o Galeão de Bernaldim da Sylueira o Drago. E de como dali despedio o Visorrey Anrique de Sousa Chichorro com cartas à Elrey: & de como o Visorrey chegou a Goa: & das cousas em que logo proueo.*



ADA a armada á vela, foi seguindo sua derrota, naõ lhe faltando a variedade & inconstancia dos tempos que soem auer em taõ comprida viagem, em que desapareceo a naõ de Bernaldim da Sylueira o Drago, em que yaõ todos os homiziados, que o tempo comeco, o que pareceo permissaõ diuina, de toda esta armada naõ se

perder outra se naó ella: por que como leuaua muitos homens condenados á morte por casos graues & feyos, parece que quis Deos noffo Senhor fazer justiça delles, ja q̄ em Portugal se naó fizera: por que naó se ouue por seruido ainda neste negocio que era de sua honra (pois yaó la pelear por sua santa fé contra seus imigos) de homens taó abominaueis & crueis, como alguns que ali yaó. Todas as mais naos chegaraó a Moçambique, & o Visorrey foi muito festejado de Aleixos de Soufa Chichorro q̄ ali estaua por capitaó: mandando agasalhar todos os doétes das naos, que eraó muitos, em casas, & ramadas, que pera isso mandou ordenar, curando a todos, & dando-lhes todo o necessario do seu dinheiro, como fez aos doentes de todas as naos, que em seu tépo ali foraó ter: por que em todos os seus tres annos, o mór emprego q̄ fez, foi nestas & outras obras de charidade, & misericordia, em que gastou tudo o que aquella fortaleza lhe deu, pello que sayo della taó pobre, como adiate se verá. O Visorrey mandou dar muita pressa a agoada das naos, & a outras cousas necessarias, por que determinaua de se partir logo.

E por que achou ali a nao, em q̄ fora por capitaó Anrique de Soufa Chichorro, como atras temos dito no capitulo 7. do 2. liuro, querédo mostrar-se agardecido ao

gasalhado que lhe seu irmaó Aleixos de Soufa Chichorro fez naquella fortaleza, determinou de o mandar com nouas a Elrey de sua chegada, por que como elle estaua escádalizado do mesmo Anrique de Soufa, por certas palauras que disse ao partir do reino, q̄ depois Elrey soube, por que o mandou riscar de seus liuros, quis o Visorrey darlhe esta jornada, pera se reconciliar com elle: escreuendolhe largamente do socesso da viagem, & de como chegara a Moçambique com todas as naos, saluo a de Bernaldim da Sylueira o Drago, de q̄ naó auia nouas: & que ainda ali naó achara nenhúas dos Rumes, & q̄ a India estaua de paz, & quieta: & que se partia entrada de Agosto: dando por regiméto a Anrique de Soufa, que se partisse dali na entrada de Nouembro, como fez: & chegou ao reino a saluaméto. E naó achamos lembrança se tomou ainda as naos que auiaó de partir aquelle anno pera a India: mas sabemos que Elrey estimou muito as nouas do Visorrey, & perdoou a Anrique de Soufa, & o tornou a mandar assentar em seus liuros.

O Visorrey deu á vela entrada de Agosto, & foi seguindo sua derrota a te a barra de Goa, onde foi surgir á doze de Setembro com noue naos: por que a de Ioão de Sepulueda por má nauêgacão foif se encostar a Sacotorá onde as

agoas a leuaraõ, & por causa dellas se deteue ali tanto tempo, que por não ser ja moução pera passar a India, foi inuernar a Ormuz. As nouas da chegada do Visorrey dom Garcia de Noronha soaraõ logo por Goa, & os fidalgos como he muito antigo na India, largando o Governador Nuno da Cunha, foraõ logo á barra a visitalo. Nuno da Cunha sintio muito o agrauo q̄ lhe Elrey fez, & por cartas de seu pay Tristaõ da Cunha soube o q̄ com elle passara sobre aquelle negocio: & assi se malenconizou, q̄ nunca mais o viraõ alegre: & tonduia mandou visitar o Visorrey. Os Vereadores da cidade acodiaraõ a darlhe os parabés de sua chegada, & a saber quãdo auia de ser sua desembarcação, por que lhe queriaõ ordenar recebimento: elle lhes agardeceo muito aquelle desejo, dizendolhes, que não era tempo de detenças, & que ao outro dia auia de desembarcar. Pello que elles se foraõ pera terra, & fizeram com muita breuidade as cousas que conuinhaõ pera o receberem.

O Governador como dissemos, ficou malenconizado, & quasi só, por se irem todos os fidalgos ao Visorrey: & alguns que se dauaõ por muito seus amigos & parêtes o acompanharaõ. E pedindolhe um destes licença pera ir visitar o Visorrey, lhe respõdeo: Ide senhor & falareis cõ o mais auisado dou-

do que naceo em Portugal. Isto disse o Governador assi, por que era verdade ser elle muito discreto, & auisado, como por aquella soltura, & encadarrowamento de falar que tinha: que he quasi natural nos mais dos Noronhas: & em muitos outros que o fazem por arte. (E tanto o tinha este Visorrey por natureza, que se conta d'elle, q̄ andando negociado a armada pera ir buscar os Rumes, nestes primeiros dias que chegou, entrando um Domingo na Sé a tempo que os clerigos estauaõ nos kyrios da Missa que se dizia de canto d'orgaõ com grande vagar: & ouuindo lá cantar kyrie, kyrie, virando pera o choro disse alto, queria eu que fosseis vos aos Rumes, & mandou dizer a Missa rezada, & foisse á ribeira.) Passados os dous dias, entrou o Visorrey em Goa, & foi recebido da cidade muy bem, & o Governador lhe entregou a India, & toda a armada que tinha ja de verga d'alto, que eraõ perto de oitenta velas, em que entrauaõ corenta grossas, Galeoens, Naos, & Carauelas: & as de mais Galés, & Fustas: & assi lhe entregou os almazens cheyos de muita artelharria, monçoens, & mantimentos: como quem tinha tudo feito pera si, por que determinaua de ir buscar os Rumes, & pelejar com elles.

A primeira cousa que o Visorrey fez, foi despedir logo Ioão de

*Quinta Decada. Da historia da India.*

Cordoua, capitão de um catur com cartas a Antonio da Sylueira, em que lhe fazia a saber de sua chegada, por que ainda não auia novas de serem os Rumes em Diu, (por não ser ainda chegado Miguel Vaz com as nouas certas das Galés.) E assi despedio dō Pedro de Castello branco em alguns nauios com cartas pera a cidade de Cochim, em que a auisaua de sua chegada, & das nouas que auia dos Rumes, dandolhe conta de como se ficaua negociado pera os ir buscar. Pedindolhe que pera as despesas da armada o quisessem ajudar com algum dinheiro, assi do pouo, como dos orsaõs emprestado, pera o pagar dos primeiros rendimentos do estado. E assi alguns escrauos pera as chusmas das Galés, que se lhes tornariaõ como se acabasse a jornada, ou lhos pagariaõ se nella morressem. Leuando dom Pedro regimento pera ajutar toda a armada d'Elrey, & nauios de partes que ouesse em Cananor, & Cochim: & que por todo Outubro fosse com elle. O Visorrey ficou continuando com os prouimentos da armada, repartindo os nauios que achou pellos fidalgos que foraõ em sua companhia, ficando os mesmos que foraõ nas naos, nas que yaõ ordenadas pera ficarem na India, de que yaõ só quatro declaradas pera a carga da pimenta, que eraõ as mais velhas: visitando o Visorrey em pessoa to-

dos os dias a ribeira das armadas, & os almazens a pé, por que este he o verdadeiro officio & obrigação dos Visorreys.

Pouco depois chegou o catur de Miguel Vaz, de quem o Visorrey soube a grande armada que ficaua sobre Diu, & o que lhe acontecera, & informadosse delle muito miudamente, o tornou o outro dia a despedir com cartas pera Antonio da Sylueira, em que lhe affirmaua que muito cedo seria com elle. Neste catur mandou embarcar dom Duarte de Lima, pera ir ver o estado em que a fortaleza estaua, & lhe tornar a dar rezaõ do que visse, em quanto se elle negociava. Partido este nauio comegou o Visorrey a embarcar, & pôs fora do banco toda a armada de alto bordo, & fez alardo da gente que auia de leuar, & achou quasi numero de seis mil homẽs, toda gente limpa, & aluoroçada pera se verem com os inimigos ás guedelhas. Por fim do mês de Setembro chegou Martim Afonso de Sousa na Galé bastarda com alguns nauios, mas o Visorrey deixou pera si o Galeão Saõ Dinis (que Nuno da Cunha tinha muito bem negociado pera sua pessoa) dando a dianteira da armada a Martim Afonso de Sousa, como capitão mór do mar, pera que se passaraõ muitos fidalgos, seus parêtes & amigos, & affirmauasse q̄ tinha na sua Galé, mais de duzentos homens.

O Vi-

O Visorrey embarcou sua pessoa, pera esperar o recado de Cochim, & de Diu: & despidio cinco nauios de remo, de que eraõ capitães Gonçalo Vaz Coutinho, Gabriel Pacheco, Martim Pacheco, Francisco Mendes de Vasconcellos, & Antonio Mendez de Vasconcellos, pera que se fossen meter em Diu, mandando meter nos nauios muitas monçoens. Cõ estes capitães se embarcarão alguns fidalgos & caualeiros seus parentes, & amigos, desejosos de ganharem honra. Así mesmo despedio o Visorrey, Lourenço Botelho, por capitaõ mór de coatro nauios, pera se ir pór na ponta de Diu, onde as naos de Ormuz costumauão a ir demandar, pera as auisar, & fazer voltar pera Goa. E juntamente com elles despedio Luis Coutinho por capitaõ mór de seis nauios de remo, pera se ir pór na ençada de Cambaya, a defender que da costa de Baçaim, & Damaõ, não passassem mantimentos pera a armada do Turco. E com isto deixaremos as cousas de Goa, pera continuarmos com as de Diu.

CAPITULO X.

*De como os Turcos assentaraõ suas estâncias sobre o castello da villa dos Rumes: & da grande & espantosa machi-*

*na que ordenaraõ, pera o cometerem pella banda do mar: & de como Antonio da Sylueira lha mandou queimar: & dos nossos nauios que chegarão àquella fortaleza.*



E S E M B A Rcada a artelharia dos Turcos, como dissemos no fim do capitolo setimo deste terceiro liuro foraõ Beran Baxá & Cogecofar caminhiado muito deuagar, por causa da artelharia que era grossa, & do caminho que era de area, em que as carreras se afogauão. E por que lhes não pareceo possiuel leuarem os basiliscos, os deixaraõ, & só tres peças (q̄ não eraõ taõ pequenas, que não lançassem pilouro de ferro coado de cento & cincoenta liuras) com ellas foraõ caminhandos, ficando as outras pera mais deuagar. E aos dez dias do mês de Setembro chegarão á villa dos Rumes, & plantaraõ suas estancias sobre aquelle castello, fortificandosse á sua vontade.

Francisco Pacheco capitaõ do baluarte, tanto que vio os inimigos, não lhe metendo medo sua multidão, tratou do que conuinha a sua defensão, mandando logo tapar as portas da seruintia da falla, (por não occupar nellas gente) reformandosse por dentro o melhor que

*Quinta Decada. Da historia da India.*

que pode. Ao outro dia deraõ os imigos mostra aos nossos a modo de assalto, asy pella bāda da terra, como do már, chegandosse ao castello cõ algũas escadas pera o cometerem: mas decima q̄ estauaõ ja prestes, & desejosos de os desenganarem, os saluaraõ com sua artelharia, & arcabuzaria de feiçaõ, q̄ lhes fizeraõ perder o orgulho cõ que yaõ, afastandosse mais depressa do que chegaraõ com alguns menos, que deixaraõ de leuar, por naõ perderem outros. Os Turcos, vendo o dano que receberaõ n'aquella primeira mostra, bem entenderaõ quanto lhes auia de custar aquelle negocio, se por assaltos o quisessem concluir: por que se queraõ poupar pera a fortaleza grande.

E praticando os capitaes o modo que naquillo teriaõ sem lhe custar muito, assentaraõ que se fabricasse hũa machina sobre hũa grãde barcaça que estaua na cidade, pera q̄ chea de materiaes peçonhentos com a prea már se encostasse ao castello, & lhe dessem fogo, pera que com o fumo se afogassem os nossos, & perdessem o tino, & q̄ entaõ os cometessem por assalto, & que facilmente seriaõ entrados. Cogeçofar mandou logo á cidade dar ordem áquella fabrica, & sobre a barcaça, que atraueffaraõ cõ grossas vigas, armaraõ no meyo della vm castello taõ alteroso, como o da villa dos Rumes, q̄ man-

deraõ encher, de salitre, enxofre, rama verde, bosta, & outras immudicias fedorentas: nisto gastaraõ alguns dias. E taõto que se acabou mandaraõ surgir a barcaça cõ coartro amarras no meyo do rio pera esperarem as agoas viuas q̄ vinhaõ cedo, pera mais á sua vôtade abordarem o castello.

Esta machina diabolica foi vista da nossa fortaleza tanto que surgiu: & entendendo Antonio da Sylueira o effeito pera que se faria, determinou de a mādãr queimar, o que encarregou a Francisco de Gouuea, por ser homẽ muito determinado pera todos os negocios, & tomando duas fustas com os soldados que escolliẽo, em que entravaõ muitos fidalgos & caualeros, esteue prestes, & de noite na entrada do coarto da modorra sayo ao longo da couraça cõ a enchente no mór silencio que pode, por naõ serem sintidos dos imigos, o que naõ pode ser, pellas muitas vigas q̄ em todas as partes tinhaõ, & logo começaraõ a chouer sobre as fustas pilouros taõ apressados, & cõ tamanho terremoto, & estrôdo, q̄ parecia q̄ se desfazia a terra, & o már, em trouoens & relampagos. Francisco de Gouuea sem se espantar de cousa algũa foi passando auante por todas áquellas carrancas a te chegar á barcaça, a que mandou muito deuagar por fogo por todas as ilhargas: estando dentro alguns Mouros, que nella ficaraõ

raõ pera a vigiarem, que por adormecerem, não sintiraõ os nossos, se não quando ja o fogo ateava, & deitandosse ao már se passaraõ á terra. Tanto que o fogo deu naquelles fedorentos materiaes, começou a arder com tanta braueza, que parecia que o mundo se consumia, em labaredas: o q̄ tudo se via com grande gosto & aluoroço dos nossos, & muito mayor magoa & pezar dos imigos. Francisco de Gouuea como era caualheiro, & pontual, não se quis recolher a te de todo se não desfazer a barcaça em cinza, chouendo todo aquelle tempo sobre elle nuens de pilouros mortalísimos: & sendo tudo consumido se recolheraõ os nossos pera a fortaleza, a onde foraõ mûy bem recebidos de todos.

Ao outro dia, que foraõ treze de Setembro, chegaraõ coatro nauios á barra, os tres de Fernão de Moraes, Simão Rangel, & o dos Araujos, que deixamos partidos de Goa, & o coarto era de Pero Vaz Guedes, sobrinho de Simão Guedes, capitão de Chaul, que chegando ali estes nauios, mãdou em sua companhia o sobrinho, cõ aquelle nauio carregado de mantimentos, & monçoens, pera ir ver o estado da fortaleza, & lhe tornar com nouas della. Estes nauios causaraõ grande aluoroço em todos, & Antonio da Sylueira recebeu os que nelles yaõ com mu-

tas honras. E vendo a carta de Simão Guedes, em que lhe pedia lhe mandasse depressa o sobrinho cõ recado do estado em que estaua, logo lhe respondeo, & o despedio, mandandolhe cartas pera o Governador (por que ainda não sabiaõ da chegada do Visorrey.) Fernão de Moraes que leuaua ordem do Governador Nuno da Cunha pera ver a fortaleza, & lhe tornar com recado, por que queria saber delle a certeza, por ser vm homem de muita autoridade, dando conta disto a Antonio da Sylueira, lhe pediu elle, quiseffe ali ficar, por que tendoo por companheiro, não sintiria tanto os trabalhos, por que aquelle era o tempo em que elle tinha necessidade de seu esforço, & conselho: & que pera satisfação do Governador bastauaõ cartas suas. Fernão de Moraes o fez assi, & despedio a fusta, por quem ambos escreueraõ ao Governador muito largamente, de tudo o que era socedido a te entaõ. Antonio da Sylueira repartio aquelles fidalgos que chegaraõ de nouo, pellos baluartes fronteiros ao campo, a onde Simão Rangel teue todos os soldados que leuou, dandolhes meza á sua custa, por q̄ foi de Goa pera isso muito bem negociado.

Este mesmo dia veyo á fortaleza Francisco Pacheco, capitão do castello de Gogalá, em hũa pequena almadia, a verse com o capitão

*Quinta Decada. Da historia da Jndia.*

pitaõ, & ordenar algũas cousas que compriaõ a sua alma & consciẽcia, pello risco em que estaua. E depois de fazer tudo, querendosse tornar, o embargaraõ os officiaes d'Elrey por certa contia de dinheiro q̃ lhe diuia, apertando com elle que o pagasse, primeiro que se fosse. Frãcisco Pacheco tomado d'aquella desordem, lhes disse palauras afrõtosas perante o capitaõ: & foi tamanha sua paixãõ, que disse ao capitaõ, que aquillo era caso dino de se castigar, & que se o não fizesse, que prouesse o baluarte de capitaõ, por que elle o não queria ser. Antonio da Sylueira sofrendolhe sua paixãõ, com muita brandura lhe disse, que visse o q̃ fazia, que aquillo não conuinha a sua honra: & que não perdesse o credito que tinha cobrado, por hũa cousa em que taõ pouco ya. E cõ isto lhe disse outras palauras de amigo, que a colera lhe não deixou entender: antes virando as costas

se foi. Lopo de Sousa Coutinho q̃ se achou presente se offereceo ao capitaõ pera se ir pera o baluarte: o q̃ lhe elle agardeceo muito, mas não aceitou, por q̃ desejava de Frãcisco Pacheco não perder de todo com elle o credito: por que aos caualeiros taõ honrados, & que taõ se arriscaõ pella honra de Deos, & de seu Rey, aõ os capitaens & Governadores de soffrer muito, & tratar de téperar cõ brandura, & não danar de todo com paixãõ: como fez Antonio da Sylueira, q̃ buscou todos os meynos, pera q̃ este homẽ se não deshonnasse, pedindo a Fernãõ de Moraes que era seu amigo, que o temperasse, o que elle fez de feiçãõ que cayo na conta, & foisse reconciliar com o capitaõ, que o despedio com palauras de muita honra pera o baluarte: encomendandolhe algũas cousas, principalmente, que como tiuesse necessidade lhe fizesse sinal, pera o socorrer como podesse.

*Fim do Terceiro Liuro.*

LIVRO



# LIVRO QVARTO

## DA QVINTA DECADA

### DA HISTORIA DA INDIA.

#### CAPITVLO I.

*De como os Turcos começaram a bater o baluarte de Gogala, & de como Lopo de Sousa Coutinho foi saber o estado em que estava. E da vista que a armada imiga deu à nossa fortaleza. E do desastre que aconteceu nos baluartes. E da constancia & grande fortaleza que teve hũa pobre mulher na morte de dous filhos que lhe mataraõ.*



**T**ANTO que os Turcos virão desfeita & queimada, a grãde machina com que esperauão ganhar o baluarte por assalto, defenganados de o poderem fazer se não por bataria, lha começaram a dar taõ furiosamete, que os pilouros varauão o castello por cima de parte a parte: fazendo as pedras que cayaõ das ruinas grande dano nos nossos, matado algũs, & ferindo aos mais. Francisco Pacheco andaua prouedo tudo com

muito animo, esforçando, pelejando, & repairando com muita presteza as partes deribadas, & dãnificadas. Os companheiros pelejauão todos com grande valor, sem fazerem conta das feridas que tinhaõ, fazedo com sua arcabuzaria grande emprego nos imigos, porque como dauaõ em meyo delles nũca perdiaõ tiro. Antonio da Sylueira, tanto que ouuiu a bataria, mandou fauorecer os do baluarte com sua artelharia: & como viaõ da fortaleza as estancias dos Mouros claramente, fizeraõ nelles muito grande estrago: Os capitaens Mouros vendo o dano que tinhaõ recebido, afastaraõse cessando a bataria. Francisco Pacheco fez logo curar os feridos, & lançar os mortos ao már com a vazante da maré, por que não auia onde os enterrar, & toda a noite passaraõ em grande vigia. Por esta maneira foraõ continuando os Mouros a bataria com dobrada fũria, cinco dias continos, em que o baluarte ficou quasi desfeito por cima, & todos os que nelle estauaõ feridos de muitas feridas, por rostos, braços, pernas, cabeças, das cousas que os pilouros ao passar do baluarte der

N ribauaõ

Quinta Decada. Da historia da India.

ribauaõ sobre elles: mas nem com tudo isto perdiaõ o animo, nem deixauaõ os lugares, antes com muita vigilancia & cuidado gasta-uão de dia em pelejar, & de noite em vigiar & reparar, taõ alegres todos, que parecia que tinhaõ a victoria nas maõs.

Passados os cinco dias, chegou a Diu o catur de Ioaõ de Cordoua, com as cartas & nouas da chegada do Visorrey, que encheo a todos de mûy grande aluoroço. O capitaõ mandou logo embandeirar a fortaleza, & salvar as nouas com muitos tiros. No baluarte foi visto aquelle aluoroço, & como não sabiaõ o que era, ficaraõ em grande confusaõ, mas todavia bem entenderaõ pello que viraõ, que eraõ boas nouas, & responderaõ de là, com outra salua, & com outras bandeiras. Antonio da Sylueira vio as cartas do Visorrey, em que lhe certeficaua ficarse fazendo prestes pera o soccorrer, & as amostrou a todos pera os animar. O Visorrey escreueo a algûs fidalgos dos que ali estauaõ como he obrigação, pois estauaõ seruindo & cercados: só a Fernaõ de Moraes deixou de escrever, ou por esquecimento, ou por lhe parecer seria voltado pera Goa: do que elle ficou quasi afrontado, & logo mandou fazer prestes o seu nauio pera se embarcar, o que lhe Antonio da Sylueira quis estoruar como amigo, sobre o que se apaixonaraõ:

dizendo Fernaõ de Moraes, que pois se lhe tinha taõ pouco respeito, que não queria mais ficar naquella fortaleza, nem seruir Elrey. E depois de o capitaõ ver que não podia tirar de sua paixãõ, lhe disse que se fosse muito embora, que sem elle defenderia a fortaleza. Fernaõ de Moraes se embarcou & se foi.

Antonio da Sylueira desejou de mandar aos do baluarte as nouas do Visorrey, & a saber o que la era passado, por que a te entãõ não tinha recado algum: Lopo de Souza Coutinho se lhe offereceo pera isso, & se embarcou no catur de Ioaõ de Cordoua, cõ algûs parentes & amigos, leuando algûas moniçoës pera lhe meter dêtro, & as cousas necessarias pera os feridos: & esperãdo pella maré da noite, tanto q̄ esteue meya chea, se afastou do cais muito caladamete, & se foi pór na vea da agoa, pera que ella o fosse leuando, por que não bolissem com os remos, por não serẽ sintidos: & assi foi gouernando ao som della. Mas todavia como os Mouros tinhaõ mûy grãde vigia foraõ sintidos, & por todas as estancias se leuãtou hũa grãde grita, & comecaõ a varejar o nauio com a artelharia, derredor de quem cayaõ tantos pilouros, que parecia feruer o rio, que estaua muito brandõ & sossegado, sem pella bondade de Deos receberem dano algum. Lopo de Souza Coutinho

tinho foi passando auante, a te pór a proa ao pé do castello: & bradádo alto chamou por Francisco Pacheco, que logo acodio pella muita vigia que tinha. Lopo de Sousa por ser a noite escura lhe disse qué era, & ao que ya, dandolhe as nouas do Visorrey, & perguntandolhe como estava, & o que era socecido os dias passados. Francisco Pacheco, & todos os companheiros ouuindo as nouas do Visorrey deraõ grandes gritas de aluoroço, & contou Francisco Pacheco tudo o que lhe tinha acontecido a te entaõ, & como lhe tinhaõ mortos seis companheiros, & estava com todos os mais feridos: & que os pilouros varauaõ o castello todo, mas que cõ tudo isso estava muito bem. Lopo de Sousa lhe pedio mandasse abrir as portas, por que lhe queria deixar algũas moniçoës que leuaua pera o mesmo castello, & ficar por seu soldado acompanhando. Francisco Pacheco lhe deu os agardcimentos, dizen-do-lhe que não podia ser, por que a porta estava tapada de pedra & cal: & por os Mouros terem impedida a seruintia da praya pera a falla com grandes valos. Que se recolhesse embora, que não tinha necessidade de cousa algũa por entaõ, mais que do fauor de Deos: que pedisse ao capitão da sua parte, que lhe soccorresse em algum extremo grande se nelle se visse, por que logo lhe faria final.

Neste dialogo gastaraõ mais de hũa hora, por que como estavaõ longe, & a artelharia dos imigos não cessaua, o estrondo della lhes apagaua muitas vezes as palauras na boca, pello que se não entendiaõ bem, & foilhes necessario repetilas tantas vezes a te que se entendessem. Lopo de Sousa Coutinho se despidio delle, & tomando o remo o foi apertando rijamente pera a fortaleza, seguindo vm grande numero de pilouros, que sobre elle foraõ sempre chouendo, a te entrarem pela porta da couraça. O capitão & todos os fidalgos o foraõ receber, & o leuaraõ nos braços com muitas palauras de lououres: & presentes todos contou tudo o que passara com Francisco Pacheco, & como todos os do castello estavaõ taõ animados, que lhes tiuera inueja. Antonio da Sylueira & todos festejaraõ muito aquellas nouas.

Francisco Pacheco com as do Visorrey ficou taõ vfano, que em amanhecendo mandou embandeirar o castello, & disparar toda a artelharia nas estancias dos imigos, tangendo, bailhando, foliando, & fazendo outros sinaes de alegria, chamando pellos Mouros, dizendo: Ah caens que logo virá o Visorrey com hũa grossa armada, & a todos vos á de meter a banco das suas Galés. Este aluoroço não causou pequeno aba

lo nos Turcos, por quẽ logo se espalharão as nouas da chegada a Goa de vm nouo Visorrey, com grande poder, & que ficaua embarcado com hũ grossa armada mũy poderosa pera ir áquella fortaleza: o que em todos meteo vm geral medo & espanto.

Antonio da Sylueira despedio ao outro dia o mesmo nauio com cartas ao Visorrey de tudo o que era passado, & no nauio mandou embarcar alguns doentes que estauaõ mal, pera os lançar em Chaul. Nesta embarcaõ determinou Manoel de Vasconcellos mandar sua molher. Era este homem vm fidalgo honrado natural da ilha da Madeira, casado com hũa dona mũy nobre, chamada Isabel da Veiga, com quem se passou a viuer áquella fortaleza, assi pella barateza da terra, como por hũas tẽças que ali tinha. E vendo os trabalhos que ao diante se esperauaõ, pedio á molher que se embarcasse naquelle nauio pera Goa, o que nunca pode acabar com ella, dizẽdolhe: Que nunca Deos quizesse que ficando elle em trabalhos & perigos estiuesse ella ausẽte delles, & fora delles: por que todos os em que se visse em sua companhia aueria por pequenos: & por penas & tormentos todos os descansos fora delle: que ouesse por bem ficasse ella ali, ao menos pera ser sua enfermeira quando tiuesse disso necessidade. E se pello perigo

em que via aquella fortaleza a queria mandar fora della, q̃ quando ella fosse taõ mofina que ella corresse risco & o mataassem a elle, que ella entaõ naõ queria mais viuer. Mas por que naõ tiuesse muitas cousas de que se temesse, que ella era contente que elle mãdasse pera Goa hũa filha que tinhaõ d'antrambos ao auõ da minina, pay da Isabel da Veiga: por que se Deos fizesse algũa cousa d'aquella fortaleza, & lhe acontecesse por seus peccados algũa del aventura, que hũa tenra idade a naõ condenasse. Isto disse com tanta força de lagrimas, que o conuenceo, & desistio de sua determinação: ficando esta matrona em todo aquelle cerco fazendo cousas dinas de serem celebradas, como o faremos pello discurso da historia a diante em seu lugar.

Os Turcos foraõ profeguindo na bataria do castello taõ continuo, & com tanta furia & força, que derribaraõ toda a falla por terra, & todos os altos do castello, matando & ferindo muitos dos de dentro. E o que foi pior que cegaraõ toda a artelharia que ja naõ laboraua: mas nem cõ isso deixauaõ os nossos de empecer aos imigos com tudo o que podiaõ. E assi se tinhaõ taõ satisfeitos dos danos que delles tinhaõ recebido, que lhes tinhaõ mortos mais de quinhentos homens. Antonio da Sylueira mandaua as  
mais

mais das noites hũa almadia pequena com vm homem pera ir saber o estado do baluarte, mandãdo algũas vezes dizer a Francisco Pacheco, que se estaua em perigo, largasse tudo, & de noite pella calada se saisse do baluarte de lógo do mar, & que dali se lançasse a nado, & que em duas vogas seriaõ nelle, ja que não tinhaõ embarcaçoens pera os mandar recolher, & que nisto perigasse quem perigasse: por que do mal, sempre se auia de escolher o menor. A isto lhe mandou responder q̄ estauaõ taõ bem, que as si estiuessẽ elles la na fortaleza. Este conselho se o elle entãõ tomara, não chegara o mal ao que depois chegou: & foralhe muito facil recolherse a nado como lhe o capitaõ mandaua dizer.

O Baxá que estaua em Madrefaual, tanto que lhe chegaraõ as nouas do Visorrey, logo se leuou com toda a armadã, & foi demandar a nossa fortaleza pera ver se podia aueriguar aquelle negocio primeiro que o Visorrey chegasse. E aos vinte & oito de Setembro appareceo à vista da fortaleza com as Galés a fio, indo diante a de Icus Amede, todas toldadas, & fermosamente embandeiradas com seus estandartes & galhardetes de cores, que lhes arrojauaõ a te baixo: por que este dia mostraraõ todas as suas carrancas, determinãdo de dar a primeira salua á nossa fortaleza. E as si a fio foraõ todas pas-

sando, saluandoa hũa & hũa, & fazendo se logo a banda. Antonio da Sylueira acodio ao baluarte de Antonio de Gouuea, a onde toda a artilharia imiga desparou por ficar sobre a barra: & mandou embandeirar toda a fortaleza, & saluar a armada com sua artilharia, por que vissem os Turcos o gosto & o banquete com que os esperaua. Mas permitiraõ os peccados dos homens que os bombardeiros desatentadamente carregassem as bombardas com poluora d'espingarda, & não podendo soffrer a força della, arrebentaraõ dous fermoslos Bazaliscos, vm de metal, & outro de ferro, que era fechado com muitos arcos de ferro, q̄ espalhãdo se em pedaços, fizeraõ em todos os que acharaõ á roda vm grandissimo estrago, ficando logo ali coatro homens feitos pedaços, & feridos dez com muitas feridas. E não parando aqui o mal, tãbem no baluarte saõ Thome, & em outros arrebentaraõ cinco pessas, ainda que menores, que tãbem fizeraõ mũy grande dano. Os Turcos tanto que ouuiraõ arrebentar as pessas, de lá da armada deraõ hũa grande grita: & as si foraõ passando deuagar & dando sua salua. Mas isto não foi tanto a seu saluo, que lhe não metessẽ hũa Galé no fundo, & lhe não ficassẽ outras desaparelhados de mastos & vergas, recebendo os nossos muito mayor dano da sua propria artilharia

*Quinta Decada. Da historia da India.*

lharia, que da dos imigos. Por que lhe não mataraõ mais q̄ vm mancebo de menos de vinte annos, q̄ tinha sua mãy na fortaleza, em cuja morte se mostrou o grande valor & animo da triste & desconfolada mãy: & foi desta maneira.

Auia na fortaleza hũa molher Portuguesa viuua que se chamaua Barbora Fernandez, que fora ama de Manoel de Noronha, natural da ilha da Madeira, esta tinha dous filhos mancebos de grande valor, & muy esforçados caualeiros. O mais velho se chamaua Luis Franco, & estaua no baluarte da villa dos Rumes: o outro se chamaua Christouaõ, era de dezanoue a vinte annos, estaua coa mãy na fortaleza. Este estãdo vm dia no muro com suas armas, lhe deu vm pilouro de espera pola barriga, que a tiraraõ d'hũa Galé que o espedaçou todo. Foi trazido ainda falando, & assi o lâçaraõ nos braços da mãy, que o recebeo nelles, dizendo-lhe o pobre moço: Mãy minha veja eu, vos peço, primeiro a confissão que vossas lagrimas: por q̄ temo que a dór que vos vir padecer me seja impedimento a breue despedida & partida de minha alma. A velha & desconfolada mãy sustentando coas mãos as espedaçadas entranhas do filho, com o rosto quieto & sereno, & os olhos enxutos (sendo ella só a que por boa rezaõ entre os muitos que na casa estauaõ, auia de padecer a dór

& tormento que as palauras do filho nella causauaõ, sem romper em gritos & brados ao ceo, q̄ vm moço naquelle estado em que este estaua costuma causar na mãy) lhe respondeo. Filho, da necessidade q̄ tens do confessor me pesa, que de tua morte, a esperança que me fica do bõ lugar que tua alma possuirá, ma fara sofrer bem. Encomendate a Deos, & esforçate em morrer conforme com sua santa vontade, que só isso bastara pera eu ficar muito consolada. Desta maneira se animaraõ & consolaraõ vm ao outro, dando a triste mãy animo ao filho pera que soffesse bem a arrebatada & apressada morte, & assi mesma pera lha poder ver receber. Cõfessouffe o ditoso mancebo, que este he o nome que merecem os que acabaõ taõ gloriosamente, com muito grandes mostras de dór & arrependimento de seus peccados, & assi passou desta vida a gozar dos grandes & infinitos bens da outra. Cujos fim foi recebido da triste mãy com taõ inteiro & igual animo, que os que a vinhaõ consolar, yaõ alegres & contentes de a verem taõ inteira & conforme coa vontade de Deos em caso que de força auia de sentir & cortar muito. E por que a dór do filho morto não parasse aqui, aconteceu que logo ao outro dia seguinte se perdese o baluarte da villa dos Rumes, onde o outro filho mais velho estaua, pera q̄ coa perda

perda do outro filho se lhe dobrasse a magoa de os perder ambos. Pois ambos estes desastres & desaventuras que aconteceraõ a esta valerosa matrona, soffreo ella com hũa noua & desusada, & ainda incriuel fortaleza, & igualdade d'animo, sem romper nem em palavras de dór, nem em lagrimas de compaixão, nem em exclamações molheris, que em outros casos menores costuma a auer. Exemplo foi este merecedor de perpetua memoria, & de andar escrito no mundo com vm muito sobido & auantado estylo que nos a nos falta, com que mostrassemos a todos os que o vissem que não só Roma, & Grecia criaraõ molheres famosas, pois tãbem as ouue no nosso Portugal: mas faltou quem perpetuasse sua memoria, & o valor de que usaraõ. Por que não he menos digna della esta molher, que aquella Archelonyde que os Gregos engrandecem tanto. Por que dando-lhe nouas que seu filho Brasidas era morto na guerra, perguntara sem se turbar, se morrera pelejando, & dizendolhe que si, ficara consolada. A esta molher chama Plutarcho Argelona: pois esta ainda não vio espirarlhe o filho nos braços feito pedaços do cruel pilouro, como vio esta nossa Portuguesa, por que as chagas do filho era muito certo causarem lhe bem diferente magoa & sentimento, que a da Grega, que não vio o filho cõ os olhos,

por que as cousas ausentes, ainda que sejaõ asperas, sentense menos que as presentes. E vos o nobre matrona, ja que o tempo, & o descuido Portugues vos não satisfez os merecimentos de vossos filhos, ao menos não perdereis de todo a memoria de vossa cristandade, & varonil cõstancia, por que ja esta vos ficará nesta minha historia, ainda que em stylo taõ rude & grosseiro: mas por vos, & por outros muitos feitos semelhantes, espero venha a ser aceito a todas. As Galês depois de darem sua salua, foraõ surgir no primeiro pouso que tomaraõ de frente da misquita grãde, onde se deixaraõ estar.

CAPITULO II.

*Do grande assalto que os Turcos deraõ ao baluarte de Francisco Pacheco: & do valor com que dous homẽs o defenderaõ. E de como vm soldado chamado Antonio Falleiro foi à fortaleza com hũa carta de Francisco Pacheco, & das roins sospeitas que deste homem se conceberaõ.*



Em quanto durou a salua na armada, não deixaraõ os Turcos de continuar cõ a bataria do castello da outra banda, por que determi-

nauaõ de lhe dar vm assalto , em que esperauaõ de concluir aquelle negocio . Pello que dobraraõ a bataria pera fazerẽ caminho por onde o cometessem : & naõ desfiraõ della, a te quasi sol posto, em que acabaraõ de arrasar a falla, & vm grande pedaço da frontaria do baluarte : sofrendo os de dentro aquelle dia, toda aquella tempestade de tiros & pilouros , com que lhe mataraõ perto de quinze companheiros, & feriraõ quasi todos os mais: mas com muito grande dano & estrago dos imigos, por que tambem ali ficaraõ mais de duzentos estirados. Os Mouros ao outro dia vendo a nossa artelha-ria de todo cega, & que lhe naõ podia fazer nojo, & o baluarte ar-ruinado todo, & que por aquella parte por onde a parede da falla entestaua nelle, lhes deixara vns dentes pello muro acima, como hũa escada muito bem feita, por onde podiaõ sobir muito á sua vó-tade, naõ quiserãõ perder tempo, encomendando o assalto aos Ianiçaros: destes sairaõ setecẽtos dos valos, com hũa bandeira vermelha mूंy grande desenrolada, ao som de seus instrumentos. E como homens que tinhaõ a vitoria nas maõs, & que cuidauaõ que os nos-ros estariaõ taes, que se naõ podessẽ defender, remeterãõ ao baluarte, & começaraõ a subir pellos dentes & ruinas da parede, sendo fauorecidos dos debaixo com a

arcabuzaria & frechas, com que jugauaõ em roda viua, porque os de dẽtro se naõ podessẽ assomar á defensaõ d'aquelle lugar.

E como aquella parte onde a parede ya responder a cima, naõ era capaz de mais que de dous homens, por ser vm recanto, os primeiros que se ali poseraõ effes ficaraõ em sua defensaõ, & a defenderaõ taõ valerosamente com duas lanças de fogo nas maõs, cõ q̃ fizeraõ tamanho estrago nos imigos, que se naõ pode imaginar de dous homens, por que as lanças de fogo derribauaõ os q̃ chegauaõ, & estes leuauaõ outros a pos si a te cairem em baixo, encima d'aquella multidaõ de imigos, vns com pernas quebradas, outros com braços, & cabeças: por que aquelles dous esforçados soldados, com as maõs, com os pés, & com tudo offendiaõ aos imigos: por q̃ depois que se lhes gastaraõ as lanças, lançaraõ sobre os debaixo hũa soma de panellas de poluora, com que abrazaraõ os que estauaõ ao sopé, & com os pés derribauaõ sobre os que yaõ sobindo grandes pedras & cantos, que estauaõ postos por ali pera o mesmo effeito, estando os mais de dentro ceuandoos com panellas de poluora, & com lanças de fogo, cõ que naõ dauaõ vagar aos Turcos pera poderem sobir, nem decer, senaõ em trambolhoes a te o pé do muro, onde tudo eraõ labaredas das panellas de poluora.

Os Ianiçaros auiaõ pella mayor a-  
fronta que nunca passaraõ , dous  
homens sós fazerem nelles tama-  
nho estrago & dano , & defenderẽ  
a sobida a tantos, & taõ experimẽ-  
tados Ianiçaros , & taõ vitoriosos  
em tãtas guerras na Europa, & de-  
terminando de acabarem aquelle  
negocio , ou morrerem todos na  
demanda, tornaraõ a cometer a so-  
bida, como homens offerecidos á  
morte, onde a acharaõ muito cer-  
ta, por que logo tornaraõ a voltar  
pellos ares sobre os mais: por que  
aquelles dous esforçados Manlios  
sobre o alto capitolio, defendiaõ  
valerosamẽte aquella sobida, sem  
quererem tomar vm pequeno de  
repouso, nem largar o lugar a ou-  
tros companheiros, q̃ lhes pediaõ  
se recolhessem a curar ( por estarẽ  
ambos feridos de muitas frecha-  
das, & espingardadas: por que to-  
dos os debaixo acertauã nelles  
seus tiros, como aquelles q̃ estauã  
por aluo , sem lhes dar d'aquelle  
granizo de pilouros & frechas, que  
sobre elles cayaõ, cousa algũa . O  
capitaõ Frãcisco Pacheco chegou  
a elles, & lhes pedio, que quisessem  
partir com elle hũa pequena d'a-  
quella honra , em quanto elles se  
curassẽ, & que logo lhes tornaria  
o lugar: mas elles sem darem pel-  
los rogos do seu capitaõ , embebi-  
dos na batalha, naõ faziaõ se naõ  
callar, bracejar, & derribar nos imi-  
gos, sendo aquillo causa de se lhes  
vazar mais o sangue, o que a furia,

& a colera lhes naõ deixaua sentir.  
Da fortaleza se via mũy bem o as-  
falto, & as marauilhas que faziaõ  
aquelles dous soldados: & por naõ  
auer embarçoens em que os fos-  
sem soccorrer, estauãõse todos de-  
batendo, desejando de se lançarẽ a  
nado pera se irem achar com seus  
companheiros naquelles taõ hon-  
rosos trabalhos & perigos.

E certo que esta foi a mór afrõ-  
ta em que Antonio da Sylueira se  
vio, & todos os mais fidalgos & ca-  
ualeiros com elle , em todo o dis-  
curso do cerco: por que lhes rebẽ-  
taraõ os coraçõens dentro nos pei-  
tos, de pezar , de verẽ seus amigos  
em perigos, & naõ lhes poderem  
valer: mas de lá com as vontades,  
desejos, & com os meneos os aju-  
dauãõ . Antonio da Sylueira os  
mandou fauorecer com a artelha-  
ria, ja que com o mais naõ podia,  
desparandoa nas estãcias dos imi-  
gos, & ao pé do baluarte , matan-  
dolhes muitos. Os Turcos estauãõ  
pasmados de verem o disbarato,  
& estrago, que sós dous homens ti-  
nhaõ feito , na melhor & mais es-  
colhida gente que auia antre os  
Ianiçaros da guarda do Turco:  
cuja soberba lhes fazia parecer, an-  
tes de cometerem o asfalto, q̃ nem  
toda a gente que estaua na forta-  
leza grande, lhes poderia defender  
aquella entrada: & como atoni-  
tos, & pasmados, estauãõ com os  
olhos postos nas cousas q̃ aquelles  
dous homens faziaõ . Durou esta  
contenda

*Quinta Decada. Da historia da India.*

contenda a te que o sol se pós, que os imigos a seu pezar deixaraõ sua porfia, recolhendo-se a seus valos, desbaratados, & destroçados de dous homens sós.

Francisco Pacheco como se vio desapressado, mandou os recolher, & curar muito bem: & foraõ tirados dali nos braços de todos com grandes lououres. Muito trabalhamos por saber os nomes destes dous valerosos & esforçados soldados, sô d'um delles o soubemos que se chamaua Antonio Pinheiro, mancebo de vinte & cinco annos, filho d'um caualeiro de Faro: o nome do outro não achamos por que o descuido, ou a inueja o tem posto em esquecimento, não sendo suas obras se não pera viuerem eternizadas na memoria dos homens, com titulos tambem merecidos, como aquelle celebrado dos Romanos Marco Manlio, a quem deraõ o sobre nome de Capitolino, por defender o capitolio aos Franceses, não sendo batido, né arrazado com canhoens, & bazaliscos medonhos, nem perseguido de tantas nuuens de pilouros, & frechas como estes. E ainda que em nos não aja o estilo, & eloquência de Tito Liuius: vos meus valerosos soldados, & outros a quem o descuido Portugues tem sepultados nas treuas do esquecimento, trabalharemos por vos tornar a resuscitar nesta nossa historia, por que veja o mundo, que não falta-

raõ antre Portugueses, Manlios, Torquatos, Coruinos, Ceuolas, Decios, nem Oracios: mas faltaraõ a te agora faouores, honras, & merces, que saõ as cousas que fazem resuscitar os engenhos, & habilidades, que antre todas as outras naçoens foraõ sempre taõ fauorecidas & estimadas.

E tornádo a nossa historia. Esta mesma noite, estádo os do baluarte de Gaspar de Sousa na fortaleza grande vigiando, sintiraõ chamar debaixo, & perguntando o que era respondeo vm homem, que era Antonio Falciro, que ya do baluarte de Gogala, & leuaua hũa carta de Francisco Pacheco pera o capitão. Este homem andara ja em Africa, & sabia bem a lingua Arabia. Deusse disto recado ao capitão, que o mandou recolher por hũa escada de corda, & o esperou com todos os capitaes & fidalgos: & chegado a elle lhe deu hũa carta cerrada, que mostraua ser do Francisco Pacheco, & no lugar de sobrescrito dizia, que podiaõ dar credito a tudo o que Antonio Falciro de sua parte lhe dissesse: & dentro lhe daua breuemente córa d'algũas cousas socedidas antes do assalto, & mostraua ser feita auia tres dias. O capitão não lhe soube bem aquelle negocio, & disse ao Falciro, que podia liuremente dizer ao que ya ali perante todos, & fazendoo assi, disse desta maneira.

Senhor

Senhor, eu sou mandado da parte de todos os do baluarte de Gogala, a re fazer a saber como o capitão Francisco Pacheco fica em artigo de morte, de hũa grande infirmitade que á dias que tem. A isto lhe atalhou Lopo de Sousa Coutinho, dizendo, que por que dizia aquillo se elle auia menos de coatro dias que falara com elle, & o vira muito saõ & bem despoito? Antonio Faleiro ficou embaraçado, & vendo que corria risco sua verdade disse, que ainda que o ouuira falar ja estaua muito doente, & que pera morrer vm homem, não auia mister mais de vm momento, quanto mais tres & coatro dias. E profeguindo seu recado, disse, que nos combates passados lhe tinhaõ ja mortos vinte companheiros, & que todos os mais estauaõ feridos de muitas & grandes feridas, & que todas as muniçoens eraõ ja gastadas, & o q̄ pior era, que estauaõ sem agoa, por que as pipas em que a tinhaõ, se lhe fora a mór parte, & que o castello estava todo arrasado, & sem poder laborar: por onde ja não auia outro remedio mais que irem todos morrer no exercito dos inimigos, ao que estauaõ determinados tanto que amanhecesse, por que ja que auiaõ de morrer, queriaõ que fosse de hũa morte hórada, & dina de eterna memoria. E que estando com esta determinação vigiando

elle Antonio Faleiro o coartõ da prima, a hũa bõbardeira, vira passar vm Mouro, a quem falara em lingua Arabia, & lhe dissera, que pera que era tanta crueldade, & tantas mortes, que se buscasse algum meyo honesto pera se euitar tâto dano: por que todos os Portugueses estauaõ determinados a morrerem sobre a primeira pedra, ou derradeira d'aquelle baluarte, que os Turcos não auiaõ de ganhar sem lhes custar a mór parte de sua gente. E que a isto lhe respondera o Mouro, que iria falar com seus capitaens, & que logo tornaria cõ a resposta: com que não tardara, & lhe dissera da parte de Cogeçofar, que lhe mandasse o capitão vm homem de credito pera com elle praticar sobre algum modo de concerto, & que elle Antonio Faleiro fora eleito pera isso: & lançado logo fora pella bombardeira, & fora leuado a Cogeçofar, & aos capitaens Turcos, que lhe disseraõ, que se se entregassem todos à merce do Baxá, que era magnanimo, liberal, & grandioso, que usaria com elles de muita clemencia, & misericordia. Ao que o Faleiro respondera, que os Portugueses não costumauaõ a se entregar se não com muito grandes segurças das vidas, & liberdades: ainda que cada vm delles soubesse passar mil vezes pellos fios da morte. E que nenhum partido, nem esse, nem outro, auiaõ de aceitar, sem se dar primeiro

meiro conta ao capitaõ da fortaleza, no que elles consintiraõ, & o despediraõ, dizendolhe, que a te o outro dia lhes leuasse a reposta: & que a isso o mandauaõ os do baluarte, que agora viffe elle o que deuiaõ de fazer.

Antonio da Sylueira & todos os mais deitaraõ sobre este negocio diferentes juizos, concebêdo roim opiniaõ do Faleiro: mas como aquillo eraõ sospeitas, naõ se seguraraõ nellas. E pedindo áquelles capitaens que o aconselhassem naquella materia, foraõ todos de parecer, que pois naõ podiaõ ir ajudar, & fauorecer aos do baluarte, que naõ era licito, que homens que estauaõ fora do perigo, obrigassem a outros a morrerem: que pois elles estauaõ no risco, escolhessem o melhor partido que entendessem, conforme ao estado em que estauaõ. Disto se fez vñ termo, em que todos assinaraõ, q se deu ao Faleiro pera o leuar por reposta, sem se lhe escrever nada mais, & o despediraõ. Este homem segundo depois se soube, teue alguns tratos secretos com os Mouros: & affirmauasse que por tres vezes fora falar com elles escondidamente, sem nunca os do baluarte sospitarem cousa algũa: & naõ se soube na verdade o que se passou, por que como todos os do castello foraõ depois falsamente mortos, naõ ouue quem a dissesse. E esta he a rezaõ por que cuidamos,

que o nome d'um d'aquelles dous valerosos soldados, & de outros cinco (de que adiante falaremos) ficaraõ em esquecimento, por que naõ ouue quem os dissesse.

CAPITULO III.

*De como os do baluarte da villa dos Rumes se entregaraõ a partido aos Turcos: & de como Joaõ Pirez com cinco companheiros foraõ mortos em defensão da bandeira de Christo, & lançados no mar: & de como seus corpos milagrosamente foraõ a porta da fortaleza.*



**P**ARTIDO Antonio Faleiro, com o assento que se tomou, chegando ao castello o mostrou a Francisco Pacheco, & aos companheiros todos, a quem Francisco Pacheco pediu que lhes dessem seu parecer naquelle negocio. E praticando tudo antre elles, & apresentadas as difficuldades que auia pera se poderem defender pela falta que auia de tudo, & pouco remedio que da fortaleza lhe podiaõ dar, assentaraõ que se tratasse da segurança das vidas, q era necessario pouparem pera ajudarem a defender a fortaleza grande, em que estaua toda a importancia

tancia do negocio. Sobre o modo que se nisso teria debaterão, & deu cada vm seu parecer, não se conformando todos: por que vns diziaõ que morressẽ antes ali como caualeiros, que entregaremse como couardos: por que pera se defenderem não estauão tão impossibilitados, que não tiuessẽ ainda alguns mâtimentos, & agoa: & que posto que de todo lhes faltasse, q̄ os homẽs podiaõ viuer sete dias sem comer, & que nesses socorreria Deos, & poderia chegar o Visorrey. Outros foraõ do parecer de Francisco Pacheco, que era, que se o Baxà lhes concedesse as vidas, & os deixasse ir liurementẽ pera a fortaleza, que lhe entregassem o castello, que nisso ya pouco: por que não era perder mais que paredes quebradas, que com a chegada do Visorrey se tornariaõ a cobrar, & que no discurso do cerco estando elles na fortaleza se poderiaõ bem satisfazer nos inimigos, d'aquella quebra. Estes venceraõ os mais, & logo despdiraõ Antonio Faleiro com o recado a Cogeçofar que estaua aguardando por elle, & lhe deu conta do que era passado, affirmandolhe, que se não deixassem ir os Portugueses do castello pera a fortaleza, que nenhũ outro partido auiaõ de aceitar. Neste tempo amanhecia ja, pelo que o detiueraõ, & despdiraõ recado ao Baxà do que se faria. O Baxà mandou logo a reposta,

& com ella vm formaõ, ou saluocoduto chapado & sellado, com a chapa & sello do Graõ Turco, em que em seu nome concedia as vidas aos que estauaõ no baluarte da villa dos Rumes, & que os deixaria ir liurementẽ pera a fortaleza, sem dano, nem defeito algum em suas pessoas. Chegado o formaõ o leuou Antonio Faleiro a mostrar a Francisco Pacheco, q̄ lhe pareceo necessario ir elle em pessoa verse com Cogeçofar como fez: & ambos assentaraõ que lhe entregasse o castello, & que se fosse pera a fortaleza, indo todavia elle Francisco Pacheco primeiro verse a Galé com o Baxà, & dar lhe a obediencia como rendido, & que todos os companheiros seporiaõ da outra banda da cidade, & que de lá se poderiaõ ir pera a fortaleza liurementẽ.

Assentado isto ao primeiro dia de Outubro, auendo vinte que sustentauaõ o cerco, sayosse Francisco Pacheco da fortaleza com alguns companheiros, & Cogeçofar o encaminhou pera o Baxà, mandando com elle vm Sangiaco. Francisco Pacheco, & alguns que com elles foraõ se embarcaraõ com grande dor & magoa de seus coraçõens, por se verem chegados ao mais infelice estado, em que vm peito valeroso se podia ver. Francisco Pacheco foi metido em vm batel pera ir ao Baxà, & com elle vm Gonçalo d'Almeida seu pa-

O

rente

rente, & o Antonio Faleiro pera lingua. Chegados a Galé, foi Francisco Pacheco leuado ao Baxá, diante de quem se apresentou com um rosto tão descontente, que bem mostrava a dor & magoa que leuava no coração de se ver chegado aquelle estado: & humilhandosse honestamente, lhe apresentou o seu salvo conduto, pedindolhe o comprisse como era obrigado por ley da guerra, & o deixasse com todos seus companheiros passar pera a fortaleza. O Baxá o recebeu com muita honra, & lhe mandou dar logo hũa fermosa cabaya, & lhe confirmou o salvo conduto, cõ condiçãõ q̃ senão iriaõ pera a fortaleza em quanto durasse o cerco, & que estaria na cidade em casas que lhe mandaria dar a te ver o fim d'aquelle negocio. Com isto o tornou a mandar a Cogeçofar: com ordem que os puzesse na cidade com grãde resguardo & vigia. Francisco Pacheco vêdo q̃ em parte lhe quebrauaõ os partidos cõ q̃ se entregara, arrepedeosse do q̃ tinha feito, por que recebeu mais mal. A alguns homẽs d'aquelle tempo ouuimos dizer, que Francisco Pacheco se negociara mûy mal nesta entrega: por que já que se não quizera recolher como lhe Antonio da Sylueira tinha mandado dizer, podera preitar-se com os inimigos, cõ condiçãõ q̃ lhe puzessem hũa fusta ao pé do baluarte pera se embarcar nella,

& que leuãtassẽ o campo de sobre o castello em coanto o faziaõ, & que assi segurava a vida de todos, por q̃ tudo lhe auiaõ os Turcos de cõceder, pello que lhes importava auer aquelle castello ás mãõs, & o principal pella muita gente q̃ sobre elle perdiaõ, por que pera Turcos & Mouros, que per natureza sãõ falsos, & fementidos, ha mister grandes cautelas.

E tornando a nossa ordem. Em quanto Francisco Pacheco se foi apresentar ao Baxá, ficaraõ os Portugueses que com elle se fãõ, no exercito: & alguns ainda ficaraõ na fortaleza: Os Ianiçaros sofregos do sacco do castello, não aguardando que se destapassem as portas, ajuntandosse coatrocentos delles, remeteraõ cõ as paredes, & pellos dentes dellas uns, & outros por traues, que encostaraõ, sobiraõ acima com grandes estrondos, & remeteraõ logo com a bãdeira de Christo ( que ainda estava aruorada em cima do castello) & a deitaraõ no chaõ, & naquelle lugar poseraõ hũa vermelha muito grãde, com as insignias do grãõ Turco. Os nossos que estauaõ ainda no castello, vendo aquelle desprezo feito áquella insignia de nossa redençãõ, mouidos da honra de sua religiaõ, sairaõ seis, de que era cabeça Ioaõ Pirez, homem de mais de sessenta annos, mûy grãde caualheiro, & como doudos remeteraõ cõ os Turcos, & leuãdo Ioaõ Pirez

Pirez a bandeira de Christo nas mãos a tornou a pôr no seu lugar, & deitou pello chaõ a dos Turcos, de que elles tomados acodiraõ a isso, & começaraõ a ferir nos feis, & elles com grande animo nelles, ateandosse hũa muito aspera, & muito desigual briga. Insistindo os Portugueses tanto em terem a sua bandeira em seu lugar, que com lha arrancarem tres vezes, outras tantas a tornaraõ a aruorar, fazendo sobre isto marauilhas nas armas, não lhes deixando ver aquelle grande zelo da honra de Deos, o notauel & certo perigo a q se pünhaõ contra tantos, & em se parte que não podiaõ ter soccorro humano, andãdo antre os Turcos como lieens brauos (do que elles mesmos estauaõ pasmados.) Os da fortaleza grande bem viaõ aquelle aleuantar, & abater, hora de hũa, hora de outra bandeira, mas não sabiaõ o que feria, por que não tinhaõ nouas do que era passado, pello q estauaõ em grande confusaõ. Ioão Pirez & os mais andauaõ mûy acesos na batalha contra os Turcos, de que tinhaõ mortos alguns: mas todauia andauaõ ja todos com muitas feridas, ferrados sêpre na bãdeira de Christo, pera que estiueffe aruorada: do que enuergonhados os Ianicãros, (vendo que só seis homens lhes dauaõ tanto que fazer) carregaraõ todos sobre elles, & os apertaõ tanto, que os atassalharãõ: o

que elles antes quiseãõ que verẽ com seus olhos tamanha offensa feita á cruz de Christo.

Mortos estes seis animosos & esforçados caualeiros, a bandeira dos Turcos foi logo aruorada, sem se mais mudar, (o que se notou da fortaleza) mas como não sabiaõ o que la ya não o souberãõ determinar. Os Mouros como ficaraõ escandalizados d'aquelles caualeiros & martyres de Christo, lançaõ os seus corpos da torre abaixo da banda do már enchendo a maré: cousa marauilhosa, que querẽdo logo Deos mostrar quaõ aceito fora diante d'elle, aquelle grande amor & zelo de sua honra, no mesmo instante que os corpos tocaraõ na agoa, refreando o mar seu curso, indo pera cima com grande furia, tornou logo com outra tamanha a decer pera baixo, que leuou aquelles corpos juntos a te os pôr todos na porta da couraça, & depois de os ter juntos neste lugar seguro, tornou a maré a continuar o seu curso ordinario. Era isto a hora de meyo dia. Foraõ aquelles corpos vistos de cima do baluarte, & acodindo Antonio da Sylueira os mandou recolher dentro, notando todos o milagre taõ euidente, sem saberem o que tinha acontecido. Dali foraõ leuados á igreja com grande honra, & enterrados todos juntos em hũa coua defrõte do altar mór da capella

pera fora: & de crér he , que suas  
almas sobiriaõ triunfantes diante  
da diuina Majestade , onde rece-  
beriaõ a gloriosa coroa de marty-  
res . E se he verdade , (como os  
Doutores affirmaõ) que não só a  
pena faz o martyr, se não tambem  
a causa (por que pera ser perfeita  
rezaõ de martyrio , não basta  
morte, mas tambem vontade) lo-  
go pois , tudo isto concorreo ne-  
stes nossos martyres de Christo.  
Com muita rezaõ os podemos  
nomear por esses : & mais quan-  
do taõ claraméte mostraraõ mor-  
rer por honra de sua fé. E nos tam-  
bem nomeamos a todos estes  
seis neste lugar, se lhes achamos  
seus nomes, sobre o que trabalha-  
mos bem. A estes descuidos ja não  
ha remedio, mas trabalharemos de  
os emendar em nossos tempos, cõ  
segurarmos, que todo o que mere-  
cer nome na historia, o não perca  
nesta nosã.

E tornando a continuar com  
Antonio Faleiro , ficou na Galé  
com o Baxá, muito seu mimoso :  
& logo em se saindo Francisco  
Pacheco , lhe mandou o Baxá,  
que escreuesse hũa carta em seu  
nome , que o mesmo Baxá notou,  
& mandou a Cogeçofar que fos-  
se ter com Francisco Pacheco, &  
lha fizesse assinar , & fizesse ir a  
bom recado a te defronte da for-  
taleza ao mesmo Antonio Falei-  
ro, & que leuasse a carta a Anto-  
nio da Sylueira, & falasse com

elle , & o persuadisse a lhe entre-  
gar a fortaleza , & que nas pro-  
messas não fosse auaro : mandan-  
do a Cogeçofar que estiuessse pre-  
sente as praticas pera ser testemu-  
nha dellas . Foi cousa espantosa,  
que logo na fortaleza se come-  
çou a dizer ( sem auer quem tal  
foubesse ) que Francisco Pacheco  
auia duas ou tres noites que  
ya falar com os ditos capitaens  
Turcos : & outras particularida-  
des desta calidade : que depois  
se affirmaraõ ser assi, conio foraõ  
adiuinhadadas.

### CAPITULO IIII.

*Que contem o teor de hũa carta  
que o Baxá escreueo a An-  
tonio da Sylueira , em nome  
de Francisco Pacheco: & do  
que passou na falla que teve  
com Antonio Faleiro , & da  
reposta que lhe deu. E de co-  
mo os Turcos assentaraõ suas  
estancias, & começaraõ a ba-  
ter a fortaleza.*



**E**STANDO An-  
tonio da Sylueira  
muito triste & ma-  
lenconzado todo a-  
quelle dia, sem saber  
o que era socedido no baluarte,  
mais que entenderse estarem os  
Turcos senhores delle , sem saber  
o como

o como: ao outro dia que foraõ dous do mês de Outubro ás dez horas do dia, appareceo á vista da fortaleza Antonio Faleiro, em meyo de coatro Ianiçaros, vestido em hũa cabaya d'escarlata com muitos alamares de fio d'ouro, & na cabeça turbante a modo Turquesco: & bradando aos do baluarte de Gaspar de Sousa, disse q̄ trazia hũa carta de Francisco Pacheco pera o capitaõ, que logo mandou pôr vm d'aquelles Ianiçaros q̄ chegou ao pé do baluarte, & a atou a vm cordel q̄ de cima lhe lançaõ, & tornouffe afastar. Gaspar de Sousa a mandou ao capitaõ, & elle ficou á falla com o Faleiro, que lhe disse, que Francisco Pacheco & Cogeçofar estauão ali perto esperando pella reposta: & ali lhe contou o modo de como se entregaraõ, & de como o Baxá os recebera com honras, engrandecendo muito sua authoridade, prudencia, liberalidade, & outras partes que elle não tinha: contando-lhe o grande poder que trazia, dizendo-lhe que o bom seria entrarẽ também em algum partido com elle, & entregarlhe aquella fortaleza, por que não era possiuel poderse defender a tantos & tão poderosos canhoens, & feroses bazaliscos: & que o Baxá estaua apostado a fazer tudo o que lhe o capitaõ pedisse. Gaspar de Sousa tanto que aquillo ouuiu, logo entendeu que era velhaco, & que foraõ

nos tratos, o que todos sospeitaraõ delle: & com muita paixãõ & colera lhe disse: que era vm fraco traidor, & couarde, & que dissesse ao Baxá, que onde vira elle vm capitaõ como Antonio da Sylueira, que tinha vns testiculos tamanhos como os de vm touro, entregar a fortaleza que tinha em seu poder a vm Eunuco como molher, fraco, sem fe, nem paçaura, & que se mais lhe dizia sobre aquillo algũa cousa, que o mandaria espedaçar com vm camelo: com isto se callou. A carta foi leuada ao capitaõ, que a não quis abrir se não presentes todos os fidalgos & capitaens, de que se encheo toda a casa: & mandando a lér, sem a querer tomar na mão, viraõ que dizia así.

**S**enhor, forçado da necessidade me entreguei ao Baxá Soleimaõ, com segurança das vidas & liberdades, de que nos passou vm saluo cõduto, com o sello do graõ Turco, contentandosse com lhe largarmos o baluarte, & que lhe fossẽmos á sua Galé dar a obediencia: o que fiz, & leuei comigo Antonio Faleiro, & Gonçalo d'Almeida, & elle nos fez muitas honras & merces, & nos tornou a confirmar o saluo conduto com condiçãõ q̄ nos não iriamos pera a fortaleza, em quanto o cerco durasse: por q̄ como determinaua de se não levantar de sobre ella sem a tomar: não queria que a fossẽmos ajudar

a defender. Este homem tras muito grande poder, & tem mandado desembarcar grande soma de bazaliscos, & outras peças grossissimas: & informado da pouca gête que está nessa fortaleza, & da falta da agoa, & mantimentos, & moniçoens, deseja de não chegar ao cabo com a guerra, & de auer algum meyo pera escusar tanto dano: pello que senhor vos peço ajaes bom conselho, & que lhe entregueis essa fortaleza com toda a artelharia, que elle vos dará embarcaçoens em que todos vos possais ir pera Goa liuremente.

Antonio da Sylueira tanto que ouiuo falar na entrega da fortaleza, não deixou ir mais por diante a carta (por que ainda era mayor) & perguntando aos que estauão presentes que era o que diziaõ áquillo? responderaõ todos a hũa voz, que sobre a mais pequena pedra d'aquella fortaleza, perderiaõ mil vidas se tantas tiuessem. Antonio da Sylueira com grande aluoroço os abraçou a todos: & logo na mesma carta (que não quis que lhe ficasse) mandou responder o seguinte.

Pera capitaõ que tanto me engrandeceis, ouuera de comprir cõ vosco milhor o saluo conduto que vos passou, dos partidos com q̃ vos entregastes: mas não me espanto de ser falso, & mentiroso, que tem por ley & natureza não guardar verdade: De vos si, que tão liure-

mente me aconselhais hũa coulta tão longe da que eu tenho em meu coração: por que não só cuidou de lhe defender esta fortaleza, mas de o ir desbaratar dentro em seus exercitos. E vos não sejaes mais ousado, a me escreuer semelhantes coufas, por que a todos os que vierem com vosso recado, não darei espedassar as bombardadas. E cerrando a carta lha mandou lançar do baluarte abaixo, & foi leuada a Antonio Falcero, que se foi ajuntar com Cogeçofer, & cõ Francisco Pacheco, & todos se forão a Galé, & leuaraõ a reposta ao Baxá, que se ouue por muito afrõtado das palauras com que o tratauão. E assi com aquella ira mandou meter a banco das Galés a Francisco Pacheco, & a todos os mais que foraõ da villa dos Rumes, que seriaõ muito perto de sessenta pessoas, em que entrauaõ alguns Christaõs da terra.

As nouas desta carta do Baxá correrão pella fortaleza, & não só na gente nobre, mas ainda na popular, a te nas molheres, caulon tamanha ira & furor, que desejauaõ de irem cometer os inimigos, dentro em suas estancias. O Baxá mandou logo trazer toda a artelharia que tinha deixado em Madrefaual, que foi trazida com grãde trabalho de muita gente da terra em juntas de bois, & foi passada á ilha em grandes barcaças: & o cargo de mestre do campo deu a

Icuf: & o da artelharia a Hamede Baxá com dous mil Turcos: & a Cogeçofar com toda sua gente q̄ eraõ treze mil homens deu o cargo de general sobre elles: por que elle ficaua na sua Galé: assi por que era muito velho, como por que era muito couarde, & não se queria por a algum risco. Icuf aos coatro de Outubro plantou sua artelharia sobre a fortaleza de már a már, em seis lugares, por onde pós as peças todas por esta maneira.

Na ponta da terra que fica de frente dõde oje está situada a igreja de são Domingos (& onde se vé um fermoso piramide que ali se pós depois pera memoria, que será pouco mais de trezentos passos pella esquadria) poseraõ hũa colubrina, que lançaua pilouro de ferro coado de pezo de sessenta & cinco liuras, & dous pedreiros, um de pilouro de trezentas liuras, & o outro de duzentas: um passa volante, & hũa colubrina de pilouro de cento & cincoenta liuras: um bazalisco m̄uy grãde, duas aguias, dous lioens, & outros canhoens pequenos.

Em outro lugar q̄ fica naquelle alto, que está sobre o jogo da bolla, a pouco mais de oitenta passos da fortaleza, poseraõ dous bazaliscos, um passa volante, duas aguias, dous lioens, & outros canhoens menores, & um temerosíssimo quartao, pera com elle arruinar a cisterna, que leuaua pilouro como

um fardo d'arroz.

A diante pera a banda do már, de frente do baluarte são Thome, affestaraõ dous bazaliscos, duas aguias, um sacro, um mortarro de coatrocentas liuras de pilouro, & outros canhoens.

Naquella parte em que depois se fundou a Ernida de nossa Senhora, que era o lugar da forca: plantaraõ dous bazaliscos, duas aguias, um espalha fato, hũa colubrina de cem liuras de pilouro, & outros canhoens: & assi por esta maneira correraõ com as outras duas estancias, a te cingirem toda a frõteria da fortaleza: de sorte que em todas estas estancias auia cento & dez peças de artelharia, sem se bolid em algũa das Galés, por que toda esta vinha de sobre celente nos Galeoens. Por estas seis estancias se repartiraõ coatrocentos bõbardelros, Esclauoneses, Vngaros, Venezeanos, & de outras naçoens. E depois que se fortificaraõ & fizeraõ seus repairos, bastiaens, & mantas, assentaraõ seus exercitos antre estas estancias, & a fortaleza, naquella parte a onde está o jogo da bolla, que ficaua mais baixa: de sorte que por cima delles jugaua toda a artelharia d'aquella parte, & ali se fortificaraõ de vallos, trincheiras, & cauas: o que tudo fizeraõ aquella noite com perda & dano de muitos dos seus: por que dos nossos baluartes, em o futindo, despararaõ nelles toda

a noite sua artelharia.

Ao outro dia pella menham se viraó todas as estancias plantadas: & fortificadas com muito boa ordem, & com ellas começaraó logo a dar a primeira salua á fortaleza com tamanho estrondo & terremoto, que parecia que o mundo se desfazia em coriscos & trouoês, eclypsandosse o sol com a escuridade, & espessura das nuuens do fumo, com que deixaraó de se ver vns aos outros. Os pilouros faziaó pellas ameas do muro taó grãdes terremotos, que parecia que todos os Cycoples infernaes estauaó nellas martelando, mas nada destas carrancas espantou os nossos, por q̄ desprezádo tudo acodiaó a reparar com muita presteza algũas partes arruinadas, respondendolhes tambem com sua artelharia que se disparou em todas as estancias, em que lhes mataraó & feriraó muitos. Antonio da Sylueira como capitaó animoso corria a todas as partes, pera ver com o olho o de que tinhaó necessidade, pera logo mandar prouer. No baluarte de Gaspar de Soufa (por onde os Turcos tinhaó determinado de dar o assalto, por estar fora da caua) poseraó elles muita força, batendoó de tres estancias, por q̄ determinauaó de o arrasar: por q̄ este de nenhum outro trauez podia ser soccorrido, & ajudado, se não se fosse do baluarte do már, de que era capitaó Antonio de

Soufa. Este capitaó tanto que vio começar a bateria, mandou apon- tar todas as peças no exercito. imigo, que lhe ficaua pella banda do már vm pouco descuberto, começando a bater rijamente, fazendolhe muito grande dano. Os Turcos acodiraó logo áquellas partes, & fizeraó reparios, pera não serem por ali taó offendidos.

A bateria foisse continuando naquelle baluarte de Gaspar de Soufa, em q̄ se descarregou aquella tempestade & multidaó de bazaliscos, saluagens, lioens, aguias, com que lhe arrasaraó (nesta primeira mostra) todos os altos, ameas, & contra ameas, cegãdolhe as mais das peças, que era o que elles pretendiaó, quebrandolhe vm camelete em muitos pedaços, & a boca a vm fermoso liaó. E não querêdo desistir d'aquelle negocio a te não derribarem todo o baluarte pello chaó, mandaraó reuezar a bateria, alternandoa duas vezes, asfi aquelle dia todo, como a noite seguinte: em que por cõta dos de dentro a tiraraó duzentas & corenta bombardadas. Em todo este tempo não ouue poderem tomar os nossos vm pequeno de repouso: por que repartidos todos pello trabalho acodiraó a reparar, & reformar as ruinas que eraó muitas.

Ao outro dia tornaraó á bateria pella mesma ordem, em que acabaraó de arrasar o baluarte a te  
o entu-

o entulho, ficando as peças da ar-  
telharia todas cegas, & elle descu-  
berto por todas as partes, quebran-  
dolhe mais vm saluagê de ferro,  
& outras peças miudas. Entendê-  
do Antonio da Sylueira, que por  
aquelle baluarte pretendiaõ dar-  
lhe o assalto, deu ordem a todos os  
capitaens das outras estancias, que  
no tempo do cometimento o mã-  
dassẽ foccorrer cõ a melhor sol-  
dadesca que tiuessẽ. E logo mã-  
dou acarretar pera o pé do baluar-  
te muita madeira, & pedra, pera o  
fortificar, & renouar, prouendo de  
muitas lanças de fogo, panellas de  
poluora, & de outros petrechos de  
guerra pera sua defenõ. Pondo  
por todo elle muitas tinas cheas de  
agoa, & ordenou pipas, & cestoens  
cheos de terra, que se poseraõ á ro-  
da do baluarte pera reparo. Os  
imigos vendo que sõ em dous dias  
poseraõ aquelle baluarte naquel-  
le estado, ficoulhes esperanças de o  
arrasarem de todo, & mandaraõ  
continuar a bataria, & bater a cor-  
tina do muro com oito peças jun-  
tas, o q se fez por mais cinco dias  
continuos, em que derribaraõ hũa  
grande parte do muro, q ya fechar  
no baluarte saõ Thome, que ficou  
de feiçaõ, que se via a fortaleza to-  
da por dentro, & o trauez do ba-  
luarte foi tambem derribado por  
algũas partes, & cegas as peças que  
delle jugauaõ. D'aquella parte do  
baluarte que se derribou cayo tã-  
ta pedra & califfa pera fora, q lhe

ficou vm entulho que chegaua a te-  
cima, por onde muito bem se po-  
dia sobir: Ficaua esta rotura do  
muro muito perto do baluarte de  
Gaspar de Sousa, que acodio a re-  
parar tudo o melhor que pode, cõ  
muito grande risco, & trabalho de  
todos.

Esta noite chegou á fortaleza o  
catur de Miguel Vaz, em que vi-  
nha dom Duarte de Lima, que foi  
recolhido pella couraça, & recebi-  
do do capitaõ com grandes hon-  
ras. Delle soube como o mandaua  
o Visorrey ver o estado em que a-  
quella fortaleza estaua, por que cõ  
a certeza do q lhe dissesse se auia  
de aballar, por q ficaua ja no már,  
com hũa muito poderosa arma-  
da. Com isto ficaraõ todos muito  
alegres, & toda a noite passaraõ  
em festas, & folias. E ao outro dia  
se embandeirou a fortaleza, assi pe-  
ra darem a entender aos Mouros  
o pouco que os temiaõ, como por-  
que soubessẽ que esperauaõ pel-  
lo Visorrey.

## CAPITULO V.

*Do primeiro assalto que os Tur-  
cos deraõ ao baluarte de Gas-  
par de Sousa, & do que nelle  
passou.*



ENDO Antonio da  
Sylueira o baluarte de  
Gaspar de Sousa arrasado,  
acodio ao fortificar com hũa  
grossa

grossa parede pella banda de dentro, que logo começou a fazer com muita pressa de noite. Isto foi sentido dos inimigos, que por não dar tempo aos nossos de se reparar, baterão toda a noite o baluarte, fazendo nelle grande dano, matado, & ferindo alguns dos nossos, que andava na fabrica da parede: por que os muitos pilouros que chovia sobre o baluarte, não davao lugar pera se correr com a obra. Mas Antonio da Sylveira, que com o seu grande intendimento, andava traçando modos, pera contra os ardis dos Mouros, mandou que com muito silencio se corresse ali com a obra, & que no pano se batesse com muitos picos, & se fizesse grande estrondo, pera que os inimigos acodissem ao som das pancadas, pera assi darem algum folego aos que corria com a obra da parede: o que lhe não sayo em vão, por que como a noite era muito escura, & elles não viao a onde a tiravao, affestavao as peças da artilharia ao tom do trabalho dos picos: & assi ficarao correndo com muito silencio na obra da parede, que começou a crescer, indo a fabricando pella borda do baluarte de pedra & barro, & aquella noite a poserao em altura de um homem, & tao larga, que com hũa escada que fizerao pera a servintia, ficava tomando a terça parte do baluarte, com o que ficou por entao seguro, & defensavel.

Ao outro dia tanto que amanheceu, que os inimigos virao a obra feita ficarao como pasmados, & sem embargo disso determinarao de dar aquella dia um assalto pella rotura do muro: & delle encomendarao a dianteira a setecentos Iançaros, debaixo das bandeiras de Beran can, & Mamede can: que em dous esquadroens forao remetendo com o muro. Os dianteiros que começarao a sobir pelas roinas, forao cincoenta Iançaros, armados de todas as armas. No mesmo tempo se começou á bataria em roda da fortaleza, pera divertir os nossos, & pera ficar aquella parte mais fraca, & com menos esperanza de socorro. Os dianteiros com grande oufania & arrogancia, cometerao a sobida, aucto que daquella feita leuariao a fortaleza nas vnhas: mas Gaspar de Sousa deixando o baluarte prouido, tomou alguns companheiros que pera isso escolheu, & acodio aquella parte com algũas lanças de fogo, & panellas de poluora, & chegando os Iançaros a pôr as mãos no muro, dando nelles os fez virar de pernas acima, levantando a pos si outros. Os capitães Turcos que estavao ao sopé do muro, vendo vir aquelles mandarao outros: & assi forao ceuado aquelle lugar: por que como se vazava dos que os de cima derribavao, logo se enchia de outros, que parecia que á porfia yaõ buscar a morte, que

te, que lhes não tardaua mais, que em quanto o ferro Portugues lhes não chegaua.

Os Turcos vendo a grande resistencia que nos de cima achauão, começaram a perder o brio & soberba com que ali chegaraõ, (porque auiaõ que tudo se lhes desemparraria em elles chegando.) Isto lhes sayo beni ao reuez: por que os de cima, quantos mais dos inimigos recreciaõ, tanto mais se lhes dobraua o animo, forças, & alento. Gaspar de Sousa deu aqui hũa grã de proua de seu muito valor & esforço: por que em quanto durou o assalto, sempre se apresentou no mayor perigo diante de todos os seus, fazendo taes obras, que obrigaua a todos ao imitarem. Dom Duarte de Lima (que tinha chegado aquella noite) quis ser testemunha de tudo, pera informar de vista ao Visorrey, & posto diante de todos, fez cousas bem dinas de serem mûy particularizadas: o que a nossa historia não sofre, por que se de todos o ouueramos de fazer, sem duuida, que pera cada vm dos que neste cerco se acharaõ, ouuera milter muitos capitulos: & por isso não faremos mais que nomeallos, por que pello discurso do cerco se verá bem a gloria que se deu a cada vm, & a todos.

Antonio da Sylueira chegou áquella parte, acompanhado d'alguns fidalgos que o seguiaõ (que elle chamaua pera se aconselhar

nas cousas arduas.) E foi passando por todos pera se pôr no lugar da defenção, por que lhe não sofria o animo ver os seus em perigo, & elle ficar de fora: mas os que yaõ com elle o detiueraõ, dizendolhe, que não era aquella sua obrigação, & que lhe não auiaõ de consentir arriscarse a perigo algum, por que nelle estaua o remedio d'aquella fortaleza: & q̄ em quanto o vissem viuo pelejariaõ todos com as tripas em hũa maõ: & com a espada na outra; o que seria ao contrario, se lhe acontecesse desastre. Antonio da Sylueira deteu-se entãõ no baluarte prouêdo d'ali nas cousas necessarias. Os nossos que estauaõ ao encontro com os inimigos, fizeraõ nelles tamanho estrago, que de ja não poderem os Turcos ver tanto, arrancaraõ do exercito com todo o poder, & chegaraõ a fauorecer os seus com tamanho estrepito & roido, q̄ atroauaõ os ares, com que espantauaõ as aues do ceo.

Aqui foi a reuolta muito grande, por que os inimigos como magoados trabalhauaõ por entrarem a fortaleza: & os nossos como quem em sua defenção estaua seu remedio, faziaõ marauilhas pola não deixarem entrar. Ali acodiaraõ de refresco Lopo de Sousa Coutinho, Manoel de Vasconcellos, & outros fidalgos, & caualeiros: & pediraõ aos que estauaõ no lugar da defenção, que descansasse

vm pouco, que elles ficariaõ ali a te tornarem o que alguns naõ quizerã fazer, & outros quasi por força por se irem curar de muitas feridas que tinhaõ. Em fim os nossos trataraõ os imigos de feiçaõ, q̃ quantos mais sobiaõ, tantos mais tornauã a voltar feitos pedaços, levando outros a te baixo a pos si. Durou este assalto a te o meyo dia que se retiraraõ os imigos pasmados de verem taõ poucos homens fazer tamanhas marauilhas, blasfemando de Mafamede, auendo q̃ elle era o q̃ os castigaua por maõs de taõ poucos.

Os nossos vendosse desaliuados recolherã os feridos q̃ eraõ muitos, custando sã as vidas a dous. O capitaõ mandou repairar aquelle lugar com muita presteza, no que trabalharaõ o que restou do dia, & toda a noite, sem tomarem repouso. Os Mouros cheyos de ira & furor do mau socesso passado, tornaraõ a redobrar a bataria naquelle lugar pera o acabarem de arrasar, insistindo, em que por ali auiaõ de entrar a fortaleza, & assi o baterã que tornaraõ a deitar por terra tudo o que se renouou. Aquella noite pedio Antonio da Sylueita a dom Duarte de Lima, que se tornasse com o recado, do que vira, ao Visorrey, pois esperaua por elle, pera que se apressasse, escreuẽdo-lhe hũa breue carta, em que se reportaua a elle. Dom Duarte de Lima se embarcou contra sua võ-

tade, por que desejou de ficar na fortaleza: & com grande vigia nas Galês sayo pella barra no coarço da modorra, & foi seguindo seu caminho.

Ao outro dia pella menhã, chegou a armada, hũa das naos q̃ eraõ desaparecidas, em q̃ vinha o Armiraglio, q̃ trazia muitas virtualhas. Cõ sua chegada, por lhe fazerem festa, quizerã os imigos dar outro assalto á fortaleza, & assi sairaõ de seus exercitos, com suas bandeiras desenroladas, & remeterã com a quebrada do muro, por onde comẽçaraõ a sobir, como homẽs magoados, & desesperados, a receberẽ a morte das maõs dos de cima, q̃ os esperaraõ cõ muito animo peralha darem: & assi os escandalizaraõ este dia, que a pezar seu os fizeraõ afastar com tanto ou mayor dano que o passado. E por naõ particularizarmos taõto, q̃ enfaltia: tres vezes cometerã este dia o assalto, achando de cada hũa mayor desengano nos nossos, & assi tornaraõ a sua bataria, cousa que os de dentro mais sintiaõ que os assaltos: por que nelles naõ faziaõ mais que matar, & derribar nos imigos, com tanto gosto, que elle lhes fazia parecer o perigo muito leue: mas na bataria andauã occupados no repairar, & renouar, sem poderem tomar por suas maõs vingança, de quem lhes daua aquelles trabalhos.

CAPITULO VI.

*Do grande medo que deu no Baxã, tanto que soube que o Visorrey ficaua pera o ir buscar. E da contagiosa infirmitade que deu em todos os da fortaleza: & do valor cõ que as molheres acodiraõ aos trabalhos da fortificaçõ.*



**B**A X A que esta-  
ua no már, tanto q̃  
entrou dom Duarte  
de Lima na fortalez-  
za (pello aluoroço

que nella ouue, & por tambem os nossos lho dizerem de noite de cima do muro) soube logo de como o Visorrey ficaua no már pera o ir buscar: pello que se passou d'aquelle porto, (por que tambem nelle os Noroestes lhe dauaõ trabalho) & se foi pera a outra parte da terra firme, da banda de Gogala, por que ficaua mais abrigado. E como era homem fraco, & acouardado, mandou aferrolhar logo todos os Christaõs, & passouffe da Galeaça em que estaua pera a Galé bastarda por ser muito ligeira, & mandoulhe tirar o toldo & vela, que era todo quarterado, diuisa pera ser conhecido no mar, & mandou a guarnecer de velas brancas, por que se não soubesse em qual das Galés estaua: deixando a sua bandeira & di-

uisa na Galeaça: & mandou guarnecer as Galés todas de arrombadas, & padezes fortes, por que se viesse a armada do Visorrey (que elle não determinaua de esperar) estaria prestes, asfi pera fogir, como pera pelejar, quando mais não podesse.

E por que não ficasse trabalho algum, que os da fortaleza não passassem, sobre veyo em todos hũa general infirmitade da boca & gengiuas, com tamanha inchaçõ & dores, que nem o arroz mole podiaõ mastigar: & era mûy grande lastima de ver & ouuir os gritos & ais das dores que padeciaõ. Este mal se causou da agoa q̃ bebiaõ da cisterna, que por necessidade se recolheo nella, com o betume & cal ainda fresca, o q̃ a corrompeo de feiçãõ, q̃ causou este mal tamanho em todos, mûy grande espãto, & medo: por q̃ se viaõ vns aos outros como mortaes, com as bocas abertas, estilando vm humor peço nhentilsimo, como se foraõ mordidos de nociuas biboras, sem comerem, dormirẽ, nẽ tomarẽ repouso algum. Mas todauia nos rebates acodiaõ todos com vm feruor, & animo, que lhes fazia esquecer as dores que tinhaõ.

E como em todas as batarias matauaõ & feriaõ aos da fortaleza, começaua a faltar gente pera o trabalho da reformaçãõ das ruinas: do que mouidas as molheres todas com vm zelo honroso Portuguez,

tuguez, ordenaraõ tomar á sua cõta o trabalho manual das obras, pera que ficassem esses poucos homens que auia desoccupados pera a defensão da fortaleza. As autoras desta obra taõ heroica foraõ Isabel da Veiga, & hũa Ana Fernandez. A Isabel da Veiga (que he a de quem ja falamos no capitulo primeiro do coarto liuro) que se naõ quis ir pera Goa, quando seu marido Manoel de Vasconcellos a mandaua) foi filha de vm cidadaõ de Goa, nobre, chamado Francisco Ferraõ, que foi juiz d'alfandega de Goa em vida, foi casada com este Manoel de Vasconcellos homem fidalgo, d'antre que ficou no mundo grande posteridade, & ampla geraçaõ: por que tiueraõ estas filhas: dona Luiza de Vasconcellos, que foi casada duas vezes: a primeira com Diogo de Mesquita, de quem nesta quinta decada, & na coarta falamos muitas vezes, que foi capitãõ de Cofala, de quem naceraõ Manoel de Mesquita, casado na India, que faleceo sem lograr a fortaleza de Chaul, de que era prouido: & dona Isabel de Vasconcellos, que tambem foi casada duas vezes como sua mãy: hũa com Ruy Diaz Cabral, filho de Fernãõ d'Alvarez Cabral, de que naõ ouue filhos: & a outra com Manoel de Miranda, filho de Diogo de Miranda, camareiro mór que foi do Cardeal dom Anrique:

D'antre estes naceraõ muitos filhos, & filhas, que saõ viuos. A segunda vez foi dona Luiza casada com Pantaliaõ de Sá, filho de Ioaõ Rodriguez de Sá do Porto: que foi capitãõ de Cofala, de que ouue hũa filha, que está casada em Portugal, que se chama dona Barbora de Meneses, cõ Lourenço de Mello, filho de Christouaõ de Mello, & de hũa filha do nosso Ioaõ de Barros, a que chamauaõ dona Caterina. As outras duas filhas, que Isabel da Veiga teue de Manoel de Vasconcellos, foraõ dona Caterina casada com Pero de Mesquita, & dona Ioana com Diogo Lopez de Mesquita de Guimaraens, que foi capitãõ de Maluco.

A outra matrona Ana Fernandez, que se ajuntou com esta pera governarem as outras, foi casada com vm Fernãõ Lourenço, Christaõ velho, professor da Surugia. Estas apellidando todas as mãys com seus cestos nas cabeças muy alegres & contentes, começaraõ a carretar a pedra, terra, madeira, & outros materiaes, pera as obras, & reparios, que se faziaõ, que logo foraõ crescendo muito, sintindo-se ja dali por diante menos a falta dos doentes. Este seruiço faziaõ todas com hũa presteza & alegria, que dobraua os animos a todos. E naõ contente Ana Fernandez com este exercicio, começou a exercitar outro de muito grande charidade, q era, a todos os feridos que se yaõ curar

curar a sua casa com seu marido, ella com suas proprias mãos lhes alimpaua as feridas, & fazia os fios, concertaua os vnguentos, & ainda os agasalhaua em sua casa, & lhes fazia as dietas, & daua as suas conseruas, & mimos, com tanto amor, como se todos foraõ seus proprios filhos. E não satisfeita ainda disto, sem tomar repouso, tanto que era noite, & que os agasalhaua, sayasse de casa encostada a vm bordaõ (por que era velha & pejada) & ya correr todas as estancias & baluartes, animando a todos, lembrando lhes suas obrigaçoens, & fazendoos estar prontos á vigia. E ainda passou mais adiante, que todas as vezes que auia assaltos acodia á parte em que pelejauaõ, & com vm animo varonil se metia em meyo de todos, animandoos, & persuadindoos a pelejarem pella fé de Christo. Algũas vezes acertou de ver pelejar alguns floxamente, & chegando se a elles os reprendeo, & esforçou. E vendo hũa vez, ou duas que se yaõ vns escoando, & faindo se a batalha, có ira & menecoria os tomou pellos braços, & afrontandoos com palauras mūy honradas, os fez tornar a seus lugares. E assi trazia o olho nestas coufas, que nada deixaua de ver: & tamanho medo, & respeito, lhe tinhaõ ja todos, que em ella chegando no tempo da briga, & leuando a voz, se metia em meyo

delles, chamando lhes filhos, & caualeiros de Christo, assi trabalhauaõ todos por lhe parecerem bem, & de se arriscarem nos lugares mais perigosos, como se pelessassem diante do seu Rey que os ouesse de galardoar.

Tinha esta matrona vm filho de dezoito annos na fortaleza, chamado Francisco Mendez, muito bom caualeiro, & que sempre pelejou bem: andando ella neste assalto visitando os baluartes o achou morto de hũa espingardada pella cabeça: & muito inteira & constante o tomou nos braços, & o recolheo. E como se acabou a briga lhe fez dar sepultura, com hũa segurança, & sofrimento, que espantou a todos, não deixando de continuar có seu piadoso exercicio, encobriendo a dor & magoa, que em seu coração tinha, por não entristicer a todos que a amauaõ, como mãy. Desta maneira ficarãõ estas matronas continuando no trabalho de noite, & de dia: & em qualquer parte que por ellas chamauaõ pera algũa necessidade, logo acodiaõ com todo aquelle feminino esquadraõ, carregadas todas de materias, & de todas as mais cousas necessarias.

P. 2 CAPI

CAPITULO VII.

*De como os Turcos milhoraraõ suas estancias, a te as porem a borda da caua.*



SCANDALIZADOS os Turcos dos assaltos passados, determinaraõ de não leuarem maõ da bateria, a te não arrasarem de todo o baluarte de Gaspar de Soufa pera entrarem por elle na fortaleza, no que poseraõ toda sua industria, & poder. E asy foraõ continuando a bateria com grande terror, & espanto alguns dias, em que tambẽ derribaraõ a igreija que estaua no meyo da fortaleza, no mais alto lugar della, que era vm edificio muito arrezoadado, de tres naues, cõ hũa torre sobre a porta, taõ alta, & quasi tamanha como a antigua de saõ Vicente de fora em Lixboa, que se descobria toda de fora muito bem, & tudo arrasaraõ, & derribaraõ: no que acrecentaraõ nos Portugueses mayor odio, & ira, de se jando de vingar aquella offensa feita ao templo dedicado ao altissimo Deos. D'aquella estancia que os Mouros tinhaõ sobre o jogo da bola (de q̃ tambem batiaõ todos aquelles dias o baluarte de Gaspar de Soufa) despararaõ aquelle temeroso coartao, q̃ tinhaõ a ffeitado por escoadria no lugar da cisterna,

que estaua a cargo de Roque de Nauaes, vm caualeiro honrado, que mandou com muita diligencia armar sobre ella alguns andaimos fortissimos, pera que os pilouros embaçassem primeiro nelles que deessem na abobada: o que foi parte pera se não arrombar de todo: posto que alguns pilouros lhederaõ, de que recebeo algum dano. O baluarte de Gaspar de Soufa, foi batido de tres partes com tanta furia, que lhe arrasaraõ toda aquella parede que os nossos tinhaõ fabricada. A isto acodio logo Antonio da Sylueira, & mandou edificar outra mais forte pella banda de dentro, que tomava tanto do baluarte, q̃ ja lhe não ficaua mais que vm terço d'elle em que se recolheffem.

A este seruiço acodio com muito feruor aquelle feminil escoadraõ, carregado de pedra, barro, terra, agoa, madeira, não lhes impedindo esta obra, nẽ a grande queantura do sol, de q̃ ellas não resguardauaõ seus delicados caroens, nem o sereno & escuridaõ da noite, nẽ os grandes & medonhos coriscos, & tẽpestades da artelharia, cujos pilouros lhes zoniaõ & affouiauaõ pellas orelhas, sem ellas mudarem passo, nẽ largarem o seruiço. Antonio da Sylueira receando que lhetornassem a derribar aquella parede, & que o baluarte se perdesse, ordenou de fabricar pella banda de dentro hũa torre á maneira de caualeiro,

caualeiro , pera defensão da fortaleza.

Nesta obra (q̄ foi muito pro- uicitosa) se poseraõ as maõs com muita diligencia . E por que comecou a faltar pedra , mandou o capitaõ derribar algũas casas, o q̄ se fez com muita presteza, acarretando as molheres a pedra & madeira dellas, com o que a obra foi crecendo de feiçaõ, que em poucos dias se pós na altura do baluarte, com o que elle ficou seguro. Foi esta fabrica taõ necessaria, & importante, que parece q̄ Deos moue o coração do capitaõ pera a ordenar: por que sem duuida ella foi a principal parte da defensão da fortaleza, & de os imigos a não entrarem . Em quanto durou este trabalho nunca Antonio da Sylueira se apartou do baluarte, a onde era sua estância. E onde estaua sempre de dia, & de noite ao pé d'elle assentado em hũa cadeira, armado, mandando & governando tudo : & sempre com a bolsa aberta chea de dinheiro. que despendia muito liberalmente por todos : & assi deu tanto que lhe ueyo a faltar: & soccorreosse á prateira de seu seruiço, que toda cortou em pedaços com que fazia as pagas sem pezo nem conta. Esta foi hũa das grandezas que se notaraõ em Cesar, que mandaua pagar a os soldados as maõs cheas de dinheiro, mandando que cada vm metesse a maõ em hũa alcofa que

estaua chea d'elle, & que tomasse tudo o que elle podesse leuar, por que dizia, que d'outra maneira o enganariaõ na conta.

Os Turcos vendo derribada a segunda parede, & o baluarte taõ danificado que ja se podia cometer, determinaraõ de melhorar suas estancias a te as porem sobre a borda da caua: pera o que ordenaraõ grandes ballas de algodaõ, & vns fardos grandes de couros crus dobrados, muito redondos & compridos, cheos de terra. Depois de tudo isto feito, hũa noite os foraõ rolando, indo detras delles os lançaros emparados por amor da nossa artelharía & arcabuzaria: por que os nossos tinhaõ tamanha vigia, que em sintindo aquelle rumor, despararaõ pera aquella parte toda a moniçaõ, com q̄ lhes mataraõ & feriraõ muitos. Todauiua elles foraõ por diante, a te chegarem a dous fornos de cal mūy grandes, que os nossos tinhaõ feito perto da caua pera a obra da fortaleza, que por descuido ficaraõ em pé, cujas paredes ficauaõ sobre a terra altura de vm homẽ. E pondo aqui os fardos, entulharaõ os fornos com muita presteza: & de vm ao outro fizeraõ logo hũa grossa parede de terra & pedra, com o que ficaua vm grande & fermoso reparo, & por cima d'elle puseraõ as ballas d'algodaõ, sobre que armaraõ vns caualos grandes de madeira, forrados de

couros crus, q̄ pera aquillo tinhaõ feitos: com o q̄ ficou aquella estancia quasi taõ alta como aquelle baluarte, apartado delle a largura da caua. Estes caualos tinhaõ muitas seteiras pera jugar a sua artelheria: & com muita arte & industria fizeraõ algũas profundas cauas pera a sruentia des do exercito a te ali, por onde se seruiaõ de hũa parte pera a outra, sem serem vistos dos nossos, & por ellas trouxeraõ algũas peças de artelheria, q̄ plantaraõ contra o baluarte: & por fora desta estancia abriãõ outra muito fermosa & larga caua.

Esta obra se fez toda esta noite, & no outro dia seguinte em que receberaõ affas de dano dos nossos que naõ estauaõ descuidados, antes vns pelejando, & outros fortificando, tambem gastaraõ todo aquelle tempo. Os Turcos tanto que acabaraõ as estancias, comẽçaraõ a bater o baluarte de Gaspar de Souza com grande furia & continuaçaõ. Tinhaõ os nossos aruorada hũa fermosa bandeira em cima da torre noua, que o Baxã vio da Galé, & mandou dizer a todos os bombardeiros do exercito, que o que lha derribasse lhe daria liberdade, & sessenta cruzados, & vm vestido. Com este interesse lhe atiraraõ muitos, & vm delles que era Esclauones aos tres tiros deu com ella embaixo, ao que os Turcos deraõ grandes gritas, & fizeraõ muitas festas. A bataria foif-

se continuando a te derribarem toda a parede q̄ de nouo tinhaõ feita, & parte do mesmo baluarte, cuja terra, califfa, & pedra, que cayõ pera fora, fez vm entulho taõ alto como o muro, por onde naõ podiaõ bater no viuo, & todos os tiros embaçauaõ. Vendo Cogefofar aquillo, mandou trazer das aldeas vizinhas muita gente inutil, por quem mandou furtar o entulho por baixo sem emparo algum, & por força, & as pancadas os faziaõ chegar ao trabalho, em que a mór parte pereceo: por que a espingardaria de cima, se empregaua nelles bem á vontade sem se perder tiro. Os Turcos em quãto se isto fazia, naõ desistiaõ da bataria dos outros baluartes, o q̄ naõ fizeraõ a seu saluo: por que do baluarte do már lhes fizeraõ sempre muito dano: por que os varejauaõ por hũa ilharga do exercito, & todauia o baluarte de Gonçalo Falcaõ ficou taõ arrasado, que por cima ficou descuberto todo, sem emparo algum.

### CAPITVLO VIII.

*Do grande, & geral assalto, que os Turcos deraõ à fortaleza, & dos espantosos casos que nella acontecerãõ.*

**P**OSTOS os baluartes no estado em que dissemos, determinaraõ os Turcos de dar á fortaleza um geral assalto. E um dia pella menha saíraõ de suas estancias com todas as bandeiras desenroladas, & remeteraõ com o baluarte de Gaspar de Sousa, cuidando que d'aquella feita se concluisse aquelle negocio. Os Ianiçaros que eraõ os dianteiros, começaraõ a sobir pelo entulho com grande determinação & soberba, que se lhes quebreu, tanto que os de cima lhes poderaõ chegar & alcançar com o ferro, com que os cortaraõ de feição, que muita parte delles tornaraõ de pernas acima feitos pedaços, & abrasados das muitas panelas de poluora, que sobre elles lançaõ. A bataria neste tempo não cessaua nas outras partes, para diuirtirem os nossos. Gonçalo Falção andaua em cima do seu baluarte, que estaua todo arrasado, & descuberto, mandando reparar, & fortificar: & como tinha ali seu fim limitado, o tomou um pilouro de hũa bombardas pella cabeça, que logo lhe fez em pedaços. A morte deste fidalgo foi muito sentida de todos, pellas muitas partes que tinha, de conselho, esforço, & liberalidade, que em todo o tempo podera fazer muita falta, quanto mais naquelle em que tanta necessidade tinha de homẽs

d'aquella qualidade, por que nelles traziaõ todos os mais os olhos, & elles os faziaõ oufados, & confados. No baluarte de Gaspar de Sousa foi a referta grande: por que os Turcos yaõ sobindo com grande determinação, uns pellas quebradas das paredes, & outros pelo entulho, a te chegarem a experimentar o dano que em cima lhes estaua aparelhado, por que os nossos assi os escandalizaraõ como a os primeiros.

Os capitaens Turcos vendo aquelle estrago, remeteraõ ao baluarte com todo o poder, lançaõ os Ianiçaros armados de armas brancas diante: que enuergonhados de verem tantos dos seus tornarem do mais alto feitos pedaços, desistimando a morte a forraõ buscar á porfia: trauandosse hũa cruel batalha, em que os do baluarte se viraõ em grande risco & aperto. Disto se deu logo rebatete a Antonio da Sylueira, que estaua no seu lugar governando, & prouendo a tudo: & sabendo o trabalho em que estauaõ, mandou todos os que trazia em sua companhia, que acodissem lá, & o mesmo fizeraõ dos outros baluartes muitos fidalgos & caualeiros, que com um grande odio, & desejo de vingança se poseraõ ao encontro dos inimigos, começando a cortar por elles sem piedade. Mas como eraõ muitos, não lhes fazia falta os que lhe matauaõ: por que logo se

*Quinta Decada. Da historia da India.*

tornauão a encher os lugares de outros folgados, renouandosse o furor & ira em todos, por que vns por sobir, & outros por lhe defender a sobida fazião marauilhas, naõ tanto a saluo dos nossos que n'aquelle conflicto lhe naõ matasem coatro, & ferissem os mais delles: & antre estes deraõ a vñ Ioaõ da Fonseca muito bom caualeiro hũa espingardada pello collo da maõ direita, que lhe varou todo o sangradouro, ficandolhe o braço dependurado: & como elle estava com aquelle animo & furor, naõ fazendo caso da ferida, nem lha entendendo os que estauão de tras delle, por que estava diante de todos, mudou cõ muita presteza hũa adarga q̃ tinha pera aquelle braço, & tomando a espada com a maõ esquerda, fez com ella taes cousas, que se lhe naõ sintio o defeito do outro braço, que elle trabalhaua por encobrir, acodindo de quando em quando com a maõ esquerda a aleuantalõ pera cima, por que tinha os ossos quebrados, & com o pezo da adarga lhe caya ao longo da perna, & nunca esta falta se lhe enxergara, se se lhe naõ fairsa, & vira o muito sangue que delle corria, de que estava o chaõ todo cheyo.

E como aquelle lugar em que pelejauão naõ era capaz de mais que de doze ou treze pessoas, tinhaõ muitos que estauão de fora o olho no que se fairsa, pera o tira-

rem & se porem em seu lugar. Duarte Mendez de Vasconcellos, que estava detras delle, vendolhe correr tanto sangue, & entédendo quaõ mal ferido estava, & que so o espirito & confiança o detinha ali, puxando por elle lhe pedio se quisesse ir curar, por que affasinha dado proua de seu muito grande valor & esforço: por que seria perda muito grande, acontecerlhe algum desastre por dissimular cõ as feridas: que depois lhe naõ faltaria tempo, & lugar, em que mostrasse seu valeroso animo: Ioaõ da Fonseca fez taõ pouco caso d'aquillo, que sem lhe responder, nem fazer mudãça algũa, foi continuãdo na briga com tanto furor, que fez pasmar a todos: & certo que parecia, que quanto mais sangue delle se vazaua, tanto mais lhe creciaõ as forças & o animo. Duarte Mendez como estava deseioso d'aquelle lugar, & todavia era grande magoa, ver vñ taõ valeroso mancebo, taõ arriscado por se naõ querer sair da batalha, tornou a puxar por elle, & a lhe rogar que naõ quisesse insistir naquella porfia, ainda que taõ honrosa, que se fosse curar, que elle lhe guardaria o lugar a te tornar, Ioaõ da Fonseca virando o rosto lhe disse. Pedisime senhor bem grande sem rezaõ: se eu tenho este braço esquerdo saõ, & posso com elle menear esta espada, como eide deixar o lugar, em quaõto nelle naõ perder a vida. E tor-

& tornando a sua defensão, não pelejava com furor de homem que queria defender aquelle lugar, senão como quem parecia que se queria lançar dali em meyo dos inimigos, pera de mais perto tomar delles vingança, do odio que lhes tinha, & satisfazerse da dor da ferida. Todavia chegou áquelle tempo Lopo de Sousa Coutinho, que vendo taõ honrada porfia, pediu a Ioão da Fonseca que se fosse curar, por que elle tinha ja ganhado tanta honra, que não auia cousa algũa mais que desejar: & que a mayor que tinha auido n'aquelle cerco, era a muito honrosa inueja, que todos lhe ficauão tendo. Ioão da Fõseca vendossè importunado, & tendo respeito a Lopo de Sousa, sayossè do lugar, em que se meteo Duarte Mendez, que trabalhou tudo o que pode por se não sentir nelle sua falta, fazendo tais cousas, elle & todos, que tinhaõ pasmados os inimigos, em que tinhaõ feito tamanho estrago, que ja os mais delles cometiã a subida mais froxamente.

Sintindo isto Antonio da Sylueira (que a todos os momentos era auisado de tudo o que se passava) mandou a Lopo de Sousa Coutinho, que com a gente que podesse ajuntar se decessè á caua pello baluarte saõ Thome, & que fosse por fora dar nos inimigos, que elle confiaua em Deos, que auia de alcançar hũa grande vitoria. Lopo

de Sousa ajuntou logo trinta & cinco soldados, & por escadas de cordas se lançaraõ na caua, pera aquella parte que olha pera o már, donde não podia ser visto dos inimigos, & com hũa resoluta determinação arreventou pella boca da caua fora, dando Sanctiago nos Mouros, que estauão ao sopé do muro do baluarte da porfia, bem descuidados de tamanha ousadia. E com taõ grande estrondo os cometeo que parecia que daua sobre elles um grande escoadraõ, começando a sentir em suas carnes o ferro dos nossos: & sem o medo lhes deixar ver o pequeno numero delles, desempararaõ o lugar, & foraõ fogindo pera as estácias. Os que estauão em cima do entulho cometendo a entrada, tanto que ouuiraõ em baixo o estrondo, & viraõ o desarranjo com que os seus fogiaõ, sem fazerem discurso algum, mais que aquelle que o medo, & desejo de salvar as vidas lhes representou, sem verem o risco a que se punhaõ, se lançaraõ dali abaixo, vindo muitos espetarse nas lanças dos nossos, & os mais que escaparaõ foraõ taõ amedrontados, que dentro em suas estancias, não perderaõ ainda o medo que leuauão, ficando o baluarte desapressado. Lopo de Sousa Coutinho tornou a recolher á caua sem dano algum, com grande gloria & honra daquelle feito: & mandou dizer ao capitão, que lhe parecia bem auer de continuo  
guarda

guarda naquella caua, pera impedir aos inimigos, que com pequenos assaltos não inquietassem os nossos: por que posto que então lhes fosse necessario comerem com maior poder, & isto fosse maior perigo, & risco pera os nossos: todavia resultaria um effeito de muita importancia, que era ficar-lhes então mais tempo pera se fortificarem, & que elle se offerencia pera ficar na caua. O capitão pondo aquelle negocio em conselho, assentou se fer muito necessario: & que todos os dias ficasse um capitão na caua, & que de noite se recolhesse á fortaleza, por que de dia estauão nella seguros, por que era muito alta, & os inimigos não podião chegar a borda della pera os empesarem, que não fossem logo desbaratados dos de cima do muro. Com esta resolução mandou dizer o capitão a Lopo de Sousa Coutinho, que lhe agardecia muito aquelle conselho que lhe dera: & que fosse elle o que começasse aquella guarda: com o que Lopo de Sousa se deixou ficar todo aquelle dia, com agoa, & biscoito, que de cima lhe lançaraõ, & como a noite se recolheu á fortaleza. Ao outro dia teve outro capitão a guarda, & assi foraõ continuando, pondo se os nossos na boca della que era mais estreita, & poucos homens podião defender a entrada, que os nossos tinhaõ sempre occupada, com as lanças enrestadas aos

coartos. E quando auia alguma cousa que lhe faziaõ de cima final, & daqui lhes sayão muitas vezes de traues, & sempre os escandalizauão como adiante se verá, de feição que se refrearaõ em seus assaltos, & os nossos ficaraõ tendo mais algum folego pera se poderem fortificar, & remediar suas neccsidades.

CAPITULO IX.

*De algũas cousas notauẽs que acontecerãõ aos que vigiauaõ a caua: & de alguns assaltos que os Mouros deraõ á fortaleza: & de como minaraõ o baluarte de Gaspar de Sousa.*



CONTINVA N-  
dosse esta ordem da guarda da caua: succedeo ser um dia de Simaõ Furtado, que com oito soldados se pôs nella. Ante estes se meteo um moço de dezannos annos, criado de Lopo de Sousa Coutinho, Galego de nação, & muito pequeno de corpo, mas terrível, & indiabrado, chamado Ioaõ: este leuaua sua espada & espingarda. Estando assi, deraõ de cima auiso que alguns Mouros estauão fauorecendo aos trabalhadores que furtauão o entulho do baluarte: & arrebetando Simaõ Furtado com os seus companheiros

ros pella caua fora, deu nos imigos como vm rayo, derribando dos primeiros golpes alguns: os mais cortados do medo fogiraõ, sem verem o pequeno escoadraõ que os punha em disbarato. O moço Ioaõ depois que desparou a espingarda em vm Mouro, arrancou da espada, & remeteo com outro, que era vm façanhoso homem de corpo, com quem apertou taõ rijamente, que lhe fez virar as costas, (por que tambem seus companheiros ja yaõ fogindo) o moço o foi seguindo ás cotilladas, & assi o perseguio, que com o desatino que leuaua do medo, foi tomando o caminho do már, pera a banda do cais da fortaleza que lhe ficaua mais perto que o exercito, & o moço sempre a pos elle, a te se meter pella agoa, por onde o Mouro se meteo, & entrou tanto por ella q̄ lhe deu pello pescoço. E como o Mouro era homem grande, chegou a te parté que o moço lhe não pode chegar: & com a raiua & desejo que leuaua de o ferir, metido na agoa quasi a te o pescoço, se desfazia em golpes que cortauaõ pella agoa. De cima do muro foi visto o trabalho em que estaua, & conhecendo Lopo de Sousa lhe bradou, estocadas, estocadas, Ioaõ. O moço conhecendo a voz do amo, encolheo o braço, & lhe atirou algũas estocadas, metendosse com a furia tanto pella agoa que perdeu o fundo, & indoselhe os pés ficou

todo mergulhado (sem largar nunca a espingarda da outra mão, nem a espada.) O Mouro vendoo submergido, virou sobre elle pera o afogar, auendoo os de cima do baluarte ja por perdido: mas elle tornou a forder acima quasi afogado: & sintindo o Mouro aferrar d'elle, (naõ perdendo o animo naquella hora, & trabalhoso transe,) encolheo o braço, & deu lhe duas ou tres estocadas pella barriga: o Mouro com a dôr da morte o largou, & o moço que ja tinha tomado pé lhe deu tantas a te que o acabou de todo. E vendosse desaliuado d'elle, sayosse da agoa banhado todo no sangue do Mouro: & com a espada em hũa mão, & a espingarda na outra, se foi recolhendo pera a caua, seus passos ordinarios, & muito seguro, chouendo sobre elle nuuens de espingardadas que os Mouros lhe atirauaõ, saindo a recolher Simaõ Furtado, q̄ ja se tinha apartado dos Mouros, deixando feito nelles grande estrago. O moço foi chamado a cima á fortaleza, & Antonio da Sylueira o leuou nos braços, dizendolhe palauras, & gabos de muitos lououres.

Este feito admirou a todos. E assi não lemos, nem ouuimos que acontecessê outro semelhante a Gregos, nem a Romanos, por que fora delles mais celebrado, & em mais volumes, & com mais copia de palauras amplificado, do que o

nos

nos fazemos a os nossos naturaes, como o faz Tituliuio ao seu Coruino, que matou vm Frances em desafio em terra raza & chã, sendo ajudado de vm coruo que lhe perseguia o imigo: Mas nos tratamos as cousas fingelamente, como socederaõ, por que ellas mesmas ficaraõ sendo o louuor de quem as obra. Este moço se chamou depois Ioaõ Gil, d'alcunha o pequeno, por que o era, como ja dissemos, & viueo depois muitos annos casado em Diu, rico, & abastado, a onde o nos alcançamos, & cõmunicamos alguns inuernos que inuernamos naquella fortaleza, sendo Visorrey da India o Conde do Redondo: a este Ioaõ Gil ouuimos contar estas cousas, & outras deste cerco.

E tornando ao nosso fio. Ao outro dia depois que isto passou, coube a vigia da caua a Manoel de Vasconcellos, que com trinta homens se meteo nella, & de madrugada sayo aos imigos, que começauã a acodir á obra do entulho: mas como elles ja estauã preuinidos, não o poderaõ os nossos fazer taõ incubertamente, q̃ não fossẽm sintidos, pello que os acharã ja prestes, trauandossẽ entre elles hũa aspera briga, de que os nossos se recolhẽraõ com mayor dano, por que lhes mataraõ Christouã de Sousa, mancebo fidalgo, de grandes pensamentos, & que prometia de si mूंy grandes esperanças: que primeiro que o

mataffem vingou bem sua morte, fazendo marauilhas, como a teentaõ tinha feito, em todo aquelle cerco. Manoel de Vascõcellos enfadado do roim socesso que teue, negocioussẽ pera se satisfazer. E naõ mór força do dia, estando os inimigos descuidados, deu sobre elles, vingandossẽ bem da perda passada: & depois de fazer nelles grandes danõs, recolheossẽ a seu saluo.

Os Turcos afrontados d'aquelles assaltos, vendo que não sã defendiaõ os Portugueses a sua fortaleza, mas que ainda lhes yaõ dar em seu exercito, determinaraõ de lhe dar ao outro dia vm geral assalto, pera o que se prepararaõ toda a noite. E em rompendo a manhã, arrebertaraõ com todo seu poder, & cercaraõ a fortaleza á roda. Mas os Ianiçaros todos cometerã o baluarte de Gaspar de Sousa com grandes gritas, & estrõdos, começando a sobir pello entulho, a te chegarem a onde os de cima lhe alcançaraõ, achando nelles a resistencia acostumada, & desfenganandoos bem, com morte de muitos. Era este dia da guarda da caua, de Lopo de Sousa Coutinho, que ja de madrugada estaua dentro, & sintindo os imigos dar o assalto, arrebertou pella caua fora, & deu nos que estauã ao sopẽ do baluarte taõ de supito, que o não viraõ, se não depois que luitaraõ os fios de suas espadas, baralhandoossẽ com os imigos, fazẽdo todos

todos os nossos marauilhas. E andando Lopo de Sousa como um liaõ, lhe deraõ hũa bombardada do baluarte do már (que em todos os assaltos varejava de lá os Mouros) mas quis Deos que o tomou em sollayo por hũa espada que a foi roffando, & o pilouro passou a diante, & deu em tres soldados dos seus de que cairã mal feridos. Os mais vendo Lopo de Sousa ferido, & os companheiros, recolheramnos com muita pressa pera a caua, & foraõ alados á fortaleza pera os curarem.

Os Turcos ficaraõ este dia bem escalaurados: & todavia ouueraõ seu conselho, de profeguiem a bataria a te arrasarem o baluarte, por que os assaltos lhe custauã muito: & assi a tornaraõ a continuar mais coatro dias, mettendo nelles todo o resto da artilharia em todas as estancias, & desta vez arrasaraõ todos os aposentos do capitaõ, ao que elle acodio logo, mandando fazer por dentro um nouo contra muro. Isto passaua aos inimigos, por que em derribando algũa cousa, ao outro dia a viaõ repairada, & feita de nouo, como se nunca recebera dano.

A principal cousa por que quiferaõ os Turcos continuar com a bataria, mais aquelles coatro dias, foi, por que pretenderaõ minar nelles o baluarte de Gaspar de Sousa, pera o que tinhaõ prestes

as cousas necessarias: & ao outro dia de noite trouxeraõ hũas grandes traues com vns olhos que as furauã de parte a parte, ao direito vns dos outros: que com muita presteza encofaraõ ao baluarte alamboradas pera fora: & logo lhe passaraõ pellos olhos alguns barrotes que se fechauã nas pontas, por naõ se afastarem as traues, & por cima dellas pregaraõ grossos tabooens, pera lhe ficarem como mantas, & nos pés fizeraõ fortes repuxos, por que naõ corresse para tras: & pera se segurarem dos que lhes sayã da caua lhes entupiraõ aquella mesma noite a boca com muitas ballas d'algodaõ forrados de couros crús.

Feitas as mantas, nesta noite foraõ logo metidos muitos officiaes de minas debaixo pera trabalharem seguros dos tiros de cima: & começaraõ a pôr as mãs á obra, com muita presteza. Antonio da Sylueira tanto que ao outro dia vio as mantas encofadas ao baluarte, bem entendeu que o minauã: pello que mandou Gaspar de Sousa, que com setenta homens se metesse na caua, & desse um assalto nos inimigos pera os embaraçar: & cõ elle mandou algũas pessoas que tinhaõ conhecimento de minas, pera que em quanto durasse a briga se metessem dentro nellas, & as medissem, pera saber sua altura: & onde lhe respondiaõ.

pondiaõ . Gaspar de Sousa muito aluoroçado , escolheo parentes & amigos pera aquelle feito que era muito honroso, ainda que arriscado : & repartio por tôdos lanças de fogo, bombas , panelas de poluora , & faquiteis de couro cheyos della . E tanto que entrou o coarto d'alua , meteosse na caua , repartindo pellos companheiros as cousas que auiaõ de fazer , pera que se não embarçaassem . A vns deu cuidado de queimarem as ballas d'algodão , que entupiaõ a boca da caua : a outros o reconhecerem as minas : a outros de derribarem & desfazerem as mãtas , & estes todos yaõ aforrados , & leuauaõ muitos escrauos , & seruidores pera os ajudarem , por que em quanto elle pelejava com os Mouros , tiuesses elles tempo pera fazerem o que tinhaõ a cargo .

CAPITVLO X.

*De como Gaspar de Sousa cometeo os inimigos : & os nossos reconhecerãõ a mina . E do desastre por que Gaspar de Sousa foi morto . E de como um soldado morreo de puro medo . E dos assaltos que os Turcos deraõ à fortaleza . E de outras cousas .*



STANDO os nossos na caua prestes pera o assalto , sendo meado o coarto d'alua , tomou Gaspar de Sousa cincoenta escolhidos antre todos , deixando os mais em guarda dos que auiaõ de reconhecer as minas , & queimar as ballas : & arrebetando por cima do releixo que vay de longo do muro, deu nos inimigos que estauaõ nas estancias sobre a caua . E tomandoos descuidados de tal sobre salto , entrou os bastiaens matando logo as vigias , & com tanta pressa & furia foraõ passando auante , matando & derribando nos Mouros , que poseraõ todos em fugida , metendosse com isto todo o exercito em reuolta : por que os nossos poucos , de tal maneira fizeraõ nelles um tão cruel estrago , que parecia que era outro poder tão grande como o seu . Os Portugueses que tinhaõ as outras cousas a cargo , tiueraõ bem de tempo pera as executarem : por que vns arremeterãõ com as ballas , & rompendoas por partes lhes meterãõ poluora , & deraõ fogo , com que começaraõ a arder , outros entraraõ nas minas , & as mediraõ muito á sua vontade : & os outros desfizeraõ com muita pressa as mantas , com que deraõ embaixo , & lhe poseraõ fogo . Gaspar de Sousa depois que fez o assalto muito deuaga-

gar, auendosse por satisfeito do dano que tinha feito nos Mouros, & tambem por vir ja amanhecendo foisse recolhendo, indo ja os imigos rececendo sobre elle, tendolhe sempre o rosto, indo elle detras dos seus por se não desmandarem.

E como o desarranjo dos soldados da India he muy grande, por totalmente carecerem da disciplina militar, & da principal parte della, que he a obediencia: deixaraõse ficar tres delles atrás, por fazerem sortes aos imigos. Gaspar de Sousa tanto que o soube voltou sõ pera os recolher, mandando aos seus que fossem deuaagar, com as espingardas no rosto: & elle chegou a vm portal velho, que fora do antigo muro, a onde os seus soldados pelejauão, & ja os não achou, por que se tinhaõ recolhido por de tras de vm pedaço de parede. Gaspar de Sousa não os vendo tornou a voltar, mas achouffe rodeado dos imigos, que tinhaõ dado a volta á parede apos os soldados, que ja eraõ recolhidos: & dando com elle o cometeraõ muy determinadamente. Gaspar de Sousa com hũa espada & ro della, cõ o rosto sempre nos Mouros, que o perseguiraõ bem, se foi recolhendo o melhor que pode, pelejando valerosamente, auendo por afronta virarlhes as costas: & quis antes que o mataffem, que veremno fogir, podendoo elle fazer

cõ honra sua. Os imigos cada vez recreciaõ mais sobre elle, que ya fazendo marauilhas. Do muro bem viaõ o trãbalho em que estaua, & o fauoreceraõ com alguns tiros. Os Mouros foraõ no apertando de feiçaõ, que vendosse taõ perseguido, remeteo com os de diante, com taõ grande furia, que os fez voltar, derribando alguns, leuandoos com aquelle impeto a te fora do portal: saindo elle com aquelle furor de enuolta com elles ao largo: aqui o rodearaõ por todas as partes, mas assi se fazia temer a todos, que não oufãdo a lhe chegarem o perseguiaõ com tiros de arremesso, de que o feriraõ em algũas partes, & por detras o acofsaraõ tanto a te lhe garretarem as pernas & cair morto, depois de ter feito cousas que se esperauaõ de seu valor & esforço. Isto tudo foi visto do muro com grande magoa & dõr de todos, por perderem nelle vm dos principais defensores d'aquella fortaleza. Os seus soldados não viraõ isto, porque estauaõ ja na boca da caua ás lançadas com outro tropel de Mouros, que os foraõ perseguindo.

Morto Gaspar de Sousa, logo lhe cortaraõ os Turcos a cabeça, os pès & as maõs, & o trõco do corpo lhe deitaraõ na praya, por se vingare nisso dos grandes danos, que delle tinhaõ recebido, por que pellas armas o conheciaõ ja: & por triũ-

*Quinta Decada. Da historia da India.*

farem desta vitoria, auendoa pela mayor que ali alcançaraõ, lhe meteraõ a cabeça em hũa lança, & a leuaraõ aruorada por todo o exercito. E posto que neste recontro se perdesse vm varaõ taõ afsinalado: todauia foi vm dos mayores que os nossos tiueraõ mais em dano dos imigos, de que morreraõ mais de cento: & lhes desmancharaõ as mantas, & queimaraõ as ballas, em que o fogo andou com muita braueza coatro dias. Antonio da Sylueira finio em estremo a morte de Gaspar de Sousa, & sabendo dos que foraõ reconhecer as minas pella medida dellas, que chegauaõ ja ao meyo do baluarte, tomando a medida da altura, mandou logo com muita presteza fazer outras contra minas, com seus repairos & repuxos muito fortes, & por dentro mandou desfazer a mina, & entulhar o lugar por onde ya, com hũa muito grossa parede de pedra & cal, o que tudo se fez logo. E mandou recolher o corpo de Gaspar de Sousa, por homens que a isso sairaõ de noite pella couraça, & lhe deraõ muito honrada sepultura com muitas lagrimas de todos. Naõ dizemos a geraçaõ deste fidalgo, por que a naõ soubemos, sua morte (& de todos os outros que morreraõ na guerra, & as infirmitades, & a falta que se começaua a sentir de todas as cousas, & sobre tudo verem quan-

to tardaua o soccorro de Goa: & que das fortalezas de Baçaim, & Chaul, os naõ soccorriaõ com cousa algũa, por que naõ ousauaõ a tirar nada de si, que tambem se receuaõ dos Turcos) & todas estas cousas tinhaõ metido tamanhos medos & desconfanças em algũs homens, que andauaõ como pasmados, principalmẽte em vm chamado Ioaõ da Noua, auido por muito bom soldado, & que sempre o viraõ pelejar muito bem.

Este auêdo a fortaleza por perdida, parece que imaginando na morte, lá lhe correo vm humer frio, & malenconico pellas veas de tal feiçaõ, que ficou como homem tonto, & pasmado, & esquecido de tudo, sem armas, como homem assombrado andaua pellos baluartes persuadindo a todos que se entregassem aos Turcos a partido, & que grangeassem as vidas, por que a fortaleza estaua em estado, que se naõ podia defender. Disto zombauaõ todos, entendendo que aquillo era malenconia, & ja o naõ deixauaõ entrar nas estancias, do que o triste com grãde dôr & tristeza, de lugar em lugar andaua solitario, cuidando na agonia da morte, & chegou isto a tanto, que veyo a cair em cama, resfriandose lhe de todo o calor natural, & espirito vital, & em poucos dias morreo, entendolhe mũy bem os medicos sua infirmitade, applicadolhe os remedios

medios necessarios a ella, que eraõ esforçallo, animallo, affirmando-lhe que ja vinha o Visorrey, & q̃ os Turcos se embarcauão: o que nada aproueitou, por que tinha ja o mal tomado tamanha posse do coraçãõ, que naõ deixou obrar alguma cousa destas.

Este caso foi ainda mais espantoso que o d'aquelle Ditamo soldado d'Elrey Antigonõ, que sendo muito enfermo, auorrecendo-lhe a vida pellas dores que passaua: todas as vezes que entrava nas batalhas fazia tamanhas façanhas, que espantava a todos: pondosse sempre na dianteira nos mores riscos, como quem naõ estimava a vida, pello que Elrey o veyo a estimar tanto, que o mandou curar como sua propria pessoa: & assi foi curado, que veyo a sarar de todo: & gostando da saude, assi estimou por ella a vida, que quãto primeiro a arriscaua pella infirmitade, tanto depois a poupaua, & resguardaua: com o que ficou taõ acouardado, que publicamente fogia das batalhas, & se regelaua de medo todas as vezes que as via romper.

Tornando a nossa historia. Os Turcos foraõ continuando sua bataria asperriamamẽte, fazendo muitas ruinas por muitas partes: principalmente no baluarte que foi de Gaspar de Sousa, que o capitaõ deu a vm caualeiro muito hõrado chamado Rodrigo da Proença, q̃ era da obrigaçãõ de Nuno da Cunha:

que trabalhou muito por se naõ sentir nelle a falta do capitaõ passado. Este dia que foi o derradeiro dos coatro da bataria, acabaraõ de arrasar este baluarte a te o entulho, ficando todo desabrigado, & sem defensaõ: & os Portugueses recolhidos de tras da derradeira parede que tinhaõ feita: com o que ficauãõ sõ com vm terço do baluarte, & ainda delle derribado muita parte: ficando sõ da altura de vm homem a te os peitos. Os Turcos vendo o baluarte naquelle estado, firaõ de suas estãcias cõ as bandeiras estendidas, & o cometeraõ, entrando logo em cima, por que se lhe naõ pode defender: ficando d'aquella feita senhores das duas partes delle, & antre elles & os nossos, aquella pequena parede que os Turcos cometeraõ com grande determinaçãõ: mas os nossos lha defenderaõ mûy bẽ: por que como o que ficaua aos Mouros naõ era capaz de muita gente, quasi pelejauãõ iguaes, mas tinhaõ muita vctagem nos soccorros: porque em lhe matando vm Mouro, se punhaõ logo outros, o que os nossos naõ podiaõ fazer. Aqui fizeram os Portugueses grande destruiçãõ nos imigos. A referta foi crescendo muito, & pella fortaleza correo a fama do baluarte estar pellos Turcos, com o que muitos descoraçoaraõ. Antonio da Sylueira naõ perdendo ponto de seu animo, mandou soccorrer com gente das

te das outras estancias, prouendo em as armas & coufas necessarias, animando a todos com grande segurança, & confiança. E por que isto era ja de noite, & os imigos não deixauão de porfiar sobre a entrada da parede, que lhe os nossos com grande valor defendiaõ, sem lhes lembrar repouso, nem quererem dar lugar a outros de refresco, & a escuridaõ era grãde, & o estrondo, & brãmidos muitos, metiaõ grande medo, & causauão espanto na fortaleza.

E por que algũs se yaõ retraindo do baluarte, de medo, & se passauão pera os outros, foi Antonio da Sylueira auisado: & receando que aquillo fosse causa de sua perdição, mandou com muita pressa tirar tres ou coatro de graos antefachados da escada que ya pera aquelle baluarte, que era de madeira, por que os que fossem fogindo, dessem por elles abaixo de focinhos, pera os auer as maõs, & castigar, pera exemplo dos outros, como fez a algũs. Isto lhe foi mũy grande remedio, por que de vergonha o deixaraõ de fazer. Esta noite foi pera todos os da fortaleza de mor trabalho & confusaõ q̃ todas as que ouue em todo o discurso do cerco: por que sempre estiuerãõ com as armas nas maõs, pelejando com os Turcos, que por hũa parte apertauãõ com os nossos, & pella outra trabalhauãõ em fazer vns vallos n'aquella parte do

baluarte, que lhes ficaua pera sua defençaõ, cauando o entulho pera isso, o que se não fez sem muita perda, & dano seu: por que os nossos como estauãõ á lerta com a espingardaria, não faziaõ se, não derribar nelles: & com as panellas de poluora abrazalos. Neste trabalho & conflito passaraõ a noite toda.

CAPITVLO XI.

*De um nouo, admiravel, & nunca visto ardil de fogo que os nossos inuentaraõ pera se defenderem. E dos assaltos que ouue. E do soccorro que chegou de Goa.*



O outro dia tanto que amanheceo, meteraõ os Turcos todo o resto por entrarem as paredes, mas acharãõ os nossos taõ espartos, como se toda a noite repoufaraõ, rebatendoos com grande valor & esforço, matando, & ferindo muitos. Foi este cometimento medonho, cruel, & espantoso: por q̃ parecia que se desfazia o mundo em gritos, prantos, estrondos. E assi cõ a barbara crueldade dos Turcos, como com os clamores, & misericordias, que as molheres, & mininos (que acodiraõ áquella parte) pediaõ a Deos pellas ruas. Os Turcos apertaraõ muito cõ os nossos, & estete

& esteue a cousa arriscada a se perder, se Deos (que ainda não queria desemparrar aquella fortaleza) não inspirara no coração de vm d'aquelles homens, vm nouo feruor & conselho. Que vendo tudo tão perigoso, bradou alto por fogo & por lenha, & corrédo esta voz pela fortaleza, em muito breue espaço acodio aquelle exercito feminino carregado de tudo isto.

E tomando os nossos a lenha a poseraõ sobre a parede que os diuidia, que era muito larga: & pondolhe fogo começou a atear com grande estrondo, com o que os Turcos se afastaraõ pera fora, por não poderem sofrer suas labaredas. Vendo os nossos quanto aquelle remedio aproueitaua, mandaraõ leuar muita lenha, com que foraõ ceuando o fogo, & assi com este nouo arteficio se defenderaõ doze dias, o que foi vnico remedio d'aquella fortaleza, cujo autor merecia não ser esquecido no mundo, como este foi, por que nem Lopo de Sousa Coutinho, q se achou presente, & escreueo este cerco, né loãõ de Barros, que tambem o fez separado, nem outros escritores, né os homens que se nelle acharaõ (que alcançamos muitos a quem o perguntamos) daõ rezaõ de seu nome. E se não foi voz do ceo, (por que se em todas as cousas da India faltaraõ milagres, fora tudo acabado) deuia de ser algum homem apagado, & não conhecido,

como se este negocio não bastara pera dali em diante vir a ser honrado, & nomeado no mundo, em q não faltaraõ sempre estas miserias & descuidos. Por que d'aquelles Lacedemonios tão politicos lemos, que dando no Senado vm homem (que deuia de ser tão apagado como este) outro conselho, em grande prol, & utilidade d'aquella Republica, lançandoo fora, mandaraõ ao mais honrado d'aquelles Senadores, que o tornasse a recitar com as mesmas palauras: como se elle fosse o autor delle, auendo por vituperio seguirem o conselho de homem de baixa sorte, como se não fora aquillo vm furto manifesto, & encobrir a virtude alhea, q he vm dissimulado vituperar, por que sempre se deue diãte dos grãdes do mundo mais premio & lugar ás virtudes, & ao valor, ganhado por proprio braço, que as herdadas dos auós, como disse Elrey Antigono, áquelle mancebo mal acostumado, que por muito nobre diante delle queria preceder a os outros. E posto que deua muito a Deos o que nace nobre, por que nelle resplandessem sempre mais as virtudes, quando saõ em igual grao do outro não tambem nacido: todauia nem por isso deuem de deixar de ser louuadas, & engrãdecidas neste, com este nosso Portugues, que deu vm tão proueitoso conselho, & seja quem quer que fór, não perderá nesta nossa historia

ria o preço de sua virtude, todas as vezes que lhe foubemos o nome, do que lhe ficaraõ em obrigação de restituicão os homens d'aquelle tempo, que de proposito lho encobrião.

E por que nos vem aqui apello, não deixaremos de estranhar a desconfiança. (a que não sey outro nome) dos Governadores, & Visorreyes da India, que por não chamarem aos conselhos publicos homens que não são fidalgos se ariscaõ muitas vezes a delacertar: por que muitos caualeiros, & homens nobres ha na India, que não foraõ pior nacidos que alguns destes fidalgos, que tem mais experiencia, & discursos nos negocios todos, & que seu parecer pode aproveitar muito ao seruiço de Deos & d'Elrey. Por que, que rezão ha pera dar o fidalgo de coatro dias na India seu voto, nas coufas arduas que se offerecê de Malaca, Maluco, Ceilaõ, & dos estreitos: se nunca viraõ mais que a armada do Malauar: quando ha caualeiros honrados & velhos que as viraõ & trataraõ, & que de tudo podem dar muito boa, & certa informaçãõ? E posto que alguns Visorreyes, como cada dia costumaõ os mandem chamar sós pera tomarem seu parecer: o meu seria q̃ lho não dem, nem lhe respondeãõ a proposito, pois lhe negaõ o lugar em publico, q̃ lhes a idade, esforço, experiêcia, & hõra tẽ dado.

Tornando a nosso fio. O fogo foi cõtinuando, & o grande ardor delle fez retirar os Turcos, & largarem o baluarte: mandando das estancias a tirar as fogueiras em q̃ deraõ muitas bombardadas que leuaraõ os tiçoens por effes ares, donde tornauaõ a cair sobre os Portugueses tratandoos mal: mas pella necessidade em que estauaõ não sentiaõ tanto as chagas, nem largauaõ o lugar, trazendo tanto tento no fogo, que asy como as bombardadas o desfaziaõ, asy õ tornauaõ logo a renouar. E ja se não contentaraõ de o sustetar em cima da parede, mas ainda o deitaraõ da bãda de fora, pera a parte em que os Turcos estauaõ, ceuando de ordinario, pera o que fizeraõ grandes bicheiros de ferro com que lhes chegauaõ a lenha, & desta maneira se foraõ sustentando, ainda que com muito trabalho.

Antonio de Sousa capitaõ do baluarte do már, não se descuidaua de sua obrigação, antes estaua tanto á lerta, que todas as vezes q̃ os imigos sobiaõ pera o baluarte, empregaua nelles toda a moniçãõ, por que lhe ficauaõ em descuberto, fazendo nelles tal estrago, que de escandalizados, determinaraõ os Turcos de o cometerem por már, & ganharemno: por que depois lhes seria mais facil o negocio da fortaleza. Pera este cometimento mandaraõ preparar muitas

nuitas barcaças: & entre tanto viraraõ pera elle todos os bazalifcos & canhoens d'aquellas estancias que o descobriaõ, & lhe deraõ todo vm dia hũa espantosa bataria, com que lhe derribaraõ a parede da couraça, & a seruintia da porta, que se logo repairou com muita pressa. E primeiro que cometessem o baluarte do már (em quanto durou a bataria, por não estarem aquelle dia ociosos) determinaraõ de ver se podião acabar de ganhar o baluarte do fogo, em q̄ ja tinhaõ os dous quinhoës, & pera isso se armaraõ alguns de armas inteiras, com çapatos de ferro, pera porem os pés seguramente por cima do fogo, & com mascaras de aco, por causa das labaredas, leuando outros bicheiros de ferro que mandaraõ fazer, como os que os Portugueses tinhaõ, pera com elles espalharem o fogo. E assi com muito grande de terminaçãõ cometeraõ a entrada, deitando muitos arteficios de fogo sobre os nossos pera os afastarem da parede: & com os bicheiros começaraõ a afastar o fogo, pera os armados passarem: mas os nossos assi os escandalizaraõ, que passando pello fogo lhe deitaraõ em cima muita poluora com que abrasaraõ muitos, começandosse a retrair, & os bicheiros de parte a parte a laborar: vns espalhando o fogo, outros ajuntandoo, & applicadolhe cada vez mais lenha, com o

que as labaredas eraõ cada vez mayores. Muitas vezes se encontravaõ vns bicheiros com os outros trauandosse, & embaraçandosse: & por esta rezaõ, hũa vez, vm homem chamado loaõ Rodriguez (homem quasi agigantado, que n'aquelle negocio dos bicheiros tinha trabalhado mais q̄ todos) este ganchando o seu bicheiro com outro dos imigos, em que estauaõ aferrados coatro ou cinco, taõ fortemente puxou por elle, que os trouxe a todos arrastoados dando com elles sobre a fogueira, de que fairaõ bem escaldados.

E por não particularizarmos os casos que aqui acontecerãõ (que foraõ tantos & taõ grandes, que pera cada vm auia mister vm capitulo) dizemos aqui em soma, que este foi o mais bem cometido, & defendido dia a te entaõ: fazendo os Portugueses todos tamanhas cousas, que era espãto: por que ali acodio toda a força da fortaleza, reuezendosse na briga, & no trabalho, por assi tomarem mais alêto. Antonio da Sylveira em pé jũto da escada que ya pera o baluarte, via com seu olho tudo o que se nelle fazia, & os que sobiaõ & deiciaõ, trazendo homens que não faziaõ mais que repartirem moniçoens, pelos que pelejauaõ.

As molheres não descansauaõ de acarretar lenha, no que andauaõ taõ prestes, & continuas, q̄ nem de dia,

de dia, nem de noite tomavaõ vñ pequeno de descanso. Os Mouros perdida de todo a confiança recolheraõse, de ja não poderem atuar, nem sofrer as muitas cousas com que os nossos os derribavaõ. Neste combate morrerãõ quatro Portugueses, & ficaraõ vinte & cinco feridos, em que entraraõ Francisco de Gouuea, Manoel de Vasconcellos, Duarte Mendez, & Rodrigo de Proença, que lhe deraõ hũa frechada pella boca, & outros a que não achamos os nomes. A quem nẽ cansasso, nem as muitas feridas foraõ parte pera se recolherem, por que ali se mandavaõ curar, & ali se deixavaõ ficar. Ia neste tempo eraõ mortos corenta homens, & estavaõ sessenta feridos, & faltavaõ monçoens, & muitas outras cousas necessarias, pello que avia grandes desconfianças na fortaleza.

Mas como Deos nas mores necessidades soccorre a seus seruos, quando mais atribulados estes seus estavaõ, chegaraõ aquella fortaleza, os navios que tinhaõ partido de Goa, de que eraõ capitaens Gonçalo Vaz Coutinho, Francisco Médez de Vasconcellos, Antonio Médez seu primo, & Martim Pacheco: que depois que deraõ á vela, sem se deterem em cousa algũa, foraõ aver vista da outra costa aos vinte & sete de Outubro: & indo demandar Diu ao Sol posto, ouve-raõ vista da armada Turquesca,

& della tambem foraõ vistos, mas como ja ya escurecendo, & os Turcos não poderaõ diuisar bem quantos navios eraõ, & tinhaõ por novas que o Visorrey ficava pera partir, ouve o Baxá que seriaõ aquelles navios da sua dianteira, pello q se começou a preparar, & toda a noite esteue com grande temor, & vigia.

Os capitaens dos navios, tanto que anoiteceo, tomando o remo em punho, foraõse desviando da armada, & entraraõ em Diu muito a seu saluo. Da couraça grãde foraõ vistos, & perguntando que navios eraõ, deraõse a conhecer: pello que com grande aluoroço deraõ recado ao capitaõ que acordio a recebello, mandandolhes abrir a porta da couraça pequena, por onde entraraõ, & foraõ leuados nos braços de todos, com grãdes festas & alegrias. Antonio da Sylueira sem se apartar dali, mandou recolher dentro todas as monçoens, & mantimentos que traziaõ, & algũa artelharia miuda: & escreuendo hũa breue carta ao Visorrey, em que lhe pedia o soccorresse em todo caso com á mór breuidade que podesse, tornou a despedir os navios, entregues a seus mocadoens, por que não vissent os inimigos pella menham o pequeno socorro que lhes viera. E pera os mais embarçar mandou de madrugada embandeirar a fortaleza, & fazer muitas folias, como ho-

mens

mens contentes & alegres, & que tinhaõ ja o soccorro dentro. Os Turcos ao outro dia pella menhã vendo aquellas mostras, entendẽdo que era soccorro que lhes viera, & naõ vendo no rio nauios alguns, tẽdo de noite vistos aquelles, ficaraõ embaraçados, auendo que a copia dos nauios era mayor do que de noite enxergaraõ: & que depois de lançarem gente dentro na fortaleza se tornaraõ a partir. Com esta magoa ficaraõ por entaõ, sem saberem o que era.

## CAPITULO XII.

*De como dom Duarte de Lima chegou com as nouas de Diu ao Visorrey dom Garcia de Noronha: & das armadas que despedito em seu soccorro. E do grande assalto que os Turcos deraõ ao bualuarte do mar.*

**D**O M Duarte de Lima deuse tanta pressa no caminho, que em poucos dias chegou a Goa, & deu ao Visorrey as cartas de Antonio da Sylueira, & o informou do que vira, & do estado em que a fortaleza de Diu ficaua, pello que com muita pressa despedito Antonio da Sylua com corẽta nauios ligeiros, com regimento, que visse se se po-

dia meter em Diu sem risco algũ, & que quando naõ, de noite se possessesse á vista da armada do Turco, & lhe fizesse grandes carrancas de bombardadas, & fuzis: por q̃ cuidassem que era a sua dianteira, cõ o que poderia ser se recolhessem: & que de tudo o que lhe socedesse, o auisasse por vm nauio muito ligeiro: & que de Chaul a te Goa, teria nauios por paragens, pera q̃ em poucos dias tiuesse rebate. Antonio da Sylua se fez á vela, & dos capitaens que o acompanharaõ, só de poucos achamos os nomes, mas por que de todo se naõ esqueçaõ, diremos os dos que vieraõ a nossa noticia. Dom Luis de Taidẽ, que depois foi Conde d'Atouguia, dom Martinho de Sousa, dó Duarte de Lima, o que veyo de Diu. Fernaõ de Moraes, Antonio Fernandez de Siqueira, Matheus Pereira, Gaspar Moniz, Francisco Martins, Ieronymo de Figueiredo, Aluaro de Siqueira, Francisco de Siqueira o Malauar, & outros. Em algũas lembranças achamos, que dom Manoel de Lima foi em alguns nauios diãte, mas naõ sabemos o que lhe socedeo.

Seguindo Antonio da Sylua sua jornada, de Chaul despedito Francisco de Siqueira o Malauar, por ser muito ligeiro o seu nauio, & elle grande homem do mar, pera q̃ fosse entrar em Diu: & por elle escreueo hũa carta a Antonio da Sylueira de sua ida, pedindo lhe o auisasse

auisasse do modo, o como, & quando poderia entrar n'aquella fortaleza: encomendando ao Siqueira notasse muito bem a armada. O Visorrey tanto que despedio esta armada, o fez logo a outros vinte & coatro nauios de remo, de que fez capitaõ mór Iorge de Lima, com regimento que se estendesse com elles des dos ilheos queimados a te Chaul, pera lhe mandar todos os dias recado da armada dos imigos. Nestes nauios cuidou eu que foi dom Manoel de Lima, & que Iorge de Lima o apartou com sete ou oito nauios pera andar de Chaul a te Baçaim, & elle com os mais se estedeo de Chaul a te os ilheos queimados, tendo de dous em dous em paragens.

Partidos estes nauios, despachou o Visorrey as naos do reino pera irem a Cochim tomar a carga, que eraõ coatro as mais pequenas & velhas, por que as outras de mayor porte tinha metidas na sua armada, que eraõ as principaes forças della. Nuno da Cunha (segundo nos disse vm fidalgo bem honrado) se offereceo ao Visorey pera o acompanhar na jornada, de que elle o escusou, por que queria toda a honra pera si: o que visto por Nuno da Cunha lhe pediu hũa nao boa pera se embarcar, porque o tinha asy prometido a seu pay Tristaõ da Cunha, que lhe elle negou dizendo, que quando lhe fizera aquelles comprimentos, naõ

estaua cercado de Turcos, como entaõ se via. Sobre isto tiueraõ algũas rezoens de que Nuno da Cunha ficou desgostoso, & se embarcou pera Cochim, a onde se negociou pera o reino: & das naos que estauaõ á carga, escolheo hũa que era de Vicente Gil pequena, mas muy boa de manhas. E por que adiante auemos de tratar de sua viagem, o deixamos a te lhe caber seu lugar, por que he necessario tornarmos a Diu que está em aperto.

Os Turcos depois de entrado o socorro que dissemos, naõ deixaraõ de continuar com a bataria do baluarte do már, a te lhe acabare de arrasar a couraça: Ao outro dia seguinte que foraõ vinte & nove do mês, em que tinhaõ determinado de lhe dar o assalto, arrebetaraõ da cidade cõ cincoenta embarcaçoens, em que yaõ perto de mil & quinhentos Turcos, cujo capitaõ era Mamede can, & com grandes estrondos de tambores, trombetas, & outros instrumentos barbaros remeteraõ com o baluarte pella parte da couraça que olha pera dentro do rio. Antonio de Soufa vendo aquillo, preparouffe o melhor que pode, acedindo a aquella parte com trinta companheiros que tinha muy animosos, & todos com grandes desejos de mostrarem ja aos imigos a vontade de lhes tinhaõ, repartindosse pellas partes mais necessarias, com muitas

muitas lanças de fogo, panellas de poluora, & outros instrumentos mortaes. Da fortaleza grande foi visto passar aquella frota contra o baluarte, & como lhe passava perto & a geito, despararaõ nella muitas bombardadas, que deraõ em meyo dos nauios, metendolhes no fundo duas barcaças, & matandolhes nas outras muita gente. A armada passou auante a te pôr a proa no baluarte, que de maré vazia fazia n'aquella parte vñ releixo, que tambem estaua entulhado a te cima com a califfa & pedra da parede, que com a importuna bataria foi derribada naquella parte. Este lugar seria capaz de duzentos homens que logo saltaraõ nelle cometendo a sobida do baluarte, que lhe era muito facil na opiniaõ, mas muito difficultosa na obra dos nossos. Das barcaças atiraraõ muitas bombardadas, pera despejarem aquelle lugar que estava roto & defabrigado, por onde subiraõ alguns em cima: mas os nossos que ficauaõ com elles ja emparados arrebentaraõ como trouoens com as lanças de fogo aceras, & aos primeiros botes deraõ com os Turcos em baixo bẽ queimados, & escalaurados: sendo Antonio de Sousa o dianteiro, que cõ o seu grande animo pelejava, & esforçava aos seus, que assi trabalhauaõ de o satisfazer, q̃ ja se não contentaõ de lançar os inimigos fora de sua casa, se não ainda desejavaõ de

se baldearem com elles em baixo pera satisfazerem nelles sua ira. Os Turcos afrontados do socesso tornaraõ a cometer a sobida, acendõsse mais a furia da batalha, não cessando a bataria das barcaças, q̃ nos nossos fez muito dano, por q̃ pelejavaõ descubertos, & não se queraõ recolher pera dentro: & assi os Turcos tornaraõ a caualgar em cima do baluarte: mas Antonio de Sousa afrontado d'aquelle negocio, remeteo com os seus soldados, que andauaõ como lioens raiuosos, & a pezar dos Mouros cõ grandes estragos os tornaraõ a lançar embaixo, & apos elles muitas panellas de poluora, de que abrazados se recolheraõ ás embarcaçoens mais depressa do que elles saltaraõ em terra: & tomando o remo em punho se foraõ afastando, por que começaraõ a chouer sobre elles bombardadas, & espingardadas, assi do baluarte, como da fortaleza grande, com o que lhe mataõ muitos.

Os Turcos sendo ja afastados, & em parte q̃ lhes não chegauaõ os tiros: tornaraõ a cuidar quaõ grãde vergonha & afronta era fogirem a taõ poucos homẽs, sendo elles tantos, & os mais escolhidos em todo o exercito, & voltãdo outra vez com a furia q̃ lhes fazia levar tamanha afronta pera a satisfacão della, com determinacão de ou morrerẽ todos, ou ganharem aquelle baluarte, & desembarcãdo

*Quinta Decada. Da historia da India.*

outra vez nelle, cometerão a sobrida como desesperados. Mas os valerosos soldados com as lanças de fogo de fresco se meterão no meio delles, & de tal maneira os abraçaráo & escaldaráo, q̄ tornaráo a dar com elles em baixo, tão escandalizados, & tão mal tratados, que determinaráo de se tornarẽ antes com sua magoa, que experimentarẽ outra vez o ferro & braço Portuguez. E assi se embarcárao m̄uy apressadamente, dandolhes da fortaleza grandes apupadas pera os enuergonharem: mas o medo que leuauão era tal, que não curaráo de mais que de saluar as vidas.

E sendo ja defronte da cidade fora de medo, tornou Mamedecan a cair em quaõ afrontado ficaua d'aquelle negocio, que lhe tãto foi encomendado, & que lhe bastaua pera o danar com o Turco, com quem estaua muito bem acreditado: & correndo as embarçaõens todas, fez a todos hũa breue fala, em q̄ lhes lembrava as obrigaçoẽs q̄ tinhaõ por Ianiçaros da guarda do Graõ senhor, & que aquella afronta ficaua sendo em vituperio de sua naçaõ: por que, que rezaõ auiaõ elles de dar a fogirem a menos de trinta homẽs, sendo elles tãtos & tãto escolhidos? que lhes pedia tornassem por sua honra, por q̄ era muito melhor morrerem, q̄ viuerem tãto afrontosamente: & com isto os fez voltar. Chegados

outra vez ao baluarte, com noua soberba & furor, querẽdoõ comer, quis Deos guiar vm pilouro de vm berço pera o Mamedecan, q̄o tomou pellos peitos, & o derribou logo mortal. Os seus que yaõ mais por vergonha que por honra, tornaráo a voltar com grande pressa, não querendo experimentar terceira vez a ira dos nossos, indo a pos elles muitos pilouros de bombardas que da fortaleza lhe atiraráo, dandolhes outras gritas & apupadas, & assi se recolherão á cidade com muitos mortos & feridos.

E por que das barcaças que se arrombaraõ com as bombardadas andauão alguns Mouros sobre a agoa, que não poderaõ tomar as embarçaõens, por causa da corrente da maré, mandou Antonio da Sylueira alguns homens em hũa almadia, pera que lhe tomassem algũs viuos, pera delles saber algũs auisos: estes soldados matareaõ todos os que acharão no már, recolhendo sós dous. Antonio de Sousa, tanto que os Mouros se recolherão, mandou os mortos á fortaleza pera os enterrarem, & aos feridos pera os curarem: & antre estes ya vm Fernão Penteado, homem nobre & muito bom caualeiro, q̄ ya ferido na cabeça, & Antonio Manhoz com vm braço quebrado, & Fernão Correa com outras feridas, que todos pelejaraõ muito valerosamente.

CAPITULO XIII.

*Do grande & perigoso assalto, q̃os Turcos deraõ ao baluarte do fogo. E de um honroso & espantoso feito que fez Feruaõ Penteado: & de outro muito notauel & gracioso que fez hũa d'aquellas mo- lheres: & da morte que os mo ços da fortaleza deraõ a um escravo por hũa palavra que disse em fauor dos Mouros.*



O M o roim socesso do baluarte do már, ficaraõ os Turcos m̃uy quebrantados, & cheyos de ira, & querendosse vingar de tantas afro- tas: tanto que se as embarçoens recolheraõ, sairaõ de seus exerci- tos com todo o poder, suas badei- ras desenroladas, & com grande estrondo de instrumetos & gritas, remeteraõ cõ o baluarte do fogo, por onde sobiraõ com grãdes ter- remotos, pondosse os q̃ couberaõ nas duas partes q̃ estauaõ por elles, & á porfia cometeraõ as paredes, em q̃ os nossos ja os esperauaõ, cõ as forças taõ inteiras como se nũca tiueraõ trabalhado, acodindo vns ás fogueiras, deitadolhes lenha & sustetandola cõ os seus bichei- ros, & outros cõ suas armas & espin- gardas cõ q̃ empeciaõ bẽ aos imi- gos, outros cõ panellas de poluora.

Os imigos pella mesma maneira, vns se occupauaõ em espalhar o fo- go, outros em pelejarẽ ás espingar- dadas, & em fim todos de hũa & outra parte em trabalharẽ, vns por ganhar aq̃llas paredes, outros polas naõ perderẽ, sobre o q̃ se baralhou a cousa de feiçaõ, q̃ tudo o q̃ se via & ouuia eraõ coriscos, labaredas, & incédios, vozès, bramidos, & tudo o mais hũa representaçaõ do in- ferno.

Antonio da Sylueira estaua em seu lugar, prouedo tudo, mãdando reforçar o baluarte cõ mais gente, acodindo ali aq̃lles capitaes, q̃ che- garaõ de Goa de refresco, tomãdo os lugares mais perigosos, obrãdo todos cousas dinas do valor Portu- guez. E tudo foi necessario, porq̃ os Turcos pelejauaõ cõ desesperaçãõ apostados todos a morrerẽ d'aq̃lla feita, ou concluirẽ cõ aq̃lla fortale- za: & assi se metiaõ pello fogo co- mo barbaros, se ordẽ nẽ cõsideraçãõ, o q̃ tudo era muito diferente nos Portugueses, q̃ pelejauaõ com muita confiança, segurãça, & ordẽ, por q̃ cõ serẽ taõ poucos, assi esta- uaõ repartidos por seus lugares, q̃ nẽ os q̃ pelejauaõ cõ as espingar- das embaraçauaõ aos das panellas de poluora, nẽ os dos bicheiros tin- haõ quem os estoruasse, & assi fa- ziaõ cousas taõ grandes & taõ ad- miraueis, que em pouco espaço poseraõ os imigos em descon- fiança: por que lhes tinhaõ tantos mortos & abrafados, que os viuos

*Quinta Decada. Da historia da Jndia.*

lhes era necessario pera pelejarem por cima dos que estauão estirados acabádoos de matar. Aqui foi a reuolta tamanha que parecia q se entrava a fortaleza, & o reboliço por ella foi tal, que chegou esta voz a casa de Fernão Lourenço marido d'aquella boa Ana Fernandez que estaua curando os feridos, que áquella hora chegaraõ do baluarte do már: & sendo ouuido por Fernão Penteado (que estaua aguardádo q se acabasse de curar outro, pera o elle fazer tambem) & perguntando o que era, dizendolhe q se entrava o baluarte, não lhe sofrendo o coração, & animo Portugues estar ali, sayosse pella porta fora com hũa alabarda nas mãos, & sobindo ao baluarte passou coin grãde furia por todos, a te se pór no lugar da batalha, em que começou a fazer marauilhas, apresentandosse no mayor perigo, a te que lhe deraõ outra cutilada pella cabeça, q o obrigou a ir buscar o remedio pera ambas. Chegando a casa do Surujaõ achou occupado na cura de outros homens, por q não tinha hora vaga: & como o negocio do baluarte esteue desta vez mūy arriscado, & nelle creciaõ os gritos & alaridos cada vez mais, & pellas ruas andavaõ corrêdo molheres & mininos pedindo misericordia a Deos com grãdes gritos & prantos: dãdo isto outra vez nos ouuidos de Fernão Penteado, affirmandosse q o ba-

luarte era perdido (feruendolhe o coração no peito por que estaua ali ocioso, auendo q o lugar da brigada era o mais seguro & descãfado) sem esperar pella cura, tornou a lançar pella porta fora, & entrando no baluarte passou ao lugar da brigada, que estaua no mais arriscado ponto em que se nũca vio (por terem os Turcos espalhado o fogo, & ja pelejauaõ sobre a entrada da parede) & como se não tiuera cousa algũa começou a pelear como vm liaõ, por vm grande espaço, a te que a fortuna inuejosa do valor de seu braço, ordenou que lhe dessem por elle hũa lançada, q de todo o inhabilitou pera mouer as armas, & sêdo lhe necessario recolherse o fez com muita tristeza & magoa de seu coração, por ser a ferida por parte que não podia tomar della satisfação, & foi demandar a casa do mestre onde se curou de tres feridas q eraõ todas bê perigosas, de q sarou. Mas o q o ferro & o fogo não poderaõ acabar, o fez a agoa, por q depois deste certo passado, morreo este valeroso soldado afogado, em hũa fusta q se perdeu. E posto q não chegou a ter satisfação de seus merecimêtos darlha emos nos nesta nossa historia, com o deixarmos conhecido ao mūdo, em quãto elle durar: por que estes saõ os galardocens que os varoẽs famosos mais pretenderaõ que todos, q os Philosophos antigos ouueraõ pellos mayores premios que

que a virtude podia ter: como fin-  
 tia Bruto escreuendo a Cicero di-  
 zendo assi. Que cousa ha melhor  
 que a memoria dos bõs feitos, pos-  
 to q̃ os illustres animos não vão  
 tanto a pos os premios & louuo-  
 res, quanto a pos a virtude: por q̃  
 ainda que muitos por sua grande-  
 za de animo não procurassem glo-  
 ria, nem por isso deixaraõ de a al-  
 cançar: por que depois lhe veyo  
 com mayor vontade:& bem se sa-  
 be, que nenhũa virtude recebe tão  
 tos lououres como a fortaleza.

E tornando a nosso fio. A briga  
 no baluarte ya crescendo cada vez  
 mais com grandes danos de parte  
 a parte: mas da dos imigos foi o  
 estrago tamanho, que não o podê-  
 do sofrer se lançaraõ do baluarte  
 abaixo, palmados do que viraõ,  
 deixando aquelle lugar entulhado  
 dos corpos dos seus mortos, leuan-  
 do a mor parte dos que escaparaõ  
 bem grandes sinaes das maõs dos  
 nossos, de que não morreraõ mais  
 de dous, ficando porem corenta  
 mal feridos. Ia neste tempo não a-  
 uia mais de duzentos & setenta  
 homens saõs, pera poderein pele-  
 jar, por que cincoenta eraõ ja mor-  
 tos, & auia mais de setenta feridos  
 & aleijados, & sobre tudo isto, auia  
 ja falta de poluora d'espingarda, &  
 de chumbo.

Passado o combate (por que a  
 te entaõ não ouuera tempo) man-  
 dou Antonio da Sylueira levar diã  
 te de si os dous Turcos que foraõ

tomados no már, de quem soube  
 tudo o que quis:& lhe affirmaraõ,  
 q̃ no exercito auia grãde medo da  
 armada do Visorrey: & que eraõ  
 mortos na guerra quasi oitocentos  
 homés, & que passauaõ de mil os  
 feridos: & que o Baxá determina-  
 ua de meter todo o resto por ga-  
 nhar aquella fortaleza, primeiro q̃  
 o Visorrey chegasse. O capitaõ de-  
 pois de informado de tudo, entre-  
 gou os Turcos a certas pessoas, pe-  
 ra que de noite lhe fossem dar fũ-  
 do no már, & foraõ por entre tão  
 recolhidos em hũas casas.

Pella fortaleza se diuulgou lo-  
 go tudo o que os Turcos disseraõ,  
 & que o Baxá não se auia de ale-  
 uantar de sobre a fortaleza sem a  
 tomar. Isto foi sabido pellas mo-  
 lheres que andauaõ ao trabalho:  
 & passando hũa dellas pella porta  
 das casas em que estauaõ os Tur-  
 cos, (& foi a tempo que de dentro  
 faya vm soldado) & perguntan-  
 dolhe ella pellos Turcos, & pello q̃  
 o capitaõ mandaua fazer delles,  
 lhe respondeo o soldado zomban-  
 do, pella sentir com paixãõ, que os  
 Turcos estauaõ dentro, & que o  
 capitaõ os mandaua saltar liure-  
 mente. Ella ouuindo aquillo, chea  
 de ira, & de paixãõ entrou pella  
 porta dentro como douda, & en-  
 controu Francisco de Gouuea, que  
 estaua todo abraçado em viuo fo-  
 go, (por que foi vm dos homens  
 que neste dia, & em todos se abali-  
 zou bẽ, não se saindo do baluarte

Quinta Decada. Da historia da India.

se não queimado, dos pés, mãos, rosto, & de todo o mais corpo, ficando tal & tão desfigurado, que o não conheciaõ. E neste estado q̄ podera achar piedade na mais deshumana fera que no mundo ouuera, a não achou nesta molher, que com a furia que leuaua cuidando que era vm dos Turcos, alevantando hũa gamela que trazia nas mãos, remeteo cõ elle pera lhe dar com ella na cabeça, dizendo: Ah perro imigo, & viuo as tu de tornar d'aqui? sabe que as minhas mãos as de morrer tu, & esoutro perro como tu. E querendo descarregar o golpe, elle se lhe afastou o melhor que pode, dizendo-lhe que na outra casa de dentro tinha os Turcos. Ella cuidando todavia que elle era vm delles, & q̄ a enganaua, tornando arremeter a elle pera lhe dar lhe disse: Ah caõ, queresme enganar? olhay como espiuita o Portuguez, pois sabe q̄ nada te a de valer, que te eide fêder esta gamela nessa cabeça: & sempre lhe dera com ella, segundo Francisco de Gouea estaua fraco, se a áquelle tempo não acudirão alguns homês que lho tiraraõ das mãos, dizendolhe quem era. Ella vendo aquillo, com a mesma paixão com que estaua, se sayo polla porta fora, & ajuntando muitas das companheiras se foi ao capitão, & com aquella furia & colera com que estaua contra os Turcos, lhe disse. Como mandais vos se-

nhor dar vida, a vns imigos que tanto tem trabalhado por nos beber o sangue? Se tal he verdade, eu & estas minhas companheiras, que neste cerco temos tamanho quinhão como todos os homens, não auemos de consintir, antes os auemos de espedaçar com nossas mãos, por isso manday que noles entreguem. O capitão pasmado de ver aquelle animo, ira, & furor, em peitos fracos & medrosos per natureza, auendo que a te a ella tinha em seu fauor: muito alegre & rizonho lhes respondeo, que se quietassem por que elles não ficariaõ com vida: & que ja tinha mandado que os lançassem no mar.

Que mais espantoso caso se viu que este nestas nossas Portuguezas: Por estas com muita rezaõ se pode dizer, o que disse aquella Lacedemonia á outra Esportana, chamandolhe molher, que era verdade que as Lacedemonias sôs mereciaõ esse nome, pois ellas sôs pariaõ homens. Quanto mais honrada paixão foi esta, que a d'aquellas Romanas que foraõ conuocadas pella mãy do moço Papyrio, que por não descubrir o segredo do Senado á mãy, que apertaua cõ elle que lho dissesse, lhe disse que se tratara aquelle dia se casariaõ os homens com duas pera a multiplicação da geração, & que ficara por determinar: Do que indignada a mãy, ajuntando as outras matronas, entraraõ no Senado cõ grandes

grandes clamores & brados, dizendo aos Senadores, que quando aquillo ouuesse de ser, que antes ordenassem, que as Romanas tiuessem dous maridos.

Outro caso semelhante ao passado de ira, & paixãõ, aconteceu a os moços da fortaleza. (que tambem andauãõ acarretando cousas pera os reparos, & fortificaçoens, não se escusando catiuo, nem liure de dez annos. pera cima) quis a má fortuna de vñ d'aquelles escravos, que disse vñ dia: se estes Turcos foraõ homens, & souberãõ o estado em que esta fortaleza está, ja a ouueraõ de ter tomada. Os moços Portugueses em ouindo isto, dandolhes a ira, & a paixãõ, largando os cestos remeterãõ a elle, leuandoo logo nos ares pera o matar, & assi chegaraõ a onde estava o capitaõ, a quem contaraõ o caso, requerendolhe que logo o mandasse justicar pois tiuera tamanho atreuimento, & pera que outro não fosse ousado a falar, nẽ imaginar outra semelhante cousa. O capitaõ espantado de ver naquella tenra idade vñ zelo taõ honroso louuouelho muito, & lhes disse q se recolhessem, & lhes deixassem o moço, que elle o manda-

ria castigar. Os moços descontentes d'aquella reposta, como yaõ cegos da paixãõ, sem fazerem discursõ, nem consideraçoõ, todos a vñ tempo remeterãõ ao escrãuo, com paos, & pedras: & em breue espaço o desfizeraõ em pedaços, sem o capitaõ lhe poder valer: & tomando o corpo nos ares o leuaraõ com grandes gritas á couraça, & o lancaraõ no mar. Este caso admirou a todos, mas tambem os encheo de alegria, por verem que a te nos mininos crecia o animo, & furor contra os Turcos, o que lhes daua bom agoiro, por que auiaõ que todas aquellas cousas eraõ mouidas por Deos, que os queria animar, esforçar, & dar confiança nestes trabalhos.

Pouco depois chegou Francisco de Siqueira o Malauar que Antonio da Sylua mandou cõ a carta ao capitaõ, que se alegrou muito, por saber q tinha o soccorro taõ perto: & logo o tornou a despedir, escreuendolhe que de noite cometesse a entrada, & que Francisco de Siqueira o guiaria, ficando ali dez ou doze homens q yaõ no catur, que na mesma noite se tornou a sair pera fora.

*Fim do Livro Quarto.*

# LIVRO QUINTO

## DA QUINTA DECADA

### DA HISTORIA DA INDIA.

#### CAPITULO I.

*Do ardil de que os Turcos uzaraõ, pera verem se podiaõ tomar os da fortaleza descuidados. E do grande & geral assalto que lhe deraõ. E dos raros & espantosos casos que nelle acontecerãõ.*



**V**ENDO os Turcos que por força não podiaõ entrar a fortaleza, & que todas as vezes que a cometiãõ lhes custava muito, determinaraõ de ver se por ardil podiaõ fazer algũa cousa que lhes fosse de mais effeito. E assi deitaraõ logo fama que se embarcauaõ por auer nouas do Visorrey: & de dia se começaraõ a recolher ás Galés, pera verem se os nossos se descuidauaõ, pera tornarem a voltar, & cometerem a fortaleza com mayor força. Antonio da Sylueira vendo a pressã com que os Turcos se embarcauaõ, entendeolhes logo seu desenho: & naquelle pouco tempo que lhe dauaõ de folego, mandou reformar os lugares

mais perigosos, pondo mais astucia & diligencia no do fogo, mãdando acrecentar a parede que cortaua o baluarte, & por nella todos os petrechos necessãrios pera o assalto, por que tiuessem os soldados tudo a maõ. E assi mandou acarretar muitas traues das casas pera as fogueiras, de que nunca leuaraõ maõ: & a artelharia do baluarte sãõ Thome, mandou apontar pera este, na parte por onde os Turcos auiaõ de sobir. E a Antonio de Sousa capitãõ do baluarte do már mandou recado, pera que estiuesse sobre auiso. Os Turcos depois de embarcados, se afastaraõ as Galés pera fora, como que se queriaõ fazer á vela. E tanto que a noite escureceo (por que estava a lãa em conjunçãõ de coarteiraõ da crescente, que daua claridade a te meya noite) tornaraõse pera a terra, onde desembarcaraõ, & se passaraõ á ilha, metêdosse em seus exercitos em muito silencio. Ali se prepararaõ pera o assalto que auia de ser de madrugada por esta maneira.

Tres mil Turcos repartidos em tres bandeiras. A primeira de Isuf Amed: a segunda de Beran Baxa: a tercei-

a terceira de Baxã Mamede: que auiaõ de cometer o baluarte do fogo, & Cogeçofar com os mais capitaens de Cambaya, com a gẽte Gufarata, auiaõ de cometer as mais estancias á roda pera diuertirem os nossos.

Estando prestes nesta ordem, vm pouco antes de romper a mēnhã, arrebentaraõ de suas estácias, & com hũa barbara confusaõ & borborinha, remeteraõ com o baluarte do fogo, & com as cascas do capitaõ, aruorãdo logo nellas muitas escadas, por onde começaraõ a sobir com grande determinação.

Os Portugueses que estauaõ á lerta, acodiraõ com muitas panelas de poluora que lançaraõ sobre os imigos, pera com as labaredas verem as partes por onde cometiaõ, que muito claramente viraõ & notaraõ. A parte que foi cometida com mais instancia, & em q̃ os Turcos aruoraraõ mais escadas foi no muro que corria do baluarte do fogo pera o de saõ Thome, em que auia tres ou coatro partes derribadas & abertas da bataria.

E pella mesma maneira se aruoraraõ outras escadas no muro que corria por baixo dos aposentos do capitaõ, por que determinaraõ de lhe entrar pellas janellas & varandas. Antonio da Sylueira que de tudo foi auisado, mandou Gonçalo Vaz Coutinho, & Antonio Mendez de Vasconcellos, que

acodiffem ao muro antre os baluartes. E a Francisco Mendez de Vasconcellos, & Manoel de Vasconcellos, mandou que se fossen meter nos seus aposentos com a gente de suas obrigaçoens: & das outras estancias mandou vir todos os soldados pera aquellas duas partes, que eraõ as mais perigosas. Os capitaens Turcos cometeraõ cada vm sua parte, Isuf Amed, que leuaua hũa fermosa bandeira branca & vermelha, começou a sobir pello baluarte do fogo, aruorando logo o seu alferes a bandeira sobre elle, enchendosse aquelles dous terços do baluarte dos mais escolhidos delles, que cometeraõ as paredes com grande determinação.

Rodrigo de Proença que estaua prestes pera os receber acompanhado da melhor gẽte da fortaleza acodio ali, & vêdo os imigos apinhoados, & sofregos pellas caualgarem, deitaraõ em meyo delles muitas panelas de poluora, que os abrazou a todos, fazendoos afastar. E sendolhe mao de sofrer aos nossos soldados verem o estandarte Turco aruorado no seu baluarte como senhor delle, crescendo lhes o furor, arrebentaraõ perto de trinta, & deraõ comsigo das paredes abaixo no meyo dos imigos, como liuens famintos, que desejavaõ de os comerem a os bocados, começando a matar & ferir nelles cruellissimamente, & chegãdo vm delles ao Alferes Turco o matou, dando

dando com a badeira pello chaõ. Os Ianiçaros vendo aquella afrõta, aferrando della a tornaraõ a aruorar: mas o mesmo soldado, que era valeroso, (a que tambem naõ achamos o nome) tornou a ende-reitar com elles ás cutiladas, ferin-do muitos, & trabalhou por che-gar outra vez á bandeira, por que se naõ jaçtasssem que a tiueraõ le-uantada naquelle lugar sem lhes custar muito. Aqui creceo a refer-ta, por que todos se baralharaõ vns com os outros, & quasi que chegaraõ as punhadas por ser o lu-gar pequeno, & os imigos muitos, & tan o apertaraõ os Portugueses com elles, que com morte de mui-tos os lâçaraõ do baluarte em bai-xo, abatendolhes a bandeira a seu pezar. Mas como os contrarios eraõ muitos, & todos os d'aquella primeira batalha estauaõ ao pé d'aquelle baluarte, tornaraõ logo a subir outros de refresco, que a-charaõ os nossos taõ encarniça-dos, que lhes naõ daua cousa algũa de sobirem todos. Ali se trauou hũa muito cruel & desigual bata-lha, em que os deixaremos, por q̃ he necessario continuarmos com as outras estancias.

A segunda batalha de que era capitaõ Beran Baxá, que ya aruo-rar suas escadas nos aposentos do capitaõ, achou ja tal defençaõ & guarda, que com a espingardaria lhes derribaraõ muitos: & tanto q̃ vns cayaõ com as escadas, chega-

uaõ logo outros pera as levantarẽ, que yaõ pello mesmo caminho. E tal manha tiueraõ os nossos neste jogo, que em quanto vns despara-uaõ, outros carregauaõ, por que naõ ficasse momẽto vazio aos das escadas pera chegarem com ellas ao muro, sobre o que morreraõ tantos, que ouueraõ por seu parti-do largarem nas, & desistirem d'a-quelle lugar: & assi voltaraõ pera se ajuntarem com os que peleja-uaõ no baluarte do fogo. Aqui se acendeo mais a crueza: por que os Mouros como desesperados punhaõ todas suas forças em se le-nhorearem de todo d'aquelle ba-luarte: os Portugueses o mesmo, pello defenderem: por que nisso estaua a saluação da fortaleza: & assi retiniaõ os golpes, acendiaõ as chamas, atroauaõ os gritos & bra-midos de tal maneira, que tudo era hũa confusaõ.

Cogeçofar andaua com treze mil homens do seu terço, fauore-cendo os que sobiaõ, franquean-dolhes as estancias, com tantas nu-uens de frechas, que escureciaõ o sol, que ja começaua a nacer.

E certo que bem se podia dizer naquella hora, pellos nossos, o que respondeo Leonides aos seus, co-metendo os Parthos, (dizendolhe que as frechas eraõ tantas que en-cobriaõ o sol) pois filhos que mao he, dixẽ elle, que pelejemos á som-bra dellas? Os Turcos estauaõ taes que naõ receauaõ a morte, a troco  
de se

de se satisfazerem das quebras passadas: mas cada vez se achauão mais embaraçados, por que parecia que de seu furor, & braueza, naciaõ aos nossos nouas forças pera lhes resistirem.

O dano de ambas as partes era grande, por que ainda que da dos Portugueses era muito menos, sin-tiaffe tanto mais conforme a quantidade, por que tanta falta lhes fazia vm como aos Mouros cento, por que no lugar que caya entrauaõ outros dobrados: & no que caya da parte dos Portugueses, não podia entrar mais que outro, assi pella estreiteza do lugar, como pellos poucos que ja auia. E chegou a cousa aqui a tanto, que mandou o capitaõ a Góçalo Vaz Coutinho, Gabriel Pacheco, Martim Vaz Pacheco, Antonio Mendez de Vasconcellos, Francisco Mendez, Luis Rodriguez de Carualho, Antonio da Veiga, Lopo de Sousa Coutinho, Payo Rodriguez d'Araujo, Simaõ Rangel de Castello branco, & a Manoel de Vasconcellos, que estauaõ repartidos pelas outras estancias, que acodissem áquelle baluarte, onde estaua metida toda a potencia dos inimigos. Chegados estes fidalgos a elle, tomaraõ todo o trabalho sobre si, fazendo nelle o que lhe pedia o valor de quem eraõ.

Rodrigo de Proença capitaõ do baluarte do fogo, deu neste dia mostras de vm valeroso caualei-

ro, & prudente capitaõ, por que quando era necessario pelejaua como soldado com grande valor, & quando compria mandaua & gouernaua como astuto capitaõ: acodindo de tal maneira as necessidades, que em gritando vm por poluora, & panelas, ja as ali achaua, por lanças de fogo, as maõs as tinhaõ: em fim, tudo estaua tambem negociado, que nada faltaua a seu tempo. O capitaõ ao pé do baluarte onde estaua vendo, & gouernando tudo, dali compria tanto com sua obrigação, & trazia tantas intelligencias, que nada se fazia sem seu conselho, mandando ter muito tento nos feridos, q logo mandaua recolher, & curar, com muito cuidado. A briga cada vez se acendia mais, & o dano crecia dobrado: mas né com isso as forças enfraqueciaõ nos nossos: por q quando parecia que tudo estaua mais arriscado, o tornauaõ a segurar com o estrago que faziaõ nos inimigos: & com o que cada vm via fazer, ao que tinha apar de si, lhe crecia hũa taõ honrosa inueja, que se desfaziaõ todos em colera, ira, & braueza.

Neste tempo em que a cousa estaua em balanço, se leuaraõ quatorze Galés, & se chegaraõ a hũa estacada que estaua perto da fortaleza, & dali a comecaõ a bater com grande furia, que logo os nossos lhe quebraraõ: por que Francisco de Gounea capitaõ do baluarte

luarte de sobre a barra lhes mandou tirar com algũas peças, & forão tãbem empregadas, que lhes meteo hũa Galé no fundo, & lhes desaparelhrou as mais das outras. Antonio de Soufa capitão do baluarte do már tambem os escandalizou com a sua artelharia bem. No baluarte da briga ya cada vez o mal em mayor crescimento, por que os imigos trabalhauão por aruorarem outra vez a sua bandeira nelle, & os nossos por lha derribar & abater, sobre o que faziaõ d'ambas as partes grandes cousas. Neste conflito deraõ hũa ferida a Martin Vaz Pacheco, de q̄ cayo logo morto, tendo bem mostrado seu esforço. Gabriel Pacheco seu primo com irmão, q̄ estaua a par d'elle, imitando nas obras, védoo d'aquella maneira, como o amaua muito, desejando de vingar sua morte, auorrecido ja da vida, saltou entre os Mouros com hũa espada & rodela, com que a hũa & a outra parte foi ferindo, derribando, & destroçando a todos os que podia alcançar, tomando bem grande satisfação da morte do parente. E como não fogia aos perigos, antes a onde eraõ mayores ali se arremeçaua, deraõlhe duas feridas no rosto, de que lhe corria muito sangue, do que lhe elle deu pouco, antes lhe acrescentaua a furia & braueza, com que andaua como liaõ, que os imigos sentiaõ bê em suas cames. Vm dos nossos, q̄ esta-

ua junto d'elle, vendoo taõ mal tratado, lhe pedio que se recolheffe a curar, por que assãas tinha feito: & que lá lhe ficaua tempo, se escapasse dali, pera tomar vingança d'aquellas offensas. Não quero eu (lhe respondeo elle) poupar a vida, quando eu vejo a do homem a que tanto quis perdida, que parece que me está pedindo vingança de sua morte: & pois fomos cõpanheiros tãtos annos na vida, rezaõ he q̄ o sejamos tambem aqui na morte. E fazendo seu officio, se meteo pellos imigos como liaõ raiuoso, fazendo nelles grãde destruição, a te que lhe deraõ hũa espingardada, de que cayo morto a par do parente, comprindolhe neste a fortuna bem seus desejos, que tanto trabalhou por ficar naquelle lugar.

Dos dous baluartes saõ Thome, & do már, que ficauão de hũa parte & da outra d'aquelle do fogo; em quanto o assalto durou, sempre varejaraõ os imigos que estauaõ apinhoados ao pe d'elle, em quem fizeraõ mũy grande, & notauel estrago. Neste tempo em que mataraõ estes dous fidalgos parentes, se sobio vm soldado em cima de hũa parede do aposento do capitão, & com sua espingarda começou derribar nos Mouros muito á sua vontade sem o ver: & vendo andar vm Mouro, que na louçainha do trajo se diferenciava dos outros, & como capitão andaua

andaua governãdo a gente, ficando a tiro, apontou nelle, & quis sua ventura q̃ o tomou pellos peitos, derribãdo o logo morto. E em caindo chegou vm Mouro pera o levantar, & carregando o soldado a espingarda de pressa tornou a apontar nelle, & acertou tambem o segundo tiro, que derribou o outro morto sobre elle: & acodindo outros pera o leuarem, tornou o soldado a disparar outra vez, & derribou o terceiro, ficando ali todos estirados por saluarem o seu capitaõ. O que era muito diferente dos nossos, por que caya o parente & o amigo aos pés do outro, sem auer quem tiuesse mais tento que nas mãos com que pelejauão, fazendo alguns o finca pé em seys corpos, como aconteceu a vm Fernão d'Afonso, homẽ de mais de setenta annos, muito bom caualeiro, que assi desta vez como de todas as mais, tinha pelejado como se fora de trinta, que cayo aqui de muitas feridas: & como os mais estauão occupados em sua defenção, curando pouco do bom velho, em lugar de o aleuarem o acabaraõ de atropelar: por que naquelle tempo, toda a charidade que se quisesse vsar nesta parte, podia vir a ser crueza pera todos: por que cada vm cuidaua que só em seu braço estaua a defenção d'aquella fortaleza: & como esse pelejaua sem dar mais fé de outra couza.

Em hũa guarita do baluarte saõ Thome, que estaua derribada, se meteo tambem vm soldado, & d'ali com sua espingarda matou muitos Mouros, & ao tempo que no baluarte do fogo crecia a referta & crueza sobre a bandeira dos Mouros, vns pella aleuarem, & outros pella abaterem, quis a ventura deste soldado (a que tambem lhe roubou o descuido Portugues esta gloria, com lhe esconderem o nome) que apontando no alferes o derribou logo morto, & a bandeira cayo pello chaõ, a que os nossos deraõ grandes gritas, & os Mouros começaraõ a afloxar. O que visto pellos nossos apertaraõ tanto com elles, que os lançaõ do baluarte abaixo.

## CAPITULO II.

*De como as outras duas batalhas cometeraõ o baluarte. E dos casos que acontecerõ a alguns dos nossos. E de como os inimigos se retiraraõ desbaratados.*



**D**ESBARATADOS estes da primeira batalha, de q̃ era capitaõ Isuf Amed com muito grande dano seu, acodio Beran Baxá capitaõ da segunda, & remeteo com o baluar-

S te pera

te pera vingar a afronta feita aos seus: & como chegou de refresco, & com mil Turcos, & Ianiçaros folgados, tornouffe logo a por em cima, ainda que com grande perda sua, & logo aruoraraõ coatro bandeiras de ceda em grandes asteas de lanças, & em cima hũas maçans douradas muito grandes; & bem lauradas, de que pendiaõ muitos cordoens com borlas brancas de algodaõ muito fino. Estas coatro bandeiras mandou o Califa de Meca ao Baxá, que foraõ sanctificadas ao seu modo na casa de Mafamede, & tocadas em sua sepultura, concedendo mũy grandes & geraes perdoens, a todos os que em sua defenção morressen, prometendolhes da parte do seu falso profeta, que alcançariaõ vitoria naquella jornada contra os Portugueses. E assi as estimauaõ & tinhaõ em taõ grande veneraçãõ, que nunca as quise-raõ tirar, & desenrolar se naõ este dia (que auiaõ, que auia de ser o vltimo de seus trabalhos) & que sem duuida d'aquella feita por sua virtude, ganhariaõ aquella fortaleza.

Aruoradas as bandeiras, remeteraõ os Turcos com as paredes que os nossos defendiaõ, a que se tinhaõ ja recolhido, (a onde ainda duraua o fogo, de que se teue sempre grande cuidado) lançando sobre os nossos hũa grande soma de arteficios de fogo, & ou-

tros infinitos tiros de arremesso, zargunchos, lanças, pedras, & outras cousas com que feriraõ, & abrazaraõ alguns: que assi arden-do naõ faziaõ mais, que chegar ás tinas da agoa a se refrescar, & tornar a seu lugar, onde logo eraõ outra vez tostados, & assados, ficando alguns taes, que se naõ conheciaõ. Os Mouros que estauaõ debaixo, que naõ cabiaõ no baluarte, despndiaõ pera dentro da fortaleza tantas nuuens de frechas, que era cousa espantosa de ver: por que todas as lanças dos nossos estauaõ empenadas, & algũs com as maõs encrauadas nellas, & outros pellos rostos, cabeças, braços, & em todas as mais partes de seus corpos. E certo que foi aquelle vm expectaculo piadosissimo de ver: por que vns cayaõ pedindo confissaõ, outros abrazados corriaõ ás tinas da agoa, outros bradavaõ que lhes desenrauaõ se as maõs, outros que lhes tirassem as frechas do rosto, & cabeças, por que lhes fazia impedimento pera a briga, outros gritauaõ por panelas de poluora, por lanças de fogo, & por outras cousas semelhantes: & com tudo isto faziaõ todos tamanhas marauilhas, quaes se naõ podiaõ esperar de muitos homens saõs, quanto mais de taõ poucos, & taõ cruelmente feridos.

Aqui esteue a cousa tanto em balanço, que todos os que de fora a viaõ, ouueraõ tudo por acabado.

O capi-

O capitaõ sobre quem carregaua udo, governaua todas as cousas sem perturbação, & com grande animo, não se afastando do pé da escada, donde despedia pera cima toda a gente que podia, tẽdo mui grande conta com as moniçoens, que não faltassem, no que andauaõ occupadas aquellas honradas matronas, com que he rezaõ que continuemos em todo o tempo, pello muito que aqui mereceraõ. Isabel da Veiga, & Ana Fernandez cujos annos & idades eraõ ja mais pera repouso, que pera aquelles trabalhos, subidas ambas ao baluarte, metidas no meyo dos que pelejauaõ, aleuantando as vozes esforçauaõ a todos.

Aqui Ana Fernandez com vm feruor Christianissimo, arrancou de vm deuoto crucifixo, & aruorandoo no ar disse: Ah filhos, que aqui tendes quem vos a de dar a vitoria, ponde os olhos neste Senhor, q̄ delle vos á de vir todo o socorro, pelejai caualeiros de Christo, esforçados capitaens & soldados seus cõ muita confiança cõtra vossos & seus imigos, q̄ aqui tendes cõ vosco aquelle q̄ defende & guarda todas as cidades & lugares d'aquelles q̄ pelejaõ por sua fé sagrada & Catholica, (Isabel da Veiga tãbem pella sua parte fazia outro tanto, tã seguras ambas, & constantes, q̄ nada lhes daua dos pilouros & das frechas q̄ lhes yaõ zonindo pellas orelhas. E se algum dos nossos ca-

ya ferido, ou morto, chamauaõ pelas companheiras que acodiaõ logo, & os tirauaõ d'ali por não estoruaem aos viuos.) Os nossos que estauaõ acesos na peleja, vendo a figura de Christo aruorada, & ouuindo as palauras d'aquellas animosas matronas, de repete se lhes acendeo vm nouo furor em seus animos & coraçõens, com que comẽçaraõ a fazer cousas não esperadas de homẽs que tanto tinhaõ sofrido, & que estauaõ tã escalaurados, por que antre todos não auia ja vm saõ.

Antonio da Sylueira, posto que não tinha como elles os trabalhos dos braços, tinha os do animo, & do vigilantissimo cuidado, por q̄ o tinha repartido por muitas partes, prouendo todas de tal feiçãõ, q̄ nunca faltou cousa que se pedisse, & de que se tiuesse necessidade. Neste exercicio andauaõ as mulheres, & alguns homẽs muito velhos, a quem particularmente era dado o cuidado de recolher os feridos, & de os mandar curar, prouẽdo o capitaõ logo aq̄lles lugares de outros saõs, se os auia: & antre estes feridos q̄ se tirauaõ (& muitos quasi por força) se foraõ tãbem saindo alguns de pequenas feridas, que foraõ vistos de Ana Fernandez, q̄ com grãde colera & paixãõ os tomou pellos braços, & os tornou a seu lugar, dizendolhes que pelejassẽ, q̄ as feridas não eraõ de perigo: & assi como aos q̄ faziaõ

marauilhas louuaua, & engrandecia, com palauras de amor, chamandolhes filhos, & caualeiros de Christo: assi aos que sintia fracos, & medrosos, os afrontaua & reprehendia, de maneira, q̄ vns por hora, & outros por vergonha, & medo desta honrada velha, pelejauão a te morrerem, sem mudarem o pé de vm lugar: mas destes ouue poucos, por que todos fizeraõ taõ heroicis proezas, que naõ ha copia de palauras com que se possaõ particularizar. E assi aconteceraõ em todo este cerco casos mūy raros, & nunca ouuidos: como vm nesta mesma briga.

Estando vm soldado nosso pelejando com sua espingarda, com grande feruor, tendo mortos muitos Mouros, & despendida toda quanta moniçaõ tinha, bem á sua vōtade: & tendo lançado hũa carga de poluora na espingarda, foi á bolsa buscar pilouro, & naõ no achando, como estaua aceso naquella furor, magoado de se lhe acabarem os pilouros, & naõ ter com q̄ desparar aquella carga nos inimigos: leuou a maõ com grande colera á boca, & pegou de vm dēte, (que deuia de lhe bolir) & com tanta força puxou por elle, que o arrancou & meteo na espingarda por pilouro com que a tirou aos inimigos. Caso he este por certo pera se engrandecer & louuar com melhor & mais alto estilo que este nosso, em que nos pareceo melhor

(pois o tempo deixou taõ valeroso soldado, com outros taes, em esquecimento) contar o caso assi como passou, por que elle por si se realça, & engrandesse.

Rodrigo de Proença, q̄ neste dia fez cousas bem dinas de se celebrarem, vēdo o aperto em q̄ estaua, se pós diãte de todos, fazendo bem o officio de soldado, por que o estado em q̄ via aquelle negocio o fez esquecer da obrigaçaõ de capitãõ, por que entendeo que ali cõuinha mais pelejar, que mandar: mas a fortuna inuejosa do seu esforço, ordenou, que em alevantando a viseira de vm elmo que tinha, pera resfolegar vm pouco, endireitasse hũa frecha por ali dentro que o tomou por vm olho, & outralo logo pella boca, de que cayo mortal. Aqui acodio a boa Ana Fernandez, & o mandou tirar com muita pressa, pera lhe darem remedio, que lhe naõ aproueitou, por q̄ logo morreo. No mesmo instante deraõ outra frechada á Antonio Mendez de Vasconcellos, que o tomou pella garganta, de que tambẽ logo cayo morto. Aqui declinou a batalha contra os nossos: porque estes homens, & outros que ja ali estauaõ estirados, eraõ os que sustentauaõ o pezo della.

Neste perigoso trance chegou Ioaõ Rodriguez (de quẽ ja falamos no cap. 11. do 4. liuro q̄ tratauou do bicheiro dos inimigos) q̄ trazia aos hombros hũa jarra de poluora

lora d'espingarda, que leuaua per-  
to de hũa arroba: & como era ho-  
mem mûy grande & forçoso, foi  
passando por todos os q̄ pelejauão  
dizendolhes que lhe dessem cami-  
nho, por q̄ ali leuaua o com que a-  
quelle negocio se auia de côcluir.  
E passando adiante de todos che-  
gou ao lugar dos imigos, & leuan-  
tado a jarra cõ as mãos deu cõ el-  
la antre elles, recolhendosse pera  
dêtro. A jarra em dando no chaõ  
fezse logo em pedaços, & tomãdo  
o fogo de muitos murrocs q̄ leua-  
ua acesos, leuãtou aquellas labare-  
das ardētissimas em cujo meyo fi-  
carão logo vinte Mouros abraza-  
dos, & mais de ceto foraõ voando  
por effes ares: & as coatro diaboli-  
cas bãdeiras foraõ desfeitas em cin-  
za. A isto deraõ os nossos hũa grã-  
de grita, & os imigos se foraõ re-  
traindo, com o q̄ cobrãdo os nos-  
sos nouo animo (quãdo ja estauão  
mais desconfiados) deraõ sobre os  
Mouros, q̄ yaõ ja em disbarato, &  
os deitaraõ do baluarte abaixo, &  
sobre elles lançaõ muitas pane-  
las de poluora, que se foraõ desfa-  
zer antre os que estauão apinhoa-  
dos ao pé do baluarte, em que fi-  
zeraõ grandes incēdios, & destrui-  
cãõ. As mais destas panelas foraõ  
lançadas por Ioaõ Rodriguez, que  
era homem muito braceiro, & foi  
vm dos que neste cerco merece-  
rão mais, & d'aqui lhe ficou o a-  
pellido de Ioaõ Rodriguez pane-  
las de poluora, pello que foi muito

conhecido. (Viueo depois muitos  
annos casado em Goa, & Elrey lhe  
deu por este seruiço os cargos de  
guarda dos contos de Goa, & thi-  
soureiro dos restes, pera elle, & pe-  
ra seu filho Martim Rodriguez  
panelas de poluora, que nesta era  
de nouenta & seis, em que isto es-  
creuemos viue, homem honrado q̄  
imita a verdade & bõdade de seu  
pay.) Neste tempo em que se co-  
meçaua a declarar a vitoria pello  
nossos, quis Deos q̄ do baluarte do  
már, & do de saõ Thome, acertasse  
algũs tiros no meyo d'aquelle car-  
dume de imigos, em q̄ fizeraõ ta-  
manha destruiçãõ, q̄ de todo se ou-  
ueraõ por desbaratados.

A terceira batalha de que era  
capitaõ Baxá Mamede, vendo o  
destroço que era feito na gente da  
companhia de Beran Baxá, foi  
lhe necessario soccorrerlhe, & co-  
meter os nossos, o que fizeraõ com  
menos cõfiança, pello grande es-  
trago que vira fazer em tãtos dos  
seus. E sobindo ao baluarte, ja os  
nossos os naõ quiseraõ esperar de-  
tras das paredes: por que vendo a  
merce que Deos lhes tinha feito,  
& fazia, fairaõ das parēdes, & dã-  
do nos Mouros como liens bra-  
uos, ferindo & matãdo nelles bem  
á sua vontade, os lançaõ fora cõ  
pouco gosto delles. Na dianteira  
dos Mouros pelejaua Caracen (que  
ja demos a conhecer no capitolo  
nono do liuro primeiro, que era  
casado com a filha de Cogeçofar, q̄  
foi

foi molher do Tygre do mundo) que como homem animoso & esforçado se quis afsinalar, & auentear de todos, indo acompanhado de alguns Iançaros que escolheu. E remetendo com os nossos achou logo o defengano d'aquella confiança, por que a poucos golpes cayo, assi de feridas, como de abraçado em fogo, & em estado que o recolheraõ os seus. Depois viuẽo este Mouro a te o anno de oitenta & tres, com grãdes sinaes deste fogo, nas mãos, pernas, & rosto: couza de que elle se muito jactaua, cõuerfando os Portugueses, de que depois foi muito amigo. A falta deste homem, & o veremno leuar d'aquella maneira, fez grande temor, & pôs em grandes desconfianças, aos que estauaõ ás mãos com os nossos, pello que se começaraõ a retirar com grande pressa: o que visto pellos nossos, começaraõ a apellidar vitoria, vitoria, tocãdo-se logo todos os instrumentos, assi pera animarem a todos os da fortaleza, como pera descoraçoarem mais os inimigos. Durou este combate coatro horas, ficando ja os nossos defaliuados, porem naõ cõtaõ pequeno dano, que naõ morressem catorze, ficãdo mais de duzentos feridos, & queimados.

Dos inimigos passaraõ os mortos de quinhentos, & de ventagem de mil os feridos.

CAPITVLO III.

*De como o Baxã mandou recolher os seus, & se embarcraõ. E dos apercebimentos q' Antonio da Sylueira fez pera se defender, cuidando ser ardil, como da outra vez: & de como Francisco de Siqueira o Malauar tornou com recado de Antonio da Sylua. E da desastrada morte de Antonio da Veiga.*



**E**VADAS as novas ao Baxã d'aquelle socesso, ficou como sem sizo, & fora de si: & vendo quanto lhe tinha custado aquella jornada, & que cada vez lhe socedia pior: & que cada dia podia arrebentar ali a armada do Visorrey: & que ja naõ tinha poder pera a esperar, por ser a mór parte de sua gente morta naquella guerra, & cõsumidas todas as muniçoens, & sobre tudo sentir ja hũa alteraçãõ & mudança em Cogefofar, com quem auia pouco tiuera hũas rezoens roins, & palauras o dia que chegaraõ a fortaleza as novas que o Visorrey ficaua pera partir, dizendolhe que era falso, & que o enganara, por que lhe tinha elle affirmado, que o Visorrey naõ se auia d'abalar de Goa, nem o auia de ir

de ir buscar: & como Cogeçofar era mūy recatado, & via o roim soçeffo que as coufas do Baxá yaõ tendo,conhecendo a sua maldade & falsidade,receandosse que o qui fesse leuar ao Turco pera descarregar sobre elle as culpas do pouco que fizera no cerco: andaua ja retirado & apartado, sem ir á sua Galé. Via mais o Baxá, que os naturaes andauaõ alterados, & naõ acodiaõ com os mantimentos como cõstumauaõ: o que era verdade,por que ou de escandalizados, pellas auexaçõens & afrontas que os Turcos lhes tinhaõ fei as,ou induzidos de Cogeçofar:eraõ todos ausentes. Isto tudo entendido do Baxá,logo o mesmo dia, primeiro que anoitecesse mandou a seus capitaens que se recolhessem, & que tiuesssem tento em si,por que a gente naõ os acabasse de desbaratar, & lhes tomasse a artelharia: o que elles logo começaraõ a fazer no que restaua do dia, passando logo á outra banda toda a artelharia q̄ poderaõ, & algūas peças muito grandes deixaraõ entregues a Cogeçofar,pera dar cõta dellas todas as vezes que lhas pedissem.

Disto foi logo Antonio da Sylueira auisado:& receando que podesse aquillo ser algum ardil,ou inuençaõ,como da outra vez,toda aquella noite naõ quietou,nem repousou, mandando fazer prestes de nouo as coufas que auia pera se defenderem, se o tornassem a

cometer. Mas naõ achou nos almazés poluora algūa, por ser toda gastada: nem auia ja em toda a fortaleza mais de corenta homens que se podessem repartir pellos baluartes.

Pello que vendo tamanha pobreza,soccorreosse a Deos,& mandou tirar a poluora que estaua ja carregada em coatro bombardas grossas,de que se encheraõ corenta panelas de poluora, que se repartiraõ pellas estancias: que mãdou guarnecer de muitas pedras, que arrancaraõ aquellas matronas honradas. Estas vendo o perigo em que a fortaleza estaua,& a pouca gente que auia pera sua defenõsaõ, acodiraõ todas com vm animo & valor sobre natural, repartindosse pellos baluartes, pera suprirem a falta dos homens,armãdosse algūas dellas, em armilhas, & cõsoletes,com lanças & alabardas nas maõs, muito alegres & cõtentes,determinadas a morrerem na defenõsaõ daquelle fortaleza, vestindosse todas pera isso dos mais ricos, & galãtes trajos que tinhaõ. O mesmo fizeraõ todos os homens,pondosse de plumas,& louçainhas,&os que as naõ tinhaõ as pediaõ a outros,querendo neste dia (que auia de ser o derradeiro) mostrar o gofsto que tinhaõ de morrerem pella fé de Christo. Os feridos que estauaõ em suas camas,sabendo o que por fora ya, & do aparelho que todos faziaõ, os

mais se mandaraõ leuar por seus escrauos aos baluartes, por que aquellas lugares auiaõ por mais seguros. Antonio da Sylueira muito contente & alegre com este pobre aparato que tinha feito, pera esperar os inimigos, gastou toda a noite em visitar as estancias, animando, & esforçando a todos, & dando alguns rebates falsos, em que sempre os achou em seus lugares muy aparelhados, & apercebidos, pera resistirem aos inimigos.

Esta noite que foi a derradeira do mês de Outubro, por hũa parte parecia a mais medonha que se podia imaginar, & por outra em certo modo muito cheya de alegria, pella muita que todos tinhaõ na determinação cõ que estauaõ: & acabou de os alegrar Francisco de Siqueira o Malauar, que na entrada do coarto d'alua entrou pella barra dentro: por que depois q se fez á vela com as cartas de Antonio da Sylueira (como atras difsemos no capitulo 12. do 4. liuro) foi tomar Antonio da Sylua na costa de Baçaim, pera atrauestrar a Diu: & dandolhe as cartas o despedio logo, metendolhe dentro vinte homens, & o mandou com outra carta a Antonio da Sylueira, em que lhe dizia, como ya ja atrauestrando: dandolhe por regimêto que o esperasse á vista da armada dos Turcos, pera o auisar do modo em que estaua. O Siqueira voltou taõ depressa, que ao segundo

dia entrou por aquella barra, & metido pella couraça deu a carta ao capitaõ, & lhe affirmou que ao outro dia seria Antonio da Sylua naquella fortaleza, o que pôs grãde aluoroço em todos, & metendolhe a gente dentro, tornou logo a voltar antes que amanhecesse: & afastado das Galés se deixou estar donde lhes enxergaua os penões, esperando por Antonio da Sylua. Vindo a manhã, que foi do dia de todos os Sanctos, o mais alegre, & fermoso pera todos q nunca viraõ, por que ja não ouuiaõ estrôdos de bombardas, nem viaõ labaredas de poluora, nem escadas aruoradas pello muro, nem aquelle terror & espanto que tantos dias auia, que viaõ & ouuiaõ. Não viaõ ja os inimigos, por que eraõ embarcados, & as Galés estãrem recolhendo a artelharia cõ muita pressa, & feruerem os Turcos na embarcação. Tudo isto viaõ os nossos com os olhos, & não o criaõ de aluoroço.

Cogeoçar tanto que os Rumes se embarcaraõ, recolheosse com a sua gente pera os primeiros alojamentos, em que se deixou ficar aquelle dia, em quanto se recolhia a artelharia que lhe ficaua entre gue, que com muita pressa fez passar da outra banda. O dia passou-se todo em verem recolher os inimigos, & tanto que anoiteceo desejou Antonio da Sylueira, mandar fora algũa gente pera derribarem os bestiaes,

bastiaes, & trincheiras de junto da caua, & pera darem vm toque nas estancias de Cogeçofar, por que entedia quaõ medroso auia d'estar só pera o quebrantar. Esta saida lhe pedio muito de merce. Antonio da Veiga faptor da fortaleza, (que em todos os rebates & perigos deste cerco foi sempre dos primeiros, & deu de comer a sua custa a muitos homens) o capitão lhe concedeo, dandolhe vinte & cinco soldados, dos que auia saõs, em que entravaõ os que leuou o Siqueira. E fazendosse prestes, no coarto d'alua se lançou na caua, & em muito silencio foi demandar as estancias dos imigos: & comendoas por hũa parte com grãde determinação, ás entraraõ, fazêdo nos imigos vm grande estrago, por que os tomou bem descuidados. O arrayal foi todo posto em reuolta, por que cuidaraõ que era o poder mayor, pondosse todos em desbarato. Antonio da Veiga depois que fez aquelle negocio muito á sua vontade, & sem lhe custar cousa algũa, foisse recolhendo pera a boca da caua, a onde achou muitos seruidores que o capitão pera aquillo deitou fora: & dando nas estancias de sobre a caua, em breue tempo as desmanchou, & pôs por terra.

Em quanto se isto fazia, vm dos seus soldados tomou o caminho da caua pera a banda do már, & sobindo acima foi demandar vm

bastiaõ, que os Turcos tinhaõ naquella parte, que achou despejado com sua bandeira ainda aruorada, que com a pressa deixaraõ ali os Mouros: & achou mais vm fermosissimo liaõ de metal posto em seu reparo, & tomando a bandeira tornou-se pera Antonio da Veiga, a quem deu conta de tudo o q̄ vio, & como ja tinha feito tudo ao que fora, recolheosse pera a fortaleza, & deu conta ao capitão do q̄ deixaua feito, & da bombarda que o soldado achara no bastiaõ, pedindolhe licença pera a ir recolher. O capitão se escusou com lhe dizer, que pois os Turcos ali a deixaraõ deuia de ser arreventada, & q̄ ella ali estaua sempre, & que a todo tempo se recolheria: que se era pera mostrar valor & esforço, a-fas tinha ja dado de si bastãtes pro-uas, que naõ ouuesse por honra ir ganhar o que naõ era defendido d'alguem. Antonio da Veiga naõ satisfeito d'aquellas rezoões o tornou a importunar de feição, que lhe concedeo a jornada.

Depois de todos jantarem, com grande regozijo, escolheo Antonio da Veiga vinte companheiros & vestindosse muito galante de plumas & medalha, sayo pella caua, & foi demandar o lugar em q̄ o liaõ estaua: & chegando a elle vio que era arreventado, & sem embargo disso determinou de o recolher, fazendoo arrastar pellos seruidores a te a borda da caua, pera dar

ra dar com elle embaixo. Mas como não ha fogir á morte, & ella o esperaua n'aquelle lugar, pera onde se elle fez taõ gentil homem, quis Deos (que he o que tudo moue) que chegasse áquelle tẽpo vm Mouro a vm alto que estaua d'ali a mais de trezẽtos passos, pera ver o que os nossos faziaõ, & vendoos estar no trabalho do liaõ, desparou hũa espingardada a montãõ, sem lhe parecer que podia lá chegar, & endireitando o pilouro com Antonio da Veiga, que estaua no meyo de todos os seus soldados, & sendo mais pequeno de corpo que todos elles, & tomando pella cabeça o derribou logo morto. Os seus soldados vendo tamanho defastre o tomaraõ em os braços, & o recolheraõ pera a fortaleza, onde foi enterrado honradamente, com grande magoa & dór de todos. Este caso sintio muito o capitaõ, assi pella perda d'aquelle homem, como por que foi áquelle negocio, contra sua vontade & gosto. Destes casos aconteceraõ alguns na fortaleza, pellõ discurso do cerco, que se notaraõ bem. Vm soldado mancebo muito lustroso, & gentil homem, estando vm dia de vm assalto n'aquelle baluarte do fogo, pelejando muito bem, a caso se layo d'ali, & se foi pera o pé da escada onde estaua o capitaõ (deuia de ser a lhe leuar algum auiso) & estando bem ao pé do baluarte, foi vm pilouro perdido apos elle,

& lá em baixo lhe deu pella cabeça de que logo cayo morto: escapando elle em quanto esteue em cima no meyo d'aquellas espessas nuuens de pilouros & frechas, que sobre o baluarte cayaõ. E tornando aos Turcos, foraõ recolhendo suas cousas, & prouedosse de agoa & mantimentos. E aqui os deixaremos, por continuarmos com Antonio da Sylua.

CAPITULO IIII.

*De como Antonio da Sylua chegou á vista da armada do Turco: & de como o Baxá cuidando ser a armada do V. Sorrey lhe foi fogindo: & de como a nossa armada entrou em Diu: & do que aconteceu ao Baxá na jornada.*



**A**NTO que Antonio da Sylua delpidio o Siqueira Malauar (como dissemos no capitulo do 5. liuro) foi logo atraueffando o golfo, & aos cinco dias do mes de Nouembro ouue vista da terra, & juntamẽte do Siqueira, que estaua á vista das Galês, & delle soube o estado da fortaleza, & de como o Baxá estaua recolhido, & com a armada afastada, pera de todo se ir: & por ser isto sobre a tarde foi-se detendo pera de noite cometer a barra.

a barra. Alguns nauios da sua companhia que se adiantaraõ, foraõ auer vista da armada, & tomando as velas tornaraõse ao capitaõ mór, o que não quiserã fazer dõ Martinho de Sousa, & dom Luis de Tayde, que yaõ com elles, antes desuiandosse da armada, tomando o remo em punho, foraõ demandar a barra de Diu, por onde entraraõ á boca da noite. E surgindo á couraça deraõ rebate aos da vigia, que logo deraõ recado ao capitaõ, que acodio, & os recolheo por ella, fazendolhes grandes festas. Delles soube como Antonio da Sylua ficaua á vista dos imigos, com o que todos os da fortaleza parecia que resuscitaraõ: & assi passaraõ toda aquella noite em festas, folias, & outros passatempos de alegria, sem quererem repou-sar. Antonio da Sylua deixousse estar sobre o remo, & tanto que o sol se pôs, se foi chegando á vista da armada, de que logo foi visto. E como o dia se ya escurecendo, não dimisaraõ os Turcos, mais que hũa quantidade de nauios, sem se determinarem em o numero, nem no porte. Antonio da Sylua tanto que de todo escureceo mandou desparar toda a artelharia da armada muitas vezes, assi pera animar aos da fortaleza, como pera meter terror & espanto nos Turcos. Depois de os nossos darem suas saluas ficaraõ sobre o remo, mandando fazer toda a noite mui-

tos fuzis, & acender pella armada muitos foroos. E como a noite era escura, parecia que o már se desfazia em fogo: & ainda pera mór espanto, socedeo na mesma conjunção vm Eclypse da lûa, que fez parecer aquellas carrancas mais medonhas. E como o Baxá de seu natural era fraco, & medroso, ouuindo aquelle terror da artelharia, vendo a multidaõ dos fuzis, & sobre tudo o Eclypse, que tomou & notou por muito roim agouro, tendo por certo que aquella seria a armada do Visorrey, fez sinal a toda a armada que se leuasse, o q fez com tanta pressa, que deixaraõ em terra todos os doentes & feridos, que seriaõ perto de coatroçentos, de que viueraõ muitos que ficaraõ a soldo d'Elrey de Cambaya, que tanto que soube aquella deshumanidade do Baxá, os mandou buscar a todos & os curou cõ muito grande cuidado.

E por que não fique vm louuor, que vm destes disse dos Portugueses, o contaremos, por ser dito de boca estranha, & de imigo: o que contaua muitas vezes Caracên. Estando Elrey de Cambaya vm dia praticando com estes Turcos, & perguntandolhes pellos successos da guerra: & se os Portugueses eraõ taõ esforçados como se dizia? Respondeo vm delles: sa-bei senhor, que elles só são dinos de trazerem barbas no rosto.

E tornando ao Baxá, afastado da ter-

da terra deu á vela, tirando cada Galé três bombardadas, & com o terreno foraõ passando a ponta de Diu, & costeando a costa da outra banda. E parece que aquellas saluas que o Baxá mandou dar cõ a artelharia, deuia de ser por entreter o Visorrey, que cuidaua que estaua ali, pera com isso lhe mostrar o aluoroço com que o esperaua, pera ter tempo de se fazer á vela: & foi seguindo sua derrota com que logo continuaremos:

Antonio da Sylua deixouffe estar a te o coarto d'aluia, mandando vigiar as Galés pello Siqueira Malauar, que as vio fazer á vela. Cogeçofar tanto que ouuiu as bõbardadas no már, & vio os fogos, folias, & festas que se faziaõ por toda a fortaleza, parecendolhe que era a armada do Visorrey chegada, logo deu fogo a todo o arrayal, & passouffe á outra banda com muita pressa. Antonio da Sylua tanto que começou a esclarecer a manhã, tomando o remio, entrou em Diu com toda a sua armada fermosamente embandeirada, saluando a fortaleza com toda a artelharia, & com muitos instrumentos, assi de guerra, como de paz & alegria. Antonio da Sylueira mandou embandeirar os baluartes, & desparar algũas peças de artelharia: & pera receber Antonio da Sylua com mayor aparato, mandou abrir a porta da fortaleza, que estaua tapada de pedra & cal, &

nella o esperou com todos os que auia saõs.

Antonio da Sylua pojou no cais com toda a sua armada, & logo desembarcou com os capitaens fidalgos, & toda a mais gente da armada, postos em armas mũy galantes & custosos. No cais o esperou o capitaõ, onde se abraçaraõ todos, com grandes mostras de alegria, leuando o capitaõ a Antonio da Sylua, & aos mais dos fidalgos pera sua casa, & aos outros mandou aposentar pella fortaleza. Aquelle proprio dia escreueraõ ambos os capitaens ao Visorrey tudo o que passaua, despedindo logo o Siqueira Malauar como testemunha de vista, pera o informar do que vira.

Partido o Siqueira, ao outro dia foraõ os capitaens ver as estacias dos imigos, mandando recolher logo dentro toda a pedra, madeira, & cal que acharaõ: & aos moradores da cidade mandaraõ recado que se não boliffem, & estivessem seguros em suas casas por q̃ nenhum mal receberiaõ. Ficaraõ estes capitaens ambos corredo em amizade alguns dias, mas logo se perturbaraõ, começando a ter differenças sobre pontos bem pouco substanciaes: por que Antonio da Sylua dizia que os Turcos tanto que viraõ a sua armada logo se embarcaraõ, & se foraõ fogindo. Antonio da Sylueira, que não auia tal, por que auia cinco dias que estauaõ

estauão embarcados pera se irem, desbaratados de suas mãos, o que atiffauão homens amigos de desauenças.

E deixando estas cousas que não pararaõ mais que em arrufos, primeiro que tratemos da jornada do Visorrey, nos pareceo bem darmos rezaõ da do Baxá que ya seguindo sua derrota. Depois de costear a costa de Pór, & Mangalor, atraueffou da ponta de Iaquete, & aos vinte & sete do mês de Novembro foi tomar Acer, vm lugar d'Elrey de Dofar, na costa de Arabia, em dezaseis graos & meyo do Norte, pouco mais de cem legoas antes de Adem. He este lugar seco & esteril: são os moradores d'aqui Ethiophagis, & mantense de peixe seco ao sol. O Rey de Dofar tanto que soube estar ali a armada surta, mandou prender corenta Portugueses, que ali estauão fazendo suas mercadorias, & os mandou de presente ao Baxá, com outros refrescos da terra, por se sañear com elle, ou ao menos por q' lhe não fizesse mal. O Baxá os estimou muito, & os mandou aferrolhar pellas Galés. Aqui se deteu tres dias, em que lançou fama que deixaua a India tomada, & os Portugueses todos mortos: & depois de tomar agoa & lenha se fez á vela, & aos dezaseis de Dezembro foi surgir no porto de Adem, onde se deixou estar deuagar, procurando em muitas cousas, pôdo ali

por Baxá a Mirmostafa, torto de vm olho, com quinhétos Turcos, guarnecendo a fortaleza de cem peças de artilharia, & de muitas moniçoens & mantimentos.

Aqui mandou o Baxá cortar a cabeça a Cafarcan, por que não disseffe ao Graõ Turco suas couardias, & velhacarias. E quem lér esta jornada no roteiro d'aquelle Italiano, que ja dissemos no capitolo setimo do segundo liuro (que anda impresso, & junto ás varias viagens, que recopilou Misser Baptista Ramnussio) achará que diz, que mādara neste porto de Adem o Baxá chamar vm Turco, que ja fora Christaõ, arrenegado, homẽ de grande conta, & patraõ de hũa Galé, & lhe mandara cortar a cabeça: do que se murmurara em toda a armada, por se recear de elle o mexiricar com o Graõ Turco. E diz mais, que este arrenegado, estiuera ja a soldo d'Elrey de Adem, & depois se achara em Diu no tempo em que Elrey de Cambaya foi morto pellos Portugueses: & que a Raynha molher do Rey morto persuadida delle se embarcara pera Meca com grande quantidade douro, & que por força a leuara ao Cairo, & d'ali a Constantinopla: & que o Turco pello ver pratico nas cousas de Diu, o mandara por patraõ de hũa Galé nesta jornada, pera conselheiro do Baxá. E como o Venezeano que fez aquelle roteiro lhe não

ya cousa algũa em aueriguar aquellas cousas,naõ fazia mais que escreuer o seu roteiro dia por dia, & as cousas que via & ouuia.E pelo que temos contado da jornada de Cafarcan, & da Raynha, & de como o Turco o tornou a mandar com o Baxá, fica bem claro ser elle o que mandou aqui matar.

Oito dias esteue a armada em Adem,& deixando ali cinco fustas pera seruiço da fortaleza, deu o Baxá a vela,& embocando as portas do estreito foi correndo a terra firme,& entrando por antre ella, & a ilha de Camaraõ, surgio da outra banda della em vm lugar chamado,Cubit Sarif. Aqui mandou o Baxá desembarcar algũas peças de artilharia de campo,& dous mil homens, & foi em pessoa cõtra Coja Amede Rey de Zebit, por que da outra vez naõ fora a seu chamado. E sendo a meyo caminho, tendo auiso os de Zebit de sua ida, desempararaõ o seu Rey,& a sua cidade,& os mais delles se passaraõ ao Baxá. Elrey vendosse desemparado dos seus, tomou por melhor remedio(que lhe foi bem roim) irse apresentar ao Baxá,cuidando que achasse nelle o que naõ tinha,que era algũa piedade. E assi o foi esperar ao caminho com hũa touca atada ao pescoço,em final de culpado & escravo,& lançado a seus pés lhe pediu perdaõ,& misericordia: mas como elle naõ tinha algũa, lhe man-

dou logo ali cortar a cabeça. E chegando a Zebit achou a cidade despejada,& mádou logõ pregar pellas aldeas seguro geral a todos, & que fossem receber soldo q' lho pagaria. A isto acodiraõ duzentos Abexins, que eraõ da guarda do Rey morto,& chegados ao Baxá, logo ali os mandou fazer em pedaçõs pellos lançaros. E deixando ali Mostafa naxar por Baxá, cõ quinhentos homens,se tornou pera a armada. Chegado á praya de Cobit Sarif,mandou tirar nella todos os Christaõs Portugueses,& da terra,que eraõ mais de cem pessoas, & a todos mandou cortar as cabeças,narizes, & orelhas: o que tudo fez salgar,& mandou de presente ao Graõ Turco,diante,pello Cacaya, por que cuidassem que deixaua feitas grandes cruezas nos Portugueses. Esta cidade de Zebit he arrezoadã,& todos seus termos á roda saõ fertilissimos & fresquissimos, de muitos & bons jardins & hortas, por causa das muitas fontes de agoa excelentissima que por ali ha. E em toda esta parte de Arabia Felix naõ ha cousa mais fresca que esta cidade,& a de Sanáa, trinta legoas ao sertão, de quem em outro lugar falaremos: em que ha todas as frutas da Europa. O que mais passou sou a armada do Turco, que naõ nos conuem, & por isso a deixamos.

CAPITVLO V.

*Do que fez o Visorrey tanto que lhe deraõ uouas da fogida dos Turcos. E de como Martim Afonso de Sousa se embarcou pera o reino. E do que socedeo na jornada a Nuno da Cunha, & faleceo no caminho. E de como Elrey o mandaua levar das ilhas, prezo em ferros.*

**R**ARTIDO Francisco de Siqueira o Malauar pera Goa, que leuaua as nouas ao Visorrey dó Garcia

de Noronha de como as Galés eraõ recolhidas, em poucos dias chegou á barra de Goa, onde ja o achou com toda a armada prestes esperando recado certo de Antonio da Sylua. E indo demandar o Galeaõ em que o Visorrey estava, lhe deu as cartas que leuaua, & as nouas do que passaua na fortaleza de Diu: era isto no coarto d'alua. O Visorrey com aquelle aluoroço, mandou que se desse rebate por toda a armada: & logo da galua do seu Galeaõ se tocou vm clarão, que claramente dizia, ponte de prata. E correndo logo as nouas pella armada ficaraõ todos mui malenconizados, & tristes, por q̄ desejavaõ de prouar a maõ cõ os Rumes, pera o que estauaõ

taõ aluoroçados, que se desfaziaõ, & não sabiaõ qual auia de ser a hora em que o Visorrey os auia de ir buscar. E sabendo agora que eraõ idos, começou a auer grandes pragas, & murmuraçoens, por toda a armada contra o Visorrey, por que os andaua entretendo, & enganando, com lhes dizer cada dia que logo ya, & que elle os meteria em meyo dos imigos: & que se elle não viera do reino, q̄ Nuno da Cunha os ouuera de ir buscar: & que nenhũa Galé ouuera de tornar a Sués, cõ outras cousas q̄ a soltura dos soldados da India lhes fazia dizer. Mas o bom velho, qual outro Quinto Fabio Maximo, cõ suas dilaçoens, & artes, fez aleuantar o imigo.

Martim Afonso de Sousa se foi logo ao Visorrey, & lhe pediu licença pera ir com algũas Galés, & nauios de remo apos os imigos, que como yaõ fogindo estava certo irem desordenados: & que esperaua em Deos ser de muito effeito, & fazer nelles hũa grande preza. O Visorrey lha não concedeo, dizendolhe que era escusado, por que quando elle chegasse a Diu, ja os Rumes auiaõ de ser na costa da Arabia, & que não faria mais que perder tempo. Vendo Martim Afonso de Sousa o que o Visorrey lhe negaua, lhe pediu licença pera se ir pera o reino, que lhe elle logo deu, por ficar aquelle lugar de capitaõ mór do mar vazio, pera o

dar a seu filho dom Alvaro: & despedido do Visorrey se embarcou pera Cochim em alguns nauios ligeiros. E chegou em poucos dias, achando as naos de viagem de verga d'alto, & se embarcou em hũa dellas em companhia de Nuno da Cunha, com quem continuaremos agora.

Partido de Cochim foi seguindo sua derrota com bom tempo, & depois de ter dobrado o cabo de boa esperança, adoeceo de hũas febres, & camaras, de q̄veyo a falecer. Foi sua morte muito sintida de todos, & abrindosse seu testamẽto, pera verẽ o q̄ mandaua fazer de si, achouffe nelle hũa verba, em que mandaua, q̄ morrẽdo no mår, fosse seu corpo lãçado a elle cõ algũas camaras de falção, q̄ mandaua se pagassem a Elrey: por q̄ pella hora em q̄ estaua, q̄ de nenhũa outra cousa lhe era em encargo, nem satisfação em todo o tempo que gouernou a India, deixando declarado por seu testamenteiro no mår a Ioão de Paiua seu Veador, que era capitaõ da sua nao, caualeiro honrado, & de grande sua obrigação. E vm Vicente Paez (de que ja falamos no capitulo oitauo do primeiro liuro, q̄ ya na mesma nao, & era pagem de Nuno da Cunha) nos disse, que se achara á cabeceira da sua cama, quando faleceo, & q̄ estando em passamento fizera vm termo, que todos cuidaraõ ser o derradeiro, & tornando a abrir os

olhos, repetira vm pouco entoado, aquellas palauras do Romano: *Ingrata patria, ossa mea non possidebis*: que taõ escandalizado ya do roim galardaõ que lhe deraõ de dez annos de seruiço de Governador da India, & de fazer nella tres fortalezas, Chale, Baçaim, & Diu: & isto sem elle ainda saber, que tinha chegado a cousa a tanto (& pella ventura que fosse a causa a inueja) que o mandauaõ esperar nas ilhas terceiras, com vm grilhaõ muito grande pera com elle o desembarcarem pera o castello de Lixboa, & d'ali o passarem pera a porta de Mansos em Sanctarem, que Elrey tinha mãdado preparar pera elle: que aquelles eraõ os triunfos com que esperauaõ de o receber, por tantas vitorias quantas alcançou em todo o Oriente. E assi foi, por que chegando a sua nao ás ilhas terceiras, achou ali Antonio Correa de Barrem, que andaua por capitaõ mór de hũa armada esperãdo por elle: & entrando na nao pera o prender, sabendo ser morto, lançou os grilhoẽs q̄ pera elle leuaua, no seu Ioão de Paiua, & a todos os mais criados tambem prendeo, & reparatio pellas naos. E chegando a Portugal foraõ desembarcados, & leuados ao limoeiro de Lixboa, a onde estiueraõ alguns meses. A isto acodiraõ os filhos & parẽtes de Nuno da Cunha, & foraõ fazer suas queixas a Elrey, leuandolhe a mostrar

amostrar o testamêto; em que vio a clausula delle em que declaraua, que lhe pagassem as camaras de falção com que o lançaão ao mar, por que de outra cousa lhe não era em obrigação. E como era Rey muito Christão, & temente a Deos, & que aquellas cousas tinha mandado fazer por algúas muito roins informaçoens, que alguns lhe derao delle, (& pella ventura por lhe tomarem o lugar) mandou que se soltasssem todos os seus. Este he o officio da inueja, fazer da virtude peccado, & fingir vicios onde os não ha, buscando sempre o pior pera reprimir, & vituperar, escondendo o bem com hũa dissimulação Farisaica, só por se fingirem milhores aos Reys, fundados em suas puras pretençoens. E assi ficaõ estes sendo como Cratero vm d'aquelles dous amigos de Alexandre, que o não amaua se não como a Rey, só pelas merces, q̄ delle esperaua: mas o outro que era Ephestion, não o amaua se não como Alexandre: por que he muito differente o amor da pessoa, ao do officio: & assi este lhe falaua verdades sem interesse como amigo, & não o lisonjaua por Rey como Cratero. E pella ventura que por faltarem Ephestioens aos Reys, vem a faltar os galardoados aos homens, como a este Governador, cujos feitos não luziraõ em seus filhos, por que he muito antigo pagaremse grandes

merecimentos com grandes ingraticadoens. Foi Nuno da Cunha casado duas vezes, á primeira com a filha de Fernão Nunez da Sylueira, senhor de Terena, que era neto de Diogo d'Azambuja, de q̄ ouue hũa filha que foi Condeça de Portalegre. A segunda vez casou com hũa irmã do Conde de Sortelha dom Luis da Sylueira, guarda mór d'Elrey, & irmaõ deste Antonio da Sylueira, que era capitaõ da fortaleza de Diu quando ouue este primeiro cerco, de quem ouue todos os mais filhos legitimos que teue.

## CAPITULO VI.

*Das cousas que neste tempo socederaõ em Ceilaõ. E de como o Madune tornou a fazer guerra a seu irmaõ Rey da Cotta. E da armada que o Visorrey dom Garcia de Noronha lhe mandou desocorro, & elle partio pera Diu.*



E necessario pera informarmos bem a historia, tocarmos vm pouco Ceilaõ de passagem. Andaua o Madune traçando em sua fantasia nouos modos pera destruir o irmaõ de todo: o que quis fazer por guer

ra, pera o acabar de consumir. E así tanto que Martim Afonso de Sousa se foi d'aquella ilha, tornou a solicitar o Camorim pera outra armada, que lhe elle negociou, encarregando outra vez aquella jornada a Pachi Marcá. Elrey da Cota foi logo auisado d'aquelles apercebimentos, & despedio logo recado ao Governador Nuno da Cunha, pedindolhe o ajudasse & fauorecesse, pois era vassallo d'Elrey de Portugal: por que estaua muito arriscado a perder aquelle reino. Este recado deraõ ao Governador Nuno da Cunha em Junho passado, pello que logo despedio Patamares (que são correos) por terra á saõ Thome, a onde viuia Miguel Ferreira, caualeiro muito hõrado, & que sabia das cousas de Ceilaõ melhor que todos os que entaõ atia na India: pedindolhe por cartas, que juntasse toda a gente & nauios que podesse, & q̄ fosse socorrer aquelle Rey, por ficar de lá mais á maõ, & que todas as despezas que fizesse elle as pagaria muito bem. E que quando lá não oue gente & nauios pera aquella jornada, que tanto q̄ o veraõ entrasse se fosse pera Goa, que elle o auitaria.

Estas cartas foraõ dadas a Miguel Ferreira, que armando algũs nauios, tanto que o veraõ entrou partio pera Goa: por que em saõ Thome não auia cabedal pera aquella jornada. E dandosse pressa

chegou á cidade de Goa o dia que o Visorrey teue as nouas da fogida das Galés: por que posto q̄ ya com tençaõ de em Cochim fazer mais nauios & gente, em chegando áquella cidade, que achou nouas da armada do Turco estar sobre Diu, lhe pareceo mais necessario acodir lá com aquelles nauios que leuaua, que não ir a Ceilaõ: por que a todo tempo se podia fazer aquelle negocio.

O Visorrey recebeu muito bem Miguel Ferreira, por que ja delle tinha informaçãõ, & vendo q̄ era necessario acodir a Diu, & que era forçado socorrer tambem a Ceilaõ, & estaua pera se partir ao outro dia, pós aquellas cousas em conselho: & assentou se que era muito justo & necessario socorrer aquelle Rey, por que se não viesse a perder o comercio d'aquella ilha, & q̄ se dessem a Miguel Ferreira cento e vinte homens, & vasilhas pera elles. Concluido isto, por que Miguel Ferreira não podia partir pera Ceilaõ se não em fim de Janeiro, o deixou em Goa negociando, passandolhe todas as prouisoens q̄ lhe pediu.

Feito este negocio se fez o Visorrey á vela com toda a armada que era de vinte & dous nauios grossos, noue Galés, dez Galeotas latinas, & outros muitos nauios de remo, a fora cincoenta que tinha mandado diante. Os capitaens que foraõ nesta jornada

nada são os seguintes.

O Visorrey no Galeão são Dinis, dom Francisco de Lima no Galeão são Ioaõ, dom Ioaõ Deça em são Bertolameu, Balfesár da Sylua no Camorim pequeno, dom Ioaõ Lobo em são Bernardo, dom Iorge Tello, em Sanctiago, Pero de Tayde Inferno em são Boauentura, Antonio de Lemos nos Reys Magos, Vasco da Cunha em outro Galeão, Francisco Pereira de Berredo na nao Cisne, Gaspar Pereira em outra nao, Ruy Lourenço de Tauora na nao santa Clara, Luis Falcão na Garça, dom Garcia de Crasto na nao fieis de Deos, dõ Christouaõ da Gama na nao santo Antonio, dom Payo de Noronha no Galeão Bufara, dom Manoel de Meneses, na nao são Bertolameu, Christouaõ de Mello, Francisco de Bairros, Manoel de Mello, Diogo de Sousa em Carauelas, dom Alvaro filho do Visorrey, Ioaõ de Mendocha, dom Ioaõ de Castro, Diogo Lopez de Sousa, Manoel de Sousa, Fernão de Lima, Pero de Lemos, dõ Ioaõ Manoel Alabastro, & Ioaõ de Sousa, em Galés. Os capitaens das Galeotas latinas eraõ Bernaldim de Sousa o Diabo, dõ Ioaõ Mascarenhas, Francisco Pereira, dom Tristaõ de Soto Mayor, dom Francisco de Meneses, Martim Correa da Sylua, dom Diogo d'Almeida filho do Contador mór (a que ca na India poseraõ o sobre alcunha de al-

fenim, por ser muito afidalgado, & muito brando.) Francisco de Sá de Meneses o dos oculos, Fernão de Sousa de Tauora, & dom Antonio de Noronha o Catarras. Os capitaens de fustas & bargantins, dom Francisco de Neronha, dom Diogo de Vasconcellos, Alvaro de Médoça, Tristaõ de Tayde, Martim Vaz Pacheco, Duarte Pereira, Fernão Rodriguez, Gaspar de Sousa, Fernão de Crasto, Ioaõ Iuzarte tição, Luis Xira Lobo, dom Pedro de Meneses, Francisco Freire, Iorge de Mello Soarez, Iorge de Vasconcellos, Ioaõ de Sepulueda, Manoel Rodriguez Coutinho, Lionel de Lima, Francisco de Ilher, Gaspar Vaz, Tristaõ Fogaça, Gaspar Rodriguez, Simaõ da Costa, Bastião de Faria, Miguel Vaz, Francisco Alvarez, Felipe Rodriguez, Iacome Tristaõ, & outros fidalgos & caualeiros, a que não achamos os nomes. Dada a vela com toda esta armada, foi correndo a costa com terrenos, & viraçoens, & tão to auãte como Dabul, lhe deu hũa tormenta muito grande aque chamaõ a vara de Choromandel, cõ que toda a armada esteue perdida, correndo os nauios pequenos por onde milhor poderaõ, acolhedosse ás enceadas & rios que poderaõ alcançar. Os nauios grossos por não poderem correr, foilhes forçado surgirem. Dom Alvaro de Noronha na Galé bastardã q era velha abriosselhe toda, & com

muito trabalho foi demandar a barra de Dabul, & entrando por ella, achando os mares mūy soberbos, encapellaraõ sobre ella, & a encoftaraõ sobre a coroa de area do banco onde encalhou, ficando dom Aluaro & os mais pegados ás postiffas: & sempre se perderaõ todos se dom Christouaõ da Gama, capitaõ da nao santo Antonio, que estaua furto na boca da barra, lhe naõ mandara acodir com o seu batel, contra vontade dos officiaes, & por força, que os trouxe todos pera a sua nao. E ao mesmo tempo, indo Ioaõ de Sousa Rates, capitaõ da Galé espinheiro ja alagado de todo, em prepassando pelo mesmo dom Christouaõ, vendo elle o perigo em que a Galé ya, mandoulhe com muita pressa lançar a guns viradores grossos, que permitio Deos q os da Galé afe-rassem, & dandolhes volta ao masto atreparaõse por elles a nao, onde se baldeou toda a gente, ainda que com a pressa se perderaõ alguns homens que cairaõ ao már. Dom Christouaõ correo neste negocio como fidalgo muito pontual, grande Christaõ, & muito animoso: por que estando tambem em trabalho, acodio com tanta diligencia aos alheyos, que por sua industria saluou a gēte destas duas Galés: & a esta de Ioaõ de Sousa, por que se naõ perdesse a artelharia, a teue sempre atracada a nao com muitos viradores, a te que a

tormenta cessou, sustentandoa cõ muito risco & trabalho seu: & assi atracada a leuou a te Chaul, a onde se concertou. A mais armada esteue perdida. Dom Francisco de Lima no Galeaõ saõ Ioaõ perdeu o batel. O Visorrey alijou todas as cousas de cima ao már, & o mesmo fizeraõ todos os mais Galeões, & naos.

Passada a tormenta, que durou vinte & coatro horas, foraõse todos ajuntar cõ o Visorrey a Chaul, aonde tanto que chegou, mandou logo tirar a artelharia da Galé de dom Aluaro, que toda se saluou. O Visorrey deteu esse pouco, & passou a Baçaim, onde deixou Ruy Lourenço de Tauora por capitaõ, & a sua nao deu a dom Aluaro de Noronha. D'ali atraueffou a Diu, onde foi muito bem recebido de Antonio da Sylueira, a quem elle fez muitas honras, & a todos os mais que com elle se acharaõ no cerco. Todos ficaraõ admirados do estado em que aquella fortaleza estaua, que parecia nao destruçãda em tormenta, sem castellos, nem obras mortas. E certo que foi espectaculo muito pera espantar, ver aquella destruiçaõ, & a pouca, & mal tratada gente, que defendeo aquellas roinas, a tamanhos, & taõ poderosos exercitos, & tantas, & taõ medonhas bombardas, ariadoras de tudo.

Por onde se vé bem, quaõ grande abusaõ he, cuidarem algũs que esta

esta conquista do Oriente foi com negros despídos, & nús, com paos tostados, & arcos fracos & leues, como os das Indias occidentaes, sem ordem de milicia algũa, ou cõ gentes brutas & sem gouerno: por que ca não contenderão os Portugueses, se não com Emperadores potentissimos, como foraõ os Soltõens do Egypto, & com Turcos ferozes, que nũca foraõ domados dos Emperadores da Europa, que não se podem jaçtar, que suas armadas alcançassem nunca nestas partes vitorias dos nossos, como tẽ alcançadas nessas de lá, de potentissimas armadas dos Reys & senhores Christaõs. Não contendẽ os Portugueses com gentes despídas, fracas, & sem ordem: mas cõ fortissimas naçoẽs, & mũy exercitadas na milicia, politicas no viuer, como sãõ Persas, Coraçones, Magores, Decanis, & Abexins, não despídos, mas armados de armas brancas, & em fermosos caualos cubertados: não com paos tostados, nem com arcos fracos, mas com Basaliscos, Canhoens, Liõens horrendos, quartaos, & Aguias reais, arcabuzaria melhor, & mais bem guarnecida de toda a da Europa. Em fim contendem os Portugueses com tão feras & indomitas naçoens, que Trajano, Semiramis, & Alexandre, não acabaraõ de sojear tanto, como elles o tem feito, fazendo passar por baixo do jugo Portugues, tantos Reys & se-

nhores, quantos nunca os Romanos poderaõ domar: de que não damos mais testemunhas que esta nossa historia, onde simplexmente, & sem ornamento, nem arteficio de palauras contamos as grandes & raras vitorias, que nestas partes alcançaraõ. Como se verá nesta de hũa taõ potente, & taõ soberba armada de Rumes & lançaros, dos mais escolhidos do imperio do Graõ Turco.

CAPITULO VII.

*Das cousas em que o Visorrey dom Garcia de Noronha proueo em Diu: & de como se trataraõ pazes antre elle & Elrey de Cambaya, & dos capitulos com que se concluraõ.*



**D**ESEMBARCADO o Visorrey dom Garcia de Noronha em Diu, a primeira couisa em que proueo foi na fortificação da fortaleza, mandando com muita pressa renoualla mũy bem, & acabar á cisterna, fazerlhe seus terrados pera recolhherem as agoas do inuerno. E porque á mor parte dos mercadores, & moradores da cidade estauaõ da outra banda, mandou lançar pregoens, & passar seguros reais, pera que todos liurementemente se tornas-

Quinta Decada. Da historia da India.

tornassem pera suas casas, & reformassem, & pouoassem sua cidade, concedendolhes grandes liberdades, & priuilegios, com o que todos se tornaraõ. O Visorrey desejando de saber, os desenhos, & pretesoões d'Elrey de Cambaya, despedio vm estrangeiro chamado Bastiaõ de Borgonha, & com elle vm Gétio, por nome Ralú, pera irem visitar de sua parte a Alucan, & a Cogecofar, por quem lhes mandou dizer, que lhe pezaua muito de os não achar naquella ilha pera os ver de mais perto: & que em estremo sintia a ida do Baxá que elle vinha buscar, pera o hospedar como merecia. Instruindo a estes dous de muitas cousas que auiaõ de saber, & fazer, pera verem se estaua Elrey em bordo de pedir pazes. Estes homens se foraõ a Madaba, & visitaraõ aquelles capitaens, que os receberaõ bem: comunicando o Cofar muitas cousas com o Borgonha, porque era muito seu amigo. E antre as praticas que teue com aquelles capitaens, lhe fallaraõ por figuras em pazes: ao q̄ elle se fez de nouas: mas a modo de conselho lhes disse, que o bom seria mandar Elrey visitar o Visorrey, por ser chegado de nouo à India, se estaua ja enfadado da guerra: & que nesta visitaçãõ poderia ser que se abrisse caminho de falar em pazes.

Estes capitaens deraõ a Elrey conta d'aquelle negocio, & pare-

ceolhe que aquillo seria bõ meyo pera se saber a vontade do Visorrey. Com isto despedio logo a Xacoes por Embaixador (por ter muito conhecimento do costume dos Portugueses) a dar os parabens da vinda ao Visorrey, & com muitas satisfaçoens & desculpas da guerra passada. Dandolhe instruções, pera q̄ se o Visorrey lhe desse algũas mostras de fazer pazes, as ceitasse, & que os apontamentos dellas côcluiariaõ Rumecan & Caciafcan: que logo tambem despedio pera Nouanager, por estarem mais perto de Diu, a quem deu poderes pera tudo o que fizessem. Xacoes foi a Diu, & da outra bãda da villa dos Rumes se deixou estar a te o Visorrey o mandar buscar, & o recebeo com grande magestade: & depois de o ouuir lhe mandou que se aposentasse na cidade, & se tiuesse negocios os tratasse cõ o Secretario, & com Gaspar Pirez de Matos seu escriuaõ, de quem o Xacoes era muito amigo. E ajuntandosse todos, veyo o Embaixador a falar em pazes por remoqueas tantas vezes, sem lhos quere-rem entêder, a te que se declarou. E dandolhe o Secretario orelhas, perguntando o modo que niffo Elrey mandaua ter, lhe respõdeo: que elle não tinha poderes pera cousa algũa, mas que deuia o Visorrey mandar algũa pessoa de confiança a tratar aquelle negocio cõ os Regedores do reino que esta-  
uãõ

uaõ em Nouanager. O Visorrey auisado disto, respondeo: que elle não cometia pazes, que quem as quisesse as tratasse, que ali estaua prestes pera lhe responder. De tudo isto foraõ auisados os Regedores, & logo despediraõ seus inuiados a visitarem o Visorrey de sua parte: mandandolhe dizer, q̄ elles eraõ ali vindos pera o seruirem, & que não tinhaõ licença d'Elrey pera passarem a Diu, que lhe pediaõ, lhes mandasse vm homẽ de confiança, pera com elle tratarem cousas de muita importácia. E tomando parecer sobre isto, asentouffe que se lhe mandasse, que nisso não entraua opiniaõ. Pello q̄ despidio logo Francisco Mendez de Vasconcellos, & Manoel de Vasconcellos, & com elles o Secretario, & Gaspar Pirez de Matos, & pera lingua Coge percorli. Chegados todos a Nouanager, praticaraõ com os Regedores sobre o negocio de pazes, dandosse vns a outros apontamentos do que pretendiaõ, que se mandaraõ assi a Elrey, como ao Visorrey: & vistos pellos capitaens do conselho d'ambos concluireã as pazes pella maneira seguinte.

Que Elrey de Cambaya mandaria fazer hũa parede antre a cidade & a fortaleza, que cortasse de már a már, de doze palmos de largura, & que as portas que tiuesse estariaõ todo o dia abertas, pera os Portugueses poderem ir & vir

á cidade, & que de noite se fechariaõ, & os Portugueses se recolheriaõ todos á fortaleza. E que nas portas estariaõ cótinuamente guardas: assi Portugueses como Mouros: mas que as chaues dellas estariaõ nas maõs dos porteiros d'Elrey de Cambaya.

Que todos os rendimentos que rendessem as alfandegas, & todas as mais rendas da ilha se lançariaõ em vm cofre, de que no cabo do anno, tiradas as despezas, & ordinarias dos officiaes, aueria Elrey de Portugal a terça parte, & que na alfandega poria outros tantos officiaes Portugueses, quantos Elrey de Cambaya tiuesse, & que teria cada vm sua chaue do cofre. E que na cidade poderia o Visorrey por vm Ouuidor, Meirinho, & Tanager, como Elrey de Cambaya tinha, pera administrarem justiça aos seus: ficando porem o senhorio da cidade isento a Elrey de Cambaya. E que auendo differenças antre os Portugueses, Mouros, & Gentios, assi ciuel, como crime, o Catual d'Elrey seria obrigado a leuar os Portugueses ao Ouuidor pera delles fazer justiça: & que elle tambem mandaria os naturaes ao Cadi d'Elrey de Cambaya pera a fazer delles.

Que os caualos que viessem da costa de Arabia, de Caxem, & dos portos do estreito de Meca, seriaõ forros de direitos, & que lhes dariaõ cartazes a suas naos, pera poderem

derem nauegar, mostrando certos doens de como despacharaõ primeiro as fazendas nas alfandegas.

Concluidos estes apontamentos, tiraraõse delles dous instrumentos, vm em Parseo pera Elrey de Cambaya, & outro em Portugues pera o Visorrey, que lhe foraõ mandados pera jurarem as pazes, indo o Xacoes a velas jurar pelo Visorrey, o que elle fez com grã de solennidade, & logo as mandou apregoar pella cidade com muitos instrumetos de alegria. O mesmo fez Elrey em Amadabá, presente o Secretario Ioaõ da Costa, Gaspar Pirez de Matos, & Coge percorli, que a isso foraõ: apregoãdossẽ tambem por todo o reino com grãde aluoroço de todos, por estarem ja quebrados & auorecidos da guerra.

Estas pazes foraõ murmuradas de alguns, por que auiaõ q̃ foraõ feitas em grande descredito do estado, principalmente na parede q̃ se lhes consintio, com que os nossos ficaraõ encurrallados na fortaleza: que depois foi occasiaõ do segundo cerco que se lhe pôs em tempo do Governador dom Ioaõ de Castro de que trataremos na sexta decada. Os naturaes acodiraõ de todas as partes a pouoar outra vez a cidade de Diu, que se começou a engrandecer: & antre estes tambem foraõ alguns dos que ali deixou o Baxá doentes, & feridos,

em q̃ entravaõ vm Ianiçaro Grego, capitaõ de vm Galeaõ: & vm Albanes capitaõ de outro: & vm Iacome de Micina, & outro Iacome Grego, grande fundidor de artelharia. Estes se foraõ ao Visorrey, & se lhe lançaraõ aos pés, dizendo-lhe q̃ eraõ de casta de Christaõs, & que foraõ feitos Mouros, & tomados ás mãys nos berços: q̃ lhe pediaõ os mandasse fazer Christaõs, por que queriaõ ficar no seruiço d'Elrey de Portugal. O Visorrey os agasalhou bem, & lhes fez honras, mandãdoos cathechizar, & dar-lhes todo o necessario. E em vm dia aprazado pera isso os fez Christaõs a todos com grandes solennidades, & festas, sendo o Visorrey padrinho do Grego, a q̃ pôs nome Garcia de Noronha, q̃ depois foi grande seruidor d'Elrey de Portugal, como em outros lugares diremos. Dos outros foraõ padrinhos, Antonio da Sylueira, dom Aluaro de Noronha, & outros fidalgos, que os vestiraõ muyto bem, & lhes deraõ depois dinheiro, & ficaraõ sempre seus chegados, muito contentes & satisfeitos dos gasalhados que acharaõ em os Portugueses.

O Visorrey, tanto que jurou as pazes, despedio Manoel Rodriguez Coutinho, com tres nauies ligeiros, pera ir ás portas do estreito a tomar fala das Galés, & tornar com o recado antes do inverno, por que se receou que fossem deman-

demandar Ormuz: mandando outro nauio ligeiro a esta fortaleza, com cartas a Martim Afonso de Mello Iularte, pera que estiuesse sobre auiso: & destas jornadas adiante daremos rezaõ, por que queremos concluir aqui com as cousas do Visorrey. Foise dando grande pressa às obras da fortaleza, & da cisterna, em q̄ se fez muito: & o Visorrey proueo os officios da cidade, & da alfandega, cõforme aos capitulos das pazes, & pões outras cousas em ordem.

E por que dom Pedro de Castello branco, fora por mandado do Governador Nuno da Cunha deslapossado da fortaleza de Ormuz, como dissemos no capitulo oitauo do segundo liuro, quis o Visorrey entrar em seus negocios, pera dali o despedir pera lá, mandando trazer suas culpas, que foraõ vistas pello Ouuidor geral, & prouedor mór (que entãõ não auia mais letrados, por não ser ainda a malicia tanta.) E foi por elles sentenciado, que fosse acabar de seruir o tempo que lhe faltaua de sua fortaleza. O Visorrey o despachou logo dandolhe hũa armada: & andandosse negociando chegarãõ naos de Ormuz, por quem teue o Visorrey nouas da nao de Ioaõ de Sepulueda q̄ faltaua de sua conserva, de como ficaua em Ormuz: o q̄ elle festejou muito por q̄ a tinha por perdida. Assim também vieraõ nouas, como Xequê hamed, Guazil

de Ormuz era morto: q̄ sendo cõuidado de Martim Afonso de Mello, pera um banquete q̄ daua em Torumbaque, a Ioaõ de Sepulueda, indo pera lá no caminho lhe atiraraõ á besta, & o mataraõ: & sempre se sospeitou que o mandara fazer o mesmo dõ Pedro de Castello branco, por q̄ tinha pera si, q̄ elle mandara delle capitulos a Nuno da Cunha, por que o suspenderaõ da sua fortaleza. E como este fidalgo era forte de condiçaõ, (& taõ mal sofrido, q̄ dizem, q̄ poucas vezes perdoou cousa q̄ lhe fizesse de q̄ se não vingasse, por todos os meyo q̄ podesse) tiueraõ todos pera si, q̄ a morte do Guazil procedera delle. E por que eraõ chegados procuradores de Xequê Rabeá filho do morto, & de Rexnocorradim, Guazil de Iulfar, a requererem aquelle cargo: teue este tantas intelligencias, & soubesse também negociar pello modo com que se negocea, & acaba tudo: que leuou o cargo, tendo o Xequê Rabeá bẽ diferentes merecimentos: porque em todo o tempo, & em todo o estado onde se encontraraõ interesse & merecimento, sempre este valeo menos. Despachado dom Pedro de Castello branco pera Ormuz ja em Março, ou entrada de Abril, deu á vela, & foi seguindo sua viagem.

E porq̄ era tempo do Visorrey se recolher, meteo de posse da fortaleza de Diu, Diogo Lopez de Sousa, que

sa, q̄ della era prouido por Elrey. Feito isto & outros negocios, embarcouffe pera Goa, onde logo proueo nas coufas de Malaca, & Maluco, mandando muitos prouimētos pera aquellas fortalezas. E assi despachou Fernão de Moraes pera Pegú, dandolhe vm Galeão muito fermoso, com mercadorias, & fazendas d'Elrey. Porque neste tēpo com auer menos rendimentos, tinha Elrey dinheiro pera as despesas de tamanhas armadas, & pera seus tratos & comercios, de que de pois se leuou mão, não sei porque respeito.

CAPITULO VIII.

*Do que acõteceo a Miguel Ferreira na jornada de Ceilaõ: & de como tomou toda a armada do Camorim. E dos tratos que teue com o Madune a te matar Pachi Marcã. E do que acõteceo a Manoel de Vasconcellos na viagem do estreito.*

**M**IGUEL Ferreira q̄ se ficou em Goa negociando pera o socorro de Ceilaõ, como dissemos no capitolo sexto do quinto liuro, deu tanta pressa a armada que auia de leuar, que na entrada de Feuereiro se fez á vela, & foi seguindo

sua jornada com bom tempo a te passar o cabo de Comorim, & foi correndo aquella costa, a te os baixos que passou á outra banda. Em Manar soube, que estaua Pachi Marcá com toda sua armada no rio de Putulaõ, & os Mouros della com tranqueiras feitas em terra: & que o Pachi Marcá era ido com parte de sua gente pera Ceilaõ, em fauor do Madune contra o irmaõ. Miguel Ferreira teue isto por boa ventura, & assentou com seus capitaens de dar nos Paros que eraõ dezaseis: & indo demandar aquelle rio, chegaraõ a elle no coarto d'alua, & postos em armas o entraraõ, & acharaõ os Paros todos encadeados com as popas em terra, & tranqueiras feitas ao longo do már, com a artelharia posta nellas. Miguel Ferreira remeteo com os nauios, & os entrou logo sem achar resistencia, & saltando em terra todos os nossos, com grandes estrondos comete-raõ as tranqueiras, em que estauaõ perto de dous mil homens. E como os tomaraõ de sobresaõto, quando quiseraõ acodir ás armas ja eraõ entrados dos nossos com grãdes danos & mortes de muitos: & todauia os q̄ logo não foraõ cortados, acodindo á defesaõ, tiueraõ com os nossos hũa trauada batalha, & no fim della com perda de muitos largaraõ as tranqueiras, que ficaraõ com toda a artelharia em poder dos nossos, de que tãbẽ ficaraõ

ficaraõ alguns mortos & feridos, ainda que poucos. Miguel Ferreira mandou embarcar a artelharia, & tomando os Parós á toa foi de mandar Columbo onde desembarcou com toda a sua gente posta em armas, & assi se foi marchãdo pera a cidade da Cotta. Elrey ofayo a receber, porque era grande seu amigo, & lhe deu os parabens da vitoria, recolhendo pera a cidade onde o aposentou bem, & lhe deu conta de tudo o que era passado com o irmaõ: dizendo-lhe como a te entaõ o tiuera de cerco, & que tanto que tiuera novas do desbarato da armada de Pachi Marcá se recolhera com elle pera Ceitauaca. Miguel Ferreira assentou com Elrey de irem buscar o Madune a Ceitauaca, & não se sair de sobre aquella cidade, sem a tomarem & destruirem de todo ao Madune, por que lhe não desse mais trabalho a elle, nê oppressãõ ao estado da India, em tantos soccorros como lhe tinha mandados.

E ajuntando Elrey toda a gente que pode começou a marchar pera Ceitauaca, indo Miguel Ferreira na dianteira com quinhentos Portugueses repartidos em cinco bandeiras: & entrando pelas terras do Madune começaram a fazer grandes danos, & cruexas. Miguel Ferreira despedio vm Mo deliar com recado ao Madune, fazendolhe a saber de sua chega-

da: & que lhe affirmaua, que se não auia de sair d'aquella ilha sem de todo o deixar destruido: & seguro, & quieto Elrey da Cotta: que lhe pedia lhe mandasse logo Pachi Marcá, & todos os Maluares que com elle estauaõ, se não que juraua pella Nazaré (juramento que elle sempre fazia) que lhe auia de tomar todo o reino, & perseguillo a te o auer ás mãos, & leuar sua cabeça ao Visorrey da India. Este recado foi dado ao Madune, que estaua assombrado do poder com que o irmaõ ya contra elle, & dos danos q̄ yaõ fazendo por seus reinos: & respondeu com muita humildade, que bem sabia elle que não era licito a os Reys entregarem os homens q̄ estauaõ em seu poder: que toda a outra cousa estaua prestes pera fazer, & que todas as amizades que seu irmaõ quisesse, partidos, & côcertos, que todos lhe concederia: Com este homem despedio outro seu, por quem mandou pedir a Elrey seu irmaõ, que cessassem os danos que ya fazendo, & castigos q̄ ya dando por suas terras: que todas as satisfaçoens que quisesse, elle estaua prestes pera lhas dar. Elrey da Cotta como era bom homem, & tinha boas entranhas, côpadecendosse da humildade do irmaõ, quisera logo retraerse, mas Miguel Ferreira lho não cõsintio, antes mādou dizer ao Madune outra vez, q̄ se determinasse, por q̄ se

Ihe não entregaua Pachi Marcá cõ os Malauares todos, que soubesse, que auia de ir a te dentro de Ceitauaca, em busca delle. Vendo o Madune tamanho desengano, pafmado da determinação de Miguel Ferreira: mandoulhe dizer q̄ se não bolisse donde estaua, que elle o satisfaria de maneira, q̄ não ficasse correndo infamia. E chamando Pachi Marcá, & Cunhale Marcá seu irmão lhes disse, como Miguel Ferreira apertaua com elle que lhos entregasse: que lhe parecia bem fazerense hũa noite fogidos, pera elle ter rezaõ de se desculpar. E assi lhes aconselhou, q̄ se passassem pera hũa aldeia do sertão, a onde estariaõ escondidos, a te Miguel Ferreira se tornar: o q̄ elles fizeraõ logo, leuando comsigo perto de setenta Mouros de mais sua obrigação.

E caminhando aquella noite por antre os matos, onde por ordem do Madune estauaõ embrenhados muitos Pachas, (que são hũa casta de Chingalás cruellissimos, q̄ tãto que derribaõ vm imigo, logo lhe cortaõ narizes & beijos.) E ao passar deraõ sobre elles às frechadas, & vm, & vm os derribaraõ a todos, & cortãdolhes as cabeças as leuaraõ a Miguel Ferreira, com que elle se quietou. Elrey da Cotta fez com o irmão pazes, & recolhidos á cidade da Cotta, mandou Elrey fazer hũa paga aos soldados da armada, & a Miguel

Ferreira, & a todos os capitaes, deu peças & brincos douro & pedraria: & emprestou trinta mil cruzados pera as despezas d'aquella armada. Miguel Ferreira vedo tudo acabado despedio a armada toda cõ os nauios dos Malauares pera Goa, escreuêdo hũa breue carta ao Visorrey, cuja substancia era.

Que elle fizera naquella jornada tudo o que lhe mandara, que deixaua Ceitãõ todo de paz, & que Pachi Marcá com toda sua geração era acabado, como lá saberia dos capitaens da armada, & que ali lhe mandaua todos os seus nauios de presente.

Esta armada chegou a Goa em fim de Abril: & o Visorrey fez muitas festas áquella vitoria, & muitas honras, & merces aos capitaens. E assi foi este vm dos grandes feitos desta qualidade, que se na India fizeraõ, com que o Maluar ficou taõ quebrantado, que mandou logo o Camorim pedir pazes ao Visorrey, que lhas concedeo, como adiante diremos.

Miguel Ferreira depois de despedir a armada pera Goa, elle se fez á vela, pera se ir pera saõ Thome, a onde tinha sua casa: leuando alguns nauios d'aquella costa em companhia. E voltou por fora da ilha, por não ser ja tempo pera ir por dentro, & como era tarde, & o inuerno vinha ameaçado, descarregaraõ as primeiras trouoadas

uoadas (que he vñ tempo que a-  
li chamaõ o burro, que venta do  
Sudueste) com que todos estiue-  
raõ perdidos, & espalhandosse:  
& correndo por onde cada vñ  
pode, foraõ tomar diferentes por-  
tos, vns Pegú, outros Tanaçarim,  
& por aquella costa como Miguel  
& Ferreira leuaua bom Piloto, &  
bom nauio, passando grandes ris-  
cos & trabalhos, foi tomar a cida-  
de de saõ Thome. Era este ho-  
mem neste tempo de mais de se-  
tenta annos, grande de corpo, se-  
co, enxuto, bem affombrado: gran-  
de caualeiro, & ardiloso na guer-  
ra. Nunca foi casado, teue alguns  
filhos naturaes, aposentouffe na  
quella cidade, onde sempre foi ri-  
co, & honrado, & onde morreo.  
D'ali acodia com muita presteza  
ao seruiço d'Elrey, & era chama-  
do dos Governadores pera gran-  
des necessidades.

E pera concluirmos com as cou-  
sas deste veraõ o faremos com a  
jornada de Manoel Rodriguez  
Coutinho, que como dissemos no  
setimo capitolo do quinto liuro,  
tinha ja partido de Diu a espiar as  
Galés: Segundo sua derrota foi a-  
uer vista da costa de Arabia, por  
onde foi tomando fala, & achou  
por nouas serem passadas pera dē-  
tro do estreito, & na boca delle to-  
mou hũa Gelua, onde soube serē  
todas as Galés recolhidas a Sués.  
E voltando pera Goa, chegou a el-

la em fim de Abril, & deu cõta ao  
Visorrey do que passara, com o q̄  
ficou desaliuado.

## CAPITULO IX.

*Do que aconteceu a Fernão de  
Moraes em Pegú. E de como  
o Bramã entrou conquistan-  
do aquelle reino. E de como  
Fernão de Moraes por fauo-  
recer aquelle Rey, foi morto  
em hũa batalha. E do princi-  
pio & origem destes Reys de  
Pegú, & descripção d'aquel-  
las prouincias.*



**ARTIDO** Fernão  
de Moraes de Goa,  
como atras dissemos  
no fim do setimo ca-  
pitolo do quinto li-  
uro, seguindo sua derrota pera  
Pegú foi ja em Mayo tomar a-  
quelle porto, a onde achou Dio-  
go Alvarez Tellez, com outro Ga-  
leaõ, com que estaua ja ali do  
veraõ passado, fazendo resgate  
muito deuagar por não acodi-  
rem fazendas por causa das guer-  
ras que o Rey do Bramá an-  
daua fazendo por todo aquelle  
reino, por quem tinha entrado  
com grossos exercitos, pera o con-  
quistar. O Rey de Pegú que não  
estaua poderoso como ja fora, quis  
se valer dos Portugueses, & mādou  
V 3                      pedir

dir a Diogo Alvarez Tellez o quisesse ajudar naquellas guerras, do que se elle escusou: porque tinha aquelle Galeão d'Elrey a seu cargo, & não tinha licença do Visorrey da India. Agora sabendo ser chegado Fernão de Moraes o mandou visitar com grandes ofrecimentos, & a pedir-lhe que se visse com elle; o que elle fez contra o parecer de Diogo Alvarez Tellez. E indoo visitar muito bem acompanhado, lhe pediu o quisesse ajudar naquellas guerras, fazendolhe tantas promessas, que o rendeo. E assi assentaraõ, que elle ficasse nos rios com toda a armada, que era muita: por que tambem o Bramá tinha metido no már a mayor força: & pellos rios abaixo tinha decido com vm grande numero de embarcaçoens, aque chamaõ, Chalauegoens, & seremaõ com duas ordens de remos, & são mūy grandes, & capazes de muita gente. Fernão de Moraes, armou hũa Galeota em que se embarcou com cincoenta homens, & começou a andar pellos rios com toda a armada de Pegú, encontrandosse algũas vezes com embarcaçoens do Bramá, que destruyó, & assolou. O Bramá tinha partido de seus reinos por terra com grandes exercitos, com que ya marchando deuagar, pello que as suas armadas chegaram primeiro: que eraõ tantas, que

entulhauaõ os rios, que eraõ tão grandes como o Ganges. Elrey foi decendo como vm arrebatado torrente, alagando, assolando, queimando, & destruindo todos os reinos de Pegú, a te chegar aos confins desta cidade, em cujos campos Elrey estava com seus exercitos. E vendo o poder com que o Bramá ya, não ousando ao esperar, se foi recolhendo pera a banda de Negraes, a onde andava Fernão de Moraes, com toda a armada. O Bramá chegou á cidade de Pegú, & a tomou; & foi logo seguindo o imigo, por terra & por már com suas armadas. E chegando ellas a hũa ponta que se chama Gina marrecá, que Fernão de Moraes tinha tomado com sua armada, por ser muito estreito: & encontrandosse aqui ambas as armadas, trauaraõ hũa batalha temerosissima, em que os Portugueses mostraraõ bem o valor de suas pessoas: por que sendo desemparrados da armada de Pegú, sustentou Fernão de Moraes com só a sua Galeota todo o pezo da batalha, sendo abordado por todas as partes d'aquelles Chalauegoens. Mas como o numero era tão desigual, foraõ entrados os Portugueses, & mortos todos, tendo primeiro feito nos imigos tamanha destruição, que era cousa espantosa de ver, deixando Fernão de Moraes tamanha memoria de si, que  
ainda

ainda oje dura, & durará antre os Bramás naquelle lugar de Gina marrecá: por cuja morte he antre elles mais celebrado, que por seu proprio nome.

Será este lugar perto de tres legoas pello rio de Pegú acima. He vm passo muito estreito, como ja dissemos, & da banda do Ponente tem hũa serra que pende sobre a agoa, asperíssima, & talhada ao picaõ toda á roda, em que se se fizer hũa fortaleza, pode defender a entrada do rio facilissimamente a todo o poder do mundo: por que toda a embarcaçã que sobe pera cima, chegando áquelle passo não vé o rio diante, por que faz volta, & leua o rosto sempre naquella serra, por cujo pé á de passar. Tanto que esta armada se desbaratou, logo se perdeu todo o reino de Pegú, de que o Bramá ficou senhor, & conquistou outros Reys vizinhos que ajudauão ao Rey de Pegú, que elle ouue ás mãos, & lhes cortou as cabeças. Com isto ficou o mór senhor Gêtio que auia em todo o Oriente. E por que nos não lembra que lessemos em algũa escritura o principio & origem deste reino de Pegú, & de seus Reys, ao menos como o elles tem em suas escrituras, nos pareceo bem darmos aqui rezaõ disto, o que não deue de ser desaprazível aos curiosos, & affectoados a antiguidades.

Pello que se á de saber, que o reino de Pegu, o seu verdadeiro nome he, Pachou, por se chamar assi á sua principal cidade: cujo nome quer dizer, engano, por vm de que vm Principe ali vsou em vm desafio, como logo diremos. Dizem suas escrituras, que reinando em todas aquellas partes de Pegú, Tanaçarim, Rey, Martabaõ: & em outros reinos ao Norte, vm Rey da casta do Sol, (de que ja demos rezaõ no capitulo decimo do segundo liuro) fora ter áquelle porto de Pegú hũa muito grossa armada, em que ya vm Rey, que desejava de conquistar aquelle reino, fairsa em terra com vm grosso exercito, & entrando por aquellas terras as foi conquistando, & destruindo, tendo algũas batalhas com aquelle Rey, em que ouue grandes danos de ambas as partes. Cansados de tantas mortes, mandou o Rey estrangeiro desafiar o de Pegú de pessoa a pessoa, confiado em ser vm homem agigantado, & de monstruosas forças. A este desafio lhe sayo vm filho do Rey de Pegú, mancebo de vinte annos, muito valente homem, & mui exercitado nas armas, & criado no monte, onde tinha mortos á espada muitos Tygres, & liens. Entrados ambos em campo (naquelle lugar em que oje he a cidade de Pegú, que entãõ era tudo cam-

do campina.) E andando em batalha, ja depois de feridos ambos, & de muito grande espaço, no mayor feruor & braueza della, bradou o Principe alto dizendo, Ah falso que trazes gente comtigo pera te fauorecer: o outro virando o rosto, cuidando que vinha alguem, o Principe como era muito ligeiro entrou com elle, & lhe deu hũa estocada pella barriga, de que o virou morto: ficando o mancebo vitorioso: & por que por ali se acabou aquella guerra, & o reino ficou liure por industria, & esforço do Principe, mandou Elrey em memoria d'aquella batalha, fundar naquelle proprio lugar em que ella foi, hũa muito fermosa cidade, a que pôs nome Pachou, que em sua lingua quer dizer, engano, pello que o Principe vsou no desafio.

E porque, como ja dissemos, sempre misturaõ fabulas em todas suas cousas, pera darem honrosos principios a seus Reys, & reinos: fingiraõ, segundo contaõ suas escrituras, que mais de mil annos antes disto estaua ja profetizado a fundação desta cidade. Por que dizem que andando por aquellas partes aquelle sancto seu, aque chamaõ, Budaõ, (de que em outras partes ja falamos) trazendo grandes companhias de discipulos que o seguiaõ, andando naquelle reino de Pegú ensinando a saluação a

os homens, estando naquelles campos de Pegú sobre vm tezo, pondo os olhos naquella parte em que se esta cidade fundou (que entãõ era hũa grande alagoa, em cujo meyo se fazia vm ilheo em que estauaõ dous passaros grandes como patos, com cristas como gallos, de que ha muitos em Pegú,) & virando pera os discipulos lhes disse, ainda em aquelle lugar se a de vir a fundar hũa grande cidade, em que eu ei de ser venerado, & honrado, & assi o he: por que nella tem oje fermosissimos templos & varellas. E os patos que estauaõ no ilheo tomaraõ os Reys que depois foraõ, por armas, como oje os trazem os Reys de Pegú. Estendesse este reino desde Tancarim (que saõ os limites seus, & do reino de Siaõ) a te a boca do rio de Pegú, que saõ cem legoas por costa: & dali virando ao Sudeste ate a ponta de Negraes: & voltãdo ao Norte fenece em Negramale (que saõ seus termos, & do reino de Arracaõ) em que auerã outras cem legoas por costa. Pera o Norte, & Nordeste, se estende a te mais de corenta graos d'altura, & parte com o reino do Cathayo, cujos estremos he a prouincia dos Turcos, que o Pegú lhes tomou. Pella banda do Norte, & Noroeste parte cõ o reino de Auã, pello nacente, com Yaõ: pello Sul, com o már Oceano: & pello Ponente

nente com o reino de Arracaõ. Tem este reino de Pegú, duzentas & sete cidades, a fora innumeraueis villas, cuja cabeça de todas he a de Pachou: & as mais principaes são Clomó, Chrepó, Sanchi, Chaltil, Sataug, Sobunabú, em que nascem diamantes, esmeraldas, ouro, prata, robis: & em algũas que estão sobre o már se pescaõ aljofres. He

reino muito abastado de mantimentos, gado, manteigas, legumes, aues, cassa: D'aqui vai o lácar pera todo o Oriente, & vm fiado de cores vermelho, preto, azul, muito fino, com que se fazem muitas roupas finas. E tem outras muitas cousas que deixamos, por fugir prolixidade.

*Fim do Quinto Liuro.*

LIVRO



# LIVRO SEXTO

## DA QUINTA DECADE

### DA HISTORIA DA INDIA.

#### CAPITULO I.

*Dos reinos que o Bramã possuiue, & dos ritos & costumes de todos estes Gentios.*

**A** que tratamos neste capitulo passado, do fim do quinto liuro, como o Bramã conquistou os reinos de Pegú, mostraremos no principio deste sexto liuro, que gétes são estes Bramás, & que estados possuem, que he cousa muito coriosa. Os Reys Bramás forão antigamente sojeitos aos de Pegú, & tinhaõ por obrigação mandarem suas gentes a trabalhar nas obras do reino, cidades, fortalezas, & outras que os Reys mandauão fazer. Socedeo em tempo do pay deste Rey de Pegú que perdeu o reino, querer fazer vm grande edificio sobre o rio de Simão banhá (que assi se chama o de Pegú) pera cuja obra mádou Elrey do Bramá mais de trinta mil seruidores, pedreiros, cauouqueiros, & outros. E em quanto esta obra durou, costumaua Elrey ir muitas vezes vela: & leuiua suas molheres, & filhos, porque fol

gauão muito de verem aquellas gentes taõ diferentes nos trajos & pinturas. E como Elrey quando ya a isto naõ leuiua gente de guarda, por causa das molheres, que naõ querem elles que lhas vejaõ, vieraõ os Bramás a reinar malicia, & falandosse todos, estãdo Elrey vmdia bem descuidado de tal successo, deraõ sobre elle, & o mararaõ com todos os da sua companhia, roubando as riquissimas joyas que leuiuaõ as molheres: & merédosse pellos matos, deraõ comsigo em suas terras. Vendo isto os Pegús a leuãtaraõ por Rey o filho do morto que se chamaua Dachá Roupi, que desejava de vingar a morte do pay, & de tornar a restituir áquelle reino á obediencia, foi lho o tempo estoruando com occasioens de guerras intrinsecas, que se lhe aleuantaraõ com outros valsallos, que como viraõ o Rey morto logo se rebellaraõ, com o que ficou taõ desfalecido, & fraco, que naõ pode bolir comsigo. Sabido isto pello Rey dos Bramás, que se chamaua, Pará Mandará, ajuntando seus exercitos, conquistou logo os reinos dos Lanjoens, Laos, Langomas, & outros que eraõ sojeitos a Pegú:

a Pegú: com o que ficou tão poderoso de gentes, thifouros, & Alifantes, que lhe creceo a cobiça de se fazer senhor de toda aquella Gentilidade: por ser condição do mundo, não são os Mouros & Genticos medirem os direitos dos reinos pello poder de cada um, mas ainda os Principes Christãos, cuja obrigação he não mouerem guerras, se não muito justificadas. Assim este barbaro Genticio vendosse tão poderoso, quis estender seu Imperio pera todas as partes. E ajuntando grandes exercitos por mar & por terra, em que se afirma trazer dous milhoens de homens, & dez mil Alifantes: & entrando pello reino de Pegú o conquistou a poucos golpes, como no capitulo passado contamos: Ficando com isto tão grande senhor, que ouue sua cobiça por satisfeita. Os reinos que ficou possuindo são os seguintes.

Auá, que foi o seu antigo reino, que será dous meses de caminho do Pegú. E he de saber, que suas medidas das jornadas como nós as nossas legoas, se chamaõ, thao, & cada um destes tem duas mil vezes tres varas de cinco palmos a vara, que fazem seis mil varas, que são trinta mil passos, & a tres palmos por passo, vem a ser tres milhas & meya Italianas, que he hũa legoa nossa. E a cada thao destes tem por todos os caminhos postos marcos, pera os viandantes saberem quantos caminhaõ por dia: & de

ordinario um Bramá anda doze legoas pella conta Portugueza, ou doze marcos dos seus. Este reino de Auá, tem sessenta & duas cidades, que não nomeamos, posto que temos todos os nomes, por escusarmos prolixidade.

Ao Nordeste um mês de caminho está o reino dos Trucos, que o Rey de Pegú tomou ao do Cathayo, que tem sessenta cidades, & as principaes são, Simbi, Sanchaupá, Simbifá, Chanrrá: destas vem muito almiscar, damascos, & outras fazendas, & tem todas muitas minas de prata & cobre.

O reino de Bimir que fica a Leste de Auá, um mês de caminho, tem vinte & sete cidades grâdes.

O reino de Iangomá, que está ao Nordeste de Pegú, por vinte jornadas, tem trinta & tres cidades.

O reino de Laõjaõ ao Norte deste, um mês & meyo de caminho, tem trinta & oito cidades. He este reino o mais rico de todos os que possui o Bramá, por ter muito ouro & prata, & della sae a mór parte do beigoim que vem á India.

O reino de Mampróm ao nascente deste, um mês de caminho, tem oito cidades: parte pello Levante com o reino de Cochinchina, & pello Sul com o reino de Siaõ, que o Bramá depois conquistou, como adiante diremos, na sexta decada. Este foi ja Emperador sobre todos, como dissemos na fundação

dação de Malaca capitolo primeiro liuro segundo da coarta decada, tem trinta & sete cidades. Ao nascente delle está o grande reino de Camboja, que sempre foi isento, de que adiante com o fauor diuino trataremos. São todos os Genticos destes reinos os mais supersticiosos de todos os do Oriente. E posto que elles, & todos os mais do Industan, creão q̄ ha vm Deos criador de todas as cousas, todauia atribuem todas as acçoens, & necessidades da vida humana a idolos que pera isso tem, & tantos aleuantaõ de nouo como quantas occasioens pera isso se lhes offerecê: por que se lhes doe o olho, logo lhe leuanta idolo, se lhe doe o pé, a mão, a cabeça, em fim pera todos os membros tem dedicados idolos em seus templos, a te pera as necessidades corporaes, cuja estatua está naquella forma & acto como quando se quer exercitar aquella obra. Mas sobre todos adoraõ & veneraõ aquelle idolo chamado Budaõ, de que ja atras falamos muitas vezes, no capitulo nono, do liuro quinto, que dizem fora ter áquelle reino, indo da ilha de Ceilaõ, & que fora mandado por Deos, pera lhes dar luz. E assi tem todos tamanha veneraçã áquella ilha de Ceilaõ, como a couza santa, & a mior romagem q̄ tem hê a do pico q̄ chamaõ de Adaõ: onde o Budaõ, dizem suas escrituras que esteue muitos annos. E por

que sobre este Pico, ouue muito varias opinioens antre os escriptores da Europa, logo adiante diremos a verdade do que os naturaes tem delle, conforme a suas escrituras, & o que nos delle parece.

Confessaõ todos estes Genticos de que tratamos a immortalidade da alma, pellos officios que fazem a seus defuntos, & pellas oraçoens que rezaõ, & esmolas que fazem: por que dizem que estas obras satisfazem na outra vida culpas dos que morrem com ellas. São taõ charidosos, que alguns frades nossos (que foraõ ter a Siaõ, & a Camboja) andando pedindo esmolas pellas portas, lha dauaõ com bem diferente reuerencia do que o nos fazemos, por que se punhaõ de giolhos. E vm frey Antonio da Magdalena frade menor nos contou, que indo por hũa rua em Siaõ com sua sacola pedindo esmola, encontrara com vm Mandarim (q̄ assi chamaõ a seus Regedores, o q̄ tomaraõ dos Chins) que ya a caualo com grande acompanhamento: & encontrandõ com elle, defcaualgara muito depressa, & mandara tomar algũas cousas na praça, & lhas dera com os giolhos no chaõ: pedindo lhe rezasse por elle algũa couza. Que vergonha esta pera Christaõs, que pode ser aja muitos que não façaõ tamanha reuerencia, nem tenhaõ tamanho acatamento ao diuino Sacramento encontrandoo pellas ruas. Ha por

por todos estes reinos muitos religiosos de diferentes regras: vns a que em Pegú chamaõ Talapoís, & em Siaõ, Bicos: & em Camboja, Chicús. Estes vestê habitos estreitos, & enclaustrados dêtro em seus templos, em que ha muitos, que passãõ de duzentos religiosos. Fazem profissaõ, tem coro, & rezaõ matinas, & as mais horas quasi a nosso modo, mas em todas vns mesmos versos. Confessaõse a seus prelados assentados de giolhos como nos, mas naõ de cousa particular, senaõ em geral. Tem pulpitos em que pregaõ, a que acode grande concurso de ouuintes, & nas pregaõs trazem as vidas & milagres fingidos dos seus santos. Ha antre elles algũas ordens taõ estreitas como a dos Cartuxos, & muitos delles depois de velhos se recolhem a os ermos a fazer vida solitaria fora da cõmunicaçaõ dos homês, & ali se sustentaõ de eruias & frutas dos matos. Saem os religiosos de seus conuentos certos dias na semana de dous em dous a pedir esmolas pellas ruas, & chegaõ as portas com grande mortificaçaõ, vm por hũa parte, & outro pella outra: & das esmolas q̄ lhes daõ se sustentaõ, & naõ comem mais que hũa vez no dia, & o que sobeja daõ a os pobres, & se os naõ ha, as aues do ceo, por q̄ naõ podem guardar cousa algũa. Naõ tem rendas nem proprio, nem comem carne, nem mataõ cousa viua. Seus vestidos

saõ capas & tunicas de hũa cõr amarella escura, tinta que fazem cõ casca de jaqueira: trazem na cabeça sombreiros de papel azeitados. Tem muitos geraes, & escolas, em que ensinaõ todas as sciencias. Té quaresima quasi no mesmo tempo que os Christaõs, & em todos os dias della ha grandes pregaçoens, & no cabo sua Pascoa, com procissãõ de madrugada muito solenne, com festas, tangeres, bailos, danças, & infinitas luminarias, & algũas charolas ao modo das que vaõ nas nõssas procissoens. Dizem q̄ na quaresima veyo o seu Quiãí (que elles tem por Deos (a estar na terra com sua mãy, & que no cabo d'aquelles dias se tornou perra o ceo. E a esta ida fazem estas festas & solennidades. Os seus preceitos saõ quasi como os nossos dos mandamentos, por onde nos parece que estas gentes foraõ doutrinadas pello beaumentado Apostolo saõ Thome, que por aquellas partes andaria. E como ficaraõ se prelados, & sem mestres, vieraõ a perder a doutrina, & a misturarlhe erros & cerimoniaes, como cada dia inuentaõ. E concluindo com esta gentildade, saõ todos os Gentios destes reinos bestialissimos, & sem policia nenhũa, aluos, as mulheres fermosas, & bem assombradas, saõ todos dados ao vicio da carne, em que as mulheres tem estremos sobre todas. Quasi todos os seus ritos se vsaõ mais por costume, que

por fundamentos. Os Bramás são aluos, & trazê cabellos como molheres, & dos hombros a te os giolhos andaõ pintados de muitos laoures, de hũa tinta azul que fazê com vns ferros quentes. Os Pegús trazem cercilhos como os clérigos antigos : cingem por debaixo de hũas cabayas curtas vns panos como molheres: & nas cabeças trazem hũas beutilhas finas foteadas, leuantadas hũas pontas pera cima como corochas : andaõ descalços, & comem todas as ceuandilhas da terra. Os Siames trazem as cabeças rapadas, & sobre as faces deixaõ ficar grandes guedelhas, & os trajos são quasi como o dos Pegús. O mesmo os Iangomás & Laójoés. Os Trucos trazem cabellos como molheres metidos em coyfas de rede de seda, calçaõ meyas d'agulha, & hũas cabayas muito curtas, & por cima hũas ábas postigas, como as dos nossos pelotes de pregas antigos. Tem outras brutalidades, que deixamos por não enfadar.

CAPITVLO II.

*Do Pico, que chamaõ de Adaõ na ilha de Ceilaõ: & das varias opinioens que sobre elle ouue, & do que os naturaes tem.*

**N**O capitulo passado nos offerecemos a dar rezaõ d'aquella pegada, que está sobre aquella serra, a q̃ chamaõ o pico de Adaõ na ilha de Ceilaõ, pella grande variedade que ha nos escritores, & pellas abusos que Marco Polo Veneto, & Nicolao de Conti, com outros Venezcanos escreueraõ. E porque nos aueriguamos a verdade d'isto com Chingalás muito antigos & praticos nas cousas d'aquella ilha, & em seus ritos & costumes, & nos differaõ o que tem suas escrituras: será bem que tiremos a confusão que a te gora ouue. Este pico que chamaõ de Adaõ he hũa serra q̃ está no coração d'aquella ilha, em hũas terras que chamaõ, Dinavaca, & he taõ alto que se vé de doze legoas, quando se vay demandar a ilha. Chamaõlhe os naturaes, Amalala Saripadi, que em sua lingua quer dizer, serra da pegada. Vai sobindo debaixo, & em cima se diuide em dous picos, & em vñ delles está esta pegada: & de ambos decem algũas ribeiras de agoa, que se fazem de algũas fontes que em cima tem, & vaõ por diferentes partes fazer ao pé da serra vñ riacho, que quasi a rodea. Neste ribeiro se lũaõ os romeiros, que se vaõ offerecer á pegada, por que aquelle he o seu bautismo, & aõ que ali se purificaõ. No cume de vñ

vm destes picos se faz hũa planicia arrezoadada, & no meyo della está hũa lagea (q̄ será como duas campas de sepultura) aleuantada sobre grandes pedras, no meyo tem hũa forma de pegada de vm pé muito mayor q̄ os ordinarios, de tal feição, que parece que foi impressa na mesma pedra, da propria maneira que em hũa pouca de cera branda se imprime vm sinete, ou em vm pouco de barro mole, hũa pegada de vm homem. Os romeiros que aqui concorrem (que são infinitos) não só Genticos, mas ainda Mouros, desda Persia ate China, chegando áquelle riacho, purificaõse, como ja dissemos com suas cerimonias, & vestemse de roupas nouas. Depois que lhes parece que estão purificados, sobem pella serra que he muito ingreme, & pouca distancia antes de chegarem ao cume, estão atrauessadas hũas traues, de que pende vm sino grande, da feição dos da China, de metal finissimo, & delle pende vm masso grande forrado de couros, em quem cada romeiro he obrigado a dar hũa pancada, pera saberem se vão puros: por que tem pera si, que o que ali chegar immundo não lhe soará o sino, & este tal he obrigado a tornar-se a purificar com outras cerimonias mayores. Taõ enganados os trazem os diabos que lhes metem d'aquella maneira em cabeça que

todos vão puros, por que nunca se achou homem a que o sino deixasse de soar. E nos falamos com pessoas que foraõ a esta romagem em companhia de mais de quinhentas, & a todos soou o sino. Chegados acima, não podẽ fazer mais que bejarem aquella pedra com grande veneraçãõ, & tornaremse: & por nenhum caso podem sobir em cima da lagea, por que he peccado sem absoluiçãõ. Os Mouros tambem se vão aqui offerecer: porque dizem q̄ aquella pegada foi de nosso pay Adaõ, & que d'ali sobio aos ceos, & do derradeiro pé ficou naquella pedra aquella forma.

Marco Polo Veneto, liuro terceiro folio cincoenta & cinco, diz que tem os Mouros pera si, que debaixo d'aquella pedra estava o sepulcro de Adaõ. E diz mais que os Genticos naturaes contaõ, que vm filho de vm Rey chamado Sogomombarcaõ, desprezando o reino, se recolhera áquella serra a fazer vida santa, & que d'ali sobira aos ceos, & que o pay lhe mandará fazer templos, & levantar estatuas, & que d'ali tiuera principio a idolatria da India. Disto se riraõ os naturaes, a quem o nos perguntamos: mas o que elles tem suas escrituras, & o que oje cantaõ em suas cantigas (em que conseruaõ todas suas antiguidades) he o que logo cõtaremos mũy abreuiadamẽte, por q̄

em todos os seus côtos & historias  
fão todos mūy prolixos.

Dizem que ouue vm Rey que  
reinaua sobre todo este Oriente:  
que auendo muitos annos que e-  
ra casado sem ter filhos, lhe viera  
Deos no cabo de sua velhice a  
dar vm macho, a mayor, & mais  
fermosa criatura que podia ser: &  
mandandolhe tirar o nacimiento  
por seus Astrologos, acharaõ que  
aquelle minino seria santo, & que  
desprezaria os reinos do pay, & se  
faria peregrino ( a que elles cha-  
maõ logues ) de que o pay posto  
em cuidados, determinou de ata-  
llhar todas estas cousas, com en-  
cerrar o filho que não visse cousa  
algũa. E assi como foi de cinco  
annos pera cima o recolheo em  
vns paços, que pera isso tinha mã-  
dado fazer, fechados, & cerrados,  
com grandes & frescos jardins por  
dentro, onde o mandou criar em  
companhia de moços nobres de  
sua idade, com guardas, & vigias,  
pera que fora d'aquelles ninguem  
mais falasse com elle, por não ver  
nem ouuir cousa que lhe desse pai-  
xaõ, nem soubesse que auia outra  
cousa fora d'ali, pera que a não de-  
sejasse. Aqui se criou a te idade de  
dezoito annos, sem saber que auia  
doenças, mortes, nem outras mise-  
rias humanas.

Chegando a idade de entendi-  
mento, não deixou de saber que auia  
mais cousas que aquellas que  
via. Pello que mandou pedir ao

pay que o deixasse sair d'ali, & ver  
as cidades & villas do seu reino.  
Isto lhe concedeo Elrey, mandan-  
do tirar fora, & leualo pella ci-  
dade com grande resguardo. E  
em hũa rua encontrou vm ho-  
mem manco & enfermo, & per-  
guntando aos que yaõ com elle  
o q̄ era, disseraõlhe que eraõ cou-  
sas da natureza mūy ordinarias  
no mundo, em que auia muitos  
mancos, cegos, & com outros de-  
feitos. Outra vez que o tornaraõ a  
tirar fora, vio vm velho muito de-  
crepito encostado a vm bordaõ,  
tremendolhe o corpo todo. Es-  
pantado este Principe d'aquella vi-  
laõ, perguntou o que era: & disse-  
raõlhe que aquillo procedia dos  
muitos annos que viuera, & que  
por isso se vinhaõ os homens que  
chegauaõ áquella idade, a debili-  
tar muito. Outro dia encontrou  
com vm morto que leuauaõ a en-  
terrar com grande pranto: & per-  
guntado por aquillo lho disseraõ:  
ao que o Principe perguntou: co-  
mo, eu & todos auemos de mor-  
rer? & dizendolhe que si ficou ma-  
lenconizado, & triste.

Andando com aquella imagi-  
nação, dizem que lhe apareceo em  
visaõ vm santo em figura de pe-  
regrino, & que o persuadiria ao  
desprezo do mundo, & a vida so-  
litaria. E como elle andaua ja a-  
ballado, & tinha mais largueza,  
teue modo com que desaparece-  
ra em trajos de peregrino, & que  
se me-

se metera por essa terra dentro a fazer vida solitaria, & asperissima. E deixando muitas fabulas que contaõ, assi da fogida, como da peregrinação: depois de correr muitas terras, dizem que fora ter a Ceilaõ, leuando ja consigo grande concurso de discipulos. Ali naquella serra fez tal vida tantos annos, que o adorauão os naturaes como a Deos. E querendosse partir d'ali pera outras partes, os discipulos que ali ficauão lhe pediraõ lhes deixasse algũa memoria sua, pera em seu nome a reuerenciare: ao que fixando elle o pé naquella lagea, imprimira aquella pegada, que ficou tida em tanta veneração, como temos dito. A este Principe nomeaõ suas historias por muitos nomes: o seu proprio era Dramá Rajo, o por que foi conhecido depois que o tiueraõ por sancto, he o Budaõ, que quer dizer sabio: de que ja falamos atras, no capitulo nono do liuro quinto, que dizem, profetizara da cidade de Pegú, pera estas partes se passou depois que deixou Ceilaõ.

A este nome tem dedicado os Gentios por toda a India grandes & soberbos pagodes. Vendo nós esta historia, estiuemos cuidando, se teriaõ os antigos Gentios destas partes em suas escrituras conhecimento do sancto Iosaphat, que foi conuertido por Barlaõ, que em sua lenda temos ser filho de vm grande Rey da India, & que tiuera a

mesma criação, & todos os mais termos que temos contado da vida deste Budaõ. E como a historia de Iosaphat auia de ficar escrita pellos naturaes (que nada lhes fica por escreuer) parece que por tempos lhe vieraõ acrescentar muitas fabulas, como elles tem na vida do Budaõ, que nós deixamos, por que nem em dous capitulos as concluiremos, da maneira que as elles tem.

E por que nos vem a proposito, o que nos disse vm homem muito antigo das terras de Salfete em Baçaim, do sancto Iosaphat, nos pareceo bem trazela. Andãdo nos nesta ilha de Salfete, vendo aquelle raro & admiravel pagode (que chamaõ do Canará) fabricado em hũa serra, & talhadas em hũa só pedra muitas salas, & hũa dellas tamanha como a grande dos paços da ribeira de Lixboa, & mais de trezentas camaras pella serra acima, quasi em caracol, cada hũa com sua cisterna á porta, na mesma pedra viua, da mais fria & excelente agoa que se pode desejar. E nas portas da sala grande, fermosissimas figuras de vulto tamanhas como gigantes, de obra taõ sotil, & prima, que nem em prata se podiaõ esculpir melhor: com outras muitas grandezas, que deixamos por naõ ser comprido.

E perguntando a este homem velho, que dissemos, por esta obra, & o que lhe parecia por qué fora

feita, nos disse, que sem duuida aquella obra se fizera por mandado do pay do sancto Iosaphat, pera o recolher & criar nella, como diz a sua lèda. E como nos temos della, que fora filho de vm grande Rey da India, bem pode ser, como ja dissemos, que fosse este o Budaõ, de que elles contaõ tantas marauilhas.

E continuando com a pegada do pico, trabalhando nos muito por inquirir a certeza della, corrédo muitas antiguidades da India, nos parece que poderá ser do bem auenturado Apostolo são Thome, & assi mesmo hũas nodoas de giolhos, que estaõ impréssas o dia d'oje, em hũa pedra grande, que esta na parte da pedreira de Columbo, que vm vigairo d'aquella fortaleza nos disse, que notara bẽ muitas vezes, & que lhe naõ parecerã feitas por industria: & isto dizemos por outras semelhantes, q se acharã na cidade de Maliapor, onde aquelle Apostolo fez sua casa. Por que posto q sua lenda naõ declare que fosse ter áquella ilha, cousa he que poderia ser, por que nem de todas as partes por onde andou, se acha feito memoria, como ja dissemos no capitulo primeiro do decimo liuro da coarta decada, do tempo em que os Tartaros & Magores receberã a fé de Christo.

Em hũa inquiriçaõ que na cidade de Maliapor se tirou, por

mandado d'Elrey dom Manoel, em tempo do Governador dom Duarte de Meneses, sobre o corpo do sancto Apostolo, testemunhou vm Diogo Fernandez Portuguez, que na era de dezassete fora de Malaca em companhia de vm Bastiaõ Fernandez, & de vm Armenio chamado Coja Escander, pera visitarem a casa do sancto, & que elle fora o primeiro Portuguez q ali chegara: & que entrando todos dentro nella, a acharã cercada de maõ, & derribada, & na porta della vm Mouro muito velho, q tinha cuidado de acender ali hũa alampada, por ordem dos Gëtios (que sempre tiueraõ muita deuacaõ áquella casa) que lhes contara muitas cousas da vida do Apostolo, q elles naõ tinhaõ sabidas, nem ouuidas. E que lhes fora mostrar hũa pegada estampada em hũa pedra taõ fresca como se áquella hora se acabara de pór ali o pé, & aquillo fora de barro, & outra pedra em q estaua a nodoa de vm giolho, & q era muito aueriguado antre todos os naturaes, que estes dous sinaes ficaraõ ali do sancto Apostolo: & que quando o matareaõ ajoelhara sobre aquella pedra, & deixara nella aquelle sinal.

Diz mais, que o anno de dezannou foraõ ali tres Portugueses de Malaca chamados Antonio Lobo Falcaõ, Manoel Falcaõ, & Ioaõ Moreno: que tomaraõ a pedra da nodoa do giolho, & a quebraraõ, & par-

& partiraõ antre si, leuandoa por grande reliquia, & que depois fizeram muitos milagres, como em outra parte diremos. Isto tudo he bastante rezaõ pera proua da conjectura que fazemos da pegada do pico de Adaõ, & das nodoas de giolho da pedreira, serem do santo Apostolo, que andou enchendo a India de milagres, & maravilhas, de que a menor parte temos na sua lenda: & em muitas escrituras temos, que sempre os semelhantes sinaes foraõ milagrosos, & permitidos por Deos.

Em vm pateo da casa santa de Ierusalem, que he lageado de ferrosas lageas, em hũa dellas estaõ impressas duas pegadas como esta de que tratamos: que (segundo referem alguns que escreuerã as cousas do santo templo, & antre elles o padre frey Pantaliaõ) affirmã serem de vm Abexim, q̄ ali martyrizarã pella fé de Christo, o que teue por bem ficassem ali aquelles vestigios em sinal de como lhe fora seu martyrio aceito.

Na igreja da Ascensãõ, q̄ está no monte Oliuete, se vé outra pedra com hũa pegada como estas, que deixou ali nosso Senhor IESV CHRISTO, quando sobio aos ceos, do derradeiro pé que alçauantou.

No horto de Gethsemani (naquelle lugar a onde se puseraõ os tres Apostolos, em quanto Christo orou) está outra pedra em que

se encoftaraõ aquelles discipulos, & nella ficaraõ impressos os tres sinaes dos corpos, como em hũa pouca de cera mole. Por onde esta pegada do pico de Adaõ, & as nodoas dos giolhos de que falamos saõ milagrosas, & as partes da India naquelle tépo naõ passou que podesse fazer os taes milagres, se naõ este santo Apostolo. E lendo nos o que diz Dorotheo Bispo de Tiro (& o refere Mapheo. no terceiro liuro da historia da India) q̄ nesta pegada do pico de Adaõ, se venera a memoria do Eunuco da Raynha Candace, que diz andara pregando o Euangelho por todo o már roxo, Arabia Felice, & na Taprobana, naõ achamos donde poderia aquelle douto varaõ inferir aquillo, por q̄ em nenhũa escritura se le, que passasse este Eunuco da Abassia donde era natural. E nos reuoluemos a India, & falamos com muitos Mouros, Géticos, & ainda Iudeos antigos & doutos, & em nenhũa parte della se conhece, nem ha noticia deste Eunuco.

E por concluirmos com estas cousas de Ceilaõ, o faremos breuemente com hũa pera nos muito espantosa, que he: que todas as arvores que jazem pello pé deste pico de Adaõ á roda, & ainda mais de meya legoa afastadas d'elle, todas por todas as partes fazem com suas copas hũa inclinaçãõ pera a serra, sendo todas muito direitas.

## Quinta Decada. Da historia da India.

nos troncos a te onde começaõ as ramas, sem vento algum as fazer mudar. Isto tem todos os da ilha por milagre: & se o naõ he (por q̄ bem pode ser queira Deos, que fação todas aquella reuerencia a pegada do seu Apostolo) algũa cousa natural deue de auer pera isso. E o que nos parece he nacer aquillo de algũa propriedade, q̄ aquella terra terá de attraer a si as aruores, como a pedra de ceuar a ferro. E como lemos d'aquella fonte de Plinio, que está no nosso Portugal, que se lhe chegaõ hũa aruore muito grande perto da agoa, a sorue toda, & recolhe em si pella rama, a te se esconder de todo: agora filosofem sobre isto os coriosos.

Esta ilha toda he taõ prospera, que mandando o Rey da Cotta semear duas parás de trigo, respõdeo com sessenta. Os matos são todos de aruores de espinho, & fruitas excellentes. Tem pimenta, gengiure, cardamomo, muitas canas da sucra, mel, muitos gatos dal galea, Alifantes, muita pedraria, rubis, olhos de gato, chrysolitas, amathistas, çafiras verdadeiras, & outras d'agoa, beryllo finissimo, & taõ puro, que parecê cristal, & todos o tem por esse, no que se enganaõ. Tem ferro, cairo, estopa, muitos rios de agoa excellente, em que se criaõ muitos & bons pescados: tem grandes officiaes de armas, principalmente de espingardas, onde se fazem as milhores de to-

da a India. Tem muitas bayas, & portos de hũa & da outra parte, ca pazes de grandes naos & nauios: tem outras muitas cousas que deixamos, por naõ ser comprido.

### CAPITULO III.

*Das opinioens, ritos, & ceremonias, de todos os Gentios que jazem antre o Fndo & Gange. E do que contem o original de suas escrituras, q̄ os seus Theologos insinaõ em suas escolas.*



A que falamos nos capitulos atras da Gentilidade do Gãge pera fora, parece que cabe aqui bem, darmos rezaõ de toda a outra do Gange pera dentro: & posto que nisto sejamos algũa cousa comprido, podemnos releuar por serem cousas muito coriosas, & a te gora naõ trazidas ao mundo neste lingoagem: & tambem nos seruirão de darmos graças a Deos nosso Senhor da merce que nos fez, em nos dar conhecimento de si mesmo, vendo os feos, nefandos, & brutos ritos destes cegos Gentios, que foraõ significados naquella diversidade de animaes immundos que são Pedro vio naquella visãõ do vaso cheyo d'elles, como se lê nos Actos dos Apostolos no 1. cap.

Pello

Pello que se á de saber, que antre toda a gentildade do Oriente, se guarda, & sustenta hũa só opiniaõ no conhecimento de Deos, criaçaõ, & corruptaõ das criaturas, que he liçaõ que se lé nas suas escolas, pellos seus Bragmanes, q̄ são os mestres de sua religiaõ. Disto té muitos liuros em seu latim, que chamaõ, Geredaõ, que contem tudo o que aõ de crér, & todas as cerimoniaes que aõ de fazer. Estes liuros são repartidos por corpos, membros, & articulos, cujos originaes são vns a que elles chamaõ vedaõs, que são repartidos em coatro partes, & estes em outras cincoenta & duas por esta maneira. Seis a que chamaõ xastrá, que são os corpos: dæzoito a que chamaõ puraná, que são os membros: vinte & oito chamados Agamon, que são os articulos: de todos estes faremos distincão brevemente, pera melhor se entenderem.

A primeira parte destes coatro originaes, trata da primeira causa, da materia primeira, dos Anjos, das almas, do premio do bem, da pena do mal, da geraçaõ das criaturas, de sua corruptaõ, que cousa seja peccado, & como se pode remir, & absoluer, & por que.

A segunda parte trata dos regentes aque daõ o dominio sobre todas as cousas.

A terceira he toda de doutrina moral, conselhos que exortaõ á virtude, & obrigaõ a auorrecer o vi-

cio, & assi da vida monastica & politica: que são a actiua, & contemplatiua.

A coarta parte trata das ceremonias dos Pagodes, dos sacrificios, & de suas festas: & nestes tambem metem os encantamentos, feitiçarias, adiunhaçoens, & arte Mágica: por que a todas estas cousas são muito dados. Todos estes liuros são escritos em versos mûy heroycos, & pomposos em palauras, inuençaõ que o demonio vrdio, pera que a modulaçaõ & suavidade delles, os obrigassem a ouuilos, pera se lhe afeioarem. E assi o fizeraõ tâto, que qualquer Bragmane que lhes quer fazer crér hũa mintira, em a pondo em verso, fica tida em tanta veneraçãõ & authoridade, que naõ auerá cousa que lha tire da cabeça: & tanto he isto assi, que historias a que nenhũa origem sabem, & de cousas ainda q̄ repunhaõ sua propria ley & costumes, pello vso de as cantarem em verso, assi lhes daõ fé como se as viraõ com o olho. Isto lhes nace, de naõ defenderem, nem sustentarem por rezoens cousa algũa das q̄ crém: antes em todas se ataõ aos mestres que lhas ensinaraõ, & aos liuros em que andaõ escritas. Desta arte, ou sciencia de poesia tem grandes escolas, & geraes: cada verso dos seus tem setenta & cinco syllabas. Deixando isto tornemos as distincões das coatro partes dos seus vedaõs.

A princi-

A primeira, que trata da causa primeira segundo os liuros q̄ tem chamados Terúm, Mandramole, Etriuaxigaõ (q̄ são hūas summas de sua Theologia que lém nas escolas) dizem q̄ esta causa primeira he Deos, & que este he vm espírito puro, incorporeo, infinito, cheyo de todo o poder, de todo o saber, de toda a verdade, & que está em todas as partes, a que chamaõ Xarues Zibarú, que quer dizer, Criador de tudo. Trata mais esta primeira parte da materia dos Anjos a que chamaõ Monixearú, q̄ quer dizer os Santos, que dizem que não foraõ criados, & que são ab eternos com o mesmo Deos. Destes Anjos fazem tres estados, vns limpísimos, que acompanhaõ & seruem a Deos: outros menos puros, donde saem as almas que se informaõ nos corpos humanos, pera nelles se purgarem. Os terceiros immundos, & estes seruem de ministros da justiça de Deos, & de carcereiros do inferno, que elles confessaõ, como se verá em seu lugar. As almas té que são immortaes, mas que se tem peccados, como vm morre sua alma se passa ao corpo de qualquer animalia, onde os anda purgando, a te que mereça sobir ao ceo. E de todas, as q̄ se metem nas vacas, tem por mais ditosas, & por isso são veneradas de todos os Gentios como cousa sagrada.

Chega sua bruteza a tanto, que

quando vm está em passamento, lhe chegaõ hūa vaca a cama, & lhe metem o rabo na mão como candea, pera que em se despedindo a alma do corpo, entre logo na vaca, por que o não fação em outro animal mais sujo: por onde parece que tem pera si, que suas almas se metem no animal que está mais perto. E por isso não mataõ os porfouejos, nem pulgas da cama, nem os piolhos da cabeça. Este negocio das vacas, nunca acabamos de entender a veneraçãõ que lhes tem, nem a deidade que lhes attribuem, nem elles o sabem bem declarar. Muitas vezes vimos no reino de Cambaya as vacas ourinarem pellas ruas, & acodirem os Baneanes, homens & molheres, & aparárem as mãos, & tomarem a ourina, & lançaremna por cima das cabeças, como nos fazemos a agoa benta, dizendo algūas palavras.

Dizem mais que as almas dos mais peccadores, & mofinos, se trespassaõ aos corpos dos animaes sujos, & immundos: & o mais peccador de todos no caõ: & que conforme os merecimentos de cada vm assi lhe cabe a forte & o estado de rico, ou pobre, alto, ou baixo, saõ, ou enfermo. E que de corpo em corpo andaõ purgando seus peccados, a te que de todo tenham satisfeito, & que mereçaõ passar a gloria.

Esta opiniaõ brutal he taõ antiga,

tigua, que Empedocles Agregenti-  
no disse, que os espiritos que mal  
viuiaõ, o ar, o mar, a terra, os lança-  
ua de si, & que de lugar em lugar  
andauaõ purgando suas culpas, a  
te passarem á gloria.

Quanto ao premio do bem, &  
castigo dos males, ha infinitas opi-  
nioens: porem está aueriguado a-  
uer gloria & pena, mas qual seja es-  
ta pena, & a onde, não se acabaõ  
de determinar.

Tem tambem para si, que em  
nacendo vm homem logo vem  
destinado pera o bem ou pera o  
mal, & que forçado lhe a de acon-  
tecer o pera que naceo, & que não  
está em sua maõ poderem lhe fo-  
gir, no que negaõ o liuro aluidrio:  
& daqui vem dizerem a tudo o q̃  
lhes socede, que he seu nacibo.  
Muitos dizem, que a gloria & pre-  
mio que se dá aos virtuosos, & em  
satisfação de penitencias, & sacrifici-  
cios: são riquezas, honras, dignida-  
des, & filhos: & que morrendo vm  
que teue estes bens, se viueteo bem,  
torna a logralos em outro corpo:  
& así medem a virtude, pellos bẽs  
que cada vm possue.

Outros que se tem por mais a-  
tinados na verdade dizem, que no  
segundo ceo ha vm lugar a que  
chamaõ Xoruagó, em que aõ de ir  
descançar os que bem viueraõ, &  
que no centro da terra ha outro a  
que chamaõ Naranca, que he to-  
do de fogo, & de tormentos, onde  
se vaõ pagar os peccados, & que

nesto lugar he tanto genero de tor-  
mentos quantas foraõ as diuersi-  
dades das culpas.

Dizem mais, que os Anjos da  
terceira ordẽ são os ministros de-  
stas penas, & a estes pintaõ elles cõ  
todas as fealdades que podem, cõ-  
mo nos fazemos ao demonio, & os  
nomeauaõ por muitos nomes, &  
os principaes são Diagal, & Saitan  
nome por que he bem conhecido  
em toda a parte, & que a te antre  
estes brutos elle não quis perder.

Alguns tem para si que os tor-  
mentos não são p̃perpetuos, se não  
por tempo limitado, & que con-  
forme ás culpas de cada vm así  
terá o termo do degredo, & passa-  
do elle tornará a nacer de nouo, &  
romará outro corpo, em que tor-  
nará a viuer no mundo: & que así  
si tantas vezes irá & virá do infer-  
no, a te que faça obras dinas de ir  
ao ceo.

No meyo destes dous lugares  
superior & inferior dizem que ha  
outro pera as almas que não me-  
reçem pena, nem gloria, não tratã-  
do de innocentes: mas dizem que  
se hũa alma teue vm peccado, por  
que merecia o inferno, & por ou-  
tra parte se teue algũa virtude por  
onde merece a gloria, como dizer-  
mos, foi vm incontinente, mas cha-  
ridofo com os pobres em igual  
grao, em tal caso, se pello mal me-  
receo o inferno, & pello bem o pa-  
raiso, entaõ ficará no lugar do me-  
yo aonde não terá pena né gloria.

Quanto

Quanto á criação do primeiro homem, dizem os seus Theologos, que procedê de hũa geração dos deoses inmortaes.

Outros, que foraõ formados dos elementos, & que estes foraõ feitos da primeira materia que he eterna: & que todos os elementos tem mistura vns dos outros, somente o fogo que he simplex, & sem mistura.

Outros affirmão que da propria materia de que o mundo foi composto, o foi tambem o homê: por onde não dizem, como algũs cuidaõ, que o mundo he eterno, se não a massa de que se fabricou: & nesta criação contaõ fabulas & barbarates sem fundamento.

E concluindo com esta primeira parte com a materia dos peccados, & da absoluição delles. Coatro cousas tem que são peccados vedados em grande maneira, & a vorrecidos. A primeira, matar: segunda furtar: & neste não se entêde o onzenar, & ganhar com engano, por que isto tem elles por religião. A terceira beber vinho: a coarta tomar molher alheya. Todos estes peccados aõ que se satisfazem por outras coatro maneiras. A primeira por romagens a pagodes, a onde se vaõ offerecer com rezes, & alguns fazem sacrificio de si cortandosse, & cauterizandosse, & dedicandõ os filhos, & filhas a perpetuo serviço dos idolos. He tão grande o concurso da gente

em tempo de suas festas, a se offerecerem aos pagodes com grossas dadiuas, que he espanto. O principal & de mais veneração que ha em todo o industaõ, são os pagodes de Ramanancor, defronte de Manar, junto aos baixos de Chilaõ. Odixilauaraõ oito legoas de Negapataõ. O de Triquinimale no reino de Gigi, no fertaõ de Negapataõ. O de Canjauaraõ, duas jornadas da cidade de são Thome. O de Tripiti no reino de Bifnaga. O de Tremel no mesmo reino, que tem grossissimo tisouro. O de Iagarnate no reino de Orixá. O de Vixanate em Bengala. Este he cabeça de todos, & de mayor romagem, fazse sua festa em Fevereiro, & dura perto de dous meses: & a gente que em todo este tempo se ajunta ás festas he tanta, que se affirma occuparem suas estancias perto de seis legoas. Cada pessoa se offerece com o que pode, & ouue algũas que se pezaraõ a ouro, & a prata, & affirmasse que o seu tisouro he infinito. Tem mais o Pagode de Tanauaré em Ceilaõ: & o do pico de Adaõ. E o Pagode de laquete, & outros somenos infinitos onde o demonio he bem venerado.

O segundo modo de penitencias são esmolas a peregrinos, jogues, pera fabricas de pagodes, pera abrir tanques em lugares publicos, fazer casas nos caminhos pera os passageiros, romper ladeiras, abrir

abrir caminhos pera os viandantes, fabricar hospitaes pera passaros. Nos vimos vm na cidade de Cambayete muito pera notar, por que tem enfermarias separadas pera as castas que ali recolhem. Saõ as paredes leuantadas sobre arcos abertos por todas as partes, tapados com redes sotijs darame, tem grandes corredores, & de hũa & de outra banda vaõ as celas em q̄ estaõ recolhidos, & tem enfermeiros que correm com aquillo, tem rendas & muitas esmolas pera a fabrica & despeza. Nos conhecemos na cidade de Chaul vm Baneane criado antre os Portugueses muito rico. Este quando faleceo lhe fez seu testameto vm tabaliaõ Portugues chamado Gaspar Rozado: em que deixaua a todas as confrarias das igreijas de Chaul, trinta pardaos a cada hũa, & pera o hospital de Cambaya dos passaros coatro mil pardaos. Tem este hospital certos homens a que se daõ tenças, & comedias, que saõ obrigados a andar pellos campos, & pellas ruas das cidades, buscando passaros doentes, aleijados, cegos, & de qualquer outra infirmitade pera os leuarem ao hospital: & outros tem cuidado de visitarẽ as praffas onde os Mouros cassadores vaõ vender os passaros, que compraõ todos, & os tornaõ a lançar a auoar. Fazem tambem curraes pera as alimarias velhas, & doentes, em que as recolhem & cu

raõ: & pera as buscarem tem outros deputados. Estes em achando a bufara velha, o caualo, ou mula, com chagas, ou tolhido, logo he leuado ao seu curral, & curado com grande charidade: mas se acharẽ vm homem paralitico, & tolhido, caido por esse chaõ, naõ lhe daraõ a maõ pera se leuantar, ainda que o vejaõ trilhar dos homens, & das bestas, por que dizem, que aquelle por seus peccados chegou áquelle estado. Resgataõ os passaros como diffemos, & naõ o faraõ a vm catiuo, ainda que seja seu pay.

O terceiro modo de absoluiçaõ, saõ jejuns, em que estes Genticos saõ austerissimos, por que em todo o dia naõ comem, & ha algũs que os tomaõ por espaço de dias, sem em todos comerem cousa algũa.

O coarto modo de absoluiçaõ saõ sacrificios, & de sós tres trataremos. O primeiro na lũa noua de Outubro, em que celebraõ hũa festa em memoria das vitorias que seus idolos tiueraõ ca no mundo. A este sacrificio chamaõ elles, Manuoa, naquelle dia os Reys Genticos mandaõ matar de noite algũs vassallos em segredo por eleiçaõ dos seus Bragmanes (que pera isto muitas vezes naõ elegem se naõ os que lhes auorrecem.) E mandaõ por o fogo a algũas casas que se queimaõ com quantos estaõ dentro: & a este chamaõ elles sacrificio de sangue & fogo.

Outro tem chamado, Choom, que he o da vaca, por que o dia que se celebra a matao com grandes cerimoniaes, & tao grandes despezas, que so os Reys o podem fazer, & ainda hua so vez na vida. Este tem pello remedio mais efficas que todos pera purgar grauíssimas culpas.

Outros estremos de penitencias fazem que poem medo & espato, por que alguns chegaõ a se deitarem de bruços no chaõ pera passarem por cima delles vns carros em que vaõ os idolos, tamanhos, que quinhentos homens os moue com trabalho: & ficaõ ali espedaçados, & suas reliquias saõ recolhidas de todos co grãde veneraçao. Outros trazem cilicios de ferro cingidos, que quasi os cortaõ pello meyo. Outros se dependuraõ no ar pellos lombos em vns ganchos de affo muy agudos, & ali estaõ cantando versos em louuor dos idolos. A estes todos podemos chamar martyres do diabo, que elle com grande cuidado & diligencia procura ter: por que como sempre estudou por contrafazer as obras diuinas, trabalha por exprimir em seus maos, o que Deos obra em seus bons: & o que os martyres de Christo fazem pella verdade, fazem estes pella mintira, & vns & outros pello fructo se conhecem.

CAPITVLO IIII.

*Das outras tres partes de seus originaes, & de todos os meritos & costumes destes Gentios, & dos seus tres regentes. E do engano que alguns tiuerã, em auerem que tiuerã conhecimento da Sanctissima Trindade: & das differenças das castas dos Gentios todos.*



**P**OR não fazermos capitulos compridos que enfastiaõ concludiremos com este que abreuiremos, posto que as materias saõ muitas, mas cortaremos a pena o mais que pudermos. E continuando com a materia de seus originaes, trataremos da segunda parte, & dos seus regentes. Dizem estes cegos Gentios, que aquella primeira causa que conhecem por Deos, he tal, tao poderosa, que por se não occupar nas cousas de baixo, entregou o gouerno de todos os corpos celestes, a regentes, pera q os mouessem, & gouernasse dando a cada sphaera seu regente, & a cada vm delles seu apetito incitauo q os obriga a gouernar aquillo que tem por officio, & este apetito fingem ser molher. Donde tomaraõ motiuo os seus Theologos pera dizerem que todos os ministros de Deos tinhaõ molheres. A este

A este supremo q̄ dizem ser Deos, o nomeaõ por infinitos nomes, & tem disso vm liuro particular, a q̄ chamaõ Tiuarum. Estes regentes dizem que saõ cinco, por esta maneira.

Ao primeiro que governa o primeiro ceo, que contem todos os planetas, chamaõ Xadaxiuã, & sua molher, Humani.

O segundo que governa a regiaõ do fogo, Rudra, & sua molher Paruadi.

O terceiro que rege o ar, Maesura, & sua molher, Maenomadi.

O coarto q̄ rege o elemẽto da agua, Bisnú, & sua molher, Lacami.

O quinto q̄ governa a terra, Brahemã, & sua molher, Exarasuadi.

Estes cinco dizem que governaõ toda a cousa criada: mas aos tres delles adoraõ como deoses, q̄ saõ Brahemã, Bisnú, & Rudra, que saõ os regentes da terra, agoa, & fogo: por que vm cria, outro augmenta, & outro consume, & porque saõ a causa da geraçaõ, criaçaõ, & corruptaõ de tudo. A estes tres chamaõ por vm só nome Maha Murte, q̄ quer dizer os tres supremos, & affirmãõ serem gerados do mesmo Deos, & assi os pintaõ jutos vm corpo cõ tres rostos: como vimos no pagode do Alifante, onde está aquella figura na sua capella mayor q̄ he de vulto, tamanha como vm grãde tonel da cinta pera cima somente, laurada naquella pedra como marmore, de lauores taõ pri-

mos & futijs, q̄ he espanto, & tem na cabeça hũa mitra redonda, de tres altos, como saõ as dos Sũmos Põtifices, de obra taõ rara, q̄ excede a todas as que vimos lauradas em pedra, & tal q̄ se pode contar antre as marauilhas do mundo, todo aquelle pagode, em que notamos muitas cousas admiraueis. Em hũa capella vimos o Anjo lançar do paraíso terreal a nossos primeiros pays, & ali logo a Raynha Pacificae quando se deitou com o touro, tudo de vulto. E em vm esteyo do corpo do templo, que será tamanho como saõ Rõque de Lisboa vimos o gigante Briareo com cẽ braços, como os poetas o pintaõ. He esta casa de tres naues, & se mal nos naõ lembra, tem ou cinco, ou seis esteyos cada naue, & cada vm delles he da altura da mesma casa, taõ grossos como mastos das naos do reino, & em cada vm ha figuras de vulto tamanhas como os mesmos esteyos, & tem outras cousas muito pera notar & vér. Chamase esta ilha a do Alifante: porq̄ tem sobre vm tezo que se enxerga do már vm Alifante de pedra do tamanho que elles saõ.

E tornando a nõssa ordem dos regentes que yamos tratãdo. Trazem os Gentios em memoria d'aquelles tres, outros tãtos fios de linha d'algodãõ q̄ lhe pende de vm hõbro, & vay por baixo do outro braço atiracolo, & quãdo selhe daõ seus juramẽtos he naquella linha.

Disto tomaraõ alguns religiosos doutos motiuo pera cuidarem que tiueraõ estes Gentios conhecimẽto da Santtissima Trindade & assi se enganaraõ Ioã de Barros, & Damiaõ de Goes, por que naõ tiueraõ a pratica dos Theologos Gentios como nós . E ainda oje se enganaõ muitas pessoas praticando com os Bragmanes, ouuindo-lhes dizer, que assi como os Christaõs adoraõ tres pessoas em hũa só, assi o fazem elles a outras tres debaixo de vm só, que he o Maha Murte, que acima dissemos. Esta idolatria parece que se estendeo por todo o Oriente dos antigos Egypcios, que adorauaõ os mesmos elementos : por que estes naõ tendo em seu principio conhecimento algum de Deos, considerando o mouimento, & fermosura das luminarias celestes, comẽçaraõ a honralas por deoses, chamando ao sol, Oliris, & á lũa Isis. E vendo quaõ necessarios eraõ os elementos á vida humana attribuindo-lhes diuindade, os vieraõ a venerar debaixo de nomes que lhes deraõ, chamando ao ár Iupiter, ao fogo Vulcano, a agoa Neptuno, & á terra Ceres. Estes nomes mudaraõ estes Gentios de q̃ tratamos em outros, com a mesma significação da terceira parte destes originaes, q̃ he de doutrina moral, de que trataremos algũas cousas.

A primeira que nas escolas en-

siuaõ aos moços saõ os nomes dos idolos, & depois que passaõ o A. B. C. lhes lem vns preceitos moraes de bem viuer, & vns proverbios & auisos pera a vida politica, com muitos adagios & comparaçoens, que todos vsaõ como baliças do estado que aõ de seguir, de lauradores, soldados, mercadores, ou letrados. Depois de se perfeiçoarem no lér & escreuer, daõ-lhes cousas pera estudar, como pontos de sua ley, cerimoniaes, historias, sentenças graues. E daqui nasce sairem das escolas todos muito resolutos em seus ritos, & muito astutos em seu viuer. A pos isto lhes lêm outros liuros de conselhos, & preceitos moraes, pera conseruação da vida humana. Vm liuro tem elles de vm homem auuido antre elles por mũy docto, chamado, Valuer, natural da cidade de Meliapor, que correo no mesmo tempo do Apostolo saõ Thome, que contem mil trezentos & trinta versos, em que trata do conhecimento de vm só Criador, da reuerencia que se lhe deue, do louuor da penitencia, humildade, abstinencia, & do desprezo dos idolos: & por estas cousas, & por outras que ali escreuem, se presume que foi doutrinado pello mesmo Apostolo saõ Thome.

A coarta parte de seus originaes que he a derradeira: trata das cerimoniaes, & sacrificios, que ja dissemos,

femos, & aqui só trataremos de seus encantamentos: & primeiro diremos hũa coufa, que ja nos ya ficando, pera que se saiba a malicia dos Bragmanes.

Em toda a India ha muitos tēplos aleuantados a todos os idolos como ja diffemos, fomento ao Brahema naõ ha vm só: sendo ao que elles atribuem o governo da terra, & isto he porque lhe tem elles vsurpado o seu lugar & honra, por que dizem que descēdem delles: & metem em cabeça aos simples, que os ajuntamentos & lugares em que morao ( que saõ sempre separados) saõ dedicados ao Brahema, & fazemse adorar em seu nome: & assi nas partes que escolhem pera suas viuendas, naõ lhes entra outra casta algũa per nenhum caso, & sempre estes lugares saõ sós, em valles sombrios, ao longo de ribeiras, bosques ferrados, de arrecais, betrais, jaqueirais, mãgueirais, & disto muito: por que como naõ comem carne, nem peixe, a mór parte de seu mantimēto saõ aquellas fruitas. Aos Portugueses só naõ vedaõ a entrada em seus cercados, ou por respeito que lhes teraõ, ou por outra algũa rezaõ que elles sabem, & naõ só nas terras de nossa jurdiçaõ, mas ainda por esse fertoõ dentro nas alheyas. E a mim me aconteeo (sendo Visorrey da India dom Antaõ de Noronha) ir de Goa pera Chaul por terra, na força do inuerno, cõ

dous ou tres companheiros, & quãdo achauamos lugares de Bragmanes, naõ nos queriamos agalhar em outros, sem embargo de nos naõ darem a comer, senaõ o q̃ elles comiaõ, & do grande resguardo & cerimonia com que nos comunicauaõ: por que nos agasalha uaõ em varandas que tem na face dos aposētos, & faziaõ o comer dentro em suas casas á sua vontade, & quando o traziaõ o punhaõ no chaõ afastado de nos dez ou doze passos, & tornauaõse a recolher, & nós o yamos buscar. Depois de comermos tornauamos os pratos a seu lugar, que elles vinhaõ arrecadar, & traziaõ vasos cheyos d'agoa que deitauaõ por cima primeiro que os tocassẽm, & depois que nos yamos faziaõ mūy grandes purificaçoens, lauandosse com muitas ceremonias, & embostando as varandas, como se foramos feridos de algum mal contagioso. E por que tem feito crer aos simples, que quem adora a vm Bragmane, o faz ao Brahema, lhes vieraõ a ter tamanha veneraçãõ, como ao mesmo idolo: & os Reys os trazem por este respeito sempre apar de si, pera com elles fazerem suas eleiçoēs: por que lá sente o demonio vm naõ sei que, neste peccado da hypocresia, que a te antre estes barbaros reina & governa. A causa porque tambem chegaraõ a tanto respeito, he porque se deraõ á especulaçaõ das coufas naturaes,

dos finos, & planetas, cursos, qualidades, conjunções, opposições: no que são tão espertos que não erraõ vm ponto: pello que muitas vezes predizem diluuios, secas, fomes, guerras, & outros acontecimentos. E quando os ignorantes vem soceder o que elles dizem, o notaõ por milagre & espirito de profecia, & os adoraõ por deoses. E pera cobrarem mayor credito, & authoridade com todos (por q̄ são os mores hypocritas do mundo) ajudaõse pera tudo da arte Magica, feitiçarias, familiares, benzedeadas, & de lançadores de espiritos maos. E tudo isto fazem com exteriores medonhos, & vnturas de cinza, que he o sinal que o demonio lhes tem dado, pera quando se quizerem valer delle. Fazem todos os annos reportorios nouos pera os Eclipses do sol & da lũa, & tem vm perpetuo aque chamaõ Panchagaõ, que lhes serue de declarar seus agouros. Usaõ de sortes, & feitiçarias em vm quadrangulo, em que tem por sua ordem os doze signos do zodiaco, com os mes que lhes deraõ, mas com as proprias figuras, & significaçoes q̄ as dos antigos Egypcios. Dizem q̄ ha sete ceos, & que de vm ao outro ha de vacuo, cem mil jornadas, & cada jornada de seis mil legoas, q̄ vem a fazer seiscentas mil legoas. E dizem que este primeiro ceo tẽ em si as estrellas fixas, & os planetas. No segundo ceo que chamaõ

Malougaõ dizem que viuem os deoses com suas molheres. No terceiro ceo chamado Manalougaõ, dizem que estaõ os penitentes. No coarto ceo chamado Genalougaõ os Anjos. No quinto ceo chamado Tapalougaõ, dizem que estaõ os religiosos, que professaraõ castidade, & pobreza. No sexto ceo chamado Iatalougaõ, repartem elles em tres partes, & em cada hũa dellas vm d'aquelles regentes que ja diffemos. Estes ceos dizem que os rodea outro que tem de grossura vm cento de jornadas: & toda esta machina espherica affirmaõ q̄ a sustenta sobre seus hombros hũa molher chamada Adarasati, que quer dizer verdade, & assi o interpretaõ seus Theologos. Tem pera si que o mundo não he vm so, se não quatorze: os sete superiores, q̄ acima diffemos, & os outros inferiores: & sobre isto cõtaõ abusoẽs sem ordem algũa. Dizem os seus Theologos, que todas criaturas q̄ Deos criou, assi racionaes, como irracionaes, & ainda vegetatiuas, q̄ tudo auia no ceo, primeiro q̄ Deos fizesse o mundo: & que isto de baixo foi vm retrato do de cima. Negaõ os Antipodas: & dizem q̄ o sol não se mete por debaixo da terra, se não que anda ao redor della, erro em que outros mais politicos cairaõ, que Elrey dom Manoel de gloriosa memoria desfez por meyo d'aquelle valeroso capitãõ dom Vasco da Gama, que del cobrio

cobrio ao mundo, quantas cousas a elle estauão encubertas.

Affirmaõ mais estes Gentios não se sustentar a terra no ár, por nenhũa causa natural ou milagrosa, se não que está sobre certas cabeças de serpentes, & que aquellas tambem estaõ sobre certos Aliantes, & que os tremores que as vezes socedem na terra são por causa das cobras bolirem, com outras paruoices sem fundamento. Todas estas brutalidades andaõ escritas em versos, & assi as crém como cousas muito certas, & não aceitaõ rezoens algũas, contra o q̄ seus mestres lhes ensinaraõ, & afferraõse aos liuros, & aos mestres de quem aprenderaõ. São todos taõ catiuos do demonio, que nem pera remedearem suas necessidades podem dar vm só passo sem sua licença, catiuandolhes as liberdades com superstiçoens sem conto, de bons & maos dias, de boas & más horas: de feiçaõ, que muitas vezes por deixarem passar hũa hora em que acharaõ roim agouro, perdem grandes negócios de fazēdas, & ainda o remedio pera as vidas, & infirmidades, por q̄ nenhũa cousa fazem, sem registarem com seus Bragmanes: & esta he a mór oppressão que os pouos té em seus Reys esperarem por boas horas. Estes agouros quasi em todas as criaturas as notaõ: nos homēs quãdo no principio de seu negocio, se alguem lhe dá vm espirro só, dei-

xaõ logo tudo. Se por vm caminho encontraõ com hũa só pessoa, tem no por taõ roim final, que se tornaõ pera casa. O huiuar do caõ he auido por sinal funebre: & assi mesmo o cantar do mocho sobre suas casas. A gralha se atraueffa por diante do que caminha, he muito roim final: & nas mais aues consideraõ o voo. Dos bichos no cantar. Na hosga tem mais tento que em tudo: & querendo fazer algũ negocio, se em principio lhes canta, affirmaõ que teraõ roim successo: & destas cousas tem grandes liuros de juizos.

Quanto ás castas, o mayor impedimento que ha na conuersaõ dos Gentios, he a superstiçaõ que guardaõ em suas castas, sem se poderem tocar, communicar, né misturar com outros, como superiores com inferiores: os de vm rito com os de outro. E são nisto taõ abominosos, que ja se aconteceo chegarem muitos ao extremo da vida, só por não tocarem no comer do outro, nem em suas cousas, com medo de não perderem a casta, & ficarem immúdos. As pessoas com quem mais guardaõ esta cerimonia, he com os Portugueses, por que comē vaca, & assi em falando com vm delles, ou tocando nelle, logo se vaõ purificar, como antigamente faziãõ os Iudeos com os de Samaria. Nos casamentos per nenhum modo se podem misturar, nem mudar estado. O çapateiro

pateiro com a filha do outro, o ouriuez o mesmo: & assi todos os mais officios & estados. Coufa em que tambem Licurgo teue muito tento na reformação da sua Republica, Espartana. Nisto nos não meteremos, porque no nosso Portugal anda isto mūy corrupto. Fazem estes Gentios seus casamentos em certo tempo do anno, com grandes cerimoniaes, & duraõ suas festas por espaço de quinze ou mais dias, em que se daõ grandes banquetes, & no cabo se entregaõ as noiuas com grãdes cerimoniaes, & ellas por nenhum caso podem falar á os maridos, nem elles com as molheres diante dos pays, nem podem nomear vm a outro diante de gente, nem comerem juntos: o que guardaõ taõ infaliuemente, que ainda depois de alguns destes se fazerem Christaõs, guardaõ os mesmos costumes cõ suas molheres, mas este interdição não dura mais, que em quanto não tem filhos.

Em todo este Oriente ha coatro castas que precedem a todas as mais, segundo vm liuro que tem, chamado Iadegaltutan, que quer dizer pomar de castas, que he vm liuro de nobrezas. A primeira casta he a dos Rayas, que he hũa nação nobilissima, de que todos os Reys do Canara procedem, que se tem por taõ antigos & famosos nas armas nestas partes, como nas da Europa os Godos. Destes se té

tamanha confiança, pella grande fidelidade em que a tegora se tem sustentado, assi na paz como na guerra, que seruem da guarda da pessoa dos Reys. Estes tem por opiniaõ nas guerras perderem antes as vidas que as armas, & assi ganhaõ soldo dobrado de todos: são homens de boa conuersação, cortezes, faciles, & bem acostumados.

A segunda casta he a dos Bragmanes, ainda que elles querem preceder aos outros, assi pello sacerdocio, como pellas letras, sobre o que antre elles ha tantas questões, como antre os nossos doutores, sobre qual precede se as armas, se as letras.

A terceira casta he a dos Chazins, que são mercadores grossos, de ouro, prata, pedraria, sedas, roupas, & outras fazendas de preço. Destes fazem em todos estes reinos muita conta, pellos proueitos que daõ a suas rendas.

A coarta casta he a dos Bala-las, que são os lauradores. Estes são taõ estimados, que podem os Reys casar com suas filhas: por q̄ dizem que são homens que sustentaõ os reinos: destas coatro castas se deriuã cento nouenta & seis: & estas tambem reparté em duas partes, a que chamaõ Valanga, & Elange: q̄ quer dizer os da mão direita, & os da esquerda. E estes como inferiores aos outros, nem pellas ruas lhes podem passar cõ suas

suas procifsoens, nem casamentos. E como estes priuilegios de castas são antiquissimos, nem os mesmos Gentios se sabé determinar, de que casta sejaõ.

CAPITULO V.

*De um nauio de Castelhanos que foi ter as ilhas de Maluco que se perdeu. E das cousas que acontecerão a Antonio Galuaõ capitão de Ternate.*

**P**ORQUE as cousas de Diu nos não deraõ lugar pera continuarmos com as de Maluco, o faremos agora aqui, com as que socederaõ,

parte do anno de trinta & sete, & parte do de trinta & oito. E contaremos primeiro de um nauio Castelhanao que se perdeu nos Bapuas o anno de trinta & sete. Mãdou Fernão Cortez ao Perú um Fernão Grizalua em dous nauios com um presente ao Piçarro, & da torna viagem despedio com a repostã o outro nauio, & elle foi só descobrir hũas ilhas que estauão ao Ponente, por auer sospeitas de serem riquissimas de ouro: & porque este regimẽto do Cortez sempre o leuou em segredo, tomaraõ alguns occasiã pera dizerem que o Grizalua ya fogido, por ser mextricado de certas culpas. Partio e

ste homem do porto de Pageta q̄ está em seis graos do Norte, no principio de Abril, no anno de trinta & sete, & correo a Oeste, & a Sudueste, a te se pôr em vinte & noue graos do Sul. E por lhe render o masto arribou em popa á linha, & morreolhe neste caminho o Piloto: & por aquella derrota foi a te se pôr em dous graos do Norte, a ondẽ lhe acabou de quebrar o masto: & remedeandoo cõ hũas entenas, foi correndo a te vinte & cinco graos: & indo demandar a terra, cuidando que tomasse a California, naõ achou nenhum sinal della. E por que os ventos eraõ Lestes, & Nordestes rijos, determinou de tornar pera a Equinocial, como fez.

Indo assi em sua derrota lhãquereraõ os da nao que arribasse a Maluco, por cursarem pera lá os tempos: mas disto se escusou elle com lhes dizer que naõ queria ser auido por traidor, nem entrar nas demarcaçoens d'Elrey de Portugal, sobre o que teue paixoens com os officiaes, & vindos ás armas foi o Grizalua morto, com um seu sobrinho chamado Lopo Dáualos, & em seu lugar elegeraõ os da nao o Mestre que logo tomou a derrota de Maluco, & acharaõ tantas calmarias, que poseraõ coatro meses a te os Papuas, que foi a primeira terra que tomaraõ, & yaõ ja taes, que naõ auia mais de sete homens viuos: porque todos os mais  
lhe

lhes morrerão de fomes & trabalhos. Chegando aqui se lhes acabou de despedaçar o nauio de podre, & milagrosamente se sustetou a te então no már, por auer dez mefes que nelle andauão. E metêdosse esses que ficaraõ no batel, foraõse de longo de hũa ilha chamada Crespei, donde lhes fairaõ muitos negros, & tantos se meteraõ no batel que o alagaraõ, saluandosse os Castelhanos em terra onde os catiuaraõ, & foraõ leuados a vender por essas ilhas miseravelmente: & alguns foraõ ter a Maluco neste anno de trinta & oito, que Antonio Galuaõ recolheo & fez muitos galhados, mandãdolhes dar tudo o de que tinhaõ necessidade. Neste mesmo tempo andaua hũa armada de coffairos d'aquellas ilhas, que tinhaõ feito grandes roubos & danos, auexãdo & maltratando toda aquella Christandade: & sobre tudo ameaçando a todos, que auiaõ de ir sobre Ternate. Disto foi logo Antonio Galuaõ auisado: & como não tratava de mais, que do seruiço de Deos, & de seu Rey, determinou de acodir áquellas cousas. E pediu aos Reys de Tidore, & Ternate, algũas Corocoras, que lhe deraõ armadas, & com gête, & nellas mãdou embarcar delfes poucos Portugueses q̄ auia alguns, & fez capitãõ mór vñ clerigo chamado Fernão Vinagre, homẽ de muito animo, & de bom entendimento.

Este partio com esta armada em busca da dos coffairos, & tẽdo della auiso a foi demandar: & encontrandosse se enuestiraõ, sendo o padre o primeiro que abalroou á capitania, onde se baldẽou logo armado em hũas couraças, com hũa espada & rodella, sendo acompanhado de alguns dos seus: & de maneira pelejaraõ, que com morte dos mais dos imigos axorou a Corocora, & a tomou por popa da sua, & foi ajudar as da sua companhia que estauaõ trauadas. Como as dos imigos viraõ o seu capitãõ mór destroçado, fogiraõ as que poderaõ, & todauia ficaraõ nas mãos dos nossos a mór parte. Desbaratada a armada foi o padre capitãõ com ella á toa, visitar todas aquellas ilhas, por que vissem os imigos o castigo que dera aos coffairos, & pera que se refreassem foilhes dando em suas pouoaçoens, destruindolhas, & assolandolhas, & aos Christaõs que achaua fazia muitos mimos & galhados, prometendolhes sempre fauor & ajuda, & persuadindoos a estarem firmes na fé, dandolhes do que podia. Isto fez com tanto amor & brandura, que não só obrigou aos Christaõs ao serem de verdade, mas ainda forçou a muitos Gêtios a irem pedir o bautismo, com grãdes exteriores, de vontade liure, & não forçada, que elle consolou, & bautizou, exercitando em quanto por ali andou com muita caridade o

de o officio de verdadeiro prelado, & de muito bom capitaõ. E não auendo mais que fazer, voltou para Fernate, onde foi muito bem recebido.

Poucos dias depois teue Antonio Galtiaõ por nouas, que era chegada a Amboino hũa armada de luncos de Iaoa, que vinhaõ a resgatar crauo: & temendo que sua vinda causasse algũa alteraçõ, & novidade naquelles Reys que tinha conscruidos em amizade, & com quem ya pairando por necessidade, & que sobre isso lhes danassem o preço ás drogas, o q̄ seria grande perda do seruiço & fazenda d'Elrey: ordenou com muita pressa vinte & cinco Corocoras, assi das que tinha como de outras que aquelles Reys lhe deraõ, & mandou embarcar nellas corenta Portugueses, & coatro centos dos naturaes, & fez capitaõ mór Diogo Lopez d'Azeuedo: a quem deu por regimêto, que fosse por todas aquellas ilhas em busca dos luncos, & peléjasse com elles.

Partida esta armada tomou a derrota de Amboino, & chegando áquella ilha ouue vista dos luncos, que eraõ dez muito grandes, & preparando a sua armada os foi logo inuistir, por lhe parecer que teriaõ a mór parte da gente em terra, & como de feito assi era. E dando-lhe primeiro a sua salua d'artelharia, & pondolhe as proas, baldouusse dentro com os Portugue-

ses, apezar de muitos golpes dos Iaos, que acodiraõ a lhes defender a entrada: & assi dentro nelles se trauou hũa muito cruel batalha, por que os Iaos saõ os mais esforçados homens de todas aquellas partes (& assi se traz por adagio, Malayos namorados, Iaos valentes.) A briga nos luncos andou muito acesa, em que os nossos depois de muitos tráces deixaraõ os Iaos espedaçados, & os luncos rendidos, os cinco delles, que effes se se abordaraõ: os mais vendo a couisa taõ mal parada, largaraõ as velas & foraõ se acolhendo. Nos que ficaraõ presos se acharaõ algũas peças d'artelharia, muitas moniçoens, & hũa soma de dinheiro, & fazendas que traziaõ pera o resgate do crauo, de que tambem ja acharaõ algum. Com esta vitoria ficaraõ todos os d'aquellas ilhas amedrontados, & foraõ muitos d'aquelles senhores a dar a obediência a Diogo Lopez d'Azeuedo, por q̄ foi costeando todas aquellas ilhas, & castigando alguns reueis, & aos que se yaõ someter debaixo desta vassalagem, fazia grandes gafalhados, & passualhes seguros, & cartas de vassalagem.

E como neste tempo eraõ os homens taõ zelosos da fê de Christo, que nunca cortaraõ com a espada temporal, que tãbem o não fizessẽ com a espirital: não quis Diogo Lopez d'Azeuedo ser nesta parte auido por seruo inutil, & assi não

naõ chegou a qualquer ilha d'aquellas que naõ conuidasse aos naturaes pera as vodas do Senhor, por meyo de vm sacerdote que comfigo leuou, & assi trouxe á manada & rebanho do Senhor os lugares de Atiua, Matelo, & Meciuuel, cujos moradores receberaõ a agoa do santo Bautismo, com grãde alegria & contentamento de todos, sendo os primeiros os Governadores & regedores delles. Mas como os ministros Euangelicos eraõ entaõ mūy poucos, ficaraõ estes tenros filhos da igreja destetados, por naõ auer quem os fosse sustentando com o leite da doutrina de Christo, & de seu sagrado Euangelho, ficando Christaõs só nos nomes. Diogo Lopez d'Azeuedo, depois que por ali fez tudo o ao que ya, & que lhe chegou a moução, se recolheo a Ternate, a onde foi muito bem recebido do capitaõ, & de todos. Neste estado deixamos por hora as cousas de Maluco a te tornar a ellas.

CAPITULO VI.

*Da armada que este anno de trinta & noue partio do reino, de que era capitaõ môr Diogo Lopez de Sousa: & de como o Camorim mandou pedir pazes ao Visorrey dom Garcia de Noronha: & dos capitulos com q̃ lhas concedeo.*

Anno 1539.



O M o roim socesso das Galés dos Rumes, & mais armada que veyo cercar a fortaleza de Diu (a que podemos chamar disbarato, pois se recolheraõ fogindo, com quasi a metade da gente morta, & muitas vazilhas menos) ficaraõ todos os Reys vizinhos taõ assombrados, que como pasmados, cuidando nesta jornada, & potencia da armada do Turco, naõ podiaõ acabar de crer aquillo, (por que na imaginaçãõ de todos auiaõ por extinguido de todo o nõme Portuguez d'aquella feita: & que os Rumes ficariaõ senhores de tudo o q̃ elles possuiaõ no Oriente: porque em todo elle naõ ha mór terror & espanto, que este nome de Rumes, por que pera os senharear a todos segundo em suas imaginaçoens estauaõ temidos, & receados, naõ era necessario taõ potente armada, mas em qualquer parte que quinhentos Rumes possessem os pés, se lhes despejaria logo tudo, sem golpe de espada.) E vendo agora hũa tamanha armada que atroua o mundo, recolherse taõ disbaratada das maõs de taõ poucos homens, encolhidos todos trataraõ de solicitar a amizade dos Portugueses, mandando logo o Zamaluco, & o Idalxá visitar ao Visorrey, & a confirmar as pazes. O Camorim & Emperador do Malauar,

uar, taõ poderoso, & respeitado entre todos os Reys da India, & taõ conhecido por todo o mundo, (taõ to, que por toda a Europa se não nomeaua, se não por Rey de Calcut.) Este desejando de não viver com sobressaltos, & de grãgear a amizade dos Portuguezes, pera se conseruar em seus reinos, & ainda com seu fauor dilatalos: tratou este inuerno este negocio com Manoel de Brito, capitão da fortaleza de Chalé, a quẽ pediu quisesse ser terceiro com o Visorrey nas pazes & amizades q̃ com elle desejaua ter. E tanto puxou por isto q̃ se lhe offerceo pera ir a Goa, em companhia de seus Embaixadores a falar ao Visorrey, o que o Camorim estimou muito. E mandando negociar China Cotiale seu Regedor mór, com muito grande acompañamento pera esta jornada, se foi a Chalé, a onde Manoel de Brito o recebeo mūy honradamente, tendo ja embarçoens prestes pera passar com elle a Goa. Tanto q̃ entrou Setembro, se começou a embarcar, & se fez á vela, deixado a fortaleza entregue ao Alcaide mór: & a dez de Setembro chegaram á barra de Goa, juntamente cõ a armada, que aquelle anno tinha partido do reino, que eraõ cinco naos, de quem vinha por capitão mór Diogo Lopez de Sousa, & os mais capitaens, dom Roque Tello prouido com a fortaleza de Cofala, Aluaro Barradas, Simão Sodre,

Anrique de Soufa Chichorro, que o Visorrey dom Garcia de Noronha mandou de Moçambique cõ recado a Portugal, como ja dissemos no capitõlo 9. do 3. liuro. Sabendo o Visorrey da chegada dos Embaixadores á barra, mandou recado a Manoel de Brito que se detiuesse em Pãgim, em quanto se preparaua o recebimento que queria fazer ao Embaixador, mandando agasalhar ali mūy bem, & fez ordenar as cousas necessarias pera elle, & que se lhe preparasse todas as Galés & Fustas pera sua entrada, & aposentos guarnecidos a seu modo. Dahi a alguns dias o recebeo com grande majestade. Estaua o Visorrey dom Garcia de Noronha de tabardo & beca de veludo, barrete redondo com golpes & pontas de pedraria, espada & adaga d'ouro, borzeguis & pantufos de veludo, que era o verdadeiro & antigo trajo Portuguez. E como era de taõ grande estatura de corpo, que lhe sobejaua todo o pescoço por cima de todos os fidalgos que na India auia, & que ali o estauão acompanhando, & era de oitenta annos, com hũa barba branca grande & comprida: em sua veneranda pessoa parecia logo dino do cargo que representaua. O Embaixador vinha em meyo do capitão da cidade, & de Manoel de Brito que o leuaua pella mão: & assi o apresentaraõ ao Visorrey, que o abraçou, estando

Z

enco-

encostado a hũa cadeira de brocado debaixo de vm docel do mesmo.

Passadas as palauras ordinarias de comprimentos, & de lhe perguntar por Elrey & Principe, o despedio, & mandou agasalhar. Dahi a alguns dias o tornou a ouuir presente Manoel de Brito, Secretario, Veador da fazenda, & mais officiaes, & vieraõ a falar em pazes: o Visorrey lhe mandou que desse os apontamentos ao Secretario pera os verem em conselho, que elle deu, & o Visorrey os mandou lér (presentes todos os fidalgos) q̄ pera isso foraõ chamados, & debatidos, & vistos mūy bem, se vieraõ a concluir as pazes com os capitulos seguintes.

Que o Camorim se obrigaua a dar toda a pimēta de seus reinos pellos preços que a daua Elrey de Cochim: & que o Visorrey lhe largasse a ilha de Camaraõ dorite, que estaua no rio de Chale, que lhe tinhaõ tomada: em que se faria o pezo, & entrega da pimenta que auia de dar.

Que todo o gengiure de suas terras daria a rezaõ o bár, de noventa & dous fandoens, entrando nelles os direitos que elle Camorim auia de auer.

Que o Visorrey lhe daria licēça pera mãdar cada anno nas naos do reino, por cada cem bares de pimenta que vendesse a Elrey, dous bares & meyo forros pera si, que

lhe pagariaõ em Portugal a quinze cruzados por cada quintal, & q̄ o dinheiro que nisso se montasse lhe mandariaõ empregado em azougue, vermelhaõ, em coral (fazendas que entaõ eraõ mais requeridas que todas, & respondiaõ muito.) E a pimenta que embarcasse por sua conta, correria o risco d'Elrey de Portugal, & que perdédosse algũa naõ, elle seria obrigado a lhe pagar o que nella perdesse. E que todas as fazendas q̄ viessem do reino por sua conta, se lhe entregariaõ na nossa fortaleza de Chale, ou em Cochim, forras de todos os gastos & despezas, & ippella muita perda que elle Camorim recebia nos direitos da pimēta que os mercadores de Meca yaõ comprar a seus reinos, por lha naõ poder agora vender, pella obrigaçaõ do contrato.

Que lhes deixariaõ levar aos mercadores Portugueses, todas as fazendas que quisesse, pera irem vender a Calecut, a onde pagariaõ os direitos ao Camorim, & nelles, & nas vendas, lhes fariaõ muitos faouores.

Que lhe dariaõ seguros a suas naos pera nauegarẽ pera onde quisesse, sem se lhes fazer agrauo algũ, & o q̄ lho fizesse fosse por isso muito bem castigado. Que lhe naõ tirariaõ as jangadas q̄ ao presente tinha em suas terras.

Que quãto á quebra q̄ o Camorim tinha có Mangate Caimal: q̄ o Visor-

o Visorrey os cóporia de maneira, que o Mangate ficasse satisfeito.

Que elle Camorim não faria guerra a amigo algum do estado, & q̄ recebendo algũ agrauo de algũ delles, o faria a saber ao Visorrey, ou Governador da India, pera lho emendarem, & satisfazerem: & q̄ não tẽdo elle Camorim o tal cõprimeto, em tal caso o Visorrey ajudaria á pessoa a que elle fizesse guerra, sem por isso quebrar o juramento das pazes. E se o Rey ou senhor com q̄ elle Camorim tiuer algũas differenças, não quizer estrello que o Visorrey, ou Governador ordenar, em tal caso elle Camorim o poderia castigar.

Que outrossi não consintiria, nẽ a seus vassallos, nem a mercadores estrangeiros, nauegarẽ de seus portos pera os de Meca, nem pera os da costa de Arabia: por que não leuassẽ de seus reinos a pimenta, & gengiure, que era obrigado a dar a Elrey de Portugal, por estes contratos.

Que elle Camorim seria obrigado, a dar toda a ajuda & fauor, ao que governasse o estado, quando lhe fosse requerida, & pedida: & que não receberia em seus portos Turcos, nem Rumes: nem outros inimigos do estado.

Que em todas as suas terras, nem de seus vassallos, ouuesse dali por diante nauio algũ ligeiro de guerra, nem de paz, & que todos os que eraõ feitos se aleuantassem, & fizesse

sem de feiçãõ, q̄ não podessem seruir mais que pera carga.

Que duas bombardas nossas q̄ tinhaõ tomadas nas guerras passadas de Cochim, as mandaria logo entregar.

Que todos os q̄ em seus reinos não quisessem cõsentir, nem estar por estes contratos de pazes, os lançaria fora delles: & se se não quisessem ir, o Camorim os mandaria matar: & o mesmo poderia fazer a pessoa que governasse o estado, sem o Camorim se escandalizar, antes lhe dar pera isso toda ajuda & fauor.

Que o Visorrey iria a Calecut verse com o Camorim, pera ambos jurarem estas pazes.

Destes cõtratos se fez assẽto no liuro delles pello Secretario Ioaõ da Costa, em q̄ se assinaraõ o Embaixador de Camorim, China Cotiale, q̄ pellos poderes q̄ tinha d'Elrey seu senhor os aceitou, & cõ elle os officiaes d'Elrey, & algũs fidalgos. E logo o Visorrey mandou apregoar as pazes, por toda a cidade de Goa, o q̄ se fez com grandes solenidades, festas, & alegrias de todos. Mandando o Visorrey logo negociar a armada pera se embarcar, despachando as naos da carreira, pera irem a Cochim tomar a carga: mandando vñ Galeaõ com prouimentos a Ceilaõ, & outros pera as fortalezas de Diu, & Ormuz, negociandosse o mais de pressa que podia pera se embarcar.

CAPITULO VII.

*De como o Visorrey dom Garcia de Noronha adoeceo. & mandou seu filho dom Alvaro a jurar as pazes com o Camorim. E de como Antonio da Sylueira se embarcou pera o reino: & de como lã foi recebido.*



**A**NDANDO o Visorrey negociãdo-se pera se embarcar, pera se ir ver com o Camorim, como ficou assentado no contrato das pazes: veyo adoeecer de hũas febres: & como era muito velho, ficou logo taõ fraco, q̃ quasi não estaua pera governar. Pello q̃ assentou em conselho, q̃ fosse em seu lugar seu filho dom Alvaro, com Diogo Lopez de Sousa, capitãõ mór das naos do reinõ (q̃ em Goa ficou pera acompãhar o Visorrey.) E por coadiutores dõ Ioaõ de Castro, Fernãõ Rodriguez de Castello brãco, veador da fazêda, & Secretario: dãdo-lhes procurações bastãtes pera em seu nome jurarem as pazes com o Camorim. E por q̃ isto era ja entrada de Dezembro, embarcaraõse com muita pressã, despedindo o Visorrey o Embaixador do Camorim com muitas honras, & peças pera Elrey, & pera elle: & o mesmo pera Elrey de Chale, & Tanor:

entregandoo a Manoel de Brito q̃ o trouxe. Dom Alvaro se fez á vela com toda a armada, que era de muitos Galecões, & outros nauios: & os capitaes que nesta jornada o acompanharaõ foraõ os seguintes.

Diogo Lopez de Sousa, dom Ioaõ de Castro, Fernãõ Rodriguez de Castello brãco veador da fazêda, dõ Ioaõ de Lima, dõ Ioaõ Deça, dõ Payo de Noronha, dõ Manoel de Meneses, estes em galecões. Capitaes de Carauelas, Frãcisco de Bairros, Diogo de Sousa, & outros. e Galès, Ioaõ de Mèdoça, Fernãõ de Lima, Pero de Lemos, dõ Ioaõ Manoel o Alabastro, Ioaõ de Sousa Rates, & Manoel de Sousa de Sepulueda. Capitaes de galeotas & fustas, o Secretario, dom Manoel de Lima, Bernaldim de Sousa, dom Ioaõ Mascarenhas, dom Tristaõ de Soto Mayor, dom Frãcisco de Meneses, Martim Correa da Sylua, dom Diogo d'Almeida Freire: Francisco de Sá dos oculos, Fernãõ de Sousa de Tauora, dom Frãcisco de Noronha, dõ Diogo de Vasçõcellos, Tristaõ de Tayde, & outros a q̃ não achamos os nomes. E seguindo sua jornada foraõ sorgir na barra de Panane, a onde o Camorim estaua. Dõ Alvaro mãdou logo desembarcar Manoel de Brito cõ o Embaixador, pera q̃ fosse entregar ao Camorim, que ja o esperaua cõ todos os grãdes, o recebeo cõ muitas hõras, & Manoel de Brito lhe entregou o seu Embaixador que

que leuaua pella maõ, afsi como o elle fez quando se embarcou pera Goa. O Camorim festejou muito Manoel de Brito, que foi ser hospede do Embaixador, & o Camorim mandou logo visitar dom Aluaro com algum refresco. E tratandosse do modo que se auia de ter no jurar das pazes, de que o Camorim tinha mostrado muito gosto, naõ poderaõ concluir nas vistas, por rezaõ das preheminecias. Pello que se assentou que fosse a terra o Secretario pera com Manoel de Brito as ver jurar, o que se fez ao outro dia com muito grande solennidade, de que se tiraraõ instrumentos. Feito isto, mandou o Camorim, China Cutiale a ver jurar as pazes por dom Aluaro, & com elle tres ou coatro dos de seu conselho. Dom Aluaro tinha no seu Galeaõ todos os fidalgos, & capitães, & elle muito embandeirado, & fermosamente aparamentado, & na tolda os recebeo, onde se fez aquelle auto, ao som de muitas charamelas, trombetas, & saluas da artelharia de toda a armada. Disto se fizeraõ papeis assina-

dos por todos. Acabada esta solennidade, deu dom Aluaro aos do Camorim, peças de brocado, & de escarlata, por que leuaua pera isso muitas, despedindoos muito satisfeitos, & em sua companhia o Secretario, por quem dom Aluaro mandou de nouo visitar o Camorim, & o Prin-

cipe com peças mûy ricas de presente. O Camorim mandou logo apregoar as pazes em Panane, & Calecut, com grandes solennidades de instrumentos a seu modo, & o mesmo fez dom Aluaro em toda a armada com grandes mostras de alegria. D'ali por diante ficaraõ correndo em amizade. Estas pazes duraraõ perto de trinta annos, que foraõ os mais felices que a India teue: porque por toda a costa do Maluar passauaõ nauios de mercadores Portugueses, grandes, & pequenos, carregados de muitas fazendas com dous homens, sorgindo por todos aquelles portos, & bayas, sem receberem vm muito pequeno agrauo.

Concluidos os negocios de Panane, foisse dom Aluaro pera Cochim, onde deu grande pressa á carga das naos, & a te dez de Janeiro as fez á vela. Dom Esteuão da Gama que inuernou em Cochim, a onde fora ter o Março passado, vindo de Malaca, estandosse negociando pera se ir naquella armada pera o reino, dizem que o deixou de fazer por hûas cartas que pellas mesmas naos teue do Conde do Vimioso, sogro do Conde Almirante seu irmaõ, em que lhe dizia, que se Martim Afonso de Sousa fosse ido pera o reino que se deixasse elle ficar na India: & quando naõ, que se foisse: no que lhe daua claramente a entender, estar na primeira soces-

saõ a pos Martim Afõso de Sousa.

Nesta armada se embarcou Antonio da Sylueira, o do cerco de Diu (a que com muita rezaõ poderamos dar o sobre nome de grãde) que chegando ao reino o forraõ buscar à nao, o Marquez de Villa real, o Conde do Vimioso, o da Vidigueira, o de Sortelha, o do Redondo, & todos os fidalgos & senhores da corte, que o leuaraõ a Elrey dom Ioãõ, q̃ o esperou em casa da Raynha com os Iffantes, onde o recebeo com muita honra. D'ali se recolheo pera casa de sua molher, filha de Lopo Vaz de Sam Payo, Governador que foi da India, que ja era morto, com quem estaua desposado por palauras de futuro, (cujo casamêto fez seu pay na India, antes de ser Governador, como no capitulo terceiro do liuro primeiro da coarta decada temos dito.) Esta senhora o esperaua com todos os parentes & parêtas, pera celebrarem os esposorios. E indo Antonio da Sylueira pello caminho, deteuessẽ antes de chegar a sua casa, dizêdo ao Marquez & áquelles Condes que o acompanhauaõ, que lhe era necessario tornar a Elrey a lhe pedir licença pera receber sua molher, por que lhe esquecera de o fazer quando lhe beijara a mãõ. O Conde do Redondo lhe disse que se detiuessẽ q̃ elle lha iria buscar. E voltando pera o paço entrou com Elrey, & lhe deu conta do negocio: Elrey lhe

disse que era muito contente de elle a receber. Com esta licença chegaraõ a sua casa, a onde estauaõ todos os parentes della, & vm prelado os recebeo perante todos.

Era taõ grãde a fama deste homem, & foi taõ espantoso o cerco q̃ sustentou, que todos os Reys Christaõs o mandaraõ visitar pelos Embaixadores que traziaõ na corte, & darlhe os parabẽs das victorias que na India ouue. E Elrey Francisco de França o mandou tirar pello natural, & o seu retrato foi posto na casa da fama, antre os varoens famosos. Era homem de meã estatura, grosso, espadaudo, de vm juizo sutil & agudo: de grãde coraçãõ, & taõ liberal, que se ouue por prodigo. E assi lhe fez isso nojo com Elrey, por que o Janeiro de corenta & vm, em que determinaua de prouer a India de Governador, o mandou chamar a Almeirim, & dizem que com tençaõ de o mãdar á India, & ali esteve com grandes gastos & despezas, dando banquetes aos senhores da corte, em que despendeo muito. Isto se lhe estranhou tãto, que naõ faltou quem dissesse a Elrey, que lhe naõ conuinha mandar á India homem que tanto sem ordem gastaua sua propria fazenda. Pello que Elrey dissimulou, & elegeo pera Governador da India Martim Afonso de Sousa, como em seu lugar diremos. E a Antonio da Sylueira despachou com a capitania de Malchico

chico na ilha da Madeira de juro & de herdade, que renderão então quasi oitocentos mil reis.

Viuuou este fidalgo da filha de Lopo Vaz logo, por q̄ durou pouco, & casou segunda vez com hũa filha de Ruy Fernandez d'Almada, feitor, & Embaixador d'Elrey em Flandes, taõ honrado fidalgo, que indo em seu lugar outro a seguir aquella feitoria, & embaixada, dizendo a Elrey de França, que o que ya era taõ bom homem como Ruy Fernandez, respondeo: se elle he tal, affas de forte bom homem he. Deraõlhe com esta mulher, corenta mil cruzados, que lhe duraraõ pouco por sua condiçaõ, & chegou depois a estado que vêdo a capitania de Machico ao Conde do Vimioso, por outros corenta mil, & assi morreo depois pobre: mas sempre honrado, por que nunca se acanhou em cousa alguma. Depois de falecer Antonio da Sylueira, casou esta senhora, que se chamaua dona Clara, com Ruy Telez Mordomo mór do Iffante dô Luis, & Alcaide mór de Moura.

### CAPITULO VIII.

*De como o Visorrey dom Garcia de Noronha faleceo: & das partes, & qualidades de sua pessoa.*



E POIS que dom Aluaro de Noronha despachou as naos pera o reino, deu á vela pera Goa indo em sua companhia dom Esteuão da Gama. Foi deuagar por causa dos Noroestes. De passagem visitou as fortalezas de Chale & Cananor, deixando alguns nauios de remo por aquella costa, por causa de alguns ladroens formigueiros se os ouuesse: & em fim de Março chegou a Goa, achando o Visorrey seu pay ja muito mal. E foi sua doença em tanto crescimento, que desconfiaraõ os medicos d'elle: por q̄ era muito velho, & decrepito. E mostrãdo claros sinaes de sua fim, foi auisado por religiosos: pello q̄ logo fez todos os autos de Christaõ, primeiro que tudo. Depois mandou chamar todos os fidalgos, & lhes mandou dizer pello Secretario, que bem viaõ o estado em que estaua esperando por horas o fim derradeiro: pera o que lhe era necessario desembaraçar se de todos os negocios da vida, pois auia de entrar em outros mais importantes da outra, que eraõ os da alma. E por que o seruiço d'Elrey não perecesse lhes pedia, quisesse consentir, que seu filho dom Aluaro gouernasse por elle, em quanto elle assi estaua: & que depois de falecido se faria o que Elrey mandaua nas soccessoens. Os fidalgos lhe responderaõ, que Deos lhe da-

ria ainda vida & saude pera os gouernar a todos: & que se consentissem no que lhes pedia, & vissem outrem em seu lugar, aueriaõ que ja era morto: que em quanto o tinhaõ viuo, estauaõ todos contentes & satisfeitos: que aquillo era ja perto do inuerno em que auia pouco que fazer, pera o que bastaua o veador da fazenda (isto differaõ elles, por que dom Alvaro era ainda mancebo, & naõ queriaõ que os mandasse em cousa algũa.) O Visorrey naõ replicou a isto, antes mandou ao Veador da fazenda Fernaõ Rodriguez de Castello brãco, que corresse muito depressa cõ os prouimentos das fortalezas, o q̃ elle fez com muita breuidade: despedindo vm Galeaõ pera Maluco, & despachãdo dom Iorge de Crasto pera ir entrar naquella capitania de q̃ estaua prouido, por ter acabado seu tempo Antonio Galuaõ: prouendo tambem as mais fortalezas da India: despachando muitos fidalgos pera ire inuernar a ellas, principalmente pera Baçaim onde foraõ dar mesa, Fernaõ de Sousa de Tauora, Fernaõ da Sylua Alcaide mór & Comendador de Alpalhaõ, Francisco de Sãdos oculos, dom Luis de Tayde, Antonio de Souto Mayor, dõ Iorge, & dom Aleixo de Menses ambos primos. O Visorrey recolheo se com seu confessor, & outros religiosos, tratando das cousas de sua alma, fazendo seu testamẽto mui-

to á sua vontade, sem cõsentir que se lhe falasse em negocio algum. E como o seu mal era de morte, & com mais rezaõ se podia dizer q̃ era velhice, que infirmitade, entrou no artigo derradeiro: & tomando os diuinos Sacramentos, com grandes mostras de Christaõ, & de arrependimento de suas culpas, faleceo aos tres dias do mês de Abril, deste anno em q̃ andamos de corenta, tendo gouernado a India vm anno & sete meses. Foi sua morte muito sentida de todos, pelas partes & qualidades de sua pessoa: que por ellas, & por sua idade, & fidalguia, lhe tinhaõ todos muito grande respeito. Seu corpo foi leuado a Sé de Goa, & depositado na capella mór, onde jaz no chaõ, & tem hũa campa de pedra marmore com suas armas & leitreiro. Fizeraõ selhe os officios a seu enterramento com muita solennidade, estãdo presentes todos os fidalgos, & officiaes da cidade, & d'Elrey, todos vestidos de dõ.

Foi este Visorrey dom Garcia de Noronha filho de dom Fernãdo de Noronha, & neto de dom Pedro de Noronha Arcebispo de Lisboa, filho do Conde Gizaõ. Dom Fernando seu pay foi casado com dona Costança de Crasto, filha de Gonçalo d'Albuquerque, senhor de Villa verde, pay do grãde & valeroso capitãõ Afonso d'Albuquerque, Governador que foi da India, desta senhora ouue dom

dom Fernão estes filhos. s. dom Alvaro q̄ foi capitão de Azamor, pay de dom Fernão d'Alvarez de Noronha, dom Antonio de Noronha q̄ morreo na tomada de Goa, dom Afonso de Noronha que foi capitão de Sacotora: & este dom Garcia q̄ foi casado com hũa filha de dom Alvaro de Castro Governador de Lisboa, q̄ ja fora molher de Aires Telez filho herdeiro de Ruy Telez. Della ouue dom Garcia estes filhos. s. dom Alvaro de Noronha, que depois foi capitão da fortaleza de Ormuz, dom Bernardo que o não quis ser, & dom Antonio de Noronha que foi capitão de Malaca. Foi este dō Garcia á India a primeira vez o anno de mil quinhentos & onze, por capitão mor de hũa armada de seis naos, & ficou na India com seu tio Afonso d'Albuquerque. Achouffe na tomada de Benastarim, foi á

quelle anno á Cochim com poderes do Governador fazer a carga das naos, & fez pazes com o Camorim, & desta vez lhe concedeo lugar em Calecut pera fazer a fortaleza: achouffe na escalla da cidade de Adem. Foi o anno de treze outra vez a Cochim fazer á carga das naos, de q̄ era capitão mor loão de Sousa de Lima. Foi outra vez a Ormuz (quando seu tio Afonso d'Albuquerque foi fazer aquella fortaleza) & trouxe de lá na sua nao os quinze Reys cegos, que não eraõ Reys, como em outro lugar diremos, & foisse aquelle anno pera o reino por capitão mor das naos, & lá se seruiu Elrey delle muitas vezes nos lugares de Africa, & em outras partes. Primitirá o Senhor que tambem se oueſſe delle por seruido, & que lhe tenha dado sua gloria, & que nella sua alma descanſe perpetuamente.

*Fim do Sexto Liuro.*

LIVRO



# LIVRO SETIMO

## DA QVINTA DECADE

### DA HISTORIA DA INDIA.

#### CAPITOLO I.

*De como por morte do Visorrey dom Garcia de Noronha, socedeo na governança da India dom Esteuaõ da Gama: & das cousas em que logo começou a entender.*



**E**ALECIDO o Visorrey dom Garcia de Noronha: estando seu corpo depositado na capella mór da S<sup>e</sup> de Goa, depois de feito o officio todo, antes de o enterrarem, abriu o Veador da fazenda o cofre em que estauaõ as soçessõens da governança da India, presentes todos aquelles fidalgos: & officiaes: & tirou de dentro a primeira soçessãõ; que entregou ao Secretario pera a abrir, & elle a mostrou ao pouo, pera que vissem q̄ estaua inteira, & sem se nella tocar, nem bolir: & dandoa ao Ouuidor geral a examinou bem. Feitas estas diligencias conforme ao regimen-to, o Secretario a abriu, lendo primeiro o sobre escrito que dizia assi. Primeira soçessãõ da governan-

ça da India, que se abrirá falecêdo o Visorrey dom Garcia, o q̄ Deos não permita, & ao pé estaua Elrey assinado. Aberta a soçessãõ foi o Secretario lendoa alto, & achou nella Martim Afonso de Sousa q̄ era ido pera o reino.

E guardando aquella soçessãõ tirou a segunda, em que fizeram o mesmo exame, & diligencia: & a-brindosse achouffe nella dom Esteuaõ da Gama, que estaua presente, que foi leuado nos braços de todos, & ali logo lhe fez o Veador da fazenda entrega da India, pella ordem & regimento do estado, dando della a menagem nas mãos do capitãõ da cidade, & depois tomou o juramento de cumprir cõ as obrigaçoens de seu cargo, q̄ lhe deu o Ouuidor geral. Acabado este auto, depois do corpo do Visorrey enterrado, recolheosse o Governador pera sua casa, acompanhado de todos os fidalgos, & vereadores da cidade.

A primeira cousa que fez ao outro dia, foi, mandar pello Ouuidor geral, & Prouedor mór dos defuntos, fazer inuentairo de toda sua fazenda, o que se fez com todas as solennidades, & exames necessarios;

rios, & ordinarios, tomando elle juramento, & dandosse ás pessoas q̄ corriaõ com sua fazenda. Isto fez este Governador por que estaua muito rico, & naõ queria que dissessem, que adquirira tanta fazenda no cargo, por que determinaua de ser nelle muito puro, & desinteressado como foi. E segundo ouuimos a algũas pessoas d'aquelle tempo dinas de credito, montou sua fazenda perto de duzẽtos mil pardaos, coufa que podia ser, por q̄ herdou a de seu irmaõ dom Paulo, & seruiu de capitãõ da fortaleza de Malaca cinco annos, por que lhe deu Elrey o tempo que restou de seu irmaõ, como ja dissemos no capitulo onze do oitauo liuro da coarta decada. Feito isto, despedio o Governador logo recado a todas as fortalezas da India, fazendolhes saber de sua socessaõ, & a voltas das cartas do capitãõ de Baçaim Ruy Lourenço de Tauora, escreueo a Fernãõ de Sousa de Tauora, de quem era especial amigo que se fosse inuernar a Goa: & assi o fez, por que em lhe dando a carta do Governador, logo se embarcou em hũa Galeota que lhe deu o capitãõ, que era do seruiço do rio, por que todos os mais nauios estauaõ ja varados: & ainda estalhe deu com lhe prometer de lha tornar a mandar, por que a naõ escusaua. Embarcaraõse com elle dom Iorge, & dom Aleixo de Menezes ambos primos. Chegados a

Dabul, por que acharaõ ameaços do inuerno, desembarcouffe Fernãõ de Sousa de Tauora cõ os outros fidalgos, pera d'ali se irem por terra, & despedio com muita pressa a Galeota pera Baçaim, por que quis antes arriscar sua pessoa em ir por terra, que sua palaura: no que os fidalgos d'aquelle tẽpo traziaõ tanto posto o primor, que antes morreriaõ mil mortes, que cairem em hũa tacha taõ auorrecida ainda em gente baixa, quanto mais em homens que pello sangue tem tantas obrigaçoens, & taõ differetes da outra gente.

E assi antre os Gentios & Mouros da India se trazia por exemplo a grande verdade dos Portugueses. E por q̄ depois se mudou isto, com outros muitos & bons costumes, disse vm Rey de Cochim muito auisadamente, que aquelles tempos eraõ os bons em que os Portugueses trouxeraõ á India tres cousas: verdade, espadas largas, & Portugueses de ouro fino: por que esta era a moeda com que naquelles tẽpos se fazia a carga das naos. E por certo que notou aquelle Gẽtio muito bem isto, porque depois que estas cousas vieraõ a faltar na India, declinou ella: por que muitos & mais espantosos feitos se fizeram quando pelejauaõ com espadas largas & ferrugentas, do q̄ se fizeraõ depois com verdugos cõpridos & dourados, por que aquellas armas traziaõse pera pelejar, &  
agora

agora vsaõse estouras pera parecer bem. E assi dizia Elrey dom Ioaõ o segundo, que o bom Portugues á de ferir com os terços.

E tornando a Fernaõ de Sousa de Tauora, despedida a Galeota pera Baçaim, & elle com os mais tomaraõ o caminho por terra, & em poucos dias chegaraõ a Goa, sem por todo elle receberem vm pequeno agrauo, assi pello grande respeito & medo que tinhaõ aos Portugueses, como pella muita verdade & primor com que elles tratuaõ a todos.

O Governador dom Esteuaõ da Gama nos primeiros dias despedio vm Antonio de Sousa filho da India, q̄ sabia a lingua Persia m̄uy bem, & com elle vm Iudeo chamado Manaffes, pera irem a Ormuz em vm catur muito ligeiro, pera d'ali passarem ao reino por terra com cartas a Elrey, do estado em que a India ficaua, & de sua soçessão, & pera os Condes da Vidigueira seu irmaõ, & do Vimiofo seu sogro, solicitarem com Elrey naõ lhe mandar soçessor.

Da jornada destes homens naõ achamos lembrança algũa, sõmente sabemos chegarẽ ao reino, sendo ja nomeado Martim Afonso de Sousa pera Governador da India: por que teue a valia do Cõde da Castanheira seu primo com irmaõ, como adiante diremos, & Elrey respondeo, que folgara de saber que elle governaua, antes de

ter nomeado Martim Afonso pera ir soçeder ao Visorrey dom Garcia de Noronha, & que se podera sem faltar com sua palaura deixar de o mandar o fizera, pella muita confiança que tinha delle dõ Esteuaõ o auer de seruir bem.

Antre as instruçoens que o Governador dom Esteuaõ da Gama achou d'Elrey nos papeis de dom Garcia de Noronha, foi hũa, em q̄ lhe encomendaua muito, que mandasse a Sués queimar as Galés, por algũas intelligencias, por que naõ passassem a dar trabalho a India. E querendo elle ser o autor deste negocio, determinou de ir em pessoa áquella jornada, por ser muito importante, & de muita honra, por que esta desejava elle mais que fazenda. Pello que se foi pór na ribeira a mandar dar pressa a armada, visitando a miude os almazés, & prouendoos de todas as cousas necessarias. E contasse delle que a primeira vez que foi visitar a ribeira, chamou o Veador da fazenda, & todos os officiaes, & apontador, & toda a mais gente que auia do seruiço della, & achou perto de setecentos homens Portugueses, Mestres, Pilotos, Bombardeiros, marinheiros, grumetes, calafates, carpinteiros, mestres de bombas, & outros de naos, & nauios, & sabendo pellos pontos passados do tempo de Nuno da Cunha, que sempre passaraõ de oitocentos homens, os da obrigaõ da ribeira, come-

começou a bradar cō os officiaes, por auer taõ pouca gente. Trouxemos isto, por q̄ chegou esta ribeira depois a estado de naõ ter mais de seis sete pessoas, & essas ainda descontentes, & mal pagas.

O Governador foi visitado dos Reys visinhos, com quem confirmou de nouo as pazes, & antre estes foi Elrey de Garzopã, senhor da cidade de Mangalor na costa do Canará que auia muitos annos estaua reuel & aleuantado, sem pagar as pareas, mandouffe reconciliar com o Governador, por vm Embaixador seu chamado Timoja, & deu pellas pareas passadas, oito mil fardos de arroz, & se obrigou de nouo a pagar cada anno dous mil fardos, & que de seus portos nunca mais sairia ladraõ algũ. E posto que o Governador andaua muito occupado na armada, nẽ por isso se descuidou das cousas de nossa religião Christã, taõ encarregadas dos Reys de Portugal, a seus Visorreys & Governadores.

E por que em Goa crecia muito a Christandade, & auia muitos moços de diferentes castas, que andauão desfagalhados, ordenou vm Seminario na rua que chamaõ da carreira dos caualos, a que pos nome, o Collegio da sancta Fé, & nelle mãdou. recolher todos estes moços, tomando a cargo pera mãdar correr com sua doutrina o padre Miguel Vaz, Vigairo geral da India, homem virtuoso & Apo-

stolico, q̄ na vinha do Senhor trabalhau, com muito zelo & feruor em quanto esteue na India.

## CAPITULO II.

*Do que este anno de 1540. aconteceo em Maluco. E de como se descobriã as ilhas dos Cellebes, Macaça, Bogis, & outras: & dos Reys. & senhores dellas, que se fizeraõ Christaõs: & de como Francisco de Castro descobrio as ilhas de Mindanao.*



O R nos naõ descuidarmos das cousas de Maluco com que imos continuãdo por ordeni dos annos, entraremos aqui com o que aconteceo todo este passado naquellas ilhas q̄ deixamos em paz & quietação: & o capitaõ Antonio Galuaõ muito respeitado de todos, tratando mais do que compria ao seruiço de Deos & d'Elrey, que do seu proprio particular. Depois de recolhido Diogo Lopez d'Azeuedo com a vitoria dos Iaos, que a tras contamos no capitulo quinto do sexto liuro, deseioso Antonio Galuaõ de ser vm dos ministros que fizessem soar aquella voz do Euangelho, & em todas aquellas ilhas, & nos fins d'aquellas terras fazer ser ouuida a palaura de Deos,

dio vm Ioaõ Fogaça homem honrado em vm nauio pera ir ás ilhas dos Papuas, solicitar a amizade d'aquelles Reys, & ver se achaua nelles disposiçaõ pera o que pretendia. Este homẽ chegou áquellas ilhas, & visitou aquelles Reys, em quem achou mais humanidade do que esperaua, & assentou com elles pazes, & carregou de muitos mantimentos, que os á ali muitos, com que se tornou pera Maluco. No mesmo tempo foraõ a Ternate vns Embaixadores das ilhas dos Macaças (que estaõ ao ponente das de Maluco, perto de sessenta legoas a mais perto) que foraõ muito bem recebidos de Antonio Galuaõ. Vinhaõ antre elles dous mancebos nobres ambos irmaõs, com quem Antonio Galuaõ tomou grande amizade, & achandolhes disposiçaõ pera o que queria, os conuidou algũas vezes pera banquetes, & os fõ apalpando por meyo suaues, pera ver se os podia meter na manada & rebanho do Senhor, & tanto trabalhou nisto, que os rendeo, mandandoos cathechifar, & depois lhes deu o santo Bãutismo cõ grande solennidade, & a vm põs nome Antonio, & a outro Miguel Galuaõ: & quando se tornaraõ pera suas terras lhes deu peças & brincoõs, de que foraõ taõ satisfeitos, como logo diremos.

Estas ilhas sãõ muitas, & juntas, & andaõ nas cartas de marear lan-

çadas em hũa só muito grande pelo rumo a que os mareantes chamaõ Norte & Sul, perto de cem legoas de comprido. Quer esta ilha imitar a forma de vm gafanhoto grosso, cuja cabeça (que lança pera o Sul, cinco graos & meyo) sãõ os Cellebes, que tem Rey sobre si. Pella Coda que he a parte mais chegada a Maluco atraueffa a Equinocial, & ainda lança quasi vm grao pera a banda do Norte. Sãõ estas ilhas senhoreadas de muitos Reys diferentes nas lingoas, defuiados nos ritos & costumes. Começando da parte da Coda tem o reino de Bogis, por cima de quem corta a Equinocial. A principal cidade se chama Sauito, que he grande, de casas sobradadas, & fermosas, mas todas de madeira. Aqui queimaõ os mortos, & suas cinzas se recolhem em vasos que se enterraõ nos campos em lugares separados, onde fazem suas capellas abertas por todas as partes, & todo aquelle anno leuaõ todos os dias os parentes levar de comer, que poem em cima das couas, onde os caens, gatos, & anes os vaõ comer, & tomar: & metesselles em cabeça que o defunto o comeo: naõ tem templos: fazem suas oraçoõs olhando pera os ceos com as maõs aleuantadas, por onde se vé q̃ tem conhhecimento do verdadeiro Deos. Os naturaes naõ tem mais de hũa mulher, & os Reys tres & quatro.

Tem logo o reino de Macaça, sua cidade principal se chama Goa, a qui enterraõ os defuntos.

Tem visinho deste outro reino chamado Dirapa, & a sua cidade principal té o mesmo nome. Estes guardaõ os costumes & ritos dos Bogises, saõ os Reys parentes.

Tem outro reino que chamaõ Chirraná, que tem os mesmos costumes.

Tem outros muitos regulos sojeitos a estes. Ha nestas ilhas algodão, cobre, ferro, chumbo, & muito ouro de que as mulheres fazem manilhas pera os braços. Tem pedraria vermelha de que fazem joyas, sandalo, sapaõ: fazemse nelas muitos & bons panos de seda de muitas feçoens. Saõ estas ilhas de muitas abastadas de arroz, legumes, frutas, sal, tem caualos, Alifantes, muitas galinhas, carneiros, bufaras, veados, porcos, perdises, & toda a mais casta do mato, mas naõ tem vacas. Tem nauos de muitas feçoens, vns a que chamaõ Pelan, que saõ muito ligeiros de remo, com que fazem guerra. Ha outros chamados Loppi, que saõ da carga: & outros maiores a que chamaõ Iojoga. Saõ todas estas gentes de cor bassa como os Malucos. Saõ os homens mui bem despostos, & gentis homens, mas sujos no viuer, & mui dados ao peccado nefando: as mulheres saõ fermosas, grandes seruiçaes, & todas as que vaõ ter as

maõs dos Portugueses saõ catiuas na guerra que sempre fazem vns aos outros, & destas leuaõ todos os annos a vender a Malaca hũa grãde copia dellas.

E tornando aos nossos Christaõs Macaças, que Antonio Galuaõ despedio satisfeitos & contentes, chegãdo a suas terras, fizeraõse novos pregadores da nossa ley, & religiaõ Christã, de quem disse-raõ tantas cousas, que mouidos muitos dos naturaes dellas, lhes pediraõ buscaste modo pera serem bautizados. Os novos Christaõs zelosos d'aquelle bem tornaraõse logo pera Ternate, indo com elles outros mancebos nobres, q̃ todos foraõ bem recebidos de Antonio Galuaõ, & elles lhe pediraõ algum religioso pera irem com elles, porque ficauã muitos de seus naturaes, mui abalados, & desejosos de receberem a ley de Christo, & esperauã com grãde aluoroço por quem os bautizasse. Antonio Galuaõ deu muitos lououres & graças a Deos por aquella merce, & mandou logo com muita pressa vm nauio, em que mãdou embarcar vm Frãcisco de Crasto caualeiro muito honrado, & com elle dous sacerdotes pera irem em companhia dos Macaças, exercitar aquelle santo officio, fazendo (primeiro que se partiſsem) Christaõs todos os que foraõ em companhia d'aquelles dous mancebos: dãdo regimento a Frãcisco de Crasto, pera

assentar pazes & amizades com aquellas Reys, a quem mandou peças & brincos.

Partido Francisco de Crasto de Ternate, deulhe vm tempo contrario taõ rijo, que lhe foi forçado correr por onde melhor pode: & no cabo de alguns dias foi dar com hũas ilhas q̄ ainda naõ eraõ sabidas, que estauaõ ao Norte das de Maluco mais de cem legoas, & por ir falto d'agoa as foi aferrar, mandando a terra algũas pessoas a falar com os naturaes, com quem se naõ entenderaõ, mas souberaõ chamar-se aquella ilha que tomaraõ Setigano: & resgatando ali algũas cousas tornaraõ-se pera o nauio, mandando aquella Rey pedir a Francisco de Crasto que se visse com elle, como logo fez. El-rey o agasalhou bem, & o teue cõ-sigo algũs dias, em que os religiosos que yaõ com Frãcisco de Crasto, o apalparaõ, & achandoo facil & domestico o fizeraõ Christaõ, com tres irmaõs seus, & suas casas, molheres, & filhos, pondo nome a Elrey dom Francisco. Ali acodio muito pouo a pedir o bautismo, & assi se conuerteo a mór parte dos moradores d'aquellas ilhas.

Depois de gastarem ali mais de vm mês, partiraõ-se com grandes saudades do Rey, & de todos os nouos Christaõs, & foraõ tomar outra ilha chamada Seligano, a onde tambem conueteraõ aquella Rey que se chamou An-

tonio Galuaõ, & o mesmo fez a sua molher, & a duas filhas, & a sessenta pessoas de sua casa, bautizandoos a todos. E assi conueteraõ outros tres Reys de outras ilhas vezinhas chamados, Betuano, Pimilano, & Camisino: a todos estes pòs nome Ioannes, em memoria d'Elrey dom Ioaõ de Portugal, em cujo tempo se conueteraõ estas ilhas.

Foraõ depois achadas o anno de corenta & tres por Bernardo de la Torre: mas aqui se dá a honra de seu descobrimento a este Francisco de Crasto, por que por rezaõ, & verdade he sua propria. Depois que por ali gastou alguns meses naquella taõ sancta obra tornou-se pera Ternate, & foi recebido de Antonio Galuaõ, mũy bem, dando muitas graças a Deos pella conuersaõ d'aquelles Reys. Taõ zeloso foi sempre este homẽ da ley de Christo se estêder & dilatar, q̄ em nenhũa outra cousa trazia os pensamẽtos: & assi em seu tempo esteue aquella ilha taõ cheia de Christaõs, que cada dia acodiaõ ao bautismo, que era pera louuar a Deos.

E por q̄ auia muitos moços nobres Christaõs q̄ andauaõ desfagalhados, ordenou á sua custa vm Seminario onde os recolheo, pera ali serem doutrinados nas cousas da nossa santa ley, & fé Catholica, pera depois virem a ser pregadores della, pella falta que auia entaõ

entaõ de sacerdotes & religiosos. Este Seminario foi depois aprouado pello Sanito Concilio Tridentino, & Antonio Galuaõ foi o primeiro fundador delle nas partes da India, por que o que depois fez o Governador dom Esteuão da Gama (como atras diffemos no capitulo primeiro do setimo liuro) foi a imitacão deste.

Vendo os Mouros a grande multiplicacão que auia por todas aquellas ilhas de Christaõs, temendo que sua falsa seita se viesse de todo extinguir nellas: conuocãdo aquellos Reys de Ternate, Tidore, Geilolo, & outros, a hũa liga geral, pera acodirem áquellas coufas: & praticando sobre ellas, naõ acharaõ outro melhor meyo, que mandarem lançar muitos pregoes por todas suas ilhas, que todo o que tomasse a ley dos Christaõs, perdesse seus bês, & fosse catiuo pera sempre. Isto meteo taõ grande medo em alguns que andauaõ pera entrarem na manada & rebanho de Christo, que se sobrestiueraõ, com temor das penas, mas em outros acedeo mais o desejo, por que sem recearem cousa algũa acodiraõ á fortaleza a pedir o bautismo: & entre estes foi vm Governador de Ternate, chamado Cachil Colaõ, a que puseraõ nome Manoel Galuaõ, & assi acodio a Ternate vm primo d'Elrey de Geilolo, q̄ bautizaraõ com grandes festas, & aluoroço de todos.

E pera Deos mostrar mais suas marauilhas, tambem veyo ferido de sua seta, vm Mouro Arabio da geraçãõ de Mafamede, de tãta autoridade entre todos aq̄lles Reys & senhores, que o adorauaõ como a seu proprio Califa. Este com grã de instancia pedio o bautismo, vituperando a ley de Mafamede, cõtra quem pregou publicamente. Antonio Galuaõ fez a este homẽ muitas honras, bautizãdoo com grandes festas, sendo seu padrinho, & dandolhe tudo o necessario da sua fazenda, com o que ficou taõ satisfeito, & contente, que pasmauaõ todos.

Isto foi causa de muitos Mouros & Gentios virem a se conueter de maneira, que procedeo Antonio Galuaõ neste negocio todos os seus tres annos taõ Catholicamente, que nelles naõ fez outros empregos, nem veniagas, nẽ quis nunca comprar vm bar de crauo, dizendo que droga, que tinha cinco pontas na cabeça, que representauaõ as cinco chagas de Christo, pertencia só a Elrey de Portugal, que as trazia por armas: & assi diziaõ as regateiras de Lixboa (quãdo Elrey dom Manoel andaua em differenças com o Catholico Rey dõ Fernando sobre estas ilhas) que pertenciaõ só a Elrey de Portugal, assi por serem cinco, como pello crauo dellas representar a figura das quinas, que aquelle reino tinha por armas.

E chegou a tanto estremo nisto Antonio Galuaõ, que mandando-lhe Elrey de Tidore hũa quantidade de crauo de presente, o naõ quis tomar pera si, & o mandou recitar pera Elrey, & meter na sua feitoria. Esta he a rezaõ por que nos seus tres annos despendero doze mil cruzados que tinha, da herança de seu pay Duarte Galuaõ, que todos leuou pera aquella fortaleza empregados em fazendas. E quando se embarcou pera o reino foi taõ pobre, que por naõ ter com que viuer, nem lhe quererem dar de comer, se meteo no hospital de Lisboa, a onde lhe deraõ hũa raçaõ em quanto viueo: requerendo elle sempre em satisfação de seus seruiços vm conto de rēda: mas por fim elle veyo a morrer taõ pobre, que o enterrou a confraria da Corte.

Poderamos sobre este negocio dizer muito, mas por naõ culparmos vm taõ bom Rey, como foi Elrey dom Ioaõ o terceiro nos calamamos. Ainda que nesta materia toda a culpa foi, & pomos a seus officiaes, que pera isso os tem o Rey, & se fia delles pera fazerem justiça, & saberem repartir o seu, & naõ darem os doēs de Ajax ao li-sonjeiro Vlysses. E desta injustiça que elles vsaraõ, tomaraõ os capitães da India occasiaõ, & exemplo, pera naõ sairem de suas fortalezas, em estado que fiquem á corteza dos despachadores, por que

receaõ de irem ter aos hospitaes, como Antonio Galuaõ, & querem antes perder por carta de mas. E assi trazem muy verfiado aquelle adajo (dos necios leacs, se enchem os hospitaes.) Em fim, neste estado estauaõ as cousas de Maluco, quando chegou dom Iorge de Crafo, a quem Antonio Galuaõ entregou a fortaleza: & como foi tempo se embarcou pera a India.

CAPITULO III.

*De como o senhor de Damaõ foi correr as terras de Baçaim, & de como Ruy Lourenço de Tauora o foi buscar, & do recontro que com elle teue, em que o desbaratou, & lhe tomou o Galeaõ zam- buco.*



VANDO Soltaõ Badur deu as terras de Baçaim ao Governador Nuno da Cunha, tomou as a vm capitaõ seu chamado Bramaluco, a quem as tinha dado, juntamente com a cidade de Damaõ, a onde elle se recolheo. Aqui viueo a te gora muito magoado de lhe tomarem aquellas terras que lhe rendiaõ muito. Agora sabendo da morte do Visorrey dom Garcia de Noronha, determinou de ver se por todas as vias podia tornar a senho-

a senhorear-se dellas, ao menos comer suas aldeas com a espada na mão, o que parece não auia de ser sem licença d'Elrey de Cambaya, cujo vassalo era, teria seus tratos em segredo. Basta, como quer q fosse, elle entrou pellas terras da jurdição de Baçaim, cõ cinco mil homens de pé, & trezentos de cavallo, sendo á mór força do inuerno: & como as achou sós de guarda, logo se apoderou dellas, mandando apregoar seguros aos lauradores, pera que podessem laurar suas terras sem receberem agrauo, acodindolhe a elle com os foros ordinarios. Com isto lhe começaraõ logo acodir muitos, & outros que não quiseraõ obedecer se recolheraõ a Baçaim.

Sabendo Ruy Lourenço de Ta uora capitaõ d'aquella fortaleza, como o Bramaluco era entrado nas terras, tomou parecer com os capitaes & fidalgos que ali inuernaraõ, sobre o que faria: & assentou se que fossem buscar os inimigos, & lhe dessem batalha, primeiro que tiuessem nouo soccorro, por que se se dissimulasse com elles comeriaõ todas as terras: & Elrey de Cambaya como os visse senhor dellas, tentaria nouidades, & quando menos, os fauoreceria em segredo com gente, o q seria muito grande trabalho lãçalos depois fora.

Assentado isto se começou a preparar & fazer alardo da gente

que poderia leuar, & achou perto de seiscentos Portugueses, em que entravaõ cincoenta de ginetes, gente toda lustrosa, & bem armada. De toda esta gente fez coatro bandeiras, de que deu as capitancias a Fernão da Sylua Comendador & Alcaide mór de Alpalhaõ, q auia de leuar a vanguarda, a dõ Luis de Tayde, que depois foi Conde d'Atouguia, que o Visorrey tinha ali mandado a inuernar com algus nauios ligeiros, pera em Agosto sair a esperar as naos de Meca. Os outros dous capitaens eraõ Francisco de Sá dos oculos, & Antonio de Soto Mayor: ficando Ruy Lourenço com a gente de cavallo, que os mais delles eraõ fidalgos, & cavaleiros muy honrados. Leuou mais alguns Naiques, com trezentos ou coatrocentos piaens da terra. E saindosse da fortaleza, q deixou entregue ao Alcaide mór, começou a caminhar em busca dos imigos, lançandolhe espias diante, de quem foi auisado que estauaõ na aldea de Bulaõ, ou Bailaõ, duas legoas da fortaleza pera o fertaõ.

E determinando de os tomar na força da festa, em que os Mouros costumaõ a se lauarem & repousarem, foi marchando deuaagar, por que tinha saido da cidade no coarto d'alua. E sendo meya legoa do lugar em que estauaõ, parou, & mandou aos seus que descansassem, & almoçasse pera mais

folgadamente darem nelles: & assi se poseraõ debaixo de vm grande & sombrio aruoredõ onde auia agoa, & deraõ de comer & de beber aos caualos, & todos almoçaraõ a sua vontade. Os imigos como traziaõ suas espias foraõ logo auisados da ida dos Portugueses, & de como estauaõ naquelle lugar comendo, & descansando: pello q̃ determinaraõ de os ir cometer, & assi o fizeraõ, chegando aos nossos taõ de sobresalto, que quando os viraõ foi ja trauados cõ elles: por que os cometeraõ com grande determinação: & de todo estiueraõ os nossos perdidos, se Fernão da Sylua Alcaide mór de Alpalhaõ, que estaua na dianteira não tiuera o pezo dos imigos, que lhes não deraõ lugar a se armar: & assi com muito animo & valor, com alguns poucos, que o acompanharaõ, teue todo aquelle encontro a te chegar Antonio de Soto Mayor que o ajudou, achando ja Fernão da Sylua ferido nãa perna, & elle fazendo tudo o que se esperaua de seu grande valor & esforço.

Ruy Lourenço teue com isto tempo pera se armar, & acodindo com todo o resto, deu nos imigos com grande furia, trauandosse todos em hũa aspera batalha. Antonio de Soto Mayor andaua ja naquelle tempo com algũas feridas, & tinhaõlhe os Mouros mortos alguns companheiros, mas elles se tinhaõ satisfeito com bem de da-

no dos imigos: tanto que quando chegou Ruy Lourenço de Tauora andauaõ ja taõ sofregos, que cuidauaõ ter a vitoria nas maõs. Este dia foi vm em que os nossos mais mostraraõ o valor Portugues, por que os imigos eraõ muitos, & muito bem armados, & muito determinados. As nossas coatro bandeiras, tanto que o capitaõ chegou que deu Sanctiago nos imigos, fizeraõ elles vm termo com que tiueraõ tempo de se ordenare, pondosse pera coatro partes com as costas vns nos outros, por que os imigos os tinhaõ rodeados. Ruy Lourenço ficou de fora com os cincoenta de caualo, rodeando os seus, & dando alguns toques nos imigos, de que sempre lhes derribou muitos. A espingardaria dos nossos, que jugaua pera todas as partes, fez grande estrago nos Mouros, por que os tomava em descuberto, com o que se começaraõ alguns de retrain. O que entẽdido por Ruy Lourenço arrãcou com todo o poder, apellidando Sanctiago, & deu nelles com tamanho impeto, que com morte de muitos os arrancou do campo. E vendo a merce que Deos lhe fizera, teue os seus, por não auer no alcance algum desmando, & recoheosse ao lugar em que estaua, onde mandou curar os feridos que eraõ muitos, & ali gastaraõ aquelle dia.

Ruy Lourenço tomando parecer

cer sobre o que faria neste negocio, assentaraõ que repoufassẽm ali aquella noite, & que ao outro dia pella manhã fossem buscar os inimigos a te os ensecarem, & desbaratarem de todo, & assi passaraõ toda a noite com grandes vigias. No coarto d'alua se leuaraõ, & foraõ marchando pera o lugar de Bailaõ, cuidando que achassem nelle os inimigos, o que naõ foi assi, por q̃ de tal maneira ficaraõ escaldados das maõs dos nossos, que largaraõ as terras, & se recolheraõ pera o rio de d'Antora. Ruy Lourenço mandou suas espias a pos elles, de quem soube serem passados da outra banda, pello que se tornou a recolher, correndo as terras todas, & reduzindo os lauradores ao seruiço d'Elrey de Portugal: & pera sua segurança ordenou algũas traqueiras em algũs passos, em q̃ pos guarda de piaens da terra, por que os inimigos lhes naõ entrassem outra vez pellas aldeas.

E por que foi auisado que no rio de Agaçaim tinhaõ os Mouros hũa muito fermosa nao acabada, & posta ainda no estaleiro, que o Bramaluco tinha pera mandar a Meca, determinou de a ir tomar: pera o que mandou fazer prestes muitos viradores, cabrestantes, & outros aparelhos necessarios pera se lançar ao már. E tanto que o inuerno deu jazigo, deitou dez nauios ao már, de que foi por capitãõ mór dom Luis de Tayde, le-

uando nelles duzentos homens: & em sua companhia mãdou outras embarçaõens com todos os aparelhos necessarios, mestres, marinheiros, & officiaes pera aquella obra, mandandoos que o fossem esperar a Agaçaim: & elle o mesmo dia começou a marchar, com toda a mais gente que auia na fortaleza, & todos os piaens das tranqueiras, & vm grande numero de seruidores das aldeas, pera virarẽ a nao. Era isto em hũa conjunçaõ de agoas viuas: & assi elle por terra, como a armada por már chegaraõ a Agaçaim quasi a vm mesmo tempo.

Dom Luys de Tayde entrou o rio de maré chea, & foi desembarcar junto da pouoaçaõ, que era muito pello rio dentro, achando algũa resistencia em que lhe mataraõ cinco ou seis homens: mas elle com muito valor desbaratou os inimigos, & os foi metendo pella pouoaçaõ dẽtro, que ja Ruy Lourenço de Tauora vinha entrando, & assolando: & todauia o poder dos inimigos era taõ grande, q̃ esteue muito arriscado, por que se determinaraõ com elle alguns Abexins, que lhe mataraõ dez homẽs, & feriraõ muitos. Mas todauia como na dianteira dos nossos pelejauaõ Fernão da Sylua Alcaide mór de Alpalhaõ, Francisco de Sã dos oculos, Antonio de Soto Mayor, & outros fidalgos & caualeiros, de tal maneira apertaraõ com

os Mouros, que com grande estrago seu os poseraõ em disbarato, & ajuntandosse todos os nossos, assi os da armada, como os que foraõ por terra em vm esquadraõ deraõ fogo á cidade por todas as partes por se lhe naõ meterem nella os inimigos que ja eraõ recolhidos: & logo os officiaes começaraõ a armar os aparelhos, no que gastaraõ todo aquelle dia & noite, que os nossos passaraõ com grandes vigias. Ao outro dia lançaraõ a nao ao már muito folgadamente, & ás toas foi tirada pera fora: & dom Luis de Tayde com sua armada a leuou pera Baçaim, pera onde Ruy Lourenço de Tauora se foi recolhendo, & depois que dom Luis de Tayde meteo a nao no rio, o tornou a mandar pera a enxada a esperar as naos de Meca cõ cartazes. Esta nao era muito grande, & estoncada toda, pello que lhe pozeraõ nome o Zambuco, que depois fez muitas viagens pera o reino, como em seu lugar diremos.

## CAPITVLO IIII.

*Da armada que este anno de corenta partio do reino pera a India, de que era capitaõ mór Francisco de Sousa Tavares: & das pazes que o Governador dom Esteuaõ da Gama fez com Elrey de Cambaya. E dos apercebimentos*

*que fez pera ir buscar as Galés. E de vm honrado desafio que tiueraõ Ruy Lourenço de Tauora, & dom Francisco de Menezes. E dos Embaixadores que Elrey da Cotta mandou ao reino.*



**NDAVA** o Governador dom Esteuaõ da Gama muy occupado na armada que pretendia levar ao estreito, ajuntando as couzas necessarias pera aquella jornada, por que forçado auia de inuernar fora da India, esperando com grande aluoroço pellas naos do reino, pera saber nouas delle. A dez dias de Setembro surgiraõ na barra de Goa coatro, de que era capitaõ mór Francisco de Sousa Tavares, & os mais capitaens, Vicente Gil, Simaõ da Veiga, & Vicente Lourenço Bateuias. Trouxeraõ estas naos boa viagem, & boas nouas da saude d'Elrey, & de todo o reino, que o Governador festejou muito, & antre as instruções q' Elrey mandaua ao Visorrey dom Garcia, era hũa, em que lhe encomendaua muito, q' mandasse queimar as Galés dentro em Sués, & lhe daua os agardcimentos do modo que tiuera nos soccorros de Diu, & no que fizera em se deixar ficar sobre a barra de Goa. Com esta instrução se acabou o Governador

nador de resolver na quella jornada, & despedio logo seu irmão dom Christouão da Gama com hũa armada de nauios ligeiros para ir a Cochim com cartas áquella cidade, em que lhe pedia o quizessem ajudar com algum emprestimo de dinheiro, & escrauos para chusma das Galés, pois era para um seruiço d'Elrey taõ grande, & bem taõ commum de toda a India, como ir queimar as Galés dos Rumes, para segurança de todos: por que em quanto estiuesssem em pé, auiaõ todos de viuer cõ sobrelaltos, & o reino de Portugal com inquietaçoes. E juntamente despedio dom Antonio da Gama com oito nauios para andar na costa do Malauar a te Dezembro em que auia de partir para o estreito.

Despedidos estes nauios chegou a Goa um Embaixador do Bramaluco senhor de Damaõ, & requireo ao Governador pazes com muita instancia: mas assentou em conselho que se não conluisse com elle em cousa algũa, por quanto era vassallo d'Elrey de Cambaya, & estaua como aleuantado, q se mandasse Embaixador áquelle Rey sobre aquellas cousas, & que lá se conluissem. Com isto despedio o Governador um homem a que não achamos o nome, nem as particularidades do regimento, né da jornada: somete em soma soubermos que foi bem recebido de Soltaõ Mahamude, q confirmou

as pazes que estauão feitas com dom Garcia: & concedeo mais ao Governador dom Estevão da Gama a metade do rendimento da alfandega de Diu, para Elrey de Portugal, não tendo dado ao Visorrey mais que o terço, & ficaraõ feitas as pazes com o senhor de Damaõ. Com isto se recolheo dõ Luis de Tayde com a armada para Goa, & os fidalgos que inuernaõ em Baçaim, para acompanharem o Governador naquella jornada, por que lhes mandou elle recado. O Governador mãdou Manoel de Vasconcellos á costa do Canará a recolher todos os mantimentos que ja lá estauão feitos, & a receber os oito mil fardos de arroz que Elrey de Garzopá era obrigado a pagar, & a fazer outras cousas necessarias para a jornada. Posto que estaua resolutu em ir ao estreito, quis todavia por aquillo em parecer dos fidalgos & capitaes: & fazendo ajuntamento de todos lhes fez esta fala.

Senhores fidalgos & capitaens, Elrey nosso Senhora por entender que em quanto as Galés, que foraõ a Diu, estiuesssem em Sués, sempre a India auia de estar com sobrelaltos, por que o Turco não he homem que taõ depressa desista das cousas que começa, & mais destas em que tem metido tanto cabedal, & que elle auia por honra de sua religião, pois o principal intento da jornada que mandou fazer

zer por Soleimaõ Baxá, foi de sem-  
pedir a nauegação do estreito do  
már roxo, que com as nossas ar-  
madadas lhe tinhamos taõ defendi-  
da, que quasi se ya perdendo a ro-  
magem da casa do seu Mafamede.  
Pello que nas cartas que Elrey es-  
creueo por terra em reposta das  
em que lhe o Visorrey dom Gar-  
cia de Noronha que Deos tem em  
gloria, deu conta da jornada das  
Galés, & por outra instrução que  
nestas naos mandaua ao Visorrey,  
lhe encomendaua muito traba-  
lhasse por mandar queimar as Ga-  
lés, pera assi ficar a India segura, &  
o reino de Portugal desapressado  
dos grandes soccorros que he for-  
çado mandar todas as vezes q̄ lhe  
forem nouas que se tornaõ a ar-  
mar. E segundo o descuido com q̄  
estaõ varadas em Sués, conforme  
ás informaçoens que pellas espias  
tenho, muito facilmente se podem  
queimar, por q̄ se não pode espe-  
rar, nem cuidar, que os Portugue-  
ses tenhaõ tamanho atreuimento,  
que vão cometer com suas arma-  
das o fundo do estreito, taõ cheyo  
de restingas, baixos, & outros peri-  
gos que nelle ha. E ainda q̄ ellas  
estejaõ com grandes guardas &  
vigias, eu leuo armada & gente pe-  
ra affolar todo esse estreito: &  
quanto mais disto fór, entã será  
mayor gloria pera todos os q̄ aqui  
estamos: por que bem sei que os  
espíritos de todos se não satisfazê,  
se não de cousas muito arriscadas.

Por isso senhores liurementemente po-  
deis dizer o que mais vos parecer  
feruiço de Deos, de S. A. & bem  
deste estado.

Callado o Governador, foraõ  
votando os fidalgos, & quasi todos  
concordaraõ, que aquella jornada,  
alem de Elrey a mandar fazer era  
muito necessaria pellas rezoês que  
apontara, & que elles estanaõ pre-  
stes pera o acompanharem nella.  
Somente Garcia de Sá, Ruy Vaz  
Pereira, & Diogo Alvarez Tellez,  
foraõ de diferente parecer: dize-  
do que se as Galés estauaõ descui-  
dadas, & com taõ pouca vigia co-  
mo elle dizia, que pera se queima-  
rem bastauaõ seis catures ligeiros,  
que podiaõ entrar o estreito sem  
serem sintidos, o que não podia fa-  
zer hũa armada tamanha como a  
que pretendia levar de naos, Ga-  
leoens, & Galés, que forçadamen-  
te auiaõ de ir atroando o mundo,  
& espertando os imigos: & mais  
estando ja taõ experimentados, q̄  
todas as vezes que nossas armadas  
grossas entraraõ o estreito, sairaõ  
delle perdidas, & desbaratadas, co-  
mo foraõ as dos Governadores  
Afonso d'Albuquerque, Lopo Soa-  
rez, & Diogo Lopez de Siqueira:  
& que alem do perigo, não serui-  
ria sua ida de mais, que de esperar  
o Turco a mandar reforçar os pre-  
sidios de todos os portos d'aquel-  
le estreito. E sobre tudo isto, que o  
estado não estaua pera despender  
trezentos mil cruzados, q̄ aquella  
armada

armada auia mister : & q̄ elles por entenderem que era afsi mais seruiço d'Elrey o naõ auiaõ de acompanhar naquella jornada : & que d'aquelle parecer, & de afsi lho requererem auiaõ de tirar estromẽtos pera mãdarem a Elrey. O Governador lhẽs disse que fizessẽm o que quissẽm, que elles dariaõ conta a Elrey de naõ acompanharem o seu Governador, & que elle esperaua em Deos de deixar as Galẽs feitas em cinza, & que elles se auiaõ ainda de arrepender de se naõ acharem em coula taõ honrosa. Naõ arrependeremos disse v̄m delles, antes o festejaremos taõto, que no cais onde desembarcades estẽderei esta capa de grã (por que tinha elle hũa vestida) nelle, pera passardes por cima della.

Concluido o conselho, & assentada a ida pellos votos dos mais, começou o Governador a repartir os nauios, & embarçaõens pellos capitaens que auiaõ de ir com elle. E pello pouco segredo que nestas cousas teue (por que logo tanto q̄ socedeo na governança publicou esta jornada) deixou de ser de muito grande effeito, por que chegando logo as nouas a Cambaya, Coçoçar por querer ganhar terra com o Turco, despedio logo hũa nao sua, com cartas pera todos os portos d'aquelle estreito, do auiso da nossa armada.

Andando o Governador reparando os nauios, chegou a Goa Ruy

Lourenço de Tauora capitaõ de Baçaim pera se ir pera o reino : & diziasse, que por que aquelle anno vieraõ nouas, que o Conde da Castanheira (que era casado com sua irmã) priuaua muito com Elrey dom Ioaõ, queria elle ir ver, se por sua valia se podia melhorar, & tornar á India por Governador a tirar dom Esteuaõ. E por que aquella fortaleza de Baçaim ficaua vaga, & entregue ao Alcaide mór, & em Goa andauaõ dous prouidos della, dom Francisco de Menezes, & dom Manoel de Lima : mandou o dom Manoel requerer á dõ Francisco, (que era primeiro prouido) que fossẽ servir seu tempo, por que naõ queria que depois o embaraçasse outro despachado de tras delle, arguindolhe que naõ fizera diligencias, & que deixara passar o tempo que cabia a dom Francisco. E como elles ambos estauaõ prestes pera acompanharẽ o Governador nesta jornada, & muy desuiados de a deixarem por nenhũa fortaleza, (porque os fidalgos deste tempo, traziaõ mais os pensamentos em honras, que em fazendas) vieraõ se ambos a concertar, metendo se o Governador por terceiro, nesta forma. Que Antonio de Lemos da Trofa capitaõ do Galeaõ Reys Magos (que era v̄m fidalgo de setenta annos) trocasse com dom Francisco, & lhe desse o Galeaõ, & elle ficasse em Baçaim por capitaõ em lugar de

*Quinta Decada. Da historia da India.*

dom Francisco, por quem correria todo o tempo que a jornada durasse, & que todos os proueitos fossem do dito Antonio de Lemos: & que tanto que o Governador tornasse do estreito fosse dom Francisco acabar seu tempo: & assi se partio logo Antonio de Lemos para Baçaim, & o Governador deu o Galeão Reis Magos a dom Fráncisco.

E por que o desafio dantre elle & Ruy Lourenço de Tauora, foi de dependencias da mesma fortaleza, & nelle ouue mūy grãdes primores antre estes dous fidalgos, não deixaremos de o cōtar, por q̄ foi muito honrado: & por q̄ delle não recrecero desgostos algũs, nẽ desauenças antre estas duas gerações, o q̄ não fizemos se nisso renouamos escádalo, antes o fazemos ao grande primor & honra, q̄ os fidalgos d'aquelle tempo vsauão: o caso foi este.

Quando Ruy Lourenço veyo de Baçaim, para se embarcar para o reino, dizem q̄ estando em praticas com o Governador, lhe disse que Baçaim era cousa pouca, & que não era para os homens como elle. E como o Governador contou isto a algũas pessoas, chegou a dom Francisco de Meneses, que tomado d'aquelle negocio (por ser prouido d'aquelle fortaleza, & ser v̄m fidalgo taõ honrado, & de tantos merecimentos, q̄ nenhũ outro lhe fazia em cousa algũa ventagem) enladiouse disto tanto,

que diziaõ, que andara esperando Ruy Lourenço, ou para o acutillar, ou para lho perguntar: Isto chegou logo ao Governador, que por se achar culpado naquelle negocio, meteo a maõ nelle de feição, q̄ satisfez dom Francisco (deuia de ser com lhe affirmar que Ruy Lourenço lhe não differa tal, como na verdade não diria, por que bẽ podia ser nacesse aquillo d'algum amigo de zizánias, que nũca faltão) & assi tratou com ambos, que onde quer que se encontrassem se fallssem, & se conuersassem como d'antes. Socedeo logo, estar dom Francisco no terreiro do paço, & entrar nelle Ruy Lourenço: & v̄do dom Francisco q̄ estaua parado lá no cabo delle, o foi demãdar, & estiueraõ v̄m espaço em conuersação, & apartandosse Ruy Lourenço, q̄ ya em v̄m caualo folhaõ, & que se ya pondo sobre as pernas, & pelo quebrantar o arremessou duas ou tres vezes muito curto. Dom Francisco de Meneses desconfiou d'aquelle negocio, por que estauo o terreiro cheyo de fidalgos, auentado que Ruy Lourenço fizera aquillo de fonfarraõ & bisarria, para dar a entender a todos que ficara bem d'aquelle negocio. E recolhendosse para casa muito malenconizado mandou desafiar Ruy Lourenço, que o aceitou: & vendosse ambos no campo pelejaraõ mūy bem, & delle se recolheraõ amigos, Ruy Lourenço cõ hũa cotilada

lada por cima de hũa fõte, de que lhe correo muito sangue: & dom Frãcisco de hũa estocada pello braço direito. Isto nunca se soube se não depois de estarem em suas casas, acodindo logo os parentes d'ã-bos, & amigos, a saber a coufa como passaua: no que ambos tiueraõ taõ grande primor, que dom Francisco respondia, que o que disseste Ruy Lourenço, & elle, que o que dom Francisco contasse isso era: sem nunca se saber o que passaraõ. As feridas foraõ pequenas, & sararaõ logo, & Ruy Lourenço se embarcou pera o reino. Contasse delle aquella galantaria que disse no paço a hũa dama sobrinha do mesmo dom Francisco, filha de dom Ieronymo seu irmaõ, que entrando Ruy Lourenço em casa da Rainha, estando com as damas, pós os olhos nelle fitos: & vendo elle o modo de como o olhaua, por estar perto della, pós o dedo na ferida de sobre a fonte dizendo: Senhora, que me olha v. m. esta me deu o senhor dom Francisco vosso tio, que he a mór honra que eu tenho.

E tornando a nosso fio, o Governador deu pressa á escritura do reino, & despachou as naos pera Cochim a tomar carga, & nellas se embarcou dom Aluaro de Noronha filho do Visorrey dom Garcia de Noronha. Embarcaraõse tambem dous Embaixadores d'El rey da Cotta de Ceilaõ, que yaõ

mũy bem negociados: & por elles mandaua aquelle Rey pedir a Elrey dom Ioaõ, lhe fizesse merce de jurar por Principe herdeiro da Cotta, a vm neto seu, filho de sua filha, & de Tribuli Pandar, por não ter outro herdeiro, mandandolhe a figura do neto, que era de Marraa, em vulto douro, metido em vm grande cofre, com hũa coroa douro, & de muita pedraria na mão, pera Elrey o coroar cõ ella. Estas naos chegaraõ a Portugal a saluamento: & Elrey recebeu mũy bem estes Embaixadores: & pera o auto do juramento do Principe mandou Elrey chamar todos os senhores do reino, & o fez em sala publica com a mór solennidade & cerimonia q̄ podia ser, coroando o Principe ao modo do reino, mandando q̄ se fizessem grãdes festas, & se corressem touros. E passando-lhe sua carta de confirmação, fazendo muitas merces aos Embaixadores, os tornou a mãdar nas naos seguintes muito satisfeitos.

## CAPITULO V.

*Da grande armada com que o Governado dom Esteuaõ da Gama partio pera o estreito do mar roxo: & do que lhe aconteceo a te chegar a Maçua.*

Quinta Decada. Da historia da India.



ESPEDIDAS as naos pera Cochim, começou o Governador a fazer paga aos soldados, & a prouer os nauios, q̄ auia de leuar, de mātimentos, & moniçoens. E tēdo tudo prestes & negociado, tanto q̄ chegaraõ as armadas de dō Christouaõ da Gama, & de dom Antonio da Gama, & de Manoel de Vasconcellos, cō dinheiro & escrauos, q̄ os moradores de Cochim lhe mandauaõ, & com muitos outros prouimentos: passada a festa do Natal, entregou a India ao Veador da fazenda Fernaõ Rodriguez de Castello branco, tomandolhe della a menagem, dandolhe por coadiutores o capitaõ da cidade, & o ouuidor geral, logo se embarcou. E ao primeiro de Janeiro de corenta & vm se fez á vela, embarcando em vm Galeaõ da armada o Patriarcha dom Ioaõ Belmudes, que tinha vindo do reino pera ir ao Preste Ioaõ, como atras dissemos. Leuaua o Governador setenta & dous nauios, em que entravaõ doze de alto bordo, duas Galés, & os sessenta mais, Galeotas, & Catures. Os capitaens que nesta jornada o acompanharaõ saõ os seguintes.

Dom Francisco de Meneses no Galeaõ Reys Magos, Tristaõ de Tayde no saõ Mateus, dom Francisco de Lima no Galeaõ Bufara, dō Garcia de Crasto, em saõ Boa-

uentura, dom Ioaõ de Crasto no Coulaõ, Manoel da Gama em outro Galeaõ, vm foaõ de Pina, capitaõ da guarda do Governador, em hũa Carauela latina, Francisco de Moura que ya por feitor da armada, em outra nao de mantimentos, Antonio Correa, em vm Galeaõ q̄ leuaua artelharia, & moniçoens, de sobrecellente, com que ya embarcado o Patraõ mór Afonso Vaz. Capitaens das Galés eraõ, dō Christouaõ da Gama, & Diogo de Reinoso. Capitaens dos nauios de remo, dom Martinho de Sousa, Alonfo Hériguez, Manoel de Sousa de Sepulueda, Bernaldim de Sousa, Fernaõ da Sylua alcaide mór de Alpalhaõ, Fernaõ de Sousa de Ta-uora, dom Diogo d'Almeida, filho do Contador mór, dom Iorge Tel-lo, Ioaõ de Mendoza Cassaõ, Henrique Médez de Vascócellos, Martin Correa da Sylua, dom Luis de Tayde, Manoel de Vascócellos, dō Antonio da Gama, dom Diogo d'Almeida Freire, Luis Médez de Vasconcellos, Antonio Moniz Barreto, Francisco de Sá de Meneses, dos oculos, Manoel da Cunha, Afonso Pereira de Lacerda, Antonio de Soto Mayor, dō Bernardo de Noronha, filho do Visorrey dō Garcia de Noronha, Iorge de Mello, Raphael Lobo, Lopo Vaz de Siqueira, Ruy Gomez d'Azeuedo, Vasco da Cunha, Miguel da Cunha, Diogo Pirez de Sá, Miguel Carualho, Fernaõ de Lima, Antonio de Sá o Rume,

me, Luis de Noronha, Gaspar de Sousa, Ioaõ Iuzarte Tiçaõ, Francisco de Mello Pereira, Iorge Pimintel, Simaõ Botelho, Francisco Freire, Christouaõ de Crasto, Francisco de Ilher, Mateus de Brito, Antonio Pereira, Francisco de Mefquita, Duarte Pereira, Ruy de Mello Pereira, dom Ioaõ Lobo, dom Iorge de Meneses, dom Payo de Noronha, Lionel de Lima, Ioaõ Rodriguez d'Araujo, dom Ioaõ Manoel Labastro, Gonçalo Andre, Francisco Alvarez, Pero Froes, Mem Rodriguez de Freitas, Ioaõ Casado, Alvaro Serraõ, o Pereirainha, & outros a que não achamos os nomes. Nesta frota yaõ dous mil homens os milhores da India.

Seguindo sua viagem com Leuaõtes rijos foraõ auer vista da costa de Arabia, posto q̄ derramados. O Governador a foi ver em monte de Felix entrada de Feuereiro, & foi deuiagar esperando, pera ajuntar toda a sua armada, porquẽ esperou na boca do estreito da banda do Abexim, ali se foraõ todos ajuntar com elle. Somẽte o Galeaõ de Antonio Correa, q̄ desapareceo, sem se saber onde, nem como. O Governador como teue a armada junta foi demandar a entrada do estreito: & no cabo Rasbel, q̄ está em doze graos bem na gargãta do estreito, achou vm nauio de q̄ era capitãõ Garcia de Noronha, q̄ o Visorrey dom Garcia de Noronha fez

Christaõ em Diu, q̄ o Governador tinha mandado diante a vigiar as Galés, & delle soube estarem varadas em Suês, & q̄ segũdo tinha alcançado, não auia no estreito ainda nouas de sua ida: com isto ficou o Governador aluoroçado. E entrando as portas foraõ os nauios de remo fazer agoada em hũa enceada q̄ fica logo da bãda de dentro. Dali foraõ de longo de hũa enceada a que pozeraõ nome do Palmar, por ter muitas palmeiras, que está em doze graos. Dali passaraõ pellas ilhas primeiras em doze graos, & meyo, & pella enceada velha em treze escassos, & pella enceada da Fortuna, na mesma altura: & em outra adiante que está em treze graos & meyo sorgio o Governador. Em todas estas enceadas & angras, desde a boca do estreito a te Suês, foi dom Ioaõ de Crasto tomando o sol, & fazendo roteiro, sondando todas aquellas paragens, & notãdo as mais cousas d'aquelle estreito, de que fez vm curioso tratado, que dirigio ao Infante dom Luis, em que dá muitas & boas rezoens sobre as manchas vermelhas que se achao por todo aquelle estreito, sobre que tantas variedades ha, nos escritores que disso trataõ.

Destã enceada parrio a armada, & foi passando as ilhas da Pascoa, & as do Camelo, em catorze & catorze graos & meyo: & a ilha de Laca em quinze & vm coarto,

& depois a encçada dos Medaões em quinze largos a te chegar a Arquico, & a Macuá, que estão em quinze graos & meyo. Arquico affirmão muitos que foi o lugar de Aduli, de que Arriano fala, que diz foi edificado dos escrauos fugitiuos do Egypto: & Maçua parece ser a ilha de Orene de Ptholomeo. O Governador forgio aqui aos dezoito dias de Feuereiro de 1541. & mandou cifar, & alimpar, & prouer os nauios de nouo. E tomando conselho sobre o que faria, assentouffe, que deixasse ali os nauios grossos, & que com toda a armada de remò passasse a Sués. E os pilotos da terra lhe difficul-taraõ a ida dos nauios grandes, assi pello inconueniente do tempo q̄ era tarde, como pellos muitos riscos, & baixos do caminho: com o que se rezumio em se passar aos nauios de remo. E sendo informado dos Regedores de Macuá, como o Rey de Cuaquem (que era amigo do estado da India, & vassalo do Emperador da Abasia) se se tinha feito vassalo do Turco, & que recolhia os Turcos no seu reino, o que era necessario atalhar-se, porque não viessem por ali a se fazerem senhores de todos aquelles portos, & ficar com isso impedida a communicação da Abasia aos Portugueses, pollo que os Reys de Portugal tinhaõ trabalhado tanto solicitandoa por terra, primeiro q̄ se descobrisse a India, & depois por

már mandandolhes seus Embaixadores (como nas historias atras se conta.)

Consideradas todas estas cousas muito bem, determinou o Governador de destruir aquelle Rey de passagem, pera o que despedio logo seu irmão dom Christouão com doze nauios, pera que se fosse lançar derredor d'aquella ilha, a te elle chegar com a mais armada, pera que nem Elrey se podesse sair della, nem se vazasse a fazenda pera a terra firme, por que desejava de dar vm ceuo aos soldados: por que aquelle Rey, & seus naturaes eraõ ricos, & a terra estaua cheya de mercadorias ricas, & entulhada de mercadores de todos os portos do estreito, assi da banda de Arabia, como da Abasia. Dom Christouão chegou áquella ilha & lançouffe antre ella, & a terra firme, por que não saisse cousa alguma pera fora: mas Elrey era ja passado, por que por terra teue logo nouas da armada Portuguesa: & com muita pressa as despedio pera Sués, que chegaraõ primeiro q̄ o Governador.

## CAPITULO VI.

*De como o Governador dom Esteuão da Gama, destruiu a ilha de Cuaquem, & de como partio pera Sués, & dos grandes contrastes que achou.*  
Depois

**D**E POIS do Gouvernador dom Estevaõ da Gama despedir dom Christouaõ da Gama pera Cuaquem, ficou dádo ordem a algũas cousas necessarias, & entregou a armada grossa a Manoel da Gama pera ficar ali com ella, deixando setecentos homens nella, & assi lhe entregou o Patriarcha, pera da tor na viagem lhe dar auimento a sua jornada. Feito isto embarcou se o Governador na galeota Vrganda, de que era capitaõ Lopo Vaz de Siqueira, que era o melhor nauio que auia na India: & os mais capitaens de Galeoës & naos se passaraõ a outros nauios de remo. E aos vinte & cinco do mês de Feuereiro, se fez á vela com toda a armada de remo, tirando as Galés, que tambem ficaraõ em Macuá, & com todos chegou a Cuaquem, auendo sete dias que dom Christouaõ lá estaua, & delle soube como Elrey era passado a terra firme, & que todauia a ilha estaua com todo o seu recheo. Elrey de Cuaquem receandosse que lhe destruissem a ilha, mandou logo visitar o Governador, & pedir-lhe pazes, offerecendo todas as satisfacoens que quisesse. Naõ deixou o Governador de dar orelhas áquillo, respondendolhe mais humanamente. O Mouro como era astuto, & sabia que o Governador naõ se podia deter ali muito, foi-

lhe dilatando o tempo de recado em recado, gastandosse oito dias em lhe mandar prometer a metade do rendimento da alfandega d'aquella ilha, que era o que daua ao Turco: & que lhe daria pilotos pera o porem em Sués. Estes recados fingio Elrey que yaõ em muito segredo, pello naõ saberem os Turcos que andauaõ em sua companhia, & por derradeiro naõ concluyo em cousa algũa. Vendo o Governador aquellas dilacoões, & entendédo que eraõ manhas dos Turcos, que estauaõ em sua companhia, assentou de o castigar, & de o ir buscar a onde estaua, que era hũa legoa pella terra dentro.

Estas detenças que o Governador fez, foraõ a causa principal de elle naõ queimar as galés, & de pôr depois tantos dias no caminho, q̄ tiueraõ os Turcos tempo de acudir em guarniçoens do Cairo pera guarda das galés: por que se embaraçou com cousas que depois podera fazer muito á sua vontade, & em que ya pouco, por que os offercimentos d'aquelle Rey, posto que por entaõ foraõ verdadeiros, duraria o effeito delles em quanto a armada ali andasse, mas tanto que se recolheffe estaua certo tornar a aleuantar a bolada: por que bem entédia que se naõ auiaõ de formar armadas pera o irem castigar: em fim resolutu o Governador em ir castigar aquelle Rey, desembarcou na terra firme

*Quinta Decada. Da historia da India.*

vm dia de madrugada com mil homens repartidos em duas batalhas, hũa deu a dom Christouão que auia de leuar a vanguarda, & o Governador ficou com a outra em guarda da bandeira de Christo. E marchando apressados pera chegarem ao arrayal antes de amanhecer, como fizeraõ, dó Christouão o cometeo com grande determinação, & o entrou com morte & dano de muitos Mouros.

Elrey em lhe dando o rebate caualgou em vm fermoso caualo, & foile recolhendo pera o fertoão, sem esperar golpe de espada. O mesmo fizeraõ os Turcos que também foraõ escalaurados das mãos dos nossos. O Governador entrou no arrayal, que achou com todo o seu recheyo, que foi logo roubado & escalado: & ao que não poderaõ leuar deraõ o fogo, em que todo se consumio. E não auendo ali mais que fazer se recolheraõ pera a armada, mandando o Governador ao outro dia desembarcar seu irmaõ dom Christouão em Cuaquem com toda a soldadesca, dandolhes toda aquella cidade (que era muito grande) a escala franca, onde acharaõ muito ouro, prata, marfim, drogas, roupas, & a mór parte disto estava enterrado pellas casas. Ouue homês de coatro & cinco mil cruzados de preza, & muitos de quinhentos, & trezentos. Acharaõse muitas casas cheas de trigo, milho, manteigas,

& outros muitos mantimentos, de que se encheo toda armada. Esta cidade da terra firme de Cuaqué por muitas conjecturas parece o lugar de Theron de Arriano, de Plinio, & de Ptholomeo, que elle mete em dezassete graos, posto q oje anda verificado em dezoito. O Governador depois de deixar aquella cidade feita cinza se embarcou, sendo ja dez de Março, & deu a vela pera Sués: no caminho achou os ventos taõ contrarios, tãtos baixos, & restinguas, que em dezoito dias não andou mais de vinte legoas, por que não caminha uão de noite.

Vendo o Governador que todauia os ventos não deixauaõ de cursar da banda de Oes Noroeste, que lhe eraõ muito ponteiros, & q o caminho a te Sués era muito cõprido, & perigoso, & que os mantimentos se lhe yaõ acabando, estando recolhido em hũa encçada, tomou parecer com os Pilotos sobre o que faria, & todos lhe affirmaraõ, que aquelles tempos ali durauaõ muito, & que não era possivel poder chegar a Sués com tanta armada: por que yaõ muitos nauios mûy pezados, & que se remauaõ mal, que se lhe releuaua ir a Sués, tomasse doze ou quinze nauios, os mais pequenos & ligeiros, & que não leuassẽ outra cousa mais que mantimentos, & q assi ainda com trabalho poderia chegar a onde desejava. Ao Governador

uernador pareceo muito bê aquelle conselho. E logo começou a fazer eleição dos nauios, escolhendo entre todos dezaseis, que eraõ os quintes.

Elle que ya na vrganda, dom Garcia de Crasto, com quẽ se embarcaõ por soldados dom Ioaõ Mascarenhas, & Manoel de Sousa de Sepulueda, Tristaõ de Tayde em vm catur seu chamado o Papagayo, & com elle Diogo de Rei nofo, & Antonio de Soto Mayor, dom Ioaõ de Crasto no catur do Pereirinha, dom Christouaõ da Gama em vm Calemute, que leuou pera o seruiço da Galé, Francisco de Mello Pereira em hũa fusta sua, dom Fráncisco de Meneses, Duarte Pereira, Iorge de Mello o punho, Diogo Pirez de Sá, Vasco da Cunha, Alonso Anriquez, Fernaõ de Sousa de Tauora, dom Fráncisco de Lima, dom Diogo d'Almeida filho do Contador mór, & Miguel Carualho, estes nauios se despejaraõ de tudo, enchêdoos de mantimentos, & por elles iriaõ repartidos duzentos & cincoenta homens: ordenando o Governador que os mais nauios se tornassem pera Macuá, onde ficaua a armada grossa de Galeoens, & Galés.

## CAPITVLO VII.

Das differenças que o Governador teue com alguns fidal-

gos: & de muitos agrauados que ouue, por não serem eleitos pera aquella jornada: & do que a armada passou a te a cidade de Alcocer.



STA eleição dos fidalgos que auiaõ de ir com o Governador a Sués, tanto que se declarou, todos os que ficaraõ de fora se escandalizaraõ, praguejando publicamente do Governador, & de suas cousas, soltandosse alguns em palavras, como homens que se auiaõ por muito offendidos d'elle. Isto lhe foi as crelhas, & desejando de temporar aquellas cousas com brá dura, fez ajuntamento de todos estando em terra na enceeda, & lhes fez esta breue fala.

Bem sei senhores que a honrosa inueja que vos toca desta eleição, nace a todos do grande desejo que tendes do seruiço de Deos, & d'Elrey nosso Senhor, & de quererdes mostrar o grande animo & valor de vossas pessoas, de que todos ja tendes dado tantas, com tanta experiencia, como he notorio ao mundo todo. E bem entendido he de vosso primor & esforço, quãto sintireis verdes o vosso Governador em perigos & trabalhos, ficando vós de fora não sendo dos primeiros nelles. Nem a mim me conuinha cometer negocio taõ ar-

riscado,

riscado, sem companhia de tão valerosos capitaens, & esforçados caualeiros, de cujo saber, & esforço, me he muito necessario ajudarme & valerme, pera poder sair delle com honra & gloria. Mas como eu não faço esta jornada mais que pera dar fé das Galés, & ver o modo de como estão, por de todo não ficar sem algum feito, ja que temos o tempo tanto contra vós cõ que esses nauios grandes não podem surdir auante, & de todo se perderá algum bom effeito, se Deos o tiuer ordenado, pareceo melhor aos Pilotos fazer esta eleição dos nauios mais ligeiros, pera ver se á força de braço posso vencer este caminho, & ver as Galés, pera dar rezaõ a Elrey do que vi. E posto que não faça mais, ficarei desculpado com elle, por que bem a de entender que melhor me fora arriscarme com sessenta nauios, q̃ com dezaseis. E na pouquidade delles, & da gente que leuaõ se vé, que não vou a outro fim, por que se fora pera pelejar, a mim mesmo me não conuinha deixar a companhia de tão valerosos companheiros, como aqui estão: & ainda toda a armada com que de Goa parti, com que podera destruir todo este estreito: mas por causa do tempo bem vistes que foi necessario deixar os nauios grossos em Macuá, & estoutros de remo com que cuidei podesse chegar a Sués, ha trinta & seis dias q̃ com elles não

tenho andado mais de vinte legoas. Vejo a moução gastada, & o tempo encarniçado contra nós, & não queria que tamanha armada, & despezas como fez, ficasse de todo sem algum fruto. E por que ja agora não posso ter esperanças de outros mais, que de ver as Galés com o olho, como ja vos disse (pera o que o tempo ainda não sei se me dará lugar) escolhi estes nauios. E por que não he possiuel poderdes ir todos nelles, vos peço lenhores, ajaes por bẽ, aos que a sorte vos coube de ficardes: por que tamanho seruiço fazeis nisso a Elrey, como se comigo foreis, & eu assi lho certificarei, pera que vos faça merces cõforme a vossos merecimentos. E de sua parte vos peço que deiteis de vos os escãdalos, que não seruem de mais, que de seu deseruiço, & vossa inquietação.

Alguns mostraraõ não se satisfazerem das rezoens do Governador, dizendo, que o tempo com que fossen dezaseis nauios, poderia ir todos os mais, mas todavia ficaraõ ym pouco mais moderados, não querendo porem que a jornada se fizesse sem elles: & assi todos os capitaens & fidalgos se passaraõ aos dezaseis nauios por soldados: & alguns ouue, que tiraraõ os bombardeiros, & se metteraõ em seus lugares. Alguns aparguados do Governador, quizerãõ valer se delle pera lhes darem lugares

lugares nos nauios, que elle quis re-  
partir por elles, & vns lhos aceita-  
raõ, outros naõ, como foi Francis-  
co de Mello Pereira, que mandã-  
dolhe pedir lhe leuasse vñ homẽ,  
escusouffe com lhe mandar dizer,  
que ya muito pezado, & que ain-  
da deixaua muitos parentes seus  
na armada, pellos naõ poder le-  
uar. Sobre isto se passaraõ recados  
de parte a parte, a te chegarem a  
ter palauras de feiçaõ, que enfada-  
do Francisco de Mello lhe man-  
dou dizer, que nem auia de leuar  
o homem, nem elle queria ir com  
elle a Sués, & que juraua de vèder  
o nauio que era seu. A isto lhe sa-  
yo dom Manoel de Lima, q̃ esta-  
ua com elle embarcado por solda-  
do, & lhe pedio que se tal auia de  
fazer, fosse a elle, pois ja estaua em-  
barcado nelle. Francisco de Mello  
que estaua com paixaõ lho védeo  
logo por coatro centos cruzados,  
com condiçaõ que leuasse todos  
os homens que estauaõ embarca-  
dos com elle: & deixandolhe tudo  
o que tinha na fusta se passou a hũa  
das que se auiaõ de tornar pera  
Maçua.

O Governador logo foi auisado  
de tudo, & tomouffe muito de dô  
Manoel lhe comprar o nauio, &  
mandoulhe dizer que lhe auia de  
leuar aquelle homem, do que se el-  
le tambem escusou. E como o Go-  
uernador era vñ pouco teimoso  
(coufa de que muito á de fugir  
quem estiuer naquelle lugar) lhe

tornou a mãdar dizer, que ou lho  
auia de leuar, ou naõ auia de ir cõ  
elle. A isto respondeo dom Ma-  
noel, que elle acompanhaua o ho-  
mem que estaua em lugar d'El-  
rey, & que auia de ir a Sués, q̃ por  
isso comprara aquelle nauio. O  
Governador apaixonouffe tanto, q̃  
determinou de o ir prender, & mã-  
dalo prezo pera Maçua, ao que lhe  
foi á maõ dom Francisco de Me-  
neses que aquella hora achegou a  
caso, pedindolhe naõ fosse com a  
paixaõ por diante, por que dom  
Manoel era vñ fidalgo muito hõ-  
rado, & Galego teimoso, q̃ se naõ  
auia de decer da sua, & que pera  
aquillo auiaõ os Governadores da  
India de ter muita brandura, pera  
temperarem as paixoens dos fidal-  
gos que seruiaõ a Elrey, & naõ es-  
candalizalos, por que se naõ aue-  
ria Elrey por seruido disso. Com  
isto ficou o Governador vñ pou-  
co refreado, & dissimulou com a-  
quelle negocio, por que se quisesa  
ir por diante com elle, era lhe ne-  
cessario enfadar-se com muitos, por  
que tambem Alonso Anriquez &  
outro fidalgo, lhe naõ quisesaõ a-  
ceitar, outros homens.

Aquelle officio que dom Fran-  
cisco de Meneses ali fez, era o dos  
fidalgos d'aquelle tempo, que naõ  
andauaõ se naõ a tẽperar paixoẽs,  
& naõ a acendelas, como pode ser  
que alguns oje façaõ. E tambem os  
Governadores tinhaõ tanto res-  
peito aos fidalgos que se refrea-  
uaõ

*Quinta Decada. Da historia da Índia.*

uaõ com elles, o que não sei se os d'oje tem.

Em fim assentado a ida, o Governador despedio todos os mais nauios pera Maçuá, & entrada de Abril se fez á vela cõ os dezaseis: & d'aqui ficou esta enxada com o nome dos agrauados, que está em altura de vinte graos & meyo do Norte. E seguindo sua derrota, nauegando de dia a remo, por causa do vento que era contrario: & forçando de noite pellas muitas restinguas, & baixos que auia, foraõ taõ deuagar, que se lhes acabou a agoa. E indo Miguel Carualho em grande necessidade della, chegou-se a terra, & vendo hũa baya entrou nella, & mandou alguns marinheiros a ver se auia agoa: estes acharaõ alguns poços della, & hũa muita fermosa fonte, & dando recado a seu capitão, fez final a toda a armada que logo acodio: aqui se refrescaraõ, & se aperceberaõ, não achando mais que algũs pastores com seus gados, a que se não fez agrauo algum. Aqui tomou dom loaõ de Crasto o sol, & achou vinte & vm graos & meyo.

Partidos d'ali foraõ seguindo seu caminho: ao outro dia ouueraõ vista de hũa gelua, a que deraõ casta, & vendosse ella apartada varrou sobre hũa restinga, lançandosse logo a gente ao már pera se passar a terra firme, que era perto: mas todavia não pode ser taõ depressa que ao mesmo tempo que varrou

se não lançaõse alguns dos n'ofos á restinga, a onde tomaraõ ainda dous Mouros, com que se recolheraõ pera o Governador, que não souberaõ dar nouas de Sués por que eraõ d'ali perto, & yaõ pera Cuaquem. O Governador os mandou leuar a bom recado por q' sabiaõ a terra, pera se aproueitar delles. Este lugar em que a gelua varrou, está em vinte & dous graos & meyo. D'aqui foraõ nauegando por espaço de cinco dias, & no cabo delles acharaõ hũa fermosa angra onde toda a armada entrou a fazer agoa que achou de muitos poços.

Aqui se desafiaraõ dous soldados, chamados, Antonio do Prado, & Fernão Nunez Vidal, que nós conhecemos m'uy bem, & foi da obrigação de dom Diogo de Crasto o magro, d'Euora: & em tempo do Conde do Redondo foi feitor de Goa: Estes soldados eraõ ambos m'uy bons caualeiros, & andando brigando muito espaço, Fernão Nunez como era homem m'uy manhoso nas armas, & m'uy destro da maõ esquerda, andando com o outro na força da briga, mudou a espada á maõ esquerda, & tomando o prado por hũa ilharga em descuberto, deu-lhe hũa estocada de que logo cahio: & cuidando ficaua morto recolheose pera a fusta de dom Garcia de Crasto, com quem ya: que logo se afastou pera fora, apelidando outros capitães amigos,

amigos, pera que o Governador lhe não fosse prender o soldado. O Prado era da fusta de Alonso Anriquez, & tanto que lá se soube, foraõ os mais soldados por elle, & achãdoõ ainda viuo o recolheraõ, & o curaraõ, & viueo. E nesta era de nouenta & sete em que isto escreuemos, viue ainda vm Fernão Nunez nesta cidade de Goa, que foi vm dos q̃ o leuaraõ ás costas. Deste soccesso se ficou esta agoada chamandõ a do desáfio, que está em vinte & coatro graos & meyo.

zendo agoa, & começando a vêtar o Leuante se recolheraõ có muita pressa, & deraõ á vela, por se aproueitarem do vento. Socdeõ ficarem dous marinheiros em terra, por andarem muito desuiados, & acodindo a praya vendo ir os nauios á vela, assentaraõ de se ir de longo do már, por q̃ forçadamente os nauios auiaõ de tomar algũa enceeda de noite, ou sorgirẽ perto da terra, pera se lançarem a nado a elles: & assi foraõ caminhando a te darem em hũa grande estrada, polla que foraõ dar na cidade de Alcocer. E sendo vistos dos natu-raes, & conhecẽdo q̃ era gẽte estranha (posto q̃ tambem eraõ Mouros Arabios como elles) prenderaõnos, & nas perguntas souberaõ da armada Portuguesa, & de tudo o que era passado.

Os moradores da cidade assombrados com aquellas nouas, mandaraõ com muita pressa as molheres pera a serra, & tomaraõ os que eraõ pera isso as armas pera se defenderem, se os Portugueses quisessem entender com elles. Andando neste trabalho appareceo a nossa armada, que se ya chegando bem á terra pera a descobrirem, & notarem a cidade, que estaua estendida sobre o már. Os della lhe atiraraõ algũas bombardadas pequenas, que acenderaõ o desejo ao Governador de desembarcar, por que ya em duuida se o faria ou não: & declarando seu

CAPITVLO VIII.

*De como o Governador dom Esteuão da Gama destruiu a cidade de Alcocer, & desembarcou em Tór. E de como deixou de destruir aquella cidade a rogo dos frades de sancta Caterina de Monte Synai: & dos caualeiros que ali armou. E da regra que estes frades seguem.*

**R**ARTIDOS da agoada do desáfio, dahi a tres dias tomaraõ hũa enceeda pequena duas legoas antes da cidade de Alcocer, a onde se detiueraõ por darẽ folga aos marinheiros, mariscãdo, & fa-

parecer a todos os achou conformes. Pello q̄ pondo a proa em terra, deitou a gēte nella, repartida em tres bādeiras, de que eraõ capitaes dom Christouaõ da Gama, que leuaua a dianteira, Tristaõ de Tayde, & o Governador, com todos os fidalgos da armada. Dom Christouaõ cometeo a cidade com grãde valor, & determinação, desbaratãdo os que se lhe offereceraõ em defensão, com quem foi entrando de enuolta. Os naturaes cortados do ferro, & do medo dos nossos, largaraõ a cidade, & se acolheraõ á serra. Dom Christouaõ mandou recado ao Governador, que a cidade estaua despejada, & indosse chegando mãdou tocar a recolher, por que naõ ouuesse algũ desmancho. Despedindo recado a dom Christouaõ q̄ se naõ embaraçasse com cousa algũa por naõ perderẽ tempo, & q̄ se recolhesse, & fosse dando fogo á cidade, o q̄ elle logo fez, ardendo toda sem ficar cousa algũa em pé, no que ouue notauéis perdas, por estar maciã de mantimentos, & fazendas, como aquella que era a principal escala de toda aquella banda.

Os nossos embarcaraõse a seu saluo, & no már queimaraõ hũa Nao, & vm Galeaõ da feiçã dos nossos, de quatrocentos toneis, & muitas Geluas carregadas de mãtimentos, de que primeiro se proueo toda a armada. Os marinheiros que estauaõ prezos, nesta reuol-

ta tiueraõ tempo pera fogirem, & se embarcaraõ em seus nauios. Aqui tomou dom Ioaõ de Crasto o Sol, & achou que estaua esta cidade em vintẽ & cinco graos & meyo. Della ao Cairo ha cinco dias de caminho. Nas muitas ruinas de edificios que ainda oje apparecem, se mostra que ja esta cidade foi muito mayor. E assi presumiraõ alguns que fosse a antiga Filotera, ainda que quanto a nós mais parece Amiosormo de Plinio. Este dia, que foi vm Domingo, quatorze de Abril, ficou ali a armada dando folga aos marinheiros, & ao outro dia se fizeraõ á vela, & atriueffaraõ a outra banda de Arabia, & a quinta feira foraõ auer vista do lugar de Tór. O Governador por saber que auia ali Christaõs, determinou de tomar terra, por ver se podia auer fala de algum, pera saber o estado em que estaua Sués: & endireitando com a terra vio andar na praya vm esquadraõ de Turcos d'espingardas q̄ se affomou em duzentos, que tanto que ouueraõ vista das nossas velas acodiraõ á praya a ver o que era. Dom Esteuãõ mandou tomar as velas, & a remo se foi chegando pera a terra, donde lhe atiraraõ alguas bombardadas, & detendosse tomou parecer sobre o q̄ faria, & a todos pareceo bẽ q̄ desbarcassẽ, ainda q̄ naõ fosse mais que pera tomar em algũa pessoa q̄ lhes desse rezaõ de Sués. E armandosse

doſſe com muita preſſa , mandou o Governador que deſembarcaſſem na meſma ordem que em Alcocer, como logo fizeram , ſendo o Governador o derradeiro, & a bãdeira de Chriſto que lhe leuava Luis Anriquez ſeu Alferes.

Postos em terra , acharão nos Turcos grande reſiſtencia, por que como eraõ os mais delles de eſpiongardas ferirão da primeira ſurriada alguns . Mas dom Chriſtouão da Gama apertou tanto com elles, que a ſeu pezar, & com muito dano os arrancou do campo, & os fez recolher pera a cidade , que era muito arrezoadã , & de grandes caſarias . Os da dianteira que yaõ apertando com elles , foraõ entrando de enuolta , mas os Turcos de eſcaldados vararaõ pella outra banda fora : & o meſmo fizeram todos os moradores . Dom Chriſtouão, & Triſtaõ de Tayde, foraõ entrando a cidade a pos os inimigos, cada vni por ſua parte. Triſtaõ de Tayde pella que foi encontrado dous frades dos de monte Synai, que yaõ com muita preſſa pedir miſericordia aos Portugueſes, pera que não deſſem fogo à cidade, por que tinhaõ nella vni templo . Triſtaõ de Tayde em os vendo , logo conheceo que eraõ religiosos pellos habitos, & tonſuras, por que tinhaõ cercilhos & coroas, & remetendo a elles os leuou nos braços com muito amor, & com elles voltou pera o Gover-

nador, & chegando a elle ſe lhe lançaõ aos pés, pedindolhe da parte de ſanta Catherina, q̄ perdoaſſe aquella cidade, & a não mandaſſe queimar: por que auia nella muitos Chriſtaõs , & vni templo diuino.

O Governador com as lagrimas nos olhos de ver em meyo d'aquelle Moiraíſimo , religiosos, & Chriſtaõs, abaixandoſſe todo os leuou nos braços , aleuandoſſe com muita charidade. E logo mandou com muita preſſa recado a dom Chriſtouão que ſobreſtiueſſe, & não fizeſſe dano algum na cidade , o que elle fez tornandoſſe pera elle . O Governador ficou com os frades em muitas praticas, & em perguntas de que lhes deraõ boa rezaõ , mas nenhũa do eſtado em que Sués , nem as Galés eſtauaõ . Os frades lhe pedirão que foſſe com elles ao ſeu moſteiro pera os honrar , & pera conſolar os mais religiosos, o que elle fez com muito goſto : indo na ordem em que deſembarcaram, & atraueſſaraõ a cidade a te chegarem ao moſteiro, que era do orago de ſanta Caterina. A porta delle foraõ muito bem recebidos de todos os mais religiosos, com grandes moſtras de amor, & charidade: & tomãdo o Governador no meyo, entraraõ pella igreja em procissão, cantando Pſalmos a ſeu modo. Na capella fez o Governador oração, & pella igreja todos

os mais, com hũa alegria, que lhes pulaua pellos olhos, por serem os primeiros Christãos da Europa, que com maõ armada, & com suas armadas chegaraõ áquelle lugar.

E pera memoria de taõ admiravel jornada (muito mais dina de engrandecer que a de Iason ao velocino d'ouro) armou o Governador dentro na capella caualeiros a todos os que quiserãõ, & pediraõ aquella ordem todos os fidalgos: esta foi a causa de que dom Luis de Tayde (que aqui foi armado entãõ caualeiro) mais se jaçtaua, que de todas as em que se achou: & oje em nosso poder está ainda o proprio aluara de caualeiro que o Governador ali passou a vm Ioaõ Camelo, que relata esta jornada muito por extenso.

Este auto celebrou o Governador com muitos instrumentos de alegria, & com grandes saluas de artelharia: & sobre tudo com muitas graças & louuores que todos deraõ a Deos nosso Senhor, & a bemauenturada sancta, em cuja casa estauaõ, por tamanha merce como aquella. O Governador pediu aos padres algũas reliquias sanctas, pera levar pera memoria & lembrança sua, que lhes elles deraõ, ainda que poucas, por dizerem que as principaes & mais estimadas estauaõ na propria casa de santa Caterina, que d'ali apparecia em cima do monte Synai, hũa

jornada de caminho: pedindo ao Governador que esperasse dous dias pera lhas irem buscar. Elle lhes agardeceo muito aquella vótade, dizendolhes, que se não podia deter. E mandandolhes fazer algũas charidades se despedio delles, que o acompanharaõ a te a praya, a onde todos se abraçaraõ com muito amor não se fartando os nossos de os ver & cariciar. E assi se embarcaraõ com grandes saudades.

Está esta cidade de Tór em altura de pouco mais de vinte & oito graos: foi em outro tempo muito prospera, & por muitas ruinas antigas, & por seu sitio, affirmãõ alguns Geographos, que foi a antiga Elana. Os frades deste mosteiro de monte Synai, saõ da ordem de saõ Basilio, seguẽ a igreja Grega, & obedecem áquelle Patriarcha, o que a de ser sempre eleito, ou desta ordem, ou da de saõ Sabba, que saõ outros religiosos, que viuem apartados do pouo, assi como os nossos Biguinos da serra Doça, a que os Gregos chamaõ Calorios, que quer dizer, homens bons & virtuosos: que seguem os estatutos de santo Antaõ primeiro Abbade. Neste lugar de Tór ha cinco braças do fundo muito bom & limpo.

## CAPITVLO IX.

De como o Governador dom Esteuaõ da Gama chegou a Sués: & da descripção de todo aquelle estreito: & do sitio deste lugar. E de como querendo desembarcar lhe sa-  
yo muita gente que estava de guarnição. E o Governador se recolheo, sem fazer cousa alguma.

**A**RTIDO o Governador dom Esteuaõ da Gama de Tõrpera Sués, foi seguindo do sua derrota, & ja d'ali pera dentro quem naõ vai muito cosido com a terra, a vai vçdo d'ambas as partes, por que se vaõ metendo no sacõ do estreito. Por aqui foraõ nauegando de dia com muito tento, & forgindo de noite por causa das restingas, & no cabo de oito dias hũa coarta feira a noite forgiraõ duas legoas de Sués com grande aluoroço de todos. E primeiro que tratemos do q̃ lhe aconteceu, diremos breuemente do sitio deste lugar.

Foi antigamente ali hũa fermosa cidade, & ao presente era coustaõ pouca, q̃ naõ tinha mais de trinta ou corenta casas de palha: por ser o lugar em si deserto, & esterile, sem hũa aruore, nem erua verde, nem agoa de que aquelles mo-

radores bebeßem, & como saõ pobrißimos, prouençe d'algũs poços q̃ estaõ dali a duas legoas, donde lha trazem em camellos a vender, & ainda esta he taõ salobra, que quem a naõ costuma, a naõ pode beber. Neste lugar aparecem ainda grandes roinas, de hũa muito fermosa cidade, que ja ali esteue em tempo de pagaõs: & muitos affirmaõ que foi a dos Heroas, taõ nomeada dos escriptores antigos, posto que a mais cõmum opiniaõ he que foi a cidade de Arcinõ, q̃ Plinio diz ser no fundo do már roxo, edificada ali de Ptholomeo Philadelpho, do nome de hũa sua irmã.

Estrabo diz, que esta cidade tambem fora ja chamada Cleopatrada, & que junto della era a cidade dos Heroas. Foi esta cidade em tempo dos Reys do Egypto, a mais celebre que auia por aquellas partes, por que todas as fazendas do Oriente, que yaõ por via do már roxo, delcarregauaõ ali: & assi o mais importante rendimento que aquelles Reys tinhaõ, eraõ as entradas que se pagauaõ dellas. E era isto tanto assi, que affirmaõ Estrabo, & Plinio, que desejando Elrey Sefostre de fazer aquellas entradas mais faciles, por escusar o trabalho de leuarem d'ali as fazendas por terra em camellos, mandara abrir hũa das bocas do Nilo, chamada Delta, pera leuar o már por hũa

fossa grande ate a cidade de Arcinoe, que será distancia mūy perto de doze legoas, pera por ella irem as embarcaçoens descarregar no Nilo. E por que lhe affirmaraõ que o már roxo era mais alto que o Egypto, & que se lhe desse passagem alagaria toda a terra, leuara maõ da obra.

Outros dizem que esta caua não mandara abrir se não Elrey Psanítico, sendo moço, & que por sua morte a fora continuando Dario, & que depois Ptholomeo a quiseira acabar, & que tambem a deixara imperfeita. Esta obra intentou tambem o Turco Amurathes (que morreo agora na era de nouenta & coatro, ou de nouenta & cinco) por que parece desejava de passar por ali suas armadas á India: & mãdou a isso Mamede Baxá, & algũs grandes officiaes pera aquelle negocio: pera que se ajuntassem com o Baxá do Egypto, & vissem se era possiuel fazerse aquella caua, pera por ella entrar o már roxo no rio Nilo. Estes homens andaraõ fazendo suas traças, & deitando suas medidas, & acharaõ o inconueniente que Sefostre, & que sem duuida o már roxo era mais alto tres couados que o Nilo, & que se perderia toda a terra do Egypto: & leuou por esta rezaõ tambem maõ da obra. Isto nos contou nesta cidade de Goa, ym Rabi muito douto na ley, chamado Ioseph, natural de Soloniche, q̄ dizia que se acha-

ra presente a caso áquellas medidas.

E tornando a nosso fio: Plinio parece que chama tambem a esta cidade de Sués, Daneo, por q̄ diz estas palauras. No vltimo seyo do golfo Arabico, está ym porto chamado Daneo, de que ja determinaraõ leuar hũa fossa naueguelate o Nilo. Por que naquella cidade de Daneo se descarregauã as fazendas q̄ yaõ da India por már, & d'ali passauã em casilas a te Alexandria. Eraõ taõ grossas as entradas que os Reys do Egypto tinhaõ destas fazendas, & ainda o Imperio Romano, (depois que foi ter a seu poder) que affirma Marco Tulio em hũa oraçaõ, que rendiaõ doze mil & quinhentos talentos, que pella conta de Budeo fazem sete milhoens & meyo douto: como milhor se pode ver nos sete volumes das leys, a onde estaõ escritas todas as sortes de fazendas & drogas, que da India yaõ pera aquelle estreito: que Arriano autor Grego, tambem nomea muito particularmente. E por esta rezaõ os Soldoës do Egypto mandaraõ abrir muitas cisternas que se enchiaõ d'agoa do Nilo, por aquella caua que Sefostre mandou abrir, o que tudo os Mouros depois desfizerã, & derribaraõ, ficando ainda muita parte desta caua, & de outras cousas, conseruando a memoria antiga do que ali foi.

E posto que o nosso

Ioão de Barros

Barros compare mūy bem este estreito a vm lagarto, & assi o mostra nas cartas, & mapas: todauia não deixaremos de fazer tambem nossa demonstraõ, que não vai a desproposito, & por ella se entenderá melhor este sitio de Sués, & do modo em que as Galés estauão.

Quer todo este estreito imitar a tromba de vm Alifante, cujos dentes ficaõ ali como aquellas duas entradas da bāda de Arabia, & da Abasia. E assi como a tromba vai fazendo aquelle vaõ pello meyo, deixando aquellas ilhargas de hũa & da outra parte: assi faz pello meyo deste estreito vm bom canal, & pellas ilhargas quasi que he todo macisso de restingas, ilhas, baixos, & outros impedimentos, por onde se não pode nauegar, se não de dia, & em vasilhas pequenas, & com muito tento. Vai todo este estreito fenecer naquelle focinho de Alifante, com duas ventās, onde está o lugar de Sués, & naquelle vaõ que diuide hũa venta da outra, faz neste lugar vm esteiro, & na venta da banda de Arabia tem vm arrecife de pedra, & da outra banda do Egypto faz hũa ponta de hũa serra que ali se vai abaixando a te vir beber no már, com hũa praya de area á roda, em cuja pōta está vm castello roqueiro de taipa coadrado, de trinta braças em coadra, & em cada hũa seu cubelo cõ algũas peças de artelharia. De longo de-

sta praya estauaõ varadas as Galés que eraõ corenta, que entraõ por este esteiro que faz ambas as ventas: & na outra da banda de Arabia estauaõ as Naos & Galeoens, que tambem entraõ pera se vararem por este canal de agoas viuas.

O Governador tanto que forgio chamou os capitaes a si, & lhes disse, que seria bem mandar diante Tristaõ de Tayde, com alguns homens de confiança, pera irem a Sués, a ver se podiaõ tomar algũa espia, pera saberem o como as Galés estauaõ & parecēdo bem a todos, mandou embarcar no Papagayo com Tristaõ de Tayde, o Grego Ianiçaro Garcia de Noronha (que o Visorrey dom Garcia de Noronha fez em Diu Christaõ como temos dito no capitulo setimo do quinto liuro) & com elle tres valerosos soldados, chamados Fernaõ Diaz Cesar, Ioaõ fidalgo, & Antonio Pereira (este homem teue em Goa hũa irmã chamada Ieronima Pereira casada com vm cidadão hōrado por nome Simaõ da Cunha, de quem teue alguns filhos, & duas filhas casadas, hũa cõ Aires de Sousa filho de Christouaõ de Sousa de Sanctarem, q̄ foi capitaõ de Chaul, nas differenças de Pero Mascarenhas, & Lopo Vaz de Sam Payo, como na coarta Decada dissemos, no capitulo oitauo do terceiro liuro, & outra com Manoel de Saldanha filho de Antonio de Saldanha, tambem

## Quinta Decada. Da historia da India.

de Sanctarem, que faleceo de parto.) Estes tres soldados por ordem do Governador dom Estevão da Gama se despirão, & encacharaõ, & se vntaraõ de ceuo todos, pera q̃ não podesse pessoa algũa pegar delles: & deu ordem á Tristaõ de Tayde que fosse ao lugar que lhe mostrasse Garcia de Noronha (q̃ sabia mūy bem a terra) & em muito silécio lançasse aquelles tres soldados a nado, pera irem a terra a ver se podiaõ tomar algũa pessoa, pera lhes dar rezaõ de como as Galés estauaõ: dando por regimento a Tristaõ de Tayde, q̃ tornasse a voltar antes do coarto d'alua.

Partido Tristaõ de Tayde, foi remando tudo o que pode, & errãdo o canal (por ser muito escura a noite) andou as apalpadelas a te se lhe gastar toda a noite. E vendo Tristaõ de Tayde aquillo, tornou a voltar pera a armada, a que chegou de madrugada. Vendo o Governador o que lhe tinha acontecido, mandon levar ancora, & foi seu caminho, com determinação de ir assi sem mais espia cometer o porto, onde chegou ao outro dia pella manhã, diuisando logo o castello & as Galés, que estauaõ todas varadas ao longo d'aquella praya, com as proas pera o már. Esta vista foi pera todos do môr contentamento que podia ser. O Governador ajuntando a si as fustas, mandou a seu irmão dom

Christouaõ da Gama que se adiantasse com oito nauios que lhe nomeou, & que fosse queimar as Galés, & q̃ elle lhe iria com os mais nas costas. Dom Christouaõ com os seus nauios postos em armas foi demandar a terra, & sendo a tiro de falcaõ, dispararaõ das naos um tiro grosso, que era o sinal q̃ fazião aos seus, por que ja estauaõ sobre auiso da armada, assi de Cogeço-far, como de Cuaquem. Os nauios yaõ auidados, & adiantaraõ se de todos dom Ioão de Crasto, Tristaõ de Tayde, & dom Francisco de Meneses, que eraõ mais ligeiros, & foraõ endireitando com a ponta do esteiro, onde as Galés estauaõ. Vendo dom Christouaõ q̃ ja não podia chegar com elles, voltou pera a outra banda a onde estauaõ as naos, pera as queimar: & como d'aquella parte era tudo arrecife, varou por cima delle, & com trabalho se tornou a afastar, & tornou a endireitar pera onde yaõ os outros, & como ya atraueffado lhederaõ do castello hũa bombardada, cujo pilouro deu junto delle, & o borrifou todo. Dom Ioão de Crasto, Tristaõ de Tayde, & dom Francisco de Meneses chegaram a terra, indo os mesmos soldados encuados, com lanças de fogo pera saltarem em terra, & irem por fogo as Galés: & inda bem os nauios não chegaraõ, quando arreberaõ de detras do monte, perto de dous mil Turcos de caualo, com

duas bandeiras grandes & farpadas, gente toda muito lustrosa, & remeteraõ com a praya. Alguns dizem que ja o soldado Antonio Pereira estaua nella, & que se recolhera com a agoa pellos peitos. Os nossos vendo os Turcos afastarãse pera fora, & lhe deraõ hũa falua de falcoadas, de que lhe derribaõ alguns, & assi se tornaraõ ao Governador muito descontentes & magoados d'aquelle negocio, que cuidauaõ fizessem a seu saluo.

O Governador chegou a si todos os capitaens, & lhes perguntou o que faria: ao que todos responderaõ que naõ auia mais que recolher, primeiro que os Turcos lãçassem algũas Galés ao már, por q se os seguissem lhes dariaõ trabalho. Com isto se foraõ afastando, & aquella noite forgiraõ na ponta de Pharaó, em coatro braças, hũa legoa & meya afastada de Sués. Ao outro dia deraõ á vela com vento fresco, & indo de longo da costa de Arabia, mandou o Governador perguntar aos Mouros que tomaraõ na Gelua, se auia por aquella paragem agoa: & elles lhe mostraraõ defronte vm lugar, que diziaõ chamar-se os doze poços de Moyses: & que por aquelle proprio lugar por onde yaõ entaõ passaraõ os filhos de Israel, quando fugiraõ de Pharaó: & que aquella era a agoa que se lhes abrira. O Governador por que leuaua bom

vento naõ se quis deter. Os soldados que ouuiraõ como por ali passara Moyses, encherãõ alguns frascos d'aquella agoa, & depois de chegarem a Goa foraõ á rua direita onde viuiaõ algũs Christaõs novos mercadores, & vasandolhes a agoa pellas portas, diziaõ. Vedes aqui a agoa que se abrio a vossos antepassados, quando foraõ fogindo do Egypto.

Estes poços que ali mostraraõ aquelles Mouros (& q andaõ nas nossas cartas de marear por poços de Moyses) naõ achamos a causa por que se chamaõ assi. Por que segundo temos da Escritura, depois dos filhos de Israel passarem o már roxo á outra banda, naõ acharaõ logo agoa, & andaraõ pelo deserto de Sur tres dias, a te irẽ ao lago amargós que Moyses fez doce com a vara: & d'ali passaraõ a Elim onde acharãõ doze fontes de agoa doce.

O Governador foi seguindo sua viagem com vëto prospero, & em poucos dias chegaraõ a Maçuá, & achou todos os soldados aleuantados contra Manoel da Gama, que era vm fidalgo taõ forte, & trabalhoso de condiçaõ, que naõ se podia sofrer: pello que se lhe foraõ oitenta homens pera o Preste, & no caminho foraõ roubados & mortos: & elle tirando deuassa do caso, enforcou cinco homens, que achou que sabiaõ de sua fogida, que o Governador achou ainda

na forca, que estaua na praya.

Estes homens, segundo todos dizem, foraõ enforcados sem culpa, & a hora de sua morte emprazaraõ a Manoel da Gama, que antes de vm mês endoudeceo, & morreo, indo ja o Governador saindo pello estreito fora, & o mãdou enterrar, em hũa d'aquellas ilhas da boca. Tãto que o Governador chegou a Maçuã, que soube do caso sintio muito, & dissimulou, por que Manoel da Gama era seu tio. Chegou o Governador aqui alguns dias ja andados de Junho, & deixouffe ficar esperãdo a moução pera a India.

CAPITULO X.

*De todos os Emperadores Christaõs da Ethiopia, que reinaraõ depois que se descobrio a India: & das guerras que lhe fez Elrey de Adel, tomadolhe a môr parte de seu reino: & de como a Raynha mãy d'Elrey, sabendo estar o Governador em Maçuã o mandou visitar, & pedir-lhe soccorro.*



A que auemos de tratar das cousas da Abasia d'aqui por diante, pareceonos bem fazermos hũa breue relaçaõ de todos aquelles

Emperadores de que tiuemos conhecimento & noticia a te gora: por que com o fauor diuino pello discurso da historia iremos continuando com os que socederaõ.

Pello que se á de saber, que nos annos do Senhor de mil coatroçentos oitenta & oito: mandou Elrey dom Ioaõ o segundo de Portugal á descubrir o Preste Ioaõ, pella fama que confusamente andaua na Europa delle. Reinaua naquelle tempo sobre toda aquella Ethiopia o Emperador Escander (por outro nome Alexandre) que faleceo naquelle tempo em que dom Vasco da Gama foi a primeira vez descobrir a India. A este socedeo seu filho Naut, que reinou doze annos: & por sua morte ficou seu filho Dauid, minino, debaixo da tutoria de sua mãy Helena, (que he aquella que mandou a Portugal o Embaixador Mateus, que foi aquelle que o anno de mil quinhentos & quinze, leuou consigo dom Rodrigo de Lima, quando Elrey dom Manoel o mãdou por Embaixador ao Preste: & ja quando lá foi, gouernaua o Dauid, que viueo pouco depois. A este socedeo Vnag Sagad, seu filho, q morreo perto dos annos do Senhor, de mil quinhentos trinta & vm. Ficoulhe socedendo no reino seu filho Atanad Sagad, (que he este com quem auemos de continuar) que por outro nome se chamaua Claudio: & assi o nomeaõ o padre Francif-

Francisco Alvarez, Castanheda, & Petro Mapheo.

Este tambem ficou moço por morte de seu pay, que ja em sua vida trazia grãdes guerras com vñ Rey Mouro visinho chamado Grãda Amed, q̃ reinaua naquella parte, a que os Geographos chamaõ Troglodita, & tinha sua corte na cidade de Zeilá, & chama-se aquelle reino de Adel. Este auia poucos annos que se tinha feito vassallo do Turco Soleimaõ, sendo antes dos Emperadores da Ethiopia, sobre o que eraõ todas as guerras cõ Elrey Claudio, ou cõ seu pay. Vendo agora o Rey minino, & em poder de tutores: como era sagás, entendeo que aquillo era muita parte de destruiçãõ dos reinos: pello que ajuntou grandes exercitos cõ que entrou por toda Ethiopia, conquistando & senhoreãdo tudo por onde passaua, destruindo, & assolãdo os templos, catiuando, & maltratando os Religiosos, fazendosse em poucos annos senhor da mór parte d'aquelle imperio.

O Emperador Claudio reconheosse pera aquella parte do reino de Goiame: & a Raynha sua mãy cõ o Barnagais se meteo em hũa serra chamada Damá, que a natureza fez sobre todas as do mũdo inexpugnauel, por esta maneira. Vai sobindo esta serra do meyo de vñ campo grande em igual distancia vñ bom pedaço, em cima se vai estendendo vñ planice em

forma circular, lançando pera todas partes vñ capello, que quer imitar a forma de vñ sombreiro, com a copa virada pera baixo, & a roda toda de cima he hũa planura que terá hũa muito boa legoa de largura. E assi como o sombreiro virado com as abas por cima lança aquellas fraldas pera fora: assi esta serra lança aquelle capello taõ direito & igual, que parece que o talharaõ á mão, não deixando lugar pera se poder sobir acima, se não por hũa só parte, pello que se sobe em caracol com trabalho, a te chegarem acima a aba, onde a natureza parece que deu vñ golpe com hũa tisoura, deixãdo naquelle capello hũa pequena abertura como escotilhaõ de nauio, pera entrarem por elle. E pera isso he necessario, lançarem de cima hũa padiola com hũa corda grossa, em que deitada a pessoa he alada á cima: & nesta parte tem hũas portas de ferro pera defenõ da sobida, sem embargo de ninguem poder ir acima senãõ for leuado na padiola. Tem esta serra no cume hũa boa pouoaçãõ, com vñ templo de Religiosos, em que auerá perto de cincoenta. Té grandes cisternas, em que se recolhe a agoa da chuua, a fora algũas lagoas que o inuerno faz, em que bebe todo o gado grosso, & mui-do, que em cima ha de continuo. No plano de cima, semeaõ tanto mantimento de toda a sorte, que bastan-

bastantemente pode sustentar cada anno quinhentos homens, o q̃ a faz ser muito mais forte, por que nem por guerra, nem por fome pode ser tomada. E por ser tal, costumão os Emperadores de Ethiopia recolher nella todos seus filhos, tirando o herdeiro, & ali viuem como fechados, & encarcerados, sem poderem perpetuamente sair d'ali (o que fazem pera euitar diuisões entre os irmãos. Aqui tem paços grandes com seus jardins pera sua recreação.

Esta serra escolheo a Raynha, que se chamaua Sabani, & por outro nome Elisabel, com suas molheres, & familia, cõ o Barnagais, assi por forte & segura, como por de todo não desemparrar aquella parte, onde ja não auia outra cousa por conquistar dos Mouros se não ella. Assi estaua este Imperio de Christãos no mais miseravel estado, em que nunca se vio, por q̃ não auia templo em pé, nem Religioso recolhido, por todos andarem pellos desertos desagasalhados, & desconsolados. E chegando as nouas á Raynha, de como hũa armada de Portugueses estaua em Maçuá, & que o Governador da India ya nella, despedio com muita pressa o Barnagais ao visitar, & a lhe apresentar as necessidades em que estaua. E auendo poucos dias que o Governador era chegado de Sués, chegou elle a Maçuá, mandandolhe diãte recado de sua ida.

O Governador tanto que foi auisado della, mandou armar tendas em terra pera o receber, tendo consigo o Patriarcha, & todos os fidalgos, & capitaens, mandando embandeirar toda a armada, & toda a gente della posta em fileiras & ordenanças, diante de sua tenda, & assi o esperou com grande majestade.

Chegado o Barnagais, o Governador o sayo a receber fora de sua tenda, fazendolhe grandes honras & gasalhados, & a armada toda lhe deu sua salua. Recolhidos pera dentro, depois de assentados ambos em cadeiras d'espaldas, o Barnagais com hũa cruz de pao na mão perante os fidalgos que estauaõ em pé derredor do Governador, lhe deu sua embaixada, cujo teor era.

Que a Raynha Sabani, mãy d'Elrey Athana Sagad lhe mãdana os perabens de sua vinda áquellas partes, & que lhe fazia a saber que Elrey de Zeila com o fauor dos Turcos tinha entrado por todo o Imperio de Ethiopia, & ganhados muitos reinos & prouincias, & destruidos todos os templos diuinos, & auexados os Religiosos, pello q̃ estaua no derradeiro extremo de se perder toda aquella Christandade. E que pois elle era Christão & todos de hũa mesma ley, & Deos o trouxera áquelle tempo, couisa q̃ parecia milagrosa, lhe pedia por aquella cruz em que Christo par-

decco,

## CAPITVLO XI.

*De como se assentou que se des-  
se soccorro à Raynha. E de  
como o Governador dom Este-  
uaõ da Gama elegeo pera a-  
quella jornada seu irmaõ dom  
Christouaõ da Gama, & do  
que lhe aconteeo a te se ver  
com a Raynha.*



ESPEDIDO Bar-  
nagais, chamou o  
Gouernador todos  
os capitaens a conse-  
lho, & lhe propos a  
embaixada da Raynha, & as neces-  
sidades d'aquella Christãdade, pe-  
dindolhe conselho sobre o q̄ faria.  
Debatido por todos aq̄lle negocio,  
assentaraõ q̄ era muito justo que se  
soccorresse aq̄lle Rey pois era Chri-  
staõ, & pera q̄ vissem os naturaes a  
cõta q̄ tinhaõ os Portugueses, com  
as cousas de sua Religiaõ: que se  
mãdasse em fauor da Raynha um  
capitaõ com coatrocentos homẽs,  
& com todas as cousas que lhe fos-  
sem necessarias pera aquella guer-  
ra. E como antre todos causou grã  
de aluoroço aquelle negocio, os  
mais d'aquelles fidalgos se foraõ of-  
ferecer ao Gouernador pera aq̄lla  
jornada: mas o Gouernador sem  
dar conta a pessoa algũa, elegeo  
dom Christouaõ da Gama seu ir-  
maõ, o q̄ todos tomaraõ mal, naõ  
porq̄ naõ tiuesse todas as partes ne-  
cessarias

deceo, a quisesse soccorrer, por que  
de todo se naõ perdessem as reli-  
quias d'aquella Christandade: que  
Deos nosso Senhor teria cuidado  
de lhe pagar aquelle taõ grande  
seruiço seu: & que elle trazia or-  
dem pera dar todas as cousas que  
fossem necessarias pera a jornada,  
pera toda a gente que fosse. Isto  
lhe disse com taõ efficazes exte-  
riores, & ainda interiores de triste-  
za, que o corpo lhe tremia, & os  
olhos eraõ viuas fontes.

O Gouernador dom Esteuaõ  
da Gama com o barrete fora to-  
mou a cruz & a beijou, & a pós so-  
bre sua cabeça, & depois consolou  
o Barnagais, & lhe disse que se a-  
uia por muito ditoso em ter vin-  
do a tal tempo áquellas partes, em  
que podesse fazer tamanho serui-  
ço a Deos, & ao Emperador da  
Ethiopia, & cumprir em parte cõ  
os desejos que Elrey de Portugal  
seu senhor tinha áquelles Empe-  
radores, que por serem Christaõs  
os amaua, & tinha como irmaõs:  
que se agasalhasse, que trataria cõ  
seus capitaens aquelle negocio, &  
que logo lhe responderia. O Bar-  
nagais se lhe humilhou todo. E sa-  
bendo que aquelle era o Patriar-  
cha, que o Summo Pontifice de  
Roma mandaua pera aquelle Im-  
perio, ajoelhou a seus pès, & to-  
mou sua bençaõ. E despedindosse  
do Gouernador foisse aposentar  
na cidade que era perto.

*Quinta Decada. Da historia da India.*

cessarias a vñ bom capitaõ : mas por que era ainda muito mácebo.

O Governador lhe nomeou quatrocentos homens, repartidos por cinco bandeiras, de que fez capitães Manoel da Cunha, irmão de Vasco da Cunha. Ioão d'Afonseca, Francisco & Inofre d'Abreu ambos irmãos, & Francisco Velho da criação do mesmo dom Christouaõ. Cada vñ destes leuaua cincoenta homiẽs, & o capitaõ mór ficou com os cento & cincoẽta, pera guarda da bandeira de Christo. Os soldados destas cõpanhias eraõ dos milhores da armada, que se forãõ offerecer pera aquella jornada. O Governador mandou ordenar oito peças d'artelharia de campo, & cem mosquetes acarretados, & muitas moniçoens. E alé das armas q̃ os soldados leuauãõ suas, mãdou o Governador dar outras tantas de sobrecellẽte, espingardas, lanças, peitos, morriõens, & todas as mais cousas que lhe pareceraõ necessarias em abastança.

Prestes tudo, deu o Barnagais todos os seruidores, camellos, mulas, bois, & mais cousas pera a fabrica do exercito. E aos seis dias do mês de Julho mãdou o Governador q̃ começassem a marchar, despedindo todos com muitas bênçoẽs, & com seu irmão se apartou por aquella praya sós, a onde se despediraõ com grandes saudades, & lagrimas, como que lhe adiunhaua o coração, que se naõ auiaõ

de ver mais : por q̃ com os derradeiros abraços se viraraõ as costas cõ muitos soluços. Recolheosse o Governador pera o seu Galeaõ, & dõ Christouaõ foi vñ pedaço pela praya só desabafando em soluços, & d'ali se foi a dar ordem ao exercito, q̃ja começaua a marchar. O Patriarcha ya entregue ao Barnagais, que lhe deu mulas pera ele, & pera os seus seruidores, & alé si mesmo todas as cousas bastante mète. Indo o exercito seu caminho tanto q̃ se afastaraõ da praya, entrãõ por hũas serranias mũy asperas, & fragosas, & aquella noite se recolherãõ ao pé dellas.

Ao outro dia começaraõ a marchar, & como o sol sayo ( que naquelle tempo andaua no tropico do Cancro, debaixo de que aquellas terras jazem, & ficaua perpendicular sobre suas cabeças ) era a que tura taõ excessiua, que os abraçaua, & pera mór ajuda a agoa era pouca, de maneira, q̃ passaraõ muito grande trabalho. Depois de se recolherem com cedo, tomãdo parecer sobre o que fariaõ, assentaraõ que caminhassem de noite, & se recolhessem de dia, por que o ardor do sol naõ se podia esperar, & assi o fizeraõ. E como yaõ por aquellas serras, foraõ dar em vñ passo taõ estreito, & ingreme, que lhes foi necessario descarregarem os camellos, & mulas, & passarem os soldados toda a artelharia, moniçoens, & mais fabrica, ás costas, sãdo

dom Christouão o primeiro que ferrava do trabalho, com tamanha alegria, que fazia a todos sentiré aquillo menos. Seis dias tardaraõ em passar estas agruras, & ferrarias, sendo jornada de dous, de vm homem escoteiro. Decidos os montes á outra banda, deraõ nas grandes campinas de Baróa cabeça do estado do Barnagais, q̄ viraõ todas retalhadas de muitas & frescas ribeiras, & assi eraõ todas aquellas terras fertillissimas de matimentos & gados. Por ali foraõ caminhando dous dias, & no cabo delles chegaraõ á cidade de Baróa, que era muito grande, & de fermosos edificios. Por meyo della atraueffaua vm muito grande rio que de contino trazia muitos & bõs pescados, que se espalhaua por todos aquelles campos em muitos braços, & pellas margens auia muitas villas, castellos, quintas, & casas de prazer, que tudo estaua destruido, & desbaratado com as guerras.

Ao entrar da cidade mandou dom Christouão por as bandeiras em ordenança, & elle com a de Christo, & com elle o Patriarcha detras. A porta da cidade acharaõ muitos frades & Religiosos em prociffaõ cantando as Ladanhas. Chegados a dõ Christouão, & ao Patriarcha, deitaraõ selhes a os pés, abraçandolhos, & pedindo-lhes misericordia: elles os leuãtaraõ com muitas lagrimas de prazer, de

se verem naquelle estado.

O seu mayoral, começou a engrandecer com palauras a dom Christouão, dizendolhe que aquella sua vinda era obra de Deos nosso Senhor, que como seu Apostolo o mandaua remir tantas auexaçoens, quantas auia quatorze annos que padecia aquella Christandade, por maõs de Mouros imigos de sua fé, que tinhaõ postos todos aquelles Christaõs em hũa miseravel seruidaõ, & os templos, & conuentos de sua Christianissima Religiaõ destroidos, assolados, & conuertidos em casas de abominaçoens: & que naõ auia em todo aquelle imperio templo aleuantado, em que possessem offerecer seus sacrificios ao altissimo Deos: de cuja parte lhe pedia, tornasse sua honra a seu lugar, & que restituisse aquella terra á sua antiga liberdade: Isto disse com tanta dór & magoa que moueo a todos a lagrimas. Dom Christouão lhe disse, que se consolassem, & tiuessem esperanças em Deos nosso Senhor, que'elle era o que lhes auia de dar forças, & poder, pera castigar seus imigos.

Acabado isto foraõ caminhando pera a igreja que estaua toda arruinada, & parecia que ja fora cousa grande, assi em edificios, como em colunas & portais, de que ainda auia muitos sinaes. Aqui tinhaõ os Religiosos hũa

capella cuberta de palha em que diziaõ Missa, nella fez dom Christouaõ oraçaõ, & tornou a voltar pera fora da cidade, onde tinha mandado armar suas tendas.

Agasalhados todos, mandou dõ Christouaõ fortificar o seu arrayal, com fossas & vallos fortes, asentando sua artilharia nos lugares necessarios, & repartindo os capitaens por estancias, que cercavaõ todo o arrayal. O Barnagais começou a correr com os mantimentos, dando cada dia oito vacas, & dous bolos de milho & nachim grandes a cada pessoa, que lhes bastava bem, & as vacas tambem se repartiaõ por todos. A dom Christouaõ deraõlhe nouas que os Mouros andavaõ por ali perto, & chamando o Barnagais, & mais capitaes Abexins, praticou com elles, sobre o modo que teria naquella jornada, se esperaria pelo Emperador, ou se iria buscar os inimigos? O Barnagais lhe disse, que o Emperador estava muito longe, & que avia mister dous meses pera lhe leuarem o recado: que aquillo era inuerno, que se não podia andar pellas terras por serem alagadissas: que era de parecer que se deixassem estar naquelle lugar a te vir o veraõ, que era ordinario entrar por todo o mês de Outubro, & que entre tanto se podiaõ cometer os inimigos com algũs assaltos, pera satisfazer a vontade dos soldados Portugueses, que se

enfadauaõ de estar ociosos: & que se mandasse buscar a Raynha pera andar no exercito: por que como por todo o reino se soubesse estar em cõpanhia dos Portugueses, logo lhe acodiriaõ seus vassallos, & todos os mantimentos de que tiuesse necessidade.

Pareceo bem a dom Christouaõ, & a todos aquelle conselho, & logo despedio vm correo a Raynha, que estava d'ali a vm dia de caminho, a fazerlhe a saber de sua vinda, & a pedirlhe que se quisesse vir pera elle: & pediu ao Barnagais que fosse a pos o correo pera a fazer vir, & acompanhar: & mandou Miguel da Cunha, & Frãscisco Velho, que fossem com elle com os seus soldados, pera virem acompanhando a Raynha. Tambẽ despedio dom Christouaõ correos, que o Barnagais ordenou, cõ cartas pera o Emperador, em que lhe dava conta de todas estas cousas: & lhe pedia se viesse ajutar com elle, por que esperava em Deos de desbaratar seus inimigos, & de lhe dar seus reinos liures & quietos.

O Barnagais com os capitaens Portugueses chegaraõ ao pé da serra a onde estava a Raynha, que ja tinha o primeiro recado de dom Christouaõ, & estava com grande aluroço: & vendosse o Barnagais com ella, deulhe conta de tudo o que passava, & com muito aluroço mandou chamar os Portugueses a cima, a quem ella recebeo

recebeo com muitas honras, & os mandou agasalhar bem, em quanto se fazia prestes, mandando logo dar pressa pera ao outro dia se partir, como fez, deixando ali sua mãy (que ainda era viua) em companhia de seus filhos. Leuaua a Raynha grande casa de donas, donzellas, & seruidores de continuos della: & no meyo dos Portugueses foi caminhando, pera Barroa. Dom Christouão foi auisado de sua vinda, & preparouse pera a receber, esperandoa fora do exercito, com toda a gente posta em ordenança, & elle vestido muito louçãmente: & em aparecendo a Raynha começaram os nossos a darlhe hũa fermosa salua de artilharia, & de arcabuzaria, cousa que ella estimou muito, por que nunca tal ouuira.

A Raynha foi entrando por entre as fileiras, que a foraõ saluando de todas as partes. Vinha em hũa fermosa mula, com hũa maneira de andilhas cubertas de seda a teo chaõ, com vm esparuel que se armaua dos braços das andilhas, que se fechaua todo á roda com cortinas de seda. A Raynha vinha vestida em hũas roupas muito aluas, & finas, & por cima vm bedem de cetim preto com grandes cadilhos d'ouro: trazia na cabeça vns tocados grandes & aluos, & de cima da cabeça lhe caya vm veo que lhe cobria todo o rosto. Tanto que começou a entrar por meyo das fi-

leiras deceosse o Barnagais, & a tomou pella redea, com o braço direito despido, pera mayor cortezia: & por cima das espadoas hũa pele de Tygre: & a cada estribeira ya vm senhor dos principaes da mesma maneira. Ella correo as cortinas pera ir vendo os Portugueses. E antes de chegar ao cabo das fileiras a onde dom Christouão estaua com a bandeira Real, foise elle adiantando pera lhe falar. O Barnagais a auisou de como elle era, pello que ella por lhe fazer honra leuantou o veo, & ficou com o rosto descuberto.

Dom Christouão chegando a ella humilhou selhe, & ella o recebeu com grande gasalhado, & mãdoulhe perguntar pello Governador da India seu irmão, & pella saude delle. Elle lhe mãdou dizer que o Governador ficaua bem, & que por entender o gosto q̄ Elrey de Portugal seu senhor tinha de em tudo ajudar, fanorecer, & servir o Emperador seu filho, & a ella: & sabendo o trabalho em q̄ estaua o mandara com aquella gente, pera a acompanhar, & que pera o anno esperaua de lhe mãdar mayor poder: & que entre tanto elle com aquellas soldados estaua muito prestes pera tudo o que fosse seruiço do Emperador seu filho, & seu della. A Raynha com o rosto cheo de gasalhado lhe mandou dizer, q̄ ja agora tinha muita cõfiança em Deos nosso Senhor, que as cousas

*Quinta Decada. Da historia da Índia.*

da Ethiopia, que estauão taõ derribadas, tornassem a levantar cabeça, & os imigos de sua fè, pagassem as injurias, & afrontas que tinhaõ feitas a seus templos, & a seus fieis.

Acabado isto tornaraõ a dar outra salua, & dom Christouaõ foi a pé acompanhando a Raynha a te suas tendas, que lhe tinhaõ ja armadas, antre a cidade & o exercito. D'ahi a dous dias a foi dom Christouaõ visitar estando com ella o Barnagais, & outros senhores

Abexins, & ali tornaraõ a assentar que passassem naquelle lugar o inuerno, & que entre tanto viria recado do Emperador. Así ficaraõ ali todo o tẽpo que o inuerno durou, corrédo dom Christouaõ sempre muito pontualmente com o seruiço da Raynha, & com o gouerno do seu exercito, de feiçaõ, q̃ naõ ouue pessoa que se escandalizasse, nem tiuesse agrauo, de soldado algum seu, em todo aquelle tempo.

*Fim do Setimo Liuro.*

LIVRO



## LIVRO OITAVO

## DA QUINTA DECADA

## DA HISTORIA DA INDIA.

## CAPITULO I.

*De como Martim Afonso de Sousa foi eleito no anno de 1541. pera Governador da India. E de como Elrey mandou pedir a Roma Padres da Companhia: & quaes forão os primeiros que entraraõ em Portugal, & passaraõ a India. E do que acontecco na jornada a Martim Afonso de Sousa a te Moçambique, a onde inuernou.*



ELLAS cartas q̄ Elrey dom Ioão o terceiro teue do Governador dom Esteuaõ da Gama por

terra, que chegaraõ este Outubro passado, soube da morte do Visorrey dom Garcia de Noronha, & de sua soçessão, pello que logo determinou de prouer a India de Governador. E posto que dom Esteuaõ da Gama tinha na corte dous parentes taõ honrados, como o Conde da Vidigueira seu irmão, & o do Vimioso seu cunhado, que

trabalharaõ bem por lhe naõ mandaré soçessor) todavia pode mais a valia do Conde da Castanheira, que entaõ mandaua tudo: & meteo naquelle lugar Martim Afonso de Sousa seu primo com irmão, (que naquellas naos passadas tinha chegado da India, taõ honrado, & cheyo de victorias. E posto q̄ por entaõ parecia que entrava valia naquella eleiçaõ, quanto á pessoa foi muito bem acertada: por que este fidalgo tinha todas as partes necessarias pera o cargo, por cujo saber & prudencia, depois em quaõto viueo, foi vm dos principaes do conselho d'Elrey dom Ioão, & de Elrey dom Sebastiaõ seu neto.

E como Elrey nesta conquista da India tinha o intento principal na dilataçaõ da fé Catholica, vendo como nella ya crescendo aquelle graõ de mostarda do Euãgelho tanto, que começaua a fazer sombra a todo aquelle Pagaismo do Oriente, & que por falta de ministros deixaua de se estender ainda mais: vindolhe nouas como os Padres da noua Companhia de IESV começauaõ a florescer em letras, & doutrina: despedio correos apressados a Roma, com cartas a

dom Pedro Mascarenhas, que lá tinha por Embaixador, pera que lhe ouuesse do Summo Pontifice, & do Padre Ignacio de Loyola, fundador desta noua Religiaõ, seis Padres pera irem á India a pregar, a soprar, & acender o lume da fé naquelles caruoens apagados da gentilidade do Oriente.

Era o Padre Ignacio, ou Ignigo, que era o seu verdadeiro nome, de nação Espanhol, natural da prouincia de Guiposcoa, filho de Beltraõ de Loyola, senhor da villa de Loyla, & cabeça d'aquella familia, que era nobilissima, que arrebatado de vni amor & charidade sobre natural de Deos, & dos proximos, desejando de aproueitar, & não ser chamado seruo inutil, sayo de sua patria, & nos annos do Senhor de mil, quinhentos, trinta & oito, no Pontificado de Paulo terceiro começou a dar principio áquella noua companhia, pôdo nella as primeiras plantas, não simples, nem tenras, que os ventos & contrastes podessẽem logo derribar: mas de varoens grauisimos, doutissimos, & de vida Apostolica, que logo começaraõ a espantar o mundo com sua vida & doutrina.

Dom Pedro Mascarenhas, tanto que lhe deraõ as cartas d'Elrey, logo communicou aquelle negocio com o Padre Ignacio, que era seu confessor, mostrandolhe as cartas, & com muita instancia lhe pe-

diu os seis Padres que Elrey lhe encomédaua. O Padre Ignacio lhe disse, que cõmunicaria aquillo cõ o Summo Pontifice, mas que não podia dar seis Padres por não terẽ a te entaõ mais de dez. Todavia dom Pedro Mascarenhas comunicou aquelle negocio com o Papa, & elle lhe concedeo os Padres que a Ignacio parecẽẽ bem. Em fim elle elegeo pera áquella jornada os Padres Mestre Simaõ Rodriguez, & Mestre Francisco Xauer, & o Padre Micer Paulo, & oirmaõ Francisco de Monfilhas, & fazendosse todos prestes partiraõse logo com dõ Pedro Mascarenhas que ja estaua auiado.

E chegando a Lixboa acharaõ as naos de verga d'alto. Elrey recebeo bem os Padres, & vèdo sua doutrina pedio ao Padre Mestre Simaõ Rodriguez que ficasse naquelle reino, & os mais mandou embarcar com Martim Afonso de Sousa. O Padre Mestre Simaõ fundou logo o Colegio de Coimbra, que foi o primeiro que os padres tiueraõ em toda a Christandade, tirando o de Roma. O Governador Martim Afonso de Sousa deu a vela a sete de Abril, deste anno de corenta & vni: & ya embarcada na nao Santiago. As mais naos eraõ coatro, de que yaõ por capitães, dom Aluaro de Tayde da Gama, filho do Conde Almirante, que ya prouido da capitania de Malaca. Aluaro Barradas, Francisco

cisco de Sousa, & Luis Cayado, cunhado de Pero Lopez de Sousa, irmão de Martim Afonso de Sousa. Embarcaraõse nesta armada muitos fidalgos, que yaõ seruir & merecer. Antre elles foraõ dom Ioaõ Pereira, & dom Duarte de Meneses seu irmão, filhos do Conde da Feira.

Este dom Duarte era mácebo grande cortezaõ, & de quem se contaõ muitas galantarias, & hũa só que nos occorreo trataremos pera mostrar o seu brio. Sendo o Governador Martim Afonso de Sousa hũa tarde do inuerno no campo, foi este fidalgo em busca delle, & achou o lançado na relua com os fidalgos em conuersação: & descaualgando foisse pera elle. O Governador o recebeu cõ grande gasalhado, perguntádo-lhe, donde vem v. m. senhor dõ Duarte? ao que lhe respondeo com muita graça, de lá venho de tres ou quatro Condes. E assi era, por que era filho & neto do Conde da Feira, & do Conde Prior dom Ioaõ de Meneses. Outra galantaria quasi semelhante aconteceu em outra tarde destas a Bernaldim de Sousa, filho do Alcaide mór de Arronches, que era muito grande cortezaõ, & muito gago. Tinha elle muitas vezes porfias com o Governador Martim Afonso de Sousa, sobre qual era o chefe dos Souzas. Bernaldim de Sousa dizia, que o morgado de Arronches, & Mar-

tim Afonso, que a casa do Prado. E chegando hũa tarde o Bernaldim de Sousa ao campo em busca do Governador, leuantouffe elle ao receber dizendo pera os outros fidalgos, aqui vem o senhor Bernaldim de Sousa, que he dos chefres dos Souzas: ao que lhe elle respondeo gaguejãdo, esse osso aueis vós de roer. Festejouffe muito a reposta, como tambem a de dõ Duarte acima.

E tornãdo a nosso fio: Martim Afonso de Sousa foi seguindo sua derrota, em que teue tantos contrastes, que quando foraõ todas as naos ferrar Moçãbique foi ja em Setembro, & por naõ ser tempo de passar á India, deixouse ficar pera a moução de Março. Estaua Ioaõ de Sepulueda por capitaõ em Moçambique, que o recebeu muito bem, & auia pouco que socedera na capitania a Aleixos de Sousa, q tambem ali estaua pobre, por ter gastado tudo em seruiço de Deos, & d'Elrey, como dissemos no capitulo nono do terceiro liuro. O Governador estimou muito achalo ali, por que eraõ parentes & amigos: & por sua honra, esforço, & saber: ficando todos correndo com muitos & grandes primores. E aqui os deixaremos a te tornar a elles.

CAPITULO II.

*De como o Governador dom Esteuão da Gama partio pera a India, & do que lhe aconteceu na jornada a te chegar a Goa. E de como partio pera Cochim: & das naos que negociou pera mandar ao reino, por faltarem todas as de viagem.*



**D**ESEIOSO o Governador, dom Esteuão da Gama, de chegar a Goa, antes das naos do reino, tão que despedio seu irmão dom Christouão, mandou fazer prestes a armada, & por fim de Julho se fez á vela, & foi tomar Sacotorá, onde fez agoa, & se proueo de mantimentos. E partindo d'ali lhe deu um tempo tão grosso, & tormentoso, (por ser a despedida do inuerno da India) que espalhou toda a armada: & foi cada um correndo por onde melhor pode á vontade dos vêtos, perdidos, & alagados muitas vezes.

A Galeota de Gaspar de Sousa, logo no primeiro dia, não podendo sofrer os mares, abriu por ser velha, & foi comida delles: acabando ali elle com seu irmão, & outros fidalgos que yaõ embarcados co elle. Desapareceo mais a fusta de Aluato Serraõ: todas as outras fo-

raõ alagadas, & cubertas dos mares muitas vezes, & as que poderaõ furdir, os Galeoës trabalharaõ por se porem por suas esteiras, por que ficauaõ os mares maçados, & quebrados: com o que tinhaõ mais algum folego, não largando as bombas das maõs nem de dia né de noite, comendo pouco em pé, & dormindo muito menos, tudo com tanto trabalho do corpo & do espirito, que não auia homem que se podesse menear, & que não fosse desconfiado da vida, fazendo muitos votos, vns de Religiaõ, outros de castidade, outros de romarias, conforme a como Deos os mouia.

Antre estes ouue um soldado, q̃ por galantaria fez voto a Deos se o liurasse d'aquella tormenta de casar com dona Lianor filha de Garcia de Sá, (q̃ era a mais fermoza dama, que naquelle tempo auia na India: que depois casou com Manoel de Sousa de Sepulueda, q̃ se perdeu com ella no Cabo de boa esperança, como em seu lugar diremos.) Depois da armada chegar a Goa, contaraõ a Garcia de Sá o voto do soldado, o que elle festejou tanto, que o mandou buscar, & lhe perguntou por cousas da jornada, de que lhe elle deu boa rezaõ: dizendolhe que aquelle inuerno se encheriaõ os molteiros de soldados, pellos muitos votos que se fizeraõ na tormenta. E vós (disse Garcia de Sá) fizestes alguns?

guns? O soldado lhe disse rindo, vñ fiz senhor que não posso com prir, posto q̄ da minha parte estou muito prestes. E apertando Garcia de Sá com elle, lho contou, & elle lho festejou muito, & disse ao soldado, que pois em tal tempo lhe vieraõ pensamētos taõ honrados, que era justo lhe montassem algũa cousa. E chamando vñ homem, que tinha cuidado de sua casa, chamado Francisco Nunez, lhe mandou, q̄ agasalhasse consigo áquelle soldado, & lhe desse de comer como a sua propria pessoa: & que lhe desse logo cem pardaos em dinheiro, & lhe fizesse vñ caixaõ de fato pera sua pessoa o melhor que podesse ser. E disse ao soldado que se agasalhasse, & q̄ em quanto quisesse teria ali certo o necessario: & como se lhe acabasse o dinheiro lhe desse d'olho, que logo seria provido. E assi todo o tempo que viueo foi muito bem tratado d'elle, & muito conhecido de todos pello soldado de Garcia de Sá: & depois que socedco na governança da India, lhe deu hũa escreuaniha do Galeaõ de Maluco, & morreo por lá. Trouxemos isto pera q̄ se veja, o como os fidalgos d'aquelle tempo tratauaõ os soldados, & os agasalhauaõ.

Tornãdo ao Governador dom Esteuaõ da Gama foi correndo a tormēta, & posto que o seu Galeaõ era fermoso, & grande, elle & todos os mais se viraõ muitas vezes

perdidos, seguindoos sempre alguns, que poderaõ aturar, o forol. E no fim de Agosto foi o Governador tomar Angediua com a mór parte dos Galeoens: a mais armada, vñs tomaraõ a barra de Goa a velha, outros foraõ tomar Baçaim, Bombaim, & outros portos. O Governador embarcouse logo em alguns nauios de remo que o seguirãõ, & entregou a armada a Manoel de Vasconcellos, & com os mais fidalgos de sua companhia se partio pera Goa: & os soldados dos Galeoens como yaõ enfadados, ajuntandosse alguns magotes partiraõse por terra pera Goa, pera onde passaraõ sem lhes fazerem dano, nem descortesia algũa.

O Governador pòs dous dias a te Goa, & foi muito bem recebido da cidade, & ficou esperãdo pellas naos do reino todo o Setembro, & parecēdolhe que iriaõ tomar Cochim, determinou de as ir lá esperar, por que se lhe viesse socessor, se embarcasse pera o reino: & quando não, dar auimento á carga das naos. E primeiro que partisse mandou fazer prestes vñ Galeaõ pera mandar ao reino d'ali de Goa, por via de Moçãbique, pera mór breuidade, & deu a capitania delle a dom Francisco de Lima, escreuendo a Elrey o socesso de sua jornada, & aos Condes da Vidigueira, & do Vimioso, a quem encomendou seus negocios. Este Galeaõ deixou o Governador prestes pera se

se partir entrada de Outubro, dãdo por regimento a dom Francisco de Lima que trabalhasse por chegar ao reino antes que as naos fossem partidas. E elle se embarcou pera Cochim, despachãdo primeiro dom Francisco de Meneses pera ir entrar em Baçaim, & acabar seu tempo. Leuou o Governador seis Galeoens, & perto de trinta nauios de remo: & como leuua vento fresco, em poucos dias foi a Cochim, onde não achou naos, o que o meteo em confusão, por não saber o que seria feito dellas, por q̃ não auiaõ de deixar de partir de Portugal, pello q̃ determinou de mandar duas naos com pimenta, que ja estaua comprada, pera ajuda das despezas do reino, por que auia de estar em necessidades, pello excessiuos gastos que tinha feitos os annos atras passados, nas grandes armadas que á India foraõ. E assi com muita pressa mãdou negociar hũa nao pequena q̃ cõprou a vm casado de Cochim, á que pòs nome saõ Thome, a capitania della deu a dom Ioaõ Deça: & o Galeaõ Zambuco q̃ Ruy Lourenço de Tauora tomou em Agaçaim, que sayo de manhas excellentes, cuja capitania deu a Ioaõ de Mendocça Cassaõ.

E por que sobejaua pimenta, negociou mais hũa Carauela das q̃ comsigo leuou, que deu a dom Pedro de Castello branco, que tinha faido da fortaleza de Ormuz, de

quem elle era muito amigo. Estes tres nauios se negociaraõ com tanta breuidade, que na entrada de Janeiro deste anno de mil, quinhentos & corenta & dous, em que com o fauor diuino entramos, se fizeraõ á vela. Embarcaraõse muitos fidalgos nellas, & sõ na saõ Thome com dom Ioaõ Deça foraõ, dom Ioaõ Manoel Labastro, dom Diogo d'Almeida filho do Contador mór, dom Ioaõ de Castro, dom Bernardo de Noronha, dom Iorge de Sousa, dom Iorge Tello, dom Ioaõ Lobo, Manoel de Mendocça, & outros.

E por que não auia tantos marinheiros & grumetes, tomaraõ estes fidalgos todo o trabalho da nao á sua conta, repartindo antre si as cousas mais necessarias por esta maneira. Dous dellcs os amantilhos, outros dous as escotas das gaueas, outros dous os estingues, vm o cabrestante da proa, outro o de popa: & assi toda a viagem acodiraõ a estas cousas com seus criados com tanta diligencia & presteza, que o não poderaõ fazer milhor muito expertos marinheiros: & por esta rezaõ se chamou esta Nao a dos fidalgos, & tiueraõ taõ boa viagem, que chegaraõ a Portugal na entrada de Julho. O Governador dom Esteuaõ da Gama depois de dar auiamento ás Naos, vendo que forçado as de viagem, que faltauaõ, auiaõ de estar em Moçambique, despedio logo

logo um Galeão, de que fez capitão Luis Mendez de Vasconcellos, pera ir lá, dandolhe por regimento, que se achasse as naos. lhe tomasse os cofres do cabedal, & se tornasse a inuernar á India, pera com o dinheiro ser negociada a pimenta, pera a carga d'ambas as armadas que auiaõ de chegar em Setebro: assi á que estava inuernada, como a que auia de vir & partir em Março, & de sua viagem adiante daremos rezaõ.

Depois do Governador dom Estevão da Gama partir de Goa, chegaram nauios de Ormuz, que deraõ por novas, que Martim Afonso de Sousa era partido do reino por Governador da India: estas novas se souberaõ por cartas de Veneza. Estava em Goa um fidalgo chamado Diogo Soarez de Mello, Galego, grande cavaleiro, que não era amigo do Governador dom Estevão da Gama, & era o muito grande de Martim Afonso de Sousa. Este sabendo as novas, & entendendo que auia de estar em Moçambique de inuernada, negociou hũa Galeota em segredo, & partioffe em Dezembro pera o ir buscar.

E primeiro que entremos em outra materia será bem que demos conta da viagem de todas estas naos breuemente, & primeiro continuaremos com dom Francisco de Lima que partio de Goa. Este fidalgo foi seguindo sua derrota,

& na entrada de Dezembro foi tomar Moçambique, a onde achou Martim Afonso de Sousa tal, que lhe não falou por estar com hũa grandes febres, & frenefis, rapado da cabeça, & barba, & quasi na derradeira. Dom Francisco de Lima fez agoada, & foi seguindo sua jornada a te chegar ao reino, & entrou por Lisboa em Abril: depois da armada partida pera a India.

Foi este fidalgo muito bem recebido d'Elrey, & por elle soube muito particularmente as novas da India, & lhe affirmou que Martim Afonso de Sousa seria morto, pello estado em que o deixara em Moçambique. As outras Naos q̄ partiraõ de Cochim, chegaram a saluamento: só a Carauela de dom Pedro de Castello branco, encontrou na volta das ilhas dos Açores uns nauios Franceses, que o abordaraõ, & entraraõ, roubadoo, & tomadolhe tudo o que leuaua, & assi chegou ao reino: & logo se passou a França com cartas d'Elrey a requerer sua fazenda, por que fora roubado auendo pazes antre aquelles dous Reys. Este fidalgo andou na corte de Paris muito tempo, requerendo áquelle Rey lhe mandasse fazer restituição de sua fazenda, sobre o que elle (segundo dizem) mandou fazer diligencias dissimuladas, sabendo elle muy bem o que lhe fizeraõ, & tendo quinhaõ nas pe-

ças que lhe tomaraõ : & dom Pedro lhe conheceo hũas estribeiras d'ouro, & vns aneis ricos. Estando vm dia em praticas com elle, desculpandosse elle, que se não achaua rasto de cousa algũa, nem elle sabia donde aquillo podia vir: lhe respondeo dom Pedro: Como senhor dizeis isso? se as estribeiras que o outro dia leuastes eraõ minhas, & effes aneis que tendes nos dedos eu os mandei fazer? No q̃ isto parou não soubemos cá na India, onde escreuemos isto. Sómente nos parece ouuir em Portugal dizer, que algũas peças & fazendas lhe tornaraõ, por que depois viueo este fidalgo rico: & por sua morte ficou seu filho dom Antonio de Castello branco com muita renda, & casa: & casou com hũa filha do Visorrey dom Garcia de Noronha, cujo casamento os pays delles fizeraõ na India, de quem se não logrou tres meses. E contasse delle esta grandeza: que depois da molher falecer deixando a elle por herdeiro de tudo, tomou o casamento que lhe deiraõ em dinheiro (que eraõ quinze mil cruzados) & os mandou a dom Aluaro seu cunhado: mandandolhe dizer, que tinha escrupulo de comer aquelle dinheiro, que seu pay dom Garcia ganhara, & que sua filha taõ mal lograra. Foi dom Pedro de Castello branco casado com hũa filha de Ioã Brandaõ, neta do grande Duar-

te Brandaõ.

E tornando a nossa historia. Partido Diogo Soares de Mello na Galeota, chegou a Moçambique em Janeiro, & ja achou Martim Afonso de Sousa saõ, que o recebeu muito bem, & estimou muito sua vinda. Logo depois d'elle chegou Luis Mendez de Vasçócellos a que o Governador Martim Afonso de Sousa não fez muita festa, & mãdou meter o Galeaõ dentro: negociandosse pera se partir em Março, por lhe Diogo Soares de Mello facilitar a jornada.

### CAPITULO III.

*De como o Nizamoxã tomou as fortalezas de Sangaça, & Carnalã, que eraõ do estado de Cambaya: & de como dom Francisco de Menezes, capitãõ de Baçaim, foi soccorrer os senhores dellas, & as tornou a ganhar, & da doaçãõ que dellas fizeraõ a Elrey de Portugal.*



**V**ENDO o Nizamoxã as grandes reuoltas que estes annos passados ouue no reino de Cambaya, com a morte de Soltaõ Badur, desejou de auer as maõs duas fortalezas d'aquelle reino, que e-

stanaõ

stauaõ nos extremos de seus reinos, sobre duas altissimas serras, que sobiaõ como piramides, em cujo cume estauaõ ambas muito fortes, assi por sitio como por arteficio, que se chamauaõ Sangaça, & Carnalá, pouca distancia húa da outra, que aparecem a quem vai pello rio de Bombaim dentro. Estas duas fortalezas tinha Soltaõ Badur dadas a dous Mouros seus vassallos, chamados, Nacoda Amorgim, & Atridican, que nellas residiaõ com gente de guarniçaõ, & comiaõ muitas aldeas q̄ auia por derredor de sua jurdiçaõ. Estes dous castellos tinhaõ os Reys de Cambaya naquella parte, como dous marcos dos extremos do seu reino, & do Nizamoxá. E trazendo este Rey o olho sobre ellas auia muito, desejando algũa occasiãõ pera as auer ás maõs, ueyolha offerecer o tempo na entrada deste veraõ em que entramos, com serem ausentes estes capitães, que se apoderaraõ dellas. Quando os dous Mouros Amergim, & Atridican tornaraõ de Cãbaya, & as acharaõ tomadas, não tiueraõ outro remedio, mais, que valeremse de dom Francisco de Menezes capitãõ de Baçaim, que auia pouco era chegado áquella fortaleza, pedindolhe ajuda pera as tornarem a ganhar: obrigandosse a se fazerem vassallos d'Elrey de Portugal.

Esta obrigaçaõ, nem os pontos

della naõ aparecem, nem nós o sabemos: só sabemos que ajuntou dom Francisco de Menezes trezentos Portugueses, & algũs piaês da terra: & embarcandosse em muitos nauios foi pello rio dentro, desembarcar ao pé d'aquellas fortalezas, & pondo sua gente em ordem, fez della tres bandeiras, de que deu as capitãias a dom Jorge, & a dom Aleixo de Menezes seus sobrinhos, & a outra tomou pera si: & toda a gente da terra ya debaixo da bandeira de Pero de Lemos, Tanadar mór das terras de Baçaim: & os dous capitães Mouros com sua gente, que seriaõ perto de coatrocentos homens. Dom Francisco de Menezes deu a dianteira a dom Aleixo de Menezes que começou logo a marchar pella serra acima, indo todos deuagar por chegarem folgados: & postos em cima cometeraõ a fortaleza de Carnalá, cercandoa á roda, & encostandolhe logo muitas escadas que pera isso leuauaõ, a cometeraõ com grande impeto, pondosse logo em cima dos muros. Os de dentro vendo a determinaçaõ dos Portugueses, cortados de medo, se lançaraõ por húa parte, que ya a pique, serra abaixo, & perigando alguns, os mais se acolheraõ, ficando a fortaleza vazia, que logo foi entrada.

E deixandolhe dentro guarniçaõ foraõ logo em fresco cometer a

ter a de Sangaçá, que já tinha rebate do que socedera a outra. E não querendo os de dentro experimentar o ferro Portuguez, primeiro que elles chegassem se acolherão, ficando desta feita aquellas fortalezas em poder de dom Francisco de Meneses sem golpe de espada: & logo fez dellas entrega aos Mouros, que lançando suas contas, & vendo que já lhes ficava contenda com o Nizamoxá, não se atreuerão a defender aquellas fortalezas, sem o fauor de dom Francisco de Meneses, & antes que se partisse lhe pediraõ, que a te se segurarem lhes deixasse aquelles dous sobrinhos com alguns soldados, & que elles lhes fariaõ todas as despezas. Dom Francisco de Meneses lho concedeo, deixando dom Alvaro em Sangaçá, & dom Jorge em Carnalá, com sessenta arcabuzeiros cada um, & muitas moniçoës, o que tudo prouido se tornou pera Baçaim, & despedio recado ao Governador de tudo o que era passado. O Nizamoxá teue logo auiso do negocio, & despedio tres capitaens com quatro ou cinco mil homens que entraraõ pellas aldeas da jurdição d'aquellas fortalezas, & as destruíraõ, & assolaraõ de todo. Vendo Amergim & Atridican, que ficavaõ sem rendas pera suprirem as despezas, & que o Nizamoxá auia de meter todo o cabedal por tornar a auer aquellas fortalezas,

assentaraõ, que lhes não vinha bem contenderem com inimigo tão poderoso, que o bom seria largalas de todo aos Portuguezes com alguns partidos: & assi se cartearaõ com dom Francisco de Meneses, sobre o que foraõ, & tornaõ recados a te se concertarem que lhe dariaõ algũas aldeas nas terras de Baçaim, & que largassem aquellas fortalezas, de que logo fizeraõ doação a Elrey de Portugal, & se recolheraõ a Baçaim.

Dom Francisco de Meneses mandou prouer as fortalezas, como proprias do estado. E por que dom Jorge de Meneses adoecco, & se foi curar a Baçaim, mandou em seu lugar Pero de Lemos, Tannadar mór. O Nizamoxá, não sabendo ainda deste contrato, auendo que toda a contenda era com os capitaens Mouros, despedio mais capitaes com outros seis mil homens, em que entravaõ muitos Magores, mil arcabuzeiros, & oito centos caualos acubertados, & mandou que lhes tomassem aquellas fortalezas.

Estes capitaens ajuntando os mais que andavaõ pellas terras, foraõ por cerco á fortaleza de Sangaçá, em que estava dom Aleixo de Meneses: & cercanda a roda a cometeraõ por todas as partes com grande determinação. Dom Aleixo, com grande valor & esforço lha defendeo, com

muito

muito dano dos inimigos, que todo aquelle dia lhe não derao espaço pera comerem se não em pé, & cõ as espingardas nos rostos, & de noite tambem a passaraõ toda cõ as armas ás costas: & no coarto da modorra deitou dom Aleixo, vm piaõ, homem muito determinado, que se offereceo pera ir dar a uiso ao capitaõ de Baçaim. Este piaõ como foi ao pé do castello, em gatinhas, & a rastos, foi passando por bem perto dos inimigos, & tomou vm caminho pella serra abaixo, não muito usado, & andando toda a noite, ao outro dia chegou a Baçaim, & deu recado ao capitaõ.

Dom Francisco de Meneses logo se foi pór na praya, & mandou repicar o sino pera lhe acodir a gente, & entre tanto fez negociar todas as embarcaçoens grandes & pequenas que achou, que foraõ muitas. Os casados, & soldados, acodindo á praya com suas armas, escolheo dom Francisco de Meneses cento & sessenta homens de pé, & vinte de cavallo, & mandou apellidar as aldeas, de que lhe logo acodiraõ mil & duzetos piaes, com seus Naiques: & em quanto se estes ajuntavaõ, pera quem deixou embarcaçoens, elle se embarcou com toda a gente. Os fidalgos que o acompanharaõ nesta jornada foraõ, dom Iorge de Meneses que ja estaua saõ, dom Roque Tello, dom Pedro de Meneses o rui-

uo, irmão do Conde de Cantanhede, Rodrigo Homem, Estevão Peixoto, & outros caualeiros hórados: & foi esperando pellos piaens, que o foraõ tomar ao caminho. Ao outro dia foraõ amanhecer ao pé d'aquellas fortalezas. Dom Aleixo foi este dia combatido de todos os capitaens mûy asperamente, fazendo elle, & todos os companheiros tudo o que foi necessario pera sua defensaõ, rebatendo os inimigos por muitas vezes, de que algũas os tiveraõ entrados. E esta noite passaraõ tambem grande trabalho, por que os não deixaraõ repousar vm momento com assaltos: mas bem lhes custou, por que a nossa espingardaria fez nelles bem grande estrago.

## CAPITOLO IIII.

*De como Forge de Lima capitaõ de Chaul auisou dom Francisco de Meneses da gente do Nizamoxá, & da grande batalha que deu aos inimigos, em que os disbaratou.*



STAVA neste tempo por capitaõ em Chaul Iorge de Lima, que tanto que o Nizamoxá despedio aquelles capitaens, logo teue cartas da sua corte, da gente que era, & pera onde ya. E como co-

nhencia do animo & valor de dom Francisco de Meneses, q̄ não auia de deixar de soccorrer aquellas fortalezas, por muito que fosse o poder, todauia pareceolhe obrigação auisalo como fez por hũa carta mūy apressada, em que lhe daua muito particular conta dos capitaens que eraõ, & da gente que leuauaõ: aconselhandolhe, que deuia de sobre estar a te vir recado do Governador, a quem ja tinha escrito, que o soccorresse.

Dom Francisco de Meneses tão to que chegou ao pé das fortalezas, desembarcou toda a gente, & despedio vm piaõ a Pero de Lemos que estaua em Carnalá, com vm escrito, em que lhe mandaua dizer, que lhe mandasse ao caminho vinte soldados espingardeiros, & elle ficou junto de hũa ribeira pondo sua gente em ordẽ. Estando aqui, lhe deraõ a carta de lorge de Lima, que abrio, & leo em segredo, com vm rosto muito alegre & risinho. E por que chegauaõ a elle muitos homens pera saberem o que era, sem fazer termo algum foi lendo a carta alto pera que a ouuissẽ todos, mudandolhe as palauras com tanta pressa, & artificio, que foi espanto, na maneira seguinte.

Senhor, são partidos alguns capitaens do Nizamoxá pera as fortalezas de Sangaça, & Carnalá, a gente que leuaõ he pouca, & esta ainda forçada, & atemorizada, por

isso apressesse v. m. por que não tem nelles vm almoço.

E dobrando a carta, disse:

Vedes aqui senhores do q̄ nos auisa lorge de Lima: por certo q̄ tomara eu, que foraõ os inimigos mais, pera a vitoria, que por virtude de vossos braços espero de auer, ser mais de gloriar, mas ja que assi he, vamos buscar estes poucos, & defenganemos, por que nos não tornem outra vez a inquietar, & cada vm sigame, & faça o que eu fizer: E logo caualgou com a gẽte posta em ordem, & começou a marchar.

Alguns grandes capitaens tiueraõ pera si, que não era licito mintir nunca, se não offerecêdosse perigo, ou pella saude da patria: & assi o vsou algũas vezes o grãde Sertorio, que em tempo de grandes necessidades mintia a seus soldados, & lhes lia cartas fingidas, pera os tirar do temor em que os via: por que todo o outro mintir em vm capitaõ he baixeza. Da mesma maneira este valeroso capitaõ dõ Francisco de Meneses, vendo que se falaua verdade ficauaõ os das fortalezas a risco de se perderem: por que se descobrisse aos seus o poder dos inimigos, não auiaõ de querer passar d'ali, & tudo se perderia. Em fim elle foi caminhando em muito boa ordem, & logo encontrou os espingardeiros que Pero de Lemos lhe mandaua. Os inimigos logo tiueraõ auiso do capitaõ

166

pitaõ de Baçaim ser chegado de soccorro, & deceraõ abaixo: & lançaõse em duas emboscadas de mil homens cada hũa, deitando-lhe alguns poucos descubertamente, que trauaraõ com dom Iorge de Meneses que ya na dianteira, q̄ lhes lançou alguns piaens que foraõ pelejado com elles a te os meterem no meyo das emboscadas. Os imigos de sofregos fairaõ dellas, & deraõ nos piaens que fize-raõ voltar pera dom Iorge. Os Portugueses de sua companhia v̄do os imigos tambem voltaraõ alguns pera irem buscar as embarcaõens. Dom Iorge com grande animo teue o encõtro aos imigos, chamando pellos que o deixauaõ, & afrontandoos de palauras.

Dom Francisco de Meneses cõ os vintẽ de caualo, tomou vm passo estreito do rio por onde os imigos auiaõ de passar (& ja o vinhaõ demandar) & ali sobre a passagem se trauou hũa aspera batalha, pondosse dom Francisco de Meneses diante. E ao primeiro em que p̄s a lança deu com eille do caualo abaixo, que afsi nelle, como nas armas se differençaõ dos mais, por onde se julgou ser o capitaõ d'aquella companhia. Dom Roque Tello, dom Pedro de Meneses, Estevão Peixoto, & Rodrigo Homem, nunca largaraõ dom Francisco de Meneses, & todos derribaraõ de encontros alguns Mouros, defendendolhes com muito

esforço & valor aquelle passo. Dõ Iorge de Meneses que pelejava na dianteira, p̄s as costas pera dom Francisco de Meneses pello naõ cometerem os imigos por detras, & todavia apertaraõ tanto com elle, que se baralharaõ todos, pelejandosse de sua parte com grande esforço.

Aqui socedeo hũa cousa m̄y dina de memoria a vm foaõ Trancofo, irmão do Doutor Antonio Trancofo Desembargador da casa do Ciuel (homens m̄y nobres que eu conheci m̄y bem.) Era este Trancofo vm homem agigantado & muito forçoso, andando aceso na batalha, (em q̄ tinha m̄y bem pelejado & mostrado o valor de sua pessoa) alcãçou com a maõ esquerda vm Mouro, & metendolhe o braço pello singidouro (que era vm camarabando de muitas voltas) o aleuantou no ár, fazendo delle adarga: & remetendo com os Mouros lançaõse no meyo delles como vm liaõ matando, & derribando muitos, naõ ouzando os Mouros a descarregar nelle seus golpes, por naõ matarem o companheiro, com que o Trancofo se emparaua dos que lhe tirauaõ, & se alguns lhe deraõ, todos recebeo nelle, & afsi desta maneira fez grandes destruiçoens nos Mouros muito a seu saluo. Feito era este por certo dino de se engrandecer com mais palauras: mas se o ouermos de fazer a todos os grandes, saltar-

nos á tinta, faltarnos á papel, faltarnos á tempo, & faltarnos á estylo pera isso. Este homem viueo depois muitos annos, & foi casado em Tanná, a onde teue netas casadas com dom Francisco de Souza, & dom Dinis d'Almeida, ambos prouidos da fortaleza de Diu, que nenhum logrou.

E tornando a dom Frãcisco de Meneses, aquella gente de caualo com que pelejaua no passo do rio era chegada d'aquella hora do Balagate, & não sabiaõ della os outros capitaens Mouros, & vinhaõ demandar áquella hora aquella ribeira pera refrescarem, & descansar, sem saberem das ciladas q̄ estauaõ armadas aos nossos, & andando em batalha com dom Francisco de Meneses (que os tinha affas bem escandalizados) indo os da parte de dom Iorge em disbarato pera as embarcaçoens, como atras diffemos, foraõ dar em outra cilada que lhes sayo de traues: elles embaraçados com aquelle supito temor tornaraõ a voltar, fugindo pera o perigo, de que primeiro fogiraõ, & foraõ com aquelle impeto pera aquella parte onde dom Francisco de Meneses pelejaua, pera se empararem com elle. Os Mouros que pelejauaõ com dõ Francisco de Meneses, não sabêdo o que aquillo era, parecendolhes seria gente que chegaua de soccorro, como ja estauaõ escandalizados & bem cortados dos nossos,

supitamente voltaraõ, fogindo d'aquelles que yaõ fogindo dos seus, deixandosse vencer dos que yaõ vencidos.

Vendo dom Francisco de Meneses aquelle medo, foi carregando sobre elles, matando, & derribando nelles á sua vontade. Os nossos que vieraõ fogindo, pera dom Francisco de Meneses vendo taõ supita mudança, cobraõ um nouo animo, ajuntandosse com á sua bandeira, foraõ seguindo a victoria. Dom Iorge que a te entaõ esteue em grande aperto pello pezo dos imigos, ajuntandosse todos os seus, foi seguindo o alcance aos Mouros, que se pozeraõ em disbarato, vendo fugir os que pelejauaõ com dom Francisco de Meneses: & leuauaõ tamanho medo, q̄ chegando ao arrayal, que tinhaõ sobre Sangaçá, não parando nelle, foraõ fogindo pella outra banda, indo sempre dom Iorge nas suas costas picandoos, & fazendo nelles muito grande estrago. Dom Frãcisco de Meneses chegou acima á fortaleza, & achou o arrayal dos imigos vazio de gēte, mas não de mantimentos, de moniçoens, & de armas, & de tudo o mais que os imigos com a pressa não poderaõ levar. E não se detendo passou a diante a favorecer dom Iorge que ya no alcance dos imigos, & não se precatando deraõ nelle por detras trezentos espingardeiros que estauaõ sobre Carnalá, que se yaõ recolhen-

recolhendo pera o arrayal,naõ cui dando que o dano dos seus era taõ grande,& vendo ir dom Francisco de Meneses arrebentaraõ d'aquella mancira,& deraõlhe hũa surriada de que lhe feriraõ alguns, & desuiandosse foraõ dando em alguns dos nossos desmandados, & mataraõ doze.

Dom Francisco de Meneses mãdou recado a dom Iorge que se recolheffe,como fez,& tornoraõse pera o arrayal,saindo dom Aleixo da fortaleza a lhe falar. Os mantimentos & moniçoens todas se recolheraõ na fortaleza, & tudo o mais se entregou aos soldados que saquearaõ bem á sua vontade, & acharaõ boas prezas. Morreraõ nesta batalha quinhentos dos inimigos,a fora muitos feridos. Dos nossos morreraõ quasi vinte: prouendo dom Francisco de Meneses aquellas fortalezas de mais gente, recolheosse a Baçaim vitorioõ.

## CAPITOLO V.

*Do que fez o Governador dom Esteuaõ da Gama depois q̄ deu auimento as naos do reino: & de como partio pera o Norte: & do soccorro que mandou a Sangaça, & Carnalã. E dos tratos que Nizamoxã teue com elle, sobre lhe largar aquellas fortalezas:*

*& das pareas a que se obri-  
gou por ellas.*



ORQVE ha muito que deixamos o Governador dom Esteuaõ da Gama, he necessario tornar a continuar com elle,por guardarmos a ordem da historia. Depois que despedio as naos pera o reino, logo voltou pera Goa, onde chegou ainda em laneiro, & despachou Manoel de Sousa de Sepulueda,pera ir entrar na fortaleza de Diu,de que nestas naos foi prouido,por hũa carta missiua. E por q̄ aqui socedeo vm primor bem grã de a dom Ioaõ Mascarenhas com elle,bem differente do que oje se vsa na India antre os fidalgos,naõ deixaremos de o contar.

Estaua dom Ioaõ Mascarenhas prouido da capitania de Diu,por hũa patente que lhe tinha vindo o anno atras passado,pera ir entrar apos Diogo Lopez de Sousa que a estaua seruindo: & nestas naos passadas mandou Elrey a Manoel de Sousa de Sepulueda hũa carta missiua,porque lhe fazia merce da fortaleza de Diu na vagante de Diogo Lopez de Sousa, antepondo a dom Ioaõ Mascarenhas. E diziaõ que aquillo fora cousa da Raynha dona Catherina, que fauorecia muito suas cousas,porque era Castelhana, & seu pay viera com ella de Castella. Tanto que  
Manoel

Manoel de Sousa teue a carta má-doua a mostrar a dom Ioaõ Mascarenhas, pera que visse que por ella entraua primeiro na fortaleza, & elle dom Ioaõ Mascarenhas vendo a carta d'Elrey a pós sobre sua cabeça, dizendo que se comprisse sua vontade, pois estaua tão clara, que elle entraria quando lhe coubesse, & assi foi Manoel de Sousa entrar, podendo dom Ioaõ alegar de seu direito, como depois fizeraõ muitos fidalgos, que tinhaõ mais o olho em seu interesse particular, que no seruiço & vontade d'Elrey, sentenciãdosse em outros casos semelhantes, que patête sempre precedia a carta missiua, & q̃ a tenção d'Elrey nunca era prejudicar a terceiros, nem meter vm prouido diante do outro. Mas aquella fidalguia & primor dos homens d'aquelle tempo, está tão corrompida neste, que ja não ha nenhum que va entrar em sua fortaleza, ou em qualquer outro cargo com que esteja prouido & despachado sem passar primeiro pello escamel da demãda, arguindo vns aos outros defeitos em suas patentes, & o que ainda he pior, que o fazem em suas pessoas pera lhes precederem.

Esta corruptão & malicia entrou na India depois que nella entraraõ tantos letrados Iuristas, por que com elles entrou vm marulho, que veyo a dar em mares cruzados de trapassas, em que ferue

todo este estado. E deixando esta materia, tornemos a nosso fio. Tanto que o Governador deu expediente em Goa a muitos negocios, tornou-se a embarcar em nauios ligeiros, por causa dos Noroestes, pera ir visitar as fortalezas do Norte, & no caminho encontrou o recado de Iorge de Lima capitaõ de Chaul, do aperto em que estauão as fortalezas de Sangaçá, & Carnalá: & despedio com muita pressa Tristaõ de Tayde com oito nauios em que leuaua duzentos homens pera se ir ajuntar com dom Francisco de Meneses, que se foi adiantando. O Governador dom Esteuaõ da Gama chegou a Chaul ao outro dia, depois que Iorge de Lima escreueo aquella carta a dom Francisco de Meneses, & não atia ainda nouas do que era passado. E como tinha ja mandado Tristaõ de Tayde com o socorro, ficou esperando recado. Tristaõ de Tayde deusse tanta pressa, que chegou ao pé d'aquellas fortalezas ao outro dia depois de dom Francisco de Meneses se ter ido pera Baçaim: & sabendo da vitoria que tinha alcançado, voltou pera o Governador, que festejou em estremo as nouas, & ficou dando despacho a muitas cousas.

O Nizamoxá teue logo rebate do disbarato dos seus capitaens, & juntamente soube serem ja aquellas fortalezas dos Portugueses: & vendo que ja lhe ficaua contenda com

com homens mais poderosos, & com quem não auia de ter bom partido, ficou muito malenconizado, & logo também lhe chegaram nouas de como o Governador era chegado a Chaul, por que lhas despidiraõ pella posta. E por que tinha pazes com o estado, & corria com elle em amizade, determinou de o mandar visitar, & a voltas disso ver se podia auer delle aquellas fortalezas com todos os partidos que quisesse, porque lhe não vinha bem estarem em poder alheo duas forças tão importantes nos estremos de seus reinos: por que sempre lhe teria o visinho que as tiuesse, com ellas o pé no pescoço. Pello que logo despidio vm Embaixador mūy bem acompanhado, que o Governador dom Esteuão da Gama recebeo com muitas honras. E depois de fazer sua visitaçõ, tratou o negocio a que ya sobre aquellas fortalezas, pedindolhe que lhas largasse, que daria as pareas que fossem justas & honestas.

O Governador pós aquelle negocio em conselho, & assentouffe que aquellas fortalezas não seruião ao estado de mais que de fazer despezas com ellas, & que de nenhũa importancia eraõ. Com esta resolução tratou aquelle negocio com o Embaixador que trazia poderes pera tudo: & vieraõ á concluir, que lhe largaria aquellas duas fortalezas, por que o Zama-

luco lhe obrigaría a dar cada anno de pareas cinco mil pardaos d'ouro, alem dos dous mil que ja pagaua pella obrigaçãõ que lhe pós o Visorrey dõ Francisco d'Almeida. E que destes sete mil pardaos d'ouro (de que fez obrigaçãõ por encheo, que se não acha, por tudo ser perdido) se pagariaõ os officiaes d'Elrey de Portugal nas fazendas das suas naos, que fossem de Ormuz, ou de Meca ter a aquelle porto de Chaul. E que os Governadores da India as poderiaõ mandar tomar pera com effeito serem pagos da dita cõtia. Estes sete mil pardaos d'ouro se pagaõ & arrecadaõ por andarem por regimento naquella fortaleza, & pella posse em que Elrey de Portugal está, & não ha delles mais obrigaçãõ: por que neste estado communmente se tratou quasi sempre mais do que releuaua a cada vm em particular, que do que importaua a Elrey. E ainda que nos sobejara o tépo & a idade pera passar auante, o pouco gosto & faoures que oje á nos homens, nos tem bem encolhido & arrependido desta empreza: por que ja não á no mundo quem pretenda perpetuidade na escritura, se não acrecẽtamento na fazenda.

Queixauasse loão de Barros ja no tempo que escreuia, que os homens que yaõ da India, de quem tomava as informaçoens, que o marinheiro não lhe queria dar re-

zaõ se naõ da arte de marear: o mercador das fazendas que corriaõ, o soldado das cousas em que elle se achara: & nós queixamos, que nem o marinheiro, nem o mercador, nem o soldado, nem ainda o fidalgo, querem que lhe pergunte se naõ pellos preços das fazendas que correm na terra, pello que valerá em Ormuz, & em Malaca: pello que tiraraõ de suas fortalezas: & todo o que os demanda pera lhes perguntar pellas cousas da guerra, & do conselho, & por outras desta qualidade, que em outro tempo tinhaõ por obrigação, tem vm homẽ por jogral, & naõ lhe falta mais que apedrejaremno por doudo: naõ negando porem que antre tantos naõ aja alguns por quem a honra ainda puxa, & que folgaõ de fauorecer nosso trabalho (com palauras) & sem algum seu.

Deixando estas miserias do mundo, tornemos a nossa historia com segurarmos, que nem o pouco gosto, né os poucos fauores, seraõ bastantes pera desistirmos de nosso proposito: por que ainda q̃ alguns dos presentes naõ pretendãõ fama, naõ deixaraõ de alcançar os passados toda a sua, que tanto mereceraõ, por que se naõ perca tudo.

(.i.)

## CÁPITOLO VI.

*De como o Governador dom Esteuaõ da Gama escreueo a dom Francisco de Meneses, largasse aquellas duas fortalezas ao Nizamoxã: & de como em fim lhas largou. E de outras cousas em q̃ o Governador proveo. E de todos os Reys Mouros que ouue naquelle reino de Madanager, ou de Chaul.*



**E**ITOS & afsinados os contratos, passou o Governador dom Esteuaõ da Gama hũa prouisaõ ao Embaixador pera ir a Baçaim tomar entrega d'aquellas fortalezas: escreuendo a dom Francisco de Meneses, como se assentara em conselho, que se largassem, por q̃ mais importaua ao Estado cinco mil pardaos d'ouro de renda cada anno, sem despeza algũa, q̃ tellas, & sustentalas, com tamanha, & com taõ grande risco. Este Embaixador chegou a Baçaim, & deu a carta, & a prouisaõ a dom Francisco de Meneses, o que elle tomou muito mal, pello que lhe aquellas fortalezas tinhaõ custado. E sobrestado na entrega dellas escreueo ao Governador hũa carta em que se queixaua

queixaua de concluir aquelle negocio sem seu parecer, estando taõ perto, sendo elle o que ganhou aquellas fortalezas com a lança na maõ, & que auia taõ pouco q̃ a tinha descercado com tanto risco seu, & que se ellas custaraõ tanto aos fidalgos que votaraõ naquelle negocio, naõ ouueraõ em algum tempo de ser d'aquelle parecer. E que quãto a elle auia por muito discredito do Estado, largar aquellas fortalezas por aquelle modo, a Rey que nenhum direito tinha nellas: que se algum o tinha era Elrey de Cambaya, de cujo estado eraõ: dando sobre isto muitas rezoens, como fidalgo muito prudente que era, desenganando ao Governador, que em quãto elle fosse capitaõ de Baçaim, as naõ auia de largar. Com isto despedio o Embaixador, que logo mandou pella posta recado ao seu Rey, que como soube o que passaua despedio doze mil homens, pera irem cercar de nouo aq̃llas fortalezas, & mandou ter com o Governador muitas satisfaçoens.

Dõ Frãcisco de Meneses como capitaõ muito precatado, logo receou q̃ o Nizamoxá mandasse gente sobre aquellas fortalezas: pello q̃ com muita pressa se embarcou, levando gente, mantimẽtos, & muniçoẽs, & as foi prouer muito bẽ: & o mesmo dia q̃ a ellas chegou, teue rebate da dianteira dos inimigos, & deixandoas seguras, & pro-

uidas, tornou se pera Baçaim. Ao outro dia chegaraõ os capitaens Mouros, & assentaraõ seus exercitos sobre aquellas duas fortalezas, mandando fazer grãdes protestos, & requerimẽtos aos capitaẽs dellas, q̃ lhas entregassẽ, como o Governador mãdaua, & se naõ q̃ dos males q̃ socedessẽ elles seriaõ a causa, & os quebrãtadores das pazes. Os capitaẽs lhes mãdaraõ dizer, q̃ mãdassẽ fazer aquelles requerimẽtos ao capitaõ de Baçaim, a quem elles tinhaõ dado dellas as menagens, & que o que elle mandasse isso fariaõ. Os Mouros vendo aquelle desengano comẽçaraõ a guerra, cometendo as fortalezas com grãde determinaçoã, mas os de dentro lhas defenderaõ com outra mayor.

E deixalosemos aqui por continuar com o Embaixador: que depois de dom Francisco de Meneses o desenganar, & de despedir recado ao seu Rey, foise pera Chaul, & deu a carta de dom Frãcisco de Meneses ao Governador: que posto que tomou aquillo mal, bẽ entendo q̃ dom Francisco de Meneses tinha algũa rezaõ de se queixar, ao menos, de lhe naõ dar cõta d'aquelle negocio. Poucos dias depois chegaraõ as cartas do Nizamoxá pera o Governador, em q̃ se queixaua de dom Frãcisco de Meneses, fazendo seus protestos & requerimentos, assi lhe chegaraõ as nouas do aperto & cerco em q̃ os

capitaes Mouros tinhaõ aqllas fortalezas: & vendo que naõ podia fazer outra cousa se naõ comprir os contratos que estauaõ feitos, despedio outra vez o Embaixador com outra prouisaõ pera dõ Francisco de Meneses, em que lhe mandaua, que sem embargo dos inconuenientes que lhe apontara, tanto que aquella visse, entregasse logo a aquella Embaixador ambas aquellas fortalezas, por cõprir assi ao seruiço d'Elrey de Portugal. Cõ esta prouisaõ chegou o Embaixador a Baçaim, & dádoa a dõ Francisco de Meneses, vendo a resolução do Governador, mandou dous homens Portugueses cõ cartas pera os capitaes q̄ estauaõ nas fortalezas, em que lhes mandaua q̄ logo as entregassem ao Embaixador, & se recolhesse a Baçaim, por q̄ o mandaua assi o Governador: & que elle daria conta a Elrey daquillo. O Embaixador chegou áquellas fortalezas com os homes, & cada vm delles foi á sua, & deraõ suas cartas áquelles capitaes. Vendo dom Aleixo de Meneses a carta de dom Francisco, mandou pello proprio Portuguez outra a Pero de Lemos, que estaua em Carnala, pera saber delle o que determinaua. Pero de Lemos lhe respondeo, que naquello negocio naõ auia mais, se naõ fazerem o q̄ lhes o Governador, & o seu capitão mandauaõ.

Com isto mandou dom Aleixo

de Meneses dizer pello mesmo Portuguez ao Embaixador, que mandasse recolher seus capitaes, & se afastassem, em quanto se elles recolhiao: & mãdou recado a Pero de Lemos pera ao outro dia se ir ajuntar com elle. Os Mouros aleuantaraõ seus exercitos da vista das fortalezas, & aquelle dia gastaraõ os Portugueses em se negociarem. Ao outro chegou Pero de Lemos com toda a sua gente a Sangaça: dom Aleixo de Meneses que estaua prestes sayo da fortaleza, & se ajuntou com elle, & com suas bandeiras desenroladas, & a gente posta em ordenaça, tocando suas caixas, & pifaros, forãõ marchando muito deuagar, disparando sua arcabuzaria per ordẽ, como homens que yaõ vencedores: & assi chegaraõ ao mar onde ja acharaõ embarcaçoẽs, que dom Francisco de Meneses lhes tinha mandado, em que se recolheraõ a Baçaim: ficãdo os dous Portugueses que foraõ com o Embaixador nas fortalezas, pera as entregarem aos capitaens Mouros, como logo fizeraõ. E por que temos prometido de continuar com todos os Reys deste Decan, & ja o temos feito com os de Visapor, o faremos agora com estes Reys de Chaul.

Ja temos dado conta no capitulo coarto do decimo liuro da coarta decada, de como os Mouros conquistaõ o Decan, & daquelles

quelles cinco capitaens que se leuantaraõ com os estados que gouernauaõ, sendo Rey Daudarcan: & antre estes foi vñ delles o Nizamán Moluc, que quer dizer, page da lança, (por que o era d'Elrey como ja diffemos.) Este no aleuantamento geral o fez com aquella parte que gouernaua de Cifardan a te Nagotana, apelidandosse Soltaõ Hocen, (por que este era o seu nome.) E pôs sua cadeira na cidade de Amadanager. Este reinou a te os annos, de mil, coatrocentos, nouenta & coatro: & por sua morte socedeo seu filho Beran Soltan, que se jactaua proceder do sangue real dos antigos Reys de Xarbedar, por que se affirmaua, que dando Daudar Soltan, Rey de todo o Decan, hũa molher a este seu capitaõ Nizamán Moluc, que ya ja prenhe delle, & que parira este Boran Soltan: & assi se jactaua tanto disto, que depois da morte d'Elrey (que cuidaua que era seu pay) tomou por titulo, Soltan Boran Bauri, que quer dizer, Elrey Boran Falcaõ. Por que assi como esta aué se tem por mais real de todas: assi se tinha elle por mais do sangue real, que todos os outros Reys do Decan.

Foi este Rey grandioso, grande caualeiro, muito liberal, & taõ amigo dos bons caualeiros, que mãdaua por todos os reinos estrangeiros, buscar todos os que auia de

nome, & lhes daua muito, & fazia grandes merces. E assi ajuntou em seu reino todos os estrangeiros famosos, que á India passaraõ naquelle tempo, assi nas armas como nas letras, com o que o engrandeceo sobre todos os do Decan. Em principio de seu reinado descobrio o valeroso capitaõ Vasco da Gama a India, & este foi o que deu a dom Lourenço d'Almeida filho do Visorrey dom Francisco d'Almeida, dous mil pardaos cada anno de pareas pera Elrey de Portugal, pella guarda que daua as naos, & nauios que yaõ a seus portos: que depois o Visorrey dõ Francisco d'Almeida lhe pôs por obrigaçãõ de vassalagem, pella culpa que o seu Tanadar de Chaul teue na morte de seu filho dom Lourço d'Almeida, por que os q̄ lhe tinha dado a elle eraõ voluntarios. E tãbem foi o q̄ deu a Diogo Lopez de Siqueira, sendo Governador da India, lugar naquelle porto de Chaul pera fazer a fortaleza, q̄ ainda oje está em pé: & o q̄ se concertou com o Governador dom Esteuão da Gama sobre as fortalezas de Sangaçá & Carnalã, como agora acabamos de dizer.

Foi este Rey tocado do mal de saõ Lazaro, & buscou todos os remedios pera sarar delle, a te se banhar em sangue de mininos, de q̄ mandou encher grandes tanques, por lhe fazer crer vñ medico, que assi sararia, mas nada aproveitou,

ueitou, & assi viueo muitos annos, como adiante diremos: por que auemos de ir cõtinuando com todos os que forem socedendo, por ser assi necessario.

E tornando ao Governador dõ Esteuaõ da Gama. Tanto que cõcluiu os negocios de Chaul, passou a Baçaim, & a Diu, & proueo naquellas fortalezas em muitas cousas. De Diu despedio Manoel de Vasconcellos com cinco nauios de remo pera ir ao estreito de Meca a espiar as Galés, & a leuar prouimentos de moniçoens & armas a seu irmão dom Christouaõ da Gama. Os capitaens que cõ elle foraõ nos outros nauios eraõ Manoel d' Afõseca, Rafael Lobo, Christouaõ de Crasto, & Afonso Pereira. Despedidos estes nauios, & prouidas algũas cousas mais naquella fortaleza, deu o Governador à vela pera Goa, aonde chegou, & proueo nas cousas de Malaca, & Maluco. E mãdou Manoel Coutinho a inuerner à fortaleza de Chalè com soldados: & Bernaldim de Sousa a Cochim, & Vasco da Cunha foi a Bengala com hũa nao carregada de fazenda, por conta d'Elrey, que era entãõ viagem, que importaua muito. E porque na costa do Canarà andauaõ alguns ladroens formigueiros, despacho pera andar nella o resto do veraõ Dom Luis de Atayde, com oito nauios, & recolheosse como foi tempo com alguns que tomou.

## CAPITULO VII.

*Das cousas que acontecerãõ a dom Christouaõ da Gama na Abasia: & de alguns recontros que teue com os Mouros, em que os disbaratou.*



**D**EIXAMOS dom Christouaõ da Gama na cidade de Baroá, em companhia da Raynha, esperando que passasse o inuerno, & que lhe viesse recado do Emperador, a quem tinha escrito, como ja dissemos no derradeiro capitulo do 7. liuro, que naõ tardou muito que lhe naõ viesse, ainda que naõ foi a reposta de suas cartas: mas com o primeiro recado da Raynha que o Emperador teue da chegada dos Portugueses, despedio logo um correo mûy apressado cõ cartas a dõ Christouaõ. Este correo chegou a Baroá, auendo vinte dias que ali estaua, em que lhe dizia, como soubera de sua chegada ali, & que aquelle seruiço feito a Deos, elle o pagaria assi a Elrey seu irmão, como a elle, q̃ lhe pedia muito que se fosse chegãdo pera elle como entrasse o veraõ, pera se juntarẽ ambos, & irẽ buscar os inimigos, & que cõ sua ajuda esperaua de os disbaratar, & destruir de todo. Com esta carta se começou dom Christouaõ a negociar, mãdãdo a Raynha trazer

trazer muitas mulas, & seruidores pera o meneo do exercito. E em Outubro passado de 541. tanto q̄ as chuvas cessaraõ, começaraõ a marchar em muito boa ordem.

Yaõ diante dous capitaens com algũas peças de artelharia de campo, & no meyo toda a bagagem, & atras della a Raynha, & o Patriarcha, entregues a cincoenta espingardeiros Portugueses, de que era capitaõ Miguel de Castanho (q̄ de toda esta jornada fez vm copioso tratado, que está em nosso poder.) Na retaguarda ya dom Christouaõ, o Barnagais, & os mais capitaes Abexins yaõ pellas ilhargas do escoadraõ, & diante de todo elle yaõ alguns caualos ligeiros pera descobrirem o campo. Nesta ordem caminharãõ oito dias a te chegarem a hũa serra que chamaõ o Gane, que era de vm senhor Abexim, que andaua lançado com os Mouros. Aqui veyo vm irmão seu lançar-se aos pés da Raynha, & de dom Christouaõ, a cujo rogo ella lhe fez merce das terras do irmão.

Estando aqui chegou recado apressado de como Elrey era ja abalado, & vinha caminhando pera se ajuntar com elles. Por este caminho acodiraõ muitos vassallos q̄ andauãõ ausentes com medo dos Mouros. Em cima desta serra do Gane auia hũa cidade, & no mais alto della hũa ermida muito alua, a que nenhũa pessoa po-

dia ir sem muita difficuldade & trabalho, por causa do caminho ser demasiado ingrime, estreito, & de muitas voltas, que era o que o fazia mais difficuloso. Junto desta ermida em hũa pequena casa estauãõ trezentos homens mirrados, todos cozidos em couros secos, & alguns delles estauãõ ja rotos & gastados, mas os homens saõs & inteiros. Corria entre a gente da terra como per tradição q̄ auia muitos annos que aquelles homẽs vierãõ ter áquella terra, & que a conquistaraõ em tempo dos Romanos. Outros diziaõ que eraõ santos: & o Patriarcha dom Ioaõ Bermudes era deste parecer, & que foraõ ali martyrizados pellos Romanos cõ aquelle genero de martyrio, & que isto era o que ouuira dizer no tempo q̄ esteue no Preste antes que fosse Patriarcha. E algũas pessoas lhes tinhaõ taõ grande veneração, que tomauãõ reliquias suas tẽdoos por santos martyres. Mas naõ auia nenhum dos naturaes que soubesse dizer o como aquillo era, nem escriptura que disse desse noticia.

Seja o q̄ for o caso he affas notauel, & dino de memoria: nem pode carecer de algum grãde mysterio, estarem tantos annos trezentos homens brancos, cozidos em couros sem lezaõ, ou corrupção algũa. Parece que traz caminho o que dizia o Patriarcha, que foraõ martyrizados em tempo dos Romanos,

manos. E ou sejaõ, ou não sejaõ martyres, não he nosso intento affirmalo: mas escreuemolo pera q̄ aja memoria de hũa cousa taõ notauel.

D'aqui foraõ os nossos caminhando a te outra serra fortissima chamada Canete, que estaua por Elrey de Zeila, & tinha dentro mil homens de guarnição. Tinha esta serra tres passos muiy difficultosos, & fortificados com muros & portas, & os caminhos que yaõ ter a ellas eraõ taõ ingremes, & estreitos, que era medo vellos, quanto mais cometelos, por que só com galgas se podiaõ defender a todo o poder do mundo. A serra em cima era muito chá, & fresca, de muitas fontes, & ribeiras de agoas serenissimas & singulares: & por derredor muitas aldeas, & grandes criaçoens de gados. Aqui se costumauaõ a coroar os antigos Emperadores da Abasia. A gente que aqui tinha Elrey de Zeilá, saya de contino a saltar os caminhos, & a destruir as aldeas circum vezinhas.

Informado dom Christouaõ dos danos que d'ali faziaõ, determinou de tomar aquella serra, & tirar d'ali aquelle impedimento. Isto comunicou com a Raynha, & Barnagais, que trabalharaõ muito pello tirarem d'aquelle pensamẽto, pello muito grande risco a que se queria pór, sem proueito algũ: por que auiaõ por cousa muito im-

possiuel poderse entrar aquella serra. Mas dom Christouaõ confiado em Deos, por cujo seruiço se offercia a todos aquelles riscos & trabalhos, não desistio de seu proposito: & depois de bem informado, & certificado do sitio, & passos da serra, pòs a sua gente em ordem: & mandou Manoel da Cunha, & Francisco Velho com suas companhias, & com tres peças de artilharia, que cometessem o primeiro passo: & Ioã d'Afonseca, & Francisco d'Albreu com outras tantas peças que cometessem o segundo, ficando elle com a sua gente pera o terceiro passo. E assi dado ordem a tudo os cometeraõ ao primeiro de Feureiro, ficando a Raynha, & o Patriarcha, com o Barnagais no exercito, & Miguel de Castanho coõ os espingardeiros de sua guarda. E remetêdo com os passos deraõ-lhe hũa grande surriada de artilharia, & de arcabuzaria. Os inimigos que estauaõ á lerta descarregaraõ pella serra abaixo com hũa multidaõ de Galgas, que vieraõ por ali abaixo com tamanho terremoto, que parecia que se desfazia o mundo. Os nossos que ja estauaõ ensinados de dom Christouaõ do que auiaõ de fazer, tanto que deraõ sua salua, tornaraõse a recolhẽr pera seus alojamentos: por q̄ não quis este dia mais, que reconhecer os passos como fez. Os Mouros cuidando que os Portugueses fogiaõ deraõ grandes apurpadas,

padas, & toda a noite fizeraõ grandes festas, auendo que tinhaõ alcãçado hũa grande vitoria. A Raynha ficou triste, por que cuidou q̄ aquella retirada dos nossos fora por não ousarem a cometer a serra, & quasi que desconfiou.

Dom Christouaõ logo foi auilado de tudo aquillo, & mandoulhe dizer que se não agastasse, por que ao outro dia veria como os Portugueses pelejauaõ, & que elles não costumauaõ a fogir a ninguẽ, que antes perderiaõ as vidas que fogirem polas conseruar. Ao outro dia pella menhã, que foi da Purificação da Virgem Maria. Senhora nossa, mandou dom Christouaõ dizer Missa, a que todos estiueraõ com muita deuação: & acabada ella, remeteraõ na ordem passada com a serra, deixando a artelharia ao sopé della, em parte que podesse jugar só pera terror. E cometendo os capitaens as partes que lhes estauaõ encomendadas, deitaraõ pellas ilhargas a arcabuzaria, que foi disparando sempre, pera afastarem os imigos que lançauaõ as Galgas, que vieraõ caindo com grande terremoto por antre os nossos, matando algũs: os mais como yaõ com aquella furia, foraõ rompendo por tudo a te chegarẽ ás paredes dos passos, sendo os primeiros que se adiantaraõ a te as portas Manoel da Cunha, & Francisco Velho: & abalroandoas sobiraõ por ellas, leuando os imigos

diante ás lançadas, ate a outra porta que estaua antes de chegar ao cume. Aqui foi a referta grande onde matareaõ tres Portugueses. Os Mouros que estauaõ em cima, vns a caualo, outros a pé, vendo a poquidade dos Portugueses, mandaraõ abrir a porta pera que entrassem.

Manoel da Cunha, & Francisco Velho, vendo a determinação & confiança dos imigos entraraõ pelas portas adiante, a te sobirem ao taboleiro, a onde se trauou hũa fermosa batalha. O capitaõ da serra andaua em vm fermoso caualo, & dos primeiros encontros matou dous soldados, & como homem soberbo, & confiado, andaua a hũa & a outra maõ escaramuçando, atirandolhe os nossos muitas espingardadas sem algũa lhe acertar. Nos outros passos tambem auia trabalho. Ioaõ d'Afonseca, & Francisco d'Abreu, depois de perderẽ alguns companheiros, passaraõ todas as difficultades a te sobirem ao plano da serra, & o mesmo fez dom Christouaõ, soffrendo grandes riscos & trabalhos, a te se pôr em cima, a onde se trauou antre todos hũa asperissima batalha, fazendo a nossa espingardaria grande estrago nos imigos.

Em fim tanto apertou dom Christouaõ pella sua parte, que leuou os Mouros de arrancada, & o mesmo fizeraõ Ioaõ d'Afonseca, & Francisco d'Abreu, que depois de

*Quinta Decada. Da historia da India.*

se ajuntarem foraõ matando & ferindo nos Mouros, a te os leuarem diante de si ao passo em que o seu capitaõ pelejaua com Manoel da Cunha, & Francisco Velho, que tinhaõ pelejado muito bem, por q̃ o faziaõ com a mór força dos imigos, que todos acodiaõ a onde estaua o seu capitaõ. Dom Christouaõ, & os mais capitaens chegaraõ áquella parte, ficando-lhe ja os imigos no meyo, & apertando com elles os pozeraõ em disbarato matando muitos, & os outros com a pressa & desatento, por fugirem da morte, deraõ em outra muito mais cruel, que foi lançarem-se da serra abaixo, & fazerem-se em pedaços. O capitaõ Mouro nunca se quis recolher, & pelejou a te o matarê. Auida esta tamanha vitoria, foise dom Christouaõ ao lugar principal, que estaua com todo o recheo, & muitas molheres & mininos, q̃ foraõ catiuos, & tndo mais metido a sacõ.

Dom Christouaõ mandou pela Raynha, & pello Patriarcha, & sobidos acima ficaraõ pasmados do que viraõ, parecendo-lhe aquillo sonho: por que na imaginaõ dos nauraes era cousa que se não podia crêr, nem acabar por forças humanas. Dom Christouaõ da Gama pedio ao Patriarcha, que benzeffe hũa Mesquita que ali estaua, o que elle logo fez com grandes cerimoniaes, inuocando a nossa Senhora da Vitoria, onde ao outro

dia se disse Missa, a que todos assistiraõ com grande deuaçãõ. A Raynha se detene em cima alguns dias, prouendo aquella serra de capitaõ & gente. E pera esta vitoria ser mais celebrada, chegaraõ áquella serra dous Portugueses que Manoel de Vasconcellos despedio de vm porto junto de Maçuá: por que depois que partio de Goa entrou aquelle estreito, & não foi de mandar Maçuá, por estar pellos Turcos: mas foi tomar outro porto, dez ou doze legoas mais pera dentro, donde despedio aquelles homens com cartas a dom Christouaõ.

Estes homens foraõ recebidos com grande aluoroço de todos, festejandosse por todo o exercito as boas nouas da India. E por que Manoel de Vasconcellos esperaua por seu recado, pera lhe mandar as cousas que lhe leuaua: despedio logo Francisco Velho, com a gente da sua bandeira, em companhia d'aquelles dous homens, pera arrecadar as cousas que Manoel de Vasconcellos lhe trazia, apressando o mais que poderaõ, por que Manoel de Vasconcellos auia de tornar a inuernar á India. Dom

Christouaõ escreueo ao Governador seu irmaõ muito largamente todas as cousas que á te entãõ lhe eraõ acontecidas.

## CAPITULO VIII.

*Do que mais aconteceu a dom Christouão da Gama: & de como o Rey de Zeilã o foi cometer em os vallos, & da aspera batalha que tiuerão, em que Elrey foi ferido, & disbaratado: & escapou foyndo.*



ESPEDIDO Francisco Velho: dahi a poucos dias chegou outro recado do Emperador pera dom

Christouão da Gama, em que lhe rogaua que se fosse chegando pera elle, por que elle tambem o vinha fazendo, pera se ajuntarẽ ambos. Com isto começou dõ Christouão a marchar na mesma ordẽ em que a te li viera: & foi entrando pellas terras do Iarte (que era outro senhor Abexim) que tambẽ andaua com os Mouros. Este sabendo da ida de dom Christouão da Gama, mandou vñ Embaixador á Raynha a lhe pedir perdaõ das culpas passadas: & que se obedecera ao Rey de Zeilã, fora por não poder mais, que elle a queria acompanhar, & seruir naquella jornada como seu vassalo que era. A Raynha lhe mandou perdaõ & seguro: com o que elle logo veyo com toda a sua gente a beijar a mão á Raynha, & darlhe a obe-

diencia. Depois foi falar a dom Christouão, a quem deu seis caualos muito fermosos pera sua pessoa, affirmandolhe que pello caminho que leuauaõ não deixariaõ de encontrar Elrey de Zeilã: por que elle tinha sabido por espias certas, que era partido muito determinadamente em busca delle.

Com estas nouas foi dom Christouão da Gama caminhãdo, com mais resguardo, & vagar, por ir esperando por Francisco Velho, q̃ era em Macuã. Elrey de Zeilã q̃ vinha caminhando em busca dos nossos não tardou dous dias depois, que não tiuesse dom Christouão recado dos corredores, que ja os Mouros apareciaõ. Dom Christouão não se mudou, nem toruou em cousa algũa, antes com grande animo, & conselho, ordenou sua gente em vñ fermoso campo, & assentou seu exercito com as costas em hũa serra, fazendo na mais pequena forma que pode, ordenandolhe seus vallos, fossas, & trincheiras: plantando sua artelharia á roda, & repartindo as estancias pellos capitaens, ficando a Raynha com o Patriarcha em meyo, com toda a bagagem, & o Barnagais em sua guarda. Aquella noite passaraõ com grande vigia, & ao outro dia que foi Domingo de Ramos appareceraõ os corredores d'Elrey de Zeilã, que vinhaõ descobrindo o campo, & vendo o exercito tornaraõ a voltar.

Dom

Dom Christouaõ mãdou dous Portugueses em caualos ligeiros, q̄ fossem descobrir os imigos, q̄ de cima de v̄m tezo os viraõ, & muito deuagar estiuerã. notando o exercito, & o numero da gente: & tornando a voltar disserã que os Mouros eraõ tantos que cobriaõ os campos. Naõ tardou a pos isto muito espaço que naõ começãsc̄ de apparecer por cima de v̄m tezo, em que Elrey se pós auer o arrayal, mandando d'ali alguns capitaens, que fossem dar hũa vista aos nossos, & traassem com elles algũas escaramuças, pera os prouocarem a sairem ao campo, fora dos vallos, auendo que se os colhessem fora aueria pouco que fazer em os disbaratar. Os capitaens foraõse estendendo pello campo, & cingindo o arrayal com grandes estrondos de atabales, trombetas, & outros instrumentos de guerra, dando mostras de quererem cometer o exercito. Dom Christouaõ sem perder v̄m ponto de sua obrigaçaõ, visitou todas as estãcias, & proueo em tudo o que lhe pareceo necessario, animando, & esforçando aos Abexins, que os Portugueses naõ tinhaõ necessidade disso: por que o estauaõ tanto, que desejavaõ de saltar fora dos vallos, pera pegarem com os Mouros.

E por que se chegauã muito, mandou dom Christouaõ que desparassem nelles algũas peças de artilharia, com que os fizeraõ afa-

star com bem de dano, & mortes dos imigos, & todo aquelle dia ficaraõ no campo á vista dos nossos. A dom Christouaõ pareceolhe q̄ de noite o quisessem cometer, & toda ella passou com as armas na mãõ. Ao outro dia tanto que amanheceo, tornaraõ os Mouros a se chegar, adiantandosse alguns Turcos, por ganharem terra com Elrey de Zeilã, que sempre esteue no tezo com tres bandeiras aruoradas, & cometerã as estancias cõ grande determinaçaõ, despejando primeiro suas cargas, mas a artilharia os escandalizou de maneira, que se afastaraõ cõ muitos menos, & a tiro de espingarda fizeraõ hũas paredes de pedra enfosso, & detras dellas se poseraõ ás espingardadas com os nossos de que feriraõ alguns. Dom Christouaõ acodio áquella parte, & por que os imigos se naõ fossem auezinhar mais com elle, deitou fora Manoel da Cunha, & Inofre d'Abreu, com suas bandeiras pera irem desfazer as paredes.

Saidos elles do arrayal, remeterã com as paredes ás espingardadas, & pondolhes os peitos, deitaraõ dellas os Turcos bem escandalizados, & derribaraõ as paredes á sua vontade. Os capitaens d'Elrey de Zeilã vendo fogir os Turcos remeterã com os nossos, que os esperaraõ com as costas no arrayal, trauando com elles hũa fermosa batalha, em que ouue algum dano

dano d'ambas as partes, ajudando das outras estácias com a artilharia. Dom Christouão da Gama tocou a recolher por que não ouueffe algum desarranjo, o que elles fizeraõ com muito tento, ficando todo o campo descuberto à artilharia, que fez nos imigos tal estrago, que se recolheraõ pera onde estaua Elrey. Esta noite passaraõ os nossos com grande vigia.

E porque naquelle lugar não auia agoa, nem palha pera os caualos, & poucos mantimentos pera a gente, tomou dom Christouão conselho sobre o que faria, & affentouse que se aleuantassẽ d'ali, & fossẽ marchãdo em vm escoadraõ muito fechado: & que se os Mouros os cometessẽ q̄ lhes dessẽ batalha. Com esta resoluçãõ se leuaraõ, & formaraõ seu escoadraõ muito bem, leuando a artilharia de feiçãõ, que podesse jugar pera todas as partes. No meyo ya a Raynha, & o Patriarcha, & toda a bagagem.

Dom Christouão da Gama ficou de fora cõ oito de caualo pera governar o exercito, & ver com o olho tudo, & o Barnagais com os mais capitaens Abexins repartio em duas alas de ambas as bandas do escoadraõ, & nesta forma foraõ caminhando muito seguros & cõcertados. Elrey de Zeilá esteue vendo os Portugueses como se ordenauaõ: & tanto que foraõ marchando pello campo largo, arre-

bentou com todo o poder, & os foi cometer rodeandoos por todas as partes sem os nossos deixarem o compasso que leuauaõ, jugando sua arcabuzaria pera hũa & outra parte, em muito boa ordem. Os Turcos que yaõ afrontados dos Portugueses lhes ganharem as paredes apertaraõ muito com elles, adiantandosse de todos com sua arcabuzaria, com que fizeraõ algũ dano. Dom Christouão da Gama vioffe taõ apertado, que mandou a Manoel da Cunha, que lhes saisse com a sua gente, o que elle logo fez, trauando com os Turcos muito determinadamente, matando-lhes do primeiro cometimento alguns, & fazendoos retrair a seu pezar. Os Mouros vendo os nossos baralhados acodiraõ aos seus, & misturãdosse todos rodearaõ Manoel da Cunha, q̄ fez maravilhas, & todauia esteue arriscado a se perder, se dom Christouão o não socorrera em pessoa, metendosse no meyo dos imigos como vm liaõ brauo, matando, & derribando muitos: & todauia nos primeiros encontros lhe deraõ hũa arcabuzada por hũa perna, com que pelejou sem se sentir que estaua ferido. Elrey acodio àquella parte com todo o seu poder, trauandose entre todos hũa asperissima batalha, pelejada por todas as partes com grande crueza. A artilharia ficou sempre jugando o melhor q̄ pode, fazendo nos Mouros dano grandis-

grandissimo. A Raynha vendo a batalha naquelle estado, & a multidão dos Mouros de que toda á roda estava cercada, ouue tudo por perdido: mas todavia vendo o que os Portugueses fazião, & o grã de esforço cõ que pelejauão, não deixaua de ter algũa confiança, em comendando o Patriarcha aquelle negocio a Deos: que permitio que estando a cousa no mayor perigo dessem hũa espingardada em Elrey por hũa coxa que lha atraveffou toda caindo logo no chaõ. Os seus acodindo ali, & cuidando que era morto, aleuantandoo, abaterão as tres bandeiras que andauão sempre pegadas com elle, & foraõse recolhendo. Dom Christouão vendo ir os inimigos em disbarato, contentouse com a vitoria que Deos lhe tinha dado, & fazendo final a recolher, plantou ali seu exercito pera se curar, & o fazerẽ a muitos que estauão feridos. Morrerão da nossa parte onze Portugueses, em que entravaõ Luis Rodriguez de Carualho, (aquelle de que muitas vezes falamos no primeiro cerco de Diu no capitolo terceiro do liuro terceiro) & Lopo da Cunha, homẽs fidalgos, & muito bons caualeiros: que primeiro que perdessem as vidas, tomaraõ dellas bem larga satisfação nos inimigos, mandãdoos dom Christouão da Gama enterrar a todos juntos.

Vendo a Raynha a merce que lhe Deos fizera, mandou armar

suas tendas, & em hũa dellas recolheo todos os feridos que mãdou curar com muito cuidado, fazendo primeiro a dom Christouão, & a Manoel da Cunha, que tambem tinha outra espingardada: estando ella presente à cura de ambos, fazendo com suas proprias mãos os fios, & as ataduras com muitas lagrimas de prazer: & por hũa parte festejava a vitoria, por outra mostrava o sentimento que tinha de ver dom Christouão ferido, administrando ella, & suas moheres todas as cousas necessarias pera os feridos, com muito amor, & charidade. Dõ Christouão não se descuidou com a ferida de sua obrigação, antes depois de curado mandou fortificar o arrayal, indo elle em hũa cadeira correr as estãcias, & ver tudo com o olho, & despedio espias pera irem saber dos inimigos. E logo aquelle mesmo dia escreueo hũa breue carta pera o Governador em que lhe daua cõta da vitoria, & a despedio por um correo pera a levar a Manoel de Vasconcellos: escreuendo tambẽ a Francisco Velho que se apressasse o mais que podesse pera se vir pera elle por que o ya esperando. Naquelle lugar se deixaraõ ficar a te o Domingo da Pascoella mandando a Raynha buscar por todas as aldeas vizinhas todas as cousas necessarias pera a gente. Passada aquella somana, achandosse dom Christouão ja bem, &

os mais dos feridos saõs, leuantou o arrayal pera ir buscar os imigos, que estauaõ d'ali perto, pera lhes dar batalha, por que estauaõ atemorizados, & facilmente os poderiaõ disbaratar, & assi foi marchando, muito fechado, & có grandes atalayas. Elrey de Zeilá logo foi auisado da ida dos Portugueses: & por que ja se achaua bem da espingardada, ao menos fora de perigo, leuantou seu campo, & os foi esperar ao caminho, fazendosse leuar em vm andor. Chegados vns á vista dos outros, tornaraõ os Mouros a estenderse pello campo pera cercarem os nossos á roda, mas os nossos como estauaõ com a mão folgada da vitoria passada, os esperaraõ com mais determinação, trauandosse antre todos hũa aspera batalha, fazendo a nossa artilharia, & espingardaria nos Mouros mūy grande estrago. Os imigos desejanõ de se satisfazerem da quebra passada, metiaõse pella batalha como desesperados, naõ arreccando perigo algum. Vm capitão de cincoenta caualos, que parece foi magoado, foisse meter em meyo dos nossos como doudo furioso, mas foi logo morto com á mór parte dos seus.

Dom Christouaõ subioffe em vm fermoso caualo, & vendo que os nossos leuauaõ ja a milhor, apelidando Sanctiago, Sãctiago, rompeo nos Mouros mūy denodadamente, seguinõo todo o mais ca-

bedal do exercito, & dando nelles com taõ grande impeto, que com morte de muitos os arrancou do campo, fazendolhes virar as costas. Dom Christouaõ tanto que os vio ir em disbarato, despedio alguns capitaens em companhia do Barnagais, pera q̄ lhes fossem seguindo o alcance, como fizeraõ, indo derribando, & matando nelles bé à sua vontade. Aqui fizeraõ os Abexins marauilhas, que em quãto a batalha esteue arriscada deixaraõ todo o pezo della sobre os nossos. Os Mouros yaõ taõ desordenados, que se dom Christouaõ da Gama tiuera duzentos Portugueses de caualo, sem duuida Elrey de Zeilá fora tomado ás mãos: por que ya no andor fugindo, & todauia perdeo a mór parte de sua gente no alcance que durou vm bom espaço. Dom Christouaõ da Gama tomou conselho com o Barnagais, a onde passariaõ aquella noite, & assentaraõ q̄ fosse em hũa ribeira q̄ estaua d'ali mea legoa: & assi foraõ marchando, enterrando primeiro ali noue Portugueses q̄ nesta batalha morreraõ.

Elrey de Zeilá estaua agalhado nesta mesma ribeira, bem descuidado de os Portugueses poderem passar lá aquelle dia: & os nossos de cuidarẽ achalo ali: chegando os Portugueses á vista della, tanto que teue rebate, meteosse no andor & foi fugindo com muita pressa, & os seus a pos elle: & to-

do o resto do dia, & toda a noite foraõ caminhando com tamanha pressa, que o medo lhes fazia parecer, que os nossos lhes yaõ nas costas: & não pararaõ a te se recolharem em hũa serra muito forte. Dom Christouaõ chegou à ribeira, & junto della se alojou por ser muito abundate de agoas, & muy abastada de eruas pera as caualgaduras, & ali descansaraõ aquella noite com grandes festas. Ao outro dia chegou Francisco Velho com muitas monçoens, armas, & prouimentos, & com cartas do Governador pera dom Christouaõ, & pera todos os capitaens, cõ o q̃ a vitoria ficou sendo de mais gosto: ainda que meteo grandes inuejas em Fráncisco Velho, & seus companheiros, por se não terem achado nella. Ali souberaõ todas as nouas que lhe Manoel de Vasconcellos deu. E por que começauaõ ameassos do inuerno, recolheraõse a inuernar a onde à Raynha melhor lhe pareceo, & onde possessem ser melhor prouidos de tudo: ali se deixaraõ ficar esperãdo pello Emperador.

CAPITULO IX.

*Do que aconteceu ao Governador Martim Afonso de Sousa em Moçambique, a te partir pera a Fndia. E de como a sua nao se foi perder em Ba-*

*çaim, & elle chegou a Goa. E de como dõ Esteuaõ da Gama lhe entregou a Fndia.*



A muito que deixamos o Governador Martim Afonso de Sousa em Moçambique, fazêdose prestes pera ir inuernar á India: & andandosse negociãdo cõ muita pressa, foi auisado q̃ dom Aluaro de Tayaõ de irmão do Governador dõ Esteuaõ da Gama, q̃ viera na sua companhia, determinaua de mandar diãte auisar seu irmão, & q̃ pera isso se negociaua vm Pangayo em muito segredo: & achãdo ser verdade, mandou o prêder dentro na fortaleza, & a Luis Mendez de Vasconcellos que era o que determinaua de ir a Goa: & mandou pôr grandes guardas no rio, por q̃ nada saisse pera fora. E por todos os rios de hũa & da outra parte mãdou tomar todos os pãgayos q̃ auia, fazêdo sobre isso grãdes exames, pera que não fosse cousa algũa diante d'elle. E dando ordem a algũas cousas d'aquella fortaleza, & despedindo vm Catur que ali achou com cartas a Martim Afonso de Mello Iuzarte capitãdo de Ormuz, pera que em Agosto, lhe mandasse todo o rendimento da alfandega, que ouuesse: escreuendo a Elrey, & ao Guazil, cartas de offerecimentos.

Feito

Feito isto embarcouse no Galeão, em que foi Luis Mendez de Vasconcellos, por ser nauio mais maneuel & ligeiro: leuando consigo Aleixos de Sousa, & a sua nao Sanctiago fez della capitaõ dom Francisco de Noronha, filho de vm irmão do Marquez de villa Real, clerigo, pera a leuar consigo, deixando as outras naos pera se irem na moução de Agosto: & a quinze de Março se fez à vela, indo em sua companhia Diogo Soarez de Mello na sua Galeota, sem largar hũa hora o Galeão. O Governador foi correndo a costa de Melinde, & sorgio na baya d'aquella cidade, onde Elrey o foi logo visitar ao Galeão, com muitas festas & tangeres, & lhe mandou diante vm grãde presente de cousas da terra. E detendosse aquelle dia tornou a sua viagem: & por achar muitas calmarias foi tomar Sacotorá, onde se refez de agoa, & refresco. Dali atraueffou com tépos frescos, & no golfo se apartou delle a nao Sanctiago, que foi correndo sua derrota, dandolhe na entrada de Mayo algũas trouoadas, que eraõ ameassos do inuerno, foi auer vista da costa da India, de Dabul pera cima. Ali lhe deu vm tépo da parte do Sul taõ grosso, que lhe foi forçado correr em popa com vm bolsõ de vela. E como o vento & a tormenta era grãde, & o ceo estava toldado, & o tépo escuro, não vendo o Piloto por

onde ya foi varar no rio das cabras na ilha de Salfete de Baçaim, a onde se fez em pedaços. A gente parte della se afogou, por se querer lançar a nado à terra: & a outra que se deixou ficar na nao toda se saluou, por que da terra lhe acodiraõ logo muitas almadias. Dom Francisco de Menezes capitaõ de Baçaim, foi logo auisado, & embarcandosse no mesmo dia em algũs nauios acodio a nao, de q̃ com grande diligencia & trabalho tirou o dinheiro do cabedal, & toda a artelharia, & muita fazenda outra, & ainda a mór parte do cobre que leuaua no lastro, & muitas outras cousas da nao, amarras, ancoras, cordoalhas, mastos, vergas, entenas, cabrestantes, poleame, & todas as mais cousas, q̃ ainda seruirão depois: & leuou dõ Francisco de Noronha, & toda a gente da nao pera Baçaim, a onde inuernou mandandolhes pagar coarteis, & dar mesas, despendendo muita parte de sua fazenda, & da d'Elrey: por q̃ não atauaõ os Governadores naquelle tépo taõ as mãos aos fidalgos, como agora: por q̃ tãbẽ entendiaõ delles, quaõ puros & desinteressados viuiaõ.

O Governador com a Galeota de Diogo Soares, de Mello q̃ sempre o seguio, foy tambem corredo o tépo q̃ lhe alcãçou, mas ja pertodos Ilheos queimados, & taõ pegado com a terra que lhes não fez nojo, & ainda que com trabalho, foraõ

forão ferrar a barra de Goa, a seis dias de Mayo ja sol posto: sem auer delle auiso, nem ser visto, por logo escurecer. O Governador desembarcou logo na Galeota de Diogo Soarez de Mello, & as onze horas da noite se foi meter nas casas de Antonio Pessoa Correa, a q̄ chamauão, Sanctos, que estão fora da cidade no caminho de São Pedro. D'ali despedio na mesma Galeota o Secretario Antonio Cardoso, homem letrado, que com elle vinha, por quem mandou visitar dom Esteuaõ da Gama, & a fazerlhe a saber de sua chegada. E com elle mandou Ieronimo Gonçaluez Sarmiento seu camareiro, & outro homem de sua obrigação, pera que lhe fossem levar o Secretario, & o Thifoureiro: por que vm não podesse fazer prouisão algũa, em quanto dom Esteuaõ lhe não entregaua a India: nem o Thifoureiro podesse fazer pagamento algum, por que sua tenção foi, tomar todos de sobresalto. E assi deu por regimento ás pessoas que mandaua, que não lhes dessem lugar pera irem ao Governador, nẽ pera bolirem em cousa algũa. Diogo Soares de Mello foi surgir com a sua Galeota no cais da cidade onde oje estão os aposentos dos Visorreys, sendo ja mēya noite, ou mais, & disparou vm falcão com pilouro, que foi zonindo por cima das casas do sabayo, onde poufaua dom Esteuaõ da Gama. O Se-

cretario desembarcou logo, & foi bater ás portas do Governador, a quem mandou recado q̄ estaua ali. Dom Esteuaõ da Gama sayo fora cuberto com vm roupaõ, & Antonio Cardoso lhe disse, que o Governador Martim Afonso de Sousa lhe mandaua beijar as mãos, q̄ lhe mandasse nouas de sua saude, & que lhe fazia a saber que era chegado. Dom Esteuaõ com muita segurança lhe perguntou a onde estaua: & dizendolhe que nas casas de Antonio Pessoa, dando à cabeça disse ao Secretario. Assi me toma o senhor Martim Afonso como ladraõ? Ora dizeilhe, que sua vinda seja boa: & com isto o despedio. Os outros dous q̄ eraõ enuiados aos officiaes, entraraõ por suas casas, & lhes deraõ o recado do Governador, & não lhes dãdo lugar pera se vestirem bem, affi mal vestidos os leuaraõ consigo: & co elles se deteu o Governador toda a noite em saber das cousas da fazenda.

Dom Esteuaõ da Gama ficou enfadado do pouco respeito q̄ em Portugal se lhe teue, & de o mandarem tirar por vm homem que não era seu amigo, & toda a noite passou sem dormir, cuidando no agrauo que se lhe fez. As nouas da chegada do nouo Governador corraõ logo pella cidade, q̄ começou a arder em aluoroco, acodindo os parçes & amigos de vm & de outro a saberem nouas, &  
aos

aos acompanhar a te amanhecer. Dom Esteuaõ da Gama foi logo auisado de como o Secretario & Thifoureiro foraõ leuados com aquella pressa, do que se tomou tão magoado. Tanto que foi de dia, mandou dom Esteuaõ recado aos Vereadores, & officiaes: & com os fidalgos que o acompanharaõ, foi a casa do Governador, pera lhe fazer entrega da India. Martim Afonso soube de sua ida, & o sayo a receber fora, mostrandofelhe dom Esteuaõ carregado, & de poucos cumprimentos, & ali lhe fez entrega da India, perante Fernaõ Rodriguez de Castello branco, Veador da fazenda, & de Ioaõ da Costa Secretario, que disso fez seu termo ordinario. Feito este auto despedioffe dom Esteuaõ do Governador, & d'ali se embarcou pera Pãgim, aonde inuernou, sem mais querer correr em amizade com Martim Afonso, que tanto que tomou posse da governança logo proueo o cargo de Veador da fazenda em Aleixos de Sousa, que lho accitou por pobre & por parente.

Os Vereadores prepararaõ vm grande recebimento ao Governador, & dahi a alguns dias entrou em Goa com grandes festas & alegrias. O Padre Mestre Francisco, com os companheiros que vieraõ no Galeaõ com o Governador, se

recolheraõ ao hospital, começando logo a dar grandes mostras de suas vidas, & doutrina, curando os enfermos com muita charidade: visitando os hospitaes dos gafos, consolandoos, & esforçaõdoos. Aos Domingos & dias Santos sayaõ pellas ruas a ensinar publicamente a doutrina Christã aos moços, pregando, & confessando a toda a hora que os chamauaõ, com grãde consolação de todo o pouo. Dom Esteuaõ da Gama tanto que se foi pera Pangim, mandou chamar o Ouuidor geral, & o Prouedor mór dos defunctos com seus escriuaens, & mandou por elles fazer inuentairo de toda sua fazenda, tomando elle juramento, & mandandoo dar a todos os criados que lhe corriaõ com sua fazenda: & segundo ouuimos afirmar a pessoas d'aquelle tempo dinas de fê, acharaõse lhe menos cincoenta mil pardaos do que tinha antes de entrar na governança, & a mór parte delles gastou na jornada do estreito, & disto tirou certidoens pera mostrar a Elrey.  
(:)

## CAPITULO X.

*Da armada que este anno de corenta e dous partio da noua Espanha pera as ilhas de Maluco, de que era capitão Ruy Lopez de Villalobos: e do que lhe aconteceu na jornada ate a ilha de Saragaõ. E do auiso que dom Forge de Crasto capitão de Maluco teue desta armada. E de um protesto que mandou fazer ao capitão Ruy Lopez de Villalobos.*



**C**OM a cobiça do crauo de Maluco, & com as grandezas q̄ d'aquellas ilhas contaraõ os da armada passada, determinou dom Antonio de Mendoça Visorrey da noua Espanha mandar a ellas hũa armada por sua conta, de que elegeo por capitão dom Ioaõ d'Aluarado, Adiantado da prouincia de Gati-mara, trezentas legoas do Mexico: que tinha tambem quinhaõ na jornada: mas depois das despezas feitas faleceo o dom Ioaõ d'Aluarado, de hũa queda que deu de um caualo, andando na conquista da noua Galiza, pello que ficou toda a armada ao Visorrey, que elegeo para ir nella Ruy Lopez de Villalobos. Esta armada partio do

porto de Natiuidad, dia de todos os Sanctos d'este anno de corenta e dous: a armada era de seis nauios, em que iriaõ trezentos & cincoenta soldados, & coatro frades da ordem de sancto Agostinho, de que era mayoral frey Ieronymo de sancto Esteuaõ.

E nauegando ao Ponente no cabo de oito dias viraõ hũa ilha chamada sancto Thomas, que está em dezoito graos & tres coartos, & passaraõ por algũas despouoadas em dezoito graos do Norte. Dia de Natal descobriraõ muitas outras pequenas cheas de aruore-do, & taõ alcantilladas, que não ou-saraõ a surgir antre ellas. E dia de sancto Esteuaõ o fizeraõ em hũa a que poseraõ o mesmo nome: ali fizeraõ agoa & lenha, & o Villalobos tomou posse della, & de todas as d'aquelle archipelago, pello Emperador Carlos Quinto. A este archipelago pozeraõ nome, dos coraes, pellos arrecifes todos serẽ delles, como os de Maluco: daqui partiraõ dia dos Reys, & passaraõ por muitas ilhas, a que poseraõ nome (por frescas) as dos jardins, que estaõ em dez graos. E nauegando por antre ellas, d'ali a dezoito dias chegaraõ a hũa ilha verde, de que lhes fairaõ alguns Paraos, com gente da terra bassa, como a de Maluco: & chegando junto de hũa das naos da conserua lhe falou um do dos Paraos em Portuguez, & lhes disse, bons dias mata-  
lotes:

lotes : & voltaraõ logo , por que viraõ despedirse da nao capitana o esquife pera os ir chamar, & d'aqui se ficaraõ estas ilhas chamando as dos matalotes, que estaõ em dez graos. E logo adiante acharaõ outra ilha , a que poseraõ nome, dos Arrecifes, por ter muitos, que tambem está em dez graos. Passada esta ilha acharaõ outra na mesma altura , a que poseraõ nome a Cesaria por amor do Emperador.

Aqui forgio a armada, & se deuteu trinta & dous dias , & deixaraõ de a pouoar, por naõ ser a terra boa: & por que leuaua o Villalobos determinado de o naõ fazer mais de doze graos. E passando a diante foraõ demandar a ilha de Mindanao, que naõ poderaõ dobrar, por que traziaõ os Pilotos da armada a ponta da ilha em onze graos & meyo, estãdo ella em onze. E achando ali o vento contrario correraõ ao Sul , & foraõ forgir em Saragaõ , & querendo desembarcar, foraõ mal recebidos da gente da terra, & lhe matareaõ coatro companheiros, pello que se tornaraõ a embarcar. Aqui foi ter cõ elles hũa Galeota da sua companhia , que auia dias que se tinha desgarrado com tempo , que foi dar em hũas ilhas muito abastadas de mantimentos , onde se proueraõ, & lhes poseraõ nome as Filipinas, pello Principe dom Felipe, herdeiro do Emperador Carlos Quinto. Aqui em Saragaõ estiue-

raõ alguns dias embarcados, & por que lhes faltauaõ mantimentos, embarcouffe o Villalobos na Galeota, & tomou outro nauio , & foi demãdar outras ilhas que estauaõ á vista , pera ver se achaua nellas coufa de que se prouesse. E chegãdo a ellas, desembarcou na praya com todos os da sua companhia: & em os vendo os naturaes despejaraõ a pouoação , & se acolheraõ a vm outeiro. Os Castellhanos os foraõ cometer , & tiueraõ com elles hũa batalha em que lhe matareaõ muitos, & perderaõ vm sõ compãheiro : & dando busca à pouoação acharaõ alguns poucos mantimentos , com que se tornaraõ pera a armada. E vendo que por ali naõ tinhaõ onde se prouessẽ , & sabendo como nas Felipinas acharaõ os da Galeota muitos mantimentos , mandou o general vm Bernardo de la Torre, por capitaõ de vm Galeaõsinho, chamado saõ Ioanillo , & a Pero Ortiz de la rueda na Galeota, & lhes deu por regimento, que fossẽ áquellas ilhas a buscar mantimentos, com que tornaria a Galeota, & o Galeaõ se faria na volta da noua Espanha com recado ao Visorrey do que lhe tinha socedido naquella jornada, escreuendolhe sobre isso largamente. Estes nauios foraõ ter áquellas ilhas, & a Galeota carregou de mantimentos, & tornou a voltar pera a armada, & o Fernãdo de la Torre se ficou negociãdo,

& prouendo pera sua jornada: & partio pera a noua Espanha entrada de Agosto, & de sua jornada a diante daremos rezaõ.

Ali ficaraõ os Espanhoes comêdo alguns mantimentos q̄ tinhaõ, que se lhe acabaraõ logo, & começaraõ a passar fomes & necessida-des, de feiçaõ, que entraraõ por cousas immundas, & nojentas: como caens, gatos, ratos, cobras, lagartos, & outras cousas semelhantes.

A noua desta armada chegou a Maluco a dom Iorge de Crasto, & por que sintio na gente da terra algũ aluoroço, despedio logo vm Antonio d'Almeida, que diziaõ q̄ era filho bastardo do cõtador mór do reino, com duas Corocoras, & lhe deu por regimento que fosse a ilha de Saragaõ, & soubesse a certeza d'aquella armada, & q̄ achando, desse hũa carta que leuaua ao capitaõ mór della.

Partidas estas Corocoras, foraõ com muito trabalho à ilha de Saragaõ, & achando a armada, mandou Antonio d'Almeida pella Corocora da companhia vm soldado a pedir ao general licença pera se ver com elle, pedindolhe refens pera sua segurança. Chegada a Corocora a armada pós a nouidade d'aquella embarcaõ aluoroço em todos os della: & entrando na capitana lhe deu o recado de Antonio d'Almeida. Ruy Lopez de Villalobos o recebeu com mui-

ta honra, & lhe entregou vm d'aquelles capitaens, pera ficar na outra Corocora em refens, em quãto vinha falar com elle. Com esta segurança foi Antonio d'Almeida ao Galeaõ, & o capitaõ mór o recebeu a bordo. E recolhidos pera a varanda lhe deu a carta de dom Iorge, que continha o seguinte.

Senhor, por algũas pessoas da terra soube da chegada de v. m. a essas ilhas, se foi com tempo fortuito, naõ tenho que fazer mais, q̄ pedir-lhe se venha pera esta fortaleza, onde o siruirei, & prouerei de tudo o necessario. Mas se sua vinda he a outra cousa, & por outro respeito, facolhe a saber que estas ilhas saõ d'Elrey de Portugal, & q̄ pello contrato que está feito antre elle, & o Emperador seu cunhado, nenhũa armada sua pode passar das ilhas das velas, que estaõ em dezassete graos escassos, & que elle estaua dos limites pera dentro naquellas ilhas em que estaua. Que lhe requeria da parte d'Elrey de Portugal, & do Emperador, que logo se tornasse, & naõ quillesse quebrantar as pazes que antre elles estauaõ feitas.

Ruy Lopez leu a carta, & logo lhe respondeo, dizendo assi de palavra a Antonio d'Almeida, como por carta, a dom Iorge: q̄ elle naõ vinha ali a deseruir Elrey de Portugal em cousa algũa, nem quebraua as pazes, porque aquellas ilhas em que estaua eraõ do Emperador:

perador: & com isto lhe escreueo muitos cumprimentos, de que os Espanhoes nada são auaros: & teue com Antonio d'Almeida outros. Elle se despedio do Villalobos, sem poder notar a gente que os nauios tinhaõ, nem o modo de como estauaõ, nem elle quis perguntar cousa algũa, por que lho não auiaõ de dizer. E voltando pera Maluco deu conta a dom Iorge do que passaua, & pella carta vio a resposta. E não faltou que murmurasse de Antonio d'Almeida, auendo que vinha peitado dos Castelhanos, por que trazia peças & brincos que lhe elles deraõ.

Vendo dom Iorge a resposta do Villalobos, despedio logo Belchior Fernandez Correa em tres Corocoras, & com elle vm tabaliaõ, por quem lhe mandou fazer grandes protestos, & requerimẽtos, pera que se saisse d'aquellas ilhas: & deu por regimento a Belchior Fernandez, que lhe mandasse hũa Corocora com a resposta, & que com as outras se fosse pór a Taguima, pera dar auiso à nao da carreira, ou à armada, se o Governador a mandasse, de tudo o que era passado.

Belchior Fernandez foi sua derrota, & achou ja os Castelhanos em Mindanao, com muitos mortos, por que lhe morreraõ muitos de doenças, & fomes, em Saragaõ, & foi demandar o porto de Camariaõ onde a armada estaua. E

entrando no Galeaõ do capitaõ mór, que o recebeo bẽ, lhe mãdou notificar o protesto, & requerimẽto que leuaua: q̃ continha o mesmo que por Antonio d'Almeida lhe escreueo. O Villalobos lhe respondeo tambem por outro protesto, feito pello mesmo tabaliaõ: que elle não estaua nos limites do serenissimo Rey de Portugal, nem entraria nelles, por lhe ser muito defeso: mas que estaua nos do Emperador seu senhor. E que lhe requeria que não perturbasse a paz, por que elle estaua muito prestes pera a comprir em tudo. Cõ isto se despedio Belchior Fernandez, & os Castelhanos ficaraõ naquelle lugar, esperando pella Galeota que era nas Felipinas: & vns poucos delles sairaõ vm dia em terra pera tomarem mantimẽtos, & deraõ os negros nelles, & mataraõ alguns: ao que acudio Frãcisco Marinho, mestre do campo com algũa gente, & tambem o mataraõ com muitos de sua companhia: & o Ruy Lopez de Villalobos imaginou sempre que fora ardil do Belchior Fernandez Correa, & q̃ deixara peitados os da terra peradarem nos Espanhoes se fossem a ella. Neste mesmo tempo chegou a Galeota das Felipinas com muitos mantimẽtos, & deu por nouas que o Galeaõ são Ioanilho, era partido pera a noua Espanha, & que aquella terra era muito boa, & fertil: & que os naturaes os deseja-  
uaõ

uaõ lá muito. Com estas nouas tornou o Villalobos a mandar a Galeota, & vm bargantim em que foi o mesmo Pero Ortiz, pera que se confederasse com os da terra, & lhe trouxessem mantimentos.

Partidos estes nauios dahi a oito dias o fez tambem o Villalobos na sua nao, & dous bargantins que fez (por que outro nauio dos da sua companhia era perdido.) E tomou a derrota das Felipinas, & tendo nauegado cincoenta legoas lhe deraõ os brizas, com que não pode passar, & despedio os bargantins pera as Felipinas, & nelles frey Ieronymo de sancto Esteuaõ Prior dos Agostinhos, & elle se foi meter em hũa baya da ilha de Cesaria, chamada Blancaí, onde se deixou ficar mais de vm mês esperando pellos bargantins, & ali lhe vendiaõ os da terra algum pouco mantimento. A Galeota que ya pera as Felipinas, achou ventos cótrarios, por onde não pode passar, & tomou hũa ilha chamada Hunaco, a onde lhe mataraõ doze soldados. E voltado pera Mindanao, foi tomar a enxada a onde estaua o seu general taõ falto de tudo, & em tanto aperto de fome, que daua a cada pessoa, coatro onças de arroz por dia, sem mais outra cousa.

E deixandoos agora pera seu tempo, tornaremos a Belchior Fernandez Correa (que foi com o protesto ao Villalobos.) Chegado

a dom Iorge com o recado & protesto que lhe o outro mandaua fazer, temendosse de algũa nouidade, fortificoussse muito bem, & fez vm baluarte de pedra & cal no canto do muro q̄ ficaua sobre o már, & forrou o muro com vigas muito grossas, & com seus entulhos. E temendosse que os Castelhanos fossem ao Moro, determinou de mandar lá hũa armada. E por que não tinha mais que duas fustas, pediu a Elrey algũas Corocoras, que lhe ele não quis dar, com bem roins escusas: por que não quis anoiar o Rey de Geilolo, & o de Tidore, que fauoreciaõ os Castelhanos, por pretender seu fauor, se o quisessem tirar do reino: por que esperaua todos os annos q̄ tornasse de Goa o irmaõ Tabarija.

Vendo dom Iorge que todos eraõ contra elle tratou de prèder Elrey: mas deixou de o fazer por não quebrar com todos, & pellos não ter declaradamente contra si. Quasi no mesmo tempo a dezoito de Outubro, chegou ao porto de Talangame o Galeaõ da carreira em que ya Gil de Crasto, que socedia naquella capitania a Fernaõ de Crasto, que falecera em Malacca: & por hũa prouisaõ que leuaua do Visorrey nomeou em seu lugar a Gil de Crasto, que deuia de ser, ou irmaõ, ou primo. Dom Iorge foi logo auisado de sua chegada, & o mãdou visitar, & pedir lhe suas prouisoens. Gil de Crasto lhas leuou,

leuou, & dom Iorge o recebeu bẽ, & o leuou por seu hospede. Ao outro dia presentes os officiaes, lhe pediu dom Iorge a carta de guia pera lhe entregar a fortaleza, & elle a apresentou, & abrindosse, se achou falar sô em Fernão de Craſto: pello que lhe não podia entregar a fortaleza, por que não auia cousa por onde ficasse desobrigado da menagem della. Gil de Craſto fez seus protestos: mas em fim o negocio se calou, por que dom Iorge o satisfez, & lhe comprou muito bem sua fazenda, & ficaraõ amigos.

## CAPITVLO XI.

*Do que aconteceu a Hamaũ Paxà Rey dos Magores, na corte de Xâ Ismael: & da ajuda que lhe deu pera tornar a conquistar seus reinos. E de como foi contra o reino dos Patanes, & de sua descripção: & de como foi desbaratado o Hamaũ, & lhe naceo seu filho herdeiro.*



M quanto nos dura o tempo do inuerno, em que não ha q̃ fazer em nossas cousas, daremos rezaõ das alheas: & esta ordem guardaremos sempre pellas não mistu-

rarmos todas. E assi agora daremos conta do que aconteceu ao Rey dos Magores que deixamos desbaratado de Xircan, & acolhido pera Persia, por que saõ cousas que conuem a nossa historia, pera melhor entendimento della.

Pello que se á de saber, q̃ partido Hamaũ Paxá do reino do Cinde (como atras dissemos no capitulo terceiro do decimo liuro da coarta decada) foi ter á corte de Casbim onde Xâ Ismael residia, que o recebeu honradamente, compadecendosse de suas misérias, & consolando: prometendo-lhe toda ajuda & fauor que podesse para cobrar seus reinos: mandandolhe dar aposentos, & todas as cousas necessarias a sua pessoa, & estado. Na corte andou este Rey dous annos, dilatandolhe o Ismael de dia em dia o soccorro, sem acabar de concluir em algũa cousa. O Hamaũ Paxá sempre trouxe suas intelligencias antre os inimigos, pera ser auisado do que passaua, andando muito enfadado das dilaçoens d'aquelle Rey. A molher que se recolheo a Cabul, (como dissemos) tanto que soube ser elle na Persia, o mandou logo auisar, de como esperauaõ os naturaes d'aquelle reino pera lho dare, por ser seu primo falecido sem herdeiros. Isto deu grande alento ao Hamaũ, & mais vontade ao Xâ Ismael, pera lhe dar o soccorro q̃ lhe tinha prometido. A pós estas  
nouas

nouas lhe chegaraõ outras : de como o Xircan era ido pera as partes de Bengala a acudir a alguns reinos que se lhe rebellaraõ : & q̃ ficaua o do Dely, & todos os mais com pouco cabedal , & que com qualquer soccorro os podia tornar a ganhar, por isso que se aprobeitasse da occasiaõ do tempo , & que se apressasse, por que o naõ era de a perder taõ boa, & taõ oportuna.

Destas cousas deu conta ao Xá Ismael, dizendolhe como estauaõ dispostas pera com mais facilidade tornar a ganhar o seu. O Xá Ismael mouido de compaixãõ , determinou de o negociar, & lhe pediu a fortaleza de Cahandar com toda sua jurdiçaõ, que era do reino de Cabul, que elle herdaua , por q̃ ficaua no extremo d'aquelle reino, & do de Coraçõ, que era do Xá Ismael, por ser hũa cousa muito importante pera segurança d'aquelle estado . O Hamaú lha deu & concedeo, concertandosse, q̃ de caminho a entregasse a seus capitaens, & que d'ali fosse conquistar seus reinos. Prometeolhe mais, de tomar seu carapuçaõ , & de seguir sua feita como fez. Com isto lhe ordenou quinze mil Quizil baxis, com que mandou vm filho seu mais moço minino de dez annos, entregue a Beran can seu capitãõ geral, a quem ya cometida aquella impreza. A tençaõ do Xá Ismael mandar este filho nesta jornada,

foi de elle ficar na cidade de Cahandar , & fazello Rey d'aquella parte, por que tinha muitos filhos, & queria acomodar este.

Prestes o soccorro, despedioffe o Hamaú do Xá Ismael, & começou a marchar pera o reino de Cabul, a onde a molher o auia d'estar esperando, com toda a gente d'aquelle reino: & antes de chegar a Cahandar, (que era a cidade que elle tinha prometida a Xá Ismael) faleceo o minino seu filho, & o Beran can despedio recado ao pay pera saber o que faria, indo de tendo a te lhe chegar a reposta do Xá Ismael, que naõ tardou, mandãdoilhe dizer, que proseguisse elle na jornada, por geral do exercito, a te restituir o Hamaú em seus reinos. Chegado a Cabul tomou o Hamaú a Raynha comsigo , com toda a gente que tinha feita: & foi entrando por seus estados, senho-reandosse outra vez delles, desbaratando os capitaens que Xaholaõ tinha deixado com muita gente, & tornou a assentar sua corte na cidade do Dely, onde fez muitas merces a todos os Persas . E vêdo a grande prudencia & esforço de Beran can, lhe pediu quiseffe ficar com elle, offerecendolhe taes partidos, que o rendeo: dãdolhe muitas terras, & rendas , & o titulo de Cancana (que he a mayor dignidade do reino, que responde a de Condestabre.)

Vendosse o Magor quieto em seu

seu reino, ficando com o de Cabul (que herdou) muito mór senhor, & mais poderoso que d'antes, não se contentado de possuir o seu em paz, determinou de ir conquistar o reino dos Patanes, & destruir de todo o Xaholaõ, com quem a fortuna ja tinha defandado a roda: por que assi como sobio apressado, assi tornou a decer com grande ligeireza. E ajuntando vm muito grosso exercito na entrada deste veraõ passado, entrou pello reino dos imigos. (E posto que adiante com o fauor diuino auemos de fazer hũa particular descripção, de todos os estados que este Barbaro possui: aqui iremos fazendo hũa muito breue do caminho que nesta jornada leuou.)

Partido da cidade do Dely, sempre ao nacente, foi entrando por hũa prouincia chamada Matoras, aos tres dias de sua jornada, por onde ha muitos & grandes Pagodes d'aquelles Gentios, continuados dos romeiros de todo o Induстан. Tres dias foi caminhando por ella, & no cabo delles foi ter à cidade de Tatepur, que está posta sobre hũa fermosa serra. D'ali a vm dia de caminho foi à cidade de Agarà (que depois foi corte & cabeça do reino dos Magores.) D'aqui foi caminhando doze jornadas, sempre ao longo de vm fermoso rio, a te chegar a duas fortalezas, que estauão de hũa & da outra banda, chamadas, Manequi-

pur, & Cará. Dellas a outras tres jornadas, acharaõ a cidade de Ianapur, grande, & de fermosos edificios. D'ali a coatro dias de jornada foraõ á cidade de Galepur, ou Galipi, que parecia que ja em outro tempo fora coufa muito grãde, pellas muitas ruinas que nella apparecem, assi de edificios, como de sepulturas & Pagodes. Nesta terra se faz muito afucar candil, que vai a Cambaya, & d'ali pera todas as partes da India. D'ali a dez jornadas foraõ á cidade de Payal, a onde está vm soberbo Pagode, dos antigos Reys, de muito grande romagem. Por esta terra passa o rio Gange, & por ser baixa he muitas vezes alagada, & recebeo delle grandes danos & destruiçoens. Pello que indo depois o filho deste Hamaú Paxá, sendo Rey, em romaria àquelle Pagode, vendo o grande dano que suas inundaçoens faziaõ, mandou que se tapasse o Gange em cima, & q̃ o repartissem por outras partes, como se logo fez. Nesta obra se gastaraõ oito meses, andando de continuo nella corenta mil trabalhadores: & certo q̃ foi obra igual á d'Elrey Xerxes, quando mandou diuidir aquelle rio, quando passou pera Grecia, agastado de se lhe afogar vm dos caualos do seu carro, jurando de o fazer passar a vao, a te as molheres, couo fez, diuidindoo em muitos regatos. Neste lugar mandou

este Rey tambem fazer vns paços, de tanta grandeza & majestade, q̄ se podem contar antre as maravilhas do mundo: por que nos affirmaraõ os Magores, que poseraõ em os fabricar trinta annos, andãdo de contino dez mil trabalhadores nelles.

Partido o Magor do Payal, em cinco jornadas chegou á cidade de Canár, posta sobre vm braço do Gange, grande, forte, & fermosa. D'ali a tres jornadas, chegaraõ a hũa prouincia de Gentios chamada Manarás, onde ha muitos & grandes Pagodes: & he taõ continuada sua romagem de todos os Gentios do Oriente, que se affirma, renderem os direitos das pessoas (que pagaõ hũa cousa muito pouca) mais de vm milhaõ d'ouro. A este pagode se foi tambem offerecer Elrey Gelaldim Mamede, filho deste Hamaú: & vendo aquelle trafego de romeiros, franqueou aquella romagem a todos liberalmente. D'aqui por diante foraõ entrando pella prouincia dos Patanes, gentes que ja senhorearaõ todo o Induстан: & a duas jornadas por ella chegaraõ á cidade de Galapur, que tomou muito facilmente. E caminhando adiante outras tres jornadas chegaraõ a outra cidade chamada Iamanea, sobre quem assentou seus exercitos, por ter nouas que o imigo Xaholão vinha em busca delle cõ vm grosso poder. Ali se fortificou,

& começou a combater a cidade fortissimamente, por ver se a podia tomar primeiro que o imigo chegasse. Xa holan deuse tanta pressa, que chegou poucos dias depois, & assentou seu arrayal da outra banda do rio, hũa legoa do Magor, dõde o foi cometer com muitas escaramuças, de q̄ ambos receberaõ bẽ de dano. O Patane, q̄ era grãde capitaõ, & de grãdes ardijs, vsou de todos os q̄ pode. O Magor como estaua bẽ prouido foi cõbatendo a cidade deuagar: que por ser muito forte, & estar muito bẽ negociada, se defendeo muito bẽ, gastãdo o Magor sobre ella ate o mês de Iulho, em que o rio Ganges, que lhe passa perto, costuma a ter suas inundaçoës com tãta braueza, q̄ alaga todos aquelles câpos, mais de oito legoas á roda.

O Patane que esperaua ja por ellas mandou cortar bem emcima dous braços d'aquelle rio, fazendo primeiro grandes prezas. E chegãdo as primeiras agoas, as mãdou largar de noite, que comeca-raõ a vir rompendo por aquelles campos com vm taõ grande terremoto, que parecia que o mundo se desfazia: & dando no exercito do Magor, q̄ estaua em parte baixa, o alagou todo: afogandolhe mais de cinquenta mil homens, a fora caualos, bois, & outras alimarias, que foi vm grande numero. O Magor saluou lè cõ muito trabalho, & quasi afogado em hũa

hũa azemala por ordé de vm seu azemeleiro : & sua molher que estaua prenhe , & em dias de parir escapou em vm Alifante, com parte de suas molheres em outros. O Parseo Cancaná tambem esteue afogado. Toda aquella noite andaraõ com grande risco, sem vns saberem dos outros , a te amanhecer, que se começaraõ a ajuntar ao Magor alguns capitaens que escaparaõ, com suas gentes , & ajuntou vm exercito de perto de cincoenta mil homens. E por que receou que os imigos fossem a pos elle, mandou diante sua molher, & elle foi passando por todas as cidades q̄ tinha tomadas, leuando as guarniçoens q̄ nellas tinha posto, & foise caminhãdo apressadamẽte pera o seu reino.

A Raynha que ya algũas jornadas diante , deraõlhe as dores do parto de noite, & dizem algũas pessoas que parira hũa filha: & por que sabia o grande desgosto que o Magor disso auia de ter, receando que lhe viesse tomar auorrecimento , fiandosse de hũa pessoa sua, sabendo que aquella mesma noite parira a molher de vm Cornaca (que são os que governaõ os Alifantes , de alguns que leuaua) vm filho macho, mandou cõ muita pressa, & em muito segredo trocar a filha com elle: & affirmasse, que nem a molher do Cornaca foubera da troca, por que quasi foi no mesmo instante que aca-

bara de parir. Isto nos affirmou muito vm homem Polaco chamado Gabriel, que veyo lá por Moscouia aos Husbeques, & esteve na corte de Abdulacan Rey de Camarcant alguns annos, & dali passou ao Magor em cuja casa & seruiço andou quinze annos, & depois veyo ter a esta cidade de Goa: onde o comunicamos, & foubemos muitas cousas d'aquellas partes, que elle notou bem: por ser vm homem muito experto, & de viuo engenho : & pella conta que daua vio tanto ou mais que Marco Polo Venero: por que correo a Moscouia, a Husbequia, a Persia, a Tartaria, & chegou a Cambalec corte do Graõ Can, & entrou por parte da prouincia da China, & voltou pera o Industan, & correo todos os reinos dos Magores, & todo o de Cambaya, & Cinde: & depois de estar alguns annos em Goa, foise pera Cambayete onde morreo.

A Raynha foi criando o menino, & logo se publicou que parira, pello que voltou vm criado seu a dar nouas ao Magor, que em as ouuindo, & vendo que lhe nacia vm filho em tempo de tantas desauenturas & trabalhos, olhando pera o ceo disse: Alá haubar, que quer dizer, Deos grande & poderoso: & ao filho poseraõlhe nome Gelaldim : & depois que herdou os estados do pay: & outros reinos q̄ conquistou, ficando mór senhor

## Quinta Decada. Da historia da India.

que elle, intitulouse Hacbar, que quer dizer, grande & poderoso.

E quanto á duvida que delle se tem, segundo praticamos com algũas pessoas que o viraõ, & ainda naturaes seus, não parece em sua feição Magor, por que he homem pequeno de corpo, preto, bexigoso, & taõ mal barbado, que parece Iao, sendo todos os Magores por natureza muito aluos, grandes de corpo, rostos largos, & muito barbados. Algũas pessoas dizem que era filho da Raynha & do Cornaca, & q̃ indo ella no Alifante emprehara delle.

E tornando ao Magor foi caminhando apressado, & tanto que sayo das terras dos imigos cobrou mais algum alento. E chegando á cidade do Dely, querendo gratificar ao azemeleiro que o liurou da morte, fez aquillo que Assuero a Mardocheu, vestindoo em suas insignias Reaes, mandou o por toda a cidade acompanhado de toda a corte como Rey: & depois o asentou em seu throno, & tres dias continuos o tiraraõ pella cidade com pregoes, q̃ declarauaõ o porq̃ lhe fazia aquella hõra. Concedo-lhe mais, que tudo o que naquelles tres dias fizessẽ fosse feito, & q̃ nelles podessẽ mãdar como Rey: & que as rendas de todo o reino d'aquelles tres dias fossẽ suas, & se arrecadassẽ pera elle, ficando este homem de pobre rico, de baixo, grande diante d'Elrey, q̃ sem-

pre lhe fez honras & merces. Mãdou mais Elrey, que em todas as moedas que d'ali em diante se batessẽ fossẽ cunhadas, com hũa figura de hũa azemala, pella em q̃ se saluou.

Nesta jornada se achou vm Portuguez chamado Cosmo Correa, casado em Chaul, cõ molher & filhos, que ainda viuem: que por espancar vm feitor fogio pera Cãbaya, & d'ali se passou á corte do Magor: este homem daua desta jornada muito boa rezaõ, por ser homem auisado, & de que o Magor foi grande amigo. Contaua delle muitas cousas, antre ellas dizia, que estando vm dia praticando com elle, lhe pedio, que lhe mostrasse o liuro por onde rezaua, que lhe elle mandou vir, que eraõ hũas horas de nossa Senhora, d'aquellas antigas de coarto, illuminadas todas: abrindoas Elrey, deu logo no começo dos sete psalms, a onde estaua a historia de David com Bersabet, illuminada, grande, que tomava todo o coarto. E estandoa Elrey vendo, disse a Cosmo Correa, que me daras se te adiuinhar esta historia? Cosmo Correa lhe respondeo, que tinha elle que dar a vm tamanho Monarcha. Dame a tua lança, disse o Magor (que era hũa de Portugal) se não eu te darei a cabeça de vm porco montes, q̃ diate de ti matarei, & com isso lhe contou a historia, afsi como a temos na escriptura. Edan-

E dandolhe o liuro lhe disse, que lhe mostrasse os coatro homens q̄ escreueraõ a ley dos Christaõs: Cosmo Correa lhe mostrou os E-uangelistas, que estauaõ illumina-dos nos começos das paixões, que Elrey esteue vendo deuagar. E de- pois lhe disse: ora sabe húa cousa q̄ muitas vezes ouui dizer a meu pay Babur Paxá, que se a ley de Mafamede padecesse detrimento, que naõ recebesse nenhũa outra, se naõ aquella que fora escrita por coatro homens. E assi era este bar- baro taõ afeiçoado aos Christaõs, que a onde os via (principalmen- te Portugueses) lhes fazia muitas honras & merces. Desta vez ficou o Magor em seus reinos: & o Xa- holan, assi como se leuanto de nada, assi deceo apressado: por q̄ quando morreo ja tinha perdido a mór parte de seus reinos, naõ lhe ficando herdeiros, & com elle se a- cabou todo.

## CAPITULO XII.

*De como se descobrião as ilhas de Japaõ: & de húa breue relação do principio, & ori- gem de seus pouoadores: & de alguns ritos, & costumes d'aquellas gentes, & das pro- uincias que tem.*



**E**STANDO este anno de corenta & dous em que anda- mos, tres Portugue- ses companheiros, chamados, Antonio da Mota, Frã- cisco Zeimoto, & Antonio Peixo- to, no porto de Siaõ com vm lun- co seu fazendo suas fazendas, as- sentaraõ de ir a China, por ser en- taõ viagem de muito proueito. E carregando o luncó de pelles, & de outras fazendas deraõ á vela, & cõ bom tempo atrauessaraõ o grãde golfo de Ainaõ, & passaraõ pella cidade de Cantaõ, pera irem buf- car o porto do Chincheo, por que naõ podiaõ entrar naquella cida- de: por que depois que o anno de mil, quinhentos & quinze Fernão Peres d'Andrade, estando na Chi- na por Embaixador, açoutou vm Mandarim (que são os que gover- naõ a justiça, que antre aquelles Gentios he mûy venerada) de tal maneira ficaraõ os Portugueses o- diados, & auorrecidos, que mãdou Elrey por vm edicto geral, que se naõ consintissem mais em seus rei- nos, os homés das barbas, & olhos grandes: que se escreueo com le- tras grandes d'ouro, & se fixou so- bre as portas da cidade de Cãtaõ. E assi nenhum Portugues mais foi oufado a chegar a seu porto: & al- guns nauios depois por tempos, foraõ a algũas ilhas d'aquella co- sta a commutar suas fazendas, dó- de rambem os lançaraõ. Depois passaraõ

*Quinta Decada. Da historia da India.*

passaraõ ao Chincheo pera onde estes yaõ, & onde os consintiaõ, pelo proueito que tinhaõ do comercio, mas do már faziaõ seu negocio, por que se naõ fiauaõ delles. Este lunco indo demandar o porto do Chincheo, deulhe vm tempo muito grosso, a que os naturaes chamaõ Tufaõ, que he taõ soberbo & feroz, & faz tantas brauezas, & terremotos, que parece que todos os espiritos infernaes andaõ reuoluendo as ondas, & os mares: cuja furia parece que aleuanta labaredas de fogo nos ares: & em espaço de vm relogio de area, corre o vëto todos os rumos da agulha, & em cada vm delles parece q se vay refinando mais.

He tal este tempo, que as aues do ceo por vm distinto natural o conhecem oito dias antes: porque logo lhe vem decer os ninhos de cima das aruores, & os vaõ esconder em algũas lapas. As nuuens oito dias antes andaõ taõ rasteiras, q parece que as trazem os homens sobre as cabeças, & os mares nestes dias andaõ mũy maçados, & azulados. Primeiro que este tempo dé no már, mostra o ceo vm sinal mũy conhecido de todos, que he hũa coufa grossa a que os mareantes chamaõ olho de boi, todo de diuersas cores taõ malenconizadas, & tristes, que metem temor a todos os que as vem. E assi como o arco celeste, quando apparece, he final de bonança & sossego:

assi este o he da ira de Deos: que assi podemos chamar a este tẽpo.

Os mareantes em vendo o sinal logo se prepararaõ, assi pera com Deos (por que poucos nauios dos que tomauaõ naquelle tempo no már escapauaõ) como pera o passarem, dando logo com os mastareos em baixo, & alijando ao már todas as coufas de cima, pera ficarem lestes como estes fizeraõ, que se viraõ muitas vezes debaixo do már, & alagados, naõ fazendo conta de si, por que ja o lunco naõ daua pello leme, antes á vontade dos ventos & dos mares era leuado de hũa pera outra parte. O már feruia, os ares representauaõ vm juizo final, com trouoens & relampados, & ja nenhum dos companheiros o tinha pera coufa algũa: por que como mortos estauaõ lançados por cima da tolda, & pellos chapiteos, entregues á sua ventura. Em vm extraordinario curso da natureza, que se neste tempo nota, se pode ver, que he o mayor que pode auer no mundo: porque em quanto dura he tal sua força, que reprime o curso ordinario do már, & enfrea as mares dos rios que naõ enchaõ, nem vazem. Durou esta tempestade a estes homens vinte & coatro horas, & no cabo dellas quietou o lunco: mas ficou tal & taõ desgovernado, que naõ ouue outro remedio mais, q deixaremse ir á vontade dos ventos, que ao cabo de quinze dias o foraõ

forão lançar antre hūas ilhas a on-  
de surgiraõ, sem saberem a onde  
estauaõ.

Da terra acodiraõ logo embar-  
caçoens, em que vinhaõ homens  
mais aluos que os Chins, mas de  
olhos pequenos, & de poucas bar-  
bas. Delles souberaõ que se cha-  
muaõ aquellas ilhas Nipongi, a  
que commumente chamamos  
Iapaõ. E achando naquella gente  
afabilidade se forão com elles, que  
os agasalharaõ bem. Ali concer-  
taraõ & aparelharaõ o Iunco, &  
cõmutaraõ as fazendas por prata,  
que ali naõ ha outras: & como foi  
tempo tornaraõse pera Malaca. A  
estes homens se deue a gloria de-  
ste descobrimento: posto q̄ Mar-  
co Polo Veneto tinha dado a co-  
nhecer estas ilhas muito primeiro,  
chamandolhe Zipango, de quem  
escreueo por roins informaçoens,  
estãdo no Cathayo algũas cousas,  
que nos fizeraõ algum tempo du-  
uidar se eraõ estas ilhas Zipango:  
por que diz no Itinerario que fez,  
que Zipango era hūa ilha no O-  
riente, apartada da terra de Mangi  
em már alto mil & quinhêtas mi-  
lhas, que saõ mais de coatrocentas  
legoas, & que tinhaõ ouro em tã-  
ta quãtidade, que os paços do Rey  
eraõ cubertos com grandes pastas  
delle: & que os idolos eraõ de di-  
uersas feiçoens, com testas de boi,  
outros de caõ, & outros d'outras  
alimarias: vns com hūa cabeça, ou-  
tros com duas: vns com dous bra-

ços, outros de vinte a te cento: & q̄  
os que tinhaõ mais braços era ma-  
yor Deos. Diz mais que comiaõ  
carne humana os naturaes de Zi-  
pango. Estas cousas nos fizeraõ ja  
duuidar falar de Iapaõ, por q̄ estas  
ilhas naõ estaõ afastadas da terra  
firme de Mangi mais que trinta a  
te corenta legoas, ouro naõ ha ne-  
nhum, se naõ o que lhe leuaõ da  
China. Nos idolos tambem va-  
ria, & muito mais no comer da car-  
ne humana, cousa q̄ se naõ achou  
nunca em algũa das ilhas do Ia-  
paõ: por onde naõ ha duuida na-  
cer este erro das roins informa-  
çoens que lhe deraõ. Mas sem du-  
uida que estas ilhas saõ o seu Zi-  
pango: por que posto que diga es-  
tarem apertadas da terra de Man-  
gi tantas legoas, foi quando a di-  
stancia do porto do Chincheo, dõ-  
de naquelle tẽpo nauegauaõ pera  
ellas, & a differença que faz da ter-  
ra de Mangi à da China, he a que  
causou confusaõ nos Geographos:  
por que a verdade he, que o reino  
da China, & o de Mangi todo he  
vm, & tudo foi sempre sojeito a  
vm só senhor: & o proprio & ver-  
dadeiro nome d'aquelle reino he  
Cin Mancin, & asy o nomeaõ suas  
escrituras, & naõ declarando Mar-  
co Polo isto, ouueraõ todos q̄ eraõ  
duas prouincias, Cin, & Mançin.

E d'aqui naceo a Abrahaõ Or-  
telio lançar no seu theatrum or-  
bis, a prouincia da China, desde  
Cochim China, a te o cabo de

Liampó: & d'ali pera o norte toda aquella costa que corre fronteira a Iapaõ, a faz da prouincia Mangi. E em tudo ha tamanha corrupsaõ, que a prouincia de Cin, que he o verdadeiro nome chama China, & a Mancj, Mangi, como tãbem ao nome destas ilhas, q̄ (como dissemos) os naturaes chamaõ Nipongi, & elle Zipango: & deue de ser este nome corrupto d'aquelle, por q̄ os Chins as nomeaõ que he Gipon, que tem mais semelhança. E os Portugueses depois que trataraõ aquellas ilhas o corromperaõ no de Iapaõ. E posto q̄ os Padres da companhia de IESV, que nellas tem taõ dilatada a fé de Christo (como diremos) escreuaõ dellas historia particular de sua descripçaõ, ritos, costumes, origem, & principio, como homens q̄ as penetraraõ todas, & que sabem a verdade dellas, por lerem, & escreuerem a letra dos naturaes, & verem suas escrituras: todauia diremos breuemẽte o que dellas podemos alcançar, por informaçoẽs de alguns coriosos, que a ellas foraõ.

Estaõ estas ilhas do Iapaõ alem de toda a India, opostas áquella prouincia a que Ptholomeo chama Cinarum Regio, de trinta pera trinta & oito graos do Polo Arctico, saõ muitas, & a principal he a de Nipongi, em que está a cidade de Meaco, que he a corte, & residencia do Imperador. Esta ilha

affirmaõ os naturaes que tem de comprido quinhentas legoas suas, que fazem trezetas sessenta & seis noffas. Os Pilotos Portugueses a fazem de duzetas & sessenta. Quer esta ilha imitar a figura de vmliaõ com as ancas viradas pera a terra da China, & o rosto pera o nascente: o mais alto da cabeça lhe fica em trinta & oito graos do Norte; & a ponta do rabo, que he a feiçaõ de hũa rapoza, em trinta & quatro. Debaixo d'elle lhe ficaõ as duas ilhas de Ximo, & Xicoco, de que logo daremos rezaõ: & por baixo da barriga desta ilha, lhe ficaõ outras muitas, & o mesmo entre ella, & a terra da China. He repartida esta ilha grande em cincoenta & seis gouernanças. E por que no nomear d'ellas não podemos guardar a ordem de sua situaçaõ, por estarem repartidas por todo aquelle corpo, começaremos da ponta do rabo, & iremos acabar na cabeça.

Nagotono a onde está o porto de Ximino Xequê, & sino a onde está a cidade de Iamaguê, Aquinoquim, Bigo, Bicchum, Bijan, Iuami, Izzumo, Misafaxca, Farimã, Ccunoconi, Tamba, Meaco, Fogij, Inaba, Tagimã, Tãgo, Vocafa, Ca-uachi, Yzumi, Coya, Quinoconi, Ximã, Yxem, Amato, Iga, Vouari, Xiuano, Mino, Vosaca, Vomi, Fida, Iechegõ, Chegõ, Angua, Iecchum, Noto, Cozzuque, Camoconi, Mechaua, Tutoni, Serugã, Izzum, Muxaxi,

faxi, Aun, Cuzzaca, Ximoza, Fita-chi, Sagamixuno, Ccuque, Chi lafaá, Vosum, Figou, Chiqugeu, Chichaga, Bujar, Beigo, Deua, Xuracano, Xequei, Aquitano, Xiro, Sorono fama, Eccugaruco.

A segunda ilha que está na póta do rabo chamada Ximo, he re-partida em dez governanças, & estas por coatro senhores a que chamaõ Iacatas. O primeiro & mais poderoso he o de Bungo, q̄ tem estas governanças: Bunga, Fõga, Bugem, Chiqugem, & Chicungo. O segundo he o Xaxumá, & Vosume. O terceiro o de Fongó. O coarto de Arima: & fingem q̄ he vm reino muito grande.

A terceira ilha que fica aos pés da grande he a de Xicoco, diuidida em coatro governanças, Tonca, Sanoqui, Aua, & Lionoconi.

Quãto á pouoação destas ilhas, são taõ soberbos os Iapoens, que se tem pellos primeiros do mûdo, sobre o que fabulaõ cousas muito pera rir, de que breuemente diremos algũas.

Dizem suas escrituras, que vm gigante que era senhor dos ceos & da terra, tamanho que tinha vm pé em cima, & outro em baixo, q̄ este de vm ouo que pós vm galo formara o mundo todo, da gema os ceos, & das claras os elementos: & que arremeçara de cima dos ceos hũa lança que cayra sobre aquella ilha de Iapaõ, & se metera pella terra, & que da abertura del-

la sayra hũa molher muito fermosa, que estando vm dia assentada á borda da agoa sayra vm cocodrilo, & ferrara della, & a cõmunicara por força, ficando d'aquelle accesso prenhe, & que por tempo parira vm filho, delle & della de que se pouoara toda aquella ilha. E ainda ha oje muitos Iapoens a que chamaõ Cõguis que são fidalgos, & continuos da casa do Rey, que se jactaõ virem directamente d'aquella casta, & tanto se honraõ disso, q̄ trazem nos calsoens vns rabos dependurados a maneira dos dos Cocodrilos.

E deixando as fabulas, a verdade he que procedem dos Chins, por q̄ em suas escrituras se acha, q̄ foi vm Principe d'aquelle reino degradado parar naquellas ilhas, a onde se deixou ficar, pouoandose todas da gente que comsigo leuou. Isto em nenhum modo que-rem consentir os Iapoens, nem cõceder, por auerem os Chins por muito inferiores a elles. Em tanto, que a mór afronta que se pode fazer a algum, he chamarlhe Chim: & pella mesma maneira se tem os Chins por tanto mais honrados q̄ elles, que o mór desprezo q̄ selhes pode fazer, he chamarlhes Iapoës. Em fim, o gouerno destas ilhas em seu principio, & ainda oje, andou sempre, & anda, nos descendentes d'aquelle Principe Chin, que tanto que vio a ilha pouoada tomou titulo de Rey. E seus descendentes  
vendo

*Quinta Decada. Da historia da India.*

vendo a grande multiplicação, q̄ ja avia naquellas ilhas: vm delles vendosse taõ grãde senhor, tomou vm titulo soberbissimo, que he, V. O. que quer dizer Emperador. Este em certo modo tomou tambem para si o poder do spiritual, q̄ ficaraõ herdando todos, por q̄ elles confirmaõ os seus Bonzos, q̄ saõ os mestres de sua religiaõ.

Este Emperador assentou sua cadeira na cidade de Meacó, que está quasi no meyo desta ilha, ou na cintura do liaõ, em que afiguramos que he o mais estreito da ilha: por que por aquella parte naõ té mais de trinta & coatro legoas de largura, dezoito a te a cidade de Vacaça, que está da bãda do Norte, sobre as costas deste liaõ: & dezaseis pera a banda do Sul, a te a cidade de Saquai. Vm destes Emperadores (por que o governo de tamanho imperio lhe daua trabalho) proueo aquella ilha de dous Governadores, com nome de Cubos, vm com a jurdição de Meacó, pera o Levante, & outro d'elle pera o Ponente, pera administram rem justiça a todos os estados (que se governaraõ por Cubos, que os Emperadores prouiaõ) em paz, & sossego, muitas centenas de annos. Mas perto dos do Senhor de mil, atearaõse antre estes dous Cubos taes guerras, que meteraõ toda aquella ilha em reuolta, diuidindosse em dous bandos, fauorecendo o Emperador vm delles: & por

fim do negocio veyo a vencer o da parte contraria, desbaratando em hũa batalha o imigo, & ficando o Emperador nas maõs: & com elle se recolheo á cidade de Meacó, & o meteo em seus paços, onde ficou sem eleiçaõ algũa de querer: governando o Cubo absolutamente, dando tudo o necessario ao V. O. que nunca perdeo a authoridade assi no espirital, como no temporal: porque todos os Cubos que yaõ socedendo tyranicamete tomavaõ a inuestidura de sua maõ, fazendolhe seus acatamentos como a senhor supremo.

E o que he muito para admirar, que nesta dinidade de Cubo, depois do primeiro tyranno ate oje, naõ socedeo filho a pay, nem irmaõ a outro: por que todos foraõ mortos por outros tyrannos, ou com ferro, ou com peçonha: socedendo porem sempre na dinidade do V. O. herdeiros naturaes, sem se perder nunca aquella progenia.

Tem os Iapoens oito ou nove feitas, aleuantadas por homens estrãgeiros que ali foraõ ter, & que acabaraõ em vida religiosa, a que elles chamaõ Fotoques. E tambẽ alguns naturaes que elles veneraõ por santos, a que chamaõ Cammis, fizeraõ outras, & todas saõ recebidas dos d'aquellas ilhas, tendo bem differentes opinioens, viuendo cada vm na sua, sem lhe ninguem ir á

irá mão. As feitas são as seguintes. A dos Iexús: estes affirmão q̄ não ha mais que viuer & morrer: esta receberão todos os nobres.

A dos Foccenxum: estes adoraõ o sol, & dizem que depois que vm morre vay viuer lá outra vida em outro mundo.

A dos Iodoxum: estes adoraõ vm idolo a que chamaõ Amida: & crem que todas as vezes que o nomeaõ ficaõ absoltos de seus peccados, & tem vm templo aleuando a este idolo, que se chama o paraíso de Amida: em que estaõ todos os idolos de vulto que adoraõ: & affirmão que tem mais de dous mil de diferentes feiçoens, (assi como acima dissemos no capitulo primeiro do liuro sexto) q̄ Marco Polo escreue.)

A feita Iecoxú: os que a seguem affirmão que depois da morte ha pena pera quem viueo mal, & gloria pera o que obrou bem: esta feita seguem os lauradores.

A feita chamada Iamabuxé, os que a seguem adoraõ os diabos, & & communicãõ com elles domesticamente, & de ordinario lhes apparece em forma de raposa, & cada vez que querem delles algũa cousa os chamaõ com hũa bozina, & tem com elles feito pacto, que cada vez que lho mandarem entraraõ & tornaraõ a sair do corpo da pessoa que lhe differem. E assi como tem odio a algũa pessoa, logo se vingãõ pella mão do dia-

bo, por que se mete nella, & a atormenta.

Ha outras feitas de que os Padres da Companhia fazem mais particular mençaõ. Cada rito destes tem seus pregadores, & defensores, a que chamaõ Bonzos, & trazem finaes de suas opinioens, pera serem conhecidos, & sobre ellas, antre vns & outros ha grandes disputas. Mas sobre todos estes idolos adoraõ a vm, Séutó, que dizẽ que he hũa substancia, & principio de tudo, & que suas moradas são os ceos. Os peccados principaes q̄ antre os Iapoens ha, são, fornicar, furtar, matar, beber, mintir: pera estes vicios tem suas purificaçoens, por esmolas, por officios, oraçoens, & por romagés: mas os peccados que não tem absoluiçaõ são, treição, & morte do pay: suas contas são pellos annos que os Reys reinaraõ. E isto baste dos Iapoens.

### CAPITOLO XIII.

*De como Elrey de Zeilã foi soccorrido dos Turcos: & da Serra do Judeo, que dom Christouã da Gama tomou. E de como os inimigos o forãõ buscar, & do conselho que tomou.*



ESBARATADO Elrey de Zeilã por dom Christouã da Gama, determinou de se valer do Baxã do

do Zebit : a quem despedio Embaixadores com muito dinheiro, pera lhe mandar mil Turcos d'espingardas, que lhe elle logo mandou em nauios. Dom Christouaõ da Gama estaua inuernado na cidade de Offar, esperando cada dia pello Emperador da Abasia, era isto ja neste Agosto em que andamos. Socedeo nesta conjunção ir ter com elle vm Iudeu, & lhe disse, que se tinha necessidade de caualos, & mulas, que elle o leuaria a hũa serra a onde se prouesse de tudo muito abastadamente, pera todo o seu exercito, & que a serra era de Iudeos : & poderia ter quatrocentos Mouros de guarnição, que ali tinha Elrey de Zeilá ( parece que este Iudeo por se vingar de alguns outros seus imigos lhe foi dar aquelle aluitre.) Dom Christouaõ informandosse do Barnagais, & de outros capitaens Abexins d'aquelle negocio : soube que lhe falaua verdade, & que não só era necessario dar naquella serra pera se prouerem de caualgaduras, & tomarêna aos Mouros, mas ainda pera franquear aquella passagem: por que pello pé della auia de passar o Emperador. Pello que determinou de ir em pessoa áquel le negocio, leuando cõsigo as companhias de Manoel da Cunha, & a de Ioaõ d'Afonseca, & alguns capitaens Abexins, ficando tudo o mais em guarda da Raynha, & do exercito. E todo aquelle dia foi

caminhando guiado do Iudeo, & passou hũa ribeira grande em jangadas, & da outra banda aluergou, & no coarto da modorra tornaraõ a caminhar, & rompendo a menham chegaraõ ao pé da serra, q̄ era tamanha, que se affirmaua ter doze legoas em roda. O Iudeo q̄ ya por guia o encaminhou logo por vm passo muito facil, por onde foraõ sobindo, achando em certas paragens alguns Mouros de guarda, que logo foraõ mortos. E passando adiante sobiraõ á chã, a onde acodiraõ logo os Mouros de guarnição, que seriaõ perto de quatrocentos: & o seu capitaõ diãte em vm fermoso caualo. Dom Christouaõ que ya em outro muito grande, em vendo o Mouro diante, abaixando a lança bateo as pernas ao caualo, & o cometeo, & foi sua ventura tal, que o leuou na ponta da lança, dando logo com elle morto no chaõ. Os nossos rãperaõ no mesmo tempo com os Mouros, dandolhe sua carga de arcabufaria, de que derribaraõ muitos, & baralhandosse vns com os outros, assi apertaraõ os nossos cõ elles, que os poseraõ em disbarato, fazendolhes virar as costas, & se guindolhe o alcance foraõ matando nelles bem á sua vontade, escapandolhe muito poucos, ficando-lhe vm grosso despojo de caualos & mulas.

Dom Christouaõ foi demandar hũa villa das principaes que estaua

estaua perto, que era pouoada de Iudeos, como outras seis ou sete que auia na serra, em que aueria perto de oito mil delles: & assegurendo dom Christouaõ a todos, acodiraõ das outras aldeas a lhe dar a obediencia.

Vm Iudeo douto nos disse nesta cidade de Goa, q̄ aquelles Iudeos & outros que andauaõ espalhados pella Abasia, & pella Nubia, eraõ de algum d'aquelles tribus q̄ andaaõ desaparecidos.

O Iudeo que guiou a dom Christouaõ da Gama, vendo as maravilhas q̄ os Portugueses fizeraõ, ficou pasmado, & pedio a dõ Christouaõ que o fizesse Christaõ, a elle, & a toda sua familia, molher, filhos, & escrauos. O que elle estimou muito, mandandoos baptizar por vm sacerdote que leuaua, sendo seu padrinho, & dandolhe o seu nome & alcunha: & de consentimẽto de todos os da serra lhe deu o gouerno della. Nisto gastou dous dias, & ao terceiro tornou-se pera o exercito, leuãdo hũa grande preza de caualos, mulas, gado, & de outras cousas. E por q̄ por causa desta carriagem yaõ caminhãdo de uagar, deixou em guarda della Afonso Caldeira com trinta espingardas, & elle se foi apressando tãto, que aquelle dia ja de noite chegou ao exercito. Ao outro dia teue rebate, q̄ os Mouros vinhaõ em busca d'elle: pello que se fortificou o melhor que pode, prouen-

do suas estancias mũy bem. Elrey de Zeilã com o socorro dos Turcos ficou taõ soberbo, & confiado, q̄ foi logo buscar dõ Christouaõ, & aquelle dia appareco por aquelle campo com todo o seu poder, & se foi logo chegando ao exercito, & lhe deu hũa fermosa salua de arcabuzaria, q̄ se julgou por de nouecentas espingardas. E cercaraõ todo o arrayal á roda, ficando os nossos dentro encurralados. Dom Christouaõ ajuntou-se em casa da Raynha, com os outros capitaens, Portugueses, & Abexins, & tomou parecer sobre o que faria, se seria bem recolher-se á serra que estaua perto, que era muito forte, pera alli esperarem o Emperador. Este conselho ouuera dom Christouaõ de tomar em principio, tanto que se ajuntou com a Raynha, & segurar-se em parte em que os inimigos o naõ podessem cercar, a te se ajuntar com o Emperador: & da serra podera sair a dar todos os assaltos que quisesse.

Mas como era mancebo, orgulhoso, & grande caualeiro, mas de pouca experiencia nas cousas da guerra, leuouse mais do que o seu coração & animo lhe pediaõ (que era naõ recear cousa algũa) que pellas regras & medidas da milicia, que saõ prudẽcia, & circũspeicãõ: & como bõ jogador de enxadres, trazer mais o olho nos lances do contrario, que nos seus: & mais no que a de jugar de futuro,

que não nos que joga de presente. Por isso dizia aquella grande Menelao, que mais estimava um Nestor, que dez Ayaffes. E Anibal sempre receou mais a Fabio quando não pelejava, que ao Consul Minucio seu companheiro, que cada dia o comedia: por que o sobejo esforço as mais das vezes dá em perdição, como veyo a fazer o deste fidalgo, que quando entedeo o que lhe releuava, ja o não pode executar.

Tornando a nosso fio: Depois que dom Christouão propos no conselho o que lhe pareceo, foraõ os mais de parecer, que ja se não podiaõ recolher á serra, por que os mesmos Abexins que andavaõ cõ elles, que eraõ por natureza falsos & desleaes, em sentindo qualquer mudança, cuidando que o faziaõ de medo, todos se levantariaõ contra elles, por se sancaem com os inimigos: que o menos mal era deixaremse estar, porque os Mouros não lhe podiaõ entrar o exercito, por que estava muy forte, & elles tinhaõ dentro todas as cousas necessarias pera se sustentarem a te a vinda do Emperador, que não podia tardar muito. Com esta determinação se deixaraõ ficar, despedindo dom Christouão um correo Abexim, com um escrito a Afonso Caldeira, que ficou atras com a recouagem, pera que fosse demandar o pé da serra, & que no coarto da modorra come-

tesse o exercito, por que elle estaria prestes pera o recolher. Toda esta noite passaraõ os nossos com as armas ás costas, cuidádo que os inimigos os cometessem.

CAPITULO XIII.

*De como os Mouros cometeraõ dom Christouão da Gama: & da grande batalha que tiveram. E de como os nossos foram desbaratados, & dom Christouão da Gama cativo: & do cruel martyrio que recebeu.*



O outro dia q̄ foraõ vinte & nove d'Agoſto, em q̄ se celebra a festa da degolação de ſão Ioaõ Bautiſta, determinou Elrey de Zeilá de cometer o exercito dos Portugueſes, & repartindo os ſeus em duas partes, dando a dianteira a os Turcos, ſayo de ſeus alojamentos com grandes carrancas, gritas, vozes, & ſons de iſtumentos, & remetendo com as eſtancias as cometeraõ por duas partes, dando grãdes ſurriadas de eſpingardaria. Dõ Christouão, que estava ja prestes, acodio aquellas partes cõ algũs que o ſeguiã, & vèdo a grãde determinação dos Turcos, receãdo q̄o entrassem, determinou de lhes ſair, a fazelos afastar. E eſcolliendo cinquenta ſoldados ſayo por hũa

hũa porta, & deu nos Turcos com tamanha furia, que com morte de muitos os arrancou d'ali. E por q̄ vinha carregando sobre elle o pezo dos imigos, se tornou a recolher, com perda de coatro homẽs, & elle com hũa espingardada por hũa perna: & porque ao entrar do vallo vinhaõ ja os imigos sobre elle, receãdo Manoel da Cunha (q̄ estaua em hũa estãcia perto, & via tudo) q̄ entrassem de enuolta cõ dom Christouaõ, sayolhe por aquella parte com tamanha furia & braueza, q̄ sem temer a multidão delles se meteo em meyo, fazendo nelles tamanho estrago, que de ja o naõ poderem sofrer, se afastaraõ: & Manoel da Cunha se tornou a recolher, com perda de tres soldados. As outras estancias estauã em grande aperto, por q̄ quasi q̄ chegaraõ os imigos a caualgalas: & vendosse todos taõ arriscados, querendo antes morrer no cãpo q̄ nos vallos, arrebentaraõ por elles fora como loẽs, & deraõ nos imigos com muita braueza, trauãdosse antre todos hũa muito aspera batalha. Dom Christouaõ asy ferido como estaua sayo de mistura com os seus, fazendo muito bẽ o officio de capitaõ, & de soldado, gouernando, & prouendo nas coufas que lhe pareceraõ necessarias, & pelejando por seu braço cõ muito valor & esforço, andaua em vm fermoso caualo todo armado: & correndo todas as partes foi dar

com Francisco d'Abreu cercado de vm grande numero de imigos, & elle no meyo pelejando como desesperado, tẽdo feito nelles grãde estrago, & mandandoo soccorrer por Inofre d'Abreu seu irmaõ com a sua companhia, passou adiante por ver as outras partes em que se pelejaua. Inofre d'Abreu vendo o perigo em que seu irmaõ estaua, sem receyo algum rompeo pellos Mouros, & apresentou se diante do irmaõ, q̄ ja estaua muito ferido, & ali fez marauilhas. Mas como o numero era taõ desigual, & os Turcos que vieraõ de soccorro, desejavaõ de parecer bẽ a Elrey de Zeilã, fizeraõ cousas espantosas, naõ receando o ferro dos nossos que os cortaua bem: & asy apertaraõ com elles, que os fizeraõ recolher aos vallos. Aqui deraõ hũa espingardada a Francisco d'Abreu, de q̄ o derribaraõ: o irmaõ vendoo cair, voltou pera o recolher, dando com grande furia nos imigos, fazendoos deter com morte d'algũs: & querẽdo aleuãtar o irmaõ lhe deraõ a elle outra espingardada, de q̄ cayo morto sobre elle fazendo ambos neste dia cousas dinas de grãdes lououres. Os nossos estiuerã aqui de todo perdidos, recolhẽdosse aos vallos ja desbaratados, & sem ordem, ficando muitos mortos no campo. Todo este tempo estue a Raynha em grande affiçaõ, curãdo por suas maõs os feridos, ajudando

dandoa o Patriarcha. Dom Christouaõ da Gama se recolheo aos vallos o mihlor que pode, bem perseguido dos imigos: & mãdou a Manoel da Cunha, que com sua gente voltasse a elles, & trabalhasse pellos afastar, & que quando se viesse recolhendo, elle faria outro tanto, por que os imigos naõ entrassem de mistura com elles. Manoel da Cunha voltou com grande furia & determinaçãõ, arremessandosse no meyo dos imigos, como vm rayo abrazador, ferindo, & derribando nelles cruelmente: & fazendoos afastar vm pouco se tornou a recolher pera as estancias como lhe era mandado. Os Turcos tornaraõ a carregar sobre elle com grande impeto: mas dom Christouaõ lhes tornou a fazer rosto, pera se poder recolher mais á sua vontade: mas como os Mouros vinhaõ crescendo, nesta parte se tornou a trauar hũa muito cruel batalha, em que dom Christouaõ, & todos os seus commõ liens famintos se metiaõ em meyo dos imigos, sem recearem a morte: fazendo nelles tamanho estrago, que naõ parecia o dano feito por taõ poucos, & taõ cansados homens, se naõ por muitos, & muito folgados. Dom Christouaõ da Gama (que neste dia mereceo tanto, que bem se podera fazer delle só vm grãde tratado) andando aceso na batalha pelejando por seu braço, & derribando mui-

tos dos imigos: inuejosa a fortuna da gloria de seu valor & esforço, ordenou q̃ lhe dessem outra espingardada pello braço direito (que este dia tinha ganhado tanta honra, & obrado taõ grandes maravilhas) que lho quebrou de todo, ficando lhe inhabilitado pera a espada. Aqui acodio Manoel da Cunha pello recolher, voltando aos imigos, q̃ vinhaõ ja victoriosos, & por seu muito valor & esforço, se detiueraõ: pelejãdo os seus soldados como desesperados, vêdo o seu capitaõ mór taõ mal tratado. E taõto apertaraõ com os imigos q̃ os detiueraõ, com o que vm soldado teue tẽpo de recolher dom Christouaõ, tomãdoo as costas cõ muito risco seu, (& o nome deste soldado taõbem o tẽpo tẽ gastado, como o tem a outras muitas cousas bem dinas de memoria pello descuido Portuguez.) Aqui recreceo o poder dos imigos, & arrebẽtando como vm furioso torrente, deraõ em os nossos, & os fizeraõ voltar de todo pera as estancias, ficando no câpo desta feita estirados Ioaõ d'Alfonseca, & Francisco Velho, dous caualeiros principaes, que este dia fizeraõ bem grandes cousas. A este tempo estaua dom Christouaõ curandosse em casa da Raynha, & dizendolhe que lhe entravaõ os vallos, mandouse leuar por alguns homens áquella parte por onde diziaõ que entravaõ os imigos, mandando acodir á gente para os defen-

defender: mas como os Mouros vinhaõ d'arrancada, & com a vitoria nas maõs, romperãõ por elles & os entraraõ, acolhendosse os q̄ nelles estauãõ para as tendas da Raynha, cuidando q̄ nella achãsse remedio. O Patriarcha vendo a cousa perdida, caualgou em hũa fermosa egoa, mūy grande corredora, & foise saindo do arrayal pella banda que ya pera a serra, por que estaua por ali desapressada dos imigos, & alguns Portugueses que o viraõ ir o foraõ seguindo. A Raynha tambem se pôs em outra egoa pera ver se se podia salvar. Dom Christouãõ foi logo auisado disto, & mandou algũas pessoas de confiança que fossem ter maõ nella, por que com sua ida se acabaria tudo. O Barnagais, & mais capitaens Abexins, nunca sairaõ dos vallos pera fora ajudar os nossos, & muitos delles se recolherãõ com o Patriarcha. Os Turcos entraraõ os vallos por duas partes, & vinhaõ ja rompendo pello arrayal dentro matando muitos. D'isto se deu rebate a dom Christouãõ que vendosse perdido, quis antes morrer ás maõs dos imigos, que ficar catiuo, & assi voltou pera aquella parte com vm furor taõ grande, que lhe fez esquecer as feridas que tinha: & tomando a espada com a maõ esquerda, disse aos seus, que quem o quisesse se-

guir o fizesse, por que elle ya morrer em meyo dos imigos. Alguns que nunca o deixaraõ, vendoo d'aquella maneira o detiueraõ dizendolhe, que aquillo era mais desesperaçãõ que determinaçãõ, que pera morrerem com elle, todos estauãõ muito prestes, mas que aquillo era arriscar a alma, por que ninguem podia ir determinadamente buscar a morte: q̄ o bom seria tratar de se salvar, por que com poupar a vida, se remedeua a honra, & ahi lhe ficaua tempo pera se satisfazer d'aquella perda. E tomãdoo por força, o poseraõ em vm fermoso caualo, & quatorze companheiros em outros: & tomando a Raynha consigo, & o Barnagais, se firaõ pella outra parte da banda da serra. O que poderaõ bem fazer, por q̄ como os Mouros andauãõ ja senhores do arrayal, descuidaraõse de tudo por roubarem. Logo se deu recado a Elrey de Zeilã, que dom Christouãõ era recolhido: pello que mãdou com muita pressa algũas companhias a pos elle: encomendandolhes muito o trouxessẽ viuo.

Os Turcos andauãõ espalhados pellas estancias saqueando tudo: & entrando hũa companhia delles nas tendas da Raynha, a onde estauãõ todos os feridos, que naõ poderaõ fogir: & com hũa crueldade brutal começaraõ a cor

tar nelles. Vendo vm dos feridos aquella bruteza, alcuantouffe o melhor que pode, & pôs o fogo a vns barris de poluora que estauão na mesma tenda, que arrebentaraõ, & deraõ por effes ares com as tendas, & com quantos auia dentro, sem escapar algum com vida.

E tornando a continuar com dom Christouaõ: tanto que se sayo do arrayal logo lhes anoiteceo, & perdendo o caminho da ferra se foraõ metendo pellos matos, por onde andaraõ toda a noite: mas a Raynha com o Barnagais foraõ atinando melhor com muitos Portugueses em sua companhia: por onde nos parece que Dom Christouaõ foi o que se não quis recolher à ferra, por que sua tençaõ seria irse pera as terras do Barnagais. Em fim como quer q fosse, elle andou toda a noite, & tanto que amanheceo acharaõ hũa fonte onde se apearaõ pera darem agoa as caualgaduras, & pera repoufarem vm pouco. Ali se apertaraõ as feridas vns aos outros, o melhor que poderaõ. Mas a fortuna não latisfeita ainda de tantos males, ordenou que fossem os Turcos dar com elles, guiados de hũa escraua, que os tinha ali visto. E lançando maõ d'elles os leuaraõ amarrados a Elrey de Zeilá, que em estremo estimou esta preza, auendo que Mafamede o ordenara assi, por aca-

bar de triunfar da vitoria.

E tendo dom Christouaõ em pé diante de si, lhe mandou dar em seu rosto muitas bofetadas, com as alparcas dos seus escrauos. (Vileza nunca vista em outro barbaro) & das barbas lhe mandou fazer tranças, com candeas pequenas de cera, á que mandou pôr o fogo, & disse aos seus, que assi fosse leuado por todo o exercito, pera mór vituperio. Dom Christouaõ soffreo tudo com grande animo & paciencia, & com o coração posto em Deos, por cujo amor, & seruiço padecia aquelle martyrio. Depois de passada aquella afronta o tornaraõ a Elrey, que por sua propria maõ lhe cortou a cabeça, por que lhe tinha cobrado taõ grande medo, que lhe não quis dar vida, por não ficar viuendo com sobrelaltos. Aos outros Portugueses mandou meter em masmorras, & alguns morrerãõ logo das feridas, & os mais diuiaõ de acabar no catiueiro, por que não achamos feito memoria de algum delles. Aos Turcos lhes pezo muito da morte de dom Christouaõ, por que desejavaõ de o leuarem de presente ao Graõ Turco, pello valor, & esforço de sua pessoa: mas sua alma sanctissima foise apresentar na gloria diante do dador della, banhada no fresco sangue de seu glorioso martyrio, por que entrou fermo-  
sa &

fa & triumphante, a onde recebeo a coroa aureola que está guardada pera todos os que morrerem por sua fê, honra, & seruiço. De que he clara proua hũa grande marauilha que Diogo de Reinoso & outra pessoa dina de fé virão por se acharem presentes & serem da companhia de dom Christouão da Gama que o escreueraõ. E a marauilha foi, que ali onde o Rey de Zeilá degolou dom Christouão, & o seu sangue se derramou, naceo logo hũa fonte de agoa que daua saude aos enfermos que se leuauão com ella.

Outra marauilha aconteceu também no mesmo tempo & dia em que este valeroso capitão & martyr de Christo foi degolado, que em certo modo mostraua Deos nosso Senhor nella quaõ aceita sua morte foi diante d'elle. Por q̃ num mosteiro de frades se arrancou por si hũa aruore muito grande que tinhaõ na crasta, virandofselhe as raizes pera o ar, & a rama pera a terra estando o dia muito quieto & sereno, & sem lhe preceder nenhũa tempestade a que se isto podesse attribuir. E por que isto causou espanto & admiração nos religiosos que morauão no mosteiro onde isto aconteceu, notaraõ & escreueraõ o dia que foi, por lhe parecer que não carecia de mysterio hũa cousa taõ noua, & taõ extraordinaria como aquel-

la. E quando souberaõ da morte deste glorioso martyr de Christo (que assi lhe podemos chamar) virão que foi no proprio dia em q̃ a aruore se arrahcou, a cuja morte elles attribuyão aquella marauilha. E o que nisto he mais pera notar he ver que estando esta aruore ja auia tempos seca, & com as mais das raizes cortadas, aconteceu que vencendo o Emperador da Abassia ao Rey de Zeilá, que degolara dom Christouão da Gama, lhe cortou a cabeça, & no mesmo dia em que lha cortaraõ, tornou a aruore, q̃ estaua seca, a se virar coas raizes pera baixo, & meterse na terra, & juntamente reuerdecer como antes que se arracasse della.

A Raynha meteosse na serra, q̃ era forte, onde se deixou estar cõ grande dór, & tristeza, por não ter nouas de dom Christouão, que ella amaua como seu filho. Afonso Caldeira (que como atras dissemos, deixou dom Christouão, com toda a preza que tomou na serra do Iudeo) quis sua boa fortuna, que indo demandar o exercito: aquelle mesmo dia deraõ cõ elle alguns que yaõ fogindo do disbarato: & sabendo ser a Raynha recolhida pera a serra, largando tudo encaminhou pera ella, com ostrinta companheiros que leuaua, q̃ a Raynha estimou muito. Poucos dias depois chegaraõ as tristes nouas da morte de dom

Christouaõ da Gama, por que todos fizeram muy grande pranto, sendo ja ali juntos cento & vinte Portugueses. Só Manoel da Cunha depois de tudo perdido, ajuntou corenta Portugueses, & não querendo encaminhar pera a Serra, desuiuouse por outro caminho,

& foi ter ás terras do Barnagais, a onde seus vassallos o agasalharão, & recolherão, mandando d'ali el-pias a saber de dom Christouaõ, & da Raynha, de que não tinham nouas algũas. Así os deixaremos todos em sua tristeza, a tornarmos a elles.

Fim do Oitauo Liuro.

LIVRO



# L I V R O N O N O

## DA QVINTA DECADA

### DA HISTORIA DA INDIA.

#### CAPITVLO I.

*De algũas cousas em que o Governador Martim Afonso de Sousa proueo. E da armada que este anno de corenta e dous partio do reino, sem leuar capitaõ mór. E de como o Governador se embarcou pera Cochim.*



**A**NTO que o Governador Martim Afonso de Sousa, tomou posse da governança da India, começou de entender nas cousas da justiça, & fazenda, achando hũa grande quebra nas pareas que os Reys de Ormuz pagauão, em que ja o Governador dom Esteuaõ da Gama o veraõ atras tinha bolido. E por que o rendimento do estado não viesse tanto a menos, & Elrey de Ormuz se não fosse penhorando mais em diuidas, desejando de prouer naquellas cousas, as pôs em conselho. E pera melhor entendimento desta materia, será necessario tornar de nouo a dar rezaõ das pareas q̃ os Reys de Ormuz paga-

uaõ. Pello que se á de saber, que pello primeiro cõtrato que Afonso d'Albuquerque fez com Elrey Ceifadim lhe pôs de pareas quinze mil xerafins d'ouro cada anno. Depois quando Antonio de Saldanha foi por capitaõ mór aos estreitos indo inuernar áquella ilha onde ja reinaua Toruxá filho de Ceifadim, lhe acrecêtou mais nas pareas dez mil xerafins, que ficauão sendo vinte & cinco mil. E indo o anno de vinte & tres o Governador dom Duarte de Menezes acodir aos aleuantamentos que ouue naq̃lla ilha contra os nossos, falecêdo naquelle tẽpo Elrey Toruxá, aleuantando o Governador por Rey seu filho Mamedxá, fez com elle novos contratos, escritos por Sebastiaõ de Vargas Secretario do estado, cujos capitulos principaes eraõ.

Que elle recebia aquelle reino de Ormuz da maõ d'Elrey dom Ioaõ de Portugal, que elle & seus socessores tornariaõ a entregar liuremente á pessoa que os Reys de Portugal mandassem: & que pagaria mais de pareas trinta & cinco mil xerafins d'ouro, que com os vinte & cinco mil dantes, prefaziaõ

ziaõ, sessenta mil xerafins d'ouro: que elle & seus socceffores seriaõ obrigados a pagar em ouro, prata, aljofre, pelloos preços da terra: com condiçaõ que auendo guerra em Cambaya, dõnde vinha o principal rendimento d'aquella alfandega, entaõ os annos que durasse naõ pagariaõ mais que os vinte & cinco mil xerafins de primeiro, o que tudo se verá muito claro em um liuro dos regimentos das fortalezas da India, que anda nos contos de Goa, recopilado por Simaõ Botelho Veador da fazenda.

Depois disto os annos de vinte & noue, quãdo o Governador Nuno da Cunha foi a Ormuz inuerner vindo do reino, (como na coarta decada fica dito no capitulo terceiro do liuro sexto) depois d'aquella perdiçaõ de Barem, fazendo pazes com aquelle Guazil, o condenou em corenta mil pardaos de pareas, pello aleuantamẽto que fez, que pagaria do rendimento d'aquelle reino de Barem cada anno perpetuamente. Depois vendo Nuno da Cunha, q̃ aquelle Guazil era vassallo do Rey de Ormuz, os carregou sobre elle, & os pòs por regimento naquella fortaleza, com o que ficaraõ as pareas em cem mil xerafins d'ouro. Estes mandou que se arrecadassem pello rendimento da alfandega de Ormuz, & que naõ abrangendo, lançassem maõ de todas as mais rendas do reino, a te perfazerem

aquella contia. E por que aquelle Rey ficaua sem ter com que se sustentar, (depois que lhe lançassem maõ de todas as rendas) mandou o mesmo Nuno da Cunha, que se lhe naõ bolisse nellas, nem se arrecadassem da alfandega mais q̃ dous terços, & que a demasia se deixasse a Elrey pera suas despezas. E como naquelle tempo naõ rendia a alfandega tanto, que podesse abranger a tudo, ficou Elrey de Ormuz deuendo hũa grande quantidade de dinheiro: por que o que faltaua se lhe carregaua por diuida.

Depois mandando o Visorrey dom Garcia de Noronha a Ormuz, fazer conta destes restes, achouse ficar Elrey deuendo, a todo o anno de trinta & noue, trezentos setenta & sete mil, & cincoenta & dous xerafins: sete candis, & corenta & seis dinares. Desta cõtia passou Elrey de Ormuz um conhecimento sellado com o seu sello: que o Governador Martin Afonso de Sousa achou nos cõtos de Goa. E posto que alguns digaõ, que os corenta mil pardaos que o Governador Nuno da Cunha acrecentou nas pareas áquelle Rey, foi pella culpa que lhe achou na morte do Guazil Rax Hamed, (q̃ socedeo naquelle Guazillado em ausencia de Rax Xaraso, que Manoel de Macedo leuou pera o reino (como temos dito no capitulo coarto liuro sexto da coarta decada,)

da) foi roim informação: por que nós achamos nas arrecadações dos feitores d'aquelle tempo q̄ seruião em Ormuz, carregados estes corenta mil xerafins, com declaração q̄ eraõ os que pagauão de pareas o Guazil de Barem pello aleuantamento que fez. E por q̄ este Guazil de Barem era vassallo d'Elrey de Ormuz, & elle lhe pagaua a aquellas corenta mil pardaos, pello rendimento d'aquelle reino de Barem, & que não podia ser pagar corenta mil a Elrey de Portugal, & outros corenta mil ao de Ormuz: mandou Nuno da Cunha, q̄ se carregassem sobre Elrey a aquellas corenta mil pardaos mais, & q̄ elle os arrecadasse do seu Guazil: & que o dinheiro de alguns annos que o Guazil de Barem tinha pagos, se abatessem na diuida q̄ diuia Elrey de Ormuz. E porq̄ os proprios papeis que sobre isto se fizeram, ou são leuados pera o reino, ou perdidos: ficou isto fazendo confusão, & o não podemos aueriguar, fenoão pello regimento d'aquella fortaleza, que mandaua arrecadar estes cem mil pardaos d'aquelle Rey, sem fazer mais algũa declaração, que são dizer, que eraõ de pareas.

E achando o Governador Martim Afonso de Sousa, os conhecimentos das diuidas nos contos: mandou de nouo fazer conta, desde anno de trinta & noue, a te a entrada deste de corenta & tres, &

se achou ficar aquelle Rey de uendo, quinhentos & dezoito mil, & quinhentos & trinta & sete xerafins d'ouro. E por que a contia era muito grande, & não auia esperanças de se arrecadar não querendo que fosse a diuida mais por diante, pôs aquelle negocio em conselho (como começamos a dizer no principio deste capitulo) para ver o meyo que naquillo se podia tomar. E debatido antre todos, assentou se, que visto como Elrey de Ormuz não podia pagar tanto dinheiro, nem auia por onde se arrecadasse delle, (por que se lhe bolissem nas rendas fora da alfandega, ficaria sem ter que comer) & q̄ pois se não podia em tempo algũ arrecadar, mais que o rendimento da alfandega, que se lhe mandasse notificar que a largasse toda a Elrey de Portugal, & que lhe quitassem todas as diuidas que deuesse: & que na renda da mesma alfandega se lhe pagassem algũas tenças aos continuos de sua casa: & q̄ fosse o Secretario Antonio Cardoso á Ormuz a pôr aquellas coufas em ordem.

E por que o Governador determinaua de ir a Cochim tanto que as naos do reino chegasssem, mandou dar auimento a armada que auia de leuar: por que tambem se assentou em conselho, que se desse um grande castigo á Raynha de Batecallá, por que estaua rebelada, & auia annos que não queria pagar

gar as pareas que diuia. E andando occupado nestas cousas entrada de Setembro chegaraõ á barra de Goa as naos da sua companhia, que ficaraõ inuernando em Moçambique, & tres mais de viagem, de coatro que partiraõ do reino, q̄ naõ traziaõ capitaõ mór. Os capitaens eraõ Anrique de Macedo, Baltasar Iorge, & Lopo Ferreira: & o capitaõ que faltaua era Vicente Gil, que se foi perder na costa de Melinde, em parte que se saluou toda a gente.

O Governador começou a pagar soldados para a sua armada, & lançar nauios ao már, por que determinaua de se partir logo pera Cochim a dar ordem á carga das naos, & a escrever pera o reino. Tambem despachou as naos pera Malaca, em que se embarcou Fernão de Crasto, que era prouido da capitania de Maluco, por que lhe cabia entrar. Dom Esteuão da Gama que estaua em Pangim, sem correr com o Governador mandou recado ao Veador da fazenda, que auia mister nauios pera se ir pera Cochim, que lhos desse dos d'Elrey como era obrigação. O Veador da fazenda o fez a saber ao Governador, que mandou que se lhe dessem com todo o necessario, como se fez, & elle se embarcou sem se despedir do Governador Martim Afonso de Sousa, por que se queria logo embarcar, deu despacho a muitas

cousas, & antre ellas foi agafalhar os Padres da Companhia, que anteaõ estauaõ no hospital, & assentou com os Vereadores que se lhes desse o Seminario que dom Esteuão da Gama ordenou na carreira dos caualos, a onde estauaõ os miñinos orfaõs, & os nouamente conuertidos á fe Catholica, pera os ensinarem, & doutrinarem, & lhes deraõ vm arrezoadado chaõ pera suas officinas.

Os Padres se mudaraõ logo pera lá, & ordenaraõ vm moderado templo, conforme ao lugar & tempo, pera nelle celebrarem os officios diuinos: & comecaraõ a administrar com muita charidade os sacramentos, sendo ajudados em tudo dos cidadãos de Goa com muito amor, & assi foraõ crescendo, assi em virtude, como em numero, & templo, por que depois (como diremos) fundaraõ no mesmo lugar aquelle celebrado collegio de saõ Paulo, que he vm dos milhores da Europa.

O Governador deu despacho ao Secretario Antonio Cardolo pera Ormuz, que se embarcou logo, & segundo ouuimos dizer a fidalgos d'aquelle tempo, antre os capitulos que lhe deu de seu regimento foi vm, que deuaçasse de Martim Afonso de Mello Iuzarte, capitaõ d'aquelle fortaleza, por que desejava de embicar com elle, por que naõ era seu amigo: & assi nos affirmaraõ, que lhe passara hũa

ra hũa prouisaõ em segredo, pera que achando culpado nos capitulos que leuaua o mandasse prizo, & elle ficasse por capitaõ a teir o prouido. Mas a verdade he, que lhe mandaraõ de Ormuz muitos capitulos contra elle falsos & mētirosos, porq̃ nestas fortalezas sempre ha homēs de roim zelo, capituladores, & maos de contentar.

O Governador se embarcou de todo, & deu a vela em Outubro, leuãdo comsigo as naos do reino. Os capitaens que nesta jornada o acompanharã foraõ dom Manoel de Lima, dom Martinho de Sousa, Pero Vaz de Siqueira, Alõso Anriquez, Manoel de Sousa de Sepulueda, Bernaldim de Sousa, Fernãõ da Sylua alcaide mór de Alpalhaõ, Fernãõ de Sousa de Ta-uora, dom Diogo d'Almeida Freire, Diogo de Mendocça, Diogo de Reinoso, Francisco de Sá de Meneses, Francisco Lopez de Sousa, Antonio de Sá o Rume, dõ Duarte de Meneses, Antonio de Sotomayor, Afonso Pereira de Lacerda, Iorge de Mello o Punho, Lopo Vaz de Siqueira, Diogo Pirez Deça, Fernãõ de Lima, Gaspar de Sousa, Afonso Furtado, Aluaro de Mēdoça, dom Francisco de Noronha, Fernãõ Gomez de Sousa, Ioaõ de Mēdoça, dõ Ioaõ Anriquez, dom Ioaõ Mascarenhas, Luis Cayado, Vasco da Cunha, Luis Falcaõ, & outros muitos fidalgos & caualeiros a q̃ não achamos os nomes. E se-

guindo sua viagem foi sorgir com toda sua armada sobre o porto de Batecalá.

## CAPITULO II

*Do sitio da cidade de Batecalá: & de como o gouernador Martim Afonso de Sousa desembarcou nella & a destruyó. E de como dom Esteuãõ da Gama se embarcou pera o reino, & das partes & calidades de sua pessoa.*



STA cidade de Batecalá está na costa do Canará em altura de graos do Norte: foi sempre sogeita aos Reys de Bisnagá: está situada quasi hũa legoa por vm muito fresco rio acima, & estédida em vm plano, cõ muitos palmares, hortas, & fazēdas ao derredor, cõ muitos & grandes câpos, & varzeas em que sameaõ muito arroz, & hũa laya delle a q̃ chamaõ Giracal, o melhor de toda a costa da India, de que se proué a mór parte della. He pouuada de Gentios. He grande, & de grandes edificios & pagodes. Foi sempre muito prospera, rica, & mūy continuada de mercadores estrangeiros da Persia, & da Arabia, que ali yaõ carregar suas naos de fazendas, por q̃ ha ali muitas sortes de roupas muito finas, muito gengiure, ferro, & outras cousas. A sua bar-

ra he muito roim, & não podê entrar por ella se não nauios de remo, & inda com maré cheya. Na boca della da banda do Norte té vm morro alto com pedras na pōta sobre o már, de longo della entra o rio, & torna a voltar caminho do Sul Sueste, alargando pera dêtro cada vez mais. Da outra parte da entrada da barra da banda do Sul, tem hũa praya muito grande, que faz hũa baya a maneira de concha, onde o már em tēpo dos ponentes quebra, & anda muito banzeiro, por lhe ficar em opposito. Afastado da ponta da barra vm tiro de Falção tem vm ilheo redondo alto, & delle ao már no mesmo paralelo perto de duas legoas outro, cheyos ambos de matto em que andaõ bichos peçonhētos, & por antre vm & outro passaõ todas as naos, mas por antre o da terra só fustas. De logo de ambos ha algũas abrigadas á que as fustas que ali andaõ d'armada, se acolhem em tempos rijos.

Surto o Governador Martim Afonso de Sousa mādou requerer á Raynha q̄ lhe mādasse pagar as pareas q̄ diuia dos annos atras passados, & que lhe entregasse logo todos os nauios de remo que em seu porto estiueſſe, por que d'ali sayão a roubar todo aquelle már, & ella os recolhia dêtro. A Raynha quis vsar de manha cō o Governador, por que sabia q̄ ya pera Cochim, & que se não auia de deter muito,

mandandolhe dizer, q̄ pera tudo estaua prestes, que ajuntaria as pareas, & que os nauios logo se lhe entregariaõ. E pera mayor dissimulação, ao outro dia lhe mādou os cascos de tres nauios velhos: & dahi a dous dias outros dous sem virê as pareas, gastado nestas dilacões sete ou oito dias. O Governador enfadado mandou fazer prestes a todos pera ao outro dia desembarcar, como fez, naquella praya da baya, em q̄ ordenou dous esquadroes de seiscētos homēs cada vm, dando vm a Fernão de Sousa de Tauora, a quem encomendou a dianteira, ficado o Governador cō o outro, em q̄ yaõ os mais dos fidalgos: & pello rio dentro mādou vinte nauios ligeiros pera irem cometer a cidade pella bāda do már. E postos em ordem foraõ marchado pera a cidade por meyo d'aquelles palmares, a onde a Raynha mādou lançar muita gēte d'espingardas, q̄ trauaraõ com a diateira, indo os nossos pelejando com elles, sem se sairem de seu compaço, leuadoos diate de si a te os meterem pella cidade, em q̄ de enuolta com elles foraõ entrando, achando grande resistencia, por que acodio ali a Raynha com todo o poder. E como todos pelejauaõ em defenſaõ de sua cidade, molher, filhos, & fazendas, fazião marauilhas.

Aqui antes de entrarem na cidade se adiantou vm soldado (a que não achamos o nome) sobre quem

quem carregaraõ mais de duzentos dos inimigos, cercandoo por todas as partes, mas elle com muito animo, valor, & esforço, saltando a hũa & a outra maõ como vmliaõ brauo se defendia de todos, ferindo a muitos que trabalharaõ por lhe chegar.

Estando neste conflicto chegou outro soldado chamado Francisco d'Almeida natural de Sanctarem, & vendoo em tamanho aperto, espantado das cousas que fazia em sua defesaõ, rompeo por todos os inimigos, ferindo nelles ate se pôr junto d'elle, & com as costas vno outro se defenderaõ de todos, fazendo nelles mûy grande estrago, de feiçaõ que ja os inimigos naõ oufauaõ de os cometer de perto, mas de longe lhes atirauaõ com muitos tiros de arremesso. Mas elles como touros magoados das garrochas dos inimigos, bramindo, & affo uiãdo, arremetiaõ com elles & os magoauaõ bê, trazêdo elles ja muitas feridas: & assi se detiueraõ a te chegar o esquadraõ, q̄ remetendo com aquelle cardume, desbarata-raõ logo, recolhêdo aq̄lles dous valerosos soldados.

Os que entraraõ a cidade apertaraõ tanto com os inimigos que os arrancaraõ della, recolhendosse pera o sertoã. O Governador entrou na cidade, & sabendo ser despejada, a deu a saco aos soldados, q̄ se ceuaraõ bê á sua vôtade, naõ perdoãdo a sexu, nê a idade, metê-

do tudo a ferro, & depois q̄ se carregaraõ, & fartaraõ, deraõ fogo á cidade que por todas as partes ardeu toda sem ficar cousa em pé.

O Governador mandou cortar todos os palmares, & quantas fazendas auia á roda: & depois de tudo consumido, assolado, & feito em cinza, se recolheo pera a armada, deixando por toda aquella costa tamanho terror, & espanto em todos, que se mudou vno antigo adajo que por toda a India corria (de Oxar Batecalá) que quer dizer guardar de Batecalá, por serem seus naturaes taõ soberbos, que nada sofriaõ. E d'ali por diante se dixe, Oxar Martim Afonso: & assi em qualquer parte da costa da India, em que depois os Portugueses desembarcauaõ diziaõ pellõs quebrantar, Oxar Martim Afonso, & assi ficaraõ naquella costa taõ respeitados, & temidos de todos, que só sua memoria, ou lembrança os atormentaua. O Governador deu á vela, & foi sua derrota pera Cochim, & desembarcando naquella cidade foi della muito bem recebido, & logo começou a entender na carga das naos, com que dom Esteuaõ ya correndo, conforme ao regimento, em que manda Elrey, que todo o Governador que acabasse seu tempo, em quanto estiuessê em Cochim vsasse de poderes de Governador, assi na carga das naos como na justica: ainda que muito depois lhes

tirou o poder, como em seu lugar diremos, na justiça, porque perdoava não muitos casos feos, & muitos degredos.

Dom Esteuaõ da Gama, como estaua tomado, & não corria com o Governador, passouse pera a ilha de Ioaõ Pereira, donde se embarcou na entrada de Ianciro na nao Burgaleza. Tiuerão estas naos boa viagem a te o reino. Sómente a nao Sancto Spirito, de que era capitaõ Aluaro Barradas, indo por dentro, por onde entaõ yaõ todas as naos, foisse perder junto de Titangone, a onde se saluou toda a gente, & a mór parte da fazenda. Dom Esteuaõ da Gama foi em Portugal desembarcado por todos os senhores, que o leuaraõ a Elrey, que o recebeo mūy bem. E polo Elrey dom Ioaõ o terceiro querer casar, & elle não querer, lhe não deraõ satisfação de seus seruiços, que foi causa de se elle ir viuer a Veneza com sua licença, donde esteue annos muito respeitado do Senado, a te o Emperador Carlos Quinto o persuadir com largas promessas de merces que lhe Elrey faria a se vir a Portugal, que lhe não compriraõ.

Foi este fidalgo filho segundo de dom Vasco da Gama, primeiro Conde Almirante, o que descobrio a India. Era homem de meã estatura, bem assombrado, &

alegre: era grosso, espadaudo, & muito barbudo, de cabello preto: & asy parece oje na casa dos Governadores, a onde está o seu retrato muito pello natural. Foi Governador de Lixboa: foi fidalgo liberal, de verdade, muito bom caualeiro, homem que executaua os conselhos, & era porfioso, nunca foi casado: teue vm filho natural chamado dom Vasco da Gama, que deixou por seu herdeiro, & casou com hũa filha de Andre Tellez, mordomo mór do Iffante dô Luis, & dona Caterina Freira em santa Clara de Lixboa. Dizem que depois de velho foi cometido para ir a India, & que se escusara, por que quis quietar, & pera melhor dizer, segurar a consciencia, por que ella & a honra, estaõ muito arriscadas naquele cargo. Iaz enterrado na Vidigueira em vm conuento de Carmelitas, que se chama nossa Senhora das reliquias, tem capella dotada: & tem vm letreiro na sua sepultura que diz asy:

O que arrou caualeiros ao pé do monte Synai, veyo acabar aqui.

(.r.)

CAPITULO III.

*Do q̄ fez o Governador Martim Afonso de Sousa depois que despedio as naos do reino. E de hũa breue relaçaõ de todas as cousas d'Elrey de Maluco, que estaua em Goa: & de como foi despachado pera ir entrar no seu reino. E das cousas a que o Governador mandou Simão Botelho a Malaca.*

**D**ESPEDIDAS as naos pera Portugal, ficou o Governador Martim Afonso de Sousa dando despacho a alguns Embaixadores que o foraõ visitar, como foi o do Camorim que recebeo muito bem, & confirmou com elle as pazes de nouo. E assi mesmo, o da Raynha de Batecalá, que escrametada do castigo que lhe deraõ, não quis experimentar mais o ferro Portuguez: & mandou pedir com muita humildade perdaõ das culpas passadas, offerendosse a pagar tudo o diuido, & a continuar com as pareas que era obrigada a pagar cada anno.

O Governador lhe concedeo as pazes com condiçaõ que entregaria logo tudo o que diuia, & que pagaria todos os annos de pareas dous mil fardos de arroz, assi co-

mo se obrigara ao Visorrey dom Francisco d'Almeida.

E que não recolheria em seus portos nauios alguns de cossairos.

E que daria lugar pera hũa feitoria, pera estarem os officiaes d'Elrey feitorisando suas cousas.

E que nenhũ gengiure iria mais pera Meca, antes todo se venderia na feitoria pello preço da terra. Disto se fizeraõ papeis, & a Raynha comprio á risca tudo.

Acabados estes negocios, se embarcou o Governador pera Goa, onde começou a entender com as cousas d'Elrey de Maluco, que estaua nella. E por que depois que foi tirado de seu reino não tratamos d'elle, daremos agora hũa breue relaçaõ de todas: por que de proposito as guardamos pera este lugar, pellas não contarmos por pedaços.

Capitulo treze do oitauo liuro da coarta decada temos dado conta, de como chegatido Tristaõ de Tayde a Maluco prendera Elrey Tabarija, de Ternate, & o mandara à India, com vm auto de culpas q̄ lhe formara, sendo aquelle Rey innocente de todas. E como Deos nosso Senhor he verdadeiro juiz, & igual pera todos, sem exceiçaõ de pessoas, vendo a grande sem justiza que se lhe fazia, pondo os olhos nelle, tratou de o remediar, assi na restituicaõ de seu reino, como na saluacaõ de sua alma, por esta maneira.

Estando este Rey na cidade de Goa, sem lhe falar a feito, por causa da guerra de Diu, dandolhe porem tudo o necessario da fazenda d'Elrey: correndo assi este tempo, veyo a tomar conuersação com um homem fidalgo chamado Iurdaõ de Freitas (que ja era de mais longe, por algũas vezes que tinha ido a Maluco) & aqui em Goa onde elle correo com mais continuação, se lhe veyo a entregar de feição, que não fazia se não o que lhe elle aconselhaua: solicitando elle seus negocios com o Governador Nuno da Cunha, a que o tempo não deu lugar pera o despachar. E como Iurdaõ de Freitas era homẽ amigo de Deos & virtuoso: vendo aquelle Rey taõ entregue a seu parecer, apalpou por vezes pera ver se o podia fazer Christaõ: & achando sempre nelle brandura, & afabilidade, & folgar de ouir praticar nas cousas de nossa ley, & fé Catholica: foi leuando aquelle negocio por termos que o veyo a render, & a elle conhecer a verdade, & cair no engano em que andaua. Tendoo Iurdaõ de Freitas ja disposto pera se declararem com elle, deu cõta ao Governador Nuno da Cunha d'aquelle negocio, q̃ elle estimou muito. E vendosse com Elrey lhe fez muito differetes galhados: & sabendo d'elle, que estava seguro & firme em sua vontade, mandou a alguns Religiosos virtuosos que fossem correr com

elle, & o catechizassem como fi. eraõ: mostrando elle tamanho gosto d'aquillo, que em poucos dias aprendeo a doutrina Christã.

E estando ja sufficiente pera receber o santo sacramento do Bap-tismo, ordenou o Governador pera aquelle dia as mores festas que podiaõ ser, mandandolhe muito ricos trajos á Portugueza, & elle pedio ao Governador de merce q̃ fosse seu padrinho, & que ouesse por bem que Iurdaõ de Freitas taõbem o fosse: porque a elle diuia aquella merce que lhe Deos fazia. Do que o Governador foi muito contente, & assi o bautizaraõ na Sé, pondolhe nome dom Manoel, ficando entregue a Iurdaõ de Freitas, que correo sempre com seus negocios muito pontualmente. E como Elrey lhe estava muito afeiçoado, lhe fez doação da ilha de Amboino, que era sua. E entrando o Governador dom Esteuaõ da Gama na governança, mandou a Elrey dom Ioaõ as culpas deste Rey, escreuendolhe sobre suas cousas, & assi o fez o mesmo Rey, perdindolhe, mandasse que lhe fizessem justiça. Foraõ estes papeis todos a Elrey, por que estimou muito fazerse aquelle Rey Christaõ: & por elles vio, que as culpas que lhe pozeraõ eraõ falsas.

Pello que este anno de corenta & tres escreueo ao Governador Martim Afonso de Sousa que o mandasse meter de posse do seu reino,

reino, escreuendolhe cartas mūy honrosas, & mandandolhe muitas peças: & confirmou a Iurdaõ de Freitas a ilha de Amboino com certa jurdiçaõ, & fazendolhe merce da capitania de Maluco, pera leuar aquelle Rey comfigo, & o meter de posse do seu reino. Pello q̃ o Governador mãdou negociar ṽm Galeaõ muito fermoso pera partir este Abril em que andamos, & despachou Iurdaõ de Freitas pera ir entrar na capitania de Maluco (por virem nouas nas naos de Malaca, que Fernaõ de Crasto, que ya pera entrar nella, era falecido naquella cidade) dandolhe todas as cousas necessarias pera a viagem, para o seruiço d'aquelle Rey: & em vinte de Abril se fez a vela muito contente & satisfeito do galhardo que achou nos Governadores da India: & de sua viagem adiante daremos rezaõ.

E por que nas cousas da alfandega de Malaca auia muitas desordens, assi em perjuizo da fazenda d'Elrey, como das partes, pellas muitas injustiças & tyrannias que alguns capitaes vsauaõ, quis o Governador mandar prouer em tudo por Simaõ Botelho, que despachou com poderes de Veador da fazenda, dandolhe largos regimentos sobre este negocio a que o mandaua. E por naõ deixarmos esta materia para outro capitulo (por que naõ sofre a grandeza da historia tanto) diremos breuemẽ-

te, as cousas que moueraõ ao Governador acodir a isto, & dos antigos costumes do tempo dos Gētios & Mouros, por ser assi necessario pera melhor intendimento da historia.

Pello que se a de saber, que depois que o valeroso capitaõ Afonso d'Albuquerque tomou aquella cidade de Malaca a Elrey Soltan Mahamedxa, desejou Elrey dom Manoel em estremo de o restituir á sua cidade, & que ficasse regedo & governandõ seus vassallos com as rendas da alfandega: por q̃naõ queria mais que ter ali hũa fortaleza, pera acarretar d'ali pera a India todas as drogas que ali yaõ ter de todas as parres do Oriente, por modo de comercio: por que auia que correndo todas por suas maõs montaria muito ao estado da India, & que tambem poderiaõ ir ali carregar algũas naos da pimenta de Iáo, & Sunda, pera o reino. Sobre a tornada d'aquelle Rey pera a cidade de Malaca, trabalhou bẽ Afonso d'Abuquerque, mandandolhe offerecer liuremente a sua cidade, o que elle naõ quis aceitar, antes fez muitas vezes guerra áquella fortaleza, como nas decadas de Ioaõ de Barros, & nas nosas se conta.

Vendo Elrey dom Manoel, que aquelle Rey naõ queria fazer rezaõ algũa de si nesta materia, mãdou que se arrecadaassem os direitos d'aquella alfandega, assi &

da mesma maneira que se arrecadauão em tempo de todos os Reys Malayos, que eraõ pella maneira seguinte.

De todas as fazendas que yaõ ter áquella cidade des da boca do rio Ganges a te o Indo pagauão a seis por cento. E de todas as outras prouincias, des do Ganges a te a China dauão de todas as fazendas que naquella cidade entrasẽ, a coarta parte a Elrey, pella aualiação da alfandega, & esta aualiação por seus officiaes que sempre punhaõ o que valia doze em oito, & que lhas pagariaõ em outras fazendas: tambem por aualiação dos mesmos officiaes, que sempre a fazião de feição, que nella ganhauão aquelles Reys a vinte por cento. Isto montaua muito áquelles Reys, pella grande copia de nauios & fazendas, que todos os annos yaõ áquelle porto, & a estes costumes chamauão na sua lingua, bulibuliaõ, que se foraõ tambem arrecadando por conta d'Elrey, pagandolhes as fazendas em outras q' os Governadores da India mandauão todos os annos pera isso. E alem dos costumes d'Elrey, tomauão os capitaens & officiaes o que queriaõ pera si, fazendo tãtos roubos & tyrannias nisto, que escandalizaraõ os mercadores de feição, que deixauão ja de vir áquella cidade, & yaõ buscar os portos dos Reys de Malaca onde achauão mais moderação.

E esquecendosse alguns Governadores de mandarem fazendas pera este resgate, foraõ os capitaens lançando maõ d'elle pera si, ysurpãdo a posse d'aquelles costumes, tomando as fazendas que ali yaõ por muito menos, & dãdolhes outras por muito mais, & ficou Elrey de Portugal pondo (como lá dizẽ) as linhas de sua casa. Tanto q' rendendo d'antes bastantemente pera os gastos, & ordinarias das fortalezas, veyo tudo a tanto menos, q' foi necessario mandar-se do rendimento da India, o cabedal pera aquellas despezas. Informado o Governador Martim Afonso de Sousa disto, querendo prouer a tamanhas desordẽs, mandou Simaõ Botelho (como atras dissemos neste mesmo capitulo) com nouos regimentos, pera tirar aquelles costumes antigos, ordenando q' d'ali em diante todos os mercadores de qualquer parte que fossẽ, naõ pagassem naquella alfandega de Malaca mais que a seis por cento de entrada, tirando as fazendas de Bengala, que estas pagariaõ a oito, & as da China que viessem por maõs dos Portugueses a dez, mas os naturaes naõ pagariaõ mais q' a seis. Isto ordenou o Governador por que se yaõ pera aquellas partes muitos Portugueses, & deixauão o seruiço d'Elrey por se fazere[m] mercadores, & quis com esta alteraçãõ nos direitos ver se podia euitar isto.

Ordena-

Ordenando mais que todos os mantimentos que entrassem naquella cidade, fossem liures & isentos, por que acodissem muitos como fizeraõ: por que depois de Simaõ Botelho chegar áquella fortaleza, & pór os direitos que leuaua por regimento, correndo a fama por todas as partes d'aquella liberdade, começaraõ a acodir tantas fazendas, que aquelle primeiro anno renderaõ os direitos, vinte & seis mil & duzentos & cincoenta pardaos d'ouro: & depois foraõ subindo tanto mais, que no tempo em que isto escreuemos, rende de ventagem de oitenta mil.

E todavia sempre os capitaens ficaraõ na antiga posse de tomare todas as drogas pella aualiaçaõ, q' he cousa que lhe importaua muito. Despedido Simaõ Botelho, despachou o Governador a dom Manoel de Lima pera ir entrar na fortaleza de Baçaim, por ter acabado seu tempo dom Francisco de Menezes, & com isto se ferrou inuerno.

### CAPITULO III.

*Das cousas que acontecerã na Abasia: & como o Emperador com o fauor dos Portugueses deu batalha a Elrey de Zeilã, em que o disbaratou de todo.*



STANDO a Raynha recolhida naçla serra em q' a deixamos, muito triste pella morte de dom Christouaõ da Gama, esperando cada dia por nouas do Emperador seu filho, que lhe naõ tardaraõ muito, affirmandolhe que ja vinha perto. E tomando conselho com os Portugueses que com ella estaiã sobre o que faria, assentaraõ que se passasse pera a serra do Iudeo (que por outro nome se chama de Caloa) por onde elle forçado auia de passar. E partidos d'ali chegando a ella, ja o acharaõ, por que era chegado do dia d'antes. O Emperador recebeo a mãy, o Patriarcha, & os Portugueses muito bem, saindo aos esperar ao caminho, & entaõ soube da morte de dom Christouaõ, por que mostrou muito grande sentimento. Trazia elle muito pouca gente, por que vinha pella posta, & aforado. E sabendo das cousas que eraõ passadas, & do poder do inimigo, foilhe necessario deixar se ficar na serra a te lhe acodirem seus valfallos. D'ali mandou espia os inimigos, & proueo todos os Portugueses de armas, caualos, & de todas as mais cousas necessarias, mandandolhes armar tẽdas junto das suas, pera os ter sempre a par de si.

A fama de sua chegada correo logo pella terra, que foi causa de começar logo de acodir gente a  
ver

ver o seu Rey, & em muito poucos dias ajuntou seis mil de pé, & coatrocentos de cavallo, com que determinou de ir buscar o imigo, como delle tiueſſe nouas. E sabendo como Manoel da Cunha com a gente de ſua companhia eſtaua na terra do Barnagais, o mandou logo chamar pella poſta, eſcreuendolhe os Portugueſes que viesſem pella ferra da Raynha, & trouxeſſem todas as armas de ſobrecellente que dom Chriſtouão deixou nella. Poucos dias depois lhe chegaram nouas de como o Rey de Zeilá auendolhe por ſenhor da terra com a vitoria que alcançara, deſpidira os Turcos pera Zebit, ficando lhe ſo os duzentos que trazia de ordinario pera ſua guarda: & que com parte de ſua gente ſe paſſara pera a prouincia de Agá, por onde o Nilo atraueſſa, pera ſe ſanctificar, & recrear nelle có ſua molher & familia.

Com eſtas nouas folgou o Emperador muito, & deu conta dellas aos Portugueſes: & aconselhandoſe com elles ſobre o que faria, lhe diſſeraõ que foſſe logo buscar o imigo primeiro que ſe refizelſe: por que eſtaua certo, em tendo nouas de ſua chegada, ajuntar todo o ſeu poder pera o eſperar. Com eſta determinação ſe ſáyo da ferra do Iudeo, com ſua gente poſta em muito boa ordem, dando a dianteira aos Portugueſes. E caminhando por onde as guias o leua-

uaõ, antes de chegarem a hũa ferra que ſe chamaua Oé nad qas, na prouincia de Ambéa: vm dia pella menhá, encontraraõ vm capitão d'Elrey de Zeilá, com trezêtos de cavallo, & dous mil de pé, que parece que ſe ya pera Elrey, por auer ja nouas da chegada do Emperador. Os Portugueſes que yaõ na dianteira mandaraõ recado ao Emperador que ſe apreſtaſſe, por q̄ elles começauaõ a trauar com os imigos. Scriaõ os Portugueſes por todos cincoenta de cavallo, & determinandoſe, remeteraõ contra os imigos com muito animo, ſendo o primeiro que nelles rompeo vm Antonio Cardoſo criado d'Elrey homem nobre: que vendo o capitão dos Mouros diante, enreſtando a lança o encontrou de meyo a meyo, & tomando pellos peitos o derribou logo morto. Os outros Portugueſes tambem do primeiro encôtro derribaraõ muitos, ficando todos baralhados em hũa aſpera batalha, em que os noſſos fizeraõ muito por ſe ſatisfazerem do agrauo que lhe era feito em lhe matarem dom Chriſtouão da Gama ſeu capitão mór: & aſi quando o Emperador chegou tinhaõ elles feito muy grande eſtrago nos imigos.

O Barnagais que ya diante do Emperador, chegando aos noſſos que andauaõ como liens, baralhoulhe com elles dando nos Mouros com grande impeto, tambem lhe

lhe derribou muitos. O Emperador apressouffe, & chegando á batalha que vio o furor com que os Portugueses pelejauão, & o grãde estrago que tinhaõ feito nos inimigos: pondo as pernas ao caualo se foi meter no meyo delles, animãdoos, louuandoos, & pelejando cõ muito valor. Mas como os inimigos entenderão que ali estaua o Emperador, logo se puserão em fugida, indo os que escaparaõ dar nouas a Elrey de Zeilá, do q̄ era passado, o que elle sintio em estremo. Perderaõse dos Mouros mais de oitocentos, & outros se espalharaõ, indo muitos feridos a buscar a cura.

O Emperador mandou armar tendas no lugar da batalha, pera dar descanso aos Portugueses, que tinhaõ muito bê trabalhado, naõ se fartando de lhes fazer honras, & gafalhados: mandando curar alguns feridos, que elle & sua mãy visitaraõ, mandãdo ter delles muito grande cuidado. Ao outro dia pella menham, leuou o Emperador seu cãpo, & foi marchãdo pera onde estaua o Rey de Zeilá, por q̄ com aquella quebra auia d'estar enfraquecido, & tendo andado pouco mais de hũa legoa ouueraõ vista d'elle: que estaua com toda a sua gente em som de batalha, por que sabia q̄ os Portugueses auiaõ de fazer com o Emperador que o fosse buscar. Tinha feito duas batalhas de pé de tres mil homens

cada hũa, & na testa quinhêtos de caualo, em que elle estaua com todos os Turcos.

O Emperador chamou a si os Portugueses, & esteue notando a ordem, em que os inimigos estauaõ, & assentaraõ de os cometer na mesma forma. E assi ordenou outros dous batalhoens de outros tres mil homens cada vm, & na testa pòs trezentos de caualo, em que entrauaõ os Portugueses, querendosse tambem o Emperador achar com elles, pedindolhe elles muito por merce que os deixasse sós. Postos nesta ordem foraõ cometer os inimigos, com quem os Portugueses arremeteraõ apellidando Sanctiago: & ferrando com os de caualo se baralharaõ todos em hũa cruel batalha, em que os nossos se afsinalaraõ, derribãdo dos primeiros encontros muitos Mouros, perdendosse sós dous companheiros. O Emperador na enuolta dos nossos rompeo tambem nos inimigos, sendo dos primeiros que lhes poseraõ as lanças, & derribando com muita força alguns dos encontros: & tanto apertaraõ com os de caualo, que os fizeraõ recolher ao corpo do exercito quasi desbaratados, & com muitos perdidos. Elrey de Zeilá que era muito bom caualeiro, vendo o disbarato dos seus, sayo do esquadraõ, & se passou à dianteira, tendo os seus, animandoos, esforçandoos, & fazendoos voltar, & elle com vm filho seu

seu de idade de dez annos, que trazia a par de si, remeteo com os nosos que lhe tiueraõ o encontro, ficando trauados em hũa aspera batalha. Os escoadroens tambem se baralharaõ vns com os outros, ficando trauados cruelmente, pella pouca ordem da milicia que vns & outros tinhaõ: mas sempre ouue ventagem de nossa parte, por causa da espingardaria dos Portugueses, com que fizeraõ em os inimigos muy grande estrago, & todauia a cousa esteue arriscada: mas permitio Deos que vm Portugues desse hũa espingardada pella barriga a Elrey de Zeila, que o passou da outra banda, cahindo sobre o arçaõ dianteiro sem ir ao chaõ, por andar presintado no caualo, q̄ defatinado com o estrondo da arcabuzaria foi fugindo pello cãpo desenfreadamente.

Tanto que os Mouros viraõ o seu Rey d'aquella maneira, comecaõse a pôr em disbarato: o que os Turcos não quiseraõ fazer, auẽdo por afrõta fugirem: antes quiseraõ morrer como caualeiros, que viuerem com vituperio: & assi se deixaraõ ficar como desesperados, pelejando com o Barnagais, & com os seus, em quem fizeraõ muy grande estrago. Acertou de passar por aquella parte vm Portuguez de caualo, chamado Ioã Fernandez, da obrigação de dom Christouaõ (por q̄ todos os mais yaõ no alcance dos Mouros) &

vendo o valor com que os Turcos pelejauaõ, & que o seu capitaõ andaua diante pelejando como vm liaõ, tendo ja vm monte de Abexins mortos diante d'elle, & enrẽstando a lança quis sua boa ventura que o tomou pellos peitos, dando com elle no chaõ muito mal ferido, & passando com aquella furia do encontro, por que lhe não parou o caualo bem, se foi meter no meyo dos Turcos, a onde lhe deraõ hũa cotilada por hũa perna, de que depois ficou aleijado. E voltando logo com muito animo & esforço, vendo que o capitaõ dos Turcos se tornaua a aleuantar, pondolhe outra vez a lança deu com elle no chaõ morto. Com isto se puferaõ entaõ os Turcos em disbarato: & de duzentos que eraõ só corenta escaparaõ. Os Mouros que yaõ do primeiro disbarato, a que os nosos seguiaõ o alcance, perderaõse quasi todos, somente trezentos se recolheraõ com a molher d'Elrey, ficando o filho catiuo em maõs dos nosos, que este dia tomaraõ muy grande satisfação da morte de dom Christouaõ da Gama. O Emperador depois da vitoria concluida, mandou armar suas tendas ao longo do rio, & os Portugueses a par d'elle, dandolhes muitos & publicos lououres, & fazendo a todos muitas merces. E auendo coatro dias que isto era passado, chegou Manoel da Cunha com a sua companhia

nhia, q̄ se ouueraõ por muito mo-  
finos, de se não terem achado na-  
quelle soccesso. Ali naquella ri-  
beira se deixou o Emperador ficar  
o inuerno, que ja era entrado, mã-  
dando d'ali prouer nas cousas de  
seus reinos, que logo tornou a re-  
duzir á obediencia.

## CAPITULO V.

*Do que aconteceu ao Secretario  
Antonio Cardoso em Ormuz:  
& de como aquelle Rey con-  
cedeo a Alfandega daquella  
ilha: & de outras cousas.*

**P**ARTIDO o Li-  
cencado Antonio  
Cardoso de Goa, foi  
ter á fortaleza de  
Ormuz em Feuerei-  
ro: & primeiro que desembarcas-  
se foi o capitão Martim Afonso  
de Mello Iusarte auisado ao que  
ya: pello que o mandou logo visi-  
tar ao már, & a pedir-lhe que qui-  
sesse ser seu hospede. O Secretario  
pareceolhe logo aquillo lanço de  
homem confiado, & desembarcou  
em terra, a onde o capitão o espe-  
rou, & o recebeo bem, & d'ali se  
foi pera casas que estauão ja des-  
pejadas pera elle. E a primeira cou-  
sa em que entendeo foi em tirar  
deuassa em muito segredo do ca-  
pitão, pellos capitulos que lhe o  
Gouernador deu, & achou mūy

differente informaçõ da que ti-  
nhaõ dado ao Gouernador, por q̄  
não ouue pessão que se queixasse  
delle, antes todos diziaõ mil bens,  
por que era fidalgo virtuoso, hu-  
mano, & pouco cobiçoso. E tomã-  
do a deuassa a mandou ao Go-  
uernador em hũa nao que partio  
d'ahi a poucos dias: escreveu-lhe,  
que Martim Afonso de Mello era  
fidalgo de que Elrey auia de fazer  
muita cõta, & q̄ lhe merecia mui-  
tas hõras & merces. Vista a deuassa  
pello Gouernador, escreveu hũa  
carta ao mesmo Martim Afonso  
de Mello, em que se desculpaui: &  
que folgara em estremo de ser fal-  
so tudo, o que delle disseraõ, & q̄  
se não esperaua menos procedimẽ-  
to de vm taõ honrado fidalgo, que  
lhe pedia lhe mandasse o Secreta-  
rio inuernar a Goa, & que ficasse  
elle com poderes de Veador da fa-  
zenda. A esta carta dizẽ q̄ lhe res-  
pondeo Martim Afonso de Mello  
vm pouco apaixonado, por que  
entendeo mūy bem, que folgara o  
Gouernador muito de lhe achar  
culpas, & dizia hũa particula della,  
que de Martinho a Martinho ya,  
& que se elle se tinha por bogio, q̄  
elle era tambem mono.

E tornando a continuar com o  
Secretario: começou a tratar os  
negocios que leuaua por regimen-  
to com Elrey de Ormuz, presente  
o capitão, & Guazil, persuadindoo  
a largar a Elrey de Portugal todo  
o rendimento da alfandega, pois  
LI aquelle

aquelle era o millhor meyo pera ficar defendiuidado, & desobrigado, de tanta contia de dinheiro, & de se não irem encapellando mais as diuidas, & que Elrey teria respeito a suas despezas, & gastos: por que tambem a tenção do Governador não era despilo de todo. Tá-tas cousas lhe disse sobre isto, que lhe cõcedeo tudo o que lhe pedia, dizêdo, q̃ elle era vassallo d'Elrey de Portugal, & que tudo era seu: pois elle possuy a quelle reino de sua mão, & lho podia tirar cada vez q̃ quisesse. Que lhe lembrava, q̃ elle não tinha outra cousa de q̃ pagar as mocarrarias aos Reys seus vizinhos, nem tenças, & moradias a fidalgos & criados de sua casa, se não d'aquelle rendimento da Alfandega. O Secretario como leuua largo regimento sobre este negocio, veyo a concluir com elle os capitulos seguintes.

Que Elrey de Ormuz largava a Alfandega d'aquella ilha de Gorum em solido a Elrey de Portugal, com condição que lhe quitaria todas as diuidas que a te então lhe deuesse, de que logo lhe fizeram quita em publica forma.

Que Elrey de Portugal lhe mādaria dar do mesmo rendimento as cousas seguintes. Corenta leques, que são mil & oitocentos xerafins d'ouro cada anno, pera vestiaria de sua pessoa. Duzentos & cincoenta leques mais, que são noue mil, trinta & seis pardaos

d'ouro, pera pagar as mocarrarias, que se entregariaõ ao Guazil, que auia de ser juiz d'aquella alfandega, pera os repartir. Que lhe dariaõ mais todas as tenças & moradias que pagava a seus criados.

Que os officiaes Mouros que tinha na alfandega auiaõ de ficar sempre correndo com os cargos, que os Reys de Ormuz proueriaõ nas pessoas que quisessem.

Destes capitulos se fizeraõ outros assinados por todos, & se registraraõ nos liuros da feitoria d'aquella fortaleza, com o regimento da alfandega. E alem disto passou Elrey de Ormuz vm formaõ, por onde concedia aquella alfandega aos Reys de Portugal: que nos parececeo bem ir aqui inserto, por ser notauel, que continha o seguinte.

Formaõ em que Elrey d'Ormuz concedeo a Elrey dõ loãõ o terceiro as rēdas da alfandega d'aquella fortaleza.

Formaõ, sem nenhũ outro igual a elle, a quem mando que todos obedeaõ, pera que se saiba, que minha propria vótade & determinação he, pella muito grãde amizade cõformidade, & obrigação, que ha entre mim & o meu senhor q̃ em grãdeza chega aos ceos, & tem poder sobre toda a redõdeza da terra & em estado he igual ao Rey da China, vécedor de todas as guerras humanas, grãde Rey de justiça, mayor q̃ todos os Reys do mūdo, chauce

chaue do thifouro que ha sobre a terra, que he a virtude, & a nobreza. Contas por onde se reza o saber reinar. Limpeza de todo o már do reinado, & edificador da pouoação dos moradores. Boceta a onde se encerra a muito fina & preciosa esmeralda. Alto baluarte & defendedor de todos. Sol de justiça, & verdade. Fonte limpa que manté a limpeza da terra, assi o pouoado, como o deserto. Esperança em ym só Deos, & nelle muito confiado, alto Rey dom Ioaõ a quem Deos sustenha no seu reino descansada, & sossegadamente. Sempre os seus bens remedeia a pobreza do mundo, a cujo emparo estou chegado, & a minha boa ventura está em ser cercado de sua sombra, & a colher de minha esmerada fruita que he regada com a agoa de sua merce: & sei certo q̃ a graça do meu Rey de Portugal está comigo, & me tem posto em muito grandes esperanças. Assi que por todas estas vias vi q̃ sou obrigado a ser cõforme a suas cousas, & a pór o reino, & a fazenda por seu seruiço, & o nobre paço d'Elrey de Portugal auelo por minha propria morada & natureza, & não me afastar ym só cabello de minha obrigação. E por q̃ isto q̃ faço he o q̃ deuo, meu preceito he q̃ o redimẽto da ilha Gerum, depois de arrecadadas as mocarrarias, & tças de fidalgos de minha casa, proes, & percallos dos officiaes da alfadega, assi

Mouros, como Portugueses pello costume ordinario, tudo o q̃ mais réder aquella alfandega mando q̃ se entregue aos officiaes d'Elrey de Portugal, em pago das pareas q̃ sou obrigado a lhe pagar. E mádo a todos os officiaes de meu reino, que contra este meu formaõ não troção ym cabello. Dada na lãa de Moarum da era de Mafamede, de nouecentos corenta & oito: q̃ são a 27. de Feuereiro deste anno de corenta & tres, em que andamos.

Passado este formaõ, foi o Veador da fazeda, & Secretario á Alfadega, com o Guazil, & officiaes de ambos os Reys, & tomou posse della em nome do de Portugal, começandosse a arrecadar por elle d'aquelle dia em diante, não innovando nos costumes cousa algũa. Passado isto lançou o Secretario tambem mão das rédas das Orracas, que rendiaõ de ventagem de coatro mil cruzados, pello levar assi por regimento: por que ja que concedia áquelle Rey todas as despesas de sua casa, mandou o Governador que se lhe tomassem todas as outras rendas da ilha. Disto se queixou Elrey fazedo protestos, dizendo que ficaua pobre, & sem cousa com que podesse sustentar seu estado. Esta casa das Orracas q̃ são vinhos que se fazem de jagra de palmeiras ha hũa só n'aquelle ilha. Foi isto em principio couisa tão pouca, que quando Afonso d'Albuquerque fez aquella

fortaleza, deixou vñ homem mestico chamado Gaspar Pirez por lingua d'aq̃lle Rey, por falar muito bem Parseo: a quem elle deu a renda das Orracas por tença com o cargo, q̃ entaõ montaria duzétos pardaos. Esta casa possuio este homem muitos annos, & delle se ficou chamando, Conaa Gaspar, q̃ quer dizer, a casa de Gaspar. E indo por tempos crescendo aquella renda muito, lançaraõ os Reys de Ormuz maõ della, dando na mesma casa os duzentos pardaos de tença aos lingoas, que ainda oje lograõ. E assi subindo cada dia mais, chegou a render cinco ou seis mil cruzados cada anno, do que aquelles Reys faziaõ merce a alguns capitaens. E socedendo outros a quem elles as naõ queriaõ dar, lhos tomavaõ por força alegando a posse. E outros vsando de mais suauidade lhos tomavaõ por manha, a te que Elrey de Portugal proueo nisso, & mandou que se lhe naõ bolisse nas suas rēdas, como em seu lugar diremos. Concluidas estas cousas embarcouffe o Secretario pera Goa, nos derradeiros nauios que foraõ inuernar.

CAPITVLO VI.

*Do que mais aconteceu a Ruy Lopez de Villalobos, depois que partio do porto de Cama-*

*riaõ, a te chegar ao Moro: & da armada que dom Jorge de Crasto mandou em busca da dos Castelhanos: & do que lhe aconteceu pella ilha do Moro.*



**D**EIXAMOS Ruy Lopez de Villalobos na baya de Blaçai, esperando pellas Galeotas q̃ tinha mandado ás Felipinas, a buscar mantimentos, que tardaraõ tanto, que obrigado da necessidade se fez á vela, pera ir ás ilhas das Palmeiras, & ás outras suas vizinhas, a buscar mātimentos, & pera d'ahi voltar ás Felipinas: & por naõ achar bom vento pera poder tomar aquellas ilhas, mandou governar pera Camafo, & chegou ao lugar de Sagalá, de Christaõs arrenegados; que estava pello Rey de Geilolo, ja no fim deste anno de carenta & tres, em que andamos: onde se deixou ficar correndo em amizade com aquelle Rey por recados. Aqui o deixaremos, por tornarmos a continuar com os nauios que tinha mandado pera as Felipinas.

Atras contamos no capitulo decimo do liuro oitauo, como despidira vñ Bargantim, & a Galeota que se tornou: o Bargantim foi tomar Abuyo, & os da terra os agasalharaõ bem. Estando ali, foi ter

ter com elles outro Bargantim q̄ partira com o Villalobos, em que yaõ trinta soldados, & no outro que ja ali estaua vinte. Iuntos todos, mandaraõ oito dellés a vm lugar d'aquella ilha a buscar mantimentos, & lá, ou por sua desordem, ou pella malicia dos da terra, deraõ nelles, & mataraõ vm, & prẽ deraõ os mais: escapado vm só escrauo, que foi dar as nouas aos do Bargantim, que armandosse foraõ dar no lugar, & o entraraõ, & tomaraõ os companheiros, vingandosse bem da morte do outro com a de muitos, & com lhes quemarem a pouoação. O outro Bargantim em que ya Frey Ieronimo de sancto Esteuaõ, da ordem de santo Agostinho, acabaraõselhe os mantimentos, & indo os buscar a hũa d'aquellas ilhas, deraõ os naturaes nelles de sobresalto, & mataraõlhe quinze homens com o capitaõ: & os que escaparaõ foraõ ter a Abuyõ com os outros, comendo todo aquelle caminho crauo cozido, por não terem outro mantimento.

Iuntos os Bargantins todos, vendo que tardaua o seu General, quiseraõ ir saber delle, mas socedeo vm soldado ter paixoens com vm dos naturaes, que o matou de noite. E receandosse os Castelhanos que dessem nelles, leuaraõse d'ali em busca do seu capitaõ, & deulhes hũa tormenta com que se apartaraõ os Bargantins: vm foi cor

rendo pera a ilha de Cesarea, & o outro pera a de Tendaja. Este chegando áquella barra de noite, flossobrouse, & afogaraõse onze soldados, & os mais foraõ a terra, a onde foraõ bem agasalhados: & como amanheceo foi o outro Bargantim buscalos, & achandoos bẽ, & amigos com os da terra os deixaraõ, & se foraõ na volta de Camafo, atrauessando aquelle golfo, em que passaraõ tantos trabalhos, que coatro dias não beberaõ agoa, pello que lhes foi forçado tornaremse pera Tendaja, a onde deixaraõ os companheiros do outro Bargantim, & ali se deixaraõ ficar, por que os da terra os tratauaõ bem. E assi deixaremos vns & outros, por continuarmos cõ dô Iorge de Crasto capitaõ de Maluco.

Depois de chegar Belchior Fernandez Correa, com a carta de Ruy Lopez de Villalobos (como em outra parte dissemos capitolo decimo liuro oitauo) determinou de armar contra os Castelhanos, mas não tinha mais que duas Galeotas, & não ousaua de pedir as Corocoras ao Rey de Tidore, por fiar pouco delle: & tambem por que lhe não entendesse a necessidade em que estaua, por que lhe não quis dar esse contentamento, & com isso mostrarlhe que o não auia mister. Todauia, por que lhe pareceo que os Castelhanos auiaõ de andar perdidos, & disbaratados por antre aquellas ilhas, armou as

duas Galeotas, por que se assi fosse ellas bastauão, & fez capitaõ dellas Iamez Lobo, & Antonio d'Almeida.

Estas Galeotas leuauão cincoẽta homens, & partiraõ em Nouẽbro. Deulhes dom Iorge por regimento que fossem ajudar o Geliato da Gomo Conora, Christaõ ainda que arrenegado, que estaua sobre o lugar de Galilás, que pretendia ser seu: & o imigo estaua recolhido em vm forte muito prouido & bem negociado. Chegadas as Galeotas a Toloco, souberaõ como o Geliato que yaõ fauorecer, estaua sobre a fortaleza imiga: & deixando ali Iamez Lobo a sua Fusta, embarcouffe na de Antonio d'Almeida, & foraõ a Momoya, a onde ajuntaraõ muitos Christaõs da terra. E mudandosse todos a algũs Parõs, foraõ desembarcar em hũa praya, em que vararaõ as embarcaçoens, & às costas as leuaraõ perto de mea legoa por terra, a te darem em hũa fermosa alagoa de agoa doce, & embarcados nos Parõs foraõ pella alagoa dentro mea legoa, & no cabo della metia a terra hũa ponta grossa, que lhe ficaua pegada por vm forte & estreito passo, onde estaua o forte dos imigos. Ali assentaraõ os nossos o seu arrayal, com o Geliato que ja ali estaua. Os de dentro tanto q̃ souberaõ serem chegados os Portugueses, bradaraõ de noite que queriaõ pazes, que Iamez Lobo que

era cabeça lhe naõ quis aceitar, por fazer a vontade aos soldados, que esperauão auerem d'ali grandes prezas. Ao outro dia pella manhã, ordenaraõ os nossos duas grandes jangadas sobre os Parõs, pera irem rodear nellas o forte, que ficaua como ilheo: & embarcados nellas foraõ por derredor, & cometeraõ o forte, indo diãte Iamez Lobo, & pós a proa na parte que estaua ordenado. E como ali era muito alcantillado, saltaraõ os nossos em terra, vm, & vm: porque assi como vm saltaua recuaua a jangada, & com muito trabalho tornaua a chegar pera saltar outro. Desta desordem creceo o animo aos imigos, & sairaõ de dentro com grande furia: & dando em alguns que estauaõ em terra, os fizeraõ fogir bẽ escalaurados, deixando as armas. Antonio d'Almeida que ya chegando, vendo o desarranjo de Iamez Lobo, varou com a sua jangada sobre hũas pedras, & saltou em terra pera o ajudar a recolher. Os imigos vèdoõ chegar, acodiraõ áquella parte, cõ o que os de Iamez Lobo tiueraõ lugar de se recolherem á jangada todos muito mal feridos, & os mais delles sem armas. Os imigos chegando a Antonio d'Almeida que estaua em terra, o cometeraõ com grande determinação: mas elle que era esforçado caualeiro se defendeo delles com grande animo & esforço: por que era o numero

mero muito desigual, trauandosse antre os nossos & elles hũa muito aspera batalha, em que os nossos mostraraõ bem o valor de seus braços. Iamez Lobo tanto que se embarcou na sua jangada, acodio a recolher Antonio d'Almeida, o q̄ fez com muito trabalho, porque teue sempre o pezo dos imigos em quanto os seus se recolhiaõ, ficãdo elle por derradeiro, que se embarcou ferido de muitas, & mortaes feridas. Aqui aconteceraõ casos notauéis.

Andando vm Lopo de Reboredo pelejando com muito esforço, lhe tirou vm dos imigos com hũa fisga, & o fisgou pello rosto, começandoo a alar pella arpoeira, q̄ lhe ficaua amarrada a vm braço pera o trazer a si (couisa que elles costumaõ muito na guerra) estaua perto d'elle Anrique de Lima, & vendoo ir así a pòs a fisga, arremeteo a elle com muita pressa, & com hũa adaga lhe abriu a queixada, & lhe largou a fisga, & o saluou. Iamez Lobo recolheo todos os da companhia de Antonio d'Almeida, muito mal feridos, & elle taõ mal, que logo morreo. Recolhido pera o arrayal, se tornou pera as Galeotas, & despedio hũa dellas com os feridos, que eraõ vinte & sete, pera se irem curar a Ternate. A Galeota pòs dous dias no caminho, & chegou a nossa fortaleza com os feridos ainda por curar: & dom Iorge os foi buscar, &

recebeo com grande tristeza, mandandoos logo curar com grande resguardo. As pessoas principaes, & que yaõ pior feridos, & mais perigosos, eraõ Gabriel Rebello, Antonio de Figueiredo, moço da camara do Duque de Bargaça, Anrique de Lima, Vasco Reymõdez, & Lopo de Reboredo.

Dom Iorge tornou a mandar a Galeota com mais trinta soldados a Iamez Lobo pera que tornasse a fauorecer o Geliato, que tanto q̄ chegou logo partio pera lá pella mesma alagoa, & nella acharaõ tres soldados dos nossos esperados; & ja muito pòdres. Iamez Lobo tornou a pòr no lugar de primeiro: & tanto que os cercados viraõ outra vez os Portugueses, logo largaraõ o forte, q̄ os nossos queimaraõ, assolaraõ, & destruiaraõ de todo. Foi isto ja no fim deste anno de corêta & tres, quasi no mesmo tempo que Ruy Lopez de Villalobos chegou a Cagalá (como atras dissemos no sexto capitulo do liuro nono.) Era este lugar coatro legoas do Toloco, a onde estaua Iamez Lobo, que tanto que teue nouas d'elle, despedio dous soldados, em vm Paro, com vm requerimento da parte de dom Iorge capitãdo da fortaleza de Ternate. Estes homens foraõ bem recebidos do Villalobos, & elles lhe notificaraõ o protesto, em que dom Iorge lhe requeria da parte dos Reys de Portugal & Castella, que

se era entrado naquellas ilhas com tempo fortuito, que se fossem logo pera aquella fortaleza, a onde lhe daria todas as cousas necessarias: mas que se era d'outra maneira que se tornasse a sair dellas, por que eraõ d'Elrey de Portugal, se não que o castigaria, conforme ao contrato que estava feito pello Emperador, com Elrey dõ João: & que de todos os danos, mortes, perdas, & mais cousas que disso socedessem, elle daria conta a Elrey de Castella. O Castelhaõ, depois de lhe notificarẽ o protesto, respondeo, que elle não entraria nas ilhas clauarias, nem em seus limites: & que a todo o tempo que lhe constasse estar nellas se tornaria a sair: mas que aquellas em que estava, auia por de sua Magestade, o Emperador: & que ainda que o não fossem, que a necessidade ate os preceitos diuinos quebrantaua, quanto mais os humanos. Com esta resposta se tornaraõ os soldados. (E os escritores que dizem, que Iamez Lobo mandara ameaçar aos lugares vizinhos se dessem mantimentos aos Castelhanos, enganaraõse: por que todos eraõ do Rey de Tidore, que estava de guerra com a nossa fortaleza: & todos eraõ nossos inimigos, & nem por requerimentos, né por ameaças auiaõ de deixar de os prouer.)

Com esta resposta se foi Iamez Lobo pera Ternate, com que dõ

Iorge ficou enfadado: por que não só se auia de ficar receando dos Castelhanos, mas ainda da gente da terra: que como todos são amigos de nouidades receaua que se cartassem com os Castelhanos, & começou a ter dahi em diãte mais o olho nelles, & diferente resguardo na fortaleza.

O Ruy Lopez de Villalobos pouco depois disto soceder, com achaque de dizer, que o porto em que estava era doentio, & falto de mantimentos, deu á vela & foisse para Geilolo, a onde foi muito bê recebido d'aquelle Rey, & logo fez estancias em terra. E depois de se fortificar, despidio vm Matias de Aluarado com vm requerimento a dom Iorge, que elle recebeu muito bem, & elle lhe mostrou o requerimento que leuaua, em que o Villalobos lhe dizia, que elle chegara áquellas ilhas com fortuna, que lhe pedia, & requeria, que fizesse bom tratamento aos moradores d'aquellas ilhas, por q' eraõ vassallos do Emperador, & se não, que acodiria por isso. E que lhe mandasse os Castelhanos das armadas passadas que estavaõ com elle na fortaleza, & así mesmo a artilharia q' fora tomado no forte de Tidore.

Dom Iorge lhe mandou responder por outro requerimento, em q' lhe dizia: que aquellas ilhas todas eraõ d'Elrey de Portugal, & que logo se saisse dellas, se não, que o lança-

lançaria por força, & o castigaria como a quebrantador da paz. E q̄ quanto aos Castelhanos, se se quisessem ir pera elle, que o podiaõ fazer, por que naõ tinha delles necessidade algũa. E que muito mal diziaõ aquellas palauras com as primeiras: & que lhe tornaua a requerer, que se fuisse das ilhas d'Elrey de Portugal. Despedido o Aluarado, & vinda a moução de se irem pera a India, embarcou dom Iorge na nao da carreira Belchior Fernandez Correa, com todos estes protestos por muitas vias, hũas pera dar ao Governador, & outras pera elle levar pera o reino, (a onde o enuiua com cartas pera Elrey, de tudo o que era passado:) ficando os Castelhanos em Geilolo, & dom Iorge fortificandosse o melhor que pode, & assi os deixaremos a te seu tempo.

## CAPITVLO VII.

*Da grande armada com que o Governador Martim Afonso de Sousa partio pera o pagode de Tremel, & da tormenta que lhe deu, com que naõ pode passar: & de como desembarcou em Callecoulaõ, a onde esteue desbaratado pela gente da terra.*

**P**OR muitas cartas de alguns homens da India, foi Elrey informado, como no pagode de Tremel (que está no reino de Bisnaga) auia vm infinito thifouro de casias cheyas d'ouro, & com muito pouca guarda, que vm Governador da India facilmente podia tomar se lá fosse em pessoa com hũa armada, com o que ficaria o estado taõ rico & prospero, que poderia proseguir nas conquistas que quisesse, & enriquecer a India, & todo o reino de Portugal. Tantas vezes puxaraõ por Elrey nesta materia, q̄ se moueo a mandar fazer aquella jornada, por q̄ estava pobre, pellas muitas despezas q̄ se tinhaõ feitas, nas grandes armadas que a India tinha mandado de socorro. E nestas naos passadas mandou ao Governador Martim Afonso de Sousa, que em todo o caso fizesse aquella jornada, em pessoa: mandandolhe os treslados das cartas q̄ da India teue sobre aquella materia, que o Governador teue em muito segredo sem dar conta disto a pessoa algũa. E todo este veraõ se occupou em tomar informação das cousas d'aquelle pagode, & do tempo em que poderia fazer aquella jornada, com pessoas que sabiaõ muito bem d'aquella costa de saõ Thome, a onde elle estava. Informado bem, vio que lhe era necessario partir de Goa na entrada

entrada de Agosto: por que como auia de desembarcar na cidade de saõ Thome , pera d'ahi caminhar pera o sertão doze legoas (que tâtas estaua della aquelle pagode) & lhe era necessario passar os baixos de Chilão, primeiro que a vara de Choromandel descarregasse, que de ordinario costuma a dar na lûa de Setembro, ainda que outras vezes na de Outubro, & que se o tomasse atras delles, alem do risco q̄ corria, por ser o tẽpo muito grosso, naõ poderia depois passar auãte, & seria forçado arribar a Goa.

Resoluto na viagem gastou todo este inuerno em aperceber a armada que auia de levar, & ajuntar mantimentos, & moniçoens, apondo duzentos moradores de Goa com seus caualos pera irem com elle, sem dar conta a pessoa algũa do que determinaua, por se naõ espalharem as nouas, & irem ter a Bisnagá. E dando muita pressa a tudo, tanto que entrou o mês de Julho, deitou ao már todas as Galés, & nauios de remo, & começou de se embarcar, dando primeiro ordem a muitas cousas, deixando o gouerno entregue ao Bispo, & ao capitaõ da cidade, que era dom Garcia de Crasto, & Aleixos de Sousa Veador da fazêda. E porque o tempo era ainda muito verde, esperou o primeiro jaziguo. E passada a lûa noua que cayo na entrada de Agosto, deu á vela a doze d'aquelle mês.

A armada que leuaua eraõ doze Galés, oito Galeotas, tres Carauelas, & treze Fustas. Os capitaens das Galés, a fora o Governador q̄ ya em hũa, eraõ, Bernaldim de Sousa, Fernão de Sousa de Tauora, Fernão da Sylua alcaide mór de Alpalhaõ, dom Ioaõ Pireira, Martim Correa da Sylua, Pero Lopez de Sousa irmaõ do Governador, Luis Cayado, Alonfo Enriquez, & Luis Falcaõ. Das Galeotas eraõ, Diogo de Mendocça, Diogo de Reinoso, Aluaro de Mendocça, dom Francisco de Noronha, Fernão Gomez de Sousa, Ioaõ de Mendocça Chum, dom Ioaõ Enriquez, & dom Martinho de Sousa. Das Carauelas eraõ, Afonso Furta do, dom Ioaõ Mascarenhas, & Vasco da Cunha. Das Fustas eraõ, Antonio de Sá o Rume, Belchior de Sousa, Diogo de Ayala, Rodrigo de Mouilha, Francisco Fernandez Moricale, Simaõ Galego, & outros. Dada á vela com toda esta frota, como o tempo era ainda verde, tornou a descarregar com tamanha furia, que espalhou a armada, & quasi perdida se recolheu aos ilheos de Angediua, sem a Galé de Luis Falcaõ, que aberta foi dar á costa onde se saluou a gente, que foi ter a onde a armada estaua. A qui esteve o Governador alguns dias, a te que o tempo lhe deu lugar pera tornar a sua viagem, que foi ja entrada de Setembro.

E dando á vela foi seguindo sua derrota

derrota com ventos rijos & secos a te dobrar o cabo do Comori: & como era conjunção de lúã, indo demandar os baixos, descarregou a vara de Choromandel com tanta braueza, que espalhou toda a armada, que esteue perdida, correndo cada vm por onde melhor podia. O Governador có a mór parte das Galés ferrou a ilha das vacas, quasi perdidos & alagados. Ali esteue muitos dias a te se lhe gastar a moução, & védo que ja não era tempo pera passar adiante, ficou triste & malenconizado, pello roim socesso que teue húa armada que fez com tanta despeza. E mandando chamar á sua Galé os capitães, lhes descobrio o a que ya, & lhes mostrou as cartas d'Elrey, & as que lhe escreuerao da India, em que lhe facilitauao aquella jornada, dizendolhes, que por ali veriaõ a rezaõ por que fizera aquella armada, que vissem agora o q̄ deuia de fazer, por que elle estava prestes pera comprir o que lhe Elrey mandaua: que se era tempo pera ainda passar os baixos que o faria, por que a despeza estava ja feita. E chamados os Pilotos todos praticando se poderiaõ ainda passar, assentaraõ todos que a moução era acabada, & que ja não auia que fazer. Com isto se concluyo que se tornassem, com o que o Governador voltou, & tornou a dobrar o cabo, recolhendo alguns nauios de sua companhia, que foi achando

do por aquelles portos.

E chegando a Callecoulaõ pera fazer agoada, soube que aquelle Rey era ido pello sertão a fazer guerra a outro seu vizinho. E como nunca faltaõ homens amigos de aluitres, & de comprazerẽ aos Governadores, sintindo algũs Martim Afonso de Sousa muito magoado de não effectuar a jornada, fizeraõlhe crer que o pagode de Tebiliaré, que estava d'ali a húa legoa pera o sertão, era taõ rico, & tinha tanto ouro como o de Tremel, pera onde elle fizera tamanhos apercebimentos: & que não estava em mais encher a armada de ouro, que em o cometer, por q̄ não auia quem lho defendesse.

O Governador Martim Afonso de Sousa cobiçoso de tanto ouro, não atentando que ya contra a obrigação da paz & amizade que tinha com aquelle Rey, sem dar conta mais que aos que o aconselharaõ, desembarcou com toda a gente posta em armas, & foi marchando pera a parte do pagode, fazendo crer que ya ver a terra. E assi chegou a elle sem os naturaes se temerem, nem se recearem de cousa algũa, pella muita fé que tinhaõ na verdade dos Portugueses. E cometendo o pagode que estava sem guarda o entrou mandando bulcar todo, & cauando por todas as partes, sem achar nelle mais que húa panela d'ouro, que seruia de leuarem agoa, pera lauarem

*Quinta Decada. Da historia da India.*

rem o idolo, que quando muito podia ter tres, ou coatro mil cri- zados, & neste facto se deteuve dous dias. Os naturaes vendo o seu templo estragado, & violado, apellidãdo a gente derredor, ajuntaraõse poucos mais de duzentos Nayres de espingardas & arcos, & foraõ esperar os nossos ao recolher, em vns caminhos estreitos q̄ corriaõ por antre vns vallos altos & fortes, & postos em cima delles, em os nossos entrando os começaraõ a derribar á sua vontade: por q̄ como yaõ a fio, & o caminho era muito estreito, & sem algũa maneira de reparo, naõ perdiaõ tiro. Garcia de Sá que leuava a dianteira soffreu muito trabalho, por que lhe feriraõ & mataraõ muita gente, sem se poder defender, nem of- fender aos imigos. O Governador ya na retaguarda em vm fermofo caualo, & ficava mais em barreira ás espingardadas que choviaõ de todas as partes sobre elle, de que o Deos liurou pella fortaleza das armas em que deraõ algũas. Os fidalgos que yaõ derredor d'elle, receando que lhe acontecesse algũ defastre, lhe pediraõ que se decesse: & Vasco da Cunha lhe pegou de hũa estribeira dizendolhe que naõ ya assi bem, que se devia de decer pera segurar sua pessoa. O Governador dissimulou, por que o naõ tinha por seu amigo, pello ser muito de dom Esteuaõ da Gama, & ouue que lhe naõ aconfe-

lhava coufa de sua honra. E toda- uia como as espingardadas yaõ crecendo, & começauaõ a derribar alguns por derredor, tornou Vasco da Cunha a lhe puxar pella perna dizendolhe, que naõ conuinha ao seruiço d'Elrey ir d'aquella maneira, que era forçado decer-se: por que se lhe acontecesse vm defastre se perderia tudo.

O Governador quasi descon- fiado lhe disse, pareceuos senhor bem isso? & dizedo Vasco da Cunha que si, se decco logo, & deu o caualo a vm foaõ d'Anhaya, & lhe mandou que fosse dizer a Garcia de Sá, que se fosse detendo o mais que podesse: o que o Anhaya fez com muito risco de sua pessoa, pas- sando por meyo de nuuens de pi- louros & frechas. O Governador chegou a bandeira de Christo assi, & foi caminhando a pé muito a- frontado, por que ja passava por cima de corpos mortos. E taõ ar- riscado foi este negocio, que este- ue muito perto de ser outro seme- lhante ao de Afonso d'Albuquer- que, & do Marichal em Calecut. Com este perigo & risco passaraõ aquella rua, a te darem no campo largo, a onde ficaraõ mais defa- gados, ficandolhe na rua trinta mortos, & saindo della mais de ce- to & cincoenta feridos, de que de- pois morreraõ alguns.

Aqui foi passado Fulgécio Freire de hũa espingardada de parte a parte pella barriga, & viuco. O Go- uernador

uernador chegou á praya com bẽ de trabalho, arrependido do roim fofeffo, & pouco proueito d'aquella jornada: que lhe Elrey depois eſtranhou tanto, que na primeira reſpoſta lhe eſcreueo que tornaffe a pãella d'ouro ao pagode donde atiraraõ: & áquelle Rey eſcreueo cartas de mimos, & desculpas. O Governador ſe embarcou, & ſe foi pera Cochim. Algũas peſſoas affirmaraõ (que foraõ deſte tempo) que o Governador trouxera hũa grande ſomia d'ouro do pagode dentro nos barris em que faziaõ agoada pera as armadas, de que logo ouue murmuraçoens na gente de ſua companhia.

## CAPITULO VIII.

*De como o Accedecan ſe leuanteou contra o Idalxã: & dos tratos que teue com dom. Garcia de Craſto capitãõ de Goa, ſobre fazer Mealecan Rey de Viſapôr.*



LGVAS vezes temos dado conta do Accedecan Governador de todo o Concan, que he a-

quelle que deu as terras firmes de Salfete ao Governador Nuno da Cunha, & depois lhe tornou a fazer guerra. Eſte depois q̃ por morte de Malucan filho de Iſmael tratou de leuãtar por Rey Mealecan,

filho de Cufocan, que foi ſenhor de Goa: o que não pode fazer por ter Abrahemo irmaõ do Rey morto mais poſſe, & mais capitaens da ſua parte, & ſobre tudo ſua auó Babu fatima, que era hũa ſenhora de grãde prudẽcia, & conſelho: & depois de Abrahemo ficar Rey, temẽdoſſe o Accedecan por q̃ fora cõtra elle, foiſſe pera baixo pera o Concan donde era Governador.

O Abrahemo como era bõ homem, & de boa natureza, tanto que tomou poſſe do reino, mandou ſoltar ſeu tio Mealecan, & deulhe caſa muito honrada, & o caſou com hũa Princeza, que ſe criara em caſa da Raynha ſua auó, da caſta dos antigos Reys de Xarbodar. E mandou chamar o Accedecan, & ſe reconciliou com elle, perdoãdolhe as culpas paſſadas: por que entẽdeo que pera bem governar lhe era mais neceſſario andar cercado de amor, que de armas: perdoando mais a todos os culpados, contra vontade de Icuſ Xandiuan, & dos mais capitaens que foraõ do ſeu bando, que deſejauãõ de tirar do mundo Mealecan, & o Accedecan, porque entendiaõ da boa natureza d'Elrey que ſe auia logo de governar por elles, & ſempre os auia de ter no primeiro lugar, o que a inueja de governarem tudo lhes não conſintia: pello que foraõ pouco & pouco induzindo Elrey, & fazẽdolhe crer, que lhe não conuinha

ter seu tio Mealecan no seu reino, por que ya ja tendo grande posse.

E por que, quem ja outra vez estando preso solicitara fazerse Rey, & que todas as vezes que o tempo lhe offerecesse occasião: de pois de solto & poderoso, estava muito certo lançar mão della, & trabalhar por se assentar naquella cadeira: o que lhe seria muito facil, pois tinha o Accedecan por si que o fauorecia & aconselhava. E como este negocio era muito graue, & muito facil de persuadir aos Reys, começou Abrahamo de se pejar com o tio: mas elle como era homem auisado, & entendido a poucos lanços alcãçou, que não andava Elrey gostoso delle, sem saber cousa algũa do que era passado, nã o por que, dissimulou o melhor que pode: & vendo o risco que corria sua pessoa naquelle reino, determinou de se desterrar delle, pera viuer sem sobressaltos. E estando vm dia com Elrey sò, lhe disse.

Que bem seria lembrado como Icus seu pay, encomendara a Elrey Ismael, que tanto que socedesse no reino, & elle Meale fosse de idade pera entrar em Religiaõ o mandasse pera Meca a seruir seu profeta: que elle estava ja homẽ, & que por duas obrigações estava penhorado pera aquella jornada, hũa a vontade d'Elrey seu pay, & a outra vm voto que tinha feito de ir acabar na casa de Meca: que

lhe pedia por merce lhe desse licença pera se embarcar com sua casa & familia, por que ya taõ contente, como se fora a herdar vm grande reino. Elrey folgou com aquella determinação do tio, assi por se tirar de suas imaginações, como por não chegar a ser seu homicida, (por que ja andava trassando o modo de como o maldaria matar.) E assi lhe louuou muito seu proposito, mandando-lhe que se fosse embarcar a Dabul, a onde lhe daria embarcação, & todo o necessario.

Negociado o Mealecan, despedioffe d'Elrey, que lhe deu juramento, que não tomasse outro algũ reino, mas que se fosse direito a Meca. E assi se foi embarcar com toda sua familia a Dabul o Abril passado de corenta & vm, & não podendo tomar o estreito por achar tempos contrarios, foi ao porto de Zeilá, a onde inuernou. Ali foi roubado, & maltratado da gente da terra, & d'aquelle Rey, de q̃ escandalizado se tornou a embarcar na entrada de Agosto, & com os Ponentes tornou a voltar pera a India, & foi tomar Surrate, porto de Cambaya. D'ali se passou á cidade de Amadabá onde estava Elrey Soltaõ Mahamud, que o recebeu mūy honradamente, & lhe deu casa conforme a sua calidade. E assi lhe deu hũa villa chamada Nagará com suas aldeas, q̃ lhe rendia oito ou dez mil par-

daos, pera despezas de sua casa.

Partido Meale da corte do Idalcan, tratou Elrey logo de auer ás mãos o Accedecan, por q̄ Icusfan, & outros capitaes seus imigos o atizaraõ tâto, que se determinou ao matar, & com este proposito o mādou chamar, ao estremo do reino a onde estaua, pera negocios de importancia. Mas sendo auisado do animo d'Elrey, por algũs seus amigos, dissimulou com a ida: & pera se segurar melhor, se recolheo á cidade de Bilgaõ, que era sua, & está no passo da entrada do Gate, & té hũa fortaleza muito forte, que fortificou & proueo de tudo pera todo o anno, ajuntando a si a mais gente que pode: & carteandosse com alguns capitaes da corte que se foraõ pera elle. E por que sabia muito bem que tanto que o Idalcan soubesse que estaua elle naquella cidade, auia logo de meter todo o poder contra elle, tratou dous remedios. Vm, ver se podia meter Mealecan no reino, (por que ja sabia que estaua em Cambaya:) O outro, quando não podesse fazer isso passarse pera Meca.

Ambos estes começou logo a pôr em effeito, mandando todos seus thifouros (que se affirmaua serem mais de dez milhoens d'ouro) pera o rio de Sanguicer, que tambem era de sua jurdição, por ser porto de már, & d'ali o embarcar cada vez que quisesse. Carteã-

dosse juntamente com Elrey de Cananor, pera o recolher em seu reino, & lhe deixar fazer em vm de seus portos hũa nao pera se ir pera Meca: o que acabou a força de dinheiro, & de dadiuas: mandando logo carpinteiros, & officiaes com todas as cousas necessarias pera começarem a nao. Isto tentou, por que se não ouue por seguro, em algum dos portos do Nizamoxá: por que receou, q̄ por lhe tomar seus thifouros, o mataresse, ou entregasse ao Idalcan. Este thifouro mandou pera aquelle rio de Sanguicer por dous capados de grande sua obrigação, chamados Doltiaõ, & Melique Atai, cõ quinhentos escrauos seus pera sua guarda.

O outro remedio foi de meter Mealecan no reino, que tambem tratou logo juntamente, carteandosse com algũs capitaes seus amigos, que se foraõ pera elle com dez ou doze mil homens de caualo. E como teue estes de sua parte, despedio Embaixadores a dom Garcia de Crafo capitaõ de Goa, pera tratarem com elle mandar buscar Mealecan a Cambaya, & entregarlho pera o fazer Rey, fauorecendoo pera isso: & que depois de ser Rey lhe daria todo o Concan, pera Elrey de Portugal, que rendia entã perto de vm milhaõ d'ouro. Vendo dom Garcia partidos taõ grandes os aceitou, fazendo com os Embaixadores seus pa-

peis: & despedio logo recado ao Governador: & despachou juntamente vm Bastião Lopez Lobato cidadão de Goa, com dous nauios de remo pera ir a Cambaya buscar Mealecan, escreuendolhe Accedecan que se fosse pera Goa, & o mesmo fez a Elrey Soltaõ Mahamud, mandandolhe ricos presentes pera que o deixasse embarcar.

O Accedecan ficou fazendo seus apercebimentos, do que logo o Idalcan foi auifado: & fazendo chamamento de seus capitaens, se negoceou pera acodir em pessoa áquellas cousas. E não sabendo dos tratos que o Accedecan trazia cõ dó Garcia de Crasto, lhe despedio vm correo com cartas em que lhe rogaua mandasse algũs nauios sobre a barra de Sanguicer, a impedir, q̃ se não passasse pera Cananor a gente, & thesouros do Accedecan, por q̃ era vm aleuantado, & traidor, q̃ pellas leys do reino tinha perdida toda sua fazenda. Offerecendo a mór parte do thesouro pera Elrey de Portugal.

Dom Garcia de Crasto, posto que estaua saneado com o Accedecan (quis cozer a dous cabos, como lá dizem) despedindo logo Nuno Pereira de Lacerda, com cinco nauios pera se ir pór sobre a barra de Sanguicer, & q̃ não deixasse sair della coula algũa, não fiando aquelle segredo mais que delle, por não ir ter ás orelhas do

Accedecan, por não desfarmar com elle: aduertindoo, q̃ por debaixo da capa fizesse grandes offercimentos aos criados q̃ lá tinha, affirmádolhes que ya em seu fauor, & pera os recolher, se o Idalcan mandasse gente sobre elles, & así o escreuio ao Accedecan: encomendando em muito segredo a Nuno Pereira, que trabalhasse por algũa manha, pellos auer as mãos com o thesouro, & que os leuasse pera Goa. Nuno Pereira se foi pór sobre aquella barra com grande dissimulaçãõ, tendo muito grande vigia que nada saísse pera fora.

CAPITULO IX.

*Do que fez o Governador Martim Afonso de Sousa tanto que teue recado de dom Garcia de Crasto. E da armada que este anno de 43. partio do reino, de que era capitão mór Diogo da Sylueira. E de como o Governador partio pera Goa.*



**P**ARTIDO o recado de dom Garcia de Crasto pera Cochim em poucos dias chegou áq̃lla cidade, sendo o Governador chegado de dous ou tres atras. E védo as cartas & sabendo o q̃ passaua, mandou logo

logo ordenar os Catures ligeiros pera se ir nelles, por mais pressa, por que as Galés estauão destrocadas. E querendosse embarcar, ja de vinte de Outubro por diante forgiraõ na barra de Cochim coatro naos, de cinco que este Março passado de corenta & tres tinhaõ partido do reino: de que era capitaõ mór Diogo da Sylueira. Os mais capitaens craõ, dom Roque Tello, Fernão d'Alvarez da Cunha, & Simão Sodré. O que faltaua era Iacome Tristaõ, que por desparelhar arribou ao reino. Diziaõ que trazia Diogo da Sylueira, hũa carta ou aluara d'Elrey em segredo, pera que se achasse Martim Afonso de Sousa morto, & ou morresse estando elle na India se abrisse, em que se affirmaua que socederia o mesmo Diogo da Sylueira na governança, sendo porem dom Esteuaõ embarcado pera o reino: por que por aquellas nouas que Elrey teue por dom Francisco de Lima, que dõ Esteuaõ mandou ao reino, que chegou pouco antes que Diogo da Sylueira partisse, soube Elrey, como Martim Afonso de Sousa ficaua em Moçambique muito mal, & dom Francisco lhe affirmou que seria morto: no que querendo Elrey prouer se tal fosse, deu a via serrada a Diogo da Sylueira pera se abrir na India, em que se dizia, que mandaua, que estando dom Esteuaõ na India ficasse governando:

& sendo ido pera o reino, se entregasse a India a Diogo da Sylueira: o que não auia de ser se não se elle morresse estando ja Diogo da Sylueira na India. Por que sendo aberta outra socessão, não auia de querer dar materia a outras differenças como as de Lopo Vaz de saõ Payo com Pero Mascarenhas. O Governador recebeu bem Diogo da Sylueira, & como estaua de caminho deteu esse mais vm par de dias, pera dar ordem á carga das naos. E diziaõ, que estando vm dia ouuindo Missa na Sé, aleuantandosse o diuino Sacramento, differa a Diogo da Sylueira, que estaua com elle, estas palavras.

Dizei senhor a Elrey, que me mande nestas naos socessor, por que me não atreuo a governar a India, pella mudança que nella achei nos homens, na verdade, & no primor: se não que juro por aquella hostia consagrada, & pello verdadeiro corpo de Christo que nella está, que eide abrir as socessões, & entregar este estado á pessoa de quem S. A. o confia nellas, & que não queira arriscar vm vassallo como eu a lhe cortar a cabeça. Isto lhe disse de todo seu animo: & certo que se lhe Elrey não mandarã socessor, que o ouuera de fazer, por que era vm fidalgo muito determinado. O Governador deu naquelles dous dias despacho a muitas cousas, & despedindosse

dosse da cidade, & do capitaõ mór deu á vela pera Goa, nos catures ligeiros: & sem se deter em outra cousa algũa, em breues dias chegou áquella cidade, passando pelo rio de Sanguicer, a onde estaua Nuno Pereira sem lhe falar.

E chegando a ella começou a entêder nos negocios que estauaõ praticados antre dom Garcia de Crasto, & o Accedecan: & sabendo a cousa como passaua, & no estado em que estaua, pôs aquillo em conselho: & a muitos pareceo cousa grauissima, quebraremse as pazes que estauaõ feitas & juradas com o Idalcan, sem da sua parte auer occasiaõ algũa: que muito mais valia a verdade Portugueza, que todo o thifouro que se esperaua: por que a fé não se auia de quebrantar, nem por reinar (por q̄ Cesar falara neste negocio como Gentio) quãto mais por dinheiro, que estaua em diuida, de ser pouco, ou muito: de poder vir ás mãos ou não. E sobre isto como o Governador estaua afeiçoado ao grãde interesse que se lhe prometia, & offerecia, resumioffe em aceitar os partidos do Accedecan, & fauorecer Mealecan, pois lhe elle certificaua ter direito no reino (que não era mais, que aquelle que os conjurados lhe queriaõ dar) por que como todos os Mouros são amigos de nouidades, tomaraõ cada oito dias mudar Rey; pera o que sempre desejaõ de auer vm da ca-

sa real, pera autorizarem com elle suas tyrannias, buscandolhe direito que nunca tiueraõ (como o Accedecan queria fazer a este Meale, que nenhum tinha naquelle reino mais que dizer que era filho da molher mais nobre, tendo ja o reino vindo por morte de Cuso Idalcã seu pay, a Ismael filho mais velho, que tambem o era de géria como de Meale: por que ambas as molheres q̄ delle pariraõ eraõ Canarás.) Posto que antre estes Mouros não ha poderse chamar algum de seus filhos legitimos, por serem todos os Reys casados com duzentas, & mais, molheres: & assi nestes reinos muitas vezes vem a soceder o filho, a q̄ o pay os quer deixar, & outras, o que tem mais posse & valia.

E posto que Castanheda, & Pietro Mapheo que o segue, digaõ q̄ este Meale era o verdadeiro, & não Ismael: enganaraõse, por que o mesmo Meale nos disse nesta cidade de Goa, q̄ seu irmaõ Ismael era o mais velho: & ainda oje viuem netos seus que assi o confessão. Mas o Accedecan pera autorizar sua pouca verdade, & tyrannia, fazia crer ao Governador o contrario, pello que se moueo ao fauorecer; posto que não aueriguamos se ouue da sua parte taõ grande engano, por que não auia de faltar, que lhe dissesse a verdade.

Accitados os partidos ficaraõ esperando pello Meale, & entre tanto

tanto despedio o Governador, Diogo de Reinoso pera o estreito de Meca, em vm nauio de remo muito ligeiro, pera ir saber nouas das Galés, & de dom Christouão da Gama: dandolhe por regimẽto que não tocassẽ em porto algum dos Turcos, nem aluoroçasse aquelle estreito, sob pena do caso mayor: pello ter assi Elrey aquelle anno encomendado muito, por que tinha em Constãtinopla Diogo de Mesquita por Embaixador, sobre negocios de muita importancia, que nós ca não podemos saber. E mandaua expressamente que em quãto lá estiuẽsse, não mãdasse nauios ao estreito, por se ter assi concertado com o Turco, que em quanto durasse aquelle negocio, nem nauios nossos entrassem aquelles portos, nem os Turcos sahissẽ fora dellas com suas Galés. E isto cometeo o Turco, por que ficou muy assombrado de dom Esteuaõ da Gama chegar com sua armada a te o porto de Sués, cousa que elle nunca receou. E por esta rezaõ pós o Governador a Diogo de Reinoso taõ grandes penas: q̃ não fizesse mais que tocar Arquico, & saber nouas de dom Christouão, & mandarlhe cartas q̃ lhe escreueo, & tomar fala das Galés, & tornar a voltar, & de sua viagẽ a diante daremos rezaõ.

Depois disto poucos dias chegou á barra de Goa Bastiaõ Lopez Lobato que trazia Mealecan de

Cambaya, & o Governador o recebeu muito bem, mandandoo a posentar honrosamente. Logo comẽçaraõ a correr recados antre o Governador & o Accedecan, sobre aquelle negocio, & veyosse a concluir que o Governador passasse Meale a Pondá, onde acharia alguns capitaens com gente pera o receberem, & o leuarem a te Bilgaõ, a onde elle Accedecan, com os mais capitaens de sua conjuraçaõ o esperauaõ com corenta mil caualos, pera o meterem no Balagate: & que ali faria entrega de todas as terras de Concan, a pessoa que o Governador mandasse. De tudo isto se fizeraõ papeis antre elles & o Meale. O Governador comẽçou logo a fazer prestes pera em pessoa o passar a Pondá, fazendo alardo da gente Portugueza que auia de leuar, & achou tres mil homens, & perto de dous mil piaens da terra. E em quanto se passaõ estes apercebimentos, he necessario que os deixemos vm pouco, pera continuarmos com as cousas que neste tempo socederaõ no Balagate.

Ja atras temos dado conta no capitulo oitauo do liuro nono, de como o Idalcan fora auisado dos mouimentos do Accedecan, sem saber dos tratos que auia antre elle & o Governador, & sendolhe necessario acodir áquellas cousas em pessoa, ajuntou todo o seu poder, & posse no campo pera comẽ-

çar a marchar, mandando alguns capitaens diante com perto de quinze mil caualos, com que os da conjuração tiueraõ alguns recontros, em que ouue dano de parte a parte. Estando as cousas neste estado, esperandosse cada dia por Elrey, adoeceo o Accedecan de hũas febres, & como era de nouenta annos, & fraco, faleceo em seis dias, deixando nomeado por herdeiro de toda sua fazenda ao Mealecan, que deixou muito encomendado aos mais capitaens: & por seu testamenteiro, depositario, de todo o seu thifouro nomeou vm Mourro, que era todo o seu gouerno chamado Coge Semaçadim, natural da prouincia Gilan, mandandolhe ainda em sua vida, que fosse ao rio de Sanguicer, & tomasse posse de seus thifouros, & os entregasse a Mealecan. Coge Semaçadim partiõ logo pella posta, & tomou entrega de tudo: & como teue nouas que o Accedecan era morto, determinou de se passar pera Cananor, & dahi pera Meca, & fazer-se herdeiro: pera o que se carteu com Elrey de Cananor, mandandolhe muitas peças & dinheiro pera que o recolhesse no seu reino, pera delle se passar a Meca na nao que lá se fazia. E tendo seus seguros pera se poder ir, querendo fazer em segredo, por que Nuno Pereira estaua sobre aquella barra, & não deixaua sair cousa algũa pera fora, somente as almadias pes-

carefas, foi metendo nellas pouco & pouco: & desta maneira meteo em Cananor a mór parte do seu thifouro, ficando elle com determinação de depois de ter mandado tudo se partir por terra. E neste estado deixaremosestas cousas por tornarmos ao Governador, pera irmos assi melhor infiando nossa historia.

## CAPITULO X.

*Da rezaõ por que o Governador Martim Afonso de Sousa deixou de passar Mealecan à outra banda. E da batalha que teue o Fdalcan com os conjurados, em que os disbaratou.*



TENDO o Governador Martim Afonso de Sousa prestes todas as cousas pera a jornada, tomando Mealecan a par de si, com honras, & prehemincias de Rey, foisse por em Benastarin pera d'ali passar a outra banda. E como elle fazia esta jornada contra o parecer de todos os fidalgos velhos (têdo pella menhá) Pero de Faria, q̄ era vm fidalgo de oitenta annos, a que todos os Governadores tinhão grande respeito, se foi no mór silencio da noite á tenda do Governador,

uernador, & lhe pedio que o ouuiffe só, que tinha cousas de seruiço d'Elrey que lhe dizer. O Governador mandou sair pera fora seus criados, por que ja estaua recolhido: & ficando sós lhe fez Pedro de Faria esta breue fala.

A obrigação de bom vassallo, a authoridade destes annos, & destas cans, & a grande experiencia que tenho das cousas da guerra, que ha sessenta annos trato, me obrigaõ senhor a vos fazer esta derradeira lembrança, por que se não diga, q faltaraõ homens neste estado, pera vola fazerem com a liberdade cõ que o eu faço: por que quem a não tiuer pera isto, vay contra o que deue ao seruiço de seu Deos, & do seu Rey.

Quem vos disse senhor, q esta jornada que fazeis não he muito arriscada? & que estes Mouros (q todos per natureza são nossos inimigos) vos não tenhaõ armado algũa treição? & ainda que isto não seja, quem nos segurara (pois sabemos quaõ varias & inconstantes são estas gentes) que não possa auer antre os conjurados, outra noua determinação? & que de hũa hora pera a outra se possaõ arrepender do cometido, & sanearse com o seu Rey? Ou a elle fauorecelo Deos, pois tem justiça, & desbaratar os inimigos traidores, & aleuantados, & desarmarem em vaõ todos estes apercebimétos, & pretençoës, & vós ficardes desacredi-

tado com vosso Rey, & odiado cõ vm vizinho taõ proueitoso, que he necessario poupar, & conseruar, como aquelle que de suas terras nos vem todos os prouimentos necessarios, assi pera a sustentação desta cidade, como de todas as armadas que della saem? E que ley ha por onde se possa tomar o seu a seu dono, & fauorecer vassallos aleuantados contra o seu Rey? por certo que isto tudo não he mais q solicitar hũa guerra importuna, como está certo fazernos este Rey como magoado, sem auer da sua parte causa algũa de escandalo, & por cousas que estão incertas: por que posto que este Mealecan se meta oje no reino liuremente, & cumpra os contratos que tem feitos, & nos entregue o Cócã, a manham pode quebrar tudo, buscando pera isso achaques, que lhe não aõ de faltar, segundo os Governadores da India vezinhaõ mal com elle, & lançar depois maõ de tudo a nosso despeito, que será hũa afronta muy grande, & que se não possa satisfazer, pois não té o Estado posse pera cousa algũa. E quem nos pode tambem segurar, que Mealecan depois de Rey nos não seja pior vizinho que este Abrahe- mo, que corre com este Estado taõ pontual: & que estes capitães q oje se mostraõ tanto vossos seruidores, depois de sancados cõ elle, não sejaõ os que o aconselhem a vos fazer guerra, & desafrontarse?

Por

Por isso senhor tornai sobre vós, & vede o que fazeis, por que ainda tendes tempo pera noua determinação: por que os erros da guerra, depois de feitos não sofrem emenda.

O Governador Martim Afonso de Sousa lhe agardeceo muito aquellas lembranças: & considerando de nouo naquellas cousas, & medindoas com a rezaõ, veyo a entender que Pero de Faria lhe dizia verdade, & que lhe falaua como homem experimentado & liure. E sem dar conta a pessoa algũa d'aquelle negocio, tanto que foi de madrugada, fingio que lhe vieraõ cartas de Ormuz, & que auia alteração contra a nossa fortaleza: & leuando o campo, tomando o Mealecan a par de si voltou pera a cidade. Os capitaes fidalgos, & todos os mais ficaraõ embaraçados com taõ supita mudança, sem lhes o Governador dar conta do que passaua. Chegados á cidade, mandou o Governador agasalhar Mealecan, em casas grandes, com guardas, & vigias, porque se não fosse, não sabendo ainda cousa algũa da morte do Accedecan, por que tudo foi em vns mesmos dias.

O Idalcan, que estaua em campo, tanto que ajuntou suas gentes, foi decendo o Gate, appareceo sobre a cidade de Bilgaõ, pouco depois da morte do Accedecan. Os capitaens aleuantados sabendo de

sua chegada foraõse recolhendo, vnspera a terra do Nizamaluco, & outros por mais não poderem se recolheraõ na cidade, pera se defenderem nella. Elrey pòs seu campo derredor della, mandandoa combater muito fortemente, & os de dentro defendendosse cõ muito valor: mas como estauaõ amedrõntados (que isto he proprio de tyrannos, perderem o animo em presença de seu Rey) começaraõ a descoraçoar, pedindo alguns capitaes misericordia a Elrey, que lhe elle concedeo, & outros trabalharaõ por fogir de noite. Nesta confusão foi está cidade entrada, & tomado ás maõs algũas cabeças principaes que logo foraõ feitos pedaços diante d'Elrey. Feito isto pòs ali capitaõ nouo, & o mesmo fez em todas as fortalezas, & tanadarias de Concan, reduzindoo outra vez á coroa do reino, por que o tinha dado ao Accedecan, determinando de mais o não dar a pessoa particular por se não fazer poderoso: arrendando suas terras, & aldeas, & pondo outras cousas em ordem.



CAPL

CAPITVLO XI.

*Dos tratos que ouue antre o Idalcan, & o Governador Martim Afonso de Sousa sobre lhe entregar Mealecan. E de como Cogecemacadin foi a Goa verse com o Governador, & lhe deu oitocentos mil cruzados pera Elrey de Portugal. E de outras muitas cousas,*

**A**VENDO tres dias que o Governador Martim Afonso de Sousa era recolhido pera Goa, chegaram as nouas da morte do Accedecan, & de como Elrey disbaratara os cōjurados, & ficaua em Bilgaõ pro uendo nas cousas do Decan. Entãõ acabou de entender que Pero de Faria fora Anjo, que o auisara, por que se tiuera passado á outra banda perderase de todo. E logo com muita breuidade despedio vm Embaixador a visitar o Idalcan, & a darlhe os parabens da victoria, offerecendosselhe pera tudo o que fosse de seu seruiço. Este Embaixador foi muito bem recebido do Idalcan, & o tornou logo a despedir com grandes agardecimentos d'aquella visitaçãõ: não sabendo dos tratos que tinhaõ passado antre elle & o Accedecan: ou se o sabia dissimulouo pello que

lhe conuinha. E sabêdo o Idalcan como Mealecan estaua em Goa, receandosse que em quanto fosse viuo sempre tiueffe alterações (como quem conhecia bem a natureza dos Mouros) & querendosse segurar, tratou de o auer ás maõs por todos os meynos que podesse, & despidio logo vm Embaixador, pessoa muito principal de sua casa, pera ir tratar negocios com o Governador, & recebendoo bem o ouuiu só.

Elle lhe disse que o Idalcan seu senhor como grãde seruidor d'Elrey de Portugal, & como quem desejava de conseruar sua amizade, lhe daua & trespassaua liuremento todo o direito que tinha no thifouro do Accedecan, & que o podia mandar tomar em toda a parte em que estiuessse. E q̄ pello muito q̄ merecia ao seruiço d'Elrey de Portugal lhe pedia, lhe mandasse entregar seu tio Mealecan, sobre sua fé de o não matar: por que não queria mais que polo em parte a onde se não podesse recear delle: & que daria por isso a Elrey de Portugal as terras firmes de Salsete, & Bardes, com suas tanadarias, rendas, & alfandegas, perpetuamente, pera elle, & pera todos seus descendentes, que renderiaõ setenta mil pardaos cada anno.

O Governador pós todas aquellas cousas em conselho, & nelle se assentou, que por nenhũa cousa da vida

vida ſe podia entregar Mealecan que viera de Cambaya, a onde eſtaua ſeguro, debaixo da fé dos Portugueſes. E por que Elrey não perdelle hũa tão grande couſa como a que ſe lhe offerecia, que ſe buſcaſſe vm meyo honeſto & licito, com que as terras ficaffem ao Eſtado, & o Idalcan ſatisfeito, & quieto, que pois elle não trataua de mais que de ſe ſegurar de Mealecan, por eſtar cõ elle pejado naquella cidade de Goa: que ſe mandaffe pera o reino, ou pera Malacca, ou Maluco. Iſto ſe fez a ſaber ao Embaixador, que logo despedio correos ao Idalcan, que eſtaua em Bilgaõ eſperado pella repoſta.

Chegadas as cartas, & ſabendo o que ſe tratara, entendendo mūy bem que os Portugueſes per nenhum caſo lhe auiaõ de entregar Mealecan, & que o que o Governador offerecia era o melhor meyo que naquelle negocio ſe podia tomar: & que em qualquer d'aquellas partes que Meale eſtiueſſe, lhe não podia fazer nojo, aceitou os partidos, & os Embaixadores por virtude de ſeus poderes, aſſentaraõ com o Governador aquelle negocio fazendo ſeus papeis. E logo deraõ poſſe d'aquellas terras ao Governador, que a mandou actualmente tomar por dom Garcia de Craſto, que foi em companhia dos Embaixadores, que lhas foraõ entregár: & logo ſe arrendaraõ a Criſna Tanadar mór de

Goa, em cento, & corenta & tres mil pardaos em tres annos: & tantos achamos carregados em receita na arrecadação de Fabiaõ da Mota, que naquelle tempo ſerua de thiſoureiro em Goa.

Despedidos os Embaixadores muito contentes, mandou o Governador ter grãde reſguardo em Mealecan, por que ſe não ſaiſſe de Goa, dandolhe hũa groſſa teca pera ſeu divertimento. E por que o Idalcan tambem tinha treſpaſſado o direito que tinha no thizouro do Accedecan em Elrey de Portugal, tratou de ver ſe por manha o podia auer ás mãos, & despedio logo Fernão de Souſa de Tauora, em hũa Galé, & com elle Ruy Gonçalvez de Caminha (irmaõ de Ioão Alvarez de Caminha thiſoureiro do reino, q̄ tinha hũa filha caſada com dom Dinis de Faro) eſte Ruy Gonçalvez de Caminha era grande amigo do Cogecemaçadim, pera iré ao rio de Sanguicer ao perſuadir que ſe foſſe a Goa ver com o Governador, leuandolhe pera iſſo ſeguros reais, & eſcreuendolhe o Governador cartas de muitos mimos. E a Fernão de Souſa deu por regimẽto, que tomaffe as fuſtas da companhia de Nuno Pereira de Lacerda, a quem eſcreueo que ſe foſſe pera Goa. Chegado Fernão de Souſa a aquelle rio, tanto que Nuno Pereira vio as cartas, & regimento do Governador, logo ſe foi pera  
Goa

Goa no seu nauio muito agrauado do Governador o tirar d'aquella impresa, em que auia dous meses que estaua.

Ruy Gonçaluez de Caminha se vio em terra com Cogecemaçadim, & tantas cousas lhe disse que o rendeo a ir com elle a Goa, & se embarcou na Galé de Fernão de Sousa. O Governador o recebeo bem, & lhe fez muitos mimos & caricias, & fechados ambos, o que antre si passaraõ ninguem o sabe: fomento o publico foi, que daria a Elrey de Portugal, oitocétos mil cruzados de concerto, pella aução que o Idalcan lhe tinha dado no thifouro do Accedecan, de que daria logo em Cananor coatrocétos mil cruzados, a onde o poriaõ a elle: & os outros coatrocentos mil daria no Março seguinte. Cõ isto o despedio o Governador com muitas honras & peças, & se tornou a embarcar com Fernão de Sousa, & com elle o Secretario Antonio Cardoso, pera tomar entrega do dinheiro, & em vm catur ligeiro o leuar a Cochim, & o repar-

tir pellas naos do reino.

Chegados a Sanguicer recolheo Cogecemaçadim toda sua familia em nauios que pera isso leuou, & passouffe a Cananor, indo com elle Fernão de Sousa. Aquelle Rey o recebeo bem, & elle se aposentou em casas que tinha mandado fazer, & a onde ja tinha os seus criados com o thifouro, & quinhentos Naires em guarda, que elle pagaua mūy bem. Logo ao outro dia entregou os coatrocentos mil cruzados a Antonio Cardoso todos em barras d'ouro, & tomando os em vm catur, passou a Cochim ja em Janeiro, & achou ja de verga d'alto a nao capitania, & a de Fernão d'Alvarez da Cunha. E entregou a Diogo da Sylueira trezétos mil cruzados, pera no reino os dar a Elrey, & os cento a Iorge de Lima, que tinha acabado de seruir a capitania de Chaul, & ya embarcado na nao de Fernão d'Alvarez. Estas naos tiueraõ boa viagem, & chegaraõ a saluamento: & Elrey estimou muito o dinheiro por estar o reino despezo.

*Fim do Nonno Liuro.*



N n

LIVRO



# LIVRO DECIMO

## DA QVINTA DECADE

### DA HISTORIA DA INDIA.

#### CAPITOLO I.

*Do principio do reino de Ormuz, & Reys que a te oje teue. E de como Elrey Xarxa faleceo, & o Governador Martim Afonso de Sousa aleuantou por Rey a Toruxa que estava em Goa. E de como foi pera seu reino, entregue a Luis Falcaõ, que ya entrar naquella fortaleza. E de como o Governador se foi ver com Cogecemaçadim a Cananor.*



**P**RIMEIRO que tratemos da morte d'Elrey Xargolxa de Ormuz, que faleceo este veraõ, nos pareceo bem darmos conta da fundação do reino de Ormuz, & de todos os Reys que teue a te oje. Assim por guardarmos a ordẽ que ategora seguimos em todos os reinos, como por tirarmos algũa duuida que se nos offereceo nas Decadas de loão de Barros, quando fala nos Reys cegos, que Afonso d'Albuquerque mandou pera Goa.

Pello que se á de saber, que perto dos annos de nossa redemção, de mil, duzentos & cincoenta, sendo Rey de Persia Abagahan, filho do graõ Tartaro Hallehan (a que todos os escritores chamaõ Alacu, & outros Halaonó, & Marco Polo Hulan) que por mandado de seu irmão Maguhan (que o mesmo Marco Polo poe pello coarto do numero dos Emperadores do Cathayo: & Aiton Armenio pello coarto. E assim o poem Sabellico, & lhe chama Magon, ou Meton) foi cõquistar a terra santa que os Turcos tinhaõ tomado os annos atras de mil & cento & setenta & dous, persuadido do Papa Innocencio coarto, que a isso lhe mandou religiosos, & em toda esta conta vay Marco Polo Veneto errado: & diz elle que este Tartaro Maguchan se fizera Christaõ a rogo de Aiton Rey de Armenia, que se foi cõ elle ver á cidade de Cambalec, a onde elle tinha sua corte: a cujo rogo este Tartaro se fez Christaõ, mandado com elle seu irmão Hallehan com grandes exercitos, para tornar a cobrar a terra santa de poder dos Mouros, como fez: matado em batalha o Califá de Babilonia Mustafsem Mubila,

Mubila, em quem se acabaraõ os Califas dos Arabios. No tempo de sua morte ay varias opinioens, por que Marco Polo affirma ser nos annos de mil duzentos & cincoenta. Ayton Armenio, no de mil duzentos cincoenta & oito. E isso mesmo tem o nosso Ioaõ de Barros na 2. decada. Em fim como quer que seja ficou Halehan conquistando toda a Persia, Arabia, Suria, Palestina, & outras prouincias: & por sua morte herdou todos estes estados seu filho Abaca, ou Abagahan, homẽ valeroso, muito amigo dos Christaõs, & q̃ em sua vida perseguio muito aos Mouros. E por q̃ naõ recreça aqui algũa duuida aos leitores quando lerem Halehá, Abagahan, Maguhã, achandoos nomeados nos autores Abagacan, Magucan, & todos com este sobre nome de Can, saberaõ, que este, Han, he titulo antre os Tartaros, que quer dizer senhor, & delles correo por todos os reinos do Oriente, & he a cousa de que se os grandes mais hõraõ que todas. E como a pronunciaçãõ cõ que o elles nomeaõ naõ cabe na nossa, por q̃ o fazem na garganta, & com hũa aspiraçãõ q̃ naõ se lhe entende mais que aquella, an, vieraõ a lhe chamar Can, & ainda se corrompeo mais, por que vulgarmente lhe chamaõ, Caõ.

E deixando isto: Por morte de Abagahan, socedeo em todos aquellos estados seu filho Tãgodar,

que se fez Mouro, & foi grande perseguidor de Christaõs. E tornando ao fio de nossa historia. Reinando em Persia este Abagahan: era senhor de todo o estreito Persico, ao menos de todas as ilhas, vm senhor que se chamaua Maleccaez, & tinha seu assento na ilha de Caes, que está pello estreito dentro alem de Ormuz, perto de corenta legoas, pegada á costa de Persia, naquella parte que os naturaes chamaõ Dolestan. Era no mesmo tẽpo senhor do Magostan, & tudo aquillo que jaz no lertaõ de Ormuz, a te o cabo de Iasques vm Mouro chamado Grodusa, que tinha seu assento em hũa cidade chamada Armuz, que he a de que Ptholemeo faz mençaõ em suas tauoas: de q̃ ainda oje se vem algũas roinas junto de hũa fortaleza que se chama Cruxtac: ainda que outros dizem, que mais o parecem outras que se vem em vm lugar chamado Menao, que jaz sobre vm rio que atraveffa pello Magostan. Este Grodusa inuejoso do grande commercio, & trato do senhor de Caes, pello grãde concurso de naos, que de continuo auia na sua ilha, que a ella concorriaõ de todas as partes do Oriẽte, desda prouincia da China a te o estreito do már roxo, donde se leuauaõ todas as drogas, roupas, sedas, pedraria, & todas as mais riquezas & louçainhas de todas as partes, & d'ali se espalhauaõ pera

Perſia, Grecia, & pera toda a Europa, com cujas entradas aquelle ſenhor de Caes eſtaua muito rico. Deſejoſo Groduxa de fazet algum porto onde auocaffe aquelle trato, & naos: vendo que tinha o ſenhor de Caes hũa ilha deſerta pegada a ſeu ſenhorio chamada Gerum, por cuja porta paſſauão todas as naos que entrauão pera dentro do eſtreito: & diſſimulando o que tinha no peito, tratou com aquelle ſenhor, que lhe vendeſſe aquella ilha, pois lhe não ſeruiã de couſa algũa, & era tão eſteril, que não daua hũa ſó erua verde: nem tinha em ſi mais que ſerras de ſal, ſem agoa, & ſem outra couſa algũa de que ſe podeſſem aproueitar. O Malec caez, não caindo na pretençaõ do Groduxa, poſto que contra vontade de ſua mãy (que dizem lhe profetizou o que depois veyo a ſer.) Em fim feito Groduxa ſenhor d'aquella ilha, a mandou logo pouoar, & formou armadas com que começou a auocar a ella todas as naos que yaõ pera Caez, fazendo grandes faouores a os mercadores nos direitos, & nas compras, & vendas de ſuas fazendas: com o que ſe começou aquelle porto a frequẽtar, & a faltarem na ilha de Caez todas as couſas. Sobre iſto ſe moueraõ guerras antre aquelles dous Mouros.

Mas como Groduxa eſtaua ja rico & poderoſo, não ſo ſe defen-

deo delle, mas ainda lhe foi tomar a ilha de Caez, fazendoffe ſenhor de todo o ſeu eſtado. Era eſte Malec caez vaſſallo do Rey de Perſia, & tinha lhe mandado pedir ſoccorro contra o imigo, & quando lhe chegou ja tinha perdido o eſtado. Os Perſas que vinhaõ de ſocorro entraraõ pello ſenhorio do Groduxa, & o ſenhorearaõ logo, & o Groduxa ſe acolheo pera a ilha de Ormuz, donde mandou Embaixadores a Perſia com muito dinheiro & peças, offerecendolhe vaſſalagem. Iſto o abrandou de feiçaõ que lhe tornou a reſtituir ſeu eſtado, fazendoffe ſeu vaſſallo, com obrigaçaõ de pareas cada anno: & q̃ de cinco em cinco mandaffe ſeus Embaixadores a Perſia a dar obediencia a Elrey.

Vendoffe Groduxa quieto, começou a fazer cabeça de ſeu reino aquella ilha Gerum, fundando nella hũa fermoſa cidade a que pòs nome Ormuz, como a que tinha no Magoſtaõ, engrandecendoa tanto com o commercio, & trato das naos, que a ella auocou, que a fez hũa das mais celebradas do Oriente. Reinou eſte Groduxa no reino de Ormuz trinta annos, ficaraõ lhe dous filhos, o primeiro Torunxa, que reinou vinte & coatro annos: & o outro Mahamedxa que ſocedeo ao irmão por não ter filhos, q̃ reinou vinte & no ue. A eſte ſocedeo Cobadixa ſeu filho.

filho, que reinou trinta annos, ficaraõlhe dous filhos, Ceifadixá que reinou vinte annos, & Torunxá, que herdou o reino por não ficarem filhos ao irmaõ, que reinou trinta annos. A este ficaraõ coatro filhos Magcudxá, Xabadi, Xargol, & Xaués: que todos reinaraõ violentamente tirando Magcudxá, mais velho, que reinou dez annos, Xabadi onze, & Xaués, que era o derradeiro, anno & meyo: por que o Xargol que era o mais velho estaua fogido em Lasac, por que o irmaõ se leuantaõ contra elle, & lhe tomou o reino: & de lá com ajuda d'aquelle Rey veyo contra o irmaõ, & o lançou fora do reino ficando elle Rey, em que viuco trinta annos.

Este reinaua quando Afonso d'Albuquerque, sendo capitaõ mór d'aquelle estreito foi ter a Ormuz os annos de mil quinhentos & sete. Faleceo este Rey sem deixar filhos, & os pouos leuantaõ por Rey a Ceifadim, filho de Xaués, aquelle que o irmaõ lançou fora do reino, que era entaõ menino de dez annos. Este reinaua quando Afonso d'Albuquerque sendo Governador da India os annos de mil quinhentos & catorze, ganhou aquelle reino, & o fez vassallo d'Elrey de Portugal. Este Ceifadim reinou dez annos, & socedeolhe seu irmaõ Torúxá que reinou noue annos. A este socedeo Mahamedxá, que reinou

noue annos, & era filho de Ceifadim. Por morte deste socedeo Xargolxá filho de Torunxá, que foi o que Nuno da Cunha mandou trazer de Ormuz, por euitar diuisoens no reino, & o teue em Cochim, onde ouue vm filho chamado Torunxá em hũa molher Abexim chamada Bibigazelá, por que dizem que tinha olhos de gazela. Este Xargol mandou depois Nuno da Cunha pera ir soceder no reino, vindolhe nouas da morte d'Elrey Ceifadim, & foi o que concedeo a alfandega aos Reys de Portugal, como consta das doaçoens que estaõ na feitoria de Ormuz, como atras temos dito no capitulo quinto do nono liuro. Este faleceo este Nouembro passado de corenta & tres. E logo o Guazil & pessoas principaes do reino mandaraõ pedir ao Governador Martim Afonso de Sousa lhes desse Torúxá seu filho que estaua em Goa para herdar o reino, por não auer outro herdeiro.

E primeiro q' passemos d'aquí será bem que soltemos a duuida q' em principio dissemos, dos treze Reys cegos, que Ioaõ de Barros diz, que Afonso d'Albuquerque mandou pera Goa, de quem se não fala no catalogo que trouxemos de todos os Reys de Ormuz, nem ouue em algum tempo cegar-se Rey algũ, pera outro lhe tomar o reino depois de ser ja Rey. E inquirindo nós isto bê achamos

que nenhum dos cegos foi Rey, mas foraõ irmaõs, & primos com irmaõs, filhos de Magçud, Xabardim, Xargol, & Xaués, d'aquelles coatro irmaõs filhos de Torúxá, q̃ todos reinaraõ vns apos outros. Por q̃ costumauaõ aquelles Reys, tanto que socediaõ, cegarem aos irmaõs, primos, & parentes, que podiaõ ter pretençaõ no reino, & cegauaõnos com hũa pasta de metal tirada do fogo ardendo, & passada por diante dos olhos, cuja força lhe apagaua a vista, ficandolhes os bugalhos, claros, & inteiros: o q̃ faziaõ por se não recearem delles: & tantos Reys cegos não podiaõ soceder em taõ pouco tempo, & achandoos todos viuos. E nos achamos homens em Goa que se lembravaõ ainda de dous destes cegos, de que se alguns Governadores descuidaraõ tanto, que chegaraõ a pedir esmola: & affirmauanos vm cidadão antigo, nobre, & fidalgo, que vira vm delles naquelle terreiro da misericordia de Goa debaixo de hũa aruore, que antigamente ali estaua, que como outro Belisario, pedia esmola dizendo: Day esmola a este a quem cegaraõ por lhe tomarẽ o reino.

E tornando a nossa ordem: nestas naos que vieraõ de Ormuz em Março, teue o Governador recado de como era falecido Elrey Xargol, & cartas do Guazil & pouo em que lhe pediaõ Torúxá seu filho pera Rey, que seria de idade

de doze annos, pello que logo o aleuantou por Rey, com a mór solennidade & aparato que pode ser: dando elle depois de aleuantado a menagem nas maõs do Governador, dizendo que recebia aquelle reino pera o ter & gouernar, em quãto Elrey de Portugal o ouuesse por bem. Feita esta cerimonia, despachou o Governador logo a Luis Falcaõ Pereira, pera ir entrar na fortaleza de Ormuz, de que era prouido, dandolhe vm Galeaõ, & entregãdolhe aquelle Rey o dia que se delle despedio, acompanhãdo a te a rua. Dada a vela foraõ seguindo sua jornada.

Vendo o Governador que ficaua desembaraçado de negocios, se embarcou logo pera ir a Cananor a se ver cõ Cogecemaçadim, assi pera arrecadar os coatrocentos mil cruzados que ficou deuen-do, como pera ver se lhe podia arrancar mais das maõs. E pera ir mais aforrado leuou sós seis Galeões, a em que elle ya, & nas outras Francisco de Sá dos oculos, dom Ioaõ Pereira, Bernaldim de Sousa, Ioaõ de Mendocha o Chum, & Afonso Furtado. E leuou mais sete ou oito nauios ligeiros. Dada á vela, em coatro dias chegou a Cananor, & desembarcou na fortaleza, a onde o capitaõ Diogo Alvarez Telles o recebeo & agasalhou mūy bem. D'ali tratou com Elrey de le verem, elle, & Cogecemaçadim: & assentouffe que fosse em casa do mesmo

mesmo Cogecemaçadim, a onde Elrey o esperaria. E o dia que auia de ser, mandou Elrey um seu sobrinho que era herdeiro do reino, pera ficar na fortaleza em refens: & mandou acompanhar o Governador por todos os seus Regedores. O Governador partio em um fermoso cavallo bem ageasado, rodeado de todos aquelles fidalgos, & gente da armada, custosa, & louçamente vestidos, & com armas secretas. Serião as casas de Cogecemaçadim menos de meya legoa da fortaleza, & por todo aquelle caminho acharão os nossos peças de sedas q̄ Cogecemaçadim mandou estender pera o Governador passar por cima, & muitos ramos, & couzas d'alegria: o que tudo os soldados recolherão. As casas de Cogecemaçadim estauão antre hūas ortas & aruaes frescos & sombrios: & chegando o Governador a ellas, achou ja fora Elrey & Cogecemaçadim, que o esperauão: & o receberam mūy honradamente. Dali se recolherão pera dentro, a onde auia grandes salas, & varãdas que tudo estaua ricamente aparamentado. Os poyaes das varandas que eraõ mūy grandes, estauão todos cheyos de rosas & eruas cheirosas: & muitos frascos de agoas rozadas, & de outros cheiros, & muitas mançiras de conseruas, pera todos os que quisessem refrescar. O Governador com Elrey & Cogecemaçadim, se recolherão

pera hūa camara, a onde estiueraõ mais de hūa hora sós, & o que antre elles se passou ninguem o soube, mais que sair o Governador satisfeito & contente. Cogecemaçadim, repartio por todos aquelles fidalgos, capitaens, & criados do Governador, muitas peças ricas de sedas, beirames, bofatas, carlãs, & outras. Despedido o Governador se tornou pera a fortaleza. Ao outro dia mandou Cogecemaçadim entregar os coatrocentos mil cruzados, que era obrigado a dar: & dizia se, que não ficara o Governador com as mãos vazias. Feito isto, tornou o Governador a voltar pera Goa, & por ter o tempo contra si, pôs mais de quinze dias.

## CAPITULO II.

*Dos recados que ouue antre o Idalcan, & o Governador Martim Afonso de Sousa sobre Mealecan: & de como o Governador o mandou pera Cananor: & de outras couzas.*



RA ja em fim de Março, quando o Governador Martim Afonso de Sousa chegou a Goa, & começou a fazer prestes os prouimentos que auia de mandar pera Malaca & Maluco, sem tratar de Meale-

Mealecan, como estaua concertado antre elle & o Idalcan. Disto foi elle logo auizado, assi do que o Governador o passou em Cogecemaçadim, como de não querer por então bolir com Mealecan cõ quem estaua muito pejado: por q̃ quasi que tornaua a auer alteraçãõ antre os capitaens. E querêdo euitar isto mandou com muita pressa vm Embaixador, chamado Cogemamede Chauli, pera ir ao Governador, requererlhe que lhe comprisse os côtratos que estauãõ assentados, & que mandasse Mealecan pera Maluco pois então era a mouçãõ: & pera o obrigar mais a isso, lhe mandou hũa boa pancada de dinheiro, de que achamos carregados sobre Bastiaõ d'Afonseca feitor que então era de Goa, trinta, & dous mil pardaos d'ouro: & assi lhe mandou noua doaçaõ do thifouro do Accedecan.

Este Embaixador foi muito bẽ recebido do Governador, & tratou com elle aquellas cousas. E como estes Mouros trataõ todas suas cousas por figuras: assi este, pera lhe mostrar o como Cogecemaçadim o enganara em muitas partes, no concerto que com elle fez (por que tudo soube o Idalcan) lhe apresentou da parte do Idalcan dous pratos, vm com poucas folhas de betere (que he a erua q̃ elles de contino mastigaõ) & outro muito cheyo dellas, tanto que pareciaõ quasi infinitas: dizendo-

lhe o Embaixador q̃ dizia o Idalcan seu senhor, que o dinheiro que Cogecemaçadim lhe dera de côcerto, era como aquellas poucas folhas de betere, em comparaçaõ do outro prato cheyo dellas, que era figura do muito que lhe ficaua: que lhe pedia trabalhasse por auer tudo as maõs, pois pertencia a Elrey de Portugal, pella doaçaõ que delle lhẽ tinha feito. O Governador ficou sobrefaltado, por q̃ lhe tinha Cogecemaçadim merido em cabeça que o thifouro não passaua de milhaõ d'ouro. E dando os agardcimentos ao Embaixador d'aquella amizade, que o Idalcan fazia a Elrey de Portugal, lhe disse, que em tudo o satisfaria.

E pera o Embaixador ver que logo punha aquelle negocio em effeito: mandou com muita pressa aparelhar hũa carauela, de que era capitãõ Pero Vaz de Siqueira, & lhe entregou Mealecan, pera q̃ o fosse pôr em Cananor: & que o entregasse ao capitãõ pera que o tiuesse na fortaleza a bom recado: escreuendolhe que o deixasse de quando em quando ir visitar Elrey, & Cogecemaçadim, ficando-lhe sempre sua molher & filhos dos muros pera dentro, em casas decentes em que o aposentaria. E mandou dizer pello Embaixador (que o vio embarcar) ao Idalcan, que mandaua Mealecan pera Cananor, por que tinha escrito a Elrey de Portugal, sobre os contra-

tos, que tinhaõ feitos, & que esperava por reposta pera saber o que queria fizesse delle, & que a te não vir seu recado o não podia mádar pera Maluco, por que poderia ser que lhe escreuesse Elrey, q̄ o mandasse pera Portugal. Com isto se foi o Embaixador satisfeito, & o Idalcan o ficou també em parte.

A tenção do Governador mádar Mealecan pera Cananor, não achamos della a certeza: mas o q̄ nos parece he, q̄ foi por duas cousas: hũa por ter sempre enfreado o Idalcan com o ter taõ perto: & a outra por ver se podia colher o Cogecemaçadim dentro na fortaleza, pera fazer nelle preza, a te lhe entregar o thifouro: mas o Cogecemaçadim viueo depois com tantas cautellas, que nunca quis ir visitar o Mealecan, seruindoo elle com tudo o que auia mister mûy abastadamente. Antes o Mealecã ya algũas vezes a sua casa: & quando o queria fazer lhe mandaua o capitaõ preparar vm fermoso caualo, mandãdoo acompanhar pela sua guarda: & todauia com tamanho resguardo, que primeiro q̄ fosse, mandaua ver se ficaua sua molher & filhos em casa. E o homem que tinha isto a cargo chamaua-se Pero Telez. E ainda nesta era de nouenta & sete, em que isto escreuemos, viue nesta cidade de Goa, & nos deu destas cousas boa informação, como testemunya de vista.

Tanto que o Governador despedio o Mealecan, & o Embaixador do Idalcan, parecêdolhe obrigação mandalo tambem visitar, pois corria taõ pontualmête com elle, & a darlhe os agardecimêtos de tantas amizades, despedio por Embaixador vm homem fidalgo chamado Iorge de Sousa, por que lhe mádou vm corioso & rico presente, de sedas, & brocados da Europa, em que entrava hũa peça, q̄ custou a dez mil reis o couado. Mádoulhe mais coatro fermosos ginetes ageafados d'ouro & prata, com telizes dobrados de Damascos. E com isto lhe mandou hũa prouisaõ, pera que todos os annos podesse mandar levar da cidade de Goa, doze caualos forros dos direitos. Este Embaixador foi muito bem recebido do Idalcan, que estimou muito aquella visitaçãõ, & o mádou agasalhar na corte, a onde auia de inuernar.

### CAPITULO III.

*Das cousas que acontecerãõ em Ormuz, a te chegar Elrey Toruxã. E da guerra que o Rey de Xirãz fez àquelle rei no: & de alguns recontros que tiuerãõ com os Portugueses: & que cousas são Mocarrarias.*



**P**OVCO ha que demos rezaõ das cousas do reino de Ormuz, & de sua fundação: & de como Groduxa senhor do Magostaõ, se fez Rey d'aquella ilha Gerum: Foi depois disto correndo o tempo, andando aquelle reino sempre em seus descendentes, como temos contado, socedendo no reino de Persia depois tantas mudanças, sendo hũa vez conquistado de Tartaros, sendo seu Emperador Chiquiscan: & depois do Graõ Tamorlaõ, depois do Graõ Sofi, com o que aquelles Reys de Ormuz tiueraõ lugar pera se isentarem da obrigação dos da Persia, & de lhe tomarem ainda muitas cousas que acrecentaraõ em seu estado, como foi o reino de Barem, & o de Catisa da outra banda de Arabia: Cõ isto, & com o comercio, & trato d'aquella ilha, creceo muito em rendas. E como de todas as partes do Oriente yaõ ali fazendas, acodiaõ desle serraõ da Persia, Coraçone, Georgia, & de todos os mais reinos a te Moscouia, grandes cafilas de mercadores, com outras, a comutar & vender suas fazédas: estas cafilas eraõ muitas vezes impedidas por esses caminhos dos Reys do Xirás, Lara, & de outros senhores desse serraõ: o que era grande perda pera aquella ilha Gerum, pella falta que yaõ fazendo em suas entradas.

Pello que lhe foi forçado concertarse Elrey de Ormuz com todos aquelles Reys, por cujas terras as suas cafilas passavaõ, pera lhes naõ impedirem os caminhos, dando vns tantos leques cada anno a cada vnm: naõ em modo de pareas, se naõ de presente, a que elles chamaõ, mocarrarias, de que no fundamento do reino de Ormuz, falamos, capitulo segundo do decimo liuro, sem declararmos o que era. E isto era o que aquelle Embaixador da Persia vinha arrecadar a Ormuz, quãdo Afonso d'Albuquerque tomou aquella cidade, que lhe mandou a mostrar vns cestos de pilouros, & ferros de lâças, dizendo, que aquellas eraõ as pareas que aquelle reino q̄ era d'Elrey de Portugal pagava a quem as pedia. Cõtinuando aquelles Reys de Ormuz com estas benevoléncias (que assi podemos chamar a estas mocarrarias) descuidouse o Xargol Xá, que agora faleceo, de pagar isto alguns annos ao Rey de Xirás: & pella ventura que fosse por naõ poder mais, por estar pobre, pellas grandes pareas que pagava a Elrey de Portugal. Do que enfadado este Rey de Xirás, sabendo da morte do Xargolxá, entrou com perto de dez mil caualos pelas terras do Magostaõ, com duas pretençoens, hũa pera se pagar do que lhe diuiaõ: a outra, pera ver se se podia senhorear d'algũas fortalezas que por aquella parte avia.

A gen-

A gente inutil tanto que o sintio foi fugindo pera Ormuz: & a principal, & de guerra, se recolheo pera as fortalezas de Xamel, Minao, & outras a onde se fortificaraõ. Elrey de Xirás sem bolir em cousa algũa, chegou a te a outra banda de Ormuz, & d'ali escreueo hũa carta a Martim Afonso de Mello Luzarte, capitão d'aquella fortaleza toda de comprimentos, sem se declarar, nem concluir em cousa algũa. O capitão entendendo que aquillo era inuenção, chamou a conselho os homens que pera isso eraõ, & mostrandolhes a carta praticou com elles aquelle negocio, & assentouse q̄ mãdasse vigiar Elrey de Xirás por algum homem de entendimento, pera ver se podia alcançar sua determinação.

Pera isto escolheo o capitão vni Aleixos Carualho que sabia a lingua Parsea, & por elle mandou dar aquelle Rey os parabês de sua vindo, & agardecerlhe a visitação, escreuendolhe tambem outra cartacheya de comprimentos como a sua: & deu por regimento a Aleixos Carualho que trabalhasse por ver se podia alcançar Elrey em palauras, & saber delle, ou de algũ capitão seu, sua determinação.

Partido este homem, despedio tambem o Guazil (que governaua o reino por morte d'Elrey) pera se ir por da outra banda do Magostaõ, com toda a gente que possesse ajuntar, & que mandasse cõ

muita breuidade prouer as fortalezas, por que se aquelle Rey vinha com algũa má inclinação, as não tomasse descuidadas: o que o Guazil fez com muita pressa. Aleixos Carualho foi em companhia dos Mouros & leuaraõ a carta ao capitão, ao seu exercito, vni dia de caminho, pello sertão dentro. Elrey o recebeo bem, & elle lhe deu sua embaixada na forma que dissemos. Ali se deteue dous dias, & em muitas praticas que teue com Elrey, & com os seus capitaens, não pode alcançar a causa d'aquella vinda, nem o que aquelle Rey determinaua. E passados elles, se despedio, mandando Elrey tambem fazer grandes offercimẽtos ao capitão.

Partido o Aleixos de Carualho, mandou Elrey logo alguns capitaens sobre as fortalezas de Menejaõ, & Mináo, do que foi logo auisado: & como ja tinha dentro algũa gente, que por entãõ bastaua, não quis bolir comfigo, & mãdou recado ao capitão de Ormuz pedindolhe soccorresse a fortaleza de Mináo, que era a mais importante. Com este recado despedio Martim Afonso de Mello Luzarte logo Belchior de Sousa, homem fidalgo, & bom caualeiro, cõ setenta Portugueses pera se ir metter naquella fortaleza.

Que passado a outra banda foi marchando no coarto d'alua em muito silencio, mandando diante

espias,

espias , porque determinaua de passar pello exercito dos imigos, & meterse dentro , mandando vm Mouro de recado dar auiso aos da fortaleza, pera que estiueessem prestes pera o recolherem. E indo ja perto da fortaleza teue auiso das espias, que hũa companhia de trezentos torquimais ya tambem pera a fortaleza , ajuntarse com os mais que lá estauão . Belchior de Soufa como era homem determinado, disse aos companheiros que chegassem a elles, & os cometesse, por que como era de noite , & escuro, não podiaõ enxergar os poucos que eraõ , & que esperaua em Deos de os desbaratarem facilmente . E assi foi , que chegando aos Mouros que caminhauão descuidados, arremeteraõ a elles com tantas gritas , que fazia parecer o numero mayor : & dandolhes a primeira surriada de arcabuzaria, derribaraõlhe logo mais de corêta: & metendosse de enuolta com elles os começaraõ a cortar á sua vontade.

Os Mouros como não viaõ o numero dos nossos, & o estrondo q̃ faziaõ era de mayor quantidade, parecendolhes que eraõ muitos mais, começaraõ a se pôr em disbarato, ficando os nossos senhores do campo com vm só homẽ perdido : fazendo todos obras bem dinas de mayor capitulo . E vendosse com a mão folgada foraõ passando adiante, & como era es-

curo, passaraõ de longo do arrayal dos Mouros, & meteraõse na fortaleza . Os Mouros ao outro dia souberaõ o que era passado, & como os Portugueses estauão ja dentro, despediraõ recado a Elrey, q̃ lhe mandou outros capitaens, com tres mil homens de soccorro : & juntos todos cercaraõ a fortaleza toda á roda , dandolhe muitos assaltos, em que os Portugueses se defenderaõ co valor com que antes que entrassem na fortaleza os tinhaõ offendido. As particularidades deste cerco não achamos, & por isso o contamos assi em soma.

O capitaõ de Ormuz tanto que viu que Elrey de Xirás se declaraua, armou cinco nauios, de que eraõ capitaens, Diogo Mendez Dourado, Ioaõ da Cruz, Antonio Machado, Thome de Matos, & Francisco Fernandez, & lhes mandou que andassem por toda a costa do Magostaõ defendendoa, & fauorecendo os naturaes. Neste estado estauão as cousas de Ormuz, quando chegou Luis Falcaõ com Elrey Torunxa, que foi muito bê recebido no reino. Com sua chegada corraõ recados antre elle & Elrey de Xirás, com quem se logo concertou, & elle se recolheo pera suas terras, ficando aquelle reino desapressado : & Martim Afonso de Mello Iuzarte entregou a fortaleza a Luis Falcaõ, & elle ficou inuernando nella.

CAPITVLO IIII.

*Do q̄ aconteceo aos Portugue-  
ses na Abasia: & das cousas  
que fez Diogo de Reinoso  
por aquelle estreito.*



**D**EIXAMOS no  
capitolo 4. do 9. li-  
uro as cousas da A-  
basia com os nossos  
ficarem inuernando

em companhia do Emperador so-  
bre o rio Nilo, naquelle mesmo  
lugar a onde ouueraõ aquella grã-  
de vitoria d'Elrey de Zeilá, muito  
mimosos todos do Emperador, &  
da Raynha sua mãy, que sempre  
foi triste pella morte de dom Chri-  
stouaõ da Gama: & correndo as  
nouas por todos os reinos da che-  
gada do Emperador, & do desba-  
rato dos Mouros, & morte do Rey  
de Zeilá: começaraõ a acodir to-  
dos os vassallos que estauaõ reco-  
lhidos em ferras, & passos fortes,  
com medo dos Mouros, ficando o  
Emperador ja com vim muito po-  
deroso exercito.

Tanto q̄ o veraõ entrou, leuãtou  
o Emperador seu campo, & foi vi-  
sitando todos aquelles reinos, que  
tandoos, & segurandoos, no que os  
Portugueses o seruireaõ com mui-  
to amor, & elle tambem lho mo-  
strou. E vindosse ja chegando o  
tempo de lhes vir recado da India,  
pedio Manoel da Cunha a Empe-  
rador licença pera se ir pera Ma-

çua, esperar a armada, q̄ forçado os  
auia de vir buscar. O Emperador  
trabalhou muito pello deter: mas  
releuaua a Manoel da Cunha mui-  
to passar á India, & por esta rezaõ  
insistio na licença, q̄ em fim lhe deu  
fazendolhes merces a todos os da  
sua companhia, q̄ eraõ cincoenta:  
por q̄ os mais quiseaõ ficar por  
suas vótades, & muitos delles se ca-  
saraõ na terra, & tiueraõ filhos &  
filhas, q̄ ainda oje viuem lá: & d'a-  
quelles vieraõ depois á India algũs  
com suas familias em tẽpo do Vi-  
sorrey dom Constantino: & dous  
delles, Simaõ Fernãdez do Preste,  
& Diogo Diaz do Prestes, ambos  
homẽs hórados, & ricos, conuersa-  
mos nòs nesta cidade de Goa, a on-  
de viueraõ, & Elrey depois se ser-  
uiu delles em algũas cousas.

Manoel da Cunha se despedio  
do Preste Ioaõ, & dos Portugueses  
com grandes saudades, & foi cami-  
nhãdo pera Maçuã, onde o deixa-  
remos, por que he necessario con-  
tinuarmos com Diogo de Reinoso  
que o Governador Martim Afon-  
so de Sousa mãdou ao estreito es-  
piar as Galês.

Este fidalgo foi fazẽdo sua jorna-  
da ate embocar o estreito de bãda  
do Abexim, & foi discorrendo por  
a q̄lla costa ate a ilha de Cuaquẽ, sã  
guardar o regimento que leuaua,  
(por que era mancebo, & orgulho-  
so, & o coraçãõ naõ lhe sofreo dei-  
xar de fazer trauessuras:) & assi foi  
tomãdo algũas Geluas que achou,  
O o & fazen-

## Quinta Decada. Da historia da India.

& fazêdo prezas, ate chegar a Cuaquem. Ali se deixou andar antre aquella ilha, & a terra firme, defendendo a passagem de hũa a outra parte, esbõbardeando, & atroando a terra de feição q̄ inquietou todo aquelle estreito: por onde logo corraõ nouas, que era entrada nelle hũa armada Portuguesa. E assi soou isto, q̄ se affirma chegarem a Constantinopla, & enfadar-se muito o Turco, & fazer queixas a Diogo de Mesquita, q̄ lhe affirmou, seria algum aleuantado: & escreueo sobre isto a Portugal.

E tornãdo a Diogo de Reinoso: deixou-se andar por ali a te se enfadar, q̄ se passou a Maçua, a onde ja auia dous dias q̄ era chegado Manoel da Cunha, q̄ cõ os mais Portugueses estaua agasalhado em hũa aldeia de Christãos. E acodindo à praya ás bõbardadas q̄ a tirou, acharaõ Diogo de Reinoso, q̄ festejaraõ summamête, leuãdoo pera a aldeia. Ali se deraõ vns aos outros as nouas de tudo o q̄ era passado. E vêdo Manoel da Cunha q̄ não auia nauios em q̄ se podesse ir, elegeraõ antre si vm homem pera leuar as cartas do Preste Ioaõ ao Governador, & as d'Elrey de Portugal, a que elle escreuia pera se lhe mandarê nas naos seguintes: & escreuendo todos ao Governador q̄ lhes mãdasse embarcações em q̄ se podesse ir, por q̄ não era rezaõ q̄ ficassem ali como degradados.

Este eleito segundo algũas lem-

branças foi Miguel de Castanholo por ser homem nobre, & de muito boa rezaõ, & estar manco de hũa perna: que depois foi ao reino, & leuou as cartas do Emperador a Elrey dom Ioaõ, & lhe apresentou vm tratado q̄ elle fez de toda a jornada de dõ Christouaõ da Gama, a modo de roteiro dia por dia, onde conta todas as cousas mũy particularmête, cujo treslado feito no Preste Ioaõ está em nosso poder, & delles nos aproueitamos, pello auermos por muito verdadeiro: & assi o certificauaõ Simaõ Fernãdez, & Diogo Diaz do Prestes, q̄ a tudo se acharaõ presentes.

Diogo de Reinoso se despedio dos Portugueses que ficaraõ muito tristes, & foi esperar os Ponêtes a Sacotorá, onde fez agoada, & tomou mãtimêtos. Dali se fez á vela & chegou a Goa no fim de Abril, & desembarcando se foi ao Governador cõ Miguel de Castanholo, q̄ elle recebeo bem, & lhe deu as cartas do Emperador da Abasia, & dos Portugueses: & sabendo da morte de dõ Christouaõ a sintio muito, assi elle, como todos. Depois sabêdo o Governador as cousas que Diogo de Reinoso fizera no estreito, & de como trespassara o seu regimento, o mandou prender em ferros. E disse ao Doutor Pero Fernandez Ouuidor geral, q̄ procedesse contra elle, & o sentenciasse conforme aos merecimêtos de suas culpas.

E por

E porque sabia o estrondo que aquellas cousas auiaõ de fazer em Constantinopla, despedio logo cõ muita breuidade vm Iudeo chamado Soleimaõ, irmaõ de Ifac do Cairo, com cartas pera Diogo de Mesquita a Constantinopla, em q̄ lhe daua cõta do caso, & de como Diogo de Reinoso ficaua preso pera o castigarem, pedindolhe tiuesse satisfaçoẽs com o Graõ Turco. Estas cartas lhe foraõ dadas, & elle deu conta aos Baxás do conselho, do q̄ passaua, & de como aquillo fora só vm catur q̄ o Governador mãdara a saber nouas dos Portugueses, q̄ estauaõ na Abasia, & q̄ fizera o capitaõ delle algũas trauefuras de moço, mas q̄ seria castigado como homẽ. Cõ isto dizem q̄ se quietara o Turco. Diogo de Reinoso esteue taõ arriscado, q̄ lhe foi necessario chamar-se á menoridade: & sendo de mais de vinte & coatro annos, prouou q̄ era de menos de vinte, cõ o q̄ se liurou: porẽ foi cõdenado em algũ degredo, q̄ depois se lhe perdoou, por q̄ veyo a resposta das cartas q̄ o Iudeo leuou a Diogo de Mesquita, em que dizia ficar o Turco quieto.

## CAPITOLO V.

*Das cousas que mais socederaõ em Maluco: & de como Ruy Lopez de Villalobos se foi a Tidore: & dos recados que se*

*passaraõ antre elle, & dom Forge. E de como chegou Lurdaõ de Freitas aquella fortaleza, & das cousas que acontecerãõ com sua chegada. E de como prendeo Elrey de Ternate, & o mandou pera Goa.*



**D**EIXAMOS no capitulo 6. do 9. liuro Ruy Lopez de Villalobos em Geilolo fortificado, a on de esteue alguns meses: & querendo fazer outro pouso pera mais perto, tomou por achaque ser a terra muito doentia, & que ja os Espanhoes auorreciaõ aos naturaes, & q̄ tratauaõ de os matarem a todos, & tomarem lhes a fazenda, & a artelharia. Com esta fama q̄ espalhou (q̄ era echadissa) despedio vm prospero de Ramos cõ recado a Elrey de Tidore, mandãdoo visitar, & a pedir lhe licença pera se ir pera elle. Elrey recebeo este homem bẽ, & por elle lhe respondeo, q̄ sempre fora mal tratado dos Portugueses por recolher Castelhanos mas que se fosse elle pera aquella ilha, por que elle naõ o auia de lançar fora da terra, & que vissem elles se eraõ poderosos pera se sustentarẽ nella, & lançarẽ os Portugueses fora d'aquellas ilhas. Com esta resposta tornou o Villalobos a mãdar Matias de Aluarado com outro recado a dom Iorge, pedindo-

lhe q̄ lhe desse nauios pera se passar ás Felipinas, a onde estauão os nauios da sua companhia, & que se fossem taes q̄ nelles se podessem ir pera a noua Espanha, o fariaõ, & se sairiaõ d'aquellas ilhas, saluo se o Emperador, ou o Principe Felipe seu filho, ou o Visorrey da noua Espanha mãdassẽ outra cousa. Parece q̄ quis o Castelhanao ver se podia auer ás mãos algũs nauios nossos, pera assi ficar dom Iorge mais enfraquecido. A voltas deste recado mandou o Villalobos a dom Alonso Anriquez com setenta homens, pera q̄ se fosse meter em Tidore. Dom Iorge recebeu o Matias bem, & antes que lhe respondesse foi auisado q̄ dom Alonso ficaua ja em Tidore: & tomado das inuẽções do Castelhanao despedio o Matias secamente, & com palavras asperas: & mãdou dizer ao Villalobos, q̄ se fosse logo pera aquella fortaleza, q̄ lhe daria nauios, & tudo o de q̄ tiuesse necessidade pera se ir pera a noua Espanha, senaõ que logo seria com elle.

Destes ameassos lhe deu ao Castelhanao taõ pouco, q̄ logo se passou a Tidore, deixando a nao em Geilolo entregue a Iorge Ortiz de Arates cõ vinte soldados: antre estes entrava Ieronimo de Pedrosa, q̄ naõ estaua bẽ com o Villalobos. Este por cõuersar muito cõ o Rey, & cõ os Mouros, foi mixiricado cõ o Arates q̄ trataua cõ elles treizaõ & q̄ lhe queria entregar a nao, pel-

lo q̄ foi preso & mãdado a Tidore a onde foi esquartejado. Neste tempo arribou o Galeaõ saõ Ioanillo, q̄ foi seiscentas legoas de Maluco, & coatrocẽtas do cabo del engano na noua Espanha, & por achar tempos contrarios se poseraõ em trinta graos do Norte: & achando que naõ tinhaõ mais que cẽto & vinte arrobas d'agoa arribaraõ à Felipina, em onze dias, & ali se deixaraõ estar muito tempo por falta de mouzaõ, & depois se passaraõ a Tẽdaja, & d'ali a Caragaõ a onde os da terra lhe matareaõ o mestre.

E por que naõ acharaõ ali o seu capitaõ, tornaraõ se pera a Felipina, & rodearaõ a Cesaria, & chegaraõ outra vez a Tendaja, a onde acharaõ vinte & tres Espanhoes, & tres negros, da noua Espanha com duas negras, & o como ali foraõ ter naõ o achamos em lãbrança. E correndo de longo da Cesaria, acharaõ na baya da Resurreiçaõ hũa carta de Ruy Lopez de Villalobos, em que lhe dizia q̄ se fossem pera Geilolo, como fizeraõ. E chegando áquelle porto, sabendo estar ja em Tidore se foraõ pera elle, no cabo de noue meses q̄ tinhaõ partido pera a noua Espanha. Depois de sua chegada, negociou o Villalobos duas Corocoras, em q̄ mãdou Garcia de Escalante a buscar os Castelhanos que estauaõ nas Felipinas, que acharaõ em Tendaja, & com elles o Prior de santo Agostinho, cõ quẽ voltaraõ pera

pera Tidore. Neste tempo começou Elrey de Tidore a fazer hũa fortaleza de pedra ençoſſo, em vm padraſto que ficaua sobre as coſtas da cidade, no meſmo lugar em q̄ a tinha quãdo Antonio Galuaõ lhã derribou: & por q̄ os Caſtelhanos o ajudauaõ na obra, por cuja industria a faziaõ, lhes mandou Elrey dar a cada vm dez caxas por dia, q̄ valiaõ tres reaes da noſſã moeda, & algũ pouco de ſagum, & arroz.

E por que iſto não baſtaua basteo o Villalobos cõ licença d'Elrey vns ceitis pequenos de menos pezo, que os que corriaõ antigamẽte em Portugal, coadrados, & furados pello meyo: obrigandoffe a Elrey aos tornar a tomar no preço em q̄ ſe deſpêdeſſem, ou pagar a quebra quando ſe foſſe. Correndo a obra da fortaleza por ordẽ do Villalobos, tiueraõ rezoẽs vm Gaspar Melio, & outro ſoldado, & o Melio matou o outro, & acolheoffe pera a ilha de Moutel, dõde o Ruy Lopez o mãdou trazer, & em vez de o caſtigar, lhe fez muitas hõras, do q̄ Elrey tomou roins ſoſpeitas, por q̄ o Gaspar Melio foi depois diſto a noſſã fortaleza a negocios ſeus ſecretamẽte, & ouue Elrey q̄ os Caſtelhanos tratauaõ cõ dõ Iorge algũã couſa em ſeu perjuizo, & começoũſe a carregar, & a dar de mãvõtade a raçaõ aos ſoldados, oq̄ foi cauſa de algũs com neceſſidade ſe paſſarẽ pera a noſſã fortaleza. Neste tẽpo (q̄ era em fim de Nouẽbro)

chegou áquella fortaleza o Galeaõ da carreira, em q̄ ya Iurdaõ de Freitas pera capitaõ. E por q̄ não continuamos com ſua jornada, por as couſas nos não darem lugar, o faremos agora aqui.

Chegado o Galeaõ a Malaca, ſabẽdo Ruy Vaz Pereira capitaõ da cidade, q̄ ali vinha Elrey de Maluco ja feito Chriſtaõ, o foi buscar, & o leuou cõſigo, fazẽdolhe a cidade vm grãde recebimento, & foi apoſentado em caſas q̄ pera elle eſtauaõ ja preſtes. Aqui acharaõ nouas q̄ Elrey Aeiro (o irmaõ q̄ gouernaua o reino) eſtaua muito poderoso, & bem, & quieto. E como Iurdaõ de Freitas era homẽ q̄ entẽdia mũy bem a terra, receou, q̄ cõ a chegada d'Elrey dõ Manoel, feito Chriſtaõ, oueſſe algũã alteraçãõ em os naturaes, & que lhe não quiſeſſe entregar o reino, cõ achaque de mudar ley, por que auia o Aeiro de os ter perſuadido, que ſe o recebeſſem, logo os auia de obligar a ſe fazerem Chriſtaõs.

E querendo atalhar a iſto, ajuntandoffe cõ o capitaõ em caſa d'Elrey, apreſentoulhe eſtes inconuenientes, dizẽdo, que pellos eſcuſar lhe parecia bẽ ficar Elrey dõ Manoel naquella fortaleza, & que iria elle tomar poſſe da de Maluco, & que na mouçaõ prẽderia o Gouernador Aeiro, & o embarcaria pera a India: & que entãõ iria Elrey dom Manoel, & q̄ tomaria liure & deſembargadamẽte poſſe

do seu reino. Pareceo aquillo bem a Elrey, & ao capitão de Malaca, & mais fidalgos & capitaens que ali auia, que para isso se chama- raõ. Vinda a moução se embar- cou Iurdaõ de Freitas, & foi surgir em Talangame, como atras disse- mos. Dom Iorge de Crasto o foi buscar, & o leuou pera sua casa, & logo lhe fez entrega da fortaleza, dandolhe conta do estado em que as cousas estauaõ.

Ruy Lopez de Villalobos sabê- do ser chegado capitão nouo o mandou visitar: Iurdaõ de Freitas lhe mandou responder com vm requerimento em que lhe dizia, q̃ logo se fosse fora d'aquellas ilhas, que craõ d'Elrey de Portugal, fa- zendo sobre isso seus protestos co- mo os passados de dõ Iorge. Ruy Lopez tornou a replicar, & do re- cado em recado vieraõ a assentar em tregoa por oito meses (que e- ra o tempo em que vns & outros podiaõ ter recado da noua Espa- nha, & da India) com estas condi- çoens: que não se trataassem, nem communicassem, nem Portugues algum fosse a Tidore, nem Caste- lhano algum a Ternate, sem licê- ça dos capitaens, & que Ruy Lo- pez mandaria hũa pessoa fiel, que lhes comprasse o crauo, & o pozes- sem na praya a onde o tomariaõ: & que se passassem alguns Caste- lhanos a Ternate, ou Portugueses a Tidore, sem terem cometido de- licto algum, se tornassem: & que

naõ tirassem mantimétos, vns das terras dos outros. E que encontrã- doffe no már em seus nauios, se não fizessem dano. E que Iurdaõ de Freitas auisaria dez dias antes do tempo de se acabarem as tregoa. Estes capitulos juraraõ am- bos. E logo despedio o Villalobos o Galeaõ saõ Ioanillo pera a no- ua Espanha com cartas pera o Vi- sorrey, & foi por capitão Ignigo Ortiz Alferes mór, & partio a de- zateis de Mayo deste anno de co- renta & cinco em que entramos. Leuaua o Ortiz por regimento q̃ fosse pella banda do Sul, por que da outra vez foi pella do Norte: & así se foi pór em vinte graos, & passando a Equinocial foi dar na costa dos Papuas, por onde naue- garaõ quinhentas legoa de Leste Oeste, não se oufando a sair della por causa das correntes: & algũas vezes desembarcaraõ em terra, & tiueraõ algũas brigas com os natu- raes. E saindoffe ao már largo a- charaõ os ventos pella proa, pello que lhes foi forçado tomar hũa ilha pequena, cujos naturaes lhes diziaõ que esperassem vm mês q̃ lhe entrariaõ ventos em popa, o que o Piloto não quis fazer, & ar- ribou a Tidore, a onde chegou a quatro de Outubro de corenta & cinco. Com sua chegada ouue tan- tas diuisoens antre elles, que se pas- saraõ muitos Espanhoes pera Ter- nate.

Vendo Elrey isto, offerrecoffe  
ao

ao Villalobos, a fazer hũa nao grãde, pera se ir pera a noua Espanha: & que dobraria a reçaõ aos Castelhanos: mas como todos andauão ja antre si reuoltos, nada disto ouue effeito. Ruy Lopez de Villalobos, vendo que arribara o saõ Ioaninho, determinou de mandar recado a Espanha por via da India: & pera isto se falou com vm Gaspar Melio, & lhe deu instrucções. Este homem se fez fogido pera a nossa fortaleza, agrauado do seu capitãõ, & se embarcou depois com dom Iorge, & em Goa faleceo.

Vindo a mouçaõ pera dom Iorge se embarcar, teue algũas differenças com Iurdaõ de Freitas, sobre lhe naõ querer deixar embarcar os homens de sua obrigaçãõ, pello que lhe emprestou duzentos bares de crauo, & depois de os recolher lhe pedio mais cento, de q se dom Iorge agrauou delle, & andaua atufado. E querêdo vltimamente embarcar-se, mandou Iurdaõ de Freitas chamar Elrey Aei-ro, pera certos negocios: & como o teue na fortaleza lhe deitou vm macho. Sobre esta prisaõ ouue grãde reuolta em casa d'Elrey, & acodio o Vigairo com o Ouuidor pera quietar as molheres que se espalhauão, & ainda recolherãõ hũa filha d'Elrey de Tidore, & outra do de Geilolo, q o capitãõ agasalhou com sua molher.

O Rey de Geilolo mandou logo buscar sua filha, que lhe elle en-

tregou, & o mesmo fez o de Tidore: & veyo por ella Bernardo de la Torre, mestre de campo em doze Corocoras, que a leuou a Elrey cõ grande vaydade. Iurdaõ de Freitas estando ja o Galeaõ de largo foi embarcar Elrey, & o entregou a Francisco d'Azeuedo Coutinho capitãõ da viagem, que logo deu á vela para Malaca. Os nossos & os Castelhanos ficaraõ correndo em amizade, visitandosse os capitaens dandosse banquetes. E indo vm dia á nossa fortaleza o contador Guido de Lauazares a visitar o capitãõ, antre as praticas que tiueraõ lhe disse, que pedisse de sua parte ao Villalobos, que o quisesse ajudar contra o Rey de Geilolo, por que lhe queria ir tomar hũa fortaleza que fazia em perjuizo d'aquella d'Elrey de Portugal, & mais por que era contra Mouros inimigos de Christaõs. Disto se escusou o Villalobos, o que logo soube o Rey de Geilolo, & foi visitar o Villalobos a Tidore: induzindoo a fazer guerra aos nossos, sobre o que elle o naõ ouuiu.

Andauão as cousas taõ baralhadas que meteraõ em cabeça ao Rey de Tidore, que o Villalobos o queria entregar aos Portugueses, sobre o que se foi ver com elle, & lhe deu satisfaçoens com que o quietou. E estaua o Villalobos taõ mal quisto com todos, que ate o Prior dos Agostinhos seu confessor, o naõ pode sofrer, & se passou

á nossa fortaleza, a onde foi bem agasalhado: & d'ali escreueo ao Villalobos, que tomasse conclusãõ cõ os Portugueses, primeiro q̃ viesse a armada da India, & depois disto tornou-se a ver com elle em Tidore, affirmandolhe que estaua excomungado elle & todos se se não fossem pera os Portugueses: & vido que o não podia mouer, tornou-se pera a nossa fortaleza com todos os seus frades, deixando os Castelhanos muito diuisos.

CAPITULO VI.

*Da armada que este anno de corenta & quatro partio do reino, de que era capitaõ mór Fernão Perez d'Andrade: & de como o Governador Martim Afonso de Sousa tratou de auer as mãos Cogecemaçadim: & de como mandou leuar Mealecan pera Goa.*



**M**VITO magoado andaua o Governador Martim Afonso de Sousa de Cogecemaçadim o ter enganado no negocio do thifouro do Accedecan, fazendolhe crer, q̃ não passaua de vm milhaõ: & que com lhe dar oitocentos mil cruzados lhe daua a mór parte delle: tẽdo mandado desenganar o Idal-

can pella figura dos pratos de betere, que dissemos no capitulo segundo do liuro decimo: por onde sabidamente lhe ficauaõ mais de seis milhoes d'ouro, posto que outros diziaõ que dez. Do que magoado o Governador, como começamos a dizer, determinou de ver se podia auer ás mãos Cogecemaçadim, por mimos como da outra vez, & repesalo a te lhe dar todo o thifouro, pois o Idalcan tinha delle feito doaçaõ a Elrey de Portugal. E andando com esta magoazendo seus discursos, como o verraõ era ja entrado, alguns dias andados de Setembro, chegou á barra de Goa Fernão Perez d'Andrade, que tinha partido do reino por capitaõ mór de cinco naos, que todas tiueraõ bem roim viagem: por que Simão d'Andrade da sua companhia arribou ao reino: Simão de Mello sobrinho de Lopo Vaz de saõ Payo, que trazia a fortaleza de Malaca, perdeosse em Moçambique. Iacome Tristaõ foi tomar Zanzibar a onde inuernou. Luis de Calataud foi por fora da ilha de saõ Lourenço, tomar Cochim em Outubro.

Surto Fernão Perez d'Andrade na barra de Goa, tendo recado o Governador de sua chegada, dizẽ que dissera, que elle & Diogo da Sylueira eraõ bons pera más de carga: por que ja sabiaõ o caminho. Isto disse, por que tinha cada vm delles vindo á India por capitaens mores

mores tres vezes. Fernão Perez d'Andrade desembarcou, & foi muito bem recebido do Governador, que festejou as boas novas do reino, por que aquelle anno casou Elrey dom Ioaõ sua filha dona Maria com Felipe filho do Emperador Carlos Quinto, herdeiro de seus estados, d'antre quem nasceu o Principe Carlos, de cujo parto ella faleceo. O Governador Martim Afonso de Sousa como andava com a imaginação em Cogecemaçadim, despedio por fim de Setembro Ruy Gonçalvez de Caminha, que ja demos a conhecer no capitulo onze do liuro nono, por ser grande amigo de Cogecemaçadim pera ir a Cananor a ver-se com elle, pera o persuadir ir a Goa a se recrear, & a visitar o Governador, & que lhe affirmasse, q̄ tinha delle grãdes saudades, & não lhe descubrio sua tenção, nem a outra pessoa algũa.

Ruy Gonçalvez se embarcou em um Catur muito ligeiro, & em breues dias foi ter a Cananor, & foi ser hospede de Cogecemaçadim, que o festejou muito. E vindo com elle a praticas o persuadio ir-se a Goa a visitar o Governador, que era grãde seu amigo, & a desfadar-se alguns dias naquella cidade, a onde cõpraria brincos do reino á sua vontade, & que se tornaria quando quisesse. Tãtas cousas lhe disse sobre este negocio, & assi o obrigou pellas amizades do

Governador, que o abalou a se ir com elle: & mandou embarcar o seruiço de sua pessoa mais maneiro pera ir afforrado, & sete mil cruzados em dinheiro, pera as despesas dos dias que em Goa estivesse. E querendo vltimamente embarcar sua pessoa, dizem que fora persuadido d'alguns Portugueses que desejavaõ de o grangear, que não fizesse aquella jornada, & que se deixasse estar, que estava bem, & isto sem sabermos cousa algũa, não sospitarem nada da tenção do Governador, mas sô por suas naturezas, & por que todos se aproueitauão d'elle, & elle fazia emprestimos, & amizades a todos, & assi o seruiço como se foraõ seus escravos. O Cogecemaçadim, com o q̄ lhe estes differaõ, arrependeosse de ter cometido aquelle negocio, & fingio hũa indisposição com q̄ se deitou em cama, desculpandosse de Ruy Gonçalvez de Caminha, pedindolhe que o mesmo fizesse do Governador, mandando desembarcar o seu seruiço, & recamara: & disse a Ruy Gonçalvez de Caminha que os sete mil cruzados em dinheiro, leuasse, & entregasse ao Governador, pera os mandar a Raynhã dona Catherina, de que lhe fazia seruiço peravns chapins.

Ruy Gonçalvez ficou triste de ver esta taõ supita mudança, & não podendo al fazer se embarcou, & chegou a Goa, dãdo conta ao Governador

uernador das cousas que passara com Cogecemaçadim, que elle em extremo sentio, por lhe escapar d'aquella feita das mãos. E querendo todavia ver, se por aquella via o podia acarretar a Goa, mandou a Ruy Gonçalvez de Caminha, q̄ os sete mil cruzados que trazia de Cogecemaçadim, os empregasse em peças & brincos do reino, que lhe melhor parecessem, & q̄ o Cogecemaçadim mais estimaria, & lhas leuasse, & trabalhasse outra vez pello persuadir a se ir desfadar a Goa. Ruy Gonçalvez o fez assi, & empregou todo o dinheiro em escarlatas finas, veludos de cores, peças de prata de bestiaes, agoas rozadas, & de outras muitas sortes de cousas que lhe pareceo que Cogecemaçadim estimaria, embarcando tudo no mesmo catur foi ter a Cananor, onde foi bem recebido de Cogecemaçadim, que folgou com as peças que lhe leuava. Ruy Gonçalvez deixou-se ficar seu hospede algũs dias, em que tornou apertar com elle, sobre a ida de Goa, affirmandolhe o muito que o Governador o desejava de ver, assi por ser muito seu amigo, como por desejar praticar com elle cousas de muita importancia, & que releuavaõ muito. O Cogecemaçadim como da primeira vez desfarmou a ida, não ouue podelo tornar a armar: não por que se receasse de cousa algũa, por que se tiuera algũas sospeitas, não

entrara em um Galeão que avia poucos dias chegara de Ceilaõ, & fôrgira naquella baya, de que era capitaõ Pero de Mesquita, a quem o Cogecemaçadim foi ver alguns Alifantes que leuava, & andou no Galeão muito deuaçar, & muito seguro, sem se temer de cousa algũa.

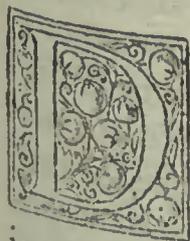
Mas a principal rezaõ por que deixava de ir a Goa, era, não se querer alongar do seu thesouro, por q̄ não sabia o que lhe aconteceria, por que o tinha dentro em suas casas, & vigiado de cõtino, de quinhentos Naires a que pagava soldo: & tinha tomado por jangada a Pocarale Regedor mór do reino que lhe custava bem. Era este Mouro Pocarale muito rico, & foi tio do Aderrajo, que fez muitas vezes guerra áquella fortaleza de Cananor, como em seu lugar diremos. Vendo Ruy Gonçalvez de Caminha que não podia abalar o Cogecemaçadim, despedio-se d'elle, q̄ lhe deu peças muito ricas pera se mandarem á Raynha dona Catharina, & outras pera o Governador, & o mesmo Ruy Gonçalvez de Caminha não tornou com as mãos vazias.

Chegado a Goa deu conta ao Governador do que tinha passado, do que enfadado, assentou cõsigo de ir a Cananor, sem dar conta a pessoa algũa d'isso: & pera o q̄ determinava de fazer, despedio alguns catures ligeiros pera iré bul-

car Mealecan a Cananor, que em breues dias lho trouxeraõ a Goa. A tençaõ que o Governador nisto teue, nos naõ souberaõ dizer: mas auia de ser, por que ali estauaõ as naos do reino, por que o Idalcan cuidasse, que o queria embarcar pera Portugal, por ver se lhe podia arrancar mais algũa cousa das mãos, por que queria ter nelle vmninho de guincho, como lá dizem: ainda que o mais certo parece, sen tir algũa alteraçã no Idalcan, & assentarse em conselho, q̄ o mandasse leuar pera Goa, pera o enffrear com elle, por que era a cousa que o mais inquietaua que todas.

### CAPITULO VII.

*De como o Governador Martim Afonso de Sousa ordenou vñ Galeaõ pera mandar ao reino, por faltarem naos. E de como se embarcou pera Cananor sem dar conta a pessoa algũa, & foi ter a Baçaim: & das differenças que teue com dom Manoel de Lima capitã da fortaleza.*



AVA o Governador Martim Afonso de Sousa grande pressã as cousas do reino, pera fazer a jornada que pretendia: mandando lançar a armada ao már, & dei-

tando fama, que auia nouas de Galés, & que as queria ir buscar. E por que naõ auia mais de hũa nao, mandou negociar outra do Estado pera mandar ao reino, com carga de pimenta, & drogas: de que deu a capitania a Martim Correa da Sylua: & a carga desta nao (segundos nos parece) foi feita com o dinheiro q̄ Cogecemaçadim deu: por que dos coatrocentos mil cruzados que o Governador arrecadou d'elle este Março passado, naõ achamos carregados sobre o feitor Bastiaõ d'Afonseca, que naquelle tempo seruia, mais que cento & corenta & oito mil: & vinte & cinco pardaos. E naõ achando nós na India carga, nem despeza algũa da outra demasia, nos parece que se despenceo na carga desta nao. Esta confusaõ tem nacido da perda dos liuros & papeis que a te gora ouue neste Estado: nem ainda na casa da India pode ser se naõ ache isto, se releuar buscarse, por quanto esta nao indo pera o reino se foi perder na ilha de Zam zibar, a onde auia de desaparecer o liuro da carga.

Em fim como quer que seja, o Governador deu grande pressã as duas naos pera irem a Cochim tomar a carga: & antes de as despedir chegaraõ nouas que estaua em Cochim a nao de Luis de Calataud, com que em estremo folgou, & logo despedito as outras com Aleixos de Sousa, Veador da fazêda,

da, pera ir fazer a carga, ficado elle escreuendo pera o reino breuemēte. E facodindosse de todos os negocios, se embarcou no fim de Novembro, despedindo pera o Malauar por capitão mór, Anrique de Soufa Chichorro, irmão de Aleixos de Soufa, com seis nauios. Despedida esta armada o Governador se fez á vela, leuando sete Galeoēs: elle em saõ Dinis, Pero de Faria no Coulaõ, dom Ioaõ Anriquez em Sanctiago, que estaua dado a Martim Afonso de Mello Iuzarte, que tinha vindo de Ormuz, que por lhe darem cartas d'Elrey q̃ o mandaua ir pera o reino lhe largou o Galeaõ, & se foi pera Cochim. Antonio da Sylueira, o de Terena, ya no Galeaõ saõ Ioaõ, q̃ era de Ioaõ de Sepulueda, que tambem lho largou, & se foi pera Cochim, pera se embarcar pera o reino, agrauado de lhe Elrey não escreuer, & em Cochim achou cartas suas na nao do Calataud, pello que se deixou ficar. Leuaua o Governador mais sete Carauelas, de que eraõ capitães, dom Ioaõ Mascarenhas, Aluaro de Mendoça, Afonso Furtado, Pero Vaz de Siqueira, Pero de Tayde Inferno, Luis Cayado, & Pantaliaõ de Sá. Leuaua mais noue Galés, cujos capitães eraõ, Frãcisco de Sá de Meneses, dom Ioaõ Pereira, Bernaldim de Soufa, Ioaõ de Mendoça, Fernaõ da Sylua Alcaide mór de Alpalhaõ, Fernaõ de Soufa de Tauora, Pero Lopez de

Soufa: & yaõ tambem muitos nauios de remo a cujos capitaēs não achamos os nomes.

Dada a vela, foi o Governador tomando a derrota do Norte: & como ventauaõ os ventos Lestes, em breues dias foi surgir com toda aquella frota na barra de Baçaim: & logo mandou tomar casas em terra pera sua pessoa, sem ter comprimento algum com dõ Manoel de Lima capitão da fortaleza, que ja estaua muito agrauado do Governador, por lhe mandar inuernar áquella cidade, vm Veador da fazenda letrado, com todos os poderes na fazenda, & na justiça, deixando a elle sem algum: pello que aquelle inuerno teue algũs desgostos com o Veador da fazenda, por lhe ir a mão a tudo, ficado elle na sua fortaleza como hũa estatua. E vendo agora que chegaua o Governador áquelle porto, & que sem ter com elle comprimento algum, mádara tomar casas em terra, sendo obrigação agasalharse na fortaleza d'Elrey, como todos os Governadores a te entaõ fizeram: entendeo que não vinha seu amigo. E assi quando desembarcou o foi esperar á praya sem lhe fazer a cerimonia da entrega das chaves, como era costume em todas as fortalezas, a que os Governadores da India chegauaõ, nem ter com elle outro algum comprimento, & o foi acompanhando a te os aposentos que estauaõ pera elle,

elle, & á porta se despedio, & se tornou pera a fortaleza. E no caminho lhe differaõ algũs fidalgos seus amigos, que aquelle anno vierã do reino, que era falecida hũa sua tia, que o criara, que elle amava como mãy, de q̃ ficou em estremo anojado, & se encerrou, & mãdou cortar dó.

O Governador vendo o modo de como dó Manoel de Lima correrã com elle, & que lhe não fizera recebimento algũ, nem gasalhado, quasi q̃ se ouue por afrontado. E chamando o Doutor Pero Fernandez Ouuidor geral lhe disse, q̃ lhe fosse prender dom Manoel de Lima, & o leuasse pera vm dos Galeoës da armada, qual elle quizesse, dóde se não sairia a te elle mãdar o contrario. O Doutor Pero Fernandez se foi á fortaleza, & achou dom Manoel encerrado & anojado: & sem embargo disso, lhe notificou o mãdado do Governador que leuava asinado por elle. Dom Manoel lhe disse, que fizesse seu officio: mas que se o Governador o mandava prender por lhe não fazer recebimento, nem lhe entregar as chaves da fortaleza, que elle o não fizera, se não pello pouco caso que lhe vira fazer da fortaleza d'Elrey, tendo obrigação de se ir aposentar nella, & ver o de que tinha necessidade. E que quanto a se despedir delle da porta, & o não tornar a ver, fora pelas novas que lhe deraõ da morte

de sua tia, que o criara como mãy, por quem estaua encerrado, & anojado como via: & que tinha mãdado cortar dó, por que esperava pera o ir visitar, sem embargo de lhe mostrar em tanta cousa que não era seu amigo: mas que era por correr com elle como Governador da India.

O Ouuidor geral, vsando aqui mais de pontos de letrado que de cortezaõ, não deixou de fazer sua diligencia, vèdo elle muito bem as rezoës que dom Manoel de Lima tinha por si, & o leuou pera vm dos Galeoës da armada. Dom Manoel de Lima mãdou logo por seus criados tirar todo o seu fato, & fazeda da fortaleza, como homem q̃ determinava não tornar mais pera ella. O Doutor Pero Fernandez se foi ao Governador, & lhe deu conta de tudo o que passara com dó Manoel de Lima, & sabendo elle q̃ era verdade a morte da tia, tornou lhe a mandar dizer pello Ouuidor geral, que se tornasse pera a sua fortaleza: por q̃ ja estaua informado da verdade. Dom Manoel de Lima lhe respondeo, que estaua è prezo, & que não queria cousa algũa da fortaleza, por que se ya pera o reino. O Governador Martim Afonso de Sousa arrepedido do q̃ tinha vsado com elle, pediu a Pero de Faria, que era grande seu amigo (& fidalgo q̃ por velho lhe tinhaõ todos respeito) que se fosse ver com elle, & trabalhasse pello

moderar, & lho leuasse lá. Pero de Faria se foi ao Galeão, & teue com dom Manoel de Lima, por parte do Governador grandes satisfações, & desculpas, pedindolhe quisesse ir com elle a vello, por q̄ bastaua pera sua satisfação mostrar-se arrependido do q̄ lhe tinha feito. Dom Manoel de Lima o não quis ouuir naquelle negocio, dizendolhe que era filho mais velho de seu pay, que se queria ir pera o reino: & que quando lhe Elrey não desse de comer, que viuiria com o q̄ seu pay viueo. Pero de Faria se tornou ao Governador, & lhe deu conta do que com elle passara. Do que elle ficou muito pejado naquelle negocio, por que aquelle fidalgo era de muitos merecimentos, & muito aparentado em Portugal, & rãbem por que arreceou q̄ Elrey lhe estranhasse muito o que com elle tinha usado: porque nunca os Reys querẽ, que os seus Governadores, & Visorreys, lhe enxualhẽ, & tratẽ mal seus fidalgos, & vassallos: por q̄ muitas vezes se aconteceo ja, quererẽ algũs com o braço d' Rey, vingarse de escandalos particulares, & satisfazerem seu appetite. O Governador tornou a mandar a elle Pero de Faria cuidando que o achasse ja mais brãdo, & mais fora da paixãõ: mas dom Manoel de Lima o não quis ouuir, dizendolhe, que não tornasse lá mais sobre aquelle negocio, por que seria necessario fechar

lhe a porta, & que o não quisesse pór a risco de lhe fazer aquella descortezia, por que era seu seruidor.

Vendo o Governador quão duro estaua, o mandou levar assi prezo pello Ouuidor geral, o que dó Manoel de Lima não refusou. E fechados em hũa camara ambos, o que passaraõ não se sabe, somente dizer dom Manoel, que se auia de ir pera o reino: ao que lhe disse o Governador: ora ja que assi he, cumpre ao seruiço d' Elrey que vos não embarqueis. A isto tirou dom Manoel d'aljabeira hũa prouisaõ d' Elrey, & lha deu na sua mão, em que lhe daua licença pera se ir pera Portugal: & mandaua ao Governador da India que lho não impedisse, posto que ouuesse cerco da fortaleza, ou nouas de Galés. Vendo o Governador aquillo, lhe tornou a prouisaõ, & lhe disse que fizesse o que quisesse. Dõ Manoel de Lima lhe disse, voume, & segurouos hũa coufa, que em Portugal não faça queixume de vos a Elrey.

Saido d'ali embarcouse em vm catur ligeiro, & se foi pera Cochim, õde tomou as naos de verga d'alto, & se embarcou com Fernão Perez d'Andrade, & loaõ de Sepulueda lhe deu toda a sua matalotage, por que deixou de ir pera o reino, pellas rezoens que atras dissemos. Estas naos tiueraõ boa viagem. Somete a de Martim Correa da

da Sylua q se foi perder em Zan-  
zibar, a onde achou a nao saõ Fe-  
lipe, de q era capitão Iacome Tri-  
staõ, & os mais dos soldados doẽ-  
tes. Este fidalgo os mandou curar  
á sua custa muito bem: & a todos  
os mais deu mesas, & lhes fez os  
gastos a te os trazer na mesma nao  
a inuernar á India.

Dom Manoel de Lima chegou  
aõ reino, & não tratou dos agra-  
uos de Martim Afonso de Sousa,  
mas presumiasse que esperaua por  
elle pera o desafiar: & alguns parẽ-  
tes que na India tinha, o affirma-  
uaõ taõ publicamente, que foi ter  
ás orelhas do Governador. E ve-  
stindosse vm dia de festa muito  
louçaõ, tendo hũa espada na cin-  
ta, que lhe tinha dado o graõ ca-  
pitão Gonçalo Fernandez, sendo  
moço: saindo pera a casa onde os  
fidalgos o estauaõ esperando, (an-  
tre quem estauaõ os parentes de  
dom Manoel de Lima, que diziaõ  
que o auia de desafiar) & olhando  
o Governador pera os fidalgos,  
lhes perguntou se estaua gentil ho-  
mem, & gabandoo todos, pôs a  
maõ na espada dizendo: pois sabei  
que quem me mandar desafiar, q  
lhe eide ir lá. E muito bem sabia  
elle que dom Manoel de Lima o  
auia de fazer, & así o affirmaraõ a  
Elrey: mas elle o atalhou pella  
maneira que adiante se verá no  
capitolo setimo do liuro terceiro  
da sexta decada.

## CAPITULO VIII.

Do que fez o Governador Mar-  
tim Afonso de Sousa em Ba-  
çaim: & de como voltou pe-  
ra Cananor: & se vio em se-  
gredo com o capitão. E de co-  
mo Anrique de Sousa matou  
o Aderrajaõ de Cananor,  
& seu irmaõ.



O outro dia que  
isto passou, que foi  
ao segundo da che-  
gada do Governador,  
mandou em  
terra armar coatro mesas pera da-  
rem de comer aos soldados, pera  
mayor dissimulaçaõ do que de-  
terminaua: por que nem dos mui-  
to amigos se fiaua. E auendo coa-  
tro dias que estaua em terra, tor-  
nou se a embarcar cõ muita pressa,  
& dando a vela se fez na volta do  
Leste, como q ya demadar a costa  
da Arabia: & sendo vinte legoas  
afastado da terra, tornou a voltar  
caminho do Sul, por onde gover-  
nou tres dias, & no cabo delles pôs  
a proa a Leste, a te descobrir a ter-  
ra, & á vista della foi demadar mõ-  
te Deli, a onde foi surgir com toda  
a armada de noite sem ser visto da  
terra. E sem dar conta a pessõa al-  
gũa do que quera fazer, se embar-  
cou no catur de Simaõ Galego,  
mãdando chamar Fernaõ da Sylua  
Alcaide mór de Alpalhaõ, Fernaõ

de Soufa de Tauora, Francisco de Sá de Meneses, & vñ filho Bastardo de Thome de Soufa, Veador q̄ foi d'Elrey dom Ioaõ, q̄ lhe ficaua em lugar de sobrinho, q̄ lhe leuaua vñ guiaõ de Christo, & tomando mais os nauios do Pireirinha, do Siqueira, & de Francisco Fernandez o Moricale, que eraõ os mais ligeiros da armada, afastandosse de noite della, sem o saber pessoa viua, mais q̄ os q̄ cõsigo leuaua, tomando o remo em punho pera Cananor, andou aquellas coactro legoas, em pouco mais de duas horas. E chegando á couraça bradaraõ pellas vigias q̄ chamassem o capitaõ, q̄ era coufa que importaua sem lhe dizerem q̄ estaua ali o Governador. Diogo Aluarez Tellez affomou á couraça, & o Governador lhe mādou dizer, q̄ mandasse afastar as vigias como fez. E dandofelhe a conhecer, entrou por hũa bõbardeira, & ambos sós praticaraõ menos de meya hora: & o que trataraõ foi, que trabalhasse por lhe colher na fortaleza Cogecemaçadim por mimos, ou por outra algũa inuençaõ: & que vindo a ella o prendesse, & lho mādasse logo a bom recado a Goa, por Anrique de Soufa. E q̄ quãdo o naõ podesse auer ás maõs, trabalhasse por colher Pocarale Aderrajaõ, a que Cogecemaçadim estaua entregue: & q̄ o represasse, pera a troco delle auer Cogecemaçadim. E q̄ quãdo tambem o naõ podesse colher na

fortaleza, o encomendasse a Anrique de Soufa capitaõ mór do Malauar, q̄ era seu amigo, & todas as vezes q̄ ya a Cananor o buscaua & visitaua, pera q̄ o prendesse, & o tiuesse na armada a te lhe entregar o Cogecemaçadim. Deixandolhe pera isso vñ mandado seu, que ja leuaua feito: & encomendadolhe muito o segredo se tornou a embarcar, & voltou pera a armada, q̄ chegou de madrugada. E metendosse no seu Galeaõ deu logo á vela pera Goa, a onde chegou em breues dias, desarmandosse de toda hũa armada tamanha, com o que todos ficaraõ embaraçados, vendendo as voltas que dera sem verem effeito algum.

O capitaõ de Cananor. depois do Governador recolhido, foi visitar Elrey, & Cogecemaçadim, como muitas vezes fazia, mandadolhes brincos & mimos. E vindo dia de Natal mādou conuidar a Cogecemaçadim, pera lhe dar vñ baquete, do q̄ se elle escusou: & naõ se pode presumir q̄ fosse auisado d'alguem, por q̄ o Governador só de si tinha fiado aquelle segredo. Mas foi, ou por q̄ o coraçãõ lhe adiuharia algũa coufa, ou porque veria algũ roim agouro: porq̄ estes Mouros nunca fazem coufa algũa, sem eleiçaõ de horas boas, ou más, & sem notarem sinaes de bons ou maos agouros, nas aues, nas alimarias, & em todas as mais criaturas: por que lhes fazem os seus Bragmanes

manes crer cem mil abusoens: & quando são pera seus negocios, todas as horas são boas, mas pera os alheyos, sempre lhe achão vm inconueniête, com que lhe estoruaõ negocios bem importantes. Mas q̄ he de espantar auer isto em Mouros, & Gentiõs, se antre Christaõs vemos os que governaõ os Reys fecharemnos pera todos, & teremnos abertos sempre pera si, limitãdo tempos & dias pera os despachos alheyos, & pera os seus não auer limite nem termo, por q̄ todas as horas são suas?

E continuando com a historia. Vendo o capitaõ de Cananor, que não podia auer ás mãos Cogeçemaçadim, tratou de trazer á fortaleza o Aderrajaõ, & nem isso pode fazer. Pello que chegando áquella baya Anrique de Sousa, vendosse com elle em muito segredo, lhe deu o mandado do Governador, encomendandolhe muito que trabalhasse por auer o Pocarale Aderajaõ as mãos, & embarcalo na armada. Anrique de Sousa se deixou estar na baya, & mandou logo visitar Pocarale, como sempre costumaua: & d'ahi a dous dias lhe mandou pedir que se vissem na praya, por que tinha alguns negocios que tratar com elle. O Pocarale vestiose pera ir lá, o que a molher trabalhou de estoruar, dizendolhe, que não fosse por entaõ, por que não sabia o que o coração lhe dizia. Mas como não ha poder fu-

gir á mão de Deos, sem dar pellos rogos da molher, foisse á praya cõ vm seu irmão, & achou ja Anrique de Sousa nella. E demãdãdoõ foraõ praticãdo sós em muitas coufas: & de passo em passo, de pratica em pratica o leuou a te onde tinha negociada algũa gente, & almadias, pera o prender & meter nellas: por que as fustas não podiaõ chegar tanto á terra. Pocarale embebido na pratica se foi deixando ir, & tendoo ja perto liouffe com elle, & quis leualo nos ares pera dar com elle nas almadias. Pocarale, que era vm Mouro grande & forçoso, vendosse d'aquella maneira, abraçouse com Anrique de Sousa de feição que o sogigou, bradando pellos seus, que começaraõ a dar grandes cúquiadas a seu modo, á que acodio logo muiira gête da cidade, que era perto. O irmão do Pocarale que estaua vm pouco afastado, com alguns criados seus, acodio logo com as armas pera valer ao irmão. Anrique de Sousa que tinha o olho nelle, & estaua fugigando do Pocarale, bradou a os seus que o matasem: & correndo vm hũa lança por elle o varou de parte a parte caindo logo morto: & outro endireitou com o irmão que ya ja pera ferir Anrique de Sousa, & o matou logo. Anrique de Sousa se foi recolhendo ás almadias, por que carregaua ja muita gente sobre elles, & quasi se recolheo com a agoa pella

cinta, & todos os mais.

O Elrey teue logo rebate do que passaua, & acodio á cidade muito sentido do caso, & mandou logo apregoar guerra contra a nossa fortaleza, que logo se fechou, & velou. O capitão escreueo o socesso ao Governador, pedindolhe gête, moniçoens, & prouimentos. Isto sentio elle em extremo, & acabou de perder as esperanças de auer Cogecemaçadim ás mãos: & logo despedio Pantaliaõ de Sá com cinquenta soldados pera ir inuernar naquella fortaleza, escreuendo a Elrey cartas de satisfaçoens, lançando a culpa a Anrique de Sousa, prometendolhe de o castigar. Mas Elrey não se quietou, & así ficou aquelle inuerno a nossa fortaleza fechada, sem communicação da cidade, donde lhe yaõ os prouimentos que lhe começaraõ a faltar. D'aqui ficaraõ os Portugueses desacreditados naquelle reino, que correo sempre com o Estado em grande amizade: & depois d'aquelle grande cerco, que sendo Lourenço de Brito capitão em tempo do Visorrey dom Francisco d'Almeida, poseraõ áquella fortaleza, nunca mais lhe fizeraõ guerra: & todas as que d'aqui por diante ouue, (de que com o fauor diuino trataremos, que molestaraõ muito o Estado) procederaõ deste negocio: por que o sobrinho do Aderrajaõ, que lhe herdou a casa & o titulo, sempre em quanto vi-

ueo (que foraõ depois mais de cinquenta annos) foi o mor imigo q' o Estado teue, & sempre fez guerra áquella fortaleza.

CAPITULO IX.

*De como Manoel de Sousa de Sepulueda, capitão de Diu, desmanchou as paredes, que Elrey de Cambaya mandaua fazer antre a fortaleza, & a cidade. E da fala que Cogezofar sobre isso fez a Elrey, em que o persuadio a fazer guerra cõtra os Portugueses.*

**D**EPOIS de Elrey Soltaõ Mamude de Cábaya se ver quieto em seu reino, começou a sentir a grã de sojeição que lhe ficaua com a fortaleza dos Portugueses naquella ilha de Diu, & a perda de parte das rendas della: & não poderem suas naos nauegar com a liberdade passada, se não á vontade dos Portugueses, & com saluo conduito seu. E o que sobre tudo o atormentaua & magoaua mais, era a morte d'Elrey Soltaõ Badur seu tio: dentro em seu reino, á vista da sua cidade, & de seus exercitos, sobre fé, & verdade dos Portugueses, indo visitar o Governador como amigo ao seu Galeaõ. E trazendo esta dor de continuo dentro em seu

seu coração, trassaua comsigo modos pera se satisfazer de tantas afrontas, & pera tornar a auer a sua ilha, liure da fogueira em q̄ estaua: determinádo de tomar aquella fortaleza, ou por manha, ou por força. Pera isto mandou que se fizesse a parede como estaua assentado no contrato das pazes, antre ella & a cidade. Esta parede se começou a levantar sem fazerem caso de cousa algũa, só com os officiaes, por mayor dissimulação, cõ quem corria o Tanadar da cidade. Manoel de Sousa de Sepulveda, capitão d'aquella fortaleza, tão to que vio crescer as paredes começouse a asombrar com ellas, auendo que fora grande descredito do Estado concederemselhes: porque ficauão com ellas os Portugueses encurralados. E por ir correndo a obra da fortaleza que estaua aberta por muitos lugares, foi tambem dissimulando, & fortificandosse.

E por que o circuito da fortaleza, & antigo muro era muito pequeno, & antre o muro & a caua ficaua vm releixo de mais de tres braças de largura, em que se podiaõ meter muitos imigos, mádou fazer o muro pella borda da caua, metêdo toda aquella largura mais d'entro: & fez dous baluartes nouos maiores que os antigos, saõ Thome que ficaua a metade sobre a rocha firme, & a outra sobre vm cotouello da caua q̄ se entulhou. O outro era saõ Ioão, que depois

se chamou o baluarte da rama, como na sexta Decada se verá, quando tratarmos do grande cerco de dom: Ioão Mascarenhas. Fez tambem de nouo o baluarte saõ Iorge sobre a porta, ficando a fortaleza em mayor forma, & mais forte, por causa dos baluartes ficarem mais capazes, assi pera a artelharia, como pera os soldados. Tanto que Manoel de Soula teue acabada esta obra, & se vio fechado, ajuntou toda a gente que auia na fortaleza, & sayo com as armas nas mãos hũa menham, & deu nos que trabalhauão nas paredes fazendoos fogir, ficandolhes toda a ferramenta, com que mandou logo desfazer as paredes, que ainda que eraõ de pedra ençoço, eraõ muito largas, & grossas. Nisto gastou alguns dias, estando sempre no campo, mandando recolher na fortaleza, toda a pedra, andaimos, & mais pe trechos.

O Tanadar acodio aquillo cõ recados, & protestos, da parte de Soltaõ Mamude, a quem logo mãdou auisar do negocio: mas Manoel de Sousa não deixou de dar pressa á obra, primeiro que viesse gente de Cambaya. Chegado o recado a Soltaõ Mamude, como andaua com a magoa da morte do tio, & das mais cousas que acima diffemos, ficou tal, que parecia que queria rebentar de pezar, recolhêdoosse taõ malenconizado, que andou alguns dias sem querer ver gente.

## Quinta Decada. Da historia da India.

gente. Cogecofar que na corte tinha o primeiro lugar, vêdo Elrey com tamanha tristeza, & malencônia, se foi a elle, estando com algũs capitaens principaes, & lhe pediu licença pera lhe dizer algũas cousas, que compriaõ a seu seruiço: & dandolha elle, posto em pé lhe fez esta fala.

A cousa de q̄ me oje mais glorioso, muito grãde & poderoso Rey, he, de se ter visto em mim depois que vim a estes reinos, a principal parte que á de ter o bom vassallo, q̄ he lealdade, & amor a seu Rey: o que nace as mais das vezes, ou sempre, da parte do Rey, quando sabe galardoar seruiços, & reparar mercês: por que entãõ poem os vassallos em muito grandes obrigações: & o que arrisca mais a vida por seu seruiço, esse se té por mais ditoso. Eu vim de minha patria em companhia do Baxá Mostafá Carman, que me criou como filho & chegamos á fortaleza de Diu poucos dias antes que o Governador Nuno da Cunha, depois d'aquelle grande incendio, & destruição da ilha de Bet: estando Melique Tocaõ senhor d'aquella ilha a risco de a largar, com temor da armada Portuguesa, que vinha assombrando o mundo: & o Baxá Mostafá o tirou do medo em que estaua, & se fortificou de feição q̄ se tornaraõ os Portugueses escalurados. Neste feito naõ tiue eu o menos quinhaõ. Depois nos tra-

balhos que o grãde Soltaõ Badur teue com os Magores, quando se senhorearaõ do seu reino, quasi todos o desempararaõ, & se passaraõ pera os imigos, mas eu sempre o acompanhei & serui com muito amor & gosto, a te a hora em que os Portugueses o mataraõ, q̄ pello naõ deixar fiquei catiuo em seu poder ferido, & á morte. E prouera a Deos q̄ ali acabara eu, pois perdi um Rey taõ conhecido de meus seruiços & merecimentos: q̄ por elles me fez honrado, rico, & grande em seu reino. Depois succedendolhe o Miraõ seu sobrinho tambem o serui com muito amor & zelo, & agora V. A. naõ sinto em mim menos amor & fidelidade, nem eu tambem menos desejos, & obras, em vossa grandeza, de que estou bem satisfeito. Seruiose de mim no grande cerco de Diu em que perdi esta maõ, & ainda tenho estoutra, & esta vida, & a de minha molher & filhos, & toda a fazenda que V. A. me deu, pera perder tudo por seu seruiço.

Por isso senhor lembrouos que tendes aqui este vassallo, & esses q̄ ahi estaõ, que naõ valem menos q̄ eu, acodi por vossa honra, & traballai por vingar a injusta morte d'Elrey vosso tio, & naõ queiraes viuer com tamanha infamia antre todos os Reys do Oriente, q̄ sempre se assombraraõ com a potencia de Cambaya. Vos tendes thifouros, muito poder, grandes capitães,

taes, muita & muito grossa artelha-  
ria, muitos almazens de monicoes,  
mantimentos naõ vos aõ de faltar,  
tendes em fim tudo o que vos he  
necessario, pera poder conquistar  
grandes reinos, quanto mais hũa  
fortaleza fraca, & guardada de  
poucos Portugueses, & ainda que  
todos quantos ha na India nella  
estiueraõ, naõ vos poderaõ resistir.  
Ninguem vos nega que naõ saõ  
muito valerosos, mas saõ taõ pou-  
cos que naõ chegaõ a cinco mil  
todos os que ha espalhados por to-  
da a India, & com serẽ taõ poucos,  
temse feito senhores, capitaens, &  
Gouernadores de todos os lugares  
maritimos de todo o Oriente, to-  
mãdo tamanho dominio sobre to-  
dos os Reys delle, q̃ naõ podẽ na-  
uegar suas naos sem sua licẽça, cou-  
sa q̃ se naõ pode nem deue sofrer,  
a vns homẽs estrangeiros, q̃ entra-  
raõ em todos estes reinos em habi-  
to de mercadores, pedindo comer-  
cio & lugares pera se aposentarẽ,  
& metendo em cabeça que faziaõ  
casas pera seus recolhimentos &  
feitorias, fizeraõ fortalezas com q̃  
começaraõ a sopear a todos: Por  
isso o Rey se tu o primeiro, q̃ acu-  
das pella honra de todos, & man-  
dalhes requerer que olhem pella  
de Mafamede vosso Profeta, que  
estes homens tanto vituperaõ & a-  
frontaõ, & q̃ os lancem fora da In-  
dia, & de seus reinos, pera que a ro-  
magem da casa da Meca fique na  
liberdade em que d'antes estaua. E

pera estes de Diu eu me offereço  
cõ todos os meus thifouros, pera  
lhes fazer guerra, & lhes tomar a  
fortaleza: & pera isso mãdarei pe-  
dir a Elrey de Zebit meu parente,  
Rumes, & Turcos a soldo, pera  
o q̃ lhe mandarei nestas naos q̃ aõ  
de ir d'aqui a poucos dias, muito  
dinheiro. E em quanto se estas ne-  
goceaõ & sollicitaõ, sou de parecer  
que corras com dissimulaçaõ neste  
negocio, por se naõ precatarem nẽ  
aperceberem os Portugueses de  
Diu, antes agora mais q̃ nunca se  
finjas com o Gouernador, & o mã-  
des visitar pello segurar, pera que  
quando tiuermos tudo prestes os  
tomemos descuidados.

Acabada esta fala lhe disse El-  
rey que lhe agardecia aquellas lê-  
branças, & o amor & vontade que  
mostraua a seu seruiço, que elle o  
fazia d'ali por diante capitaõ geral  
de todo o seu exercito, pera que  
logo começasse a correr com as  
coufas que lhe parecessem neces-  
sarias, & q̃ a te o tẽpo em q̃ se des-  
enrolassem as bãdciras sobre Diu  
se guardasse o segredo d'aquellas  
coufas. Cogeçofar fez logo escre-  
uer cartas a todos os Reys da India  
ate os do Malauar, persuadindoos  
a hũa liga geral contra os Portu-  
gueses. A substãcia desta fala, & de  
estas coufas, soubemos de Caracem  
genro de Cogeçofar, que se achou  
a ella presente, & em Baroche a on-  
de era capitaõ, & onde o nós cõner-  
samos (como em outra parte disse-

mo) nos contou todas estas cousas, & outras. Manoel de Sousa de Sepulueda, tanto que desmanchou a parede, que foi em Janeiro, auifou o Governador do que tinha feito, pedindolhe que prouesse aquella fortaleza de gente, & moniçoens, pera que se ouesse algũa alteraçã nos Mouros, o naõ tomassẽ descuidado: o que o Governador fez logo, mandandolhe alguns capitaens com soldados.

E por que neste tempo chegou a Goa Belchior Fernandez Correa, com as cartas de dõ Iorge de Craffto em que lhe daua cõta da chegada de Ruy Lopez de Villalobos aquellas ilhas, & de tudo o que cõ elle lhe tinha socedido: & q̃ tambem era falecido Ruy Vaz Pereira capitãõ de Malaca: começou logo a prouer naquellas cousas, & ordenou de mãdar a Maluco hũa armada, de que elegeo por capitãõ mór Fernãõ de Sousa de Tauora: & lhe deu vm Galeãõ, & duas Fustas, de q̃ deu as capitãias a Lionel de Lima, & a Manoel de Mesquita. E por que naõ auia prouidos de Malaca, deu aquella capitãia a Garcia de Sá, por ser vm fidalgo velho, & lhe deu por regimento que desse mais gente & nauios a Fernãõ de Sousa.

Partida esta armada despachou o Governador a dõ Ioaõ Mascarenhas pera ir entrar na capitãia de Diu, por acabar em Abril Manoel de Sousa de Sepulueda: & mãdou

em sua companhia Bernaldim de Sousa, & Iorge de Sousa seu irmaõ com soldados, pera inuernarẽ naquella fortaleza, & todos partiraõ no mès de Abril.

## CAPITULO X.

*De como Fernãõ de Sousa chegou a Malaca: & de como faleceo naquella fortaleza El rey dõ Manoel, Rey de Maluco: & de como deixou El rey de Portugal por herdeiro de seus reinos. E da posse que Furdaõ de Freitas tomou delles por Elrey dom Joaõ.*



**ARTIDO** Fernãõ de Sousa de Tauora, de Goa, foi ter á cidade de Malaca em Junho, & logo tratou cõ Garcia de Sá, os nauios, & soldados que lhe auia de dar, & sobre a embarcaçãõ d'Elrey dom Manoel, que tambem leuaua por regimento que leuasse comfigo, & o metesse de posse do reino. Garcia de Sá sobre os nauios & gẽte, q̃ lhe o Governador mãdou dar, andou em dilações muito. Neste tẽpo faleceo Elrey dom Manoel, que se estaua fazendo prestes pera se ir pera o seu reino. Mas como Deos nosso Senhor o tinha eleito pera outro

outro melhor, & de mais dura, ordenou que falecesse d'aquella infirmitade, recebendo primeiro os diuinos Sacramentos com grandes mostras de contrição, & de arrependiméto de seus peccados, ordenado seu testaméto muito á sua vontade: dispondo das cousas de sua alma, naõ como Christaõ nouel, se naõ como se fora criado de minino cõ o leite da Igreja Catholica. Faleceo aos trinta dias deste mês de lunho, do anno de corenta & cinco, em q̄ andamos. Seu corpo foi enterrado o mais solenneméte q̄ pode ser, com grande dõr & sentimento de todos de q̄ era muito amado, como era rezaõ o fosse um Rey que tinha saído das treuas de sua cegueira, & entrado na luz da verdade do Euangelho. E abrindo-se seu testaméto, que estaua solenne, acharaõ que despinha de muitos legados pios por sua alma, & nomeaua por herdeiro de seu reino a Elrey de Portugal. E por q̄ a verba em que o declara he muito substancial, pera o direito q̄ Elrey de Portugal té adquirido n'aquelle reino, nos pareceo bem ir aqui escrita de verbo ad verbum, assi como a achamos no treslado do testamento, que está registado nos contos de Goa, donde o tiramos. Diz a verba assi.

Declaro eu dõ Manoel Rey de Maluco, que eu sou filho de Cachil Sulano Magirá, & da Raynha Niachile Pocaraga, filha d'Elrey

Almançor de Tidore: Reys que foraõ de Ternate, Moutel, Maquiem, Cajaõ, & de todas as terras do Moro, & Batochina: & como filho d'antre ambos me pertécia directamente aquelle reino, de q̄ fui jurado por Rey, por morte de meus irmaõs mais velhos, Cachil Bojal, & Cachil Dayalo, q̄ reinaraõ antes de mim. E estando de posse d'aquelle reino, sendo muito leal a Elrey de Portugal meu senhor, Tristaõ de Tayde capitaõ de Maluco, assi por falsas informaçoens, como por me ter má vontade, me prendeo, & mãdou á India ao Governador Nuno da Cunha, q̄ vendo os autos de minhas culpas & de uassas q̄ se tiraraõ, me julgou por sem culpa, & que fosse tomar posse de meus reinos. E estando em Goa, vendo a ley dos Christaõs ser santa & virtuosa, cheya de toda a verdade, inspirou Deos nosso Senhor em mim, que a accitasse, o q̄ fiz, conuertendome á verdadeira fé de Christo, deixando a feita & cegueira em que antes me criei, & andei, & recebi o Sacramento do santo bautismo na Sé de Goa, & foraõ meus padrinhos o Governador, & Iurdaõ de Freitas. Depois recebi o Sacraméto da santa Cõfirmaçãõ, de maneira q̄ sou fiel & verdadeiro Christaõ. Depois fui despachado pera me ir pera o meu reino, cujo caminho ategora o naõ acabei de fazer, por que o Visorrey dom Garcia de Noronha, & o

Gouernador dom Esteuaõ da Gama me não acabaraõ de despachar, como era rezaõ. E agora estando nesta cidade & fortaleza de Malaca, despachado pello Gouernador Martim Afonso de Sousa, pera me ir pera meu reino adoeci. E por que não sei o que nosso Senhor de mim determinará, por descargo de minha conciência quero dispôr de meu reino, como seja seruiço de Deos nosso Senhor, como de feito disponho, na maneira seguinte.

Digo que sou Christaõ, & ja q̄ meu reino he de Rey Christaõ não deue de o herdar, nem soceder nel le Mouro algum. E meu irmão Aeiro q̄ agora está nelle, he mais moço, Mouro, & filho de outra mãy que não he Raynha: & porq̄ não he bem que venha aquelle reino por minha morte, se não a outro Christaõ como eu, pera conuerter meus pouos a fé de Christo, como eu espera ua de fazer se viuera: & pois não tenho socessor Christaõ, instituo por herdeiro de meus reinos, & por meu testamenteiro a Elrey de Portugal, cujo vassalo sou: & deste dia pera todo sempre renuncio nelle todo o direito real, & actual, que nos ditos reinos tenho, pera delles fazer, & dispôr, como seus. E lhe peço por merce que se ouuer de prouer Rey, ou Gouernador, seja tal, q̄ tenha proposito de fazer todos aquelles pouos Christaõs, & ainda trabalhar

por os fazer aos Reys vizinhos, & comarcaõs, por que assi determinaua eu de fazer, se me Deos lá leuara, por que com isto será minha alma descansada.

Estes são os fructos que os Reys de Portugal cada dia recolhem de sta conquista do Oriente, que são de mais proueito & respondencia, que todas as drogas d'elle. Esta foi a fazenda de mais estima que nas naos deste anno foi ao reino, que Elrey dom Ioaõ ouue pello melhor emprego do mundo, dando muitas graças a Deos, por ver vm Rey Mouro, taõ apartado da Igreja Romana, lá nos principios do Oriente receber com tanto amor a ley de Christo, & guardala de feição esse pouco que viueo, que podera enuergonhar aos mais dos Christaõs da Europa: & de crêr he, que iria sua alma a gozar de outro reino sem fim. E tornando a nosso fio.

Tanto que foi tempo, de Fernaõ de Sousa de Tauora se partir pera Maluco, deulhe Garcia de Sá vm fustarraõ com corenta soldados, de que fez capitaõ a Ioaõ Galuaõ homem nobre & muito bom caualeiro. Garcia de Sá embarcou com Fernaõ de Sousa de Tauora a mãy, & padraõ d'Elrey dom Manoel, que com elle foraõ pera Goa: & assi mandou o trespado do testamento a Iurdaõ de Freitas, pera lá se lhe cõprirem seus legados. Depois de Fernaõ de Sousa de  
Tauora

Tauora partido, chegou a Malaca dom Iorge de Craſto com Elrey Aeiro, & ſabendo da morte do irmão fez por elle grâdes eſtremos. E dizendolhe Garcia de Sá que ſe tornaffe pera Maluco pera governar aquelle reino, a te Elrey de Portugal mandar o que ſe auia de fazer: não quis, dizendo, que ja auia de chegar a Goa a ſe ver com o Governador, & aſſi ſe embarcou como foi tempo. Fernão de Souſa de Tauora chegou a Maluco, & ſabendoſſe da morte d'Elrey dom Manoel, veſtiõe Iurdaõ de Freitas de dó, & foi deſcbarcar a mãy & padraſto, & os mandou pera a ſua cidade. E logo por virtude do teſtamento tomou poſſe d'aquelle reino, em nome d'Elrey dom Ioaõ de Portugal, eſtando presentes todos os grandes, & Regedores do reino: & elle & Fernão de Souſa elegeraõ pera o governarẽ a mãy & padraſto d'Elrey dom Manoel, & elle com elles a te vir recado de Portugal. E aſſi ficaraõ as couſas por entaõ, por que o que mais ſocedeo ſe conta na ſexta decada, no governo de dom Ioaõ de Caſtro, de cujo tempo ſaõ.

### CAPITULO XI.

*Dos requerimentos que o Idalcan mandou fazer ao Governador Martim Afonso de Souſa ſobre Mealecan: &*

*do que ſobre iſſo poſſaraõ: & das partes & qualidades deſte Governador.*



**A**NTO que o Governador Martim Afonso de Souſa mãdou trazer Mealecã de Cananor pera Goa, logo o Idalcan foi auſado diſſo, do que ficou muito enfadado, & tratou com os do ſeu conſelho, ſobre o que faria naquelle negocio. E aſſentouſe que mandaffe notificar ao Governador, que, ou lhe compriffe os contratos q̄ eſtauaõ feitos, ou lhe largaffe as terras que lhe dera: & que quando não fizeffe hũa couſa nem a outra, entaõ lhas mandaffe tomar por força, por que ja entaõ ficariaõ as culpas todas ſobre o Governador. E por que elle era ido fora, eſperou q̄ viesſe. E tanto que teue recado q̄ eſtaua em Goa, deſpedio vm correyo com cartas pera elle, em que lhe pedia que compriffe os cõtratos que eſtauaõ feitos antre ambos, quando lhe deu as terras de Salfete & Bardes: & mandaffe logo Mealecan pera Malaca, ja que não fora pera Portugal, & quando não, que lho entregaffe, ou lhe largaffe as terras que lhe tinha dado, ſe não que faria o que lhe parecẽſe que mais lhe conuinha.

Eſtas cartas chegaraõ ao Governador, quando deſpedia Fernão de Souſa de Tauora pera Maluco:

luco: & vêdo a determinação dellas, mandou logo meter Mealecan na torre da menagem, & ordenou com muita pressa Ioaõ Fernandez de Nigreiros, cidadão principal de Goa, pera ir em forma de Embaixador ao Idalcan, por quem lhe mandou dizer, que se deixaua de mandar Mealecan pera fora, era, por que tinha escrito nas naos passadas a Elrey sobre aquelle negocio, pera elle ordenar o que faria, & que esperaua por reposta sua: & que pera melhor o segurar o mandara trazer de Cananor, dõde podia fogir, & o tinha na torre da menagem, diante de seus olhos, a onde se não podia recear de cousa algũa. Este Embaixador não foi bem recebido, & ouuindo as rezons do Governador, parecendo lhe tudo comprimentos & inuencões, mandou prender o Embaixador, & todos os Portugueses q̄ estauão naquella cidade, & recolher suas fazendas, pondoos a muito bom recado, com tenção de os não largar a te lhe entregarem Mealecan: aconselhando-lhe seus capitaens que não soffresse tanto: & que mandasse logo vm exercito a cobrar as terras de Salsete & Bardes: o que elle por entãõ não quis fazer, por que como sua tenção era auer, as mãos Mealecan, ou o fazer lançar pera parte onde se elle não receasse: ouuc que lhe bastaua pera isso os penhores que tinha. O Governador tanto que

foube da prisão do Embaixador ficou malenconizado, & começou a correr com recados, assi com o Idalcan, como com os seus grandes do conselho: mandando-lhe affirmar, que pera o veraõ mandaria Mealecan pera Malaca. Nisto se passou o inuerno, sem se tomar conclusão em cousa algũa, a te forgir na barra de Goa dom Ioaõ de Castro, que vinha por Governador (como no principio da sexta decada diremos.) O Governador gastou este inuerno em reformar a armada, por que por sem duuida tinha que lhe viria socessor, & lha queria deixar toda preparada.

O Bispo dõ Ioaõ d'Albuquerque, ordenou este inuerno em seu Bispado algũas cousas que lhe pareceraõ de seruiço de Deos. E por q̄ a cidade de Goa era grande, & cada vez ya crescendo mais, & não podia o cura de santa Caterina administrar os sacramentos a todos os moradores della: por que a te entãõ fora governado todo o espiritual por vm Vigairo geral, repartio toda a cidade com seus arrabaldes em coatro freguesias, que de nouo proueo de Vigairos, & beneficiados. A primeira foi a de santa Caterina (que como dissemos) quando logo o Bispo chegou a India, foi elegida em sede Episcopal.) A segunda a de nõssa Senhora do Rosairo. A terceira de nõssa Senhora da Luz. A coarta de santa Luzia: ordenando santas & boas

& boas constituições, assi pera as cousas que tocavaõ ao culto diuino, como pera o bom governo de suas ouelhas.

E pois por aqui acabamos esta quinta decada, & o tempo do governo de Martim Afonso de Sousa, concluamos este capitulo com as partes & qualidades de sua pessoa, & linhagem. Foi este Governador filho mais velho de Lopo de Sousa, & de dona Britiz d'Albuquerque: foi seu pay Alcaide mór de Bargaça, que lhe rendia perto de coarrocenos mil reis. E parece que dizendolhe o coração q̄ auia de ser muito honrado, tanto que o pay faleceo engeitou a Alcaidaria mór ao Duque, & foise viuer com o principe dom Ioão, filho d'Elrey dom Manoel: & por que era ainda mancebo, seruiose delle de seu page: parece que lhe acôteceo vni desastre, ou desgraça, de que enueirgonhado elle, por que era muito pontual, fogio da corte, & se foi a Salamanca, a onde se namorou de hũa dama Castelhana, chamada dona Ana Pimintel, com quem casou, & trouxe a Portugal. Era ja neste tẽpo o principe dom Ioão Rey, q̄o tornou a recolher, fazendolhe honras & merces. D'ahi a alguns tempos o mãdou por capitaõ mór de hũa armada pera o Brazil, em q̄o seruiu bẽ. Depois o mandou por capitaõ mór do mar da India o anno de trinta & coatro, como dissemos no capitulo 1. do liuro 9. da 4.

decada. Foi homẽ de muito grandes pensamentos, & ja em moço tinha tamanho brio, & opiniaõ: q̄ passando por Bargaça o grande capitaõ Gõçalo Fernãdez de Cordoua, lhe fez Lopo de Sousa, pay de Martim Afonso de Sousa grandes gafalhados: & o mandou acompagnar pello filho algũas jornadas: & ao despedir delle, tirou o graõ capitaõ vni rico colar d'ouro & pedraria que leuaua ao pescoço, sobre os trajos de caminho, & foi pera lho lançar ao seu: Martim Afonso se afastou pera fora, como q̄ naõ o queria. O q̄ visto pello graõ capitaõ (entendendo que aquillo era opiniaõ) lhe disse: ora senhor bem vós entendo, deueis de querer armas: & tirando a espada que leuaua na cinta lha deu, & elle a tomou com grande acatamento, estimandoa muito, & assi a trouxe sempre cõsigo: & nos dias de nores festas a trazia na cinta. Foi este Governador homem de boa estatura, gentil homem, & apraziuel. Era muito prudente, & de grande conselho, & por isso foi sempre vni dos principaes do d'Elrey, em quáto governou a Raynha dona Caterina por seu neto dom Sebastiaõ & algum tempo depois delle tomar o governo. Era apressado em suas cousas, & grande conhecedor do tempo, tanto, que parecia q̄ os adiuinhaua, pello muito discurso que delles tinha.

E assi entendendo q̄ Elrey auia de

de bolir com os do seu conselho, lançouse primeiro de fora com achaques que tomou, & não tardou muito que não ouvesse nisto novidades. Foi rico da India com o que leuou, & com merces q̄ sempre lhe fizeraõ. Constituiu vm arrezoado morgado que deixou a seu filho Pero Lopez de Sousa, em que entrava a villa d'Alcoentre. Foi homem que em quanto governou, poupou mais o superfluo, & despendeu milhor o necessario que todos: por que pagou trinta & cinco contos de diuidas velhas, & tres quarteis cada anno, a toda a gente da India: & tinha sempre cincoenta mil pardaos em deposito, pera as necessidades que sobreuiessem ao Estado. Foi taõ amigo de olhar pella fazenda d'Elrey, q̄ foi o primeiro que ordenou mandar Veadores della ás fortalezas. E costumaua a dizer, que pera Elrey ter dinheiro, auia de auer mui

tos que o ajuntassem, & vm só que o gastasse. No que se enganou, por que depois se veyo a enteder, que estes veadores da fazenda eraõ os mores destruidores que ella tinha. E por isso mandou depois Elrey q̄ os não ouvesse, como em seu lugar diremos. Primeiro que entregasse a India a dom. Ioaõ de Castro, má dou pór o seu retrato na casa a onde estauaõ os dos outros Governadores: & ainda está oje pello natural do seu tamanho com o trajo ao antigo: roupa aberta de mangas de roca, com golpes & botoes, jubaõ de petrina baixa, & sobre elle couraças postas sobre veludo cravadas, musgõs dos antigos, espada á teta, & barrere redondo cõ golpes & pontas d'ouro. E por aqui temos concludo com esta quinta decada á gloria & honra de Deos nosso Senhor, que viue & reina in sæcula sæculorum Amen.

Fim da Quinta Decada.



RES  
416

























